



PETER STRAUB

O
CLUBE
DO FOGO DO
INFERNO



PETER
STRAUB

O
CLUBE
DO FOGO DO
INFERNO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

CONTRA-CAPA

“Positivamente, o melhor livro que Peter Straub já escreveu. Por si só, Dick Dart já vale o preço do ingresso: ele é um personagem fabulosamente original... Embora *O Clube do Fogo do Inferno* rode à velocidade de um trem expresso, o livro é sério em sua essência sendo, de fato, uma excelente leitura.”

Stephen King

“*O Clube do Fogo do Inferno* é um romance generoso, rico em seu perfil, voluptuoso como história contada, animado pela solidariedade e por um perigoso humor. Amei-o e admirei-o.”

Donald E. Westlake

“*O Clube do Fogo do inferno* é um romance infernal. Peter Straub fez um brilhante trabalho, ao criar dois personagens inesquecíveis: uma mulher espetacular e um monstro horripilante. Uau, cheguei a perder o sono quando li o livro!”

Susan Isaacs

“Este é o romance mais assustador, sanguinolento, horripilante, nauseante que li em cerca de dez anos. Ele me deixou com medo de ir dormir à noite, e adorei cada palavra sua — Adorei, adorei, adorei.”

Carolyn See

"*O Clube do Fogo do Inferno* é a literatura mais absorvente de Peter Straub. Ele explorou as mais sombrias regiões da psique para produzir Dick Dart que, tão cândido e persistente em sua malignidade, mostra um novo gênero de vilão, alguém para quem termos como satânico, depravado e malévolos parecem açúcar. Este é um pungente e enfeitiçante romance."

Bradford Morrow

**O CLUBE
DO FOGO DO INFERNO**

Leia também:

A Dança da Morte
Stephen King

O Intruso
Peter Blauner

Doze Pistas Falsas
Jeffrey Archer

**O CLUBE
DO FOGO DO
INFERNO
PETER STRAUB**

Tradução
Luiza Ibañez

1957 1960
B
BERTRAND BRASIL

Copyright © 1996 by Seafront Corporation

Título original: *The Hellfire Club*

Capa: projeto gráfico de Rodrigo Rodrigues

Editoração eletrônica: Imagem Virtual, Nova Friburgo, RJ
1997

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Straub, Peter, 1943-

S891c O clube do fogo do inferno / tradução Luiza Ibañez.
— Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.
602p.

Tradução de: The hellfire club
ISBN 85-286-0607-4

1. Ficção norte-americana. I. Ibañez, Luiza. II. Título.

97-0681

CDD — 813

CDU —

820(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.
Av. Rio Branco, 99 — 20º andar — Centro
20040-004 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 263-2082 Fax: (021) 263-6112

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

PARA

Benjamin e Emma

Alucinações também são fatos.

LOUIS ALTHUSSER, *The Future Lasts Forever*

Índice

SHORELANDS, JULHO, 1938

LIVRO I

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO IV

LIVRO V

LIVRO VI

LIVRO VII

LIVRO VIII

LIVRO IX

UM DIA, NO FIM DE AGOSTO

SHORELANDS, JULHO, 1938

Às nove e meia da manhã, uma hesitante Agnes Brotherhood levou seu esfregão, o balde e o aspirador de pó até a porta do chalé Pão de Mel. Aquelas horas, a poetisa Katherine Mannheim estaria no andar térreo, dando conta de um *breakfast* de torrada seca e chá forte na cozinha. Agnes escolheu uma chave no molho que tinha preso à cintura, enfiou-a na fechadura, e a porta destrancada girou, aberta por si mesma. Agora mais hesitante do que nunca, ela mordeu a língua e encorajou-se a entrar.

Colocando as mãos na cintura, gritou o nome da poetisa. Nenhuma resposta lhe chegou, de qualquer parte do chalé. Agnes foi até a cozinha e espantou-se ao encontrar no chão uma enorme mancha de café que secara durante a noite, agora assemelhando-se a uma áspera pele castanha. Ela atacou a mancha com o esfregão e o balde. Quando aos poucos foi chegando ao andar de cima, Agnes arejou os quartos desocupados e trocou as roupas de cama do leito amarrotado, mas não ocupado da poetisa.

Pouco mais tarde, ao dirigir-se para o chalé Rapunzel com dois terríveis ocupantes, um deles um detetive sem vintém, o outro um desprezível e abusado rapaz de mãos tateantes, Agnes ignorou uma norma de Shorelands, ao deixar sem trancar a porta do Pão de Mel.

Uma hora depois do almoço, o romancista sr. Austryn Fain levou àquela mesma porta uma garrafa gelada do melhor Puligny Montrachet de Shorelands, bateu, experimentou a maçaneta, esgueirou-se para o interior e espiou cada aposento, antes de levar a garrafa de volta ao chalé Pote de Pimenta. Uma vez lá, consumiu

metade do vinho e escondeu o remanescente em seu armário, a fim de protegê-lo do sr. Merrick Favor, um colega romancista mais bem-sucedido do que ele, e um outro morador do chalé Pote de Pimenta.

Após o jantar da noite seguinte, Georgina Weatherall, anfitriã de Shorelands, saiu da Casa Principal conduzindo um grupo de ansiosos convidados, cruzou o gramado e subiu o caminho que levava ao chalé Pão de Mel. Depois de focalizar o fecho de sua lanterna na fechadura, ela declarou que a porta estava destrancada. Bem às suas costas, o sr. Fain perguntou-se como Georgina poderia afirmar tal coisa com apenas uma inspeção meramente visual. A seguir, ela empurrou a porta, escancarou-a, entrou no Pão de Mel e acendeu todas as luzes.

O grupo de busca encontrou algumas das roupas da srta. Mannheim em seu *closet*, a escova de dentes e outras coisas íntimas no banheiro do patamar, além de uma foto de duas garotinhas, canetas com suas respectivas penas, um vidro de tinta sobre a mesa do quarto de dormir, bem como alguns livros empilhados ao lado da cama que Agnes arrumara na manhã anterior. Sobre a coberta da cama via-se um robe de seda cinza-ardósia, com as mangas rasgadas. Georgina ergueu o robe com dois dedos, franziu a boca e o deixou cair novamente em cima do colchão.

— Lamento dizer — anunciou ela, de maneira alguma lamentando o que dizia — que a srta. Mannheim parece ter pulado o muro.

Jamais foi encontrado qualquer manuscrito, completo ou incompleto, e tampouco quaisquer notas. Agnes Brotherhood nunca falou de seus receios, senão em princípios dos anos 90, quando um

assassino e uma mulher raptada foram levados ao seu quarto de inválida, no segundo andar da Casa Principal.

LIVRO I

ANTES DO ALVORECER

EM UMA ÉPOCA POUCO ANTES DESTA, UM GAROTO
PERDIDO CHAMADO PEQUENO PIPPIN DESPERTOU PARA
AS PROFUNDEZAS DA NOITE.

1

ÀS TRÊS DA MADRUGADA, uma mulher chamada Nora Chancel, prestes a ver-se perdida, despertou dos pesadelos costumeiros com os tremores de sempre e, pela milésima vez, começou a examinar o seu perímetro. Escuridão; um quarto desconhecido, no qual mal conseguia distinguir dois objetos que podiam ser cadeiras, uma longa mesa encimada por um espelho, quadros invisíveis em molduras, uma esguia e inexplicável esteira ergométrica Rube Goldberg e um sofá baixo, estofado em tecido listrado. Não somente nada daquilo lhe era familiar, como tudo ali estava errado. Onde quer que ela se encontrasse, *não estava segura*.

Nora apoiou-se sobre um cotovelo e tateou em busca de uma pistola que lhe fora emprestada por um neurocirurgião chamado Dan Harwich, o qual havia girado de volta a um mundo que nenhum deles realmente conseguiria recordar. Ela sentia falta de Dan, porém não podia pensar nisso agora. (O bom e velho Dan Harwich que uma vez dissera que *uma bala no cérebro é melhor do que uma bala no ventre*.) Os dedos de Nora deslizaram pelo lençol e introduziram-se pelos travesseiros, até se chocarem contra a borda do colchão, na outra extremidade da cama. Ela rolou sobre o corpo e sentou-se, tendo acabado de ouvir o som de música distante.

Música?

Seu próprio vulto escuro a encarou do espelho, e o presente retornou, em uma série de identificações quase instantâneas. Em casa, com suas cadeiras, quadros, sofá listrado e a esteira

ergométrica que seu marido não usava, Nora Chancel tinha novamente assassinado os demônios do passado, ao lutar para livrar-se do sonho em seu quarto de dormir, na Crooked Mile Road, em Westerholm, Connecticut, uma pequena e distinta comunidade — segundo a própria, uma comunidade absolutamente *de primeira*, obrigado — exceto por um particular e atual demônio que tinha assassinado algumas mulheres. Um dia, e Nora esperava que fosse logo, isto terminaria. Seu marido levava horas garantindo-lhe que terminaria. Assim que o FBI e a polícia de Westerholm fizessem o seu trabalho, a vida voltaria à normalidade, qualquer que fosse esta. O demônio acabaria revelando-se como um homem de aparência comum, que vendia mata-insetos na loja de ferragens, que podava sebes e limpava piscinas na Mount Avenue, que aparecia nas casas na manhã do Natal e ganhava uma gorjeta, após consertar queimadores de gás. Ele morava com a mãe e trabalhava com o próprio carro em suas horas de folga. Nas festas do quarteirão, postava-se todo janota atrás da grelha da churrasqueira. No que dizia respeito a Nora, meia dúzia de robustos policiais poderiam revezar-se saltando sobre as costelas do sujeito, até ele afogar-se no próprio sangue. Sendo uma mulher de vasto e necessariamente secreto conhecimento de demônios, ela não tinha ilusões sobre a maneira como eles deviam ser tratados.

No andar de baixo, a música parecia provir de um quarteto de cordas.

Davey já se levantara e tentava consertar coisas, tomando notas intermináveis em um bloco de folhas amarelas. Ele não executava — ou não podia executar — o único ato capaz de consertar coisas que podiam ser consertadas; recusava-se a um

confronto com o pai. Ou talvez estivesse deitado no sofá da sala da família, ouvindo Beethoven e bebendo *kümmel*, a bebida favorita de seu escritor favorito. *Kümmel* tinha um odor de alcaravia, e Hugo Driver devia tresandar a alcaravia, um fato não mencionado em suas biografias.

Davey costumava exalar um cheiro de alcaravia, nas noites em que demorava a ir para a cama. Na noite anterior, eram duas da madrugada, quando ele subira para o quarto; duas noites antes, eram três e meia. Nora sabia as horas, porque naquelas duas noites os pesadelos familiares a tinham feito galopar para fora do sono, em busca da pistola que deixara cair dentro de uma latrina, em um dia escaldante de junho, vinte e três anos atrás.

A pistola jazeria enferrujando no fundo do que, a esta altura, provavelmente seria uma plantação vietnamita. Dan Harwich divorciara-se e tornara a casar-se, eventos pelos quais Nora considerava-se parcialmente responsável, sem jamais ter-se movido de Springfield, Massachusetts. O próprio Dan poderia perfeitamente estar também enferrujando sob uma plantação qualquer.

Ninguém se apaixona duas vezes daquele jeito; ninguém pode fazer coisa alguma da mesma forma duas vezes, exceto em sonhos. Os sonhos jamais desistem. Como tigres, simplesmente ficam esperando, emboscados, até que surja carne fresca outra vez.

2

DAVEY TAMBÉM CONHECERA Natalie Weil. Metade de Westerholm conheceu Natalie Weil. Dois anos antes, quando Ihes vendera o rancho sobrelevado de três dormitórios, com uma “sala da família” no andar de baixo, situado na Crooked Mile Road, Natalie Weil era uma loura miúda, de aparência atlética, talvez dez anos mais jovem do que Nora. Tinha um largo e alvo sorriso, interessantes ruguinhas nos cantos dos olhos e um primeiro marido chamado Norm. Fumava bastante e, quando falava, desenhava espirais no ar com as mãos. Na época em que Nora e Davey moravam na ala de hóspedes da propriedade “Os Alamos”, na Mount Avenue, com Alden e Daisy (os Chancels mais velhos), Natalie Weil intuía a atmosfera emocional no interior daquela casa imensa, e convidara seus agradecidos tutelados para jantar em sua própria casa-rancho também de construção sobrelevada, na Redcoat Road. Lá, Nora e Davey tinham comido *chili* e abacate, bebido cerveja mexicana e assistido pela metade a um programa de luta-livre na TV a cabo, enquanto Natalie anatomizava, para a delícia de seus dois convidados, a cidade onde o novo marido de Nora havia crescido.

— Compreenda, Davey, você é da Mount Avenue, e vê esta cidade da maneira como ela era há cinqüenta anos, quando todos se vestiam para jantar, todos permaneciam casados para sempre e ninguém conhecia judeus. Esqueça isso! Atualmente, todos estão divorciados ou divorciando-se, mudam-se para cá ou para fora da cidade ao receberem ordem da firma em que trabalham, não

pensam em mais nada além de dinheiro — oh, meu Deus, aquele é Ric Flair, um dia ainda me humilho e escrevo para ele uma carta de fã realmente chocante... E temos três sinagogas, todas elas fluorescentes. Ric, benzinho, você seria sincero comigo?

Após vender a eles a casa na Crooked Mile Road — uma casa paga por Alden e Daisy Chancel — Natalie os levou para almoçar no restaurante General Sherman, aconselhou-os a encherem de bebês a sala da família o quanto antes, e desapareceu de suas vidas. De vez em quando, Nora a via espiralando a mão no ar, enquanto conduzia dois possíveis clientes pela Post Road acima, em seu Lincoln vermelho semelhante a um barco. Seis meses atrás, ela encontrara Natalie despejando pizzas congeladas em um carrinho de supermercado, já abarrotado com embalagens de meia dúzia de cervejas mexicanas e Coca Diet. As duas conversaram durante dez minutos. Natalie havia dito que sim, estava vendo alguém, mas isso resultaria em nada, porque o sujeito era um chato. Ela ligaria para Nora, sem falta, seria ótimo livrar-se do Chato.

Duas noites antes, Natalie Weil desaparecera de um quarto encharcado de sangue. Seu corpo não havia sido encontrado no local, ao contrário do das outras quatro mulheres, porém Natalie devia estar tão morta quanto elas. Como Natalie, eram mulheres de negócios, de um tipo ou de outro, divorciadas e morando sozinhas. Sophie Brewer era uma corretora independente, Anabelle Austin, uma agente literária, Taylor Humphrey, dona de uma firma prestadora de assistência a motoristas, e Sally Michaelman, proprietária e operadora de uma firma de artigos de iluminação. Todas elas tinham quarenta e tantos anos ou aproximavam-se dos cinqüenta. Os Chancels mais novos haviam mandado instalar um

sistema de segurança assim que se mudaram para a nova casa e, após as duas primeiras mortes, nas noites em que Davey voltava tarde, Nora costumava digitar o código que ligava o sistema, antes de ir para a cama. Dentro de casa, ela se habituara a manter trancadas todas as portas. Depois do assassinato de Taylor Humphrey, passou a pressionar os botões assim que escurecia.

Nora ficara a par da morte de Sally Michaelman através de uma imaculada jovem de pouco mais de vinte anos, dois lugares à sua frente no balcão da caixa do Waldbaum's, o supermercado onde tivera aquele último encontro com Natalie Weil. Reparou na criatura, porque ela estava fortemente maquiada e vestindo um solto traje de linho, mas de caimento perfeito, para visitar um supermercado às dez da manhã. Ela ficaria melhor deslizando por entre colunas esguias, na propaganda de um perfume de nome algo semelhante a Arsênico. Com seus shorts largos e uma velha camisa azul que vestira após sua corrida matinal, Nora inclinou-se sobre seu carrinho, a fim de ver o que a vinte-e-poucos-anos colocara na esteira-rolante da caixa: trinta latas de ração "gourmet" para gatos e duas garrafas de água mineral importada, agora aumentadas por uma terceira.

— A diarista dela ligou para a minha — dizia a jovem para a mulher atrás dela, também uma sólida criatura de vinte e poucos anos. — Dá para acreditar em tal disparate? É aquela mulher da Michaelman's, e estive em sua loja ainda na *semana* passada, procurando uma, você sabe...

— Aquela coisa que está na sua entrada, aquela coisa logo do outro lado da porta.

— Uma coisa como a que *você* tem. A faxineira dela não conseguiu entrar e, com todo o... você sabe...

Ela viu Nora, olhou-a fixamente e debruçou-se em seu carrinho, tirando dele um saco de ameixas que deixou cair na esteira-rolante da caixa.

— Podíamos muito bem estar vivendo na zona sul do *Bronx...*

Nora recordou a mulher do Michaelman's; não sabia seu nome, porém ela a convencera a comprar a lâmpada halógena que queria para a sala da família. Mostrara-se agradável, simpática e amistosa, o tipo de pessoa que Nora classificava instintivamente como companheira de viagem. Seu primeiro impulso foi o de defender uma mulher tão espetacular, ante aquelas duas idiotas egoístas à sua frente — mas o que tinham feito elas, além de a mencionarem como "aquela mulher do Michaelman's"? Seu segundo impulso, quase simultâneo ao primeiro, foi o de pânico por não se lembrar se teria ou não trancado a porta dos fundos, antes de encaminhar-se para o carro.

Então, Nora tinha visto o cadáver ensangüentado da simpática mulher da loja de artigos de iluminação. A figura transformou-se instantaneamente na de um jovem soldado caído no chão, o ventre explodido e aberto, sua vida esvaindo-se através de seus olhos espantados. Os joelhos dela ficaram bambos e baixou a cabeça, respirando fundo, até as duas jovens vinte-e-qualquer-coisa afastarem-se da caixa registradora.

O rapaz agonizante e outros como ele povoavam seus melhores pesadelos. Os piores deles eram muito piores.

3

NORA REJEITOU O pesadelo, decididamente da variedade pior, e saiu da cama. Desejando parecer mais controlada do que Davey provavelmente estaria, esfregou as mãos na testa e secou-as na camisola de dormir. Ao chegar ao corredor, a música deixara de soar como um quarteto de cordas. Seu toque agora era mais selvagem, mais caótico; Davey colocara para tocar uma das sinfonias de Mahler, que ele lhe ensinara a apreciar.

Quem não gostasse de música clássica não permaneceria casada com Davey Chancel, que se refugiava na música quando perturbado. Nora, o orgulho dos Curlews, decidira casar-se com Davey quando ele a pedira em casamento pela segunda vez, seis meses após terem se conhecido, um ano depois de Springfield e de sua jamais projetada reunião com Dan Harwich.

Caminhando em silêncio, ela passou por uma prateleira cheia de livros da Casa Chancel e seguiu para a escada que levava à porta da frente. Ao lado da porta, a luz vermelha brilhava tranqüilizadamente acima dos botões do sistema de segurança. Nora desceu os degraus sem fazer ruído, e verificou que a porta continuava trancada. Quando começou a descer o segundo lance de degraus para a sala da família, a música entrou em foco. Soavam vozes indistintas. Ela estivera ouvindo, na verdade, uma trilha sonora. Davey, que nunca via nada além do noticiário, ligara a televisão. Ela desceu os últimos degraus, sua solidariedade

endurecendo-se para raiva. Novamente. Alden humilhara novamente seu filho em público.

Abriu a porta da sala de família e entrou. Sobressaltado, mas em nenhum estado óbvio de infortúnio, Davey a fitou com olhos muito abertos. Usava um leve robe de seda Thai por sobre o pijama e segurava um lápis ereto sobre um bloco de notas aberto. A surpresa estampada no seu rosto foi idêntica à dela.

— Oh, querida — disse ele. — Acordei você?

— Você está bem?

Nora caminhou silenciosamente em seus chinelos acolchoados e olhou para a tela. Um velho esfarrapado agitava um bordão diante de uma caverna. *Pippin! Lembre-se de ser corajoso! Você precisa ser corajoso!*

Davey apontou o controle remoto para o aparelho, e a trilha sonora desapareceu.

— Desculpe, não pensei que você ouvisse. — Tão à vontade como um gato à luz uniforme da lâmpada halógena, ele deixou o controle remoto em cima do bloco de notas e olhou para Nora com o que parecia um sincero remorso. — Hoje tivemos um problema, um contratempo que papai me pediu para resolver, então pensei que devia olhar esta coisa.

— Não foi a TV Eu acordei.

Ele meneou a cabeça.

— Como na noite passada? — perguntou, em tom que não parecia totalmente solidário.

— Essa história sobre Natalie... sabe como é... — Nora interrompeu o que dizia, com um gesto de mão. — Atualmente, todas as velhotas em Westerholm têm problemas para dormir.

Nora virou-se para a televisão. Um menino sujo, de oito ou nove anos, seguia por um pântano gotejante com um saco no ombro. Árvores torcidas e monstruosas surgiam em meio a uma neblina bruxuleante.

— E a maioria delas não tem mais com que se preocupar do que você.

Na noite anterior, Davey enumerara os motivos pelos quais Nora não devia preocupar-se: ela não morava sozinha e nem dirigia uma firma; tampouco abria a porta para estranhos. Se aparecesse alguém suspeito, bastava apertar o botão que havia no quadro do sistema de alarme. E, embora isto permanecesse diplomaticamente não declarado, ela não estaria exagerando em suas reações, ao permitir que velhos problemas voltassem a perturbá-la?

— Eu me perguntava onde você estaria — disse ela.

— Bem, agora já sabe. — Ele bateu o lápis contra o bloco de notas e forçou um sorriso. Tendo que fazer uma escolha, preferiu a gentileza. — Você podia ver isso comigo.

Ela se sentou ao lado dele no sofá. Davey deu-lhe um tapinha no joelho e focalizou o filme.

— O que é isso?

— *Jornada na Noite*. Você fazia tanto barulho que saí da cama, e, quando olhei no jornal, vi que o filme passaria hoje. Como terei de vê-lo de qualquer maneira, então que seja logo.

— Você precisa fazer anotações sobre *Jornada na Noite*?

— Estamos tendo alguns problemas com a propriedade de Driver. — Ele apontou o controle remoto para a tela e aumentou o volume. Lobos uivavam distantes, no pântano brumoso. Mais irritada

do que desejaria, Nora viu o menino seguir em frente, sob as árvores monstruosas. — Mas vai ficar tudo bem — disse Davey.

Ele lhe tomou a mão por um instante. Nora a apertou, enfiou as pernas debaixo do corpo e recostou a cabeça no ombro dele. Davey contorceu-se, dando-lhe a entender que sentia-se incomodado com seu peso. Nora afastou-se, deixou a cabeça apoiar-se no encosto do sofá.

— Que tipo de problemas?

— Psst — fez ele.

Inclinando-se para frente, Davey pegou o lápis. Bem, ela não poderia falar. Por algum motivo, seu marido saíra da cama no meio da noite para tomar notas sobre a versão filmada *de Jornada na Noite*, o primeiro e espetacularmente bem-sucedido romance de Hugo Driver, além de pedra angular da Casa Chancel, fundada por Lincoln Chancel, avô de Davey e amigo do escritor. Imensamente orgulhoso pela associação dos dois homens, Davey lera *Jornada na Noite* pelo menos uma vez por ano, desde que tinha quinze de idade. Qualquer pessoa menos caritativa do que Nora poderia dizer que ele era obcecado pelo livro.

4

MUITAS PESSOAS eram obcecadas pelo primeiro romance de Hugo Driver. Uma das ocupações de Davey, na Casa Chancel, era responder aos pedidos de fotos, dar assistência a teses e documentos colegiais e cuidar de outras correspondências envolvendo o escritor, que fluíam para os escritórios. Tais missivas provinham de alunos de ginásio, corretores de ações, motoristas de caminhão, assistentes sociais, secretárias, cabeleireiros, cozinheiros de refeições rápidas, motoristas de ambulância, pessoas que assinavam suas cartas com os nomes dos personagens do romance e também famosos maníacos e sociopatas. Leonard Gimmell, que havia assassinado as quatorze crianças de sua classe do segundo grau durante uma excursão às montanhas Smoky, escrevia uma vez por semana, de uma prisão estadual do Tennessee, e Teddy Brunhoven, que surgira na frente de um estúdio de gravação na Rua Cinquenta e Cinco Oeste, e assassinara a cantora principal de uma banda de *rock and roll*, comunicava-se quase diariamente de uma cela no norte do estado de Nova York. Esses dois homens continuavam a justificar seus crimes através de complexas e laboriosas referências ao romance. Davey preferia ocupar-se muito mais em responder à correspondência dos fãs de Hugo Driver do que cuidar de seus outros afazeres, os quais incluíam assuntos como problemas de palavras-cruzadas e ilustrações, empurrados para ele pelo pai.

Por duas vezes Nora começara a ler *Jornada na Noite*, porém nunca fora além do capítulo em que o garoto-herói sucumbia a uma doença e despertava em uma paisagem cujo sentido era o de representar a morte. Entediada por romances de ficção, ela podia farejar a aproximação de seres sobrenaturais e árvores falantes.

Davey também reverenciava *Jornada no Crepúsculo* e *Jornada para a Luz*, as seqüências de menor êxito, porém fora contrário à decisão sobre a venda dos direitos de filmagem *de Jornada na Noite*. Quando do lançamento do filme, um ano atrás, recusara-se a vê-lo. Qualquer filme baseado no romance seria um fracasso, uma traição. Podem ser feitos bons filmes de livros de segunda categoria; os baseados em grandes livros costumam deixar um embaraçoso mau cheiro. Se tal regra era ou não geralmente verdadeira, tinha-se aplicado a *Jornada na Noite*. Apesar dos quarenta milhões de dólares gastos em efeitos especiais e um elenco de astros famosos, o filme havia sido acolhido com críticas hostis e casas de espetáculos vazias. Desaparecera duas semanas mais tarde, deixando para trás o mau cheiro predito por Davey.

5

PROIBIDA DE FALAR, Nora recostou-se no sofá e ficou espiando o desenrolar do desastre. Todo aquele dinheiro havia comprado árvores não convincentes, esfarrapara roupas e produzira uma boa quantidade de neblina. O menino chegava à última das árvores e se via em uma desolada planície. Aqui e ali, montículos de gesso pareciam flutuar, emergindo da névoa prateada. Lobos uivavam na distância.

Inclinado sobre seu bloco de notas, Davey franzia a testa como um aluno ansioso fazendo anotações durante uma aula que detestava. A seriedade e a concentração aumentavam a semelhança accidental entre eles. Aos quarenta, Davey ainda tinha os olhos grandes e límpidos, assim como uma pele quase translúcida, que a atraía e repelira ao mesmo tempo, quando se tinham conhecido. Seu primeiro pensamento coerente sobre ele, após ter-se ajustado à inesperada semelhança entre ambos, havia sido de que a sua versão do rosto dela era bonita *demais*. Qualquer homem com uma aparência daquelas só poderia ser insuportavelmente vaidoso. Toda uma existência de pessoa mimada, adulada e admirada deveria tê-lo tornado egoísta e superficial. A idade dele somava-se a estes intransponíveis defeitos. Homens com cerca de dez anos a menos do que ela ainda eram bebês cegos e ambiciosos, tendo tudo por aprender. O pior de tudo era o envelope despreocupado e descontraído circundando Davey Chancel. O pai de Nora, operário de fundição e membro de sindicato a vida inteira, sabia que tais

peessoas eram o inimigo, e nada do que ela já vira ou experimentara pudera ensinar-lhe o contrário.

Eventualmente, Nora aprendera que apenas a última de suas primeiras impressões tinha sido correta. De fato, Davey nascera no seio de uma família de posses, porém era inseguro demais para ser vaidoso. Havia sido criticado impiedosamente a vida toda, ao invés de mimado. Singularmente vulnerável, mostrava consideração pelos outros; suas ambições concentravam-se em satisfazer as pessoas e publicar bons livros. Possuía uma qualidade que poderia ter sido considerada uma falha, porém Nora decidira que isto era, antes, uma *peculiaridade* do que um problema sério. Davey era imaginativo, e a imaginação, concordavam todos, era uma extraordinária Boa Coisa. Além disso, ele precisava dela. Era sedutor, sentir-se necessária.

— É como se eles pretendessem arruinar o livro. Cada única coisa está errada. — Ele lhe lançou um olhar exasperado. — Sempre que chegam a um grande momento reduzem-no à insignificância. Preste atenção e entenderá o que quero dizer.

Nora ficou observando o menino caminhar com dificuldade por entre a névoa.

— O ritmo está todo errado, como também o *tom*. Isto devia parecer quase *exaltado*. Tudo devia estar impregnado por uma espécie de *radiância*. Em vez de sentir profundas emoções, o garoto dá a impressão de estar indo buscar um sanduíche. Aposto como faltam cinco minutos para vermos o Senhor Noite.

Nora não tinha a menor idéia de quem seria o Senhor Noite e, de fato, chegou a pensar que Davey havia dito Senhor Cavaleiro^[1].

— Ele vai caminhar com dificuldade eternamente e, nesse meio tempo, as Pedras de Toon parecem totalmente falsas. — Davey fez outra anotação. — Você viu o Amigo Gentil, não viu? Quando entrou na sala?

Nora supôs que o velho esfarrapado fosse o Amigo Gentil.

— Acho que vi — respondeu.

— Isso confirma o que digo. O Amigo Gentil *de Driver* é um heróico aristocrata que renunciou ao mundo, ao passo que este do filme é um eremita imundo. Quando ele diz a Pippin para ser corajoso, a gente não consegue deduzir se ele entende mais de coragem do que qualquer pessoa. No livro, contudo... Bem, você sabe como é.

— Claro.

Sem jamais dizer uma mentira real, Nora deixara Davey imaginar que, em sua segunda tentativa, tinha lido o romance até o fim e decidido que era uma obra-prima.

— O Amigo Gentil está transmitindo a mensagem central de sua vida; essa coragem que precisa ser recriada diariamente. Como ele sabe disso, Pippin precisa saber também. Em sua paródia, a cena é absolutamente ilusória. Certo, aí vem o Senhor Noite, errado do começo ao fim, é claro.

Um enorme animal mosqueado, que tanto podia ser um cão como um lobo, saltou para cima de enorme pedra à frente do menino. Cães ou lobos foram aparecendo aos pares sobre as outras pedras. O menino ergueu os olhos para os animais, com uma ausência de expressão que poderia ser destinada a representar determinação.

— Poxa, agora eu me pergunto, quem você poderia ser? Compreenda, não temos a menor idéia de que *isto é* o motivo por que Pippin precisa realmente *entender* de coragem. Ele tem de provar-se ao Senhor Noite, e está morto de medo. Você teria medo desse vira-lata?

— Provavelmente — disse Nora.

— O Senhor Noite é amedrontador, seus dentes são afiados como navalhas, e ele é mágico. Este animal é a razão para toda a emoção que deveria transparecer no início desta cena, mas que aqui *não existe*. Sabemos que devemos encontrar este perigoso animal, mas quem aparece em vez dele? Rin Tin Tin!

Para Nora, o animal trepado na rocha, olhando fixamente para baixo, tinha toda a aparência de um lobo. Ele havia sido alimentado antes da cena, mas, apenas para um caso de emergência, seu treinador ficara parado imediatamente após a câmera, com uma arma provida de tranqüilizante. O lobo era a melhor coisa no filme. Sendo real, impressionava muito mais do que se presumia estar representando. O menino mostrava no rosto toda aquela falta de expressão, por sentir medo demais para desempenhar o seu papel. Era um garoto sensato.

Nora então viu que Davey estava certo: o lobo do filme era apenas um cão. Ela o transformara no Lobo de Westerholm, o homem desconhecido que tinha levado o cadáver da divertida, temerária e atraente Natalie Weil, e assassinado outras quatro mulheres. E o garoto fazendo o papel do Pequeno Pippin não estava amedrontado e nem era sensato, mas apenas um péssimo ator. Olhando para ele, Nora vira seu próprio medo.

— É claro que eles liquidaram com o diálogo — disse Davey. — Senhor Noite não pergunta, “Como é seu nome, criança?” Ele *sabe o nome do garoto*. O que ele *pergunta* é: “Pequeno Pippin, viaja conosco esta noite?”

Uma certa rebeldia por parte de Nora subestimara a selvageria do homem desconhecido para concentrar-se na realidade dele. Tal indivíduo perambulava de um lado para outro nas belas ruas arborizadas de Westerholm, entregando lembretes. Ele era como a guerra.

No filme, o animal abriu a boca comprida e perguntou:

— Virá conosco esta noite, Pequeno Pippin?

Davey deu um tapa na testa.

— Sem dúvida, eles consideram isso um progresso — disse.

Nora supunha que, quando se surpreendia encontrando lições de valor moral em um assassinato, era tempo de escapar. Ano após ano, Westerholm havia provado que Natalie Weil tinha sido caridosa quanto às pretensões da cidade. Leo Morris, advogado deles por ser também o advogado de Alden e Daisy, reservara o *QE2*^{2}, todo ele, para a festa dos deliciosos dezesseis anos da filha. Um de seus vizinhos instalara uma banheira de ouro no banheiro anexo ao dormitório principal e costumava levar seus convidados até lá, para constatarem o fato.

Durante pelo menos um ano, uma idéia vinha ganhando corpo dentro de Nora e recuando em face de todas as objeções contrárias, mas também em vista da segura rejeição por parte de Davey. Agora, no entanto, a idéia retornava como uma convicção. Não havia necessidade deles morarem ali. Deviam vender a casa e ir embora de Westerholm. Alden e Daisy que esbravejassem e discutissem,

mas Davey acumulara dinheiro bastante para comprar um apartamento em Nova York.

Sim, disse Nora para si mesma, é hora de acordar. A coisa era simples, era verdadeira, era surpreendente. A mudança seria difícil, um risco, um teste, mas se ela pudesse reter este senso de necessidade, no fim suas vidas melhorariam.

Ela olhou para Davey, quase receando que ele tivesse ouvido seus pensamentos. Davey fitava-a com ar de chocada incredulidade.

— Isto não é incrível?

— O que é incrível?

Ele a encarou fixamente.

— Você precisa ler o livro outra vez. Eles suprimiram toda a história de Paddy e foram diretamente para o Campo de Vapor, o que significa que todo o grupo de perguntas e respostas foi retirado, e, portanto, também os ratos. Que loucura!

— Imagine a história sem os ratos...

— É o mesmo que *O Mago de Oz* sem os macacos voadores; como *O Senhor dos Anéis* sem Sauron.

— Ou como *Huckleberry Finn* sem Pap.

— Exatamente — disse Davey. — Não podemos mudar estas coisas, não podemos!

Quanto a isso, ainda veremos, disse Nora para si mesma.

6

ALGUM TEMPO mais tarde, ela despertou estonteada, com a cabeça no colo de Davey. Um homem de ombros largos, com olhos enrugados e uma barba heróica carregava o menino através de uma enorme porta de madeira. A trilha sonora, toda ela em ruidosos violinos e estrondosos trombones, aplaudia. Esta fase de eventos chegava ao fim. Nora recordou um senso de resolução, porém não conseguia lembrar-se do que resolvera fazer. Com a lembrança de sua própria determinação veio o retorno de renovado vigor. Tinha decidido agir. *É hora de acordar.* Ela e Davey dariam as costas para Westerholm e cobririam os cerca de cento e trinta cruciais quilômetros que os separavam da cidade de Nova York. Chegara o momento de voltar a ser enfermeira.

Ou se não isso, pensou ela imediatamente, pelo menos qualquer outra coisa. As últimas experiências de Nora na enfermagem eram uma substância radiativa demasiado quente ao toque. Até o último mês, a radiatividade expressara-se privadamente, sob a forma de pesadelos, problemas estomacais, acessos súbitos de raiva, depressões. Os jubilosos demônios haviam se manifestado ocasionalmente. Somente no seu último mês de trabalho é que ela e Davey relacionaram tal corrente de perturbações às atividades que desempenhava no Hospital de Norwalk, quando a própria Nora se tornara radiativa. Durante algum tempo, uma ação impropriamente considerada, mas ainda assim necessária, a tinha conduzido à órbita da polícia. É claro que ela não

cometera crime algum. Seu comportamento havia sido moral, não imoral, porém irresponsável. Após ter concordado, para tristeza de todos, em "tirar uma licença", assinara meia dúzia de papéis e deixara o hospital, sentindo-se tão infeliz, que nem apanhara seu cheque final de pagamento.

Seu ato irresponsável, mas com moral, a princípio assemelhara-se a um rapto. O filho de um ano de idade de um homem importante fora levado ao hospital com uma perna quebrada e contusões ao redor do peito. Uma queda para o andar de baixo, explicara a mãe. Ela não o tinha visto cair, mas seu marido vira. Claro que ele tinha visto, disse o marido, um indivíduo untuoso vestido num terno da Wall Street. A pele tinha um brilho oleoso e seu sorriso era espantosamente alvo. Afastei os olhos do garoto por um segundo, e, quando tornei a olhar, bam!, quase tive um ataque do coração. Meia hora após a hospitalização do menino, seus pais foram embora. Três horas mais tarde, com um coelho de pelúcia debaixo do braço do paletó risca-de-giz, Papai voltava, sorridente. Entrou no quarto particular e saiu quinze minutos depois, ainda mais oleoso, sorrindo firme. Nora examinou a criança, encontrando-a quase inconsciente.

Quando comunicou o que tinha visto, disseram-lhe que o pai não podia ser responsabilizado por quaisquer machucados no filho. Aquele homem era um gênio, um mago das finanças, nobre demais para espancar o próprio filho. No dia seguinte, Papai e Mamãe chegaram às oito horas.

Papai se foi meia hora mais tarde e Mamãe voltou para casa ao meio-dia.

Às seis da tarde, justamente quando Nora encerrava seu expediente, Papai retornou, agora sozinho. Ao checar a criança no dia seguinte, Nora soube que ela sofrera um misterioso “colapso” na noite anterior, mas que já se recuperara. Tornando a transmitir suas suspeitas aos superiores, mais uma vez foi repreendida. A essa altura, outras duas ou três enfermeiras concordavam silenciosamente com ela. Os pais tinham estado lá outra vez às oito, e as enfermeiras repararam que o mago parecia estar apenas *representando* o papel de um pai preocupado.

Quando o pai tornou a voltar nessa noite, Nora, após uma hora queixando-se em vão aos administradores, postou-se no quarto da criança, até Papai pedir para ser deixado a sós com seu bebê. Ela saiu, demorando-se apenas o suficiente para dar três telefonemas — um para uma conhecida que dirigia a Escola Maternal Jack e Jill, na Post Road Sul, em Westerholm, outro para o chefe da pediatria e o terceiro para Leo Morris, seu advogado. Ela disse: *Estou salvando a vida desta criança*. Em seguida, voltou para o quarto. O irritado mago financeiro disse que ia preencher um formulário de queixa e desapareceu. Nora embrulhou cuidadosamente a criança nas cobertas e deixou o hospital. Dirigiu seu carro até a Escola Maternal Jack e Jill, deixou o bebê aos cuidados de sua amiga, e voltou para enfrentar o tumulto que criara. Quatro meses depois que o torvelinho amainou, a esposa do mago fez uma declaração à imprensa, dizendo que queria divorciar-se porque o marido a espancava regularmente, além de também espancar o filho de ambos.

— Pelo menos eles fizeram uma coisa direito — disse Davey.
— O Cavaleiro Verde realmente *parece* um Pippin adulto. Entretanto,

não se pode dizer que *Pippin* perceba isso.

Na tela, a manipulação eletrônica estava transformando o rosto barbado do homem, eliminando anos ao alisar-lhe rugas, encurtar-lhe os cabelos e modelar os planos de seu rosto, deixando a barba somente como uma sombra, em torno de uma face quase idêntica à do menino.

— Há necessidade das palavras. *A salvação jaz dentro dele próprio. Pippin alcançou a grande verdade por trás de sua jornada através da vasta escuridão. A vida e a morte despertaram sob suas próprias mãos, e essas mãos as governaram.*

Davey recitou as palavras sem emoção, mas também sem vacilar.

— Oh, mas é claro — concordou Nora. — Isso mesmo.

Em menos de um segundo a fisionomia do menino foi vislumbrada no interior da sombra da face do homem, e então os cabelos desgrenhados, a barba crescida e os planos angulosos da testa e rosto voltaram ao lugar de antes. O homem desceu uma encosta relvosa, carregando o menino. A claridade do sol lhe dourava os cabelos e a parte superior dos braços. Na colina atrás do homem e do menino, via-se uma porta imensa em moldura escura, como uma miragem. À frente deles e no leito de um vale, no sopé da montanha, carvalhos do tamanho de fósforos escondiam pela metade uma casa branca de fazenda.

Nora virou a cabeça para Davey e o viu olhando, não para a televisão, mas para ela, com uma sugestão de preocupação nos olhos.

— Achei bonito — disse ela.

— Pois está completamente errado. — Os olhos dele ensombreceram-se. — Aquela não é a montanha Glade. Parece haver um segredo nesse lugar? A montanha Glade não é bonita, mas contém o grande segredo.

— Oh, mas claro!

— Aí reside toda a questão — disse Davey, e seus olhos tinham se movido para trás, para o interior da cabeça.

— Acho melhor eu voltar para a cama. — Nora ficou em pé, sem nenhuma ajuda de Davey. — De qualquer modo, o filme não está quase chegando ao fim?

— Se *chegar* — respondeu ele.

Na tela, o homem barbado foi desaparecendo, ficando transparente. Quando Nora ficou em pé e deu um passo indeciso além do sofá, o rosto havia desaparecido por completo. O menino disparou a toda velocidade, em direção à casa da fazenda, e então a lista do elenco atrapalhou sua imagem.

Nora deu mais um passo para a porta, e Davey enviou-lhe um rápido e enigmático olhar.

— Logo estarei com você — disse ele.

Nora subiu a escada, novamente pensativa, verificando se a porta da frente estava trancada e o sistema de segurança, montado. Ao deslizar sobre a cama, sentiu o suor noturno umedecendo a camisola, e percebeu que precisaria convencer Davey de que seu desejo de ir embora de Westerholm nada tinha a ver com Natalie Weil ou com o lobo humano.

Meia hora mais tarde, ele entrou no quarto e tateou o caminho ao longo da parede, até encontrar o banheiro. Sem realmente estar cônica de que pegara no sono, Nora abriu os olhos de um sonho no

qual Dan Harwich estivera fitando-a com uma colossal e visível ternura. Virando o corpo, ela enterrou a cabeça no travesseiro. Davey ficou escovando os dentes durante muito tempo, enquanto a água corria. Lavou o rosto e depois puxou uma toalha do toalheiro. Pronunciou algumas palavras censuráveis, que ela não conseguiu entender. Tal qual a mãe, quando a sós ou não observado ele costumava manter conversas unilaterais com alguma pessoa não presente, um hábito que Nora decidiu não poder ser tecnicamente descrito como falando consigo mesmo. A luz do banheiro foi apagada e a porta, aberta. Davey arrastou os pés para a cama, encontrou a borda do colchão no escuro e tateou até o seu lugar de dormir, a fim de puxar o edredom. Cobriu-se e espichou-se na cama o mais distante possível de Nora, sem o risco de cair. Ela perguntou-lhe se estava bem.

— Não se esqueça do almoço amanhã — respondeu ele.

Certa vez, durante seu período de radiatividade, Nora tinha esquecido que eram esperados em “Os Álamos” para uma refeição. Em geral, os lembretes de Davey sobre este erro distante a atingiam como uma provocação desnecessária. Esta noite, no entanto, o comentário dele sugeria uma forma de dar andamento à decisão que ela tomara.

— Não vou esquecer — respondeu.

Uma aproximação maior com Daisy Chancel poderia ser proveitosa para eles dois; isso suavizaria o golpe, antes dele cair.

7

ALGUNS MINUTOS depois deles terem passado para o terraço de “Os Álamos”, no início da tarde seguinte, Nora deixou Davey e Alden tomando Bloody Marys enquanto contemplavam as águas do Estreito, ofuscando ao sol. A comunicação de que ela ia subir para ver Daisy encontrou apenas uma simbólica resistência, embora Davey não gostasse de ser deixado sozinho com o pai, pouco depois de terem chegado. O pai dele pareceu satisfeito e mesmo agradecido pelas palavras de Nora. Alden Chancel chegara a uma agradável e serena velhice ao possuir tudo que desejara e, embora certamente desejasse que o filho se casasse, nunca poderia imaginar que Davey fosse escolher alguém como Nora Curlew.

Nora cruzou rapidamente a sala de estar do andar de baixo, chegou à entrada de mármore e fez a volta para subir a ampla escada interna. No patamar, parou diante do enorme espelho. Em vez de vestir seu jeans e o *top* costumeiro depois da corrida matinal, ela escolhera calças brancas e uma blusa larga de seda azul-escura. No espelho, tais roupas pareciam quase tão apropriadas para um almoço no terraço de “Os Álamos” como pareceriam em sua própria casa.

Ela empurrou os cabelos para trás, sem intenção de ajeitá-los e subiu os degraus restantes para o andar de cima. Uma porta se fechou, e Maria, a pequenina italiana de cabelos grisalhos, que décadas antes substituíra a famosa Helen Day, chamada de Copeira, em outras vezes mencionada mais misteriosamente como O’Dotto,

saiu do estúdio de Daisy carregando uma bandeja vazia. A Copeira, amada por Davey, fizera sobremesas legendárias, bolos de sete camadas e ilhas flutuantes de claras de ovo; Maria era serviçal, nada legendária e, segundo a experiência de Nora, sabia preparar excelentes refeições francesas e italianas.

Maria sorriu para ela, e deu com a bandeja um curto e enfático tapa no ar, como que dizendo: *Muito bem! Lá vamos nós!*

— Olá, Maria, como está hoje a sra. Chancel?

— MUITÍSSIMO bem, dona Nora.

— E você, como vai?

— No mesmo de sempre.

— Será que ela aceita uma companhia?

Maria assentiu com a cabeça, ainda sorrindo. Nora bateu duas vezes, depois empurrou a porta.

Sentada no canto de um comprido sofá creme, de frente para uma mesinha baixa de vidro e uma lareira de tijolos, Daisy ergueu a cabeça da brochura que tinha nas mãos e deu a Nora um brilhante olhar de boas-vindas. A secretária de carvalho branco, ao lado do sofá como o travessão de um T maiúsculo, tinha em sua superfície apenas uma máquina de escrever elétrica e um pote de lápis amarelos; a mesinha de vidro suportava um vaso alto cheio de lírios Casablanca brancos, com aparência carnosa, um maço de cigarros com baixo teor de alcatrão, um isqueiro de ouro, um cinzeiro de pedra transbordando de tocos de cigarros, livros empilhados e um copo de vidro contendo gelo e um pálido líquido vermelho. Parecendo verde-hortelã em sua própria sombra, as persianas de alumínio branco estavam fechadas contra o sol.

— Nora, que surpresa agradável! Entre e junte-se a mim. Onde está o seu drinque?

— Devo tê-lo deixado no terraço — disse Nora, penetrando na atmosfera de Daisy, que cheirava a flores e fumaça de cigarro.

— Oh, não, não deve fazer isso. A pequena Maria irá buscá-lo — falou Daisy, enfiando um cartão-postal no livro.

— Não, não, eu não...

Daisy já se inclinara para diante e pegava uma sineta em cima da mesa. O som da sineta era absurdamente suave e tilintante.

— Maria — disse Daisy, como que conversando.

Como que destacada do próprio ar, Maria abriu a porta e deu um passo no interior do aposento.

— Pois não, sra. Chancel?

— Poderia ser boazinha e trazer para cá o drinque de Nora? Está no terraço.

Maria assentiu e saiu, fechando a porta atrás de si.

Daisy deu alguns tapinhas no sofá creme e deixou sobre a mesinha de vidro a brochura *Jornada para a Luz*, o segundo livro póstumo de Hugo Driver.

— Não estou incomodando?

Em meados da década de cinqüenta, recém-casada e com vinte quilos a menos, Daisy Chancel havia publicado dois romances (não com a Casa Chancel), e desde então, supostamente vinha escrevendo outro.

Nora já quase deixara de acreditar neste livro, pois nunca vira qualquer evidência dele em suas pouco freqüentes visitas ao estúdio. Davey há muito recusara-se a falar a respeito, e Alden referia-se a ele apenas eufemisticamente. As maneiras rígidas e

vagas de Daisy nas refeições noturnas sugeriam que, em vez de trabalhar, ela estivera bebendo martinis fornecidos pela empregada italiana. Entretanto, devia ter havido um livro em certa ocasião, e ainda era importante para Daisy o simulacro de trabalho.

— De maneira nenhuma — disse Daisy. — Eu havia pensado em reler *Driver*. Compreenda, como um escritor inspirado. De qualquer modo, ele sempre *me* inspira. Não sei por que as pessoas nunca se afeiçoam *a Jornada para a Luz*. — Ela deu a Nora um sorriso místico e inclinou-se para bater aprovadamente no livro com os dedos roliços. A mão desviou-se para um lado, segurou o copo e o levou à boca. Tomou um bom gole, depois outro. — Você é dos que consideram *Jornada para a Luz* um terrível fracasso? — perguntou Daisy, enquanto pousava o copo na mesa, para pegar os cigarros e o isqueiro.

— Jamais pensei nele dessa maneira.

Daisy acendeu um cigarro, aspirou e expeliu a fumaça, que jogou para longe com um abano de mão.

— Não, claro que não. — Ela jogou o maço de cigarros em cima da mesa. — Você não poderia, não com Davey por perto. Ainda me recordo quando *e/le* o leu pela primeira vez.

Alguém bateu à porta.

— Aí está sua poção. Entre, Maria.

A empregada trouxe o Bloody Mary e, quando o entregou a Nora, seus olhos brilhavam. Estava satisfeita por ver Daisy se distraíndo.

— Quando as coisas ficarão prontas?

— Dentro de meia hora. Vou fazer maionese fresca para a salada de lagosta.

— Faça bastante. Davey gosta muito de sua maionese.

— O sr. Chancel também.

— O sr. Chancel gosta de tudo — disse Daisy — a menos que interfira com seu sono ou seus negócios. — Ela hesitou por um momento. — Você poderia trazer-nos outros drinques daqui a uns quinze minutos? O de Nora parece tão *aguado*... E faça Jeffrey abrir o vinho pouco antes de nós descermos.

Nora esperou que Maria deixasse o quarto, depois se virou e viu Daisy com um meio sorriso, parecendo perscrutá-la através da densidade de uma nuvem de fumaça.

— Por falar em Hugo Driver, existe alguma espécie de problema com a propriedade dele?

Daisy ergueu as sobrancelhas.

— Davey levantou-se no meio da noite para ver o filme *Jornada na Noite*. Segundo me disse, Alden queria que ele se incumbisse de algum tipo de problema.

— Um problema?

— Talvez ele tenha dito que era um contratempo.

A estas palavras, Daisy baixou as sobrancelhas, ajeitou o cigarro na boca e pegou seu copo. Assentiu de leve várias vezes, antes de remover o cigarro, soprar a fumaça e tomar outro gole de bebida. Depois lambeu os lábios.

— Sempre aprecio suas visitas à minha pequena cela.

— Você chegou a conhecer Hugo Driver?

— Oh, não. Ele já havia morrido quando eu e Alden nos casamos. Creio que Alden esteve duas ou três vezes com ele, quando veio aqui como visitante. Aliás, Hugo Driver dormiu neste quarto.

— É por isso que você o usa? — perguntou Nora, relanceando os olhos pelo quarto comprido e estreito, tentando imaginá-lo como havia sido nos anos trinta.

— É possível — respondeu Daisy, dando de ombros.

— E seu trabalho é como o de Driver; é a espécie de coisa em que você tem estado trabalhando?

— Eu nem saberia mais definir — respondeu Daisy.

— Creio que estou um pouco curiosa.

— Acho que eu também!

— Alguém já leu o que você anda escrevendo?

Daisy empertigou-se no assento e olhou de relance para as prateleiras de livros perto da lareira, permitindo a Nora uma visão de cabelos brancos, lisos e macios, assim como do contorno de uma face que se avolumava. Depois virou-se para fitá-la com um ar indecifrável, mas não inteiramente vago.

— Há muito tempo atrás, meu agente leu uns dois capítulos. Entretanto, no correr dos anos, nós... *vagueamos...* para longe um do outro. E o livro mudou muito desde então. Várias vezes. Poderia se dizer que mudou por completo, várias vezes.

— Seu agente não ajudou muito,

As bochechas de Daisy alargaram-se em um sorriso breve e sem alegria.

— Eu o perdoei quando ele morreu. Era o mínimo que cada um de nós podia fazer.

Ela terminou seu drinque, sugou o cigarro e soprou uma fina baforada de fumaça, que ricocheteou no copo como uma nuvem em movimento.

— E desde então...?

Daisy ladeou a cabeça.

— Está pedindo para ler meu manuscrito, Nora? Oh, perdoe-me. Eu devia dizer: está se oferecendo para lê-lo?

— Eu apenas pensei... — Nora esforçou-se ao máximo para assumir uma expressão tranqüilizadora. Sua sogra continuava a examiná-la com olhos que pareciam ter adquirido metade do tamanho normal. — Eu apenas me perguntava se... se um leitor seria útil a você. Eu dificilmente teria senso crítico.

— E eu dificilmente desejaria um *crítico*. — Daisy inclinou-se para diante, sobre o estômago, e esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro. — Talvez fosse interessante. Um novo par de olhos, isso aí. Vou pensar a respeito.

Soou uma batida à porta, e Maria entrou com dois drinques em copos altos em uma bandeja. Removeu o copo vazio de Daisy e colocou o segundo de Nora ao lado do primeiro, que permanecia quase intocado.

— Eu lhe darei um pote extra de maionese, a fim de levar para casa, dona Nora.

Nora agradeceu-lhe.

— Os rapazes estão se portando bem lá embaixo, Maria?

— Às mil maravilhas.

— Sem gritos? Sem ameaças? — Nora raramente vira este lado de Daisy.

Maria sorriu e abanou a cabeça.

— Estão falando sobre algo interessante?

O sorriso de Maria ficou rígido.

— Oh, entendo. Bem, se eles perguntarem — e não vão perguntar — pode dizer a eles que *tudo* que estamos comentando

aqui é interessante.

Subitamente, Nora percebeu que o relacionamento mais íntimo de Daisy era com Maria. Sua sogra tornou a surpreendê-la, dando-lhe uma piscadela.

— Não é isso mesmo, querida?

Esta animada e alegre Daisy havia surgido imediatamente após Nora sugerir a leitura de seu manuscrito. Nora respondeu que sim, que a conversa de ambas era interessante, e Maria sorriu radiosamente para ela, antes de sair do quarto.

— O que acha que eles estão falando lá embaixo?

— Quer que o coração de um editor faça *trip-trap, trip-trap*, como o do carneirinho caminhando pela ponte? É só mostrar-lhe um interessante e suculento crime, o que ele chamaria de “crime real”.

— Daisy esboçou outro de seus sorrisos melancólicos e tomou um gole do novo drinque. — Não gosta desse termo? Acho que cometerei um crime real. Logo depois de cometer um romance não ficcional, *Trip-trap, trip-trap, trip-trap...* — Ela abriu a boca, revirou os olhos e deu tapinhas no coração, em zombeteiro êxtase. — Muito bem, cometerei um crime real, escrevendo um romance não-ficcional sobre Hugo Driver! — Daisy deu uma risadinha contida. — Talvez seja isto o que fiquei fazendo todos estes anos! Talvez Alden me dê um milhão de dólares e irei embora para o Taiti!

— Talvez eu vá com você — disse Nora, achando que seria divertido ir para o Taiti com esta Daisy Chancel.

Daisy agitou um rechonchudo indicador.

— Não, você não irá. Não, você não irá. Não pode ir embora e deixar Davey inteiramente só.

— Imagino que não — disse Nora.

— Não, não e não — insistiu Daisy. — Negativo!

— Tem toda razão — replicou Nora. — Você está mesmo escrevendo um romance não-ficcional?

A mulher mais velha quase tripudiava, como se conhecesse segredos tão bizarros, que poderia dar uma pista eternamente, mas sem jamais divulgá-los. Nora viu-lhe os olhos brilhantes, ligeiramente nevoentos, e compreendeu que Daisy ia deixá-la ler seu manuscrito.

8

— SEM DÚVIDA, cada mulher em Westerholm está com medo — disse Alden. — Isto é, supomos que estejam.

— O que quer dizer com “supomos que estejam”? — perguntou Nora.

— Você acha que defendo o assassinato.

— Não; apenas quero saber o que quis dizer.

Ele estudou a mesa.

— Quando Nora olha para mim, vê o demônio.

— Um demônio *não-ficcional* — disse Daisy.

— Creio que também não entendi, papai.

— Alden quer que os outros considerem esse indivíduo a não-ficção... o crime real... o demônio... — disse Daisy, tendo atingido o estágio de falar com cuidado exagerado.

— O demônio também quer — disse Nora, irritada.

— Exatamente — replicou Alden. — Onde quer que esse sujeito vá, ele é material quente. Conseguiu seu exemplar semanal do *Westerholm News*, e está na primeira página.

Serviu-se de outra porção de salada de lagosta e fez sinal a Jeffrey — geralmente mencionado como “o sobrinho da Copeira italiana” — para que despejasse mais vinho. Jeffrey tirou a garrafa do balde de gelo, envolveu-a em uma toalha branca e foi até a extremidade da mesa renovar o vinho de Daisy. Continuou se movendo ao longo da mesa, e Nora pousou a mão sobre seu copo. Ele lhe fez uma careta cômica e prosseguiu até a cabeceira.

Nora nunca sabia o que pensar sobre Jeffrey. Alto, com a idade oscilando entre quarenta e cinco e cinqüenta e cinco anos, uma pronúncia sem sotaque e os cabelos claros rareando no alto da cabeça, ele dava a impressão de um improvável parente de Maria. Nora terminou sabendo que ela o apresentara uns dez anos atrás, quando Alden começara a falar em contratar alguém para atender telefones, abrir portas e fazer mandados. Jeffrey tinha olhos inteligentes e maneiras corteses, resguardadas, que não excluía a jocosidade. Certos dias ele parecia um rufião. Nora viu-o oferecer vinho a Davey, virar-se para revolver a garrafa dentro do gelo e voltar a seu posto, na borda do terraço. Em um ajustado terno escuro e camisa preta, Jeffrey estava tendo um dos seus dias de rufião. Daisy a fez recordar sua teoria particular sobre Jeffrey, quando disse, batendo o garfo na mesa em ritmo com suas palavras:

— Geralmente, você é mais... original... do que *isso*.

Jeffrey havia sido contratado para proteger Daisy.

— Ainda não terminei, minha querida.

— Então, por favor, esclareça-nos.

Alden sorriu para a mesa em geral. Seus dentes perfeitos rutilaram, seus cabelos brancos brilharam, um rubor escureceu o rosto amplo e ligeiramente bronzeado. Em seu *blazer* e camisa de um branco imaculado, o último botão aberto sobre um cachecol de cores vivas, de olhos translúcidos e inexpressivos, com fundos recortes em torno da boca, semelhantes a terreno revolvido, Alden parecia ser a pessoa exata que contrataria alguém como Jeffrey. Nora percebeu o quanto antipatizava com ele.

— Pensem nos muitos exemplares que o *Westerholm News* estará vendendo. Pessoas que nunca olharam para ele em suas vidas, agora o estão comprando. E isto não diz respeito apenas ao nosso jornaleco. Os tablóides de Nova York deram um salto e festejam cada vez que outra dama é chacinada em sua cama. Acham que o negócio de sistemas de segurança no Condado de Fairfield está vivendo a costumeira calma de agosto? O que me dizem do comércio de armas? Para não se falar em muros, iluminação nos pátios e fechaduras de segurança. E quanto aos repórteres de televisão e os fotógrafos de *People*?

— Não esqueça os editores — disse Nora.

— Em absoluto. Adivinha quantos livros estão sendo escritos sobre Westerholm neste minuto? Quatro? Cinco? Pense no papel consumido por esses livros. A tinta, o plástico para as capas... Pense nos disquetes de computador, nos *laptops*, *notebooks* e aparelhos de fax. No *papel gasto em aparelhos de fax*. Nos *lápiz*...

— É uma indústria — disse Davey. — Tudo bem.

— Se querem saber minha opinião, uma horrenda e maldita indústria — disse Daisy.

Nora aplaudiu em silêncio as palavras da sogra.

— O mesmo aconteceu com a Segunda Guerra Mundial — disse Alden. — E repetido no Vietnã, Nora, se me desculpa.

Nora não achava que o desculparia.

— Ah, se aparências matassem... E não é verdade que comandantes de unidades tinham uma certa provisão de granadas que deveriam usar em uma base diária — não oficialmente, quero dizer, mas, ainda assim, de maneira bastante específica? Não utilizamos por lá uma tremenda quantidade de uniformes e veículos,

não construímos bases, vendemos cerveja e compramos toneladas de alimentos? Alguém não estava fabricando sacos para transportar cadáveres? Sei que estou flertando com o perigo, Nora, mas gosto quando seus olhos chamejam.

Ele estava flertando com ela, não com o perigo. Nora olhou para seu marido, no outro lado da mesa, e viu-o fitando o guardanapo que tinha no colo.

— Poxa, eu também gosto quando seus olhos chamejam, Alden — disse ela. — Deixam você parecendo tão jovem...

— Em realidade, Nora, você é a pessoa mais velha nesta mesa.

Pensando em seu marido e em Daisy, Nora forçou-se a relaxar.

— Você foi temperada em meios que nós outros não fomos, daí por que é tão bonita! Admirei mulheres bonitas a vida inteira, e as mulheres bonitas são as salvadoras da humanidade. Apenas o fato de poderem ver seu rosto deve ter salvo um bocado de sujeitos por lá.

Ela abriu a boca, tornou a fechá-la e olhou para Alden.

— Você não está sendo gentil.

— Você deve ter provocado um grande efeito nos rapazes que passaram por suas mãos.

— Acho que seu ponto de vista menospreza tudo — replicou Nora. — Sinto muito. Isso é repulsivo.

— Se com um estalar de dedos eu a fizesse nunca ter ido ao Vietnã, você me deixaria estalá-los?

— Isso me tornaria tão jovem quanto você, Alden.

— As bênçãos vêm em todos os tamanhos e formas. — Ele distribuiu um sorriso ao redor da mesa. — Há mais alguma coisa que

eu possa esclarecer para vocês?

Durante um momento, ninguém falou. Então, Daisy disse:

— É hora de voltar para a minha cela. Começo a sentir-me um pouco cansada. Foi ótimo ver você, Davey. Nora, mantereí contato.

Alden olhou de leve para Nora, antes de empurrar a cadeira para trás e levantar-se. Davey demorou um segundo mais. Daisy segurou o encosto de sua cadeira e virou-se para a porta.

— Jeffrey, por favor, agradeça a Maria. A salada de lagosta estava *maravilhosa*.

O sorriso cortês de Jeffrey o fez parecer, mais do que nunca, um esmerado personagem de história secundária, disfarçado em valete. Deslizando por um lado, ele abriu a porta para Daisy.

9

ALDEN E DAVEY tornaram a ocupar suas cadeiras.

— Depois de uma soneca, sua mãe estará nova em folha — disse Alden. — O que quer que aconteça em seu estúdio é da conta dela, mas tenho a impressão de que, ultimamente, vem trabalhando mais do que de costume.

Davey assentiu lentamente, como se tentando decidir concordar com o pai. Alden pousou os olhos em Nora e bebeu um gole de vinho.

— Está planejando alguma coisa com Daisy?

— Por que pergunta?

Davey jogou uma mecha de cabelo para fora dos olhos e espiou de Nora para seu pai, depois voltando a ela.

— Digamos que seja uma impressão.

— Eu gostaria de passar mais tempo com ela. Ir fazer compras, almoçar qualquer dia, coisas assim.

O olhar de Alden a fez sentir-se como se estivesse mentindo para alguém superior.

— Formidável — disse ele, e Davey relaxou em sua cadeira. — Se quer saber, gostei de ouvir. Uma bela coisa, minhas duas garotas divertindo-se juntas.

— Mamãe tem trabalhado muito?

— Bem, já que pergunta, há qualquer coisa acontecendo lá em cima. — Ele olhou para Nora, de maneira quase conspiratória. — Foi essa a sua impressão, Nora?

— Eu não a vi trabalhando, se é o que quer saber.

— Ah, Daisy é como Jane Austen, esconde todas as evidências. Quando estava escrevendo seus dois primeiros livros, nunca a vi diante da máquina de escrever. Para ser franco, às vezes uma voz sussurrava em minha cabeça, *E se ela apenas estiver simulando tudo?* Então, certo dia chegou uma caixa de um dos meus competidores, ela a levou rapidamente para seu estúdio e, quando voltou de lá, estendeu-me um livro! Ano após ano, foi acontecendo a mesma coisa. Assim, deixei que ela agisse como achasse melhor. Diabos, Davey, você sabe disso, pois foi criado neste sistema maluco!

Davey assentiu e olhou através da mesa, como se também desejasse saber se Nora possuía alguma informação secreta.

— Lidei a vida inteira com escritores e eles são excelentes — alguns deles, pelo menos — porém jamais entendi o que fazem ou como o fazem. Raios, penso até que nem eles próprios sabem como conseguem. Escritores são iguais a bebês. Gritam, choram, deixam-nos loucos da vida, e então produzem um grande, um enorme disparate. E nós lhes dizemos o quanto a coisa é espetacular.

Ele riu, deliciado consigo mesmo.

— Isso vale também para Hugo Driver? Ele foi um dos bebês chorões?

— Nora... — disse Davey.

— Claro que foi. A diferença com Driver, no entanto, era que todos achavam a merda dele mais cheirosa do que a de outros pirralhos — disse Alden, não mais parecendo deliciado com sua metáfora.

— Daisy disse que você esteve com Driver umas duas vezes. Como era ele?

— O que posso dizer? Eu ainda era uma criança.

— Bem, mas deve ter tido alguma impressão. Ele foi o autor mais importante de seu pai. Inclusive, ficou hospedado nesta casa.

— Bem, pelo menos agora sei o que você e Daisy estiveram conversando lá em cima.

Nora ignorou o comentário.

— Em realidade, Driver foi o responsável por...

— Driver escreveu um livro. Milhares de pessoas escrevem livros todos os anos. Acontece que o dele fez sucesso. Se não fosse Driver, teria sido qualquer outra pessoa. — Ele deu de ombros, com um ar de neutra autoridade. — Você tem muito que aprender sobre editoras. E digo isso com todo o respeito, Nora.

— Sem dúvida.

Davey entrelaçava os cabelos com os dedos, afastando-os da testa. Depois disse:

— O que você falou é verdade, mas...

Seu pai congelou-o com um olhar.

— Mas aquela foi uma colaboração clássica — prosseguiu Davey. — A sinergia foi incrível.

— Estou velho demais para sinergias — replicou Alden.

— Você nunca me disse o que pensava dele pessoalmente.

— Pessoalmente, eu o julgava um conhecido de meu pai.

— Isso é tudo?

Alden meneou a cabeça.

— Ele era um indivíduo pequenino e inexpressivo, em um espalhafatoso paletó de *tweed*. Achava-se parecido com o Príncipe

de Gales, porém na verdade tinha mais semelhança com um punquista. Driver foi um escritor de enorme talento. O que eu pensava dele quando criança não tem a menor importância. Tampouco importa que tipo de sujeito era ele.

— Hugo Driver foi um grande escritor — disse Davey, proferindo a frase para o seu prato.

— Quanto a isso, não há discussão.

— Ele foi.

Alden sorriu por sorrir, enfiou mais um pedaço de lagosta na boca e o seguiu com um gole de vinho. Davey vibrava com um ressentimento contido. Seu pai disse:

— Você conhece a minha norma: um grande editor nunca lê seus próprios livros. Acata a opinião alheia. E já que estamos neste assunto, temos alguma coisa para o nosso amigo Leland Dart?

Leland Dart era o mais exaltado dos advogados da editora, o sócio de Leo Morris na firma Dart, Morris.

Davey disse que estava cuidando disso.

— Para ser franco, eu gostaria de saber se nosso amigo Leland não estaria jogando os dois extremos contra o meio.

— Isto tem algo a ver com a propriedade de Driver? — perguntou Nora.

— Por favor, Nora — pediu Davey — Agora, não.

— Não, o quê? Será que acabei de ficar invisível?

— Sabe o que é interessante sobre Leland Dart? — perguntou Alden, certamente sentindo a obrigação de salvar a conversa. — Além de sua absoluta magnificência e tudo o mais? É o seu relacionamento com o filho. Não entendo. E vocês? Estou falando de Dick; posso entender o que aconteceu com o mais velho, Petey, mas

Dick, sinceramente, ele me confunde. Esse sujeito faz realmente alguma coisa?

Davey agora estava rindo.

— Não, eu não creio que faça. Nós o encontramos há um ou dois meses atrás, lembra-se, Nora? No Gilhoolie's, logo depois de sua inauguração.

Nora se lembrava, e a recordação da repugnante pessoa chamada Dick Dart agora também podia fazê-la rir. Dart estivera dois anos atrás de Davey, na Academia. Ela lhe fora apresentada no bar de um restaurante que substituíra uma pizzaria medíocre, no shopping center Waldbaum's. Homens e mulheres de vinte e trinta anos espremiavam-se no comprido bar que separava a porta do refeitório, e os cardápios em encartes de plástico sobre as mesas de toalhas de xadrez vermelho anunciavam bebidas como "Tobogãs de Lama" e "Chás Gelados Long Island". Depois que ela e Davey abriram caminho através da multidão, um homem alto, bastante alegre, deixara a mão cair no braço dele e lhe falara com uma singular mescla de arrogância e desconfiança. Usava um belo terno ligeiramente amarrotado, tinha a gravata afrouxada, e os cabelos claros lhe caíam na testa. Parecia ter consumido mais do que um número suficiente de "Tobogãs de Lama". Ele havia dito algo como *Talvez você pretenda fingir que não se lembra mais de nossas antigas escapadas noturnas.*

Enquanto Davey negava, o homem empertigara a cabeça para trás e olhava de um Chancel para o outro, como sugerindo que eles compunham um divertido espetáculo. Nora suportara irônicos cumprimentos ao seu rosto "corajoso" e aos "maravilhosos" cabelos. Após dizer a Davey que ele devia aparecer sozinho qualquer noite

para recordarem as farras loucas que haviam feito juntos, Dart os liberara, mas não sem antes acrescentar que *adorara* o perfume de Nora. Ela não estava usando perfume nenhum. Quando finalmente alcançaram sua mesa, Nora disse a Davey que o faria dormir na garagem se ele já tivera qualquer coisa a ver com aquele sujeitinho imbecil. Por favor, havia dito Davey, Dick está querendo “cantar” você! Tudo que ele faz é imitar velhos filmes de Peter O’Toole. A atitude dele era mais semelhante à dos velhos filmes de George Sanders, respondeu Nora, perguntando-se quem já conseguira levar alguém para a cama, fingindo desdenhar justamente da pessoa que pretendia seduzir.

A meio caminho através da insípida refeição, Nora tinha erguido os olhos e vira Dart piscar para ela. Havia perguntado a Davey o que seu velho amigo fazia para viver, e recebera a surpreendente informação de que Dick era advogado na firma de seu pai.

Agora, Davey contava ao pai que, no Gilhoolie’s, dissera a Nora que Dick Dart vivia das migalhas caídas das mesas dos clientes mais ricos da firma Dart, Morris; ele acompanhava viúvas idosas a almoços em restaurantes franceses de serviços lentos, e assegurava a elas que Leland Dart estava protegendo suas propriedades dos atos de um governo federal socialista.

— Por que ele continua lá?

— Dick provavelmente aprecia os almoços — replicou Davey.
— Além disso, suponho que esteja esperando herdar a firma.

— Não aposte nisso — disse Alden. Nora sentiu um vento gélido, tão claramente, que até poderia ter sido soprado do Estreito.
— O velho Leland é esperto demais para isso. Ele tem sido o cara do

quarto dos fundos na política republicana deste estado, desde os tempos de Ernest Forrest Ernest, e nem por sombras deixará esse rapaz aproximar-se do leme da Dart, Morris. Fique atento. Quando Leland diminuir o ritmo, dirá a Dick que precisa ganhar mais experiência, e colocará na firma um distinto velho embusteiro exatamente igual a ele.

— Por que você quer que Davey saiba disso? — perguntou Nora.

— Assim, ele ficará entendendo bem a nossa apreciada firma jurídica — respondeu Alden.

— Talvez a esposa de Leland tenha idéias próprias sobre o que irá acontecer a Dick — disse Nora.

— Talvez, pela primeira vez — replicou Alden. — Não imagino que Dick dê aos pais muitos motivos para que se sintam gratos.

— Jamais saberemos — disse Davey, sorrindo estranhamente na direção do Estreito.

Alden vistoriou os lugares vazios, como que procurando restos de lagosta.

— Será que todos nós já terminamos?

Davey assentiu, e Alden ergueu os olhos para Jeffrey, que ficou a um lado e abriu a porta. Nora agradeceu-lhe quando passou por ele, que fingiu não ouvir. Minutos mais tarde, ela se sentava no pequeno Audi vermelho de Davey, segurando um pote de conservas com maionese caseira, quando ele dirigiu da Mount Avenue para o interior mais novo e menos elegante de Westerholm.

10

— VOCÊ ESTÁ CONTRARIADO? — perguntou ela.

Davey já tinha rodado em silêncio os cerca de dois quilômetros da Alameda Churchill. Era uma pergunta que Nora fazia freqüentemente durante o casamento de ambos, e as respostas recebidas, embora não evasivas, nunca eram diretas. Como acontece com tantos homens, os sentimentos de Davey muitas vezes surgiam sem rótulos.

— Não sei — disse ele, o que era melhor do que uma negativa.

— Ficou surpreso com o que seu pai disse?

Ele olhou desconfiadamente para a esposa durante um quarto de segundo.

— Se alguém me deixou surpreso, foi você.

— Por quê?

— Meu pai se diverte exagerando seus pontos de vista. Isto não significa que ele deva ser atacado.

— Você acha que eu o ataquei?

— Não disse que ele era repulsivo? Que menosprezava tudo?

— Eu não o critiquei, mas sim suas idéias. Por outro lado, ele até gostou. Alden sempre adora bravatas verbais.

— O homem tem setenta e cinco anos. Acho que merece mais respeito de alguém que não entende uma vírgula do negócio editorial. Sem mencionar o fato dele ser meu pai.

A luz na Post Road ficou verde, e Davey afastou-se dos carvalhos ao lado da ponte de pedra, no final da Alameda Churchill. Fosse porque não havia qualquer trânsito vindo na direção deles ou por haver esquecido, ele não fez sinal de que tomaria a curva Post Road abaixo, a caminho de casa. Então, Nora percebeu que o marido não fizera o sinal porque não pretendia seguir pela Post Road.

— Para onde você vai?

— Quero ver uma coisa — disse ele, evidentemente não pretendendo contar-lhe o que seria.

— Isto poderá ser uma surpresa para você, mas pensei que seu pai é que estava me atacando.

— Nada do que ele disse foi pessoal. Você, sim, foi pessoal.

Nora catalogou silenciosamente as maneiras em que se sentira atacada por Alden Chancel e selecionou a mais segura.

— Ele adora falar na minha idade. Alden sempre achou que eu era velha demais para você.

— Ele nada disse sobre sua idade.

— Disse que eu era a pessoa mais velha na mesa.

— Pelo amor de Deus, Nora, meu pai estava sendo brincalhão. E logo em seguida ele lhe fez um elogio, caso não tenha notado. Aliás, ele lhe fez elogios umas cem vezes.

— Ele flertava comigo, e eu odeio isso. Seu pai age assim para humilhar as pessoas.

— Isso é loucura. As pessoas da geração dele costumam fazer esses elogios ousados. Pensam que é como oferecer um buquê de flores a uma mulher.

— Eu sei — respondeu Nora — mas isso, sim, é loucura.

Davey abanou a cabeça. Nora recostou-se no assento e ficou espiando a passagem das esplêndidas casas ao lado do carro. Alden estivera certo sobre uma coisa: diante de cada propriedade havia uma placa metálica ostentando o nome de uma firma de segurança. Muitas prometiam REAÇÃO ARMADA.

Davey dirigiu a ela um breve e fulminante olhar.

— Mais uma coisa. Eu não devia dizer-lhe isto, mas, aparentemente, preciso dizer.

Ela esperou.

— O que minha mãe faz em seu estúdio é problema dela. Não tem nada a ver com você, Nora. — Outro olhar irritado. — Apenas para o caso de você não ter captado o que papai lhe dizia: acho que ele também foi exageradamente diplomático.

Mais consternada do que desejava parecer, Nora inspirou e liberou vagarosamente a respiração, enquanto procurava uma resposta.

— Em primeiro lugar, Davey, eu não me impus a ela. Sua mãe ficou contente em ver-me e eu gostei de estar com ela. — No rápido olhar de Davey, Nora viu que ele queria acreditar nisso. — Na verdade, foi como estar com uma pessoa totalmente diferente da que ela foi durante o almoço. Daisy divertiu-se enquanto estivemos juntas. Ela esteve muito engraçada.

— Tudo bem, isso é ótimo. Entretanto, eu realmente não quero que você a deixe pior do que ela já se sente.

Por um momento, Nora contemplou o marido sem falar.

— Você acha que ela não está trabalhando lá em cima, não é mesmo? Seu pai pensa a mesma coisa. Ambos imaginam que sua

mãe esteja fingindo isso durante anos, e ficam calados porque querem protegê-la ou coisa assim.

— Ou coisa assim. — Um pouco da amargura anterior deixou impressões na voz dele. — Nunca ouviu a expressão “Não balance o barco”? — Ele a fitou rapidamente com uma infeliz zombaria no olhar. — Você acredita que ela vá lá para cima a fim de trabalhar? E o que está querendo dizer?

— Sim, eu acredito que ela esteja escrevendo *alguma coisa*.

Davey deixou escapar um resmungo.

— Tenho certeza de que foi um encontro agradável para ambas.

— Não gostaria que eu e sua mãe fôssemos um pouco mais amigas do que somos agora?

— Ela realmente nunca teve amigas. — Davey pensou por um segundo. — Suponho que, com a Copeira, tenha tido uma amizade tão íntima quanto lhe seria possível. Então ela se foi, algo lamentável. Fiquei aniquilado. Eu pensava que ela nunca nos deixaria. Provavelmente achasse que Helen Day era a minha verdadeira mãe. Porque a outra, certamente não passava muito tempo comigo.

— Eu gostaria que você presenciasse o comportamento dela em relação a mim. Mostrava uma espécie de... jovialidade.

— Uma espécie de embriaguez — respondeu Davey. — Surpresa, surpresa! — Ele suspirou tão tristemente, que Nora sentiu vontade de abraçá-lo. — Para o que, é claro, ela tinha um excelente motivo.

Alden, pensou Nora, mas Davey jamais responsabilizaria o grande editor pela condição de sua mãe. Ela virou a cabeça e o

interrogou com os olhos.

— O outro. O outro antes de mim, o que morreu. Isto é óbvio.

— Oh, sim — assentiu Nora.

De repente, ela via Davey como o tinha visto inúmeras vezes, sentado na sala de estar sob uma lâmpada adquirida na loja Michaelman's, com *Jornada na Noite* nas mãos, fitando páginas que lera e relera porque, não menos do que os assassinos Leonard Gimmel e Teddy Brunhoven, nelas ele descobrira o código para sua própria vida.

— Você pensa nisso um bocado, não é?

— Não sei. Talvez. — Ele a espiou, para checar se o estava criticando. — É como... pensar nisso, sem pensar nisso, entendeu?

Ela assentiu, mas nada disse. Por um momento, Davey pareceu prestes a falar mais alguma coisa. Então ele fechou a boca, os olhos modificaram-se, e o momento passou.

O Audi fez alto em um sinal de parada, diante de um maciço de árvores excessivamente desenvolvidas, com vinhas que obscureciam o nome da rua. Então, um sedã Mercedes cinza rodou para o cruzamento e, quando Davey sinalizou para dobrar a curva, antes de apertar o acelerador e girar o volante para a esquerda, o nome da rua tilintou em sua cabeça. Ele os tinha levado à Redcoat Road, e o que queria ver era a casa na qual o lobo tirara a vida de Natalie Weil e dera sumiço ao seu corpo.

11

AO LADO DA VIA para carros de Natalie havia um poste metálico suportando uma placa azul-vivo com o nome de uma firma de segurança local, mais cara do que a escolhida pelos Chancels. Natalie levava em conta as semelhanças entre si mesma e as primeiras vítimas, isto fazendo-a gastar um bocado de dinheiro pela mais avançada proteção disponível.

Davey deixou o carro e caminhou ao longo das jardineiras gramadas da Redcoat Road, em direção à via para carros. Nora saiu e o seguiu. Ela lamentou o Bloody Mary e o único copo de vinho que tinha bebido ao almoço. A luminosidade de agosto fez seus olhos arderem. Davey ficou olhando para a casa de Natalie, parado no fim da via para carros, as calças quase roçando na placa do sistema de segurança.

Construída bem afastada da rua, a casa se erguia para um pátio fronteiro escurecido pelas sombras de carvalhos e olmos, espalhados entre montículos gramados e pedras arredondadas de granito. Fitas amarelas demarcando o local do crime entrelaçavam-se nas árvores e selavam a porta da frente. Uma viatura preta e branca da polícia de Westerholm e um sedã azul de aparência anônima estavam estacionados perto das portas da garagem.

— Há algum motivo para que você quisesse vir aqui? — perguntou Nora.

— Há.

Davey baixou os olhos para ela e depois tornou a espiar a casa. Vinte anos antes, ela havia sido pintada no peculiar tom vermelho-acastanhado forte das cabinas de informação dos parques nacionais. A própria casa deles também era da mesma tonalidade castanha, embora sua pintura ainda não houvesse começado a descascar. No estilo, a casa de Natalie também reeditava a deles, com sua fachada rude e uma fileira de janelas marchando abaixo do teto.

Um rosto branco, acima de um uniforme escuro, inclinou-se na direção de uma janela, no dormitório acima da garagem.

— Aquele tira está no quarto onde ela foi morta — disse Davey.

Ele começou a subir a via para carros. O rosto retirou-se da janela. Davey chegou ao ponto em que a fita amarela contornava um olmo ao lado da alameda e prosseguia em linha reta para a casa e a garagem.

Estirando a mão, ele recostou-se no olmo.

— Por que está fazendo isso?

— Estou tentando ajudar você.

O policial chegou à janela da sala de estar e ficou espiando para eles. Fincou as mãos na cintura, e então deu meia-volta, afastando-se da janela.

— Talvez isso seja uma loucura, mas você acha que quis vir até aqui por causa do que esteve falando no carro?

Davey olhou para ela com expressão incerta.

— A respeito do outro. Do outro Davey.

— Por favor, não! — disse ele.

Novamente, a tendência Chancel de proteger segredos Chancel. O policial abriu a porta da frente e começou a caminhar para eles, por entre as sombras do gramado de Natalie Weil.

12

NORA TINHA CERTEZA de que o fascínio de Davey por *Jornada na Noite*, um romance sobre uma criança salva da morte por uma figura chamada o Cavaleiro Verde, tinha raízes em sua infância. Certa vez houvera outro David Chancel, o primeiro filho de Alden e Daisy. De repente, o bebê Davey tinha morrido em seu berço. Não estava doente, fraco e nem correndo qualquer espécie de risco. Simples e terrivelmente, ele morreria. Lincoln Chancel os tinha salvo ao sugerir, talvez até mesmo exigindo, uma adoção. Sua insistência por um neto fora um elemento crucial na lenda que Davey havia passado para Nora. Em New Hampshire havia sido encontrado um bebê para adoção. Alden e Daisy viajaram até lá, conseguiram a criança, deram a ela o nome do primeiro bebê e a criaram no lugar do menino morto.

Davey usara as roupas de bebê do Davey falecido, dormira em seu berço, babara em seus babadores, mordera seu chocalho e mamara em sua mamadeira. Quando teve idade suficiente, brincou com os brinquedos reservados para o bebê-fantasma. Como se Lincoln Chancel houvesse previsto que não viveria para ver a criança completar quatro anos, ele tinha comprado cubos, bolas, coelhos e gatos de pelúcia, cavalos de balanço, trens elétricos, luvas de beisebol, bicicletas de tamanhos graduados, dúzias de tabuleiros com jogos e muita coisa mais; nos aniversários apropriados, tais brinquedos eram removidos de caixas rotuladas DAVEY e apresentados cerimoniosamente. Com o tempo, Davey

compreendera que aqueles eram presentes de um avô morto para um neto morto.

Já desde a noite em que Davey, embriagado, correria em redor da sala de estar enquanto declamava esta história, Nora começara a vê-lo de uma forma somente a princípio surpreendente ou transtornada. Ele sempre se considerara sob o escrutínio impiedoso de um eu-sombra — imaginava que o legítimo David Chancel queria reconhecimento ou liberação.

13

O DETETIVE CONTORNOU uma pedra cor de golfinho e avançou, examinando Nora com uma mescla de reserva oficial e particular preocupação. Ela não conseguia imaginar como pudera confundir o terno azul dele e a enfeitada gravata vermelha com um uniforme de policial. O homem tinha uma cabeça grande e quadrada, feições desencantadas e um farto bigode castanho que se encurvava após as comissuras dos lábios. Quando ele chegou perto o bastante para Nora perceber o cinzento no bigode tártaro, ela notou também que os olhos castanho-escuros eram, ao mesmo tempo, sérios, irritados, solícitos e, bem lá no fundo, absolutamente desligados, de uma forma que a fez presumir ser reservada aos policiais. Uma certa porção deste homem recordou-lhe Dan Harwich e, em decorrência, levou-a a esperar um pouco de solidária compreensão. Fisicamente, ele não era muito parecido com Harwich, sendo atarracado e de ombros e cintura largos, um Clydesdale em vez de um galgo.

— A senhora está bem? — perguntou ele, correspondendo assim às inconscientes expectativas de Nora. Quando ela assentiu, o detetive virou-se para Davey, dizendo: — Se está apenas sendo curioso, senhor, eu apreciaria se fosse embora daqui, em companhia desta senhora.

Esta última parte era imprevisível, e Davey respondeu:

— Eu queria tornar a ver a casa de Natalie. Meu nome é Davey Chancel e esta é minha esposa Nora.

Nora esperou que o detetive dissesse, *Pensei que fossem irmãos*, como faziam algumas pessoas. Em vez disso, ele perguntou:

— Tem algum parentesco com a família da Mount Avenue? Como é mesmo o nome da propriedade? “Os Álamos”, não?

— Sou filho deles — respondeu Davey.

O homem chegou mais perto e estendeu uma mão enorme, que Davey apertou.

— Holly Fenn. Chefe de detetives. Conhecia a sra. Weil?

— Ela nos vendeu a casa.

— E já esteve aqui antes?

— Natalie convidou-nos umas duas vezes — disse Nora, procurando incluir-se na conversa com Holly Fenn.

Ele era como um pedreiro, alguém acostumado a caminhar em terreno turfoso com passo forte, tão irlandês quanto Matt Curlew. Bastava um olhar para o sujeito e logo se via que era real. Ele nivelou seu complicado olhar ao dela. Nora pigarreou.

— Cinco vezes — disse Davey. — Talvez seis. Já encontraram o corpo dela?

A *característica* de Davey, algo que fizera Nora pensar duas ou três vezes no homem com quem pretendia casar-se, era o costume dele exagerar a verdade. Davey não mentia, no sentido comum da palavra, não procurava tirar vantagem disso, mas como eventualmente ela percebia, seu marido agia assim com uma finalidade estética, procurando melhorar a realidade.

Davey continuava assentindo, como se examinasse detalhadamente as visitas mencionadas e depois as somasse. Quando Nora fez a soma para si mesma, o resultado foi três vezes. Uma vez para drinques, uma semana depois de terem começado a

examinar casas; a segunda para jantar, e a terceira quando haviam passado em casa dela, a fim de apanharem as chaves da casa na Crooked Mile Road.

— Afinal, quantas vezes foram? — perguntou Fenn. — Duas vezes ou seis?

— Seis — afirmou Davey. — Não se lembra, Nora?

Nora perguntou-se se Davey chegara a visitar Natalie Weil sozinho, mas depois expulsou o pensamento.

— Oh, claro — respondeu.

— Quando foi a última vez que esteve aqui, sr. Chancel?

— Há cerca de duas semanas. Comemos comida mexicana e vimos luta-livre na televisão — certo, Nora?

— Hum-hum.

A fim de não olhar para o detetive, ela virou a cabeça na direção da casa e percebeu que, afinal de contas, não se tinha enganado. O policial uniformizado que vira antes estava na janela do quarto, espiando para fora.

— Eram amigos da sra. Weil?

— Poderia se dizer que sim.

— Ela parecia não ter muitos amigos.

— Penso que gostava de ficar sozinha.

— Sem querer ofender, mas ela não ficou sozinha o suficiente.

— Fenn enfiou as mãos nos bolsos e recuou um pouco, como se precisasse de distância para vê-los melhor. — A sra. Weil mantinha bons registros de como andava seu trabalho, anotava todos os seus compromissos, mas não temos tido muita sorte no tocante à sua vida pessoal. Talvez os dois pudessem ajudar-nos.

— Claro, para qualquer coisa — disse Davey.

— De que maneira? — perguntou Nora.

— O que há no pote?

Nora baixou os olhos para o pote que já esquecera estar carregando.

— Oh! — ela riu. — Maionese. Foi um presente.

Davey fitou-a com irritação.

— Posso cheirar?

Surpresa, Nora desatarraxou a tampa e estendeu o pote. Fenn inclinou-se para frente, tirou as mãos dos bolsos, colocou-as em volta do pote e cheirou.

— Sim, a legítima. Uma coisa de preparo difícil, a maionese. Está sempre querendo desandar. Para quem é?

— Para nós — respondeu ela.

As mãos dele soltaram o pote.

— Eu gostaria de saber se chegaram a encontrar quaisquer outros amigos da sra. Weil aqui.

Ele ainda olhava para Nora, e ela abanou a cabeça. Após um segundo em que se sentiu tentada a também cheirar a maionese, ela tornou a atarraxar a tampa no pote.

— Não, nunca — disse Davey.

— Conheciam algum namorado? Alguém com quem ela saísse?

— Nada sabemos sobre isso — respondeu Davey.

— E a senhora? Às vezes as mulheres contam para uma amiga coisas que não diriam ao marido.

— Ela costumava falar no ex-marido. Norm. Entretanto, ele não parecia o tipo de homem que...

— O sr. Weil estava com a nova esposa na sua casa de praia em Malibu quando sua amiga foi morta. Atualmente ele é produtor de filmes. Não acreditamos que tivesse algo a ver com essa coisa.

Um produtor de filmes em uma casa de praia em Malibu parecia nada ter em comum com o homem que Natalie descrevia. Aliás, as maneiras de Holly Fenn tampouco se assemelhavam ao que Nora imaginava ser o procedimento comum de um policial.

— Suponho que não faça idéia do que pode ter acontecido à sua amiga — disse ele, ainda olhando para Nora.

— Nora não acredita que ela esteja morta — disse Davey, arrancando do ar mais uma preciosidade.

Nora olhou para o marido, que não retribuiu o olhar.

— Bem, eu não tenho nenhuma certeza, é lógico. Entretanto, alguém entrou na casa, correto? — disse ela.

— Quanto a isso, não há dúvidas. Ela provavelmente conhecia o indivíduo. — Fenn virou-se para a casa. — Este sistema de segurança é bastante novo. Repararam nele da última vez que estiveram aqui?

— Não — respondeu Davey.

Nora baixou os olhos para o pote em suas mãos. O que ele continha assemelhava-se a algum nauseabundo fluido corporal.

— Seria difícil não ter visto essa placa.

— Também acho — disse Davey.

— O sistema foi instalado há pouco mais de dois meses.

Nora ergueu os olhos do pote, e viu que o detetive a observava. Então, espiou para a casa e ouviu-se dizendo:

— Foi mesmo há duas semanas que estivemos aqui, Davey?

— Talvez um pouco mais do que isso.

Fenn desviou os olhos, e Nora esperou que ele os liberasse. O detetive devia saber que não lhe haviam dito a verdade.

— Acha que poderia entrar na casa? Em geral não costumamos fazer isso, mas desta vez aceito toda a ajuda que puder.

— Não há problema — disse Davey.

Fenn recuou e estendeu um braço na direção da porta da frente.

— Basta mergulhar por baixo da fita.

Davey inclinou-se para diante. Fenn sorriu para Nora, e os olhos dele se franziram. Parecia um cortês xerife da fronteira, vestindo um terno moderno — como Wyatt Earp. Até mesmo soava como Wyatt Earp.

— De onde é o senhor, chefe Fenn? — perguntou ela.

— Fui garoto em Bridgeport — respondeu ele. — Chame-me de Holly, como todo mundo. Se não quiser entrar na casa, pode ficar aqui. Lá dentro há sangue demais.

Nora tentou parecer o mais decidida possível, enquanto segurava um pote cheio de maionese.

— Fui enfermeira no Vietnã. Provavelmente já vi mais sangue do que o senhor.

— E salvou crianças em perigo — disse ele.

— Foi mais ou menos o que estive fazendo no Vietnã — respondeu ela, enrubescendo.

Ele tornou a sorrir e ergueu a fita, enquanto Davey olhava para os dois de cenho franzido, ao lado de um maciço de vigas hidrâneas.

14

SEUDO UM DAQUELES homens que se expandiam, quando observados bem de perto, Holly Fenn quase preencheu todo o espaço do poço da escada. Seus ombros, os braços e inclusive a cabeça pareciam ter o dobro do tamanho normal. Havia energia distendendo o paletó de seu terno e enrolando os cabelos castanho-escuros atrás da cabeça. O ar dentro da casa de Natalie cheirava a poeira, flores mortas, pratos por lavar, a respiração e corpos de muitos homens, contra o fedor de cigarros jogados em cestas de papéis usados. Davey deixou escapar um resmungo aborrecido.

— Este lugar fede — disse Fenn.

Um pôster de uma aldeia de casas brancas em um porto pendia da parede, combinando com o que eles tinham ao lado das estantes com livros da Casa Chancel. Na sala de estar, três homens viraram-se para eles. O policial uniformizado que Nora confundira com Holly Fenn entrou no vestíbulo. Os outros dois usavam idênticos ternos cinza, camisas brancas abotoadas de alto a baixo e gravatas escuras. Tinham fisionomias estreitas, arrogantes, e estavam de pé lado a lado, como peões de xadrez. Nora captou o odor fraco e corrupto de sangue velho.

Davey subiu o último degrau. Anormalmente vividos à luz mortíca, seus olhos escuros, assim como as sobrancelhas definidas e também escuras, faziam seu rosto parecer branco e amorfo.

Fenn apresentou-os ao agente Michael LeDonne, depois ao sr. Hashim e ao sr. Shull, todos do FBI. Na realidade, Hashim e Shull

pareciam-se bem pouco um com o outro. O sr. Hashim era mais novo, mais corpulento, assemelhando-se mais a um dos lutadores de Natalie do que o sr. Shull, que era mais alto e mais claro do que seu parceiro. A postura e expressões dos dois é que criavam um efeito de semelhança, juntamente com seu partilhado ar de autoridade de outro mundo.

— O sr. e a sra. Chancel eram amigos da falecida, e perguntei se quereriam dar uma espiada por aqui, a fim de que talvez percebam algo que possa nos ajudar.

— Uma espiada por aqui — disse o sr. Shull.

— Uma espiada por aqui — repetiu o sr. Hashim, inclinando-se para examinar as biqueiras altamente polidas de seus sapatos. — Certo.

— Fico satisfeito por estarmos de acordo. Mike, talvez você pudesse segurar esse pote para a sra. Chancel.

O agente LeDonne pegou o pote e o manteve perto do rosto.

— Estas pessoas estiveram aqui recentemente? — perguntou o sr. Shull, também olhando para o pote.

— Sim, faz bem pouco tempo — respondeu Fenn. — Dêem uma boa espiada em torno, amigos, mas procurem não tocar em nada.

— Ajam como se estivessem em um museu — disse o sr. Shull.

— Exatamente — concordou o sr. Hashim.

Nora passou junto deles e entrou na sala de estar. As observações do sr. Shull e do sr. Hashim davam-lhe a sensação de estar tocando tudo que se achava à vista. Cinzas de cigarro riscavam o carpete castanho-amarelado, e o estofamento cor de trigo do sofá exibia um buraco de queimado. Revistas e uma pilha de jornais

cobriam a mesinha de centro. Duas brochuras de Dean Koontz tinham sido alinhadas sobre a platibanda de tijolos acima da lareira. Das paredes pendiam cata-ventos de ferro e pedaços de madeira que o mar lançava à praia, os quais Natalie não só colecionava como recolhia. Os homens do FBI seguiram Nora com olhos inexpressivos. Ela encarou o sr. Shull. Ele pestanejou. Sem alterar a expressão, Nora deu meia-volta e entrou no quarto. Imediatamente o aposento pareceu carregado com a presença de Natalie Weil e absolutamente vazio dela. O sr. Shull e o sr. Hashim tinham razão: eles estavam em um museu.

— Natalie deu algum telefonema naquela noite? — perguntou Davey.

— Nenhum — respondeu Fenn.

Enquanto passava para a cozinha, ocorreu a Nora que, decididamente, não sentia o menor desejo de ver aquela casa. No entanto, ali estava ela, na cozinha de Natalie. Davey vagueou distraidamente ao longo dos armários, sacudiu a cabeça diante da pia e fez uma pausa à frente das fotografias espetadas em um painel de cortiça, perto da geladeira. Por causa de Natalie, Nora forçou-se a olhar para o que a rodeava e reconheceu, quase imediatamente, que pouco importando qual fosse ou não o seu desejo, acontecera uma mudança. Na sala de estar, uma venda desconfortável fora ancorada sobre seus olhos.

Agora, arrancada a venda, os traços das decisões e preferências de Natalie surgiam por onde quer que olhasse. Balcões de madeira tinham sido feridos onde ela havia cortado fatias do pão de massa levedada que gostava de torrar para o *breakfast*; espremidos no depósito de lixo, juntamente com maços amassados

de cigarros, viam-se envoltórios plásticos do Waldbaum's. Potes meio vazios de geléia coroavam a torradeira. Copos embaçados e com leve cheiro de cerveja enfileiravam-se ao lado da pia, cheia de pratos com geléia seca aderida, migalhas de torradas e fragmentos de carne moída. Uma sacola de uvas apodrecendo jazia em cima do balcão, ao lado de três garrafas de vinho postas em pé. O que quer que Norman Weil e sua nova esposa estivessem bebendo no *deck* de sua casa de praia em Malibu, provavelmente não seria *Firehouse Golden Mountain Jug Red*, de quase 10 dólares o litro.

Depósitos azuis para artigos recicláveis continham vasilhames vazios de vinho e Corona, além de uma garrafa também vazia de Stolichnaya Cristall. Maços de jornais de Nova York e Westerholm jaziam atados com barbante em outro depósito azul, juntamente com montes de *Time*, *Newsweek*, *Fangoria* e *Wrestlemania*.

— Eu gostaria que meus homens observassem cenas de crimes da maneira como a senhora faz.

Sobressaltada, Nora endireitou o corpo e viu que Holly Fenn recostava-se à porta aberta que dava para o corredor.

— Reparou em alguma coisa?

— Ela fez um *breakfast* de torradas e geléia. Natalie era um pouco desleixada. Não gastava muito em alimentação e gostava de comer coisas baratas. Vendo-a, ninguém diria isso.

— Mais alguma coisa?

Nora rememorou mentalmente o que tinha visto.

— Ela apreciava filmes de terror, o que me deixa surpresa, porém eu não saberia dizer por que motivo.

Fenn endereçou-lhe um sorriso torcido.

— Espere até a senhora ver o quarto. — Nora calou-se, achando que ele ia dizer algo sobre vítimas de assassinato e filmes de terror, porém Fenn não disse nada. — O que mais?

— Ela bebia vinho barato, porém de vez em quando fazia uma extravagância com vodca de alto preço. Tudo que nós a vimos beber foi cerveja.

Fenn assentiu.

— Continue observando.

Nora caminhou até a geladeira e viu meia dúzia de ímãs presos à porta, os quais recordava de dois anos atrás. Um astuto Drácula e um monstro Frankenstein de braços abertos exibiam-se na porta do *freezer*; uma banana semidescascada, um *hippie* com óculos da vovó e calças boca-de-sino arrastando-se sobre um cigarro de maconha pela metade, uma alongada colher cheia de pó branco e uma miniatura de Hulk Hogan decoravam a porta maior do refrigerador.

Holly Fenn a observava com olhos vivos, da porta do corredor.

— Tudo isso está aqui há anos — disse ela.

— Muito diferente — disse Fenn. — Segundo seu marido, a senhora não acha que a sra. Weil esteja morta.

— Espero que ela não esteja.

Nora moveu-se impacientemente para o painel de cortiça cheio de fotografias. Ainda sentia o sangue queimando-lhe o rosto e desejou que o detetive a deixasse em paz.

— Chegou a pensar que Natalie estaria envolvida com drogas?

— Oh, mas é claro! — exclamou Nora, virando-se para ele. — Eu e Davey costumávamos vir aqui e cheirar coca o tempo todo. Depois disso fumávamos um pouco de erva, enquanto nos

divertíamos assistindo aos programas de nossos lutadores favoritos. Sabíamos que podíamos agir assim, porque a polícia de Westerholm nem mesmo consegue pegar os garotos que depredam nossas caixas de correspondência.

Fenn estava recuando, antes de Nora perceber que havia dado dois passos na direção dele. O detetive ergueu as mãos, com as palmas para cima. Pareciam luvas de beisebol.

— Está tendo problemas com sua caixa de correspondência?

Ela girou sobre os calcanhares, afastou-se e ficou diante das fotografias. O rosto de Natalie Weil, às vezes sozinho, em outras não, sorria para ela. Natalie havia feito experiências com os cabelos, deixando-os crescer até os ombros, cortando-os, fazendo faixas e pintando-os de louro brilhante. Uma Natalie de cabelos mais compridos sorria de uma cadeira de convés, debruçada na amurada de um navio de recreio, no centro de um grupo de sorridentes ex-professoras e vendedoras de cabelos brancos, de shorts e camisetas.

Viciada em drogas, pensou Nora. Moveu-se para uma série de fotos enfileiradas de Natalie em um traje de banho cor de pêssego, algumas das fotos separadas por grandes espaços vazios, na parte inferior do painel de cortiça. Havia sido tiradas no quarto principal, e Natalie estava encarapitada na cama, com as mãos atrás das costas. Desconfortavelmente cônica de que Holly Fenn observava da porta do corredor, ela viu o que Natalie estava usando. O traje de banho era uma daquelas peças íntimas que as mulheres jamais compram para si mesmas e só podem ser usadas no quarto de dormir. Nora nem mesmo sabia como se chamavam.

Aquela peça comprimia os seios de Natalie, apertava-lhe a cintura e deixava seus quadris em evidência. Uma profusão de

correias e botões a faziam parecer o presente de Natal de um devasso. Nora olhou mais de perto para o brilho de um bracelete atrás das costas de Natalie, e viu a curva acerada e indiscutível de algemas.

Contendo o espanto, ela aproximou-se de Fenn.

— Provavelmente isto parece terrivelmente degenerado para a senhora — disse ele.

— E o que parece para o senhor?

— Brincadeiras e jogos inofensivos.

Fenn moveu-se para um lado, e Nora entrou no corredor.

— Inofensivos?

Nora virou-se para ir ao quarto, refletindo que afinal de contas os Chancels talvez tivessem sua razão, ao acharem que segredos deveriam permanecer secretos. O assassinato deixava a vítima despida, exposta a impiedoso julgamento. O que ela imaginava partilhar com uma outra pessoa era... Nora parou subitamente de andar.

— Pensou em alguma coisa?

Ela deu meia-volta.

— Foi um homem que bateu aquelas fotos.

— Seria uma pena, se fosse a irmã que as tivesse batido.

— Entretanto, não há nenhuma foto dele.

— Exato.

— O senhor acha que havia alguma?

— Está querendo saber se acho que a certa altura ele estava na cama e ela segurando a câmera? Creio que deve ter acontecido algo assim. Eu tiro a sua foto, agora você tira a minha. O que terá sido feito dos retratos do homem?

— Oh! — exclamou ela, recordando os grandes espaços vazios naquele setor do painel.

— Ah... Gosto desses pequenos momentos de esclarecimento.

Aquele pequeno momento de esclarecimento a deixou nauseada.

— Estou um tanto curioso em ouvir o que a senhora sabia sobre os namorados dela.

— Eu desejaria ter sabido alguma coisa.

— Imagino que não tenha reparado nas fotos, quando estive aqui pela última vez.

— Eu não entrei na cozinha.

— E nas vezes anteriores?

— Não me lembro se cheguei a ir à cozinha. Se fui, certamente não vi aquelas fotos.

— Bem, está na hora de fazer-lhe uma pergunta — disse Fenn.

— A senhora e seu marido nunca se juntaram aos divertimentos de sua amiga? Se me disser que sim, não contarei para Slim e Slam, lá na sala. Nessas brincadeiras, tiraram em casa algumas fotos nas quais aparecesse a sra. Weil?

— Não. E claro que não!

— Seu marido é um homem de boa aparência. Um pouco mais novo do que a senhora, não é mesmo?

— Se quer saber — disse ela — nós dois nascemos no mesmo dia. Apenas em décadas diferentes.

O detetive sorriu.

— A senhora provavelmente sabe onde fica o quarto.

15

PELA PORTA ABERTA, Nora avistou um arco de pontos marrons, elevando-se e espalhando-se por uma parede marfim. Abaixo desse arco, o canto visível da cama dava a impressão de que uma tinta cor de ferrugem havia sido despejada nos lençóis. Fenn falou, atrás dela:

— A senhora não precisa entrar, se achar que não pode. Entretanto, talvez queira reconsiderar a idéia de que ela não está morta.

— O sangue pode não ser dela — respondeu, irritada com Davey por fazê-la dizer semelhante coisa.

— Mesmo?

Ela quase que se obrigou a entrar no quarto. Sangue seco cruzava a cama, enquanto mais listras e manchas também de sangue sujavam o tapete ao lado. Os lençóis e fronhas haviam sido retalhados. Pedacos rígidos de algodão dobravam-se contra chumaços de espuma de borracha endurecida, como entranhas de pequenos animais. Tudo aquilo parecia sórdido e triste. A tristeza não constituía surpresa, porém o senso de desolação oprimia-lhe o coração.

Encolhido no canto oposto, ao lado do agente LeDonne, Davey ergueu os olhos para ela e meneou a cabeça. Nora virou-se para Fenn, que ergueu as sobrancelhas.

— O senhor encontrou uma máquina fotográfica? Natalie tinha uma câmera?

— Não encontramos nenhuma, porém Slim e Slam dizem que todas aquelas fotos foram tiradas com a mesma câmera. Uma daquelas pequeninas e automáticas.

— Como assim?

— Tipo “aperte aqui, cara”. Uma máquina de focalização automática. Como uma pequena Olympus ou Canon. Com dispositivo de *zoom*.

Em outras palavras, a câmera de Natalie era exatamente como a deles, para não se falar na maioria das outras câmeras em Westerholm. O quarto estava abafado, quente, desesperador. Um lunático que gostava de vestir mulheres para brincadeiras sexuais, finalmente levava as próprias fantasias a uma conclusão lógica e usara a cama de Natalie Weil como mesa de cirurgia. Nora perguntou-se se ele estivera vendo todas as cinco mulheres ao mesmo tempo.

Ficou feliz por não ser uma policial. Havia pontos demais para raciocinar e metade do que se precisa raciocinar não faz qualquer sentido. Entretanto, a pior parte de estar ali, era estar *ali*.

Precisava dizer alguma coisa, mas o que lhe saiu da boca foi:

— Nas outras casas havia fotos daquele tipo? Como as que estão na cozinha?

Nora mal ouviu a resposta negativa do detetive, como também mal ouvira sua própria pergunta. Sem saber como, caminhou por cima de vários metros de carpete castanho e sem manchas, para postar-se diante de quatro compridas estantes de livros. A meio metro dali, Davey dirigiu-lhe um olhar de animal enjaulado. Nora procurou a segurança dos títulos dos livros, porém não encontrou segurança alguma. Na sala de estar, Fenn havia dito algo sobre a

predileção de Natalie por romances de terror, e ali estava a prova, em ordem alfabética, pelo nome do autor. Os livros tinham títulos como *Os Ratos*, *Encruzilhada dos Vampiros* e *A Caveira de Prata*. Ali estavam *Os Sedentos*, *A Casa Infernal*, *Os Livros de Sangue* e *Os Cérebros dos Ratos*. Natalie possuía romances de Dean Koontz que Nora jamais soubera existirem. Além disso, tinha vários livros de Stephen King, de *Carrie* a *Dolores Claiborne*, todos os de Anne Rice, de Clive Barker e de Whitley Strieber.

Nora moveu-se ao longo das estantes, como que em transe. Aqui estava uma Natalie Weil que se entretinha com histórias de vampiros, mutilações, monstros com tentáculos e mau hálito, canibalismo, assassinos psicóticos, morte degradante a torto e a direito. Ela desejava medo, porém um medo rastejante e seguro. Ela havia sido como um viciado em montanhas-russas, para quem domar montanhas-russas nas feiras do condado era tão bom como domar os aparelhos que giram, deixando as pessoas de cabeça para baixo e fazendo-as cair tão depressa, que seus olhos ficam vermelhos. Tudo não passava de um eletrizante divertimento.

No fim da estante inferior, seus olhos encontraram os nomes de Marletta Teatime e Clyde Morning, acima de um corvo de ar noturno, o familiar logotipo dos Blackbird Books, a pequena série de terror da Casa Chancel, a ser brevemente interrompida. Alden esperara firmes e automáticos lucros destes escritores, porém eles lhe tinham falhado. Com suas berrantes capas de mau gosto mostrando cabeças decepadas e bonecas mutiladas, os livros tinham sido devolvidos pelos distribuidores, poucos dias após serem apresentados ao público. Davey se mostrara a favor de manterem a série, o que significava ganharem uma pequena soma de dinheiro a

cada estação, em parte porque Teatime e Morning nunca chegavam a mais de dois mil dólares por livro. (Às vezes, Davey sugeria frivolamente que, na realidade, eles eram a mesma pessoa.) Alden rechaçara o argumento de Davey quanto a ter condenado os livros por haver se recusado a promovê-los ou dar-lhes publicidade; a beleza do terror era que o próprio terror se vendia por si mesmo. Davey achava que seu pai tratara os livros como filhos órfãos, tendo Alden replicado, claro, porque, como filhos órfãos, eles tinham que empurrar o próprio peso.

— Sra. Chancel? — chamou Holly Fenn.

Outro título gritou para ela, da estante de baixo. *Jornada na Noite* sobressaía em um apressado e torto ângulo entre duas enciclopédias de Stephen King, como se Natalie tivesse enfiado o livro ali de qualquer maneira, antes de correr para a porta.

— Sr. Chancel?

Ela procurou mais letras D, porém Natalie não possuía outros romances da autoria de Driver.

— Lamento não poder ser de mais ajuda — dizia Davey, sua voz soando como se viesse do fundo de um poço.

— Valeu a pena tentar.

Fenn afastou-se da porta. Davey lançou a Nora outro olhar angustiado e caminhou para a porta. Ela o seguiu, e LeDonne veio logo atrás. Os quatro moveram-se em fila única para a sala de estar, onde Slim e Slam, os rostos virados para frente, perdiam automaticamente quaisquer sinais de individualidade.

— Com sua licença, mas tenho de voltar lá — disse Davey.

Fenn achatou sua corpulência contra a parede, a fim de deixá-lo passar. Nora e os dois policiais viram-no descer o corredor e entrar

no quarto de dormir. LeDonne interrogou Fenn com um olhar, e este balançou a cabeça. Após uns dois segundos, Davey surgiu, mais angustiado do que nunca.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou Fenn.

— Pensei ter visto algo, e nem mesmo sei dizer o que seria. No entanto... — Davey abriu as mãos, sacudindo a cabeça.

— Isso acontece — disse Fenn. — Se tornar a lembrar-se, não se acanhe em ligar para mim.

Quando eles deram meia-volta, prontos para descer a escada, os dois homens do FBI afastaram-se um do outro e desviaram o olhar.

16

— O QUE VOCÊ pensava ter visto?

— Nada.

— Você voltou ao quarto. Claro que tinha alguma coisa em mente. O que era?

— Nada. — Ele a fitou de lado, tão abalado, que estava pálido.

— Foi uma idéia tola. Eu devia simplesmente ter ido para casa.

— Por que não foi?

— Eu queria ver aquela casa. — Davey fez uma pausa. — Queria também que você a visse.

— Por quê?

Ele esperou um segundo antes de responder.

— Pensei que, se olhasse para ela, talvez parasse de ter pesadelos.

— Uma idéia bastante estranha — replicou Nora.

— Certo, era uma idéia idiota. — A voz dele alterou-se. — Foi a pior idéia em toda a história do mundo. Na realidade, cada idéia isolada que já tive na vida foi francamente terrível. Estamos de acordo agora? Ótimo. Então podemos esquecer o assunto.

— Davey.

— *O que é?*

— Lembra-se de quando perguntei a você se estava contrariado?

— Não. — Ele hesitou, tornou a suspirar, e seu olhar sugeriu a chegada de uma confissão. — Por que deveria estar contrariado?

Nora contraiu-se.

— Você deve ter ficado surpreso com o que seu pai falou sobre Hugo Driver.

Davey olhou para ela, como se tentasse recordar as palavras de Alden.

— Papai disse que ele era um grande escritor.

— Você disse que ele era um grande escritor. — Após um segundo de silêncio, ela acrescentou: — Estou querendo referir-me à atitude dele.

— Sim — disse Davey. — Você tem razão. Aquilo foi uma surpresa. Foi como se ele me tivesse dado um choque.

Para Nora, os poucos segundos seguintes encheram-se de esperançosa tensão.

— Eu tinha algo em mente, creio que estava nervoso... Não quero brigar, Nora.

— Então, não está mais zangado comigo.

— Eu não estava zangado com você. Apenas sinto-me confuso.

Duas horas na companhia dos pais o tinham transformado novamente no Pequeno Pippin. Se ele precisava de um Cavaleiro Verde, ela estava ali como voluntária para o ato. Tinha pedido um emprego, e ali estava um, sentado ao seu lado. Poderia ajudar Davey a tornar-se o próprio eu-adulto vitorioso. Ela o ajudaria a conquistar a posição merecida na Casa Chancel. Seus outros planos — firmar a amizade com Daisy e mudar-se para Nova York — eram apenas elementos desta maior e mais real ocupação. *Comece,* ordenou a si mesma. *Agora.*

— Davey — perguntou — o que você gostaria de estar fazendo na Casa Chancel?

De novo, ele pareceu forçar-se a pensar.

— Trabalho editorial.

— Então, é o que devia estar fazendo.

— Bem, sim, mas sabe como é, papai...

Davey fitou-a com expressão resignada.

— Você não é como aquele sujeito repugnante que leva senhoras de idade para almoçar; você não é Dick Dart. Que trabalho o atrai mais?

Ele mordeu o interior da bochecha antes de decidir-se a declarar o que ela já suspeitava.

— O que mais me atrai seria editar os Blackbird Books. Acredito que poderia tornar a série Blackbird em algo bom, mas papai está cancelando a coleção.

— Não, se você fizer com que ele a mantenha.

— Como eu poderia fazer isso?

— Não sei ao certo, mas não há dúvida de que teria de aproximar-se dele com um plano. — Ela refletiu por um instante. — Consiga todos os números sobre os Blackbird Books. Mostre projeções a ele, forneça-lhe gráficos. Faça uma relação de escritores que desejaria contratar. Mande imprimir uma apresentação. Diga-lhe que fará isso, além de sua outra atividade na firma.

Davey virou a cabeça para ela, boquiaberto.

— Eu ajudarei. Juntos, idealizaremos algo que ele não será capaz de rejeitar.

Ele tornou a fitá-la, depois encheu os pulmões de ar.

— Muito bem, tudo certo. Vamos experimentar.

— Blackbird Books, aqui vamos nós! — exclamou ela.

Então recordou como vira a fileira de títulos de Clyde Morning e Marletta Teatime, no quarto de Natalie. Ao contrário dos outros livros dela, estes não haviam sido colocados em ordem alfabética, mas separados, no fim da estante de baixo.

— Se quer saber, isto poderia funcionar — disse Davey.

Nora perguntou-se se a colocação dos livros juntos significaria serem muito melhores ou bem piores do que outros romances de horror. Talvez o crucial a respeito delas fosse o fato de haverem sido editadas pela Casa Chancel-Blackbird.

— Certa vez, estive pensando que poderíamos publicar uma série de clássicos, livros de domínio público.

— Boa idéia — concordou Nora.

Retornando aos seus pensamentos, ela decidiu que os Blackbird Books na estante de Natalie pareciam uniformemente novos e sem marcas, como se tivessem sido comprados na mesma hora e jamais lidos.

— Se pudermos elaborar uma apresentação séria, ele terá de prestar atenção.

— Davey... — Nora sentiu-se inundar por um senso de esperança e expectativa, e a pergunta escapou-lhe, antes que pudesse contê-la: — Nunca pensou em mudar-se de Westerholm?

Ele ergueu o queixo.

— Para ser franco, todos os dias penso em ir embora deste buraco. Entretanto, compreenda, sei o quanto morar aqui significa para você.

A gargalhada dela o deixou atônito.

LIVRO II

A CAUDA DE PADDY

A PRIMEIRA COISA QUE PIPPIN VIU FOI A PONTA DE UMA PEQUENA CAUDA, NÃO MAIS GROSSA DO QUE QUATRO FIOS DE CRINA DE CAVALO AMARRADOS JUNTOS, MAS QUANDO PROCUROU O RESTO DO ANIMAL, SEGUIU A CAUDA EM TRONO DAS ROCHAS, ATRAVÉS DE UM EMARANHADO DE PLANTAS ALTAS, EM GRANDES CÍRCULOS, SUBINDO E DESCENDO ENORMES CURVAS SOBRE A RELVA E, AO ALCANÇAR FINALMENTE A PONTA DA COMPRIDA, LONGUÍSSIMA CAUDA, ENCONTROU-A PRESA A UM MINÚSCULO CAMUNDONGO. O CAMUNDONGO PARECIA MORTO.

17

EMBORA DAVEY PARECESSE soturno e distraído, os cinco dias seguintes foram quase tão felizes quanto Nora era capaz de recordar. Um outro período — várias semanas no Vietnã, lembradas como as mais felizes de sua vida — tinha acontecido numa época em que estava ocupada demais para pensar em outra coisa a não ser o trabalho. Recordando essa época distante, ela havia dito para si mesma que, *realmente, felicidade era aquilo.*

Seu primeiro mês no Hospital de Evacuação chocara-a de tal maneira que, quando chegara ao fim, ela não sabia mais ao certo do que precisaria para mantê-la atuante. Maconha, tudo bem. Álcool, sem dúvida. Embrutecimento emocional, melhor ainda. Com uma proporção de vinte a trinta casos cirúrgicos diários, ela aprendera sobre desbridamento e irrigação — remover pele morta e limpar o ferimento contra infecção — vermes na cavidade torácica, amputações, fragilidade do ser humano e pseudomonas. Nora odiava particularmente o pseudomonas, infecção bacteriana que cobria de limo verde os pacientes queimados. Durante aquele mês, ela deixara de lado a maioria do que lhe tinham ensinado na escola de enfermagem e aprendera a auxiliar em operações de alta velocidade, a pinçar vasos sangüíneos e a cortar onde o neurocirurgião lhe dizia para cortar. À noite, suas botas deixavam rastros de sangue através do piso. Ela estava em uma usina de carne, não em um hospital. A velha e idealista Nora Curlew vinha sendo descascada sem a menor cerimônia, como que despindo uma camada de roupas grandes

demais para seu corpo, e o que ela via da nova mulher era um autômato sem alma.

Então, ocorreu um milagre temporário. Enquanto muitos pacientes morriam durante ou após as operações, os feridos continuavam a gritar de seus catres; Nora estava sempre exausta, mas não *demasiado* exausta, e os pacientes eram separados em indivíduos. Para estas pessoas ela fazia coisas rápidas, precisas e necessárias, que muitas vezes lhes permitiam viver. Havia momentos em que embalava a cabeça de um jovem moribundo, e sentia que partículas de seu próprio ser transmitiam-se para ele, infundindo serenidade e calma. Nora adquirira uma concentração focalizada, além do caos à sua volta, e cada operação transformava-se em um drama no qual ela e o cirurgião desempenhavam atos necessários e inventivos, que baniam ou pelo menos controlavam a desordem. Alguns desses atos eram elegantes; por vezes, todo o drama assumia uma rigorosa e dilacerante elegância. Ela aprendera as diferenças entre os cirurgiões, alguns deles zagueiros, outros concertistas de piano, e apreciava os cumprimentos que lhe faziam. À noite, alerta demais pela exaustão para conseguir dormir, fumava erva Montagnard com os outros e os acompanhava no que estivessem fazendo nesse dia — jogando cartas, voleibol ou trocando insultos.

No final da quinta semana dela no Vietnã, um neurocirurgião chamado Chris Cross foi transferido e um novo cirurgião, Daniel Harwich, assumiu o lugar dele. Cross, um jovial e louro mesomórfico, conhecedor de milhares de piadas terríveis e com um insondável apetite por cerveja, havia sido um cirurgião zagueiro, porém um grande zagueiro. Trabalhava atleticamente, com lances de

admirável graça, levando Nora a decidir que, em todos os sentidos, provavelmente jamais veria um melhor cirurgião. Toda a unidade lamentou a partida dele e, quando seu substituto revelou-se um fenômeno circense, de cabelos semelhantes a fios de ataduras e óculos tipo fundo de garrafa, sem quaisquer traços visíveis de humor, todos formaram fileiras em torno da lembrança do capitão Cross e congelaram polidamente o intruso. Uma teimosa enfermeirinha chamada Rita Glow disse que trabalharia com o palhaço — que diabo, afinal de contas tudo ali não passava de retalhar e cortar. Enquanto isso, Nora prosseguiu com seu aprendizado miraculoso sob os dois outros cirurgiões da unidade, um deles zagueiro-carniceiro, o outro um pianista que aprendera algumas tendências carniceras com Chris Cross, ao mesmo tempo percebendo que o circense Dan Harwich não somente cumpria seus dias de doze horas de trabalho como os demais do grupo, como atendia a um número maior de pacientes, com menos queixas e pouco drama.

Certo dia, Rita Glow disse que Nora tinha de ver o tal sujeito trabalhando, que ele era correto, que era um maldito *sapateador* no que fazia. Assim, na manhã seguinte, ela trocou as indicações de tarefa, a fim de deixar Nora no outro lado da mesa, diante de Harwich. Entre eles havia um jovem soldado paralisado, cujas costas pareciam carne crua. Harwich disse a ela que teria de ajudá-lo, enquanto ele retirava fragmentos de metralha das vértebras do rapaz. Harwich era zagueiro e pianista ao mesmo tempo, com mãos espantosamente rápidas e seguras. Após três horas de trabalho, ele fechou as costas do rapaz com as suturas mais rápidas e perfeitas que Nora já vira, olhou para ela e disse:

— Agora que esquentei, vamos fazer algo difícil, certo?

Dentro de três semanas ela estava dormindo com Harwich, e dentro de quatro passara a amá-lo. Então, os céus desabaram. Corpos destroçados e torturados enchiam a sala de cirurgia, e trabalharam setenta e oito horas sem parar. Ela e Harwich rastejavam para a cama cobertos pelo sangue de outros feridos, faziam amor, dormiam por um segundo, levantavam-se e cumpriam as mesmas tarefas novamente. Estavam encurralados no meio de cirurgias e no meio da noite, por vezes as duas coisas sendo uma só, e quando a claridade do período anterior infiltrava-se, detalhes individuais de soldados carbonizavam-se em sua mente. Não mais inteiramente lúcida, ela afugentava o terror e o pânico para dentro de um hermético armário interior.

Após três meses, foi estuprada por dois soldados brancos, que a agarraram quando fora lá fora, durante uma folga. Um deles atingiu-a em um lado da cabeça, jogou-a ao chão e atirou-se sobre ela. O outro ficou ajoelhado sobre seus braços. A princípio, Nora pensou que a tinham julgado uma vietcongue, mas quase imediatamente percebeu que haviam concluído ser ela realmente o que era: uma mulher viva. O estupro foi uma lufa-lufa de safanões, pancadas e fedorentas manoplas sobre sua boca; sua respiração saía a custo dos pulmões, enquanto os animais grunhiam e cavucavam em suas partes íntimas. E pelo tempo que durou aquilo, Nora foi empurrada através do fim do mundo. Isto era inteiramente literal. A coluna do mundo a trespassou de baixo para cima, e agora tinha sido esmagada até o fim da coluna, juntamente com o resto da merda. Demônios tagarelavam nas trevas.

O segundo bronco rolou para um lado, o primeiro libertou-lhe os braços, e ambos fugiram. Ela ouviu as suas pisadas e compreendeu que agora estava do outro lado, com os demônios tagarelas; então, juntou aqueles demônios em suas mãos psíquicas e os jogou para dentro de um recipiente, grande o suficiente apenas para contê-los.

Somente horas mais tarde ela contou a Harwich o que acontecera; quando baixou os olhos para o sangue que lhe encharcava as roupas, pensou que fosse seu, e desmaiou. Um taciturno Harwich aceitou sua recusa em dar parte do incidente, mas durante uma folga seguiu-a até fora da sala de operações, quando então passou para as mãos dela a pistola de um oficial morto. Esta arma Nora a manteve consigo até sua última manhã no Vietnã, ocasião em que a deixou dentro da latrina das enfermeiras. Mesmo depois que Dan Harwich foi embora do Vietnã, prometendo escrever (ele escreveu) e afirmando que teriam um futuro juntos (eles não o tiveram), ela usou sua conscientização da arma sob seu travesseiro para afugentar pesadelos do incidente, até quase pensar que o tinha esquecido. E durante anos após sair do Vietnã, foi como se de fato houvesse esquecido tudo a respeito — até alcançar uma espécie de felicidade provisória e estática em Westerholm, Connecticut. Em Westerholm, os pesadelos costumeiros e terríveis com soldados mortos e agonizantes começaram a ser suplantados por outros piores — aqueles que lhe davam a sensação de ser empurrada através do buraco no fim do mundo.

Bem mais tarde, Nora às vezes via aquele exaltado período antes da guerra abater-se sobre ela, e pensava: *A felicidade vem*

quando a gente está olhando para outra direção; ela é um subproduto, sem qualquer importância em si mesma.

18

DURANTE TODAS AS NOITES daquela semana Nora e Davey ficaram ocupados com os Blackbird Books, às voltas com números e tentando elaborar uma apresentação que convencesse Alden. Davey permaneceu carrancudo e remoto, mas parecia grato pela ajuda da esposa. Para ver como eram os Blackbird Books, ela leu *A Sepultura à Espera*, de Marletta Teatime, e *Elo de Sangue*, da autoria de Clyde Morning. Davey sondou agentes; ele e Nora fizeram listas de escritores que poderiam assinar contratos com uma revitalizada série de Blackbird Books. Descobriram que o maior atrativo da Blackbird era a sua conexão com a Casa Chancel, mas que esta fizera por aqueles livros ainda menos do que Davey imaginava.

Em 1977, seu primeiro ano, a coleção Blackbird publicara doze brochuras, originais de escritores até então desconhecidos. Por volta de 1979, metade dos dez escritores iniciais partira em busca de mais publicidade, adiantamentos maiores e melhor editoração. Naquela época, quem manejava a série era um editor-assistente chamado Merle Marvell. A secretária de Marvell, também dando assistência a dois outros editores-assistentes, copidescava o texto dos romances Blackbird a quinze dólares por livro. (Alden não desperdiçava dinheiro com um copidesque profissional.) A coleção Blackbird recusava-se teimosamente a pôr ovos de ouro e, pelas alturas de 1981, todos os seus escritores originais já tinham ido embora, deixando para trás somente Teatime e Morning, os mesmos que haviam escrito seus primeiros livros. Não mais funcionando como

editor-assistente, Merle Marvell comprou um primeiro romance que ganhou um prêmio importante, e outro que figurou na lista dos mais vendidos, depois do que ele ficou sem tempo para a Blackbird. A partir de então, os dois esteios da Blackbird enviavam seus manuscritos e recebiam seu dinheiro. Nenhum deles possuía agente. Em vez de endereços, tinham caixas postais — Teatime em Norwalk, Connecticut, e Morning no centro de Manhattan. Seus números de telefone jamais haviam sido divulgados. Os dois nunca exigiam adiantamentos mais polpudos, almoços ou publicidade. Clyde Morning tinha ganho o Prêmio Britânico de Ficção em 1938 e, em 1985, Marletta Teatime fora indicada para um Prêmio Mundial de Ficção. Eles continuaram produzindo um livro por ano até 1989, quando cada um parou de escrever.

— A Casa Chancel esteve publicando estas pessoas durante mais de dez anos, e vocês nem ao menos sabem seus números de telefone?

— A parte esquisita não é essa — disse Davey. Os dois devoravam uma pizza de salsichas e cogumelos, entregue por um gnomo de capacete espacial que, a uma inspeção mais próxima, transformara-se em uma garota de dezesseis anos, usando um capacete de motociclista. Formando pilhas de papéis, impressos e folhas arrancadas de blocos de anotações, eles haviam feito espaço na mesa para uma garrafa de Cabernet Sauvignon, Reserva Particular de Robert Mondavi, e dois copos. — A parte esquisita é o que encontrei hoje em uma estante na sala de conferências.

Como o velho Davey, ele ergueu as sobrancelhas e sorriu, provocando-a. Nora o achou com uma aparência maravilhosa. Gostava da maneira como ele comia pizza, de garfo e faca. Pegando

uma fatia, ela a mordeu, puxando compridas tiras de mozzarella, mas Davey cuidava de uma pizza como se fosse filé mignon.

— Muito bem — disse ela —, o que foi que achou na tal estante?

— Lembra-se de eu lhe ter dito que cada novo manuscrito era registrado em uma espécie de livro-razão? Agora, tudo é posto em computador. O que quer que seja entregue para apreciação é arquivado lá, ao lado do título — rejeitado e devolvido, ou aceito, com a data. Eu me perguntava se poderíamos ter rejeitado livros de Morning ou Teatime, de maneira que recuei até 89, o primeiro ano em que usamos computadores, e lá estava Clyde Morning. Ele enviara um livro para exame em junho de 89, intitulado *Espectro*, e o manuscrito nunca deixou a casa. Não foi rejeitado, mas tampouco aceito. Ele nem ao menos tinha um editor, de maneira que, em realidade, ninguém era responsável pelo manuscrito.

— O que foi feito dele?

— Boa pergunta. Desci até o departamento de produção. Claro que ninguém se lembraria mais. Em sua maioria, os textos em que eles trabalham são guardados por um ou dois anos após a publicação — não sei por que motivo, e então devolvidos ao editor, que os envia para o autor. Olhei para todos eles, porém não encontrei *Espectro*. Um assistente de produção por fim recordou que às vezes costumavam guardar coisas nas estantes da sala de conferências. É algo como o arquivo de cartas não reclamadas.

Davey estava sorrindo enquanto falava.

— Então, você foi à sala de conferências — ele assentia com a cabeça e sorria, ainda mais diabolicamente — e... e encontrou o livro?

— Direitinho lá! E não somente isso...

Nora fitou-o com surpresa.

— Você o leu?

— De qualquer modo, foi um exame apenas superficial. É algo um tanto piegas, mas creio que seja publicável. Preciso saber se continua disponível, mas suponho que terei de descobrir se Morning ainda está *vivo* — mas poderia significar um ponto de partida em nossa nova linha.

Nora gostou do *nossa*.

— Neste caso, estamos quase prontos.

— Quero ir lá na segunda-feira. — Davey não precisou ser mais específico. — Nas tardes de segunda-feira, ele ainda está em excelente estado de ânimo. — Agora era o anoitecer de sexta-feira. — Recebi um telefonema de um agente esta manhã, sondando-me sobre dois escritores que, tenho certeza, podemos conseguir sem quebrar a banca.

— Seu demônio! — exclamou Nora. — Esteve guardando isso desde que chegou em casa!

— Fiquei apenas aguardando o momento oportuno. — Ele terminou seu último pedaço de pizza. — Você quer burilar a apresentação um pouco mais ou existe outra coisa que possamos fazer?

— Algum tipo de comemoração?

— Se você estiver com vontade — disse Davey.

— Decididamente, a vontade está chegando — respondeu ela.

— Muito bem então — disse ele, fitando-a com certa vacilação.

— Vamos, garotão! — insistiu Nora. — Cuidaremos dos pratos mais tarde!

Vinte minutos mais tarde, Davey jazia com as mãos entrelaçadas sobre o estômago, fitando o teto.

— Meu bem — disse ela. — Eu não falei que doía, apenas que era desconfortável. Sinto-me seca, mas tenho certeza de ser algo apenas temporário. Marquei uma consulta com meu médico na semana que vem, a fim de falarmos sobre reposição hormonal. Encare o fato por este prisma — provavelmente não teremos mais de preocupar-nos quanto a eu ficar grávida.

— Eu tenho camisinhas. Você tem a sua... coisa. É claro que não precisamos preocupar-nos com isso.

— Estou com quarenta e nove anos, Davey. Meu corpo está mudando. Tem que haver este período de ajustamento.

— Período de ajustamento.

— Exatamente. Apenas isso. Meu médico disse que tudo estará ótimo, desde que eu me alimente corretamente e faça exercícios. Talvez tenha que começar a tomar estrogênio. Acontece o mesmo com toda mulher, e agora chegou a minha vez.

Davey virou-se para ela.

— Você esteve seca na última vez?

— Não. — Ela tentou evitar um suspiro. — Não estive.

— Então, por que não ficou lubrificada desta vez?

— Porque este foi o momento em que aconteceu.

— Oh, mas você não é uma mulher velha. — Ele rolou o corpo e quase enterrou o rosto no travesseiro. — Já sei o que estava errado. Fiquei excitado demais ou coisa assim, e você perdeu o desejo.

— Estou começando a passar pela menopausa, Davey. É claro que não perdi o desejo. Eu o amo. Sempre tivemos uma vida sexual maravilhosa.

— Não se pode ter uma vida sexual maravilhosa com alguém que acorda gemendo pela manhã e resmunga quase toda noite.

— Isso não tem...

Não seria um comentário proveitoso. Como tampouco seria proveitoso comentar que não podia ter sexo com um homem que não se aproximava da cama dela ou que de lá saía para preocupar-se com o trabalho, com Hugo Driver ou com qualquer outra coisa com que Davey se preocupasse a horas tardias da noite.

— Bem, de qualquer modo, muitas noites — disse ele, aceitando o não expresso comentário dela. — Talvez você esteja precisando de tratamento ou coisa assim. É nova demais para a menopausa. Quando chegou a vez de minha mãe, ela já estava com bastantes cabelos brancos, tinha passado dos cinquenta e seu temperamento se tornara insuportável. Ela ficou impossível, como que irascível, durante um ano inteiro.

— As pessoas reagem de maneiras diferentes. Não há motivo para receios.

— Mulheres na menopausa param de menstruar. E você teve seu período não faz muito tempo.

— Tive uma menstruação que durou mais de duas semanas. Depois levei cerca de seis sem ter nada.

— Não preciso ouvir todos os detalhes sangrentos.

— Certo, os detalhes sangrentos são meu departamento. Entretanto, tudo vai dar certo. Isto é *temporário*.

— Oh, Deus, espero que sim!

O que Davey esperava que fosse temporário? A menopausa? O envelhecimento? Nora moveu-se sobre o lençol e pôs um braço sobre o ombro dele. Davey virou o rosto para o outro lado. Ela o beijou na nuca e escorregou o braço por baixo dele. Como Davey não tentasse rejeitá-la ou empurrá-la, puxou-o para perto de seu corpo. Ele resistiu apenas por um ou dois segundos, antes de virar-se para ela e passar-lhe os braços em torno do corpo. O rosto dele estava molhado contra o dela.

— Oh, querido...

Ela recuou com a cabeça, a fim de ver as lágrimas brotando dos olhos dele. Davey enxugou o rosto, depois a abraçou com força, segurando-a bem perto do corpo.

— Isso não é bom.

— Logo se sentirá melhor — disse ela.

— Eu não sei o que *fazer*.

— Experimente falar a respeito — disse Nora, engolindo as palavras *para variar*, que quase chegara a pronunciar.

— Acho que preciso mesmo falar.

— Ótimo.

Ele agora tinha uma aparência ressentida, quase furtiva.

— Você sabe como tenho andado preocupado ultimamente, não? É por causa daquilo que aconteceu, uns dez anos antes de conhecê-la. — Ele olhou para o teto e Nora, com familiar desespero, preparou-se para uma história que tinha tanto a ver com Hugo Driver, como com o passado real de Davey. — Eu estava vivendo momentos difíceis, porque Amy Randolph finalmente havia rompido comigo.

Nora já ouvira tudo sobre Amy Randolph, uma linda e destrutiva poetisa-fotógrafa-roteirista-pintora que Davey conhecera na universidade. Ele perdera a virgindade com ela, que perdera a sua com o pai. (A menos que isso fosse outra colorida mentira.) Depois de diplomados, os dois tinham viajado pela África do Norte. Amy flertava com cada homem atraente que encontrasse e tinha acessos tirânicos quando eles correspondiam. Por fim, os dois foram deportados da Argélia e partilharam um apartamento no Village. Amy entrava e saía de hospitais, duas vezes por tentativa de suicídio. Ela fotografava cadáveres e viciados em drogas. Não se interessava por sexo. Davey comentara com Nora certa vez que, sendo Amy tão inteligente, ele não tivera coragem de deixá-la, temendo sentir falta de sua conversa. Por fim, ela o privara dessa conversa, ao ir morar com uma mulher mais velha, uma emigrada romena que editava uma publicação intelectual. Davey nunca explicara para Nora como se sentira ao perder Amy e tampouco lhe contara o que tinha feito, no período entre o rompimento e a época em que se tinham conhecido.

— Bem — disse Nora — seja lá o que for, não poderia ter sido muito mais estranho do que a vida com Amy.

— Isso é o que você pensa — replicou Davey.

19

— ACONTECEU CERCA de um mês depois da partida de Amy. Compreenda, acho que eu vivia uma espécie de felicidade com ela. Certas pessoas agiam como se pensassem que deveria incomodarme com o que ela fazia, sei lá por quê. Afinal, Amy nunca ligara para sexo, de modo que era mais como querer saber com quem ela *não tinha* sexo do que com quem tinha — e isso é ridículo. Seja como for, mais ou menos um mês depois eu repintei meu apartamento e pendurei novos pôsteres nas paredes. Em seguida, adquiri uma excelente aparelhagem de som estereofônico e um bom punhado de discos novos. Onde quer que encontrasse algo que me fizesse recordá-la, eu jogava fora. Por duas vezes, quando Amy telefonou, desliguei no ato. Porque estava tudo terminado, certo?

— Você ficou bastante aborrecido — comentou Nora.

Davey meneou a cabeça.

— Não me lembro de ter ficado aborrecido. Apenas não achava que houvesse algum motivo para falar com ela.

— Está bem.

Nora chegou até a beirada da cama e recolheu o sutiã e a blusa caídos no chão. Jogou o sutiã dentro da arca de roupas e vestiu a blusa.

— Eu não estava zangado com Amy — disse ele. — Todos viviam me dizendo que eu devia estar, mas acontece que não estava. Não se pode ficar zangado com pessoas malucas.

Nora cedeu e assentiu.

— De qualquer modo, eu me sentia em um estado de espírito curioso. Depois de refeito todo o meu apartamento, tornei a ler Hugo Driver — todos os três livros — ao chegar em casa do trabalho. Foi quando reli *Jornada na Noite*. Eu me senti como Pippin.

Em outras palavras, pensou Nora, ele se sentira como se Amy o tivesse matado.

— Eu não suportava ficar sozinho no apartamento, mas o caso é que mal tinha amigos, porque Amy, entenda, tornava isso difícil. Tampouco queria ficar com meus pais porque eles a odiavam, e *adoravam* repetir para mim o quanto eu tivera sorte. Consegui atravessar esse estranho período. Por vezes ficava a noite inteira vendo televisão. E ouvia a mesma música, vezes sem conta, durante todo o fim de semana.

— Acho que você se passou para as drogas — disse Nora.

— Bem, foi isso mesmo. Amy sempre odiara drogas, mas agora que eu estava livre... sabe como é, não? Um sujeito chamado Bang Bang, vendia a coisa na sala de correspondência, sem que papai soubesse. Assim, certo dia vi o tal sujeito saindo da sala de correspondência, durante uma folga, olhei para ele, ele olhou para mim, e eu o segui até fora da sala. Consegui um pouco de coca e um pouco de maconha. Fui levando a vida assim, durante mais ou menos um ano. No trabalho eu me mantinha com toda correção, mas quando voltava a meu apartamento, poxa, preparava um copo com gim de Bombaim *on the rocks*, duas grandes e gordas cheiradas, enrolava um baseado e tinha uma festinha particular até a hora de ir para a cama. Ou de não ir. Eu estava com trinta, trinta e um anos, não precisava de muito sono. Bastava uma ducha,

barbear-me, pingar um colírio nos olhos, dar duas cheiradas, mudar roupas limpas e sair para o trabalho.

— E um dia conheceu a escoteira — disse Nora.

— Tem certeza de que quer ouvir sobre isso?

— Por que não diz apenas, “Nora, certa vez, quando eu andava às voltas com drogas, arranjei essa namorada porcalhona e ficamos doidões juntos”?

— Porque a coisa não é tão simples assim. Você precisa compreender onde eu me encontrava mentalmente, a fim de entender o que aconteceu. Caso contrário, não faria sentido algum.

Ocorreu a Nora que qualquer coisa dita por ele, estritamente factual ou não, seria instrutiva. *Talvez* Davey tivesse sido um marginal de fim de semana!

— Isto não é apenas sobre uma garota, certo?

— Em realidade, é sobre Natalie Weil. — Ele empurrou o corpo até ficar sentado e puxou os lençóis sobre o umbigo. — Ouça, Nora, eu não lhe contei a verdade no outro dia. Este é o verdadeiro motivo de eu ter querido ir à casa de Natalie.

Ela encostou os joelhos dobrados sob o queixo, inclinou-se para frente e esperou.

20

— CERTA MANHÃ eu estava em um cubículo no banheiro dos homens e me sentia um lixo, porque ficara acordado a noite inteira. Cheirei um pouco de coca e meu nariz começou a sangrar. Tive que ficar sentado na privada, a cabeça virada para cima, segurando papel sanitário contra o nariz. Por fim o sangramento cessou, e decidi tentar viver aquele dia.

“Saí do cubículo. Um sujeitinho encaminhava-se para as pias. Agarrei algumas toalhas, enxuguei as mãos e vi o cara ajeitar o cabelo. Olhei para o rosto dele no espelho, e quase tive um ataque do coração.”

— O sujeitinho era uma garota.

— Como é que você sabe?

— Porque você quase teve um ataque do coração.

— Ela estava no departamento de arte. Tinha cabelos curtos e usava roupas masculinas. Era tudo o que eu sabia. Ignorava até seu sobrenome. O primeiro nome era Paddi.

Davey olhou para Nora, como se este detalhe fosse de enorme significado.

— Patty?

— Paddi. Com dois “ds” e um “i”. Tudo bem, meu nariz começou a sangrar novamente. Peguei outra toalha de papel e a mantive comprimida contra as narinas. Paddi estava colocando dois montes de coca em cima da pia, diante dela. “Experimente isto”, falou. Estávamos bem ali, no meio do banheiro dos homens! Inclinei

o corpo, cheirei a coisa diretamente da pia e — bingo! — logo me senti cem por cento melhor. “Viu só?” ela disse. “Sempre use um produto bom.”

“— De que planeta é você?” — perguntei.

“— Ela sorriu para mim e disse: *‘Nasci em um vilarejo, ao pé de uma grande montanha. Meu pai é ferreiro.’*

“Eu quase desmaiei. Ela estava citando *Jornada na Noite*. Então respondi: *‘Eu vagueio por longe e às vezes me perco. Meu objetivo é maior do que eu próprio — salvar crianças das trevas.’*

“E ela cantarolou: *‘Eu dominei meu próprio medo.’*

“Sorrimos um para o outro por um segundo e indiquei-lhe que saísse do banheiro masculino, antes que alguém entrasse. Ela me esperava no corredor. ‘Eu sou Paddi Mann’, disse. ‘E você é Davey Chancel, dos Chancels da famosa Casa Chancel. Quer me pagar um drinque esta noite?’

“Em geral, mulheres autoritárias me intimidam e não se espera que saíamos com mulheres do escritório, mas ela havia citado Hugo Driver! Disse-lhe que me encontrasse às seis e meia no Hannigan’s, um bar a dois quarteirões de distância. Paddi respondeu que não, que devíamos ir ao Clube Fogo do Inferno, mais abaixo na Segunda Avenida. Era um excelente lugar e podíamos encontrar-nos às sete e meia, a fim de que ela pudesse cuidar de certas coisas que devia fazer. Ótimo, respondi, e ela chegou bem à minha frente, empinou a cabeça e sussurrou: *‘A salvação dele jaz dentro de si mesmo.’*

Nora já ouvira tais palavras antes, mas não conseguia recordar onde e nem quando.

— Se quer saber, pensei que poderia aprender coisas com ela. Era como se Paddi possuísse segredos, os quais eu precisava saber.

— Sem dúvida — disse Nora. — Você precisava saber o segredo de como arranjar coca melhor do que a de Bang Bang.

Naquele dia Davey tinha ido para casa, vestido um jeans, uma suéter preta e um paletó de couro também preto, antes de palmilhar a Segunda Avenida. O Clube Fogo do Inferno ficava entre a Oitava e a Nona, no East Side. Ele chegou à esquina da Nona e Segunda somente um ou dois minutos depois das sete e meia. Desceu pelo lado leste da avenida, passou por um restaurante de refeições rápidas, um restaurante mexicano, e avistou um bar mais abaixo, naquele quarteirão. Caminhou mais depressa e passou por uma vitrine que deixava ver alguns homens acotovelados sobre um comprido e escuro balcão de bar, pousou a mão na porta e, logo abaixo da mão, viu o nome MORLEY'S.

Ele conseguira enganar-se quanto ao clube. Tornou a subir a avenida pelo lado leste, checando os nomes dos prédios, mas nada encontrou.

A poucos metros dali havia um grupo de três telefones. O primeiro tinha um fio cortado, em vez de um fone, o segundo não dava sinal de discar, e o terceiro não permitiu a entrada da moeda de Davey era sua fenda.

Aborrecido, ele afastou-se dos telefones e caminhou até a esquina, a fim de esperar a mudança de luz do sinal. Relanceando os olhos pelo quarteirão, desta vez percebeu uma estreita escada de pedra com corrimão de ferro forjado, entre o bar Morley's e uma loja de artigos de iluminação. Os degraus levavam a uma porta de madeira escura, parecendo elegante demais para aqueles arredores. Bem no centro do painel superior da porta havia uma placa de latão, pouco maior do que uma ficha de arquivo.

A luz do sinal mudou, mas, ao invés de cruzar a rua, Davey caminhou até o pé da escada e ergueu os olhos para um prédio de arenito com cinco pavimentos, encravado entre dois edifícios de apartamentos. A cada lado da porta havia duas janelas encortinadas. Os dizeres da placa não eram totalmente legíveis do fim da escada. Ele subiu dois degraus e viu que a placa dizia CLUBE FOGO DO INFERNO, tendo mais abaixo o aviso, SOMENTE MEMBROS. Davey subiu a escada e abriu a porta. Do outro lado de um diminuto vestíbulo havia outra porta, negra e lustrosa. Três ordens haviam sido pintadas sobre uma placa de madeira branca, fixada logo abaixo do nível dos olhos:

NÃO QUESTIONE.

NÃO JULGUE.

NÃO HESITE.

Davey empurrou a porta negra. Diante dele havia um corredor com um tapete floral, que continuava por um lance de escada. A sua esquerda, uma mulher idosa permanecia atrás do balcão de um vestiário, ao lado da abertura para um salão de bar fracamente iluminado. Além do bar, uma ampla poltrona de couro situava-se junto ao vaso de uma ambiciosa samambaia. Um porteiro de cabelos brancos, sentado a uma polida mesa negra, virou-se para ele com um diplomático meio sorriso. A fim de eliminar os preliminares, Davey espiou para a sala do bar e viu apenas homens de aparência próspera, de ternos e sentados ao redor de mesas ou em pé, formando grupos de três ou quatro. Notou a presença de mulheres na sala, porém nenhuma delas era Paddi. Pouco antes do homem sentado à mesa dirigir-se a ele, Davey viu — ou julgou ver — um

homem nu coberto de elaboradas tatuagens dos pulsos ao pescoço, ao lado de uma mulher também nua. Ela estava de costas, havia raspado a cabeça e empoado ou colorido inteiramente o corpo com algo muito branco e de maneira uniforme.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?

Sobressaltado, Davey olhou para o porteiro. Pigarreou.

— Obrigado. Vim aqui para encontrar uma mulher chamada Paddi Mann.

Davey tornou a olhar para o bar e teve a impressão de que as outras pessoas na sala tinham modificado suas posições, a fim de esconderem o surrealista casal.

— Senhor.

Davey olhou novamente para o porteiro.

— Aquela era a srta. Mann?

Quando Davey respondeu que era, o porteiro lhe disse para sentar-se, por favor, e o viu encaminhar-se para a poltrona de couro, que fornecia uma vista sem nada mais provocante do que as amplas portas de mogno e uma fileira de gravuras de caça, na parede à frente. O porteiro abriu uma gaveta, retirou dela um microfone de fita com pelo menos cinqüenta anos de idade, e disse:

— Visita para a srta. Mann!

As palavras reverberaram do salão do bar, dos aposentos do andar de cima e de trás das portas de mogno. Uma destas portas se abriu, e uma Paddi Mann, parecendo menos vulgar e mais sofisticada do que a funcionária do escritório, caminhou sorridente para o corredor. O terno escuro que tinha vestido parecia mais caro do que a maioria dos ternos do próprio Davey. Seus cabelos brilhantes caíam suavemente sobre a testa e as orelhas.

Ela perguntou por que ele estava trajado daquele modo.

Davey respondeu que imaginara ir encontrá-la em algum bar.

Bares eram aborrecidos. Por que ele pensava que ela o tinha convidado para o seu clube?

Davey disse que não tinha compreendido. Se ela quisesse, poderia voltar em casa e vestir um terno.

Paddi lhe disse que não se preocupasse, e sugeriu que trocassem de paletós.

Davey tirou seu paletó de couro e o estendeu. Paddi despiu o paletó de seu terno e introduziu-se no dele com tamanha facilidade, que ele mal teve tempo de reparar que ela usava suspensórios.

— Sua vez — disse Paddi.

Ele receava romper a costura dos ombros, mas o paletó acomodou-se em suas costas e ombros com apenas uma sugestão de estreiteza.

— Você tem sorte por eu gostar de paletós grandes.

Paddi abriu a porta de mogno que dava para um saguão, no qual grupos de poltronas e sofás estavam arrumados diante de uma janela. Davey viu as costas de várias cabeças masculinas, um braço branco gesticulando, jornais e revistas dispostos sobre uma comprida estante de madeira. Um garçom de gravata-borboleta preta, terno da mesma cor e com a cabeça raspada, segurava uma bandeja vazia e um bloco para pedidos.

Paddi conduziu-o para duas poltronas de biblioteca, diante de uma parede forrada de livros, à direita do aposento. Entre as poltronas via-se uma mesa redonda, sobre a qual encontrava-se um envelope do tamanho de uma pasta, com o logotipo da Casa

Chancel. O garçom materializou-se ao lado de Paddi. Ela pediu o de sempre, e Davey um martíni duplo com gelo.

Ele perguntou qual era o de sempre, e Paddi respondeu:

— Um Alto-e-Baixo: metade vinho do Porto e metade gim.

Em seguida, acrescentou que era um drinque de leigos. Enquanto ponderava esta categoria, Davey percebeu que o dono do braço nu, visto por ele de relance quando se achava no corredor, era um homem de meia-idade, sentado em uma poltrona de couro, perto do centro do aposento. Os braços da poltrona escondiam de vista a parte mediana do corpo dele, porém não havia roupas na flácida parte superior e nada cobrindo as grossas pernas brancas, cruzadas no tornozelo, diante do assento. Uma correia de couro circundava-lhe o pescoço. Da frente da correia, pendia uma corrente, uma corrente de verdade, disse Davey para Nora, como a que a gente usaria em um cão, se este pesasse cem quilos e gostasse de morder criancinhas. Essa corrente ficava pendida entre ele e o indivíduo barbado de terno completo, o qual segurava a outra extremidade. O homem usando a corrente girou a cabeça para endereçar a Davey um desafiante olhar de “você se incomoda?” Davey desviou os olhos e viu que, embora a maioria das pessoas presentes estivesse trajada de maneira convencional, um homem lendo um jornal usava calças pretas de couro, botas de motociclista e uma túnica aberta de couro preto, que revelava um intrincado padrão de cicatrizes sobre seu tórax.

Ele se perguntou por que Paddi objetara quanto à sua vestimenta, quando pelo menos uma pessoa no clube não usava qualquer espécie de roupa.

— Aqui — disse ela — as pessoas usam o que for correto para elas. Para você, o correto é um terno.

— Algumas delas devem enfrentar um bocado de problemas, quando saem do clube — comentou Davey.

— Algumas delas jamais saem do clube — replicou ela.

— Esta coisa é real? — perguntou Nora. — Ou você está inventando tudo?

— É tão real como o que aconteceu a Natalie — disse Davey.

Paddi trabalhava na Casa Chancel, porque esta havia publicado *Jornada na Noite*. Seu emprego permitia-lhe uma conexão única com o livro que amava acima de qualquer outro. E já que mencionava o assunto, ela tirou do grande envelope da Casa Chancel uma folha rija e lustrosa, que Davey identificou como o lado interno de uma sobre-capas de livro.

— Uma idéia minha — disse Paddi.

Ela virou a folha, mostrando um desenho que Davey demorou um pouco para entender; quando entendeu, perguntou-se como é que a idéia nunca lhe tinha ocorrido. Paddi havia desenhado a sobrecapa para uma erudita edição comentada *de Jornada na Noite*. (O desenho dela baseava-se na famosa edição do romance “especial para os pracinhas”, durante a guerra.) Cada um dos cem mil fanáticos por Driver na América faria questão de adquirir a obra. Os eruditos poderiam, através dela, acompanhar a progressão do livro

no decorrer de sucessivas variações e discutir o significado das modificações no texto. Era uma grande idéia.

— Entretanto, havia um problema — disse Davey a Nora. — A fim de fazer-se aquilo direito, havia necessidade do manuscrito.

— E qual era o problema com isso? — perguntou ela.

O problema, disse Paddi, era que o manuscrito parecia ter desaparecido. Hugo Driver falecera em 1950, sua esposa em 1952, e o filho único do casal, um aposentado professor de inglês em escola secundária, havia dito em uma entrevista por ocasião do vigésimo aniversário de publicação do livro que jamais vira quaisquer manuscritos das obras de seu pai. E que, se soubesse, elas nunca teriam voltado da Casa Chancel.

Davey disse que tentaria descobrir o que acontecera ao manuscrito. Lincoln Chancel provavelmente o depositara na caixa-forte de um banco, em algum lugar. Claro que não podia estar perdido. Nada de tamanha importância poderia ter sumido sem deixar vestígios — afinal de contas, tratava-se do manuscrito do primeiro livro da Casa Chancel!

— Isso seria desastroso, em vista dos rumores — disse Paddi.

— Que rumores?

— De que, na realidade, não foi Hugo Driver quem escreveu o livro — respondeu ela.

De onde surgira tal boato? Ela sabia que o autor era Driver, não sabia? Coisas assim aconteciam sempre que alguém importante

surgia no cenário — e logo um bando de velhacos tentava desmerecer tal pessoa. Davey insistiu neste ponto até perder o fôlego, quando então inspirou profundamente e declarou que, afinal, tudo aquilo fazia sentido; *Jornada na Noite* era um livro tão brilhante, que os velhacos não conseguiam suportá-lo. Coisas assim aconteciam o tempo todo. Em algum lugar, alguém estava dizendo que Zelda Fitzgerald era a verdadeira autora de *Suave É a Noite*.

— *Zelda foi a verdadeira autora de Suave É a Noite* — disse Paddi. — Desculpe. Foi apenas uma brincadeira.

Davey perguntou se ela acreditava naquele disparate.

— Não, de maneira nenhuma — respondeu Paddi. — Concordo com você. Hugo Driver devia estar em selos. Acho mesmo que seu retrato devia estar em notas de *dinheiro*. Um de meus motivos para gostar deste clube é porque parece um lugar tão Hugo Driveriano, não acha?

Davey achava que parecia.

Ele gostaria de ver algo mais do clube?

— Eu já me perguntava quando chegaríamos a esta parte — disse Nora.

21

No PATAMAR acima da escada em curva, Paddi não o guiou pelo escuro corredor, e sim fazendo-o subir outro lance de degraus. Uma versão ainda mais estreita da escada continuava para o alto, mas agora ela o levou por um corredor idêntico àquele de baixo. Davey sentia-se como se a estivesse seguindo através de uma floresta, no meio da noite.

De repente Paddi desapareceu, e Davey percebeu que ela havia deslizado através de uma porta aberta. A persiana tinha sido descida, de maneira que o aposento estava mais escuro do que o corredor. Após se despirem, Paddi o conduziu para um colchonete. Davey estirou-se em cima dela, seu corpo tão quente como um tijolo aquecido no forno, e o dela tão frio como uma pedra retirada de um rio. Abraçou-a com força, e as mãos frias dela correram por suas costas, para cima e para baixo. Quando o orgasmo dele sobreveio, Davey gritou de prazer. Os dois ficaram quietos por algum tempo; depois de conversarem e deixarem estabelecido que nenhum deles estava vendo outra pessoa, Davey pegou no sono.

Acordou uma hora mais tarde, faminto, estonteado, incerto sobre o lugar em que se encontrava. Recordou que estava deitado sobre um piso, no East Village. De repente, ficou vergonhosamente convicto de que Paddi roubara seu dinheiro. Sentou-se, e sua mão tocou um ombro de mulher nova. Baixando os olhos, compôs a forma da cabeça dela no travesseiro. Travesseiro? Não se lembrava de nenhum travesseiro. Um lençol cobria os dois.

— Precisamos comer alguma coisa — disse ele.

— Eu cuidarei disso. Não há algo mais que gostasse de fazer primeiro?

Davey espichou-se ao seu lado e tornou a sentir-se tão quente como uma estufa bojuda, ao passo que ela continuava tão fria como uma substância acabada de ser extraída de um rio. Ele entregou-se à sensação.

Inconcebivelmente mais tarde, eles permaneceram lado a lado, fitando o alto. Davey havia esquecido onde estava. Um zumbido leve e agudo soou em seus ouvidos. A mulher junto dele parecia absolutamente bela. Paddi rolou sobre o corpo, pegou um instrumento semelhante a um telefone antiquado e fez um pedido de ostras e caviar, além de outras coisas que ele não captou, mas que davam a impressão de ser bastante vinho.

Pouco mais tarde duas jovens entravam no aposento levando bandejas redondas, das quais distribuíram vários pratos cobertos em torno do colchonete. Duas garrafas abertas e quatro copos surgiram ao lado do ombro esquerdo de Davey. As mulheres sorriram para Paddi, que estava esparramada sobre o lençol, porém não olharam para Davey. Depois que colocaram no lugar o último prato, as duas levantaram-se e viraram-se para a porta, de onde uma delas perguntou:

— Devo?

— Sim — respondeu Paddi.

Então, uma luz mortiça e rósea espalhou-se pelo aposento, e as duas mulheres recuaram para a porta, sorridentes.

Ovos de tarambola, bolinhos de massa, fumegantes cogumelos fritos, enguias, minúsculos arenques fritos, suculentos

segmentos de pato da espessura de um dedo, pedaços iguais de porco assado, coisinhas fumegantes, como pizzas cobertas de manjeriço fresco e brilhantes tiras de tomates, em picantes objetos transparentes e crocantes de tom castanho-escuro que podiam ser bolinhos de carne, com gosto de puro malte escocês, uvas e laranjinhas híbridas, um excelente borgonha branco e um *bordeaux* tinto ainda melhor. Pouco tirando para si mesma, Paddi foi colocando prato após prato diante dele. Davey provou de tudo e, juntos, eles esvaziaram metade de cada garrafa. Ela o distraiu com histórias do departamento de arte e mexericos sobre pessoas que trabalhavam na Casa Chancel. Citou Hugo Driver, e pareceu intrigada com a amizade entre o escritor e Lincoln Chancel. Davey sabia onde aquela improvável dupla se tinha conhecido?

— Claro que sei; foi em Shorelands — disse Davey. — A propriedade em Massachusetts. Os dois foram designados para o mesmo chalé.

Ele refletiu se a dona da propriedade, Georgina Weatherall, sabendo que seu avô estava prestes a iniciar uma firma editora, não colocara os dois juntos naquele chalé, esperando que Lincoln Chancel ajudasse Driver de algum modo. E tinha sido exatamente isso o que acontecera. Driver devia ter mostrado o manuscrito de *Jornada na Noite* a Chancel, e este o usara para fazer a fortuna do escritor e aumentar a sua própria.

— Foi assim mesmo que eles se conheceram? — perguntou Nora a Davey. — Em uma espécie de colônia literária?

— Shorelands era uma propriedade particular, cuja anfitriã gostava de pensar que estimulava obras de gênios, mas, sim, aquilo lá era mais ou menos uma colônia literária. E se Georgina Weatherall tinha ou não algo em mente, colocou Driver no mesmo chalé que meu avô, e as coisas encaixaram-se no lugar. Nenhum deles havia estado antes em Shorelands, de maneira que devem ter passado muito tempo juntos, como fazem os novos alunos de uma escola.

Um homem de negócios milionário e um escritor sem vintém? Nora não acreditava que Lincoln Chancel, um ávido comprador de firmas e companhias, pudesse sentir-se como um novo aluno de uma escola.

— Quem mais estava em Shorelands na mesma época? Aposto como, a partir de então, todos quereriam ser designados para o mesmo chalé de seu avô. Ele chegou a voltar lá?

— Céus, não! — exclamou Davey. — Você nunca viu aquela *foto?*

Davey começou a rir.

— Qual é a graça?

— Acabei de recordar uma coisa. Há uma foto de quando meu avô esteve em Shorelands; uma foto de todos aqueles sujeitos, sentados na grama. Georgina Weatherall também está no retrato, assim como Hugo Driver e todas as pessoas que estiveram lá naquele verão. Pode-se ver meu avô espremido em uma raquítica poltrona de jardim, dando a impressão de estar prestes a estrangular alguém.

Davey ficou com Paddi pelo resto daquela noite, bebericando uma variedade de drinques trazidos por mulheres que às vezes ele via, em outras nem percebia, ouvindo ocasionalmente música que vinha dos pavimentos inferiores e, de vez em quando, captando um soluço ou gargalhadas de aposentos espalhados pelo prédio.

E então — pareceu-lhe que imediatamente — viu-se trancando a porta de seu apartamento, após ter tomado uma ducha, feito a barba e mudado de roupa, sem qualquer lembrança de haver voltado para casa ou executado essas tarefas. Sentia-se repousado, sóbrio, de mente arejada. Entretanto, como chegara em casa?

22

ELE CRUZOU as portas principais do Edifício Chancel com dois compromissos em mente, um ainda a ser cumprido, o outro já decidido. Em algum momento deste dia, antes de ir embora do escritório, precisava ver seu pai, falar-lhe sobre os manuscritos de Hugo Driver e o preparo de uma edição definitiva do romance. O outro compromisso era que, nesta noite, ia voltar ao Clube Fogo do Inferno. Davey estava preparado para os dois encontros. Seu pai acolheria com satisfação uma idéia que fatalmente daria mais prestígio à firma e, ao reunir-se a Paddi, levaria para ela as boas novas fornecidas por seu pai. Se Alden Chancel cuidara do manuscrito *de Jornada na Noite*, Davey pretendia cuidar do renascimento do livro.

Suas tarefas rotineiras tomaram-lhe a manhã até as onze horas, quando ele teve que comparecer a uma reunião. Encerrada, ele subiu dois andares até o gabinete do pai, onde a secretária lhe disse que Alden saía para almoçar e não voltaria antes das três e meia da tarde.

Às três e vinte e cinco, Davey tornou a procurar seu pai.

A princípio impaciente, aos poucos Alden foi ficando interessado no projeto que Davey descrevia. Sim, seria possível publicar uma edição em brochura, destinada ao emprego em salas de aula. Sim, pensaremos em usar a capa da edição especial para os pracinhas, podemos ter um bom lucro com isso. E quanto ao manuscrito, não havia sido devolvido a Driver?

Davey respondeu que uma assistente que trabalhava no departamento de arte, a pessoa que o procurara com a idéia, já lhe havia dito que, segundo o filho de Driver, o manuscrito continuava em poder da Casa Chancel. Quando ele disse o nome da assistente, seu pai falou:

— Paddi Mann, que interessante... A reunião de onde acabo de vir tratou de uma idéia dela, isto é, de usar-se duas sobrecapas diferentes sobre a nova brochura *de Jornada na Noite*. Uma inteligente garota, essa Paddi Mann. No tocante ao manuscrito, se o único Driver remanescente ignorava seu paradeiro, talvez esteja perdido.

Durante as duas horas seguintes, Davey procurou entre os manuscritos embrulhados que enchiam as estantes da sala de conferências, vasculhou os armários de vassouras e os cubículos sem janelas onde mourejavam os editores de textos. Interrompeu-se apenas quando reparou que faltavam vinte minutos para seu encontro com Paddi.

Um zumbido surdo de conversas vinha do bar, e Davey relanceou os olhos pela abertura arqueada, de maneira tão automática quanto ao ter lido as advertências sobre a porta interna. Por um momento julgou avistar Dick Dart, porém o homem desapareceu atrás dos muitos ali reunidos. Dick Dart? Estaria ele no Clube Fogo do Inferno? Seria *Leland*?

A voz do porteiro o forçou a desviar os olhos do bar.

— Posso ajudar em alguma coisa, senhor?

Davey acomodou-se na poltrona ao lado da samambaia, o porteiro abriu a gaveta, retirou dela o pesado microfone, posicionou-o com lenta exatidão e proferiu sua frase. Paddi surgiu através da porta de mogno. Ela mostrava sua "aparência Clube do Fogo do Inferno", embora parecesse estar com a mesma roupa que usara para trabalhar. Eles pediram os mesmos drinques, ao mesmo garçom. Davey descreveu suas buscas, e Paddi replicou que era importante, essencial, encontrar o manuscrito. Não haveria um registro, em algum lugar, de tudo que entrava e saía da firma?

— Sim — disse Davey —, mas esse registro só começou a ser feito uns dois meses após inaugurada a casa. Antes disso, as coisas eram menos formais.

— Pensaremos em algo — respondeu Paddi. — Procure lembrar-se: onde esqueceu de procurar?

— No porão há uma área reservada para depósito — disse Davey. — Não creio que alguém saiba o que existe lá embaixo. Meu avô nunca jogava nada fora.

— Tudo bem. O que gostaria de fazer esta noite?

— Há alguns filmes novos em cartaz; que tal um cinema?

— Podemos também ir lá para cima. Você gostaria?

— Sim — respondeu ele. — Claro que gostaria.

23

DEPOIS QUE SE VESTIRAM e deixaram o quarto, de braços passados pela cintura um do outro, Davey sentiu que sua vida sofrera uma mudança fundamental. Seus dias e noites haviam sido invertidos; seu eu da luz do dia, aquele que executava tarefas enfadonhas na Casa Chancel, não passava do sonho do mais aventureiro eu-noturno, que desabrochava sob as ministrações de Paddi Mann.

Os dois soltaram-se quando chegaram à escada, estreita demais para permitir que descessem emparelhados. Paddi seguiu diante dele, que lhe colocou as mãos nos ombros. A manga de Davey subiu acima do pulso, deixando a descoberto o relógio quadrado de ouro. Passavam alguns minutos das seis. Ele se perguntou o que fariam quando chegassem à rua — era difícil acreditar que lá fora existisse um outro mundo.

Davey a seguiu até o final da escada, passou pela secretária vazia do porteiro e saiu para um mundo demasiado brilhante. Ruídos se chocavam e misturavam-se no ar. Táxis de tons ardentes disparavam ao longo da Segunda Avenida. Um adolescente embriagado, de *jeans* e uma camisa de uns três números maior do que ele, encostava-se indolentemente em um parquímetro. Venenosas emanções de suor, cerveja e fumaça de cigarro escaldavam-se através de sua pele e flutuaram nas narinas de Davey.

— Davey...

— Sim?

— Continue procurando aquele manuscrito. Talvez esteja na casa de Westerholm.

Um ônibus enorme freou estrepitosamente junto ao meio-fio, deslocando milhares de metros cúbicos de ar e pulverizando uma camada de detritos. Davey tapou os ouvidos com as mãos, Paddi acenou para ele e deslizou para o interior do ônibus.

Alden achava que dera uma espiada no gabinete desocupado e o vira folheando um maço de manuscritos esquecidos — alguns tão velhos que estavam enegrecidos — porque quando Davey olhou por sobre o ombro, viu o pai em pé atrás dele. Onde, diabos, ele estivera nas duas últimas noites? Sua mãe estava tentando trazê-lo a Connecticut durante o fim de semana, porém o filho nunca atendia o telefone. O que acontecera? Teria ele encontrado uma nova namorada ou estava se tornando um assíduo freqüentador de bar?

Davey respondeu que andara se sentindo anti-social. Nunca lhe ocorrera que os telefonemas podiam ser de seus pais. Afinal de contas, via o pai diariamente.

Ele estava sendo esperado em “Os Álamos” para o fim de semana, a partir da noite de sexta-feira. Alden deu meia-volta e saiu do pequeno gabinete, que tinha a aridez de todos os espaços vazios a serem ocupados por pessoas diligentes e produtivas.

O troféu de Paddi não apareceu entre o papelório do gabinete vago. Davey tomou o elevador para o porão.

Às duas e vinte e cinco emergiu do recinto reservado ao depósito com mãos negras e manchas de poeira no terno e no rosto. Encontrara caixas de cartas de escritores falecidos para editores

falecidos, fotos de grupos de homens desconhecidos em antiquados paletós-jaquetão e bigodes à Adolphe Menjou, um cachimbo de espuma-do-mar, uma coqueteleira de prata com partes enegrecidas, juntamente com um misturador também de prata, porém nada de troféu.

Duas horas antes de ir ao encontro de Paddi, no endereço que ela escrevera em uma tira de papel, agora no bolso de seu paletó, ele voltou ao porão e novamente atacou as caixas. Desencavou uma caixa de papelão cheia de referências a Artie Shaw, no ano de setenta e oito, e um chapéu de caçador que um dia provavelmente fizera par com o cachimbo de espuma-do-mar. Em uma confusão de antigos catálogos, ele se deparou com exemplares dos dois primeiros romances de sua mãe, os quais deixou a um lado. Um envelope de tecido, amarrado com uma fita, guardava uma cópia da fotografia que tinha descrito para Paddi, e também esta ele colocou de lado. O precioso manuscrito de *Jornada na Noite* não quis revelar-se. As palavras finais de Paddi soaram em sua cabeça, e Davey prometeu a si mesmo dar uma boa busca nos armários e sótão de “Os Álamos”, antes de voltar para a cidade no domingo.

24

EMBORA MUDO, havia um elemento de desastre que permeava todos os fins de semana passados por Davey na casa dos pais. Daisy aparecia para jantar tão embriagada que não conseguia sentar-se ereta, ou um grau menor de bebedeira podia provocar um acesso de choro, antes que a sopa terminasse. Acusações, algumas tão veladas que Davey não entendia bem quem estava sendo acusado de quê, podiam voar através da mesa. Até mesmo os fins de semana normais, sem ocorrências singulares, eram tismados pelo ar de opressão, de coisas misteriosas, mas essenciais, que não eram verbalizadas. Este fim de semana, entretanto, foi uma calamidade absoluta.

Jeffrey, o sobrinho da empregada italiana, passara recentemente a fazer parte dos serviços de "Os Álamos". A essa altura, a presença dele parecia uma afetação desnecessária por parte de Alden. Antes de chegar a Westerholm, no anoitecer da sexta-feira, Davey esperava encontrar uma versão masculina e mais jovem de Maria, alguém jovial e sorridente, com o físico corpulento de um tenor, que se apressaria em tirar-lhe das mãos sua mochila do fim de semana. Entretanto, assim que Davey e Alden cruzaram a entrada, Jeffrey revelou-se como um homem alto e de meia-idade, enfiado em um terno cinzento de perfeito caimento, que não demonstrava a menor pressa em incumbir-se de mochilas ou fazer algo mais além do que acenar para eles e continuar a cruzar os fundos do saguão, presumivelmente a caminho da cozinha. Sua

fisionomia parecia sugerir uma variedade de pensamentos e julgamentos reprimidos, e seus olhos permaneciam velados. Davey imaginou que ele talvez fosse algum editor estrangeiro, atraído por seu pai para a própria teia. Então, Alden apresentou-os, e os dois trocaram um olhar que Davey julgou ser de mútua suspeita.

O jantar da sexta-feira não tinha sido incomum. Alden dominara a conversa, Daisy concordara com tudo que o marido dizia, e Davey mantivera-se em silêncio. Quando mencionou a nova edição do livro de Driver, seu pai mudou de assunto. Terminado o jantar, Alden disse que ele devia descansar um pouco porque, para ser franco, não mostrava uma aparência muito boa. Às dez da noite, apesar do café, Davey estava adormecido em sua antiga cama.

Para sua surpresa, só acordou às onze horas da manhã de sábado. Quando deixou seu quarto já eram onze e meia. As batidas irregulares das teclas de uma máquina de escrever e o cheiro de fumaça de cigarro, juntamente com o leve sussurro de um rádio ligado, infiltravam-se pela porta do estúdio de sua mãe. Por um momento, ele pensou em voltar para pegar os livros encontrados no porão da Casa Chancel e que trouxera consigo, mas resolveu surpreender sua mãe com eles no *brunch* do domingo, conforme planejara originalmente.

Maria serviu café quente em uma caneca e torradas douradas em uma bandeja de prata. Depois perguntou se ele gostaria de uma pequena omelete. Davey respondeu que torradas e geléia estariam ótimas. Então indagou se ela sabia onde estava o sr. Chancel. O sr. Chancel saíra para compras. Percebendo que Maria se dispunha a ir embora, ele a interrogou sobre Jeffrey.

Jeffrey era filho de sua cunhada. Sim, ele gostava muito de trabalhar para os Chancels. E antes disso? Bem, antes de empregar-se ali, ele fazia muitas coisas. Aluno de universidade. Soldado. Sim, oficial no Vietnã.

Que universidade?

Maria esforçou-se para recordar. Harterford? Haverford? Davey lembrou, estupefato, querendo ajudá-la. Era em Massachusetts, disse Maria, pronunciando mal o nome. Uma terrível possibilidade ocorreu a Davey. *Harvard?* Talvez, era possível, concedeu Maria. Ela desatou o avental e o deixou sozinho, ainda em dúvida.

Com pelo menos uma hora vaga pela frente antes que qualquer de seus pais surgisse em cena, Davey vasculhou o porão, sem qualquer sorte. Quando tornou a subir para o térreo, encontrou seu pai ocupado em esvaziar mantimentos de várias espécies — inclusive uísque e vodca — de sacolas ostentando os nomes dos estabelecimentos Waldbaum's e Good Grape Harvest.

— Jeffrey não faz esse tipo de coisa? — perguntou.

— Jeffrey está de folga no fim de semana — anunciou seu pai.
— Como você. O que fazia lá embaixo, que ficou tão sujo?

— Tentava encontrar alguns livros antigos — respondeu Davey.

Durante o almoço, Alden abandonou o monólogo costumeiro, para interrogar o filho sobre Frank Neary e Frank Tidball, que há muito tempo criavam problemas de palavras cruzadas para ele. Durante décadas, Neary e Tidball haviam sido colaboradores da companhia através do antecessor de Davey, um amistoso e velho alcoólatra chamado Charlie Westerberg. Logo depois de Charlie ter cambaleado alegremente para a aposentadoria, Neary e Tidball contrataram um agente, daí resultando que agora recebiam um

pagamento ligeiramente melhor por seus quebra-cabeças. A maioria desse aumento desaparecia na comissão do agente, mas Alden jamais cessara de acusar Davey pela insurreição. Durante meia hora, ele foi forçado a defender os dois velhos criadores de enigmas contra as implicações de seu pai, que os achava já fora de forma e, portanto, devendo ser substituídos. As reais, porém não admitidas objeções de Alden jaziam na descoberta, feita logo após a partida de Westerberg, de que os dois homens partilhavam um endereço em Rhinebeck. Substituir Neary e Tidball seria mais difícil do que entendia seu pai. Havia apenas alguns poucos jovens criadores de problemas de palavras cruzadas, cuja maioria adotara inovações indesejáveis para os clientes da Casa Chancel, pois estes não sentiam saudades de pistas sobre letras dos Moody Blues ou sobre os filmes de Cheech e Chong.

Durante essa discussão, Daisy brincou com sua comida, sorrindo em intervalos ao acaso, a fim de demonstrar que estava prestando atenção. Logo que Maria retirou os pratos, ela escusou-se com uma voz de garotinha, tornando a subir para o andar de cima. Alden fez a Davey algumas perguntas sobre Leonard Gimmel e Teddy Brunhoven — ele sempre estava interessado nos assassinos —, depois levantou-se da mesa para ver um jogo de beisebol na televisão. Quinze minutos mais tarde estaria cochilando em sua confortável poltrona. Davey agradeceu a Maria pelo almoço e subiu a escada para o sótão.

O sótão de “Os Álamos” era dividido em três áreas desiguais. A menor destas compreendia os aposentos da empregada antiga, uma

série de três cômodos em torno de um banheiro comum e uma estreita escada na extremidade norte da casa. Tais deploráveis cômodos haviam permanecido vazios desde muito tempo, no início do reinado de Helen Day. (Os pais de Davey tinham providenciado a construção de dois grandes apartamentos acima da garagem, um para a Copeira, o outro para quaisquer hóspedes em excesso, e estes apartamentos eram agora ocupados por Maria e seu sobrinho.) A segunda porção central do sótão teria aproximadamente as dimensões de um salão de baile de hotel, havia sido assoalhada e ganhara acabamentos, mas, fora isso, nada mais. Era ali que os presentes de Lincoln Chancel para o primeiro David Chancel tinham sido preservados para o segundo e, por tal motivo, essa porção central do sótão sempre infundira em Davey uma opressiva e misteriosa sensação de fraudulência. A terceira seção, alcançada por uma porta do sótão central, também ganhara assoalho, mas nenhum acabamento.

Contendo metaforicamente o fôlego contra a psíquica atmosfera da porção central do sótão, Davey caminhou por entre o amontoado de cadeiras velhas, abajures quebrados, caixas empilhadas e sofás em frangalhos, para certificar-se de que os aposentos da antiga empregada continuavam tão vazios como antes.

Os três pequenos aposentos nada mais continham além de teias de aranha, paredes brancas onde desabrochavam focos de mofo e pisos cobertos de poeira acinzentada. Então, ele fez outra rápida passagem pelo centro do sótão, a fim de inspecionar a seção inacabada. Finalmente não podia mais adiar sua entrada na área principal, entulhada de mobiliário vitoriano.

A antiga opressão o invadiu sob várias formas, enquanto levantava almofadas acolchoadas e inclinava o corpo para ver até o fundo de guarda-roupas. Davey estava ressentido. Por que devia gastar seu tempo assim? Quem era Paddi, afinal, para fazê-lo vasculhar a casa de seus pais, como um ladrão?

Seus pensamentos tinham chegado a este ponto infeliz, quando ouviu pisadas na escada que levava aos aposentos da empregada. Ficou gelado. Sua mente esvaziou-se, como se ele fosse um assaltante prestes a ser descoberto. Na ponta dos pés, correu cautelosamente para o interruptor da luz, desligou-o e agachou-se atrás de um biombo chinês, em pesada armação de madeira.

As pisadas nos degraus chegaram aos aposentos da empregada alguns segundos depois de Davey esconder-se. Em seguida soaram no piso de madeira. Espiando pelo lado do biombo, Davey avistou uma linha luminosa surgir por baixo da porta separando os aposentos da empregada do restante do sótão. Recuou. As passadas avançaram para a porta. Ele dobrou a parte superior do corpo sobre os joelhos e cobriu a cabeça com as mãos. A porta foi aberta e um fecho de luz correu para ele. Em seguida, todo o aposento ficou inundado de luz.

Uma voz que ele não conhecia perguntou:

— Quem está aí?

Os passos vieram em sua direção. Davey viu-se de pé, os punhos erguidos contra a sombra que girava para encontrá-lo. A sombra grunhiu de choque e surpresa, em seguida o atacou. O golpe empurrou a mão direita de Davey sobre a quina de seu nariz. Sangue esguichou sobre suas roupas, e uma vivida e clara onda de

dor fez o mundo escurecer. O lado de sua cabeça se chocou contra a moldura do biombo.

Uma mão agarrou seus cabelos, puxando-lhe a cabeça brusca e dolorosamente para cima.

— Diabo, o que estava fazendo que precisou esconder-se?

O rosto de Jeffrey, crispado de estupefação, abaixou-se para encará-lo.

— Pensei que você fosse outra pessoa — disse Davey.

— Você me atacou — replicou Jeffrey. — Saltou como uma...

— Fera — disse Davey. — Sinto muito.

— Eu também.

Davey firmou-se no poste de um abajur de pé e dobrou a cabeça para trás. Um sangue lerdo escorreu-lhe garganta abaixo.

— Acho que fiquei assustado — disse. — Como soube que havia alguém aqui em cima? Pensei que tivesse folga nos fins de semana.

— Vi quando as luzes foram acesas, através de minhas janelas.

Davey remexeu no bolso em busca do lenço e limpou o rosto com ele, antes de comprimi-lo contra o nariz.

— Diga-me uma coisa, Jeffrey.

— Pois não.

— Você esteve em Harvard?

— Sim, estive, e espero que ninguém descubra — respondeu Jeffrey.

Davey engoliu em seco. Todo o seu rosto doía.

Passou a meia hora seguinte limpando manchas de sangue do piso do sótão, depois foi para seu banheiro, lavou o rosto, as mãos e

pegou no sono espichado sobre as cobertas, com um pano molhado sobre as partes esfoladas do rosto. Acordou a tempo de tomar uma ducha e vestir roupas limpas para o jantar. Seu nariz estava inchado e em sua têmpora direita crescera um galo purpúreo. Quando explicou, durante o jantar, que machucara o rosto na porta do quarto, seu pai disse:

— Curioso, quando a gente tem filhos pequenos, ninguém nos diz quantas mentiras teremos de ouvir durante os trinta ou quarenta anos seguintes.

— Oh, Alden... — murmurou Daisy.

— Se ele feriu o rosto na porta de seu quarto, então andou treinando gingado.

— Alguém o golpeou na cabeça, meu bem? — perguntou sua mãe.

— Já que pergunta, sim. Eu e Jeffrey tivemos um pequeno desentendimento.

Alden deu uma risada, depois disse:

— Se Jeffrey chegar a golpear sua cabeça, você ficará uma semana no hospital.

Ao meio-dia e meia do dia seguinte, Davey levou para a sala de refeições os exemplares resgatados dos dois romances de sua mãe e os colocou sob a cadeira em que se sentaria. Seu pai ergueu uma sobancelha, mas Daisy pareceu nada haver percebido. Sem que lhe pedissem, Maria levou Bloody Marys para eles três.

Após os Bloody Marys, foi a vez de uma garrafa de Barolo e uma sopa em que fiapos de ovos, fragmentos de salsa, molho de

tomate e massa circulavam em meio a caldo de galinha. A sopa seguiu-se um ravióli feito em casa, com cogumelos e queijo Gorgonzola. Depois tiveram tenras e pequeninas porções de filé, com croquetes de batata. Maria anunciou que, em homenagem ao sr. Davey, havia preparado um *zabaglione*, o qual seria servido em poucos minutos. Teriam eles aquelas estupendas refeições todos os fins de semana? Comeriam desta maneira todas as noites? Não era de admirar que Daisy parecesse mais rechonchuda do que nunca, embora Alden continuasse absolutamente imutável. Davey disse não se lembrar mais de que a italiana era tão boa cozinheira.

— *Vin ordinaire*, meu rapaz — disse Alden.

— Nem tanto...

Não desejando contar ao pai que estivera vasculhando o porão da Casa Chancel, Davey alegou ter encontrado dois livros no Strand, em um dia da semana anterior, e esperava que Daisy ficasse satisfeita ao tornar a vê-los. Levantando-se, ele pegou a humilde sacola que deixara debaixo de sua cadeira.

Daisy agarrou a sacola, retirou dela os livros, sorriu para as contracapas, e os abriu. Seus olhos recuaram para o interior de uma faixa vermelha que lhe surgiu nas faces como uma máscara. Ela depositou os livros na beirada da mesa e desviou o rosto. Ainda imaginando que a mãe tivesse gostado de seu presente, Davey disse:

— Estão em muito bom estado...

Daisy respirou fundo e deixou escapar um som que logo se revelou como um gemido. Empurrando a cadeira para trás, ela fugiu da sala, no momento em que a empregada italiana entrava com taças de *zabaglione* em uma bandeja de prata. Confuso, Davey

examinou o interior do primeiro dos dois livros e viu, escrito em uma caligrafia mais confiante e decisiva do que a de sua mãe: *Para Alden, o querido de meu coração, de sua fascinada Daisy.*

25

ÀS OITO DA NOITE da quinta-feira anterior, com um achatado embrulho preso sob o braço esquerdo, Davey tinha permanecido hesitante à frente de um restaurante chamado "Semente do Dragão", na Rua Elizabeth, enquanto olhava várias vezes da porta do estabelecimento para uma tira de papel que tinha na mão. Uma fileira de coriáceos patos cor de melão pendia da janela do restaurante. Os algarismos negros ao lado do cardápio pregado à porta coincidiam com o número 67, que Paddi anotara no pedaço de papel.

Um odor delicioso de pato assado e macarrão frito penetrou em suas narinas quando ele abriu a porta. Davey entrou, ficou parado um momento na extremidade do balcão para examinar o recinto, depois foi até a única mesa que estava vazia, e lá sentou-se.

Todos os homens que estavam ali o ignoraram. Davey passou os olhos em torno, à procura de uma porta levando a uma escada, e viu duas nas extremidades da parede dos fundos. Uma delas estava marcada SALAS DE REPOUSO, a outra dizia PARTICULAR. Ele ficou em pé.

Dois garçons em trajes negros e camisas brancas viram-no cruzar a sala. Um terceiro depositou um prato de macarrão à frente de quatro homens apáticos envergando ternos, e começou a cortar caminho em direção a ele, por entre as mesas.

Davey tentou despachá-lo com um gesto, dizendo:

— Sei que ali diz Particular, mas está tudo bem.

— Não tudo bem — disse o garçom.

Davey pousou a mão na maçaneta, e a mão do garçom caiu sobre a sua, antes que pudesse abrir a porta.

— Você sentar.

O garçom empurrou-o novamente para sua mesa e o fez sentar-se. Davey colocou seu embrulho no colo, considerando uma corrida até a porta. Olhou em torno e viu que ninguém no restaurante olhava para ele.

O garçom voltou por entre as mesas, trazendo uma bandeja com um bule de chá e uma xícara do tamanho de um dedal. Colocou tudo diante de Davey e fez meia-volta, com isto deixando à vista um homenzinho às suas costas, que usava um casaco fechado por zíper. O homenzinho girou uma cadeira e sentou-se nela como que em uma sela, depois exibindo um sorriso horrível para Davey.

— Você ser curioso — disse.

— Eu fui convidado.

Davey tirou do bolso o papel em que Paddi escrevera seu endereço e o mostrou ao homem. Este examinou o papel com olhos apertados. Em seguida, encarou Davey, para depois olhar novamente o papel. Sem nenhuma transição, começou a rir.

— Vem — disse, levantando-se.

Levou-o até a entrada, saiu para a rua e fez sinal para que Davey o seguisse. Davey saiu também. O homem deu um passo à esquerda e apontou para a porta do "Semente do Dragão". Tornou a apontar e, desta vez, Davey pôde vê-la.

Recuada para o interior do prédio entre a porta do "Semente do Dragão" e uma loja apinhada de *souvenirs* de Chinatown, em um ângulo que a escondia de quem não soubesse de sua existência ali,

havia uma porta de madeira compensada, com o número 67 pintado em *spray* negro.

Sorrindo, o homem espetou o indicador no peito de Davey.

— Eles entrar lá, mas eles não sair.

Davey ajeitou o embrulho debaixo do cotovelo e bateu na porta pintada de *spray*. Uma voz distante disse-lhe para entrar.

Davey encontrou-se ao pé da escada de uma casa de quartos de aluguel.

— Tranque a porta quando entrar — disse a voz, do alto.

Ele subiu a escada e, por outra porta, passou para um vasto e obscurecido recinto, criado pela derrubada da maioria das paredes dos quartos. Algumas luzes mortijas iluminavam toscos murais, e ele levou um momento para descobrir que eram ilustrações de passagens do livro *Jornada na Noite*. Cortinas grossas e escuras cobriam as janelas. Na distância, um sofá de encosto alto e duas poltronas estavam dispostos em frente a uma lareira com ornada estrutura de madeira e uma platibanda afixada a uma parede, mas sem qualquer espaço para acender um fogo. Compridas estantes de livros ocupavam toda a parede da frente do prédio. Divisórias grosseiras destacavam dois aposentos, um dos quais se abriu quando Davey aprofundou-se mais na penumbra. Inteiramente à vontade, Paddi Mann emergiu através da porta, nua.

— Que lugar é este?

— Eu moro aqui — disse ela.

Na verdade, não estava nua, mas usando uma justa malha cor de carne. Sorrindo para ele, Paddi caminhou até o sofá, pegou uma

camisa social masculina em cima de uma almofada, enfiou-se nela e abotoou todos os botões, de maneira que a peça a cobria como um curto vestidinho branco.

— O que você tem debaixo do braço?

— Foi um tanto problemático encontrar você.

As pernas de Davey finalmente ganharam vida, permitindo que ele caminhasse para Paddi em meio à escuridão.

— Parece que também foi problemático você encontrar o manuscrito. A menos que *isso aí* seja ele.

— Não é.

Paddi modificou a posição, puxando as pernas para cima do sofá e depois enfiando-as debaixo do corpo. Deu três leves tapinhas no assento.

Davey percebeu que estava parado exatamente em frente dela, e sentou-se como lhe foi ordenado. Os pés de Paddi insinuaram-se contra sua coxa, como que à procura de calor.

— Tome — disse ela, virando-se de lado para pegar em uma bandeja e colocar na mão dele um copo cheio de nevoento líquido vermelho.

— O que é isso?

— Um Alto-e-Baixo. É bom para você.

Davey deixou os olhos vagarem pelos espaços escuros e entulhados da moradia de Paddi. Arcos e aberturas davam para câmaras invisíveis, das quais chegavam vozes ininteligíveis.

— Vai me mostrar o que há nesse embrulho?

— Oh! — exclamou Davey, já esquecido do que trouxera.

Entregou o embrulho a Paddi e, em segundos, ela desatou os cordéis que o fechavam. Em outro segundo, o papel do envoltório

jazia em seu colo como uma moldura em torno de outra, e ela contemplava a comprida fotografia, com a boca ligeiramente aberta.

— Shorelands, julho de 1938.

— E aqui está o seu avô...

Com verrugas e espinhas brotando do nariz e faces, papadas transbordando sobre o colarinho, sobrancelhas quase unidas em uma feroz crispação acima de olhos chamejantes, mãos enclavinadas nos braços de sua poltrona, raiva distendendo botões, costuras e casas de seu terno feito à mão, Lincoln Chancel parecia ter feito *breakfasts* em ferrovias e minas de carvão.

Davey olhou para o fenômeno com a mescla de surpresa, respeito e terror que o avô invariavelmente despertava nele. Durante os cinqüenta anos de sua vida adulta, ele abrira fragorosamente seu caminho para o sul, de Bridgeport, Connecticut, até Nova York e Washington D.C., depois para o norte, até Boston e Providence, engolindo vidas humanas. Antes que um fulminante ataque cardíaco o derrubasse em um refeitório particular no Ritz-Carlton Hotel, acusações e processos haviam zumbido em torno da cabeça do grande homem. Após sua morte, desmoronara quase toda a estrutura intrincadamente piramidal que Lincoln tinha construído. Permaneceram apenas um efêmero hotel em Rhode Island, uma manufatura de lã enfrentando dificuldades em Lowell, Massachusetts — ambas logo tendo ido à falência — e sua última bagatela, a Casa Chancel.

— Ele parece tão infeliz...

— É o único olhando para a câmara — disse Davey, pela primeira vez tendo percebido o detalhe. — Vê? Todos os demais estão olhando para outra pessoa no grupo.

— Exceto ela.

Paddi tamborilou delicadamente no vidro a altura do rosto de uma jovem miúda e de intensa beleza, em uma folgada camisa branca, com gravata de nó a meio caminho do pescoço e calças compridas. Sentada no chão, ao lado de Lincoln Chancel, ela contemplava a grama, imersa em pensamentos.

— Sim — disse Davey. — Eu gostaria de saber o seu nome.

— E quais são os nomes que *você* sabe dos outros?

— Além de Driver e de meu avô, somente o dela. — Ele indicou uma mulher alta, com queixo de buldogue e um nariz carnudo, que se sentava empertigada em uma poltrona de vime e olhava para Lincoln Chancel. — Georgina Weatherall. Ela e Hugo Driver, os dois, estão olhando para meu avô.

— Provavelmente perguntando-se o que poderão conseguir dele — disse Paddy.

— Quê?

— Houve dois livros sobre Shorelands — explicou Paddi. — Georgina queria ser o centro das atenções. Todos riam dela pelas costas.

— Georgina talvez não estivesse muito satisfeita sobre essa moça.

Agora, Davey indicava um cavalheiro comprido e barbado, em *tweeds* frouxos, de olhos baixos e fixos na jovem, os lábios estirados tão apertadamente, que pareciam um único traço.

— Não é um sorriso muito amistoso — comentou Davey. — Quem seria esse indivíduo?

— Austry Fain — disse Paddi. — Em 1938 ele acabara de publicar um romance intitulado *A Sebe Contorcida*. Presumia-se que

fosse maravilhoso e tudo o mais; porém, pelo que sei, as pessoas logo o esqueceram. Ele suicidou-se em 1939. Janeiro. Cortou os pulsos na banheira.

— Georgina não poderia ajudá-lo?

— Ela o largou de mão subitamente. Ei, Davey, olhe para este homem. Chamava-se Merrick Favor. Foi assassinado uns seis meses depois de batida esta fotografia.

Paddi apontava para o rosto largo e atraente de um homem em um *blazer* azul desabotoado e calças brancas, situado imediatamente atrás de Georgina. Como Austryn Fain, ele sorria para a jovem sentada na relva.

— Assassinado?

— Merrick Favor era considerado um astro em ascensão. Seu primeiro romance, *Arbustos Ardentes*, mereceu críticas excelentes, ao ser publicado por Scribner's em 1937, e parecia que ele trabalhava em algo ainda melhor. Certo dia, sua namorada procurou-o, após levar dois dias tentando telefonar-lhe. Após tocar a campainha várias vezes, estranhou sua demora em abrir a porta. Então subiu em uma janela, deu uma espiada em torno e quase desmaiou.

— Ela encontrou o corpo dele?

— A casa estava inteiramente revirada e havia manchas de sangue por toda parte. Favor tinha sido esfaqueado até morrer. O corpo estava na banheira. Nunca descobriram quem o matou. O livro em que ele trabalhava fora rasgado em pedacinhos.

— Shorelands não deu muita sorte a essas pessoas — disse Davey. — O que aconteceu a este sujeito aqui?

Ele apontava para um rapaz de cabelos compridos, óculos de aros de chifre, com uma frouxa gravata-borboleta, paletó de veludo, olhos suaves, nariz pequeno e uma boca espirituosa. Parecia concentrar todos os seus pensamentos no atraente Merrick Favor.

— Oh, Creeley *Monk*. Mais uma triste história. Seu segundo livro chamava-se *O Campo Desconhecido*, e o único motivo para alguém lembrar-se dele é que muitos alunos do terceiro grau o usaram para decorar o poema-título.

— Oh! — exclamou Davey. — Tivemos de recitar isso na Academia. *O campo desconhecido, o campo desconhecido que julguei conhecer / Na minha infância, meus caminhos agora me levam a você.*

— Creeley Monk também suicidou-se. Meteu uma bala na cabeça. Mais ou menos na época em que Merrick Favor foi morto.

Davey encarou-a fixamente.

— Este sujeito estourou os miolos alguns meses depois de deixar Shorelands?

Paddi assentiu. Davey continuava a encará-la.

— Dois hóspedes de Shorelands naquele verão... suicidaram-se?

— Foi ainda melhor do que isso. Três deles acabaram com a vida. Este homem aqui, o que parece um pedreiro, fez a mesma coisa. O dedo de Paddi tamborilou sobre o peito de um homem atarracado e amplo, em uma encaroçada suéter azul de gola alta, que tentava sorrir para a câmara e Lincoln Chancel ao mesmo tempo.

— Seu nome era Bill Tidy, e publicou um livro chamado *Nossas Frigideiras*. Eram memórias de sua infância no South End de Boston.

Ele deve ter sido o único hóspede realmente da classe trabalhadora que Georgina chegou a ter em Shorelands. *Nossas Frigideiras* é um belo livro, mas logo deixou de ser publicado, só tornando a ser impresso em fins dos anos sessenta. Não tenho muita certeza, mas parece que Tidy teve muitos problemas para trabalhar em um novo livro, após sua volta para Boston. Seja como for, terminou saltando de sua janela no quinto andar. Em janeiro de 1939.

— Quando...

— Bem entre o assassinato de Merrick Favor e o suicídio de Monk, que aconteceram com alguns dias de intervalo, e dois dias antes de Fain matar-se. É como uma maldição ou coisa parecida, não?

— Céus, é como se tivessem pago pelo sucesso de Hugo Driver.

— Você devia escrever um livro sobre tudo isso — disse Paddi.

— Pensei que você já tivesse lido um livro sobre tudo isso.

— Li um punhado de livros sobre Shorelands, porque estou interessada em Hugo Driver. Enfim, esta informação está disseminada pela casa toda. Em realidade, dificilmente alguém se preocupa com o que acontecia em Shorelands depois do início dos anos trinta. Tudo já havia terminado quando a guerra começou. Georgina passara a beber descontroladamente, tomava láudano, e suas histórias começaram a feder como peixe. Ela dizia aos outros que Marcel Proust costumava empestear a Honey House com seus pós para asma, o que é uma boa história, só que Proust nunca deixou a França. Georgina finalmente bateu em retirada para seu quarto de dormir e morreu por volta de 1950. A casa foi-se deteriorando, até ser comprada por um grupo de conservadores.

— O que aconteceu à garota sentada no chão, perto de meu avô?

— Presume-se que tenha desaparecido durante sua permanência, mas nem isso está realmente claro.

As pessoas na fotografia que ele tinha no colo — seu avô e o grande escritor, Austryn Fain, Merrick Favor, Creeley Monk, Georgina Weatherall, Bill Tidy e a introspectiva jovem — pareciam tão familiares, tão *conhecidas* quanto seus antigos colegas da Academia. Davey era capaz de entendê-las com tal nitidez, que não compreendia por que, até agora, deixara de ver a coisa mais clara na foto. Tudo quanto tinha de fato visto antes era a cômica fúria de seu avô. O mais claro naquele retrato, contudo, era o motivo do desconforto geral.

Como se a foto fosse provida de trilha sonora e *flashback*, ela só faltava gritar que Lincoln Chancel mantivera um ousado flerte com a atraente moça a seus pés, a qual, rápida e ofensivamente, o tinha rejeitado. Enquanto ela parecia absorta e Chancel entrava em erupção, todos os demais na fotografia tomavam partido.

— Sabe de uma coisa? — exclamou Davey. — Eu ignoro tudo a seu respeito. Não sei onde você nasceu, quem são seus pais, em que faculdade estudou, se tem irmãos, coisas assim. É como se você houvesse brotado de uma nuvem. Onde é que morava, antes de entrar para nossa firma?

— Em muitos lugares.

— Onde foi que nasceu?

— Você quer mesmo saber, não? Tudo bem. Nasci em Amherst, Massachusetts. Meus pais chamam-se Charles Roland e Sabina. Minha mãe leciona alemão em um ginásio de Amherst, e

meu pai foi professor de inglês na Faculdade de Amherst. Eu estudei na Escola de Arte de Rhode Island. Ao sair de lá, fui à Europa e viajei de um lado para outro, mas morei principalmente em Londres, pintando e fazendo cursos de arte. Dois anos mais tarde, voltei e morei em Los Angeles. Fiz alguns trabalhos de arte para duas pequenas publicações e li tudo que pude sobre Hugo Driver. Foi onde fiquei sabendo sobre Shorelands. Após algum tempo, vim para Nova York, a fim de obter um emprego na Chancel. Eu apenas entrei lá, mostrei meu trabalho a Rod Clampett e ele me contratou.

— Eu devia ter imaginado a parte da Escola de Arte de Rhode Island — disse Davey, sabendo que Rod Clampett, o diretor de arte da Chancel, estudara nessa escola e gostava de contratar seus diplomados.

— Você não acha que todo este negócio de Shorelands é como uma trama gigantesca, que não se consegue deslindar inteiramente?

Davey começou a rir.

— Bem, se você está atrás de alguma trama sinistra, seu homem é Lincoln Chancel. Ele foi um tremendo vigarista, não tenho dúvidas. Isto é como o grande segredo na minha família, aquela coisa sobre a qual não se fala. Em sua caminhada para o alto, o pai de meu pai obviamente apunhalou pelas costas cada homem que conheceu, deve ter roubado com as duas mãos sempre que havia oportunidade, saqueou para subir na vida, acumulando uma imensa fortuna...

Davey parou de falar por um momento, com um sorriso inexpressivo preso às faces, como se a aglomerada escuridão no meio do aposento parecesse ficar espessa. Baixando o rosto, seu olho viu a fotografia de Shorelands apoiada no sofá. De repente,

Lincoln Chancel estava diante dele, instilando em seu espírito uma fúria, raiva e frustração inalteradas.

Paddi afagou-lhe o rosto com um dedo frio, depois levantou-se, estendeu a mão e recuou, a fim de guiá-lo através do aposento.

— Ela insultou meu avô, não foi? Aquela moça que desapareceu.

— Talvez o seu avô a tenha insultado.

Movendo-se para trás, ela o levou até um mural em que o Senhor Noite permanecia de guarda diante da negra abertura de uma caverna. Paddi chegou até a parede e, ao invés de chocar-se contra ela, deslizou para o interior da caverna. Davey a seguiu através da abertura.

E isso, disse Davey, era o fim de sua história.

26

— COMO ISSO PODE ser o fim? — exclamou Nora, tentando não gritar. — O que aconteceu?

— Esta é a parte difícil de ser abordada.

Davey não havia terminado de falar sobre Paddi Mann. Ele apenas terminara de falar nessa maneira.

— Lembra-se do que vimos hoje? Onde nós fomos?

Nora assentiu, quase receando o que ele diria a seguir. Davey não se mostrou explicativo.

— Aí está o problema — disse.

— Você chegou a encontrar o manuscrito? O que aconteceu com ela? Oh, não, você não vai me dizer que ela foi morta, vai?

— Eu nunca encontrei o manuscrito. Seja como for, meu pai comunicou-me ser contra fazer uma edição erudita de *Jornada na Noite*.

— Isso deve ter aborrecido Paddi.

Davey voltou a alisar a coberta da cama, e Nora tentou mais uma vez:

— Ela estava tão interessada nesse projeto...

Davey assentiu, de olhos baixos e empurrando os lábios para diante, como fazia quando forçado a uma situação desconfortável.

— Apenas conte-me o que aconteceu.

— Nós tivemos aquela noite de quinta-feira, quando dei a fotografia a ela. Na segunda-feira nem cheguei a vê-la e, ao voltar para meu apartamento, a coca tomou conta de mim, e dormi dois

dias seguidos. Meu motor, simplesmente, entrou em pane. Acordei quase sem tempo para tomar uma ducha e vestir roupas limpas, antes de ir para o escritório.

— Onde Alden lhe disse que não aprovava o seu projeto favorito. E você teve que dar a notícia a Paddi.

— Quando subi até o quinto andar, ela perambulava a esmo pelo corredor, como se alguém lhe tivesse contado o que estava para acontecer. Nem tivemos tempo de conversar antes de minha entrada na sala de meu pai, e Paddi falou “Sete e meia?” ou algo assim. Eu assenti, depois entrei e falei com ele. Ao sair, ela continuava lá, e então lhe dei as más notícias. Paddi não disse uma palavra. Limitou-se a dar meia-volta e ir embora. Assim, às sete e meia, fui até onde ela morava. Não a encontrei em casa, de maneira que vaguei de um lado para outro durante alguns momentos. Imaginei que ela poderia estar dormindo no banheiro ou qualquer coisa. Dei uma olhada em seus livros. Sabe o que eles eram? Nada mais do que edições dos romances de Driver. Livros de capa dura, brochuras, em idiomas estrangeiros, edições ilustradas...

— Não chega a surpreender muito — comentou Nora.

— Espere. Em seguida, é claro, eu tinha que cruzar a abertura no mural e dar uma olhada no único outro lugar de todo o apartamento que chegara a ver. Assim, caminhei para o interior da caverna. E meus olhos esbugalham-se, meu coração quase pára, fico paralisado. Após transcorrido um século, a paralisia cessa e percebo que, afinal, não vou perder os sentidos.

Ele olhou para Nora, que não fazia outra coisa senão olhá-lo também. Isto, igualmente, tinha o tom de uma das invenções de Davey.

— Aquilo parecia um matadouro. Havia sangue por toda parte. Fiquei *apavorado*. Tinha certeza de que ninguém poderia perder tanto sangue e continuar vivo; estava rangendo os dentes, enquanto não descobria o corpo dela. Fui até o outro lado da cama, onde uma enorme mancha de sangue cruzava todo o piso e subia até metade da parede. Tal visão quase me fez vomitar, porque estava certo de que a encontraria ali. Cheguei a espiar debaixo da cama.

— Por que não chamou a polícia?

E por que quero acreditar nisto? Ele está descrevendo o quarto de Natalie!

— Eu não sabia onde ficava o telefone! Aliás, nem mesmo sabia se havia um!

Davey olhou freneticamente em torno do quarto, abrindo e fechando a boca várias vezes, como se tentasse engolir seu comentário.

— Não teve medo de que o autor daquilo ainda estivesse lá?

— Nora, se eu chegasse a *pensar* nisso, teria tido um ataque do coração na hora.

— Onde encontrou o corpo dela?

— Não o encontrei.

— Bem, e onde estava ele? Tinha que estar em algum lugar!

— É o que estou dizendo, Nora. Ninguém o encontrou. O corpo não estava lá!

— Alguém o removeu?

— *Eu não sei!* — gritou Davey, apertando o rosto com as mãos, depois as deixando cair.

— Oh... Você quer dizer que foi como Natalie. O corpo desapareceu, como o de Natalie?

— Isso mesmo — assentiu ele. — Como o de Natalie.

Nora esforçou-se para recuperar o senso de controle, de um mundo onde as coisas faziam sentido.

— Bem, mas na verdade não pode haver qualquer conexão, pode?

— Você acha que eu sei?

Nora tentou novamente.

— Não presumo que Natalie Weil citasse Hugo Driver para você e o fizesse perambular por aí, atrás de manuscritos perdidos...

Enquanto falava, ela recordou os livros existentes no quarto de Natalie, e sua frase ficou suspensa no ar.

— Claro que não — disse Davey, ainda de olhos baixos.

O momento de silêncio que se seguiu, pareceu a Nora extraordinariamente povoado.

— O que você fez, ao perceber que ela não estava lá?

Davey respirou fundo e olhou-a por cima do ombro.

— Eu estava assustado demais para voltar para casa. Assim, fiz a pé todo o trajeto até o centro da cidade e instalei-me em um quarto de hotel, sob um nome falso. Por volta de meio-dia do dia seguinte, liguei para Rod Clampett e perguntei se Paddi já havia chegado. Ele disse que ainda não a tinha visto, mas que lhe diria para telefonar-me, assim que chegasse. É claro que ela nunca telefonou.

— Acho que você não podia sair à procura dela — disse Nora.

— Entretanto, Davey, desculpe-me, mas qual o problema em tudo isto?

— Preciso levantar-me e movimentar-me um pouco. Você poderia fazer um café ou coisa assim?

— Posso preparar um café descafeinado — disse ela, olhando para o relógio digital do rádio de cabeceira.

Eram duas da madrugada. Nora pegou um robe amarelo-pálido, enfiou-se nele e amarrou a faixa. Davey estava sentado na cama, olhando o vazio. Por um segundo ele lhe pareceu alguém que nunca vira antes, um homem ineficiente, que sempre ficaria intrigado com a vida. Então, ele a fitou, e era novamente o seu marido, Davey Chancel, procurando parecer menos angustiado do que estava.

— Nora — disse ele —, sabe onde está aquele roupão de banho de seda azul, aquele da Tailândia?

— No cabide do banheiro — respondeu ela, e afastou-se em seus chinelos macios, para preparar o café.

27

DAVID BEBEU SEU café descafeinado e pestanejou ante a quentura do líquido.

— Um pouco de *kümmel* iria muito bem com esse café, não acha?

Nora abanou a cabeça, depois mudou de idéia.

— Está bem, vá em frente!

Davey foi até o armário e apanhou uma garrafa de *kümmel* Hiram Walker, tudo o que Nora conseguira encontrar em sua última visita à loja de bebidas. Ele franziu o cenho para o rótulo, a fim de lhe recordar que deveria ter ido a outra loja de bebidas, se não à Alemanha, para encontrar o *kümmel* decente, e encheu sua xícara até a borda. Depois se moveu atrás de Nora e despejou talvez um centímetro do líquido na xícara dela. Um cheiro de alcaravia e flores ébrias encheu a cozinha.

— E então?— perguntou ela.

— Certo.

— Certo, o quê?

Nora bebericou o que tinha um sabor de antídoto para veneno, com acidental similaridade a café.

— Certo, há mais coisas. Certo, estou um pouco desconfiado para contar a você.

Ela se viu tomando outro gole da mistura, agora parecendo menos horrível do que antes.

— Esqueci de falar em uma coisa que aconteceu, na última vez que estive na casa de Paddi.

— Oh, não!

— Não foi nada que eu *tivesse feito*, Nora. Não sou *culpado* de coisa nenhuma.

Então, por que parece tão culpado?, perguntou-se ela.

— Está bem, eu fiz uma coisa. — Ele bebeu novamente, dobrando a cabeça para trás como se, à maneira de uma ave, precisasse fazer isso para engolir. Depois baixou a cabeça e entrelaçou os dedos em volta da xícara. — Eu lhe disse que espiei embaixo da cama dela.

De repente, Nora concluiu que o que quer que Davey dissesse em seguida modificaria sua maneira de sentir a respeito dele. Depois achou que a história de seu marido sobre Paddi Mann já mudara antes sua maneira de pensar sobre ele.

— Eu vi uma coisa debaixo da cama.

— Você viu uma coisa...

— Um livro.

Isso é tudo?, pensou Nora. *Não foi nenhuma cabeça decepada, nenhuma sacola de papel com um milhão de dólares?*

— Depois que o puxei para fora, pensei que ela poderia ter deixado lá para mim. O que imagina que fosse?

— O Livro Egípcio dos Mortos? Aquela, hum... aquela coisa de Lovecraft, o *Necronomicon*?

— *Jornada na Noite*. Em brochura.

— Perdão — disse ela —, mas isso não parece assim tão extraordinário.

Davey prendeu os olhos dela nos seus e tomou mais um gole de seu café misturado.

— Hum-hum. Eu o abri. Compreenda, podia haver uma nota ou qualquer coisa nele para mim. Entretanto, nada encontrei nele, fora o que se presumia conter... e o nome dela.

— O nome dela — repetiu Nora, como um eco.

— Escrito na folha em branco do início do livro. No alto. Paddi Mann.

— Ela escreveu o nome no livro.

— Exatamente. Enfiei o livro no bolso e o levei comigo. Dias mais tarde tentei encontrá-lo, porém a maldita coisa se perdera.

— Certamente caiu do seu bolso.

— Aqui vamos nós — disse ele, largando a xícara. — Espere um momento. Não me demoro.

Levantando-se, Davey saiu da cozinha, esticando nervosamente seu roupão azul. Nora o ouviu voltar ao quarto. Uma porta de armário se abriu e fechou. Logo em seguida ele reaparecia, trazendo uma familiar brochura de capa negra. Como se relutasse em largá-la, Davey tornou a sentar-se e a segurou diante do corpo com as duas mãos, antes de oferecê-la a Nora.

— Bem, não presumo que este seja.

Nora percebeu que estava tão relutante em pegar o livro, como ele em largá-lo. Parou de falar e aceitou-o. Na primeira folha em branco, em letras ligeiramente desbotadas, mas pequenas e claras, escritas com uma esferográfica, ela leu PADDI MANN. Abaixo do nome dela, Davey assinara o seu próprio.

— Quer dizer que o livro apareceu — disse.

— Sim, mas onde acha que foi?

— Como é que vou saber?

Ela afastou as mãos do livro, pensando que estava pouco ligando para onde ele aparecera e, por algum motivo, desejando não ter de descobrir. Preferiu aceitar tudo como outra das invenções de Davey.

— No quarto de Natalie Weil.

— Ora, mas... — Nora abriu a boca, mas tornou a fechá-la. Não podendo mais suportar a expressão nos olhos de Davey, ficou olhando para os dedos que pousara na beirada da mesa, como se estivesse prestes a tocar piano. — Este livro, o mesmo livro...

— Este mesmo livro. Eu o vi quando entramos, e depois que aquele tira corpulento nos levou para fora, eu voltei lá, lembra-se? Abri o livro e quase desmaiei. Depois enfiei-o no bolso.

— O que o fez voltar ao quarto? Desconfiava que o livro¹ poderia ser...

— Claro que não. Eu só queria examiná-lo mais de perto — explicou Davey, dando de ombros.

— E não sabe como ele foi parar lá?

— Eu não o coloquei lá, se é o que está querendo dizer.

— E nunca deu para Natalie um exemplar de *Jornada na Noite*?

Ele a fitou com verdadeira exasperação.

— Será preciso soletrar tudo para você?

Nora achava que sim.

— Alguém o tomou de mim. Matou Paddi e deixou o livro lá, para que eu o encontrasse. Mais tarde, naquela semana, roubou-o de mim. E a mesma pessoa matou Natalie, deixando o livro em seu quarto.

— O lobo matou Paddi Mann? — perguntou Nora, confusa demais para expressar-se claramente.

— O Senhor Noite? O que ele tem a ver com isso?

— Oh, perdão, estou falando do *nosso* lobo, do Lobo de Westerholm. — Ela agitou as mãos diante do corpo, como que apagando um quadro-negro. — É como eu chamo o... o sujeito. O homem que assassinou Natalie e as outras.

— O *nosso* lobo. — Davey pareceu perturbado, e Nora receou que sua perturbação fosse causada por ela ter-se apropriado de um animal sagrado para Hugo Driver. — Sim. Foi o mesmo sujeito. Isso. Tem de ser. Contudo, ele não é bem como o Senhor Noite.

— Davey — disse ela —, nem tudo tem relação com Hugo Driver.

— *Jornada na Noite* tem. E Paddi Mann estava obviamente interessada em Driver.

Ela o deixara na defensiva.

— Davey, estou apenas querendo dizer que ele não poderia ter deixado o exemplar de *Jornada na Noite*, o que pertencera a Paddi Mann, no quarto de Sally Michaelman ou de Annabelle Austin, ou de qualquer das outras. E talvez não tivesse roubado o seu. Provavelmente o achou.

Davey estava sacudindo vigorosamente a cabeça.

— Aposto que há certa conexão entre as mulheres que ele matou e certas partes do livro. Aliás, isso é óbvio.

— Por que é óbvio?

— Por causa de Paddi — respondeu ele. — Paddi era obviamente Paddi, você não acha?

— Paddi era Paddi — disse ela. — Não entendi.

— No livro. O camundongo. O camundongo chamado Paddy, que fala ao Pequeno Pippin sobre o Campo de Vapor. Céus, você não se lembra *de nada*? Paddi é... Às vezes eu me pergunto se você chegou a ler *Jornada na Noite*.

— Eu li partes do livro.

— Você mentiu. — Ele a contemplava com uma expressão do mais absoluto espanto. — Disse que o tinha lido até o fim, e estava mentindo para mim!

— Eu pulei folhas — explicou ela. — Peço desculpas. Compreendo que é importante para você...

Importante.

— ... mas talvez não esteja um pouco perturbado com a idéia de que o assassino de cinco mulheres seja...

— Seja o quê?

— ... de algum modo relacionado a você? Não sei como dizer isso, porque não consigo entender muito claramente.

Um relâmpago de dor explodiu no meio da têmpora direita de Nora, enviando uma quente ramificação até sua pupila. Ela recostou-se em sua cadeira e colocou a mão sobre o olho.

— Não vou conseguir dormir. Acho que vou descer até a sala da família e ouvir um pouco de música.

Nora esperou ser convidada a acompanhá-lo, a fim de que pudesse recusar. Ouviu-o empurrar a cadeira para trás e ficar em pé.

Davey lhe disse que tentasse dormir. Receitou uma aspirina.

Nora afastou a mão do rosto. Davey inclinou a garrafa quadrada e castanha sobre sua xícara e despejou vários centímetros do líquido ambarino que recendia a semente de alcaravia.

— Você disse que estava com aquele manuscrito encontrado na sala de conferências, o livro de Clyde Morning, correto? Importa-se se eu der uma espiada nele?

— Você quer ler Clyde *Morning*?

— Quero ver o primeiro novo Blackbird Book — respondeu ela, mas Davey aceitou este toque conciliatório apenas franzindo a testa e dando de ombros. — Poderia pegá-lo para mim?

Davey inclinou a cabeça para o lado e revirou os olhos.

— Se é isso que você quer... — Ele foi até seu “estúdio”, e Nora pôde ouvi-lo falando sozinho, enquanto manipulava os fechos de sua pasta. Logo Davey voltava à cozinha, segurando meio sem jeito um maço surpreendentemente fino de folhas datilografadas, presas por elásticos. — Aqui está. — Ele deixou o maço de folhas sobre a mesa. — Diga-me se achar que vale alguma coisa.

— Você duvida do grande Clyde Morning? — perguntou ela.

Já na porta da cozinha, Davey se virou para dar-lhe um olhar de simpatia por tê-la deixado sozinha, e escapuliu.

Nora removeu os elásticos e bateu várias vezes na mesa com a borda inferior das folhas, a fim de ajeitá-las. Então, virou a última página e olhou para a numeração, no canto superior direito. Quaisquer que fossem os milagres da arte narrativa, produzidos em *Espectro* pelo escritor que era a esperança da série Blackbird Books, ele os condensara em 183 páginas.

Do andar de baixo flutuou o som fantasmal de Peter Pears cantando palavras de uma ópera de Britten que Nora ouvira muitas vezes, mas que não conseguia localizar. A voz parecia provir de um reino inumano, situado entre o céu e a terra. *Morte em Veneza*, era o que Davey estava ouvindo. Ela pegou o fino manuscrito, levou-o

para a sala de estar, acendeu um abajur que Sally Michaelman lhe tinha vendido, e estirou-se em um sofá para lê-lo.

LIVRO III

NAS PROFUNDEZAS DA NOITE

POR FIM, O MENINO PERDEU TODA A ESPERANÇA E ADMITIU PARA SI MESMO QUE ESTA TERRA ESCURA ERA A MORTE, DA QUAL NÃO PODIA SER OBTIDA QUALQUER LIBERAÇÃO. DURANTE ALGUM TEMPO, DESAPARECERAM TODA A SUA FORÇA E SEU RACIOCÍNIO, E ELE CHOROU DE PÂNICO E DESESPERO.

28

BEM CEDO na manhã seguinte, Nora deu as costas ao Estreito de Long Island, correu pela arqueada ponte de madeira na Trap Line Road e chegou aos doze acres de pântano arborizado, conhecido como Área de Preservação Ambiental Pierce A. Gordon. O ar era fresco e revigorante, e atrás dela gaivotas saltitavam ao longo da comprida praia juncada de algas marinhas. Ela chegou à metade de sua corrida, tendo à frente os prazeres do “Abrigo de Aves”, nome dado à área de preservação pelos nativos de Westerholm, e ali ficou por quase quinze minutos, saboreando a ilusão de cruzar uma paisagem como aquela das florestas do Michigan, à qual era levada por Matt Curlew em pescarias de fim de semana, durante sua infância. Estes quinze minutos eram o âmago secreto de sua corrida matinal e, na manhã seguinte à sua primeira noite literalmente insone em anos, Nora não desejava outra coisa senão parar de pensar, de preocupar-se ou do que quer que estivera fazendo pelas quatro horas passadas, e desfrutar do momento. Árvores familiares, cheias de cardeais e barulhentos gaios, estavam à sua volta. Nora olhou para seu relógio e viu que já estava quase cinco minutos atrasada em seu tempo costumeiro.

Aquela louca história de Davey a afetara mais do que gostaria de admitir. No passado, as invenções dele, quando não claramente em proveito próprio, tinham estado a serviço do fantasioso e do estado de ânimo. Embora nada daquilo fosse altamente fantasioso, a história de Paddi Mann parecera esconder mais do que ele revelara.

Mesmo que Davey estivesse procurando enfatizar a extensão em que havia sido seduzido, tinha exagerado nos efeitos.

Outras coisas também a perturbavam. Lera as primeiras quase trinta páginas de *Espectro* em tal torvelinho de dúvida e raiva, que as frases desapareciam instantaneamente de sua memória.

Que direito tinha Davey de exigir que ela mostrasse interesse por um escritor de segunda categoria? Em benefício dele, Nora absorvera montes de informações sobre música clássica. Sabia a diferença entre Maria Callas e Renata Tebaldi, podia identificar cinqüenta óperas, desde os primeiros compassos da abertura, podia dizer quando era Horowitz ou Ashkenazy que tocava um noturno de Chopin. Por que tinha de fazer medidas para Hugo Driver?

A essa altura, sua consciência a forçou a reconhecer que, afinal de contas, mentira para Davey sobre ter lido o livro de Driver. Ela havia fechado o manuscrito, descera ao andar de baixo e parara junto à porta da sala da família. *Morte em Veneza* fluía dos altofalantes.

Então empurrou a porta lentamente, esperando ver Davey sentado e tomando notas, contemplando a parede ou fazendo qualquer coisa que, enfim, provasse estar pelo menos tão desperto quanto ela. Coberto até a garganta por uma manta xadrez de lã escocesa, olhos fechados e boca tremulando, Davey estava deitado no sofá. Exatamente como ela previra, o sr. Sensibilidade colocara dois CDs de Britten no CD *player*, espichara-se embrulhado na manta, como um bebê, e esperara que ela fosse a primeira a pegar no sono.

Então era assim, era assim que a coisa *funcionava*. Nora voltou à sala de estar e ligou o rádio. Moveu o ponteiro até

encontrar uma estação martelando James Cotton, irradiando *blues* a todo vapor, *blues* com atrevimento, aumentou o volume e sentou-se, para recomeçar a ler *Espectro* desde o início.

Espectro era o segundo tópico que ela desejava afastar da mente, durante a parte favorita de sua corrida. Após cerca de uma hora de leitura, ocorrera-lhe certa possibilidade a respeito de Clyde Morning. Se verdadeira, tal possibilidade poderia significar algo para si mesma e para Davey. Se falsa, então havia algum problema com o próprio livro. Conforme esperava, *Espectro* era de uma leitura leve. Dava a impressão de ser o esqueleto ficcional mal descarnado por um escritor muito cansado ou preguiçoso demais para manter corretos os nomes de seus personagens. George Carmichael, o personagem principal, tornara-se George Carstairs na altura da página 15 e, pela página 35, havia voltado a ser Carmichael. Pelo restante do livro, ele usava um ou outro dos nomes, dependendo, imaginou Nora, de qual emergisse primeiro na mente de Clyde Morning, quando ele o registrava em sua máquina de escrever.

Ainda pior era a exaustão que pesava na escrita. Três personagens diferentes diziam "É a pura verdade". Frases demais começavam com a expressão "De fato" seguida por uma vírgula. Os olhos de George Carmichael/Carstairs eram, invariavelmente, "de um profundo e vibrante tom castanho", enquanto que seus sapatos estavam sempre "riscados por marcas de desgaste". Nenhum sentido ou gramática estavam a salvo. "Quando George correu escada abaixo, o sol bateu em seus olhos de um profundo e vibrante tom castanho." Ao "fitar anelante" a amada Lily Clark, seus olhos aderiam ao vestido dela. Ou então voavam através do aposento, para encontrar-lhe os "lábios de tigresa". Por meia dúzia de vezes, George

e outras pessoas “gastavam as solas dos sapatos” quando “caminhavam pesadamente pela calçada” ou “subiam degraus de dois em dois”. Depois que começou a notar tais repetições, Nora levantou-se, pegou um lápis e fez marcas leves na margem onde um deles surgia.

Quando terminou de ler, uma claridade pálida infiltrava-se diagonalmente pelas janelas da frente da casa. Voltou à cozinha em busca de mais café, e descobriu que moera grãos da embalagem de French Roast, que não era descafeinada. Sua estação de rádio martelara *blues* durante a noite inteira e passara para o *jazz*, enquanto ela lia as últimas páginas do manuscrito. Um saxofone tenor tocava uma balada com tanto sentimento, que as notas individuais pareceram flutuar-lhe através da pele. “Scott Hamilton”, disse o locutor, “executando ‘A Ponte de Chelsea’”.

Scott Hamilton... não era o nome de um patinador no gelo?

Nora tinha erguido os olhos do manuscrito, estonteada e confusa. Era como se, juntamente com o som do saxofone, algum pensamento secreto, algum que não seria admitido durante horas normais, houvesse mergulhado em sua mente, tomado forma e flutuado. Carmichael/Carstairs e Paddy Mann tinham sido parte deste pensamento, porém ele se fora. A experiência a tinha deixado com uma estranha sensação, como se fosse uma visitante em sua própria vida. Levantando-se, ela pôs as mãos na cintura e girou as costas bruscamente, duas vezes para a direita e duas para a esquerda.

Davey não saíra da sala da família durante a noite, porém sua irritação com ele já passara. Após quase uma semana guardando os próprios temores para si mesmo, ele finalmente soltara sua

confissão. Mesmo que somente um décimo dela fosse verdadeira, ainda assim era uma confissão.

Nora desceu ao andar de baixo e espreitou o marido. Acima da manta, o rosto dele estava tenso por um sonho ansioso. Ela apagou a luz e desligou o CD *player*. No andar de cima, colocou *Espectro* preso novamente em seus elásticos. Sentia-se de repente absolutamente exausta e totalmente desperta. Por que não aproveitar a dádiva destas horas extras e dar sua corrida agora, depois preparar o *breakfast* de ambos, antes de Davey partir para Nova York? Inspirada, ela vestiu o short, calçou os tênis de correr, enfiou uma camiseta sem mangas e uma suéter de algodão, pôs na cabeça um comprido e bicudo chapéu, e então saiu de casa. Após alguns minutos de alongamento na relva úmida de orvalho de um gramado fronteiro que parecia exótico, naquela desacostumada claridade cinza-azulada do amanhecer, Nora logo foi deixando para trás as casas adormecidas na Alameda Contos de Fadas.

Fiapos de dúvida e preocupação continuavam sondando sua concentração, enquanto corria através da paisagem quase alucinatória do Santuário dos Pássaros. Paddi Mann não era um problema e, na realidade, tampouco o era seja lá o que fosse que Davey estivera omitindo. Os segredos de seu marido invariavelmente acabavam sempre sendo muito menos significativos do que ele imaginava. O problema era se devia ou não contar-lhe o que ela, inadvertidamente, descobrira sobre Clyde Morning.

29

NORA RECOLHEU o *The New York Times* que estava na soleira, destrancou sua porta da frente e, em um gesto automático, checkou o sinal no painel de segurança. A luz verde estava acesa; ninguém tocara no sistema desde que ela deixara a casa. Levou o jornal para cima e abriu a porta que dava para a sala da família. Lá, mergulhado em sono imperturbado, estava Davey, a manta escocesa Contorcida ao redor de seus quadris, de olhos fechados e a boca aberta apenas o suficiente para que pudesse lambe os lábios.

Ajoelhando-se em frente dele, Nora encostou a mão no rosto adormecido. Os olhos de Davey tremularam e abriram-se.

— Que horas são?

Ela olhou para o relógio digital, perto do CD *player*.

— Sete e dezessete. Você precisa levantar.

— Por quê? Poxa, esqueceu que é sábado?

— Hoje é *sábado*? Oh, Deus! — exclamou ela. — Sinto muito, estou tão atrapalhada que pensei ser hoje segunda-feira.

Davey reparou no que ela usava.

— Já deu sua corrida? É tão *cedo*! — Sentando-se, ele perscrutou o rosto dela mais de perto. — Você dormiu? — Davey pousou os pés no chão. Um leve cheiro de álcool azedo desprendia-se de sua pele. Recostando-se no encosto do sofá, ele a olhou fixamente. — Você está mesmo com aquela aparência de completamente *dopada*. Não creio que *Espectro* tenha sido tão

excitante, para deixá-la assim. Aliás, em meu ponto de vista, chegava a ser chato.

Este não parecia o momento para arriscar-se a contar-lhe sua teoria sobre Clyde Morning.

— Bem, eu tive uma ou duas idéias, mas ainda preciso dar mais uma espiada no manuscrito, para depois falar sobre elas.

— É mesmo? — Davey moveu a cabeça, para o lado, parecendo desconfiado.

— Pretendo apenas certificar-me de algumas coisas. Quer voltar a dormir?

Ele esfregou a face.

— Acho melhor levantar-me. Talvez possa jogar um pouco de golfe antes do almoço. Você não se importa?

— Acho uma boa idéia.

Nora beijou-lhe a face com cheiro de uísque levemente choco e ficou em pé. Na sala de estar, reparou que ainda carregava o jornal, e o jogou em cima de uma cadeira.

Após uma ducha apressada, ela desligou a água e saiu do boxe no momento em que, nu, Davey entrava no banheiro. Quando estendeu a mão para uma toalha, ele agarrou-lhe uma nádega. Nora amontoou a toalha diante do peito dele e o empurrou para o chuveiro.

Depois de enxugar-se, ela enrolou a toalha ao redor do corpo e foi para o quarto, a fim de vestir-se. Nu, rosado e esfregando os cabelos com uma toalha, Davey saiu do banheiro e disse:

— O único problema em ir tão cedo ao clube é ter de jogar com aqueles velhotes tipo “suporte atlético” e ouvir todos me

tratarem como o neto retardado de alguém. Eles nunca prestam atenção ao que quer que eu diga.

O telefone perto da cama tocou. Os dois fitaram o aparelho.

— Deve ser ligação errada — disse Davey. — Livre-se do intruso.

Nora ergueu o fone.

— Alô?

Uma voz masculina, já ouvida antes, mas que ela não reconheceu, pronunciou seu nome.

— Sim, eu mesma.

— Aqui é Holly Fenn, sra. Chancel. Lamento incomodá-los tão cedo, mas em meio a todo o excitamento por aqui, surgiu algo que talvez ficasse melhor esclarecido com uma ajuda de ambos.

Davey apareceu diante dela em uma camisa pólo verde, cueca folgada, tipo short, e meias azuis até os joelhos.

— E então, quem é o idiota?

Ela tapou o fone com a mão.

— Holly Fenn.

— Não conheço ninguém chamado Holly Fenn.

— Aquele tira. O detetive.

— Oh, *aquele* cara. Que ótimo.

Fenn disse:

— Alô?

— Sim, estou ouvindo.

— Se não se importassem em prestar um pequeno serviço público à sua polícia local, eu gostaria de saber se a senhora e seu marido poderiam dar uma chegada até aqui, no posto. Como amigos da sra. Weil.

Davey removeu um par de calças cáqui do saco plástico de lavagem a seco e jogou o saco, agora emaranhado no cabide, na direção da cesta de roupa usada, errando por pouco.

— Não estou entendendo bem — disse ela. — O senhor quer falar conosco sobre Natalie?

Davey resmungou qualquer coisa e enfiou uma das pernas nas calças.

— Talvez eu tenha boas notícias para vocês — disse Fenn. — Pode ser que sua amiga, afinal de contas, não esteja morta. LeDonne encontrou-a, ou alguém que alega ser a sra. Weil, mais abaixo na South Post Road, faz apenas alguns momentos. Poderiam vir logo? Eu apreciaria imensamente a sua ajuda.

— Bem, claro — respondeu Nora. — É uma grande notícia. Entretanto, para que precisa de nós? Para identificá-la?

— Eu explicarei quando chegarem, mas é mais ou menos isso. Talvez prefiram entrar pelos fundos do posto. Tudo está uma loucura por aqui.

— Estaremos aí dentro de uns dez minutos — disse ela.

— Do meio deste pandemônio, fico muito grato — respondeu Fenn. — Obrigado. — E desligou.

Ainda segurando o fone, Nora olhou para Davey, que agora inspecionava sua prateleira de calçados.

— Ainda não entendi direito — disse ela para o marido, que se virou em sua direção, fez um ruído interrogatório com a garganta, e agachou-se para selecionar um dos mocassins. — Ele quer que a gente vá ao posto, porque aquele policial que estava na casa de Natalie — LeDonne, será? —, porque ele disse que LeDonne encontrou uma mulher alegando ser Natalie, na South Post Road.

Davey ergueu o corpo lentamente e franziu o cenho para ela.

— Então, para que ele precisa de nós?

— Não estou bem certa.

— É idiotice. Tudo que eles têm a fazer é examinar a licença de motorista dela. Para que arrastar-nos até lá?

— Não sei. Ele disse que explicaria quando chegarmos.

— Não pode ser Natalie. Você viu o quarto dela. As pessoas não se levantam e se afastam de um banho de sangue daqueles.

— Segundo o que me contou, Paddi Mann fez isso — disse ela.

O rosto de Davey ficou corado, inteiramente vermelho, e ele afastou-se para calçar os mocassins.

— Eu não disse isso. Falei que ela desapareceu. Natalie foi assassinada.

— Por que está tão vermelho?

— Eu não estou *vermelho* — replicou ele. — Estou chateado. A gente imagina que tiras sejam do tipo obtuso e incompetente, mas isto já passa dos limites! Eles recolhem uma maluca que diz ser Natalie, e temos de perder toda a manhã fazendo o trabalho para eles! — Davey andou pelo quarto, enfiou as mãos nos bolsos e enviou-lhe um olhar cauteloso. — Espero que você seja sensata o bastante para não soltar alguma coisa que eu lhe tenha contado ontem à noite.

Nora percebeu que ainda tinha o fone na mão e o recolocou no lugar.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Seria bom termos tempo de comer alguma coisa — disse Davey. — Vamos acabar logo com isso, está bem?

Minutos mais tarde, o Audi disparava por baixo das árvores que marginavam a Old Pottery Road, enquanto Davey ponderava, em voz alta, se devia contar à polícia que encontrara o exemplar de *Jornada na Noite* que pertencera a Paddi Mann no quarto de dormir de Natalie Weil.

— O problema é que o levei comigo. Aposto que isso pode me criar problemas.

Para Nora, a questão representava outro exemplo da espantosa capacidade de Hugo Driver em continuar a originar problemas muito tempo depois de sua morte.

— Não há motivos para tocar no assunto.

Davey fitou-a com expressão injuriada.

— Isso é coisa *séria*, Nora. Talvez eu não devesse entrar com você. A tal mulher não pode ser Natalie, mas, e se for?

— Se ela não pode ser, então não é. E se de algum modo for Natalie, ela terá muito mais do que falar, ao invés de discutir um exemplar de *Jornada na Noite*.

— Sim, creio que sim. — Davey suspirou. — Você disse que tinha algumas idéias sobre *Espectro*.

— Oh! — exclamou ela. — Quando eu corria no Santuário dos Pássaros, ocorreu-me algo sobre o que tinha lido, mas posso estar enganada.

Davey acelerou ladeira abaixo para a luz verde na Post Road, sinalizou para fazer a curva e girou para o norte, ocupando a pista de velocidade.

— Lembra-se de como você costumava brincar sobre Clyde Morning e Marletta Teatime serem a mesma pessoa? Acho que

realmente poderiam ser.

Ele a olhou de relance, com incredulidade.

— No mês passado li um romance de Marletta Teatime, lembra-se? *A Sepultura à Espera*?

— *A Sepultura à Espera* — repetiu Davey.

— Exatamente. Achei curiosos certos detalhes no estilo. Marletta fazia as pessoas dizerem “é a pura verdade” duas vezes, quando elas concordavam com alguma coisa. Quem costuma falar “é a pura verdade”? Os ingleses, talvez, ou os australianos, porém os americanos não falam assim. Em *Espectro*, as pessoas dizem “é a pura verdade” insistentemente.

— Parece óbvio que Clyde lê os livros dela.

— Só que ainda tem mais. Marletta iniciou meia dúzia de frases com a expressão “de fato”. O mesmo acontece em *Espectro*. Há também qualquer coisa sobre sapatos. No livro de Marletta, o personagem que é o jardineiro, aquele que mata o garotinho, tem sapatos riscados por marcas de desgaste. É como mais tarde se descobre que ele fazia o papel de ministro, na outra cidade. Bem, em *Espectro*, Morning insiste em dizer que os sapatos de George Sei-lá-de-quê são riscados por marcas de desgaste. Nem mesmo chega a ser uma boa descrição.

— Ora, ora! Você agora é uma editora de texto!

Nora ficou calada.

— Sabe o que quero dizer. Não creio que seja uma descrição ruim, é isso.

— Tudo bem; olhe então para a piada que são os sobrenomes dos dois — disse Nora. — Morning e Teatime. Manhã e Hora do Chá. É como serem chamados de seis horas e quatro horas.

— Ah! — exclamou Davey. — Bem, é possível que Morning tivesse inventado “Teatime” como um pseudônimo. Aliás, não seria impossível.

— Obrigada.

— Se ele tinha dois nomes, poderia escrever também dois livros. Só Deus sabe se não estaria precisando do dinheiro. Tudo o que tinha a fazer era providenciar uma caixa postal para Marletta e uma conta de banco separada. De qualquer maneira, ninguém jamais viu algum deles.

— Então, se os dois forem a mesma pessoa, isso não geraria problemas?

— Não, se não contarmos a ninguém — disse Davey. — Quando *Espectro* for editado, excluiremos simplesmente todos os “de fato”, os “é a pura verdade” e os “riscados nos sapatos”.

— Você poderia extrair disso uma pequena publicidade — lembrou Nora.

— E fazer com que nos julgassem tolos? Não, obrigado. O melhor é ficarmos calados e deixar que o problema se dissolva por si mesmo. Precisamente o que eu desejaria poder fazer com esse negócio idiota de Driver.

— Que negócio de Driver?

— É algo tão ridículo, que nem quero falar a respeito.

— Trata-se do problema que seu pai mencionou a você.

— O motivo pelo qual tive que ver aquela paródia. Bem, aí vamos nós!

Davey saiu da Post Road e dirigiu para o prédio de pedra que abrigava o posto policial de Westerholm. O pátio de estacionamento adjacente pareceu a Nora singularmente cheio.

— Como pode tal filme ser um problema para a Casa Chancel?

— Não pode — disse Davey, parecendo deprimido —, não em si mesmo. O que aconteceu foi que aquelas duas malucas de Massachusetts assistiram a esse filme idiota, logo depois de terem vasculhado alguns documentos de família em seu porão.

Davey saiu do estacionamento principal e manobrou para o do departamento de polícia, que estava tão apinhado como aquele que tinham acabado de deixar. Carros e vans achavam-se estacionados diante do posto.

— Olhe para aquelas vans — disse Nora, apontando para duas compridas vans com os logotipos e siglas de redes televisivas de Nova York.

— Não faltava mais nada!

— As tais mulheres encontraram antigos documentos de família?

— Elas julgaram ter encontrado um meio de arrancar um bocado de dinheiro do meu velho. O untuoso advogado delas fez tudo, exceto admitir isso.

Davey tinha agora dirigido até o extremo do estacionamento da polícia, sem encontrar nenhuma vaga. Então, circulou em torno, dirigindo-se para as vagas reservadas às viaturas policiais.

— Não entendi — disse Nora.

— Elas encontraram notas que presumivelmente tinham sido feitas por uma irmã de ambas. Algo que tomou *três páginas*. Em uma maleta.

Davey parou seu carro em uma vaga entre duas viaturas da polícia.

— Elas estão alegando que a irmã escreveu *Jornada na Noite*?

O que quer que as mulheres de Massachusetts tivessem alegado, aparentemente não era para ser discutido, uma vez que Davey saiu do carro logo em seguida. Nora também desceu do carro e viu o agente LeDonne aproximando-se. Ele parecia um homem sob uma forte carga de pressão.

— Não vou tirar este carro daqui — disse Davey. — Você é que nos fez vir até aqui.

— Poderiam acompanhar-me até o posto, por favor? Sr. Chancel? Sra. Chancel? Terei de pedir-lhes que caminhem bem depressa e não falem com ninguém, até estarmos com o chefe Fenn. — O detetive caminhava para eles enquanto falava, parando a pouco menos de meio metro de distância de Davey. — Fique o mais próximo de mim que puder.

Ele olhou para os dois, deu meia-volta e recomeçou a caminhar para a frente do prédio. Quando contornaram a esquina do posto, Nora percebeu algo a que não prestara atenção antes. Ao contrário dos carros no estacionamento principal, alguns ali estavam ocupados. Os homens e mulheres que esperavam em seus veículos espiavam LeDonne conduzir os Chancels para os degraus do posto policial.

— Poxa, metade da cidade está aqui! — exclamou ela.

— Eles estão aqui desde que amanheceu — disse LeDonne.

Subiram com rapidez os três longos degraus. Nora sentiu centenas de olhos ávidos cravados em suas costas, por trás dos pára-brisas dos carros, mas logo teve a atenção desviada para a comoção no outro lado da porta. LeDonne suspirou.

— Tinha que ser eu? Devíamos ter posto todos eles em uma cela de custódia, e depois irmos soltando um a um!

Ele chegou até a porta, fez Davey e Nora ficarem mais perto e mergulhou para o interior. Davey moveu-se atrás de Nora, colocou as mãos em seus quadris e a empurrou.

Como Nora já sabia desde seu contratempo com o filho do milionário, a mesa alta ocupada por um sargento dominava um lado do espaço além da entrada. No outro havia duas compridas filas de bancos de madeira. Alguns passos à frente dela, LeDonne abria caminho através de uma multidão que irrompeu dos bancos. Dois homens uniformizados atrás da mesa gritaram por ordem. As mãos de Davey a fizeram acelerar o passo junto a um microfone erguido no alto, em meio a uma saraivada de perguntas e uma súbita onda de corpos. Vozes bombardeavam-lhe a cabeça. Davey pareceu erguê-la do chão e acelerá-la para o estreito espaço às costas de LeDonne. De trás de seu ouvido direito, Nora ouviu um repórter perguntar algo sobre a família Chancel, porém a pergunta evaporou-se quando eles dobraram para um amplo corredor, onde, abruptamente, viram-se sozinhos.

— O gabinete do chefe Fenn é ali adiante — disse LeDonne.

Com isso, ele parecia prometer que tudo seria explicado lá, e recomeçou sua caminhada, guiando-os ao longo de uma série de portas com vidraças de vidro esmerilhado. No lado mais distante de uma larga escada metálica, ele abriu uma porta com as palavras CHEFE DE DETETIVES escrita no vidro opaco.

No gabinete havia uma escrivaninha de tampo corrediço, uma comprida secretária de metal verde dando frente para duas cadeiras de madeira e uma mesa de metal cinza, empurrada contra uma parede de concreto em pálido tom verde-acinzentado. Tanto a secretária de metal quanto a mesa estavam cobertas de papéis, e

mais papéis projetavam-se da escrivaninha com o tampo correção aberto. Uma janela estreita atrás da secretária verde dava para o pátio de estacionamento da polícia, onde o Audi sobressaía como um intruso, nas fileiras de viaturas preto-e-brancas.

— Holly Fenn é um relaxado — disse Davey, examinando o aposento, com os braços cruzados na altura do peito. — Estamos surpresos? Não, não estamos.

Nora sentou-se em uma cambaleante cadeira de madeira, e Holly Fenn surgiu à porta, carregando um grosso e surrado caderno de notas à frente do corpo, como se fosse uma arma.

— Imagino que a imprensa tenha pulado em cima de vocês, lá fora.

— Exatamente — disse Nora, e riu. — O que, afinal, esses repórteres estão fazendo aqui?

Fenn estacou.

— Nosso chefe achou que poderíamos controlá-los um pouco melhor dentro do posto. — Ele estendeu a mão para Davey, que a apertou. — Obrigado por ter vindo, sr. Chancel.

— Eu queria saber uma coisa: o que eles estão fazendo *aqui*? — perguntou Nora. — Não entendo como souberam tão depressa sobre essa mulher que diz ser Natalie.

Fenn fez alto a meio caminho de sua mesa e virou-se, a fim de olhar para ela.

— Está querendo dizer que não sabe mesmo?

— Bem, acho que não.

— A senhora não leu os jornais esta manhã?

Ela se viu atirando o jornal em cima de uma cadeira.

— Oh, meu Deus! — exclamou Davey, colocando as mãos no alto da cabeça. — Vocês conseguiram? Pegaram o sujeito?

— Parece que sim — disse Fenn, por um momento quase parecendo satisfeito consigo mesmo.

— Conseguiram o quê? — perguntou Nora.

— Agarrar o nosso assassino — disse Fenn. — Está mantido em custódia desde as dez da noite passada. Acho que foi Popsie Jennings quem ligou para o *Times*. Conhecem Popsie, não?

Os dois Chancels conheciam a notória Popsie Jennings, proprietária de uma loja de roupas femininas na Main Street, chamada “A Mulher Liberada”, que residia na casa de hóspedes da propriedade de seu terceiro marido, no lado direito da Mount Avenue, a cerca de meio quilômetro de “Os Alamos”. De baixa estatura, sólida e loura, em seus cinquenta e poucos anos, com uma voz de cigana e gosto por palavrões, Popsie dava a impressão de ter nascido em um barco a vela e ser criada em um campo de golfe. Entretanto, vivera anticonvencionalmente, inclusive de maneira ostensiva, e presumia-se que dera tal nome à sua loja de vestidos, segundo o conceito que fazia de si mesma. Comentava-se que ela mantinha em seu quarto duas telas de cavalos da autoria de George Stubbs, presenteadas por seu primeiro marido, gostando de declarar que todos três eram bem-dotados — as telas, os cavalos e o primeiro marido.

— Ele invadiu a casa de *Popsie*? — perguntou Davey. — Teve um bocado de sorte, se não fosse amarrado nu em uma cama e forçado a alimentar-se de vodca.

— Quase aconteceu isso — respondeu Fenn. — Ele apareceu na casa dela por volta de nove da noite passada. Popsie ficou

desconfiada, atacou-o com o atizador, prendeu-lhe pés e mãos com fita gomada enquanto estava inconsciente e então, empunhando um facão de açougueiro, disse que o castraria se ele não confessasse.

— Uau! — exclamou Nora. — Popsie estava muito segura de si!

— E também bastante louca.

— Afinal, quem era o sujeito? — perguntou Davey.

— Presumo que também o conheça. Richard Dart.

— Dick *Dart*? — exclamou Davey, arriando desajeitadamente na cadeira ao lado da de Nora e dirigindo a ela um olhar vazio, mas tomado de espanto. — Fui para a escola com ele. Seu irmão, Petey, estudava na minha classe, e Dick estava no segundo ano da universidade, quando me graduei. Nunca fomos amigos ou algo parecido, mas eu o vejo pela cidade de vez em quando. Apresentei-o a Nora faz uns dois meses. Lembra-se, Nora?

Ela meneou a cabeça, perguntando-se por que não falavam sobre Natalie Weil, e ainda não inteiramente capaz de responder que de fato conhecera o homem a quem havia denominado o Lobo de Westerholm.

— Onde? — perguntou.

— No Gilhoolie's. Logo depois de inaugurado.

Nora então recordou o homem lânguido que arrastava as palavras naquele bar horrível, aquele que elogiara seu perfume, embora ela não estivesse usando nenhum. Portanto, havia falado com ele, fitara seus olhos e fora ligeiramente tocada pelo homem a quem chamava de Lobo, o qual se revelara um asqueroso e envelhecido universitário com um problema de bebida. O motivo dele agir como se odiasse as mulheres era porque realmente as

odiava. Entretanto, Dick Dart não se ajustava às vagas imagens mentais que ela formara sobre o assassino de Westerholm. Ele era demasiado comum nos sentidos errados, sem nada ter de comum em outros sentidos errados. Enfim, talvez ela devesse ter imaginado que o Lobo possuiria um mal disfarçado senso da própria superioridade.

— Ainda não consigo acreditar — dizia Davey agora. — Lembra-se dele, não é, Nora?

— Ele foi horrendo, mas eu não imaginava que fosse *tanto*.

— O pai também está tendo um pequeno contratempo com ele. — Fenn deu a volta à secretária, largou o caderno de notas em sua superfície e sentou-se, ficando de frente para eles. — Leland enviou Leo Morris, tão logo soube do ocorrido, e Leo esteve nos enchendo a paciência desde as duas da madrugada. Continua lá, na cela de custódia, com seu amigo.

Embora Leo Morris, advogado da família Chancel e o mesmo que reservara o navio *Queen Elizabeth II* para festejar o décimo-sexto aniversário de sua filha, fosse um dos mais fortes juristas de Connecticut, não costumava ser considerado criminalista, e Davey expressou sua surpresa ante tal escolha.

— Leo não discutirá o caso no tribunal, pois eles têm um esperto rapaz para isso, mas cuidará da encenação da defesa. Estamos com uma disputa nas mãos.

— Então, tem certeza de que ele é o sujeito — disse Davey.

— Ele é o sujeito — disse Fenn. — Quando o derivemos, tinha uma cigareira de prata de Sally Michaelman no bolso do paletó. Ela parou de fumar há uns dez ou doze anos, mas o marido deu-lhe a cigareira faz uns dois anos, antes de se divorciarem. E quando

revistamos o apartamento de Dart, encontramos um monte de coisas. Jóias, relógios, coisinhas que pertenceram às vítimas. Algumas peças tinham nomes gravados e vamos checar o resto, mas aposto o que quiserem como descobriremos que a maioria dos objetos provém das casas das mulheres. Diabo, ele chegou a levar um livro sobre Ted Bundy, da casa de Annabelle Austin, e ela havia escrito seu nome nele. Acho que pretendia obter algumas indicações. Além disso, Dart tinha um caderno com recortes de artigos sobre os assassinatos. Eram recortes de todos os jornais numa área de oitenta quilômetros. E, somado a *isso*, enquanto Popsie ameaçava sua virilidade, ele cuspiu um detalhe que nunca dissemos à imprensa.

Davey, que tinha parecido um pouco alarmado à menção do livro, perguntou:

— Que detalhe?

— Ah, isso é uma coisa que não lhe direi — respondeu Fenn.

— Antes de mais nada, o que deixou Popsie desconfiada? — perguntou Nora.

— Dart não tinha nenhum motivo real para ir à casa dela. Ligou dizendo que precisava discutir algo, mas, ao chegar lá, apressou-se em soltar um palavrório afetado sobre o inventário na loja de vestidos — algo com que nada tinha a ver. Depois disse que seria útil dar uma espiada nas telas que ela tem no quarto; talvez Popsie quisesse legá-las para um museu, visando a uma dedução no imposto de renda. Insistiu em ver as pinturas, antes de seguirem em frente. Popsie respondeu que ele estava passando dos limites, nada de excursões pelo quarto esta noite, rapazinho, vá para casa, mas o que ela de fato pensava era *Este cara está solitário, ele só quer falar*

com alguém. Ela já conheceu homens suficientes para compreender que o sujeito não estava em seu comprimento de onda normal, que afinal de contas o caso nada tinha a ver com sexo; então decidiu dar-lhe mais um drinque e depois mandá-lo embora. Assim, levantou-se, deu a volta em torno do sujeito, e sentiu que ele não estava apenas deixando-a nervosa, mas deixando-a *realmente* nervosa. Popsie havia parado junto da lareira. Foi quando percebeu algo que a fez pegar o atizador e golpeá-lo na cabeça.

— O que foi que ela percebeu? — perguntou Nora.

— Todas as mulheres assassinadas eram clientes da Dart, Morris. Popsie encaminhara Brewer, Austin e Humphrey a Dart, ao passo que *ela* havia sido encaminhada por Sally Michaelman. Nenhuma figurava na lista de almoços de Dick, mas todas o conheciam. Ela ficou violenta e temporariamente transtornada; assim, em se tratando de Popsie, ao invés de ter um colapso, perdeu o juízo e rachou a cabeça dele.

— Natalie era cliente da firma de Dart? — perguntou Nora.

Fenn empinou a cabeça para trás e contemplou o teto por uns dois segundos. Quando tornou a encará-los, pareceu quase constrangido.

— Obrigado, obrigado, obrigado, sra. Chancel. Devo estar ficando velho demais para este trabalho exasperante. Estive tão concentrado na movimentação que enfrentamos aqui, que cheguei a esquecer o motivo de sua vinda. — Ele puxou o grosso caderno de notas mais para perto e o abriu, a fim de ler a última página. Do outro lado da secretária, Nora viu que, em vez das garatujas que poderia ter esperado, as notas de Fenn eram escritas em letras pequenas, quase caligráficas. O policial ergueu os olhos para ela,

depois tornou a fitar a página. — Falarei agora sobre esta mulher. A meu pedido, o agente LeDonne estava vindo mais cedo para o posto. Ele subia a South Post Road, quando viu uma mulher que se portava estranhamente na calçada, diante do prédio vazio que tinha sido a “Creche Jack e Jill”. É o número 1300 do quarteirão, fica bem ao sul da antiga fábrica de móveis. Sabe onde é? — perguntou ele, e levantou os olhos para ela.

— Sei — respondeu Nora, sentindo um leve tilintar de alarme.

— O agente LeDonne freou e aproximou-se da mulher. Ela dava a impressão de consideravelmente angustiada.

— E parecia-se com Natalie? — perguntou Nora.

Fenn ignorou a pergunta.

— A mulher mais ou menos pediu para ser trazida ao posto policial. Insistia em afastar-se da antiga creche. Quando LeDonne a ajudou a entrar no carro-patrolha, notou uma semelhança com as fotografias que vira da sra. Weil, e perguntou-lhe se era Natalie Weil. A mulher respondeu que era. Ele a trouxe para cá e ela foi levada para o gabinete do chefe do posto, onde quase instantaneamente pegou no sono. Chamamos o seu médico, mas conseguimos apenas comunicação com seu serviço de recados, o qual nos disse que ele tornaria a ligar. Pretendemos levá-la esta manhã para o hospital, mas, até lá, ela continua dormindo no sofá do chefe do posto.

— Ela não explicou nada sobre o que lhe tinha acontecido? Apenas ferrou no sono?

— A mulher dormia em pé desde o segundo em que chegou ao posto. Devo mencionar este detalhe. LeDonne não conhecia a sra. Weil. Eu nunca a vi. Tampouco o chefe do posto a conhecia.

Nenhum de nós sabe qual a sua aparência pessoal. Assim, se não se importam, parece que poderão ajudar-nos na identificação.

— Espero que seja Natalie — disse Nora. — Podemos vê-la?

Holly Fenn levantou-se e chegou ao lado de sua mesa de trabalho, com um meio sorriso visível abaixo do bigode.

— Vamos dar uma pequena caminhada.

— Ouça, quando Dick Dart estava dando o serviço para Popsie e os policiais na casa dela, o que *e/e* disse sobre Natalie? — perguntou Davey, seguindo Nora e o detetive em direção à porta.

— Disse que nunca chegou perto dela.

— Ele nunca chegou perto dela? — repetiu Nora.

Ela ainda não separara inteiramente o sangrento desaparecimento de Natalie do destino das outras mulheres.

— E acreditou nele? — quis saber Davey, parando de caminhar e deixando Fenn ultrapassá-lo, a fim de alcançar a porta.

— Claro. — Fenn abriu a porta, depois se virou para eles. — Dart admitiu tudo para Popsie. Por que mentiria sobre uma vítima a mais? Entretanto, o verdadeiro motivo que me fez acreditar nele é que Natalie Weil não usava os serviços da firma Dart, Morris.

— Ele matava apenas clientes de seu pai — disse Davey, com um recente reconhecimento deste fato.

— Isto faz a gente pensar, não? — disse Fenn.

O policial seguiu em frente e, uma vez no corredor, guiou-os ao longo de monótonas paredes verdes, quadros de aviso e portas dando para salas apinhadas de mesas. Aproximavam-se de uma porta metálica que permanecia aberta atrás de um policial uniformizado. Além desta porta, era visível uma fileira de celas gradeadas. Nora surpreendeu-se, ao ver que as celas eram

exatamente como as mostradas nos filmes, mas que se tornavam amedrontadoras quando vistas de perto.

— Seu amigo Dart está em uma delas — disse Fenn. — E aí permanecerá até ser transferido para a prisão do condado. Leo Morris o acompanha, de maneira que isso pode demorar um pouco. Ainda temos que tirar-lhe o retrato e as impressões digitais.

Nora imaginou o lânguido e pretensioso indivíduo do bar do Gilhoolie's encerrado em um destes horrores. A imagem encheu-a de pavor. Depois deu mais um passo e toda a fileira de celas ficou à vista. Na última delas, um homem sentava-se cabisbaixo na beira de uma cama de campanha, enquanto um outro permanecia de pé, o rosto obscurecido por uma fileira de grades. Estavam ambos calados. Nora não conseguia desviar os olhos.

Davey e Holly Fenn cruzaram a porta aberta. Nora olhou para o homem encurvado na beirada da cama, depois viu seus anelados cabelos grisalhos e percebeu que era Leo Morris. Seus olhos procuraram involuntariamente o homem em pé ao lado do advogado e, nesse segundo, ele se moveu para um lado, tornando-se Dick Dart. O rosto dele ficou radioso ao reconhecê-la. Nora sentiu um choque elétrico na boca do estômago. Dick Dart *lembrava-se dela*.

Dick Dart parecia relaxado e absolutamente despreocupado. Seus olhos fixaram-se nos dela. Era evidente que sentia algum prazer inimaginável ao vê-la. Piscou, e Nora obrigou-se a seguir caminho, dizendo a si mesma que era ridículo ficar atemorizada por um piscar de olhos.

Mais além, no corredor, uma porta tinha a inscrição CHEFE DO POSTO. Nora forçou-se a parar de ver o quadro mental de Dick Dart piscando para ela, e fez uma longa e profunda inspiração.

— Vejamos o que está acontecendo. — Fenn abriu uma fresta da porta e espiou para o interior. Uma corpulenta jovem fardada de policial esgueirou-se prontamente para fora. Fenn disse: — Amigos, esta é Barbara Widdoes. É a nossa chefe do posto, e também uma boa policial. Barbara, estes são os Chancels, amigos da sra. Weil.

— Como foi Holly que me colocou neste trabalho — disse Barbara Widdoes, estendendo a mão e dando a cada um deles um firme aperto — tem de dizer que sou boa no que faço. Como vão? — Ela era atraente, em termos de cordialidade e aprumo, com amistosos olhos castanhos e curtos cabelos escuros, finos como os de um bebê. Nora julgara sua idade com uma diferença de pelo menos cinco anos. Entretanto, a mulher à sua frente estaria na faixa dos quarenta anos de idade, a aparência de mais jovem sendo induzida pelo rosto quase inteiramente liso. — Na verdade, tudo o que faço é manter todos fora do caminho deste velho urso. E alugar meu sofá para desgarrados exaustos.

— Podemos dar uma olhada nela? — perguntou Fenn.

Barbara Widdoes olhou para dentro. Assentiu e permitiu que os três entrassem em sua sala.

Coberta até o pescoço com uma manta, uma mulher miúda e idosa jazia em um curto e funcional sofá contra a parede lateral do obscuro gabinete. Os olhos estavam fundos nas órbitas, assim como as faces sobre os ossos. Nora virou-se para Holly Fenn e meneou a cabeça.

— Sinto muito, mas é outra pessoa.

— Chegue um pouco mais perto — sussurrou Fenn.

Quando Davey e Nora deram mais dois passos para perto da mulher deitada no sofá, o rosto dela ficou mais à vista. Agora, Nora

podia ver por que LeDonne a tomara por Natalie. Havia uma leve semelhança no formato da testa e do nariz, inclusive no desenho da boca. Nora tornou a abanar a cabeça.

— É uma pena.

Davey disse:

— É Natalie!

Nora meneou a cabeça. Ele estava cego.

— *Veja* — disse Davey.

A mulher prontamente abriu os olhos e sentou-se, como se houvesse treinado a si mesma para interromper o sono. Usava um imundo conjunto azul e os pés nus estavam negros de sujeira. Nora viu que, afinal de contas, esta velha era mesmo Natalie Weil, fitando-a diretamente, os olhos cheios de terror.

— *Não!* — guinchou Natalie. — *Levem ela daqui!*

Atônita, Nora recuou.

Natalie tornou a gritar agudamente, e Nora se virou para Holly Fenn, boquiaberta. Davey já se encaminhava para a porta. Natalie dobrou as pernas, com os joelhos sob o queixo, abraçou-se a elas e *baixou a cabeça, como se quisesse enrolar-se feito uma bola.*

— Barbara? — chamou Fenn.

— Eu cuido dela — disse a policial, e cruzou a sala para passar os braços em torno de Natalie.

Fenn encaminhou-se para a porta, e Nora o acompanhou.

— Lamento que tenham de passar por isso — disse Fenn. — Concordam ambos que realmente ela é Natalie Weil?

— Sim, é Natalie, mas o que aconteceu a ela? — perguntou Nora. — Está tão...

— Por que Natalie reagiria a você daquele modo? — exclamou Davey.

— Como posso saber?

— Vamos levar a sra. Weil para o hospital — disse Fenn. — Eu entrarei em contato com os senhores assim que descubra algum sentido em tudo isto. Poderia imaginar algum motivo para a sra. Weil sentir medo da senhora?

— Não, em absoluto. Éramos amigas.

Parecendo tão perplexo quanto Nora, Fenn os conduziu corredor abaixo, não de volta à entrada, mas na mesma direção em que tinham vindo.

— Eu poderia pedir-lhes que ficassem em casa pelo período da tarde? Talvez queira bater um papo dentro de algumas horas.

— Claro — assentiu Davey.

Fenn abriu a porta dos fundos do posto, e os Chancels saíram para o estacionamento, banhado de quente e forte luminosidade.

Davey nada disse enquanto caminhavam para o carro e também não falou enquanto entrava e ligava o motor.

— Davey? — chamou Nora.

Ele acelerou pelos fundos do posto e ganhou a pequena estrada encurvada, afastando-se do campo vazio e do rio. Demorariam mais a chegar em casa seguindo aquela direção, mas Nora supôs que ele quisesse evitar a multidão e os repórteres na frente do posto.

— Ora, Davey, vamos!

— O que é?

Algo inesperado brotara na mente de Nora, e ela se ouviu perguntando:

— Você não se interessa pelo que aconteceu a todas aquelas pessoas de Shorelands? Merrick Favor e os outros, aqueles sobre os quais a tal garota lhe falou?

Ele sacudiu a cabeça, quase irritado demais para falar, porém demasiado desdenhoso para permanecer em silêncio.

— Você acha que me preocupo com o que aconteceu em 1938? Penso que não deveria começar a espicaçar-me ou a qualquer outra pessoa sobre a imbecil *Shorelands* em um imbecil *1938*. Aliás, penso que você não devia ter feito nada do que fez. O que quer que tenha feito.

— O que quer dizer com isso?

Na realidade, ela mesma não entendia a insinuação. Davey, no entanto, recusou-se a dizer mais uma só palavra no trajeto para casa e, quando retornaram à Crooked Mile Road, ele pulou para fora do carro, entrou rapidamente em casa e desapareceu na sala da família, cuja porta bateu com estrondo.

30

EM MOMENTOS COMO aquele, Nora desejava que seu pai ainda fosse vivo, para aconselhá-la sobre a mente masculina. Homens eram capazes de um comportamento explicável apenas para outros homens. Na experiência dela, pelo menos, o conhecimento mais convencional do tema era não apenas errado, mas também desatualizado. Matt Curlew lhe diria para enfrentar o marido ou a aconselharia a dar-lhe a privacidade temporária que ele desejava? Algumas enfurecidas partes de si mesma sugeriam que Matt Curlew lhe diria que, na época presente, sabia-se que até mesmo os católicos livravam-se de maus casamentos. Certamente, Matt Curlew não encararia Davey Chancel como um genro aceitável. De qualquer modo, ela podia ouvi-lo advogando os dois caminhos, com igual clareza: *Entre lá e faça-o abrir a boca e Afaste-se e dê um tempinho ao temperamental filho da mãe.*

Nora afastou-se da porta, recordando que seu pai às vezes retirava-se para a oficina que tinha no porão, de uma forma a indicar que só devia ser interrompido em caso de emergência, como incêndio ou morte. Davey estava fazendo mais ou menos a mesma coisa.

Ela foi para o andar de cima, a fim de ler sobre Richard Dart no *Times*. Na metade inferior da primeira página, a manchete FIGURA DA SOCIEDADE O PRETENSO ASSASSINO EM SÉRIE DO CONDADO DE FAIRFIELD encimava uma fotografia frontal do rosto de um mal identificável rapazote sorridente, com olhos sombreados. Nora achou

que aquela devia ser a foto que ele tirara para a formatura como advogado. Segundo o artigo, Dart tinha trinta e sete anos, estudara na Academia de Mount Avenue em Westerholm, Connecticut, na Universidade de Yale, e na Faculdade de Direito da Universidade de Connecticut. Após diplomado, trabalhara para a firma de Dart, Morris, fundada por seu pai, Leland Dart, uma significativa figura da política Republicana no estado de Connecticut, e candidato derrotado para governador do estado, em 1962. A especialidade de Richard Dart na firma era o planejamento imobiliário. Ele fora detido para interrogatório, após a sra. Ophelia Jennings, de 62 anos, viúva do iatista e proprietário de cavalos de corrida, Sterling "Animado" Jennings, ter deixado o suspeito inconsciente, depois de convencida de sua culpa durante uma consulta legal já tarde da noite. O chefe de polícia de Westerholm expressava confiança na identificação de Richard Dart como o assassino de quatro mulheres locais, declarando "terem o nosso homem e estarem inteiramente preparados para oferecer evidência conclusiva, no momento apropriado". Policiais falariam mesmo assim ou os repórteres apenas pretendiam que falassem?

Leland Dart recusou-se a falar à imprensa, mas, através de um representante, disse que as acusações feitas contra seu filho eram totalmente infundadas.

Duas longas colunas na página 21 davam a limitada informação que os repórteres do *Times* tinham conseguido desencavar durante a noite. Peter, o irmão do sr. Dart, advogado com uma firma na Madison Avenue, declarava-se convicto da inocência de seu irmão, a mesma certeza sendo expressada por vários vizinhos dos pais do acusado. Roger Struggles, um construtor

de barcos, no momento desempregado e amigo íntimo do acusado, disse a um repórter que "Dick Dart é um tipo de sujeito descuidado e espirituoso, com um grande senso de humor. Ele não faria uma coisa destas nem em um milhão de anos." Um *bartender* chamado Thomas Lowe descrevia-o como "um tipo sofisticado, despreocupado, extremamente sedutor". O sr. Saxe Coburg, seu antigo professor de inglês e agora aposentado, lembrava-se de um rapazinho "que parecia inteiramente à vontade com a idéia de completar cada tarefa fazendo o menor esforço possível". No anuário do ginásio, em sua entrada Dart expressara o surpreendente desejo de tornar-se médico, tendo escolhido como seu lema: *No que concerne a viver, nossos servos fazem isso para nós.*

Em Yale, onde tanto seu avô como seu pai haviam estudado antes dele, durante o segundo semestre de seu ano de calouro Dart foi suspenso por motivos não revelados, porém conseguiu graduar-se com uma média C. Entre os duzentos e vinte e quatro diplomados da sua classe na faculdade de Direito, ele foi classificado em centésimo sexagésimo primeiro lugar. Havia sido aprovado nos exames para exercer a advocacia, em sua segunda tentativa, e imediatamente se juntou a Dart, Morris. O porta-voz da firma descreveu-o como "um membro único e inestimável de nossa equipe, cujos dotes especiais contribuíram para os nossos esforços na prestação de notáveis serviços jurídicos a todos os nossos clientes".

O advogado singularmente talentoso morava em um apartamento de três aposentos no Harbor Arms, único prédio de apartamentos em Westerholm, localizado ao lado do Iate Clube de Westerholm, na Baía Sequonset, na área da Blue Hill. Seus vizinhos

de prédio o descreviam como um solitário ouvinte de música alta, nas freqüentes noites em que voltava para casa às duas ou três da madrugada.

Esse ocioso e auto-importante boa-vida conseguira deslizar através da existência — não se falando em três boas escolas — baseado nas conexões de seu pai. Ele escolhera morar nos três apartamentos no Harbor Arms. Blue Hill era uma das melhores zonas de Westerholm, e o Iate Clube só admitia pessoas da categoria de Alden Chancel e Leland Dart. O Harbor Arms, no entanto, construído nos anos vinte como cassino, era uma horrível visão de tijolos, sendo apenas tolerado porque fornecia alojamento conveniente para os *bartenders*, garçonetes e outros empregados de nível inferior que trabalhavam no Iate Clube. O que fazia Dick Dart naquela espelunca? Talvez morasse lá a fim de irritar o pai. O relacionamento de Dick Dart com o pai, decidiu Nora, era ainda pior do que o de Davey com o dele.

Ela teve um vivido e instantâneo lampejo de Dick Dart virando-se de lado em sua cela, para congelá-la com um malicioso piscar de olhos. Dobrando o jornal, Nora lamentou ter conhecido e visto Dart ainda que uma única vez, mas estava feliz por nunca mais ter de vê-lo. Quando as histórias ficassem piores, quando o julgamento produzisse a torrente de tinta e papel que Alden alegremente predissera, ela prometeu a si mesma dar a mínima atenção possível.

Em seguida, perguntou-se como seria ter realmente conhecido Dick Dart. Como reconciliar suas lembranças com o conhecimento do que ele havia feito? Estremecendo, ela identificou o motivo da angústia de Davey. Ele recebera um choque moral. Alguém a quem

vira todos os dias, durante dois anos, havia sido exposto como maníaco. Agora, o sensato Matt Curlew diria a ela: *Deixe-o pensar a respeito, sozinho e pelo tempo que quiser, depois prepare-lhe um gostoso breakfast e faça-o falar.*

Nora deixou o jornal na mesa da cozinha e seguiu em frente para tostar rosquinhas, apanhar o queijo vegetal cremoso e partir quatro ovos em uma tigela de vidro, a fim de batê-los. Este não era um dia para preocupar-se com colesterol. Moeu grãos de café French Roast e começou a ferver água em uma chaleira. Depois disso, pôs a mesa e colocou o jornal ao lado do prato de Davey. Estava colocando as rosquinhas tostadas e o queijo cremoso no lugar, quando a música subiu do andar de baixo. A porta da sala da família se abriu e fechou. Nora voltou ao fogão, deu mais uma mexida nos ovos e despejou a mistura em uma frigideira, enquanto o ouvia subir a escada e encaminhar-se para a cozinha. Com uma boa idéia do que ia ver, forçou-se a sorrir, quando deu meia-volta. Davey olhou para ela e para a mesa, inexpressivamente, e meneou a cabeça:

— Já me perguntava se tínhamos um *breakfast*.

— Também estou fazendo ovos mexidos.

Davey entrou na cozinha de uma forma que parecia quase relutante.

— É esse o jornal?

— Primeira página — disse Nora. — Há outro longo artigo na parte de dentro.

Ele grunhiu e começou a ler, enquanto passava queijo cremoso em uma rosquinha. Nora moeu um pouco de pimenta sobre os ovos

e os virou dentro da frigideira. Quando colocou os pratos na mesa, Davey ergueu os olhos e exclamou:

— O verdadeiro nome de Popsie é *Ophelia*?

— Vivendo e aprendendo.

— Era justamente o que eu pensava — respondeu Davey, concentrando-se em seu prato. — Hum... Não é que sempre os tenhamos, mas você sempre fazia excelentes ovos mexidos. Na consistência exata.

— Eu fazia?

— Ou faz. A única outra pessoa que os preparava exatamente como gosto era O'Dotto.

Nora sentou-se.

— Se o sobrenome dela era Day, por que a chamavam de O'Dotto?

— Sei lá. Sempre a chamamos assim.

— E por que a chamavam de Copeira?

Davey a fitou, com a mesma irritada relutância com que se juntara a ela na cozinha.

— Posso ler isto?

— Sinto muito — disse ela. — Sei que deve ser inquietante para você.

— Há muitas coisas sendo inquietantes para mim.

— Vá em frente — disse Nora. — Leia.

Davey colocou o jornal em seu lado mais distante, de maneira a poder olhar para o prato e para o jornal, sem se arriscar ao que quer que imaginasse arriscar, olhando para Nora. A chaleira começou a cantar, e ela levantou-se, a fim de decantar o café moído no recipiente de boca larga, que em seguida seria enchido de água

fervente. Depois apertou a tampa e levou o aparelho de volta à mesa. Davey inclinara-se sobre o jornal, segurando uma rosquinha. Nora pôs na boca uma garfada de ovos mexidos, e percebeu que não tinha muita fome. Ficou contemplando o líquido escuro no recipiente, enquanto minúsculos fragmentos de café moído desciam para o fundo. Após um momento voltou a experimentar os ovos e ficou satisfeita em constatar que ainda estavam quentes.

Davey grunhiu para algo que lera no jornal.

— Poxa, eles conseguiram uma declaração daquele velho cínico e nojento do Saxe Coburg. Atualmente deve andar pelos cem anos de idade. Certa vez perguntei a ele se chegara a pensar em colocar *Jornada na Noite* no roteiro do curso, e ele respondeu: “Eu espero que meus alunos leiam Driver em suas horas de folga.” Dá para acreditar nisso? Coburg usava o mesmo paletó de *tweed* todos os dias, e também gravatas-borboleta, como Merle Marvell. Ele até parece um pouquinho com Merle Marvell.

Marvell, que começara editando os Blackbird Books, fora o mais respeitado editor da Casa Chancel durante uma década, e Nora sabia que a admiração de Davey por ele era turvada pela inveja. A deduzir por comentários que ele deixara escapar, evidentemente também temia que suas aptidões fossem levadas em pouca conta por Marvell. ; Nas poucas vezes em que se tinham encontrado, fosse em festas editoriais ou jantares em “Os Álamos”, Nora invariavelmente o achara encantador, embora não falasse de sua opinião a Davey.

Ela tocou a mão do marido, e ele tolerou o contato por um segundo, antes de retirar a mão.

— Isto deve ser muito estranho para você. Um garoto que conheceu na escola ter cometido todos estes assassinatos...

Davey empurrou o prato e apertou as mãos contra o rosto. Ao baixá-las, passeou os olhos pelo aposento e suspirou.

— Aposto que você quer falar sobre o que me está inquietando. É o que está procurando fazer?

— Pensei que *nós* estivéssemos procurando — respondeu ela.

— Eu me preocuparia menos com Dick Dart. — Ele fechou os olhos e coçou o rosto. Depois pousou as mãos na beira da mesa, entrelaçou os dedos e tornou a passar os olhos pelo aposento, antes de fitá-la novamente. O alarme no centro do peito dela intensificou-se. — Nora, se quer mesmo saber o que acho inquietante, eu respondo: é você. Não sei se este casamento está funcionando. Nem mesmo sei se ele *pode* funcionar. Há algo realmente esquisito acontecendo com você. Receio que esteja saindo dos trilhos.

— Saindo dos trilhos?

O tilintar de alarme dentro dela havia abruptamente despencado em estupor.

— Como antes — disse ele. — Posso ver tudo acontecendo novamente e creio que não conseguirei suportar. Sabia que você tinha problemas quando me casei, mas não pensei que estivesse ficando louca.

— Eu não estava ficando louca. Salvei a vida de um garotinho.

— Certo, mas foi loucura a maneira como agiu. Você roubou o garoto do hospital e fez todos nós vivermos um pesadelo. Teve que deixar seu emprego. Lembra-se? Durante cerca de um mês, aliás, por praticamente dois meses antes de piorar tudo raptando o menino, você, ao invés de resolver o caso pelos canais competentes,

criou problemas com os médicos, quase nunca dormia, chorava sem nenhum motivo e, quando não chorava, mostrava-se irascível. Lembra-se de ter quebrado a televisão? Lembra-se de estar vendo *fantasmas*? E quanto a *demônios*?

Davey continuou a evocar certos excessos que ela cometera durante seu período de radiatividade. Nora recordou-lhe que tinha se submetido a terapia, tendo ambos concordado que funcionara.

— Você viu o dr. Julian duas vezes por semana, durante dois meses. Foram dezesseis vezes ao todo. Talvez devesse ter prolongado a terapia. Sei apenas que agora você se encontra ainda pior, e isto está ficando demais para mim.

Nora buscou sinais de que ele exagerava, pilheriava ou fazia qualquer coisa, exceto expressar o que imaginava ser a verdade. Nenhum desses sinais surgiu à vista. Davey estava inclinado para frente, com as mãos em cima da mesa, a mandíbula tensa, os olhos determinados e sem medo. Ele finalmente chegara ao ponto de exprimir, em voz alta, tudo quanto estivera dizendo a si mesmo enquanto ouvia Chopin na sala da família.

— Eu gostaria que você nunca tivesse estado no Vietnã — disse ele. — Ou que pudesse deixar todas aquelas lembranças para trás.

— Formidável! Agora, estou falando com Alden Chancel. Pensei que você tivesse entendido mais do que isso. É tola demais essa idéia de apenas deixar nossas lembranças para trás.

— Também não é muito inteligente ficar biruta — disse ele. — Está pronta para ouvir a verdade?

— Acho que mal consigo esperar — respondeu ela.

31

— COMECEMOS PELOS detalhes menores — disse Davey. — Você tem consciência da maneira como se porta no meio da noite?

— Como você saberia de que jeito me porto no meio da noite? Está sempre no andar de baixo, bebendo *kümmel!*

— Por acaso já experimentou dormir perto de alguém remexendo-se tanto, sacudindo a cama inteira? Às vezes você sua a tal ponto, que encharca os lençóis.

— Está falando de duas noites na semana passada.

— É onde quero chegar — disse ele. — Você não tem idéia do que realmente *faz*.

Ela assentiu.

— Quer dizer que estou tendo mais noites ruins do que pensei, e que isso o está incomodando. Tudo bem, concordo, mas tenho dormido melhor, agora que Dick Dart está atrás das grades.

Ele mordeu o lábio inferior e recostou-se na cadeira.

— Quando está tendo uma dessas noites ruins, você às vezes procura uma arma debaixo do travesseiro?

Por um momento, Nora ficou demasiado perplexa para falar.

— Bem, sim. Às vezes, depois de um pesadelo muito ruim, acho que faço isso.

— Você costumava dormir com uma arma debaixo do travesseiro?

— No Hospital de Evacuação. Como foi que descobriu o que eu procurava?

— A idéia me veio certa noite, enquanto você suava como uma condenada e remexia debaixo de cada travesseiro da cama. Sua aparência estava longe da de um ursinho de pelúcia. Fico me perguntando o que você faria com uma arma, caso encontrasse alguma.

— Como posso saber? — Ele esperava o resto disso. *Prossiga*, disse ela para si mesma, *dê a ele o resto da história*. — Certa noite fui estuprada por dois sujeitos, e então um cirurgião me deu uma arma, a fim de que me sentisse mais protegida.

— Você foi estuprada, e nunca me disse?

— Isso aconteceu há muito tempo. Você nunca quis ouvir além de um décimo do que costumava ocorrer. Nem você e nem ninguém.

Percebendo que explicara muito pouco ou demasiado, Nora analisou a reação de Davey e notou quantidades iguais de injúria e choque.

— Não acha que isso era algo que eu devesse saber?

— Pelo amor de Deus! Eu não estava, deliberadamente, guardando de você um enorme e tenebroso segredo. Aliás, você tampouco parecia muito ansioso em contar-me sobre Paddi Mann e o Clube do Fogo do Inferno, certo?

— É diferente — replicou ele. — Não me olhe desse jeito, Nora, apenas é diferente. — Os olhos dele estreitaram-se. — Presumo que alguns dos seus pesadelos sejam sobre o estupro, não?

— Os ruins.

Ele meneou a cabeça, estupefato.

— Mal dá para acreditar que você nunca me contou!

— Com sinceridade, Davey, além de não querer pensar demais em tudo isso, acho que não queria afligi-lo.

Ele tornou a erguer os olhos para o teto, respirou fundo e expeliu o ar dos pulmões.

— Passemos ao ponto seguinte. Esta história dos Blackbird Books é apenas um engano. Você me deixou animado durante algum tempo, tem isso a seu favor, porém o negócio todo é ridículo.

Foi como se ele a esbofeteasse.

— Como pode dizer tal coisa? Você finalmente...

— Pare aí mesmo. Não existe a menor possibilidade neste mundo de que meu pai concordasse com a história. Se eu o procurasse, da maneira como planejamos, ele me rebaixaria para a sala de correspondência. A coisa toda não passou de um devaneio histórico. O que foi que deu em mim? — Por algum tempo, ele esfregou a testa, com os olhos apertadamente fechados. — Agora, o ponto seguinte. Você não vai, e repito que não vai, em quaisquer circunstâncias, amofinar minha mãe para que ela lhe dê o seu chamado manuscrito. Isto está *fora* de questão.

— Já lhe falei que não fiz nada disso — replicou ela. — Por que não passa ao ponto seguinte, caso exista algum?

— Oh, existem vários! E, lembre-se, ainda estamos abordando os detalhes menores.

Ela recostou-se na cadeira e olhou para ele, estremecendo interiormente ante a ironia daquela situação. Quando seu marido finalmente exibia a segurança que ela estivera procurando instilar-lhe, ele a usava para queixar-se dela.

— Quero que você demonstre a meu pai o respeito que ele merece. Já estou farto, cansado desta grosseria permanente.

— Quer que eu fique quieta, enquanto ele me insulta?

— Se é como entende o que acabei de dizer, sim. E agora, sobre mudar-nos de Westerholm. É pura loucura. Tudo que você pretende é fugir de seus problemas, para cúmulo, querendo destruir meu relacionamento com meus pais. E isto eu não vou permitir que aconteça!

— Davey, Westerholm não nos convém, em absoluto. Nova York é muito mais interessante, mais diversificada, mais excitante, mais...

— Mais perigosa, mais dispendiosa. E nós dificilmente precisaríamos de excitação extra em nossas vidas. Vou a Nova York todos os dias, lembra-se? Você quer conviver com pessoas sem teto jazendo pelas ruas e assaltantes espreitando em cada esquina? Então ficou mais louca do que já é.

— Você realmente me acha louca?

Ele balançou a cabeça e ergueu as mãos.

— Esqueça isso. Passemos agora às questões mais sérias. Consideremos a maneira como Natalie Weil reagiu a você, no posto policial. Ela perdeu totalmente as estribeiras. E não foi por minha causa. Não foi por causa daquele tira. Foi porque viu você.

— Aconteceu alguma coisa com ela. Por isso agiu daquele modo.

— Aconteceu alguma coisa com ela, sem dúvida. E onde aconteceu: na mesma escola maternal para onde você levou aquele menino, quando decidiu brincar de Deus. Quer fazer-me acreditar que foi mera coincidência?

— Está pensando que *eu* a levei para lá?

A simples irracionalidade de tal idéia a fez esquecer momentaneamente de respirar.

— Não há outra maneira de explicar a situação. Você a trancou naquele prédio vazio e a manteve lá, até ela conseguir escapar. E agora eu me pergunto se você se lembra ou não de ter feito tudo isto. Porque pareceu realmente assustada quando Natalie começou a gritar, e não a considero uma atriz tão boa, Nora. Acho que você deve ter tido alguma espécie de colapso psicótico.

— Eu a mantive presa em um prédio vazio. Creio que também devo ter espalhado todo aquele sangue pelo quarto dela. O que mais eu fiz? Torturei-a? Deixei-a passar fome?

— Só você pode dizer — respondeu Davey. — Entretanto, a julgar pela maneira como ela agiu, a maneira como ela *parecia*, eu diria que sim às duas coisas.

— Você me espanta.

— O sentimento é mútuo.

Nora ficou olhando para ele durante o silêncio que se seguiu a esta troca de palavras, pensando que, de algum modo, seu marido conseguira tornar-se uma pessoa que ela não conhecia, em absoluto.

— Poderia me explicar por que fiz tudo isto a Natalie Weil, uma pessoa de quem gosto? E a quem não vi durante quase dois anos, a despeito do que você falou para Holly Fenn?

Pela primeira vez durante este confronto, Davey começou a parecer desconcertado. Analisou algum pensamento em sua mente, e a dúvida transformou-se visivelmente em raiva.

— Céus, o que, neste mundo, poderia ser? Poxa, eu gostaria de saber!

— Eu também gostaria — disse Nora. — Aparentemente, está gritando na minha cara, porém não consigo ver o que seja.

— Isto é mesmo necessário? Quero dizer, a esta altura?

— Seu filho da mãe! — exclamou ela. — Quer que eu adivinhe?

— Não precisa adivinhar, Nora. Você apenas quer que eu conte.

— Pois então, conte!

Ele empinou a cabeça para trás, e a fitou como se ela acabasse de pedir-lhe que comesse um punhado de terra.

— Você sabe sobre mim e Natalie. Satisfeita agora?

— Você e Natalie Weil?

Ele assentiu, com ar enfasiado.

— Você estava tendo um caso com *Natalie Weil*?

— Nossa vida sexual dificilmente poderia ser considerada maravilhosa, concorda? Quando fazíamos sexo, você se desligava, Nora. O motivo para isso é que começou a viajar para a zona Além da Imaginação. Confesso que *não sei* para onde ia, mas onde quer que fosse, lá não havia muito espaço para mim.

— Não — disse ela, lutando para conter as ondas de raiva, náusea e descrença que a invadiam. — Você é que *me* excluiu. Andava ansioso por causa do trabalho, pelo menos era o que eu pensava, e toda essa ansiedade começou a afetá-lo quando íamos para a cama. Então, foi ficando ainda mais ansioso por causa disso, o que o afetou ainda mais.

— Foi tudo culpa minha.

— Não foi culpa de ninguém! — gritou Nora. — Você me acusa, porque estava dormindo com Natalie! Maldita seja ela! E sabe

o que é isso? Infantilidade! Eu não lhe disse para enfiar seu pinto dentro dela. Você decidiu isso sozinho!

— Tem razão — disse Davey. — Você não é responsável. Nem sabe mais o que é realidade.

— Estou começando a descobrir. Quando foi que isso começou? Você foi de carro à casa dela certo dia e disse: “Poxa, Natalie, eu e a velha Nora não estamos mais nos dando muito bem, que tal uma trepada?”

— Se quer saber como começou, um dia eu a encontrei na *delicatessen* da Main Street, começamos a conversar e convidei-a para almoçar. A coisa toda começou daí.

— Há quanto tempo foi esse almoço espetacular?

— Há cerca de dois meses. Eu apenas gostaria de saber como você ficou sabendo, e quando começou a acalentar seu plano maluco.

— Eu fiquei sabendo há dois segundos! — gritou ela.

— Vai ser interessante ouvir o que dirá Natalie, quando puder falar. Porque, pelo que vi, você a deixou apavorada.

— E deveria deixar mesmo — replicou Nora — mas por causa do que ela fez comigo, não por qualquer outra coisa.

Diante de um impasse, os dois encararam-se por um momento. Em seguida, Nora compreendeu.

— Então foi por isso que você quis ir à casa dela naquele dia! Queria ver se deixara alguma coisa para trás! Todo aquele negócio que me contou a noite passada não passou de mais um conto de fadas de Davey Chance!

— Certo, eu receava ter deixado alguma coisa na casa dela. Se visse algo, poderia dizer que o esquecera lá, na última vez que a

visitamos.

— E depois me contaria uma mentira, para justificar como a tal coisa foi parar lá.

Davey deu de ombros.

— Como foi que o livro de Paddi Mann apareceu na casa de Natalie?

Ele sorriu.

— Dick Dart não o deu a ela, com toda certeza.

Nora sentiu vontade de jogar na parede todos os pratos da cozinha. De súbito, em estremeedor lampejo de compreensão, lembrou-se de Alden falando a Davey sobre Dick Dart, no terraço. Ele dizia algo como: *Eu gostaria de saber o que pensa a esposa de Leland sobre seu filho cortejando as mesmas mulheres que seu marido seduziu há quarenta anos.* E Alden acrescentaria: *Teria que ser um rapaz muito estranho para fazer tal coisa, você não acha?* Alden tinha sido o homem que Natalie chamara de “o Chato”. E, provavelmente, ele tirara as fotos na cozinha dela. Não mais sorrindo, Davey dirigiu a ela um olhar culpado e incerto, e Nora soube que acertara.

— Natalie teve um caso com seu pai, não foi?

Davey pestanejou, parecendo mais culpado do que nunca.

— Ah! Bem, teve, sim. — Ele mordeu o lábio inferior e considerou-a. — É curioso você ter conhecimento disso.

— Eu não fazia a menor idéia. Foi uma espécie de intuição.

— Suponho que ela poderia ter-lhe contado quando isso aconteceu. Você não a encontrou no supermercado, algum tempo atrás?

— Alden deu a ela aqueles Blackbird Books — disse Nora, em outro lampejo intuitivo. — Eu gostaria de saber por que estavam separados daquele jeito, na estante. Eram presente de um amante, e ela os mantinha juntos.

— Natalie nunca leu nenhum deles — disse Davey.

— Não chega a surpreender, em vista da vida agitada que ela levava. Terá rompido com seu pai, quando você apareceu? Seria um negócio tipo mercadoria que entra como parte do pagamento de outra, um modelo mais atualizado, como esse?

— O caso deles já estava encerrado. Antes de mais nada, não foi nenhum grande negócio.

— Ao contrário de sua grande paixão... Roubar a prostituta de seu pai deve ter derrubado de vez o ego do velho. Uma espécie primitiva de vitória.

— Só mais tarde é que fiquei sabendo sobre ela e meu pai.

A perna esquerda de Davey começou a tremer, e ele tornou a morder o lábio um pouco mais.

— Você chegou a fazer comparações? Quanto tempo durava? Qual a resistência? Esse tipo de coisas com que vocês, rapazes, tanto se preocupam.

— Cale-se — disse ele. — É claro que não. Já disse que não foi nenhuma grande coisa.

— Para você nada é uma grande coisa, hein? Não tem a menor idéia de quais sejam seus sentimentos. Limita-se a pô-los de lado, esperando que desapareçam.

— Nora, eu tive um ímpeto. As pessoas fazem a mesma coisa, no mundo inteiro. Entretanto, se sou tão emocionalmente imbecil como você acha, por que estamos tendo esta conversa? O principal

é que estou preocupado com você. A única maneira que conheço para explicar tais coisas, é como acabei de falar. E se vai sair dos trilhos, então não sei o que fazer a seu respeito.

— Pois continuo nos trilhos! Você teve um casinho asqueroso, você me *traiu*, e depois toma a sua culpa e a lança sobre mim! Se estou louca, então seu adultério é justificado.

— Tudo bem — disse ele. — Talvez haja outra explicação. Espero que haja porque, na realidade, não gostei muito desta.

— Pois eu a adorei! — exclamou Nora. — Mostrou tanta confiança, tanta compaixão...

— Assim, acho que devemos esperar para ver como fica.

— Quanto a mim, não posso mais suportar isto — declarou Nora, eletrificada pela fúria. — Não posso mais suportar *você*! Estou furiosa por saber que dormiu com Natalie, mas se me mostrar que é capaz de começar a compreender quem sou, talvez eu consiga superar isso rapidamente. Entretanto, este lixo é muito pior do que eu...

Ela não encontrou palavras.

— Se eu estiver errado, nadarei sobre vidros quebrados para desculpar-me.

— Poxa, como fico feliz em ouvir isso! — exclamou ela.

Levantando-se, Davey apressou-se em ir embora da cozinha, sem olhar para ela.

32

DEPOIS QUE A PORTA da sala da família foi aberta e fechada, Nora liberou os dedos entrelaçados e tentou forçar o corpo a relaxar. O início de *Manon Lescaut* esgueirou-se escada acima. Ele ia esconder-se, presumivelmente, até que um esquadrão de policiais surgisse em cena a fim de levá-la algemada para o hospício.

Ele a tinha *reduzido*, tinha-a *diminuído*. Na versão de Davey para o casamento de ambos, uma esposa criminalmente irracional atormentava um marido assediado que se preocupava com ela. Nora não estava enfurecida ao ponto de deixar de admitir que a vida sexual de ambos tinha sido imperfeita e, por outro lado, sabia que muitos casamentos, talvez até a maioria deles, conseguia reentrar nos eixos após uma infidelidade. Reconhecia que seus terrores noturnos, aparentemente muito piores do que ela imaginara, podiam ter desempenhado um papel no que Davey havia feito. Estava disposta a aceitar sua parte de culpa. Só não podia perdoar o fato de Davey a ter *eliminado*.

Assim que a diferença de idades entre eles se tornara uma *diferença* — Davey começara a ficar em pânico. Uma mulher de quarenta e nove anos está a vários cruciais passos além dos de um homem de quarenta. A menopausa, e não os pesadelos e comportamento irracional, é que estava assombrando Davey Chancel.

Isto era realmente triste, e Nora levantou-se da mesa. Empilhou os pratos e juntou os talheres, resistindo ao impulso de

atirar tudo ao chão. Colocou os pratos, xícaras e talheres na máquina de lavar, e as panelas na pia. Se Davey a abandonasse, para onde iria? Poderia ele mudar-se para "Os Álamos", enquanto ela continuaria na casa? A idéia de morar sozinha na Crooked Mile Road a deixou quase tonta de ansiedade.

Podia recordar o que tinha feito todos os dias, desde o desaparecimento de Natalie. Fizera compras, limpou e arrumou toda a casa, lera, exercitara-se. Telefonara para agentes, tratando de assuntos ligados aos Blackbird Books. Na tarde do dia seguinte ao desaparecimento de Natalie, quando Davey a julgara atormentando a mulher desaparecida na South Post Road, Nora casualmente encontrara Beth, a mulher de Arturo Landrigan, em um café da Main Street chamado "Aventura de Alice". Apesar de ser casada com um homem tão imbecil que se achava com direito a tomar banho em uma banheira de ouro ("Faz a gente se sentir como um vinho excelente em uma taça de ouro", confidenciara Arturo), Beth Landrigan era uma mulher despreziosa, elegante e compreensiva em seus cinquenta e poucos anos, uma das poucas em Westerholm que parecia oferecer a Nora uma promessa de amizade. O principal obstáculo a esta amizade, era a leve e mútua antipatia existente entre os maridos de ambas. Davey achava Arturo Landrigan vulgar e ignorante, e Nora podia imaginar o que Landrigan pensava de Davey. As duas mulheres tinham aproveitado seu encontro casual para ficarem uma hora (não planejada) no "Aventura de Alice", e pelo menos metade desse tempo fora gasta falando sobre Natalie Weil.

Talvez eu esteja mesmo louca, disse ela para si mesma vinte minutos mais tarde, enquanto dirigia seu carro a esmo pelas ruas marginadas de árvores em Westerholm. Nora fez outra volta, ganhou uma rampa em curva e viu-se circundada por muito mais carros do que reparara antes. Então, percebeu que estava rodando pela Merritt Parkway abaixo, na direção de Nova York. Uma parte sua decidira fugir, e esta parte levava consigo o restante dela. Já tinha percorrido quase cinco quilômetros; Nova York ficava a somente mais oito. Em meia hora, ela poderia estar deixando o carro em uma garagem perto da FDR Drive. Tinha na bolsa uns quatrocentos dólares e podia conseguir mais em um caixa automático de banco. Podia registrar-se em um hotel sob um nome falso, ficar lá uns dois dias e ver o que acontecia. *Se você vai mudar sua vida, Nora,* disse para si mesma, *tudo o que tem a fazer é continuar dirigindo.*

Assim, dentro em pouco havia duas Noras sentadas ao volante de seu Volvo. Uma delas ia continuar pela Merritt Parkway, a outra pretendia deixar a estrada principal na primeira saída e retornar a Westerholm. Estas duas atitudes pareciam igualmente possíveis. A primeira tinha uma definida vantagem de apelo, ao passo que a segunda correspondia muito mais a sua idéia sobre o próprio caráter. Entretanto, por que deveria ser condenada a sempre seguir sua idéia do que era certo? E por que tinha de presumir, automaticamente, que voltar seria o único e correto curso de ação? Se o que desejava era fugir para Nova York, então Nova York se tornava a escolha acertada.

Nora decidiu não decidir; veria o que ia fazer e adicionaria o custo mais tarde. Durante alguns minutos, continuou velozmente pela *parkway*, em um estado de agradavelmente suspensa liberdade

moral. Um aviso de saída surgiu e passou, seguido pela sua própria imagem. As duas separadas Noras saboreavam sua pacífica moradia em um só corpo. Dez minutos mais tarde, outra indicação de saída flutuou em sua direção, e ela permaneceu na pista da esquerda, enquanto pensava, *Bem, agora saberemos*. Vários segundos mais tarde, quando a própria saída lhe surgiu à frente, ela ligou o sinalizador e manobrou rapidamente, com o tempo justo para sair da *parkway*.

33

NORA FREOU O Volvo dentro da garagem vazia. O fato de não ter de explicar-se a Davey surgiu como um alívio, mesclado à curiosidade de saber o que ele estava fazendo. Imaginou a princípio que poderia ter ido visitar os pais, mas ao encaminhar-se para a porta dos fundos, percebeu que Holly Fenn talvez houvesse ligado, com notícias de Natalie. Uma visão do marido murmurando palavras ternas para Natalie Weil a deixou com vontade de tornar a entrar no Volvo e disparar para algum lugar bem distante, como o Canadá ou o Novo México. Ou para casa, seu lar perdido, a Península Superior. Possuía amigos, lá em Traverse City, pessoas que a acolheriam e protegeriam. A noção de proteção evocou automaticamente a imagem de Dan Harwich, porém ela rejeitou esse falso conforto. Dan Harwich estava casado com sua segunda esposa — nem marido e nem mulher certamente estariam dispostos a receber Nora Chancel em sua atraente casa de pedra na Alameda Longfellow, em Springfield, Massachusetts.

Ela deu uma espiada na sala da família e continuou para o andar de cima. Perguntou-se se Davey teria saído à sua procura. A explicação mais provável para a ausência dele era que havia sido chamado ao posto policial, caso em que deixaria uma nota para ela. Encaminhou-se para o lugar costumeiro em que deixavam bilhetes um para o outro, o pedaço da bancada da cozinha perto do telefone, onde havia um grosso bloco de notas ao lado de um pote cheio de esferográficas. Escritas na primeira folha do bloco estavam as

palavras “cogumelos” e “K-Y” o começo de uma lista de compras. Nora foi ao segundo lugar mais provável, a mesa da sala de estar, onde nada encontrou além de uma pilha de revistas. Retornando à cozinha, inspecionou a mesa e o restante da bancada. Nada havia por lá. Finalmente, foi ao quarto, o menos provável local para mensagens, onde se deparou somente com os amarrotados lençóis e cobertas daquela manhã.

Sentindo-se como a Nora irresponsável que desaparecera em Nova York, ela caminhava para a sala de estar, quando o telefone tocou. Ergueu o fone, a despeito de *si mesma* esperando ouvir a voz de Davey.

— Já decidi — falou uma voz de mulher — eu quero que você o tenha.

— A senhora ligou para o número errado.

— Não diga tolices — falou a mulher, e Nora logo reconheceu sua sogra. — Quero ir em frente com isso.

— Davey está aí?

— Aqui não há ninguém. Posso ir diretamente aí e deixá-lo com você. Fiquei tempo demais sozinha com a coisa, e acho *crucial* que você a leia. Não terei sossego enquanto não ouvir sua opinião.

— Você quer trazer seu livro aqui? — perguntou Nora.

— Quero sair e espairecer — disse Daisy, não entendendo a ênfase de Nora. — Nem sei mais quanto tempo faz que não saio desta casa! Quero ver as ruas, quero ver tudo! Desde que me decidi sobre isto, tenho andado absolutamente *exaltada*.

— Você está certa — disse Nora.

— Sou grata a você por oferecer-se, sou-lhe duas vezes grata. Poderá trazê-lo de volta para mim na terça ou quarta-feira, quando

os homens estiverem no trabalho.

— Você vai dirigir?

Durante várias décadas, Daisy não se aventurara a pilotar um carro além do final da entrada de veículos em sua casa. Ela riu.

— É claro que não! Jeffrey dirigirá. Não se preocupe, Jeffrey é de *absoluta* confiança. Ele é como o *Kremlin*.

Nora entregou os pontos.

— Então, é melhor que se apresse. Não sei quando Davey voltará para casa.

— Isto é tão *excitante!* — exclamou Daisy, desligando em seguida.

Nora deixou escapar um gemido e ficou encurvada contra a parede. Davey jamais saberia que ela vira o livro de sua mãe. Toda a transação teria de ser conduzida como sob um manto, no mais profundo da noite. Daisy deixaria o manuscrito com ela, que o devolveria alguns dias depois. Não precisaria lê-lo. Bastaria dar à sogra o encorajamento de que ela precisava.

Endireitando o corpo, ela foi até a janela da sala de estar, de maneira alguma satisfeita com a idéia de tratar Daisy tão mesquinamente.

Quando achou que o carro dela logo estaria entrando na Crooked Mile Road, saiu de casa e desceu até o final da entrada de veículos. Um Mercedes veio rodando em sua direção. Daisy começou a abrir a porta antes mesmo que o carro parasse, e Nora recuou. A sogra desceu do Mercedes e abraçou-a.

— Meu querido gênio! Minha salvação!

Daisy inclinou-se para trás e sorriu para Nora, exultante e impetuosamente. Tinha os olhos molhados e vidrados, os cabelos

projetando-se em flocos brancos.

— Isto não é formidável, não é uma travessura? — Deu a Nora outro sorriso impetuoso, e então virou-se, a fim de pegar no assento da frente uma gorda pasta de couro, fechada com correias.

— Aqui está. Eu a coloco em suas mãos maravilhosas.

Estendeu a pasta como um troféu, e Nora a pegou pela alça. Quando Daisy soltou as mãos dos lados, a pasta, que devia pesar uns dez ou quinze quilos, caiu quase meio metro.

— Pesada, não? — disse Daisy.

— O livro está terminado?

— Acertou! — exclamou Daisy. — Está terminado, terminado, terminado, daí por que esta foi uma idéia tão brilhante. Mal posso esperar para ouvir o que você dirá a respeito. Meu Deus! — Ela arregalou os olhos. — Sabe de uma coisa?

Nora pensou que Daisy houvesse lido sobre Dick Dart, no jornal da manhã.

— Eles tiveram a coragem de construir aquela hedionda *fortaleza* na Post Road, bem onde ficava aquele adorável restaurantezinho!

— Oh! — exclamou Nora.

Daisy se referia a uma loja de departamentos formada por lajes de concreto, que durante cerca de uma década ocupara dois quarteirões da Post Road.

— Acho que vou escrever uma carta-queixa. Nesse meio tempo, Jeffrey vai expandir meus horizontes, rodando comigo por aí, por acolá, como você também irá fazer mais tarde, minha querida, falando-me sobre meu livro. Enquanto fico vendo a paisagem, você estará espiando dentro do meu *caldeirão*.

— Divirta-se, Daisy — desejou Nora.

— Procure divertir-se também — respondeu Daisy. — Agora, acho melhor eu e Jeffrey irmos andando. Liguei para você esta noite, a fim de saber suas primeiras impressões. Precisamos de uma palavra-código, para anunciar que a barra está limpa. — Ela fechou os olhos, depois os abriu e sorriu radiosamente. — Já sei, usaremos o que me disse, quando lhe telefonei. Se Davey estiver presente, você dirá “ligou para o número errado”. Acho que é perfeito. Tenho um dom para esse tipo de coisa. Talvez devesse ter sido uma espiã. — Daisy tornou a entrar no carro e sussurrou, através da janela aberta: — *Mal posso esperar!*

Nora agachou-se, a fim de ver qual o comportamento de Jeffrey em tudo aquilo. O rosto dele estava rigidamente imóvel, e os olhos eram duas fendas escuras e reluzentes. Inclinando-se para frente, ele disse lentamente:

— Não quero parecer presunçoso, sra. Chancel, mas se puder fazer alguma coisa pela senhora, ligue para mim. Meu sobrenome é Deodato, e tenho minha própria linha telefônica.

Nora recuou, e o carro começou a mover-se. Daisy tinha se virado no assento, e Nora tentou retribuir o sorriso, até o rosto de sua sogra tornar-se apenas um pálido e exultante balão, flutuando rua abaixo, enquanto o Mercedes ia embora.

34

NORA DEPOSITOU a pasta em cima do sofá e desafivelou as correias. Amarfanhada e gasta, escurecida por manchas aqui e ali, parecia ter uns quarenta ou cinqüenta anos de idade. Quando Nora finalmente puxou-lhe o zíper, o topo da pasta bocejou vários centímetros para o alto, e a massa de páginas abaixo dele expandiu-se, como que tomando uma profunda respiração.

Milhares de páginas de tamanhos, cores e estilos diferentes surgiram à vista. Em sua maioria, eram folhas padronizadas de papel branco para datilografia, algumas amarelecidas pelo tempo; uma parte delas era também de folhas padronizadas, mas em tons de marfim, cinza, ocre, azul e rosa-bebê. As restantes, aproximadamente um terço, consistiam de folhas arrancadas de cadernos de anotações, papel de correspondência de hotéis, formulários da Casa Chancel para remessas e pedidos, utilizados nos lados em branco, e da espécie de papel para recados, decorados com desenhos de cavalos e cães.

Onde poderia esconder tal monstruosidade? Provavelmente caberia debaixo da cama. Nora ajoelhou-se, a fim de passar os braços por baixo do fundo da pasta. Depois a ergueu do sofá e cambaleou para trás, mal conseguindo enxergar acima do topo. Um fraco odor de poeira e naftalina pairava em torno do volume dos papéis e da pasta de couro em seus braços.

A primeira folha flutuou no ar à frente dela, revelando-se como uma página-título que nunca chegara a concluir-se. No correr

dos anos, Daisy considerara sempre um crescente número de títulos e adicionara as novas inspirações, sem rejeitar as antigas.

Uma vez no quarto, Nora caminhou cautelosamente na direção do sofá, depois inclinou-se para depositar a pasta sobre a perna pendurada de uma calça jeans e uma camisa que estivera pensando em passar a ferro. Contendo a respiração, ela pousou uma das mãos no topo da pasta, usando a outra para jogar o jeans para um lado, a blusa para outro. Depois sentou-se junto da pasta. Encarou-a por um momento, lamentando ter-se oferecido para ler o calhamaço daquele épico, em seguida agarrou-a pela frente e por trás, e baixou-a para o chão. Sim, ela poderia ser do tamanho exato para caber debaixo da cama, provavelmente haveria ali o espaço justo para escondê-la.

Nora olhou para a translúcida janela dupla na parede à sua esquerda. Levantou-se, a fim de erguer as persianas inferiores o máximo que elas permitissem, e retornou ao sofá. Baixou os olhos para o desarrumado monte de páginas aos seus pés, suspirou, pegou umas sessenta ou setenta, virou a página-título ou sem título, e leu a dedicatória. Datilografada em uma amarelada folha com o timbre do Sahara Hotel, Las Vegas, arrematado pela elevação fronteira do prédio, dizia: *A única pessoa que chegou a proporcionar-me o encorajamento necessário a qualquer escritor, àquela que tem sido minha solitária companheira, e sem cujo apoio há muito eu teria abandonado esta diligência — eu mesma.*

Na página seguinte, também liberada do Sahara Hotel, Las Vegas, havia uma epígrafe atribuída a Wolf J. Flywheel: *O mundo é povoado por ingratos, debilóides, imbecis e aqueles abaixo deles.*

Nora começou a divertir-se.

PRIMEIRA PARTE: Como os bastardos assumiram o comando.

Ela começou a ler o primeiro capítulo. Através de um labirinto de linhas entrecruzadas, flechas para frases nas margens e palavras substitutas, foi acompanhando as tenebrosas atividades de Clementine e Adelbert Poison, que viviam em uma decrepita mansão gótica chamada "A Hera", na cidade de Westfall. Pintora, cuja antiga beleza ainda era visível através do excesso de peso adquirido ao longo de um casamento infeliz, Clementine bebia um pouco, chorava um pouco, ponderava o suicídio e tinha um relacionamento peculiarmente irônico e distante com o filho Egbert. Adelbert fazia e perdia milhões, jogando com os milhões mais substanciais que herdara de seu pai tirânico, Archibald Poison, e seduzia garçonetes, secretárias, faxineiras e a vendedora de produtos de beleza a domicílio. Quando em casa, Adelbert gostava de sentar-se em seu terraço infecto, vasculhando o Estreito de Long Island através de um telescópio, em busca de barcos a vela soçobrando e banhistas se afogando. Egbert era como uma massa invertebrada, que passava a maior parte de seu tempo na cama. Algum vago, mas asqueroso segredo, possivelmente outros segredos asquerosos, e também vagos, empestavam o ar.

Quando chegou ao final do primeiro capítulo, Nora ergueu os olhos e percebeu que estivera lendo durante meia hora. Davey ainda não voltara. Ela tornou a olhar para a página, cuja última linha era "*Você sabe muito bem que nunca desejei reclamar Egbert — disse Adelbert.*" Reclamá-lo? Egbert assemelhava-se a alguma coisa reclamada, como um cão perdido.

O telefone tocou. Esperando ouvir a voz do marido, Nora pegou o fone:

— Alô?

— Ótimo, ótimo, você não disse “ligou para o número errado”, sinal de que pode falar — disse a voz de Daisy, ligeiramente empastada. — O que tem para me dizer?

— Acho que é interessante — respondeu Nora.

— Hum... Você tem que dizer mais do que isso.

— Estou gostando, sinceramente. Gosto de Adelbert e de seu telescópio.

— Alden costumava ficar horas à procura de garotas fazendo *topless* nos conveses de barcos a vela. Até onde chegou?

— Ao fim do primeiro capítulo.

— Hum... — Daisy parecia desapontada. — Do que gostou mais?

— Bem, creio que do tom. Dessa espécie de humor negro. É algo mais ou menos como Charles Addams.

— Isso é porque você leu apenas o *primeiro capítulo* — disse Daisy. — Daí em diante, há todo tipo de mudanças. Você verá, vai apreciar bastante o que ler. Pelo menos *espero* que aprecie. Continue, volte à leitura. Seja sincera, gostou mesmo do que leu?

— Bastante — disse Nora.

— Iuuupiii! — exclamou Daisy. — Então, pare de perder tempo falando comigo, e *dispare em frente!*

Daisy desligou. Nora retornou ao sofá e começou a ler o segundo capítulo. Adelbert estava ao lado de uma mulher loura, alta e magérrima. Assinava um livro de registro de hotel sob um nome falso. Em seu quarto, ele ordenou à mulher que se despisse. *Não podíamos ter um drinque primeiro, benzinho?* E ele respondia, *Faça o que eu disse.* A mulher se despiu e abraçou-o. Adelbert empurrou-

a. Ela disse ter pensado que eram amigos. Adelbert tirou um revólver do bolso do paletó e disparou uma bala na testa da criatura.

Nora tornou a ler a linha. *Adelbert ergueu o revólver, premiu o gatilho e acertou uma bala na testa idiota da mulher.* Era uma nova faceta de Adelbert. Nora sorriu à idéia de Daisy transformando Alden em assassino. Ela estava eliminando todas as conquistas do marido.

O telefone tocou novamente. Resmungando, Nora levantou-se e foi atender, dizendo:

— Por favor, Daisy, tem que me dar mais tempo.

Uma voz de homem perguntou:

— Quem é Daisy?

— Sinto muito — disse ela. — Pensei que você fosse outra pessoa.

— Evidentemente. Espero que, seja ela quem for, lhe dê todo o tempo de que precisa.

— Holly! — exclamou Nora. — Quero dizer, Chefe Fenn! Que embaraçoso... Na realidade, estou contente por ter ligado. Deve ter alguma novidade para contar.

— Sou apenas Holly, e o motivo de haver ligado é porque ainda não temos nenhuma novidade. Finalmente arrancamos o médico da sra. Weil do campo de golfe, ele injetou-lhe uma porção de sedativos e a colocou no Norwalk Hospital. Em sua opinião, talvez somente na manhã de segunda-feira é que conseguiremos extrair dela um relato coerente. Pensei em dizer-lhe isto a fim de que, em todo caso, possa relaxar por uma noite.

Nora agradeceu-lhe e disse:

— Se vou chamá-lo de Holly, você devia começar a chamar-me de Nora.

— Já comecei — respondeu ele. — Entrarei em contato na manhã de segunda-feira, por volta de nove, dez horas no máximo.

Uma onda de alívio afrouxou os músculos nas costas de Nora. Holly Fenn considerava-a inocente do que quer que houvesse acontecido a Natalie, aquela porca nojenta. Holly Fenn queria *esclarecer as coisas*.

Ela voltou à leitura do épico de Daisy. Adelbert estacionava à frente de sua mansão em ruínas e entrava em casa para puxar Egbert da cama. Egbert caiu no chão, engatinhou de volta à cama e puxou as cobertas sobre a cabeça. Adelbert desceu ao andar de baixo, para ordenar a uma chorosa criada que levasse à biblioteca um martíni seis-por-um. Quando a empregada surgiu com seu drinque, ele estava mergulhado na leitura de um volume intitulado *História da Família Poison na América*.

Iniciou-se um novo capítulo, aparentemente de uma versão muito mais antiga do romance. Escritas em páginas amareladas, as letras subiam e desciam do nível das linhas, cada e inclinado para a esquerda, cada o um orifício de bala. Após uma batalha com o estilo, bem mais congestionado que o dos primeiros dois capítulos, Nora viu que Adelbert estava lendo a história de seu pai, durante o período imediatamente após o nascimento de Egbert. Simpatizante secreto do nazismo, Archibald acumulara milhões investindo em negócios armamentistas alemães, porém algum tempo depois um exasperador problema pessoal desviou-o de suas sigilosas tentativas para fundir um grupo de milionários de direita em um movimento fascista. Após reler três vezes várias páginas, Nora deduziu que Adelbert e Clementine talvez houvessem produzido o neto que Archibald ardentemente desejava. A criança havia morrido ou eles a

tinham entregue para adoção. As invectivas de Archibald, extensamente representadas, não os tinham convencido a reparar a perda. Quando suas ordens e ultimatums deram em nada, Archibald disse ao filho que ia cortá-lo do testamento se não lhe providenciasse um herdeiro.

Todo o texto jazia oculto por uma furiosa explosão de pontos de exclamação, emaranhada gramática e frases de trás para diante. As fantasias de Archibald sobre o fascismo americano nublavam páginas inteiras com descrições de uniformes nazistas e outras insígnias do movimento. Hitler aparecia, confusamente. Nora não tinha certeza se o novo filho havia sido reclamado, adotado ou inclusive ressuscitado.

Começando a ler a página seguinte, datilografada em uma folha de papel para correspondência do Ritz-Carlton, ela seguiu por três parágrafos, antes que as duas primeiras frases bimbalssem em sua cabeça. Voltou atrás e os releu, depois tornando a ler as frases. *Os sapatos de Adelbert estavam riscados por marcas de desgaste. De fato, os sapatos de Adelbert não eram os de um homem exigente e meticuloso, e tais manchas e fedores secretos permeavam todo o seu caráter.*

— Oh, meu Deus! — exclamou Nora. — Era Daisy!

35

NORA ERGUEU os olhos, tomada de perplexidade. Não somente Clyde Morning e Marletta Teatime eram a mesma pessoa, como ambos eram Daisy Chancel. Depois que os escritores iniciais da série Blackbird desertaram da Casa Chancel, Alden os substituíra por sua esposa, a qual produzira grande quantidade — em detrimento da qualidade — de romances de horror por empreitada, enquanto mourejava em sua soturna monstruosidade. Jamais alguém vira os dois esteios da Blackbird ou tivera notícias deles, porque ambos eram fantasmas. O romance *Espectro* estivera escondido em uma estante na sala de conferências, porque Daisy perdera o interesse e o tinha escrito quando cansada, bêbada, ou as duas coisas. Alden jamais reviveria a série Blackbird. Davey estivera certo quanto a isso, embora sem saber por quê.

Nora perguntou-se como ele reagiria, caso lhe revelasse o que havia descoberto. Depois compreendeu que não podia fazer isso, pois sabia perfeitamente qual a reação de seu marido. Ele ficaria esfregando a boca por vinte minutos, antes de desaparecer no andar de baixo para esconder-se atrás de Puccini. Uma pergunta mais urgente era se devia ou não contar a Daisy o que descobrira. De novo, durante algum tempo, duas Noras separadas viveram no mesmo corpo, que se moveu até a cozinha, a fim de preparar um sanduíche de presunto. A instabilidade de Daisy tornava possível um acesso de fúria ou de felicidade, ao ter seu pseudônimo conhecido. Nora levou o sanduíche de volta ao quarto e percebeu que Davey

estivera ausente por horas. Pelo menos não estava no Norwalk Hospital, paparicando Natalie Weil. Ela decidiu fazer exatamente o que tinha feito na estrada — adiar qualquer decisão, até que esta surgisse por si mesma. As maneiras de Daisy ditariam sua escolha.

Nora mordeu o sanduíche e começou a ler saltando páginas, querendo saber para onde ia aquela história.

Após mais uma hora decidiu que, se a história iria para algum lugar, seria em alguma direção “daisystica”, desconhecida do mundo normal. Havia cenas concluídas, e então, como se um rascunho anterior não tivesse sido removido, repetiam-se com ligeiras variações. O tom oscilava de seco para histérico, e vice-versa. Por vezes, Daisy interrompia uma cena contínua, a fim de interpolar passagens manuscritas de palavras e frases desconexas. Certas cenas ficavam descritas a meio ou por terminar, como se Daisy pretendesse voltar a elas mais tarde e as tivesse esquecido. Nem de longe havia algo semelhante a uma trama convencional. Um capítulo, em seu desenrolar, deixava transparecer: *A escritora quer tomar outro drinque e ir para a cama. Vocês, seus idiotas, deviam fazer o mesmo.*

Após seguir tais confusões por entre um labirinto de flechas e linhas entrecruzadas, Nora começou a sentir-se nauseada. Decidiu ver o que acontecia no final, e retirou da pilha as últimas trinta páginas. Perfeitamente datilografadas em papel branco e novo, estavam isentas de alterações, inserções ou marcas de qualquer espécie. Nora reclinou-se para trás, reiniciou a leitura, e logo se viu novamente emaranhada em arame farpado.

O final do livro de Daisy descrevia uma discussão entre Clementine e Adelbert, abrangendo todo o casamento de ambos. Em

vários momentos eles apareciam em seus vinte, quarenta, cinquenta e sessenta anos de idade. O local da discussão ia de diferentes aposentos da residência do casal a compartimentos de trem, refeitórios de hotel e casas em cidades européias. Eles jaziam na relva de um parque londrino e debruçados no bar de uma casa de bebidas na Terceira Avenida, às duas da madrugada. O final era uma compilação das ocasiões de disputas da dupla. O que Nora não entendia era a natureza da disputa em si.

Clementine lançava acusações, e Adelbert respondia com irrelevâncias, em sua maioria sobre música. *Eu mantive seus negócios em andamento, seu filho da mãe, mas em vez de ser grato, você me deu um chute nos dentes.* (Adelbert: *Jamais apreciei muito Hank Williams.*) *Sua vida inteira é baseada em uma mentira, como também a de nosso filho.* (Adelbert: *Música barata soa bem em rádios de carros.*) *Você não é apenas uma fraude, mas uma fraude encharcada em sangue.* (Adelbert: *Em sua maioria, as pessoas preferem ir a um jogo de bola do que a uma sinfonia, e têm toda razão.*) O mau gênio transcendia dos parágrafos, havia uma amargura evocada por um tema tão familiar a Clementine e Adelbert quanto era opaco para Nora.

O último parágrafo afastava-se dos protagonistas para descrever o terraço de um restaurante nos Alpes italianos. Copos cintilavam ao lado de pratos brancos, e reluzentes talheres destacavam-se sobre toalhas cor-de-rosa. A neve brilhava no alto dos picos além do terraço. Um pássaro cantava na distância, e um comensal respondeu com uma imitação tão exata quanto um eco. Uma branca nuvem de fumaça de charuto elevou-se de uma mesa distante e dissolveu-se no ar.

— *Fraude* — disse *Clementine*, e o sol idiota, não tendo escolha, brilhou sobre o mundo envenenado, o mundo dos *Poisons*.

Nora colocou a última página em cima das outras, e ouviu o som que mais estivera temendo: o tilintar do telefone.

36

— GRAÇAS A DEUS não ouvi a mais odiosa expressão na face da terra, “Ligou para o número errado”. Não me portei direitinho? Não fui a coisinha mais contida na face da terra? Estou orgulhosa de mim mesma, orgulhosíssima. Fiquei circulando este telefone, erguendo o fone e tornando a baixá-lo, várias vezes disquei os primeiros algarismos de seu número, somente para tornar a desligar a maldita coisa, pois tinha prometido a você horas de sossego e tranqüilidade, sem que euzinha a importunasse. Pelas minhas contas, foram três horas e mais vinte e dois minutos. E então, o que você achou? Diga-me, fale, discurse, querida Nora, por favor, diga alguma coisa!

— Olá, Daisy — disse Nora.

— Sei que estou nervosa demais para ficar calada e deixar você falar, não consigo fechar a boca! Em que altura do livro está? O que você acha? Gostou dele, não gostou?

— É realmente uma coisa — disse Nora.

— É mesmo? Prossiga!

— Nunca li nada semelhante.

— Conseguiu ler tudo? Não é possível, você deve ter *pulado páginas*.

— Não, eu não pulei — respondeu Nora. — Aliás, este não é um livro que a gente leia pulando páginas.

— O que quer dizer com isso?

— Antes de mais nada, é muito intenso. — Daisy deixou escapar um grunhido satisfeito, e Nora prosseguiu: — Temos que

prestar atenção, enquanto estamos lendo.

— Era o que eu devia esperar. Continue, Nora, *diga* para mim.

— Foi uma verdadeira experiência.

— Que tipo de experiência? Seja mais específica.

Confusa? Irritante?

— Foi uma intensa experiência.

— Ah! Bem, parece que você já disse isso. Que *espécie* de intensa experiência?

Nora tateou.

— Bem, intelectual.

— *Intelectual?*

— É um livro que nos faz pensar, enquanto o lemos.

— Tudo bem, mas você fica dizendo e repetindo as mesmas coisas. Há pouco, quando falava que não era a espécie de livro que se leria pulando as folhas, você disse “antes de mais nada”, de modo que devia ter também outra razão em mente. Qual era?

Nora lutou para lembrar.

— Penso que eu quis referir-me à condição do manuscrito.

Um silêncio agourento acolheu estas palavras.

— Sabe o que quero dizer, todas aquelas modificações e supressões.

— Pelo amor de Deus, o livro inteiro precisa ser redatilografado, mas você pediu para vê-lo, lembre-se, e então eu o entreguei como está, isto é bastante óbvio. Todavia, qualquer um pode ler um livro após ser publicado, dificilmente seria este o problema, eu quero ouvir o que você tem para dizer, mas no entanto fica falando sobre algo absolutamente irrelevante!

— Sinto muito. Tudo quanto eu quis dizer é que, assim, o livro tem de ser lido mais lentamente.

— Sim, você foi fartamente clara sobre o assunto, foi um pensamento trivial o meu, e agora que já esclarecemos isto, eu gostaria de sentar-me e beber suas observações.

Nora podia ouvir a impaciência de Daisy, controlando-se várias vezes.

— Algumas partes dele são muito divertidas — disse ela.

— Bem, bem. Eu quis que partes dele fossem *extasiadamente* divertidas. Não o livro inteiro, lógico.

— Claro que não. Há muita raiva nele.

— Pode apostar. Raiva sobre raiva. Grrr!

— E você correu um bocado de riscos.

— Garota maravilhosa, você percebeu isso? Abençoada seja! Diga-me mais!

— Desta maneira, ele me pareceu muito experimental.

— Experimental? O que, possivelmente, pareceria *experimental* a você?

— A maneira como você repete certas cenas. Ou como encerra algumas seções antes de estarem terminadas.

— Está falando das vezes em que as mesmas coisas acontecem repetidamente, mas de modo diverso da primeira vez, de maneira a fazer emergir o real significado. E a outra coisa de que fala é sobre quando alguém com meio cérebro pode ver o que vai acontecer; portanto, não adianta registrar tudo no papel. Santo Deus, isso é um romance, não jornalismo!

— Você tem toda razão. É um romance maravilhoso, Daisy.

— Então, diga-me por que é maravilhoso.

Nora procurou encontrar o comentário mais seguro que poderia fazer sobre o livro.

— É um livro corajoso. Audacioso.

— E por que acha isso? — gritou Daisy.

— Bem, muitos livros começam em um lugar, contam-nos uma história, e ponto final. Se entendi bem, creio que você não está querendo ser linear.

— É tão linear quanto um varal de roupas. Se você não viu isso, então não viu absolutamente nada.

— Daisy, por favor, não seja tão defensiva! Estou relatando a você o que apreciei em seu livro.

— Ora, mas você é que está me *fazendo* ficar defensiva! Fica dizendo essas coisas idiotas! Passei a maior parte da vida labutando neste livro, e você, afetadamente, vem me dizer que ele nem mesmo tem uma história!

— Ouça, Daisy — disse Nora — estou tentando dizer a você que ele é muito melhor do que livros que somente nos contam uma história.

Ligeiramente mais calma, Daisy perguntou:

— E qual foi a sua parte favorita até agora?

Nora tentou recordar algo de que gostara.

— Oh, achei muitas partes favoritas. Adelbert matando as mulheres. A maneira como você apresenta Egbert. Suas descrições sobre as roupas de Adelbert.

Daisy deu uma risadinha contida.

— Em que ponto você chegou? O que está acontecendo agora?

Nora tentou recordar o que acontecia, na parte em que saltara folhas.

— Estou no ponto em que Archibald fica histérico sobre uniformes nazistas e falar com Hitler, enquanto faz Clementine e seu filho lhe darem um neto.

— A fantasia? Só leu até a fantasia? Então é impossível discernir o padrão, você não tem autoridade, em absoluto, para falar do livro. Confiei em você com toda a minha alma, e você pisoteia tudo com seus grandes pés sujos de terra; dei-lhe uma obra-prima, e você cospe nela!

Nora, que estivera proferindo o nome de Daisy em intervalos durante esta tirada, fez um desesperado esforço para aplacá-la.

— Não pode torcer tudo desta maneira, Daisy, não estou mentindo para você! Entendi o que colocou em seu livro, e sei o quanto ele é especial, porque sei também que você escreveu aqueles romances de Clyde Morning e Marletta Teatime. Entretanto, este é muito mais audacioso e complexo.

Durante o longo silêncio que se seguiu, ela pensou que revertera o tom desta conversa, porém Daisy estivera preparando-se para gritar:

— *Traidora! Judas!*

A linha ficou muda.

Nora deixou o receptor cair no gancho, e deu a volta cegamente à cama, apertando os braços em torno do corpo. Quando tornou a alcançar o telefone, sentou-se na cama e discou o número de "Os Álamos". Ouviu o telefone tocar três, quatro, cinco vezes. Ao décimo toque ela desligou, caiu de costas sobre a cama e gemeu. Depois, sentando-se, tornou a discar o número de "Os Álamos".

Após o segundo toque, Maria atendeu e disse, cautelosa:

— Alô?

— Maria, aqui é Nora — disse ela. — Sei que a sra. Chancel não quer falar comigo, mas, por favor, pode dizer a ela que tenho coisas importantes a comunicar?

— A sra. Chancel não quer — respondeu Maria.

— Diga a ela o que for preciso, mas faça-a falar comigo.

Nora ouviu a pancada do fone, quando Maria o largou, depois captou algumas palavras quase inaudíveis da empregada, seguidas por uma série de uivos.

— Sra. Chancel dizer você não família, o filho dela família, você, não. Não adianta. Não fala — disse Maria, e desligou.

Nora tornou a arriar de costas na cama e ficou contemplando o teto. Após um tempo indeterminado, um pequeno consolo ofereceu-se. Desta certeza brotava um consolo maior. Uma vez que Daisy não perturbaria Alden, este tampouco perturbaria Davey. Com o tempo, o caso do romance de Daisy desapareceria dentro do padrão estabelecido. Dentro de uma ou duas semanas, Nora e ela promoveriam uma reconciliação.

Levantando-se da cama, ela juntou o manuscrito e o enfiou de volta na pasta.

AINDA ANSIOSA, Nora vagou para a cozinha e enxugou a bancada. O problema era que, se algo pudesse dar errado, em geral dava mesmo. Para Daisy, o manuscrito estava em território inimigo, enquanto permanecesse com Nora. Ela pensou em puxar a pasta de baixo da cama e levá-la de carro até a Mount Avenue, porém tal perspectiva imediatamente induziu exaustão e desespero.

Sem pensar no que fazia, Nora foi até a pia, abriu a torneira de água quente, esguichou sabão líquido na palma e começou a lavar as mãos. Depois lavou o rosto. Em seguida tornou a lavá-lo e também as mãos. Da quarta vez em que esfregava sabão nas faces e lados do nariz, ficou cônica daqueles atos repetidos. A água quente fazia sua pele arder. Abrindo a torneira de água fria, ela enxaguou-se e estendeu a mão para um pano de prato seco. Seu rosto ardia como se o tivesse lixado. Depois de enxugar-se, Nora percebeu que ainda se sentia terrivelmente suja — não, não *ainda*, mas como se algum dia, muito breve, *estaria* terrivelmente suja. Lutando contra a ânsia de tornar a abrir a torneira e esfregar-se novamente, ela foi para a sala de estar, esticou-se no sofá e fechou os olhos, até ser despertada pelo som do carro de Davey fazendo a curva para ganhar a entrada de veículos da casa. Perguntou-se onde ele teria estado nas nove ou dez horas anteriores, decidindo que não se importava. O Audi entrou na garagem.

Agora, apresentava-se um interessante problema: Davey deslizaria para a sala da família e fingiria que ela não estava lá, ou

subiria ao andar de cima, a fim de confrontá-la? Ele abriu e fechou a porta dos fundos. Seus passos o trouxeram na direção da escada. Embora muito lentamente, ele vinha em sua direção.

Davey chegou ao topo da escada e relanceou os olhos pela cozinha, antes de virar-se para a sala de estar. Procurava por ela; decididamente, um bom sinal. Seria isto o que chamavam de agarrar-se a uma palha? *Prossiga*, pensou ela, *agarre logo!* Ele entrou na sala de estar. Seus olhos encontraram os dela e desviaram-se. Davey arriou o corpo na poltrona mais distante de Nora, recostou-se no espaldar, deixou os braços caírem e fechou os olhos.

— Seja bem-vindo — disse Nora.

— A polícia ligou?

— Natalie está sob sedação.

Ele continuava arriado na poltrona, como que jogado nela, e os olhos ainda fechados.

— Seria bom se você dissesse alguma coisa.

Davey abriu os olhos, inclinou-se para frente, tornou a fitá-la nos olhos, e logo baixou o rosto rapidamente.

— Quando ouvi você sair, fiquei quicando pela casa como uma bola de pingue-pongue. Finalmente saí para uma volta de carro, peguei a via expressa e rodei para o norte. Não tinha idéia de para onde ia. Eu precisava pensar. Foi o que estive fazendo o tempo todo, dirigindo e pensando. Quando cheguei a New Haven, saí da auto-estrada, fui até o campus e fiquei andando por lá, durante cerca de uma hora.

— Eli, Eli — disse Nora, e perguntou-se se Davey chegara a ser companheiro de Dick Dart em New Haven.

— Não seja sarcástica, está bem? Eu estava pensando em você, Nora. Esta manhã tudo pareceu muito claro. Uns dez minutos depois que saiu, comecei a interrogar-me. Você faria uma coisa daquelas? Claro que é capaz de tomar atitudes drásticas, mas achei que você traçara limites bem distantes do rapto e tortura.

— O que você sabe? — disse Nora.

— Refleti no que me tinha dito — que eu lançava a minha culpa sobre você. Entretanto, todas as peças ajustavam-se tão perfeitamente, o padrão inteiro era tão convincente, que não podia deixar de ser verdadeiro. Era como um daqueles problemas de palavras cruzadas feitos por Frank Neary e Frank Tidball! A única parte que não se ajustava era você.

— Então, você debateu consigo mesmo.

Ele assentiu.

— Quanto mais eu pensava, mais e mais ridícula se tornava a idéia de você ter raptado Natalie. Voltei para o carro e rodei por New Haven. New Haven é uma cidade ordinária, uma vez que nos afastamos de Yale. — Ele olhou para Nora, como se a irrelevância da frase o houvesse liberado. — Fiquei completamente perdido, acredite. Passei quatro anos em New Haven, e aquilo lá não é tão grande assim. Sabe o que aconteceu? Tive medo. Pensei que nunca encontraria uma via de saída. Continuei dirigindo, passando diante do mesmo restaurantezinho, do mesmo barzinho, era como se estivesse sob uma maldição. Quase tive um *colapso*. — Davey enxugou a testa. — Depois de mais ou menos uma hora, finalmente passei por aquela casa de pizza que costumava freqüentar, e então soube onde estava. Sem brincadeira, quase chorei de alívio. Voltei

para a rota I-95. Minhas mãos ainda tremiam. Tinha a sensação de que minha vida inteira havia subido no ar.

— Você refletiu bastante — comentou Nora.

Ele assentiu.

— Estava tão *cansado* e com *tanta fome!* Quando cheguei ao Cousin Lenny's, parei o carro. Fui para uma cabine e pedi um pedaço de carne com purê. Depois que me serviram, cobri a carne com catchup, como se fosse um garotinho, e quando estava comendo, uma idéia me surgiu na cabeça, desenrolando-se como um gigantesco pergaminho. Se eu chegara a ficar perdido a tal ponto em New Haven, você podia estar dizendo a verdade. Afinal de contas, quem garante que todas as peças têm de ajustar-se? De uma coisa eu tinha certeza: mesmo que houvesse descoberto sobre Natalie e mim, você jamais a raptaria. Não faz o seu gênero.

— Obrigada.

— Você realmente não a raptou, não é?

— Já falei isso três ou quatro vezes esta manhã.

— Eu estava, simplesmente, tão *convicto!* Eu... — Ele sacudiu a cabeça e olhou para baixo, depois ergueu novamente os olhos. Sentimentos complicados, todos dolorosos, enchiam-lhe as pupilas. — Adiantaria alguma coisa se eu pedisse desculpas?

— Experimente para ver.

— Peço desculpas por tudo que falei. Gostaria, sinceramente, que você me perdoasse. Lamento ter-me envolvido nessa coisa com Natalie Weil.

— Essa coisa geralmente tem o nome de cama — disse Nora.

— Você está furiosa comigo, deve desprezar-me e detestar Natalie.

— Tem toda razão.

— Esta manhã você não disse que, eventualmente, poderíamos acertar a situação? Pois eu quero fazer isso, Nora. Espero que você me perdoe. Será que me aceita de volta?

— Você foi embora?

— Deus a abençoe — disse Davey, fazendo com que Nora, constrangedoramente, recordasse a mãe dele. Saindo da poltrona, ele aproximou-se. Nora perguntou-se se pretenderia ficar de joelhos diante dela. Em vez disso, ele lhe beijou a mão. — Amanhã começaremos tudo novamente. — Colocando a mão que segurava no colo dela, Davey começou a acariciar-lhe a perna. — O que você fez o dia inteiro?

— Quase dirigi até Nova York. — Nora moveu a coxa, afastando-a da mão dele. — Estava pensando em não voltar mais. Então, de repente fiz meia-volta e vim para casa.

— Eu enlouqueceria, se ao voltar não a encontrasse aqui.

— Pois aqui estou.

Ele a beijou no alto da cabeça.

— Preciso deitar-me e dormir um pouco. Mal me agüento em pé. Você se incomoda?

— Claro que não.

Davey encaminhou-se para o corredor, virou-se a fim de dar a ela um olhar agradecido e um aceno superficial, e então desapareceu.

Nora reclinou-se no sofá. Naquele momento seus sentimentos eram como os pequeninos, negros e retorcidos gravetos remanescentes de uma fogueira. Ela supôs que, algum dia, eles voltassem a ser sentimentos.

38

EVENTUALMENTE, A FOME a forçou a deixar o sofá. Seu relógio marcava dez minutos para as oito. Davey ainda dormia. Nora imaginou que ele provavelmente despertaria por volta de meia-noite, conseguiria livrar-se das roupas de algum modo e voltaria direto para a cama, a fim de terminar a digestão de seu naco de carne e purê — outro exemplo do hábito de Davey: quando estressado, regredia à idade da bicicleta com rodinhas. Uma busca nas prateleira da cozinha resultou em uma lata de sopa de cogumelos, precisando apenas ser aquecida. Nora despejou o congelado cilindro cinza-acastanhado dentro de uma panela, acendeu o fogo e esperou que a sopa se derretesse, enquanto ela torrava duas fatias de pão integral.

Assim que começou a pôr colheradas de sopa na boca, um reostato interior marcou uma graduação mais alta, e um senso de bem-estar ganhou vida dentro dela. Devolveria o livro de Daisy, e ponto final. Podia voltar às boas com Natalie Weil, embora nunca mais tornasse a confiar nela. Aliás, não tinha que confiar nela, como tampouco tinha que tornar a ver aquela barata platinada ou falar com ela de novo. Caso se encontrassem no balcão de laticínios no Waldbaum's, em uma fração de segundo os velozes saltinhos de barata de Natalie logo a fariam refugiar-se atrás de uma montanha de papel sanitário, até Nora chegar ao pátio de estacionamento. Satisfeita com esta imagem, ela tomou a última colherada de sopa, mastigou o último pedaço da torrada e levantou-se, a fim de lavar os pratos.

O telefone tocou. Nora abandonou os pratos e apressou-se a atender, antes que acordasse Davey.

— Alô?

O que se seguiu gelou seu estômago, antes de atingir-lhe a mente. Um homem enlouquecido de fúria disse algo sobre uma inimaginável quebra de confiança, algo sobre uma inominável intrusão, e algo mais sobre devastação. Por fim, ela terminou reconhecendo a voz bombástica de Alden Chancel.

— E o que jamais entenderei — dizia ele agora — além da sua inacreditável pretensão de imaginar-se capaz de aconselhar sobre escrever, é a sua persistência em seguir um rumo que sabia ser perigoso. Nunca lhe ocorreu que sua imprudência podia ter *conseqüências?*

— Alden, pare de gritar comigo — disse Nora.

— Você se recusa a ouvir pessoas com mais conhecimento, então empunha um machado e começa a usá-lo. Você se invade como um cupim e devora as vidas dos outros. Você é um ultraje!

— Alden, sei que está aborrecido, mas...

— Eu não estou *aborrecido!* Estou *furioso!* Quem vai ficar *aborrecida* é você!

— Ouça, Alden, Daisy queria que eu lesse seu manuscrito. Ela insistiu em trazê-lo aqui, não me permitiu uma recusa.

— Ela tem estado trabalhando nessa coisa durante décadas, mas até você começar a intrometer-se, Daisy nunca pensou em mostrá-la a quem quer que seja! Ela não solicita comentários sobre um trabalho inacabado. Você insinuou-se astutamente junto dela, da mesma forma como fez com esta família, e agora lançou um vírus

dentro da pobre mulher. Poderia muito bem tê-la liquidado completamente.

— Eu estava tentando ajudá-la, Alden.

— Ajudá-la? Você pegou uma faca e a enfiou em seu coração!

— *Alden!* — gritou Nora. — Nada disso é verdade. Quando Daisy ligou para mim, querendo saber o que eu estava achando de seu livro, eu falei que era um trabalho maravilhoso. Ela é que ficou transformando em insulto tudo quanto eu dizia.

— E isto a surpreendeu? Você deve ser fraca do juízo. Daisy sabe que seu livro é uma caótica embrulhada. Ele não pode ser outra coisa mais.

— Não sei se é uma caótica embrulhada ou não, e tampouco você sabe, Alden.

— Você é uma imbecil destrutiva, e devia ser chicoteada!

— *Alden!* — ela tornou a gritar. — A menos que você se acalme e procure entender o que de fato aconteceu, acabará...

Com os cabelos achatados em um lado da cabeça, as roupas marcadas por vincos, Davey entrou na cozinha e ficou olhando para ela, boquiaberto.

— É papai? Você está falando com meu pai?

Nora afastou o telefone do ouvido.

— Tenho que explicar isto a você — disse para Davey. — Sua mãe interpretou uma coisa erradamente, e agora seu pai está ficando louco.

— Interpretou erradamente o quê?

A voz de Alden urrava no fone.

— Você tem de ficar do meu lado nisso — disse Nora. — Eles dois perderam o controle.

Com um timbre metálico, Alden berrou o nome de Nora. Ela tornou a encostar o receptor no ouvido.

— Alden, vou dizer uma coisa e depois desligar.

— Deixe-me falar com ele — disse Davey.

— Não! — respondeu Nora. — Alden, quero que você se acalme e pense no que eu lhe disse. Eu jamais magoaria Daisy deliberadamente. Espere que as coisas se aquietem, por favor. Não falarei com você, enquanto não quiser ouvir o meu lado da história.

— Eu quero falar com ele, Nora!

— Ouvi a voz de meu filho — disse Alden. — Ponha-o na linha.

Davey pousou a mão no fone e, relutantemente, Nora o passou para ele.

— Seu pai me chamou de cupim. Disse que sou uma imbecil.

Davey fez um gesto pedindo silêncio.

— O quê? — Davey aferrou os cabelos e caiu contra a bancada. Seus dedos penetraram mais nos fios e ele deu a Nora um agonizante olhar de descrença. — Eu *sei* disso, como não iria saber disso? — Davey fechou os olhos. Embora ele houvesse colado o fone no ouvido, Nora ainda podia ouvir o clamor da voz de Alden. — Bem, ela diz que queria ajudar mamãe... Eu sei, eu sei... Bem, claro, mas... Certo. Está bem, quinze minutos. — Ele desligou. — Oh, Deus!

Seus olhos passearam pela cozinha, como querendo assegurar-se de que os armários, geladeira e pia continuavam no lugar.

— Nós vamos até lá. Preciso lavar o rosto e escovar os dentes. Não posso ir do jeito como estou.

— Ligue para ele e diga que iremos amanhã à noite. Não podemos ir lá agora.

— Se não aparecermos dentro de quinze minutos, ele virá aqui.

— Assim seria melhor — disse Nora.

— Se você pretende irritá-lo ainda mais... — Davey cruzou a cozinha e a fitou com expressão ameaçadora. — Onde está o maldito manuscrito, afinal?

— Debaixo da cama.

— Oh, céus! — exclamou ele, disparando-se na direção do corredor.

39

QUANDO ELES CHEGARAM à Post Road, Nora já descrevera sua conversa com Daisy, antes e durante a leitura que fizera do livro. Ao alcançarem as grades de ferro à frente de “Os Álamos”, ela terminara de contar-lhe sobre o telefonema que originara a dificuldade atual. O que não descreveu foi o livro em si. Também omitiu um outro detalhe. Emitindo vapores mefíticos, a pasta com o manuscrito de Daisy estava na mala do carro.

— Ela a forçou a ficar com o livro — disse Davey.

— Se eu não concordasse, ela começaria a gritar comigo.

— Não parece que ela lhe deu alguma chance para recusar-se.

— Não. Não me deu.

Davey manobrou o carro para a entrada de veículos de seus pais. Olhando para a cinzenta fachada de pedra da casa, Nora sentiu ainda mais tensão do que a geralmente despertada pela visão de “Os Álamos”.

— Precisamos fazer papai entender isso — disse Davey.

— Você é que irá falar mais do que eu.

Quando desceram do carro, Davey ergueu os olhos para a casa e esfregou as mãos nas calças. Durante uns dois segundos, nenhum deles se moveu do lugar.

— Afinal, o livro continha algo de bom?

— Não faço idéia — respondeu Nora. — Em sua maioria, é um ataque furioso contra Alden. No livro, o nome dele é Adelbert Poison.

Davey fechou os olhos.

— E ela, que nome tem no livro?

— Clementine.

— Clementine Poison? Eu também estou lá?

— Lamento, mas está.

— E qual é o meu nome?

— Egbert. Você quase nunca sai da cama.

— Quero resolver logo isso e ir para casa. — Ele foi à traseira do carro e, grunhindo, pegou a pasta. — Deve ser um elefante de manuscrito!

— Você nem imagina — disse Nora. — Davey, eu fui séria no que falei antes. Você é que ficará com a palavra, porque se eu abrir a boca para dizer alguma coisa, Alden irá gritar comigo.

— Ele gritará comigo também. — Davey fechou a mala do carro e arrastou a pasta na direção da escada. — Pouco importando o que deseje, Nora, você não vai poder ficar fora disso.

Ela e Davey subiram os degraus lentamente. Ele apertou o botão montado em bronze, ao lado da maciça porta de carvalho.

Maria abriu a porta antes que a mão de Davey soltasse o botão. Evidentemente, havia sido postada junto à entrada.

— Sr. Davey, sra. Nora, sr. Chancel disse os dois irem para biblioteca — disse ela, lançando um olhar inquieto para a pasta.

— Minha mãe também está lá?

— Oh, não, oh, não, sua pobre mãe sem poder deixar seu quarto — informou Maria, recuando e mantendo a porta aberta.

— Quando eu era garotinho, ele sempre me liquidava na biblioteca.

Na sala de estar, uma mancha de água com o dobro do tamanho da pasta escurecia o carpete ao pé de um pedestal vazio,

destinado a um vaso veneziano. Uma segunda mancha, também grande, gotejara parede abaixo, ao lado da lareira. No extremo oposto da sala de estar, a porta que dava para a biblioteca fora fechada.

— Aqui vai o nada — disse Davey, e abriu a porta.

Usando um terno azul risca-de-giz, vestido para a ocasião, Alden levantou-se de uma poltrona de couro, no lado oposto de um tapete oriental que explodia em tons de violentos azuis e vermelhos.

— Penso que o primeiro quesito a ser cumprido é a entrega do manuscrito.

Davey caminhou para o pai como um homem armado de um canivete do exército suíço indo ao encontro de um tigre faminto. Alden aceitou a pasta e a colocou no chão. Apontou para o estofado de um sofá de couro atrás de uma mesinha baixa, com superfície também forrada de couro.

— Sentem-se.

— Pa...

— Sentem-se.

Eles deram volta à mesa e sentaram-se. Alden acomodou-se na poltrona e moveu o pé para pressionar um botão saliente no chão, entre as franjas do tapete.

— Papai, nada disso é...

— Agora, não.

A porta se abriu, e Jeffrey entrou.

— O objeto foi devolvido agora — disse Alden. — Leve-o para cima, para a sra. Chancel, e o deixe nas mãos dela.

Jeffrey abaixou-se, pegou a pasta e deu meia-volta para levá-la dali, como se fosse dar fim a um animal morto. Quando já prestes

a sair, dirigiu a Nora um olhar sombrio e ilegível. A porta se fechou atrás dele.

— Você nada tem a dizer neste assunto — disse Alden ao filho.
— A menos, claro está, que tenha encorajado sua mulher ou sua mãe a agirem como agiram.

— É claro que não fiz nada disso! — protestou Davey. — Eu disse a Nora que ficasse longe do trabalho de mamãe. Sabia que algo terrível acabaria acontecendo.

— Como de fato aconteceu. Agora, devemos lidar com o ocorrido. Sua mãe encontra-se em profundo transe emocional. Quando cheguei em casa esta noite, encontrei-a chorando e rouca de tanto gritar. A sala de estar estava juncada de vidros quebrados. Maria estava amedrontada demais para enfrentar a situação, e Jeffrey, certamente compreendendo que seu papel neste infeliz assunto se voltaria contra ele, refugiou-se em seu apartamento.

— Jeffrey? — exclamou Davey. — Que papel teve Jeffrey?
Alden ignorou-o.

— É claro que Jeffrey estava atendendo a um pedido da parte de sua patroa. Falei com ele, e todos podemos ficar certos de que nunca mais tornará a envolver-se em qualquer transação desta espécie. E nada semelhante a isto voltará a repetir-se.

— O que foi que ele fez? — perguntou Davey.

— Ele a levou de carro — respondeu Nora.

— Sim. Ele levou Daisy de carro à casa que você partilha com esta víbora.

— Por favor, papai, não a chame desses nomes. Quero que compreenda o que realmente aconteceu. Mamãe ligou para Nora e insistiu que ela lesse o livro. Não lhe deixou outra alternativa.

— Realmente! — Irradiando fúria, Alden virou-se para Nora. — Você não tem vontade própria? Não tem a escusa de constar em nossa folha de pagamentos, exceto indiretamente, e não se pode dizer que seja uma amiga de Daisy. Ela não tem amigos. Estaria você querendo ser uma norazinha obediente?

— De certo modo, foi isso mesmo — replicou Nora. — Pensei que poderia ajudá-la de alguma forma.

— Então sugeriu que gostaria de ler o que ela havia escrito, a fim de oferecer-lhe orientação editorial.

— Não. Apenas quis dar a ela alguém com quem falar sobre seu livro. Dar-lhe apoio.

— E estamos vendo como isso funcionou maravilhosamente. Entretanto, pode negar que esta maligna sugestão partiu de você?

— Eu queria apenas ajudar.

— Vou repetir. A sugestão foi sua?

— Sim, mas eu e Davey falamos a respeito, e concordei em não insistir nisso. Hoje, Daisy ligou para mim, dizendo ser crucial que eu lesse seu livro, que estava indo imediatamente.

— E nesse ponto, você poderia ter-lhe dito que estava ocupada demais ou arranjasse qualquer uma dentre uma centena de outras desculpas!

— Ela não aceitaria desculpas. Se eu tentasse dissuadi-la, ficaria terrivelmente ofendida.

— Você encorajou a obsessão dela, em vez de amenizá-la. Entretanto, tal perversidade nada é se comparada à indizível obscenidade de alegar que minha esposa é a autora dos romances de Clyde Morning e de Marletta Teatime.

— O quê? — exclamou Davey, encarando Nora fixamente.

— Sim, ela é — disse-lhe Nora. — No livro, encontrei aquela expressão “riscados por marcas de desgaste” e frases começando por “De fato”.

— Por que não me disse isso antes?

— Esqueci, acredite-me — respondeu ela. — Havia tanta coisa mais, que isso simplesmente me fugiu da mente.

Alden exclamou:

— Está começando a ver o tipo de mulher com quem se casou? Será que já pode discernir um início de claridade?

— Ele não quer que você saiba — disse Nora. — Aliás, não quer que ninguém saiba.

— Cale essa boca desprezível! — gritou Alden, apontando para Nora. — Não somente esta mentira insulta minha esposa, que se considera uma artista e jamais chegou a *ler* um de nossos romances de horror, como atira lama em minha firma e em mim próprio. Você está pondo em risco a nossa reputação e a minha. É escandaloso, e não vou admitir tal coisa!

— Oh, céus — disse Davey.

— Pare de gemer, Davey, e preste atenção ao que digo. — Alden inspirou. — Seu casamento foi um erro. Esta criatura trouxe a discórdia para a nossa família, desde o momento em que apareceu. Injuriou-o em maneiras que você nem mesmo começa a compreender. — Alden se pusera a gritar novamente, mas procurou controlar-se. — Talvez nós dois tenhamos queda por mulheres excêntricas.

— Eu vou embora — disse Nora, e levantou-se.

— Você geralmente foge quando ouve a verdade, não é?

— Não aceito ordens suas, Alden. Vamos, Davey.

Dando a impressão de estar apenas meio acordado, Davey começou a levantar-se.

— Sente-se! — ordenou Alden.

Davey sentou-se.

— Vou tornar isto bem simples para você, Davey. Estou oferecendo-lhe uma escolha. Caso se divorcie desta mulher e ponha sua vida em ordem, poderá continuar na Casa Chancel e constará de meu testamento. Recusando-se a enxergar a realidade e preferindo continuar com seu casamento, considere-se excluído, tanto de seu emprego como de minha herança. Terá de encontrar um meio de sustentar-se, e isto se conseguir, algo que, lamento dizer, duvido muito.

— Isso não é uma escolha, é um ultimato — disse Nora.

— No que me diz respeito, você nem mesmo continua neste aposento. Quero que reflita em sua decisão, Davey. Reflita bastante. Quer ficar com a louca com quem se casou ou quer a vida que você merece? Ficaremos mais do que satisfeitos em tê-lo de volta nesta casa.

— Está mesmo falando sério? — perguntou Davey.

— Você tem uma semana para refletir. Quero que faça a coisa certa e, segundo penso, acabará percebendo que estou agindo em nome de seus melhores interesses.

— Você está usando seu dinheiro como um porrete — disse Nora. — Apegue-se a este plano sádico e terminará perdendo seu filho. É isso o que deseja?

Alden levantou-se.

— Pode ir agora, Davey. Tenho que subir para lidar com sua mãe.

Davey se pôs obedientemente de pé. Alden caminhou até a porta e a manteve aberta.

— Papai... — disse Davey.

— Conversaremos no próximo domingo.

Davey se moveu na direção da porta.

— Vai se arrepender, rapaz — disse Nora.

Fingindo não poder vê-la nem ouvi-la, Alden deu tapinhas nas costas de Davey, quando ele cruzou a porta. Nora conteve o impulso de afastar aquela mão com um tapa.

Encostando um pano branco em um canto distante da sala de estar, Maria estremeceu e começou a caminhar para a entrada.

— Meu filho sabe como sair da casa — disse Alden.

Maria parou de chofre, não conseguindo dar um passo.

— Adeus, Maria — disse Nora, porém Maria estava aterrorizada demais para responder.

40

OS DOIS SAÍRAM da casa para a noite abrupta. Davey desceu um degrau, virou-se e olhou para a porta.

— Talvez devêssemos voltar.

— Para quê? Seu pai já disse o que queria.

— Acho que você tem razão. Ele está zangado demais.

— Bolas! Ele está muito mais feliz do que já estive em anos.

Pensa que pode colocar você direitinho onde quer vê-lo.

Davey meneou a cabeça e desceu o resto dos degraus, remexendo no bolso.

— Você dirigiria? Sinto-me um pouco abalado.

Nora pegou as chaves. Quando se sentou ao volante e moveu o assento para diante, Davey reclinara-se no banco, de olhos fechados, o corpo tão flácido que parecia sem vida.

— Vamos — disse ela. — Ele nunca faria o que ameaçou. Tudo o que você tem a fazer é tirar-lhe a máscara.

— Ele não estava blefando.

Nora ligou o motor e fez o carro rodar para o portão distante, envolto em um casulo de escuridão. Após um momento, ela ligou os faróis dianteiros.

— Você acha que seu pai está mesmo querendo excluí-lo para sempre de sua vida?

— Eu *não* sei — gemeu Davey.

— É claro que ele não está — disse Nora. — Está apenas querendo amedrontá-lo. Desta vez, não o deixe levar a melhor.

Ela manobrou, acelerou, e o carro disparou para a Mount Avenue como um bólido.

— Do que você está falando?

Considerada uma excelente motorista, até mesmo ousada, Nora fez um pequeno ajuste no volante, e o Audi contorceu-se obliquamente sobre a linha interrompida amarela. O carro guinou para a pista adequada e ela relaxou as mãos deliberadamente.

— A última coisa que ele quer no mundo é perder você. Com isto eu disse tudo...

Davey tornou a gemer, e não soube dizer se por seu dilema ou pela maneira de Nora guiar seu carro.

— Ele vai fazer tudo quanto disse.

— E daí? Após umas duas semanas, virá fuçar para ver como você está se saindo. Se ainda não tiver conseguido um emprego, ele lhe dará o seu antigo de volta. E se você aceitar, Alden oferecerá um salário mais alto ou um cargo melhor.

— Suponha que nada disso aconteça. Suponha que isso não seja uma estratégia.

Um curioso senso de familiaridade, tão forte como *déjà vu*, tomou conta de Nora. Não estivera lendo um livro em que um personagem apresentava um ultimato bem à maneira de Alden? Que cena, e de que livro? Então, recordou: Alden fizera com que se lembrasse de Archibald Poison forçando Adelbert e Clementine a lhe darem um neto.

— Você não tem uma resposta, tem?

— Como assim?

— O que acontecerá, se ele estiver mesmo falando sério?

— Você seria acolhido por todas as casas editoras de Nova York. Algumas delas o contratariam, somente para espezinhar Alden. De fato... — Ela sorriu de lado para Davey, que achatara as duas mãos no alto da cabeça. — Mande a semana para o inferno. Ligue para as pessoas que conhece nas outras editoras. Aceite a melhor oferta que conseguir, depois vá ao gabinete de seu pai e peça demissão. Ele ficará furo.

— Não, não ficará — disse Davey. — Por que alguém me daria um emprego? Eu edito livros de palavras cruzadas. Remeto cartas circulares relacionadas à Sociedade Hugo Driver. Por outro lado, você não imagina o que está acontecendo nas editoras. Ninguém mais larga o emprego. Não é como nos anos oitenta, quando as pessoas saltitavam por toda a firma.

— Você não precisa desse empreguinho ordinário, Davey. Dê alguns telefonemas e veja o que acontece.

Eles rodaram em silêncio todo o resto do trajeto até em casa. No escuro, Nora tateou o caminho até o interruptor da luz e percebeu que Davey ainda estava no Audi. Chamou-o. Ele saiu do carro lentamente. Quando ela abriu a porta dos fundos, Davey começou a mover-se como um zumbi, em direção à frente da garagem.

— Vai dar tudo certo — disse ela, lutando para manter-lhe o otimismo. Fechou a porta depois que entraram, e o viu relancear os olhos para a sala da família. — Vamos para cima.

Davey arrastou-se até os degraus. Nora o seguiu ao interior da cozinha, acendendo luzes, enquanto ele caminhava à sua frente,

— Vou preparar alguma coisa para você — disse.

— Quem consegue comer?

Nora o viu pegar a garrafa de *kümmel* na prateleira, selecionar um copo baixo e bojudo, e enchê-lo quase até a borda. Sentado de frente para ela, Davey começou a girar o copo na mesa. Por fim, ergueu os olhos para a mulher.

— Você está deixando que isto o abale além da conta.

— Há uma grande diferença entre nós, Nora. Ele não é seu pai.

— Graças a Deus! — exclamou ela, talvez imprudentemente. — Meu pai jamais trataria você daquela maneira.

— Oh, eu tinha esquecido, o grande Matt Curlew era perfeito. Segundo você, meu pai é a escória da terra.

— Eu nunca disse isso! — protestou Nora. — Odeio o modo como ele trata você, e este ultimato foi o exemplo perfeito. Seu pai está usando os chiques de Daisy para separar-nos.

— Poxa, obrigado! Caso eu não compreenda o que meu pai está fazendo, você terá de explicar tudo três ou quatro vezes.

Davey tomou um gole de sua bebida e um delicado matiz rosa-forte ganhou suas faces.

— Oh, Davey, talvez eu tivesse falado demais, porém ele me deixou incrivelmente zangada. E você ficou tão calado!

— Você continua esquecendo que ele é *meu pai*. O indivíduo que, em suas palavras, maltratou-me a vida inteira, enviou-me aos melhores colégios na América, algo que o sagrado Matt Curlew nunca fez por você; deu-me um emprego e me paga muito mais dinheiro do que mereço, além de dirigir uma firma importante; outra coisa que Matt Curlew nunca fez. E caso você tenha esquecido, vê esta mesa? Foi ele quem a comprou. Como comprou tudo nesta

casa, inclusive as lâmpadas e o papel sanitário. Acho que ele merece alguma gratidão, para não falar em respeito.

— Em outras palavras, ele é o seu dono.

— Ele não é o meu dono; ele me ama. Ainda que eu não concorde com algumas de suas atitudes, você não pode ordenar-me que o odeie.

— Não quero que você o odeie — mentiu Nora. — Entretanto, eu também o amo, e gostaria de vê-lo livre do poder de seu pai. — Davey ergueu o copo e bebeu. — De certo modo, Alden estava certo. Você precisa decidir qual dos dois quer mais: ele ou eu. Entretanto, escolhendo-o irá perder-me para sempre, ao passo que, escolhendo-me, dentro de um segundo terá voltado para seu pai.

— Eu me casei com você, não com meu pai — replicou ele.

— Graças a Deus! Já começava a ficar preocupada.

— Acontece, no entanto, que não quero perder nenhum dos dois. Acho que você perdeu o juízo, se pensa que ele mudará de idéia.

— Ele não mudará de idéia, apenas aguardará outra chance.

— Como pode ter tanta certeza? Se ele me despedir e eu não encontrar outro emprego, ficaremos sem dinheiro em cerca de três meses. E depois? Auxílio-desemprego? Morar em uma caixa de papelão?

— Ele nunca deixará que isso aconteça. Você sabe que ele...

— Se eu conseguir emprego em outra editora, sabe qual seria o meu salário? Mais ou menos um terço do que ganho hoje. Teremos de mudar-nos daqui, claro, mas só conseguiremos pagar algum fedorento buraco de rato como apartamento.

— Quem disse que você tem de trabalhar em uma editora? O mundo está cheio de empregos.

— Por acaso não lê os jornais? Tudo bem, talvez eu consiga um trabalho de balconista, aí então só poderemos custear metade do buraco de rato.

— Posso arranjar um emprego — disse Nora. — Assim pagaríamos pelo buraco de rato inteiro.

— Céus! E como estar casado com Poliana.

— De qualquer modo, você vai dar os telefonemas, não vai?

Davey crispou aos lábios e dirigiu à geladeira um olhar reflexivo. Depois disse:

— Na realidade, pode existir outra saída.

— Que outra saída?

— Eu poderia dizer a ele que me mudarei para casa, se permitir que você continue aqui, pelo tempo que quiser. Acho que meu pai aceitaria isso.

— Enfrentaremos um enxame de advogados, antes mesmo que você termine de falar. Os bons e velhos Dart, Morris levantarão um muro entre nós com dois metros de espessura. Como isso nos ajudaria?

— Uma vez estando lá, eu poderia conversar com ele e, conversando, certamente o abrandaria. Cedo ou tarde ele cederia à razão.

— Davey, o cavalo de Tróia...

— Exatamente.

Nora recostou-se em sua cadeira e olhou fixamente para ele, pelo que pareceu um longo momento.

— Eu já imaginava que você não gostaria — disse ele. — Entretanto, meu pai terá de amolecer, cedo ou tarde.

— Davey, seu pai está se esforçando ao máximo para transformá-lo em criança novamente, e você ainda procura ajudá-lo nesse sentido. Assim que ele o tiver trancado em casa, vai continuar martelando o assunto. Quando terminar, você estará usando fraldas, comendo purê de cenoura e nós dois estaremos divorciados.

— Que alto conceito você tem de mim! — exclamou ele, o rosto adquirindo um tom rosado mais vivo.

— Sei bem o que acontece quando você está perto de seu pai. Emudece e faz tudo o que ele manda.

— Não desta vez. — Davey franziu a testa para o copo, depois tornou a fitar Nora, de um modo que parecia quase desafiante. — Onde foi que você descobriu aquela sujeira, aquilo de minha mãe escrever os livros de Morning e Teatime, na coluna de astrologia?

— É a pura verdade — replicou Nora. Davey fez uma careta. — Eu lia o livro, e lá estavam as pistas, os “riscados por marcas de desgaste” e uma frase começando com “De fato”. Fiquei pasma.

— Não tão pasma quanto minha mãe. Ela jamais chegou a ler romances desse tipo. Você ouviu o que disse meu pai. Antes de mais nada, por que mamãe faria isso?

— Porque Alden a convenceu. Ele pensou que poderia ganhar uma boa soma de dinheiro rápido, editando romances de horror.

Davey assumiu uma expressão de revolta e fixou os olhos em seu drinque.

— Ouça, Nora, mesmo que uma idéia tão louca lhe viesse à cabeça, por que decidiu mencioná-la a mamãe? Não percebeu o que

iria acontecer? Francamente, não sei como... — Ele deixou a frase por terminar e levantou as mãos.

— Ela já estava me acusando de cuspir em sua obra-prima, e eu tentei explicar-me, dizendo-lhe que este seu livro era muito melhor do que aqueles outros. Imaginei que fosse ficar lisonjeada.

— Que inteligente... — disse ele. — Você lança uma bomba na sala de estar, e espera que ela a aceite como um cumprimento?

Nora afastou-se da mesa.

— Tenho que ir para a cama. Você vem também?

— Não. Acho que levarei várias horas sem conseguir dormir.

— Vai dar aqueles telefonemas?

— Não preciso de mais ninguém dando ordens em minha vida.

— Sinto muito, nada mais direi a respeito, prometo. — Nora recuou para a porta. — Então, até mais tarde.

— Suponho que sim.

Ela se forçou a sorrir, enquanto saía da cozinha.

41

NA MANHÃ DE segunda-feira, uma meia hora depois de Davey ter ido trabalhar, Nora chorava ruidosamente e isto a despertou. O suor lhe cobria o corpo e umedecia as cobertas. Uma pequenina e trêmula poça jazia entre seus seios. Ela grunhiu e secou o rosto com as mãos, depois agarrou uma parte seca do lençol e enxugou o peito.

— Grande bosta! — exclamou, uma expressão herdada de Matt Curlew. Assim que secou a umidade, mais suor brotou dos poros. Seu corpo irradiava calor. — Oh, droga! Uma onda de calor!

Nora ignorava que os calores pudessem surgir durante o sono. Um inseto de alguma espécie começou a subir rastejante por sua coxa direita, e ela ergueu a cabeça para vê-lo. Nada havia na coxa, mas a sensação persistia. Nora friccionou o lugar, tentando fazê-la sumir. O besouro invisível subiu mais uns cinco centímetros por sua perna, depois cessando de existir. Ela ficou deitada de costas sobre as cobertas molhadas, perguntando-se se insetos-fantasmas seriam ocorrências comuns durante as ondas de calor, ou se haveria qualquer outra explicação para o incidente. Segundos mais tarde, a umidade em seu corpo ficou fria, e o mal-estar terminava.

Após ter tomado uma ducha e, por força do hábito, ter vestido uma camiseta azul-escura, short branco e calçado seus tênis, Nora percebeu que se vestira para correr. Entrou na cozinha a fim de tomar um suco de laranja, quando se lembrou que conhecia pelo menos uma pessoa suficientemente simples para não se melindrar com uma pergunta que outras considerariam abusada. Puxou a lista

telefônica em sua direção e procurou o número de Beth Landrigan. Somente ao ouvir o telefone chamar é que se perguntou se não estaria ligando cedo demais.

A sincera acolhida de Beth dissipou a preocupação.

— Nora, que ótimo, eu estava justamente pensando em você! Nosso almoço da semana passada foi tão divertido, que deveríamos repetir a dose. Apenas nós duas, nada de maridos barulhentos. Vamos dar uma escapulida e ir ao Château.

— Formidável — respondeu Nora. — Eu adoro o Château, e Davey nunca quer ir lá.

— Arturo praticamente vive no Château, mas nunca vai lá para almoçar, de modo que estaremos a salvo. Quarta-feira?

— Conte comigo. Meio-dia e meia?

— Poderia adiar para uma hora? Tenho uma aula de japonês às onze e meia nas quartas-feiras, e ela dura uma hora.

— Claro — replicou Nora. — Puxa, aulas de japonês! Estou impressionada.

— Eu também. Pretendo falar o idioma como uma nativa... da Alemanha, infelizmente. Bom, você não me ligou para falar sobre minhas dificuldades idiomáticas. O que tem em mente?

— Eu queria fazer-lhe uma pergunta, e espero que não fique ofendida.

— Dispare.

— Tem a ver com menopausa.

— Eu, ofendida? Está brincando? Todas as mulheres que conheço estão em plena menopausa, inclusive eu. É uma devastação. Qual é a pergunta?

— Tive minha primeira onda de calor esta manhã.

— Bem-vinda a bordo!

— Mas, aconteceu uma coisa estranha. No auge do calor, senti um besouro rastejando por minha perna acima, só que não havia besouro nenhum. Cheguei a *senti-lo!* Isso já aconteceu com você?

Beth estava dando risadas.

— Oh, céus, a primeira vez que aconteceu quase enlouqueci! Os médicos nos falam sobre as ondas de calor, sobre suores noturnos e montes de outras coisas desagradáveis, mas nunca dizem nada sobre o tal besouro!

— Fico feliz em saber que não aconteceu apenas comigo.

— Há, inclusive, um nome para isso. Não me lembro da palavra, mas é algo parecido com masturbação. Talvez pergunte a meu professor como é o nome em japonês. Pensando bem, é melhor não perguntar. Ele seria capaz de ir embora daqui às carreiras. É um jovem intelectual, e certamente não sabe uma vírgula sobre menopausa.

— Sem dúvida deve saber muito mais sobre masturbação.

As duas mulheres riram com vontade e conversaram mais alguns minutos, antes de se despedirem. Animada pela conversa e encantada pela promessa de amizade com a engraçada, inteligente e criteriosa Beth Landrigan, Nora colocou seu chapéu azul de copa pontuda sobre o que esperava fosse sua própria e criteriosa cabeça, e em seguida saiu de casa.

Ao abrir a porta da frente, quarenta e cinco minutos mais tarde, Nora ouviu o telefone tocar e disparou escada acima, a fim de

atender. O suor escurecia a camiseta azul e brilhava em suas pernas. Ela ergueu o fone do gancho e disse:

— Alô?

— Nora, aqui é Holly. Eu gostaria que você viesse ao posto policial imediatamente. Poderia fazer isso?

— Natalie falou alguma coisa?

— Temos muito sobre o que discutir, e este é um dos tópicos. Se está sem carro, mandarei um homem buscá-la.

— Estou voltando de minha corrida neste exato segundo, pingando de suor. Deixe-me tomar uma ducha rápida, trocar de roupa, e logo estarei aí.

Ele hesitou.

— Está bem, mas certas pessoas aqui vão ficar nervosas se você não chegar logo; portanto, venha o mais depressa que puder.

— Holly, você parece tão... fala de um modo tão abrupto. Devo ficar preocupada com alguma coisa? Minha vida tem andado tão embaraçada ultimamente, que eu nem me surpreenderia.

— Não é tão simples assim — retrucou ele. — Faça o que tem de fazer e venha o mais rápido possível.

— Estarei aí em vinte, vinte e cinco minutos.

— Dê a volta pelos fundos. Este lugar parece um zoológico.

— Certo, até já — disse Nora.

Fenn desligou, sem dizer mais nada.

42

NORA ESTACIONOU na mesma vaga que Davey usara, atrás do gabinete de Fenn. Pela janela dele, avistou-o de costas, apenas dos ombros para cima, enquanto falava com Barbara Widdoes, a qual andava de um lado para outro, diante da sua mesa de trabalho. Havia sombras de várias outras pessoas no fundo da sala, que também pareciam estar presentes. Através do ar úmido, Nora passou celeremente pela fila de carros policiais. Tinha vestido uma camisa de cambraia azul, jeans, e calçava mocassins marrons. O cabelo molhado colava-se às suas orelhas. Seu coração estrondava.

Não é tão simples assim. O que significava isso?

A porta dos fundos foi aberta, enquanto ela caminhava rápida pelo piso de concreto. Um zagueiro ruivo, com o rosto marcado pela acne e vestindo uma apertada camisa de uniforme, surgiu na abertura. Olhou de um lado para outro, antes de virar o rosto empolado para ela.

— Sra. Chancel, não? Vou conduzi-la pelo corredor até o gabinete do Chefe Fenn, e teremos de ir bem depressa. As coisas hoje estão realmente complicadas por aqui.

— Elas estão realmente complicadas aqui também — disse ela.

O policial a fitou com expressão neutra. Nora cruzou a porta, penetrando em um ambiente de relativo frescor. Um caos de vozes chegava da frente do prédio.

— Por aqui — disse o policial.

Ele a ultrapassou, para caminhar rapidamente pelo corredor de piso cimentado. Ocorreu a Nora que passara um bocado de tempo seguindo homens. Os dois passaram diante da porta marcada CHEFIA DO POSTO e aproximaram-se da porta de metal que dava para a dupla fileira de celas. Uma vivida lembrança de Dick Dart piscando para ela fez Nora olhar diretamente para a frente, assim não captando mais do que aqueles homens nos uniformes tribais de policiais e advogados, amontoados no corredor entre as celas. Uma intensa e quieta conversação acontecia entre os advogados, mas ela não pôde e nem quis entender o que diziam. O zumbido de vozes que chegava da frente do posto tornou-se mais intenso, enquanto caminhava em passos rápidos atrás do policial. Por fim chegaram ao gabinete de Fenn.

O policial bateu à porta e anunciou:

— A sra. Chancel.

Várias pessoas moveram-se para posições diferentes. Uma cadeira rangeu. Fenn disse:

— Faça-a entrar.

Fenn estava em pé atrás de sua mesa, com os braços caídos ao longo do corpo, olhando para ela sem a menor sombra de sorriso, no que era imitado por Barbara Widdoes, em pé junto ao canto mais afastado da mesa dele. Nora sentiu o soco gélido do pânico em seu estômago. Dois homens em ternos escuros e camisas brancas, um deles usando óculos de sol com armação negra, deram um passo em frente, destacando-se da parede adjacente: Slim e Slam, os homens do FBI que haviam estado na casa de Natalie Weil.

— Olá, sra. Chancel — disse Fenn. Então, ela deixara de ser Nora. — Creio que já conhece todos os que estão nesta sala.

Barbara Widdoes, a chefe do nosso posto, e os agentes federais designados para este caso, sr. Shull e sr. Hashim.

O sr. Shull, o mais alto dos dois, usava os óculos escuros. Estes lhe emprestavam um ar vagamente *hippie* que, de repente, Nora classificou como hilariante.

— É um prazer tornar a vê-los — disse ela, e um segundo de silêncio acolheu seu comentário.

— Acho que podemos entrar logo no assunto — disse Fenn, e novamente voltou a ser Holly. — Tentemos analisar o que temos aqui.

— Já não era sem tempo — disse o sr. Shull.

Ele falou para si mesmo ou para o sr. Hashim, que cruzara os braços e espiava Nora ocupar uma das cadeiras. Holly sentou-se, e Barbara Widdoes encarapitou-se na beira da cadeira perto da de Nora, apertando juntos os gordos joelhos e panturrilhas. Os dois agentes federais permaneceram de pé.

O sr. Shull dobrou os óculos escuros e guardou-os no bolso interno do paletó.

— Muito bem, Nora — disse Holly, e sorriu para ela. — As pessoas nesta sala divergem de opinião em vários assuntos, um deles sendo o que fazer com você. Entretanto, com a sua ajuda, poderemos chegar a um consenso. Será muito importante para você que se mostre absolutamente franca e sincera comigo. Poderia fazer isso?

— O que Natalie disse? — perguntou Nora.

Atrás dela, um dos homens do FBI fez um leve som desdenhoso com os lábios.

— A sra. Weil disse muitas coisas, às quais chegaremos em um minuto. Quero que você recorde o momento em que nos encontramos, no gramado fronteiro da casa dela. Tivemos lá uma pequena troca de palavras, o que me levou a pensar que você e seu marido talvez pudessem ajudar-nos. Lembra-se disso?

— Lembro-me — respondeu Nora. — Dissemos que havíamos estado lá umas duas vezes.

— Seis, se me recordo. A última delas sendo duas semanas antes do desaparecimento da sra. Weil.

Nora assentiu, condenando Davey silenciosamente pela mentira em benefício próprio.

— Quer manter essa declaração ou tem algo mais a dizer sobre a mesma?

— Bem, a verdade é que, nos últimos dois anos, nem mesmo entrei naquela casa.

Barbara Widdoes entrelaçou as mãos sobre os joelhos. O sr. Hashim e o sr. Shull moveram-se lentamente para o outro lado da mesa de Holly.

— Isso concorda com o que a sra. Weil nos contou. Se houve algum ponto capaz de induzir-me em erro quanto à natureza do seu relacionamento com a sra. Weil, eu certamente gostaria de ouvi-lo.

Nora suspirou.

— Em realidade, foi Davey, meu marido, quem disse que havíamos estado lá todas aquelas vezes, além de havermos jantado na casa dela duas semanas antes. Lembra-se? Ele disse que comemos comida mexicana e vimos luta-livre na TV Isso, entretanto, foi o que fizemos cerca de um mês antes de comprarmos nossa casa, na vez em que fomos lá.

— Tem alguma idéia do motivo dele haver dito tudo isso?

Ela tornou a suspirar.

— Não entendo bem, mas Davey tem o hábito de espichar a verdade. Em geral, não passa de exagero; é como se quisesse enfeitar os fatos.

— Que me lembre, você o acompanhou nesse particular enfeite dos fatos.

— Havíamos tido uma briga pouco antes e eu não quis irritá-lo, especialmente contradizendo-o na sua frente. Aliás, já que estou falando nisto, naquele momento imaginei que você sabia que ele mentia, mal ele abriu a boca.

— Não sou nenhum Sherlock Holmes — disse Holly. — Segundo nosso ponto de vista, isto tornou vocês dois interessantes. Assim, decidi deixar que entrassem na casa e ver se poderiam acontecer quaisquer outras coisas interessantes.

— Podemos chegar ao ponto agora? — perguntou o sr. Shull. — Seria possível omitirmos essa história de suposições?

— De que *ponto* está falando? — perguntou Nora olhando para o sr. Shull, que lhe sorriu em resposta.

— Há uma coisa que todos nós consideramos enigmática — disse Holly. — Tem a ver com a evidência física na cena do crime, e também com uns dois comentários feitos por você e seu marido. Lembra-se dele me dizendo que você não acreditava na morte da sra. Weil?

— Não sei de onde ele tirou tal idéia. Eu tinha certeza de que ela estava morta.

— O comentário de seu marido revelou considerável presciência, não concorda?

— Com sinceridade, acredito que ele apenas tentava fazer-me parecer tola.

— Por causa da briga?

— Suponho que sim.

— E qual foi o motivo da briga?

— Ele pensa que não demonstro respeito suficiente por seu pai, mas acontece que acho o pai dele um tirano. Ficamos um tempão discutindo a respeito.

— A discussão não é importante — disse o sr. Shull. — Se não pretende chegar lá imediatamente, eu assumo a direção.

— Estamos chegando lá — disse Holly. Ele sorriu para Nora, mas não com o ar vingativo do sr. Shull. — Voltemos ao momento em que estávamos parados diante da porta do quarto da sra. Weil. Lembra-se das condições do quarto dela?

Nora assentiu.

— Lembra-se do que eu lhe disse?

— Você disse que eu não precisaria entrar lá se não tivesse vontade.

— Lembra-se do que falei logo em seguida?

— Não, não me lembro. Sinto muito.

— Eu sugeri que você talvez quisesse reconsiderar a idéia de que a sra. Weil não estava morta.

— Não me lembro disso — respondeu Nora.

— Não se lembra de sua resposta? Dizia respeito ao sangue no quarto.

— É mesmo?

— Você disse: “Talvez o sangue não seja dela”. Lembra-se agora?

— Oh, tem razão, lembro-me de ter dito isso. Entretanto, foi algo que me surgiu na mente por causa de Davey, do que ele lhe tinha dito fora da casa. — Ela ergueu os olhos para o sr. Shull que, sorrindo, retribuiu o olhar. — Claro que o sangue era dela, não poderia ser de nenhuma outra coisa. — Ela se virou para Holly Fenn. — Não era sangue dela? Era alguma espécie de sangue?

— Sim, era alguma espécie de sangue.

— Que espécie?

— Sangue animal — disse Holly. — De porco, seria o mais provável. Agora compreende por que estamos interessados em seu comentário.

— Acho que compreendo — replicou Nora. — Enfim, foi só um comentário tolo de minha parte...

— Estamos em uma espécie de dilema, Nora.

— Você está em um dilema — disse o sr. Shull.

— Quer dizer que falava sem nenhum real conhecimento de causa, ao me dizer que as manchas naquele quarto poderiam não ser do sangue da sra. Weil?

— Exatamente — respondeu Nora. — Entretanto, tudo relacionado ao desaparecimento de Natalie é muito estranho.

— Bem, a essa altura, voltemos à sra. Weil. Ela falou um monte de coisas contraditórias, mas nos deu uma pequena e nova informação.

Barbara Widdoes falou pela primeira vez:

— Sabia que seu marido e a sra. Weil estavam tendo um caso, não sabia?

— Só descobri isso na tarde de sábado.

— E como foi que isso aconteceu?

— Davey me contou. Estava muito agoniado pelo que acontecera a ela, e acabou deixando escapar seu segredo.

— A senhora nega qualquer envolvimento no rapto da sra. Weil e nos maus-tratos infligidos a ela?

— Ainda não ficou claro que houve um rapto — disse Holly.

— Holly, você esteve em meu gabinete na manhã de sábado — disse Barbara Widdoes. — Viu a mulher ficar histérica ao ver a sra. Chancel, e permanecer nesse estado até ser-lhe ministrado um sedativo. O que ocorreu está perfeitamente claro para mim, e deveria estar para você também. A sra. Chancel tomou conhecimento do caso de seu marido, removeu a vítima de seu quarto e a manteve prisioneira nos velhos lugares que costumava freqüentar, isto é, a antiga escola maternal. Tenho certeza de que você recorda o incidente. Ela a manteve lá, até que a vítima conseguiu escapar. Não gosto de todas estas coincidências. Aqui podemos discernir um padrão, e penso que a sra. Chancel não deveria ter permissão para deixar este posto, enquanto não lhe forem lidos seus direitos e ela não for indiciada em uma série de acusações.

— Finalmente alguém chegou ao ponto! — exclamou o sr. Shull.

— Vocês estão querendo prender-me? — perguntou Nora. — Eu não fiz nada contra Natalie! Não trataria meu pior inimigo daquela maneira!

Por cima da mesa, ela olhou para Holly Fenn.

— Você não falou que Natalie se contradisse a meu respeito?

— Exatamente, não foi, Barbara? — disse Holly. — Pense nisto também, sr. Shull. Temos uma vítima a um passo de declarar que foi

raptada por homenzinhos verdes do espaço sideral. Ela diz que a sra. Chancel a forçou a sair de casa e a trancou na velha escola maternal, mas em tudo isso existe alguma coisa sobre o sangue animal no quarto dela?

Ele concentrou novamente o olhar em Nora.

— Esta é a situação com a sra. Weil. A primeira coisa que falou ao irmos lá esta manhã foi que você chegou à casa dela, ameaçou-a com uma faca, levou-a de carro até aquele prédio e acorrentou-a. Dois minutos mais tarde, quisemos que ela repetisse sua história para uma tomada de depoimento, e a sra. Weil declarou que não fazia a menor idéia do que lhe tinha acontecido. Segundo suas palavras, a semana que passou é um absoluto nevoeiro. Ela acredita ter encontrado o caminho para a South Post Road, porém não soube dizer como, nem por quê. Então, registramos tudo novamente, lemos para ela o que foi escrito e perguntamos se foi isso que aconteceu, e ela respondeu que não se lembrava. Em seguida, descansou durante alguns momentos, e depois tornou a responder às perguntas. Nós a interrogamos sobre você. Ela chorou e disse que você a levou ao prédio, repetindo mais uma vez a história inteira. — Ele olhou para Barbara Widdoes. — Fiz um relato preciso? Exagerei em alguma coisa?

— Holly, nossa vítima está consideravelmente perturbada. Entretanto, ela fica retornando à acusação, e isso é suficiente para mim. Dê-lhe mais um ou dois dias, e ela conseguirá ligar os pontos.

— Certo, Barbara, a sra. Weil continua voltando à história do rapto, porém também continua retornando ao detalhe de que esteve perambulando por conta própria. A menos que a sra. Chancel nos

faça uma confissão e se declare culpada, teremos que colocar nossa vítima contra a parede. Acredita mesmo que temos um caso aqui?

Barbara Widdoes olhou de relance para o sr. Shull.

— Dispomos da raiz de todos os motivos; ela apenas aguardou a oportunidade e, em cerca de dez segundos, forneceremos a evidência física: a antiga escola maternal, para onde a sra. Chancel levou uma criança, em sua primeira experiência como raptora.

Nora e Holly Fenn começaram a protestar ao mesmo tempo, porém Barbara Widdoes levantou-se e disse:

— Quero passar à fase seguinte. Assim que indiciarmos a sra. Chancel, ela poderá entrar em contato com seu advogado. — A mulher baixou os olhos para Nora. — Aliás, é bem provável que seu advogado esteja aqui. A senhora não é cliente de Dart, Morris? Leo Morris está aguardando que sejam registradas as acusações contra o sr. Dart, e será isso que faremos, tão logo encerremos com a senhora. Se quiser, posso avisá-lo sobre sua situação e dizer-lhe que a senhora pediu para vê-lo.

Nora girou em sua cadeira, a fim de olhar para Holly.

— Isto está realmente acontecendo? Vou ser presa por algo que não fiz?

— Barbara é a chefe do nosso posto. Isto é da competência dela. Fale com seu advogado a respeito.

A totalidade das acusações explodiu sobre ela, e a pura, improvável desesperação de tudo aquilo a fez abater-se contra o encosto da cadeira e rir histericamente. Todos na sala olharam em sua direção, exibindo emoções que iam da preocupação ao desprezo.

— Sente-se bem, sra. Chancel?

— Eu gostaria que soubesse o que mais está acontecendo em minha vida!

Holly consultou o relógio de pulso, quando contornou a lateral de sua mesa.

— Eu a deixaria usar o telefone para falar com seu marido, porém dispomos de pouco tempo. Quero vê-la passar por nossas normas, antes que o circo de Dick Dart escape ao controle. Assim que terminarmos, eu a levarei para uma das salas de entrevista. Lá poderá usar o telefone, enquanto estiver esperando Leo Morris.

Nora levantou-se.

— Nós também precisamos de algum tempo com a sra. Chancel — disse o sr. Shull.

— Como eu poderia esquecer? — Holly colocou a mão nas costas de Nora e pediu-lhe que caminhasse. — Se não acabarmos logo com isto a coisa levará horas. Dentro de dez minutos, tudo por aqui vai enlouquecer.

— Tudo já enlouqueceu — disse Nora.

Holly abriu a porta com uma das mãos, enquanto mantinha a outra nas costas dela. Fez com que Nora entrasse no corredor e a seguiu imediatamente. Vozes e ruído de passos vinham da frente do posto, e antes que Barbara Widdoes e os homens do FBI estivessem fora do gabinete, uma multidão de homens irrompeu da esquina do corredor, caminhando a toda pressa para eles. Encabeçando toda aquela gente, o agente LeDonne seguia alguns passos à frente de Leo Morris, que dirigiu a Nora um olhar de intensa e inamistosa curiosidade. Perto do advogado vinha Dick Dart, de terno cinza e camisa branca, mas sem gravata. Ao avistar Nora, ele sorriu.

— O que significa isso? — exclamou Holly. — Droga, eles o estão levando pelos fundos, para mantê-lo longe dos repórteres! Vou mandá-los novamente para as celas, a fim de cuidarmos primeiro de você.

O agente LeDonne diminuiu o passo ao ver Holly Fenn, e os outros dois homens chocaram-se contra ele.

— LeDonne, leve este homem de volta à cela de custódia. Quero a minha outra incumbência fora do caminho, antes de lidarmos com ele. Está bem assim, senhor advogado?

Leo Morris inspecionou Nora sombriamente, com seus olhos atrás dos óculos de aros escuros.

Nora tentou recuar para a porta, a fim de que Dick Dart parasse de sorrir para ela, porém Barbara Widdoes pressionou-se contra seu corpo e agarrou-lhe os braços.

— A encantadora esposa de Davey Chancel — disse Dart.

Nora fechou os olhos. Holly virou-se para LeDonne.

— Leve-os de volta e mantenha os repórteres à distância.

Antes que LeDonne pudesse responder, um segundo grupo surgiu na esquina e encheu o corredor, gritando perguntas. Dois ou três homens com câmeras de vídeo nos ombros abriram caminho até a frente da multidão.

— Parados, todos vocês! — trovejou Holly. — Que ninguém se mova! LeDonne, espere um segundo antes de levar o prisioneiro pelos fundos. Quero que a chefe do posto leve estes homens para seu gabinete. Eu e a sra. Chancel aguardaremos aqui fora.

Barbara Widdoes afrouxou a pressão em Nora e espremeu-se para fora de sua sala, seguida pelos homens do FBI. Os dois escaparam corredor abaixo. Holly ergueu a voz:

— Vocês, o pessoal da mídia, voltem para a frente do posto. O que estão fazendo não é permitido. Entenderam?

— Nora-bombom — disse Dick Dart, e ela ergueu o rosto para os olhos que brilhavam na sorridente face dele.

Leo Morris e Holly Fenn, cada um à sua maneira, sugeriram que Dart ficasse calado, mas ele manteve os olhos de Nora presos nos seus.

— Que dia interessante! — exclamou.

De repente, passou o braço esquerdo em torno do pescoço do agente LeDonne, arrancando tão rapidamente o revólver do coldre do policial, que este se retorcia contra o braço comprimindo sua garganta, e o revólver sendo encostado em sua têmpora, antes mesmo de Nora perceber que Dart fizera algum movimento.

LeDonne deixou de resistir, e Holly adiantou-se. Os repórteres silenciaram. Dart pressionou o dedo no gatilho.

— Vamos, vamos — disse ele. — Seja um bom garoto...

Holly levantou as mãos.

— Sr. Dart, o senhor está em um posto de polícia. Solte o policial e entregue sua arma!

— Faça o que ele diz — aconselhou Leo Morris, sua voz saindo da garganta em um guincho agudo.

— Leo, não é óbvio que, aqui, eu sou o dono da situação?

— Não por muito tempo — disse Holly.

— Mova-se contra a parede!

Holly começou a ir lentamente para o outro lado do corredor, e Nora o seguiu.

— Não, Nora, você volte para a porta!

Dart espetou o cano da arma na cabeça de LeDonne e fez o policial caminhar na direção dela, como um boneco. O rosto de LeDonne estava manchado de escarlate, a raiva e o pânico enchiam seus olhos. Nora olhou rapidamente para Holly Fenn, que franziu a testa e assentiu. Ela então recuou para a porta.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou Holly.

— Uma simples troca de prisioneiros — respondeu Dart. — Seguida por uma temerária escapada e uma fuga bem-sucedida, esse tipo de coisa.

Holly abriu a boca, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Dart empurrou LeDonne em sua direção e imediatamente materializou-se ao lado de Nora. LeDonne colidiu com Holly, e Dart circundou o pescoço de Nora com o braço, ao mesmo tempo em que pressionava o cano do revólver de LeDonne em sua têmpora. O contato do metal era frio e brutal, e o braço de Dart cortava-lhe a respiração.

— Tudo pronto? — perguntou ele. — Malas feitas? Passaporte em ordem?

Empurrando-a para o gabinete de Holly, ele usou o pé para fechar a porta estrondosamente.

LIVRO IV

AMIGO GENTIL

O VELHO VIROU-SE PARA O MENINO TRÊMULO, E DISSE:

“VOCÊ ENTROU EM MINHA CAVERNA PARA UMA
FINALIDADE. NESTA ESCURIDÃO, IRÁ PRENDER
SOBRE O MEDO.”

43

DICK DART FEZ Nora inclinar-se contra seu joelho, a fim de girar a chave na porta do gabinete.

— Eu e você vamos sair por aquela janela. Se me criar algum problema, mato-a na hora, entendeu bem? — Ela assentiu, e ele a empurrou através da sala. — Onde está seu carro? — Nora apontou pela janela na direção do Volvo. Holly Fenn gritava do outro lado da porta, e a maçaneta chocalhou. — Levo uma vida fascinante — disse Dart. — Abra a janela. Agora. Salte para fora e sente-se ao volante. Estarei bem atrás de você.

As mãos de Nora se moveram para a parte inferior da janela, eficientes e pequenas mãos, depois a empurraram para cima. Enfiou a perna esquerda por sobre o peitoril e a viu delineada contra a grama abaixo, sua perna esguia envolta em jeans azuis, seu tornozelo, o pé estreito e sem meia, em um mocassim marrom, de couro entretecido como uma cesta. A perna pareceu-lhe inteiramente surrealista, suspensa acima da grama. O que esta perna interessante faria a seguir?

A perna interessante estirou-se para a faixa verde entre o edifício e o piso de concreto. Quando Nora empurrou os quadris sobre o peitoril, a perna pousou de súbito em cima da grama. Desajeitadamente, ela passou a perna direita através da janela. Assim que saltou para trás, o rosto de Dick Dart foi a primeira coisa a cruzar o espaço vazio, o revólver apertado contra o peito. Ele encolheu os pés sob o corpo em pleno ar, aterrando tão perto dela,

que Nora sentiu o choque na terra. Em seguida, ele a fez girar e espetou a arma em suas costas.

— As chaves — disse Dart. Ela enfiou a mão no bolso e as tirou, enquanto trotava para o carro. — Entre e dirija. *Vamos!*

Dart já deslizava para o banco do passageiro. Suando, Nora fez o carro sair de ré da vaga no estacionamento.

— Quer que eu siga por essa ruazinha?

— Que boa merda você dirige! Vamos ter que trocar de carro. Mais rápido, mais rápido! Quando chegar ao fim desta rua, dobre à esquerda e pegue a I-95.

Nora desacelerou para o sinal de parar vermelho no fim da rua, e Dart praguejou, encostando o revólver em sua cabeça. Ela pressionou o acelerador, disparou através do sinal e dobrou à esquerda. Com o cano da arma encostado na cabeça dela, Dart espiou pelo vidro traseiro e exclamou, eufórico:

— Eles não estão atrás de nós! Aqueles patetas continuam falando para a porta! — Baixando a arma, ele deu um tapa no joelho. — Ha! Eles não conseguirão furar o cerco dos repórteres! Isto prova que droga é a imprensa neste país. — Depois sorriu para ela. Uma onda de suor, óleo, mau hálito e sujeira secreta irradiou-se dele. — Anime-se, você está rodando com Dick Dart. Isto é uma aventura!

Dirigindo a noventa e seis quilômetros horários por uma rua marginada de árvores completamente desconhecida, mas que ela sabia já ter visto dúzias de vezes, Nora mal prestou atenção às palavras dele. Tinha as mãos crispadas sobre o volante, os dentes cerrados e os olhos como que descarnados. Passou por mais dois sinais vermelhos. Onde *ficava* a I-95?

— Eu sabia que estávamos relacionados, desde a primeira vez que a vi. Estou protegido, estou sendo guiado, nada de ruim poderá acontecer comigo. Que merda você está *fazendo*? — Ele fincou o cano do revólver no ouvido dela. — Pare, cretina!

Nora pisou o freio com força. Suas mãos tremiam e sua garganta estava comprimida.

— Para onde está indo? Não há tempo para uma excursão panorâmica, sua idiota! — gritou ele, espetando a arma um pouco mais.

— Não me lembro de como chegar lá — disse ela.

— Calma debaixo de fogo, está bem? — Ele espiou pela vidraça traseira, depois recolheu a arma. — Recue até depois do sinal de parar, dobre à direita e entre na Station Road. Então, dobre à esquerda. Queremos ir para o norte, na direção de New Haven.

Ela deu à ré e fez a volta para Station Road. Sirenes uivaram na distância.

— Pise no acelerador, cretina, você nos fez perder trinta segundos. Mova este carro!

Nora apertou o acelerador, e o Volvo saltou para diante. No próximo sinal vermelho, ela ultrapassou uma van Dodge que acabava de entrar no cruzamento. O motorista apertou a buzina e a manteve tocando.

— Merda! — disse Dart. — Vamos, escape desses caras, passe adiante deles!

Dois carros desciam a rua, à frente deles. As sirenes pareciam uivar mais perto. Um homem usando short de ciclista e capacete pedalava uma bicicleta na direção do Volvo, pelo centro da faixa oposta.

— E agora, o que...

— Passe pelo maldito imbecil!

Nora acelerou para a faixa do ciclista. O homem dirigindo o carro à frente deles virou a cabeça para espiar, a surpresa no seu rosto em nada comparável ao espanto no do ciclista. Nora buzinou. O homem, dispondo de algo como cinco segundos para decidir o que queria fazer, perdeu dois deles sacudindo o indicador e gritando. Nora firmou os cotovelos, abriu a boca de lábios apertados e deixou escapar um agudo gemido de puro pânico.

— *Tchauziinho!* — cantarolou Dart.

O ciclista encolheu-se para um lado e desapareceu do pára-brisa por um momento, antes de ser apanhado pelo Volvo. Nora girou a cabeça. Teve um rápido vislumbre de homem e bicicleta engalfinhados no fundo de uma valeta rasa e relvada, depois passou pelo segundo carro a cento e doze por hora.

— Espero que ele tenha quebrado o maldito pescoço — disse Dart. — Bom trabalho, garota. Entretanto, se você parar no sinal para a Station Road, dou um tiro em seu mamilo direito, entendeu bem?

Nora subiu uma pequena elevação e, chegando ao topo, sentiu o carro desligar-se da estrada por um segundo, antes de cair nela outra vez, com um baque surdo. Dick Dart soltou gritos entusiásticos e sacudiu o revólver. A dois quarteirões dali, no final da estrada vazia, a luz de trânsito ficou vermelha. Brotaram carros das duas direções, passando pelo cruzamento.

— Não posso fazer isso!

— Oh, pobrezinha, vai ficar sem aquele mamilo! E também vai ficar inteligente. Só que, sabe de uma coisa? — Ele lhe deu tapinhas

no alto da cabeça. — Aposto como o sinal vai ficar verde antes de chegarmos lá. Se eu ganhar, você terá de me contar tudo o que fez a Natalie Weil. Se você perder, seremos transformados em sopa de tomate.

Nora passou como um raio por um cruzamento, e agora somente um quarteirão os separava do sinal de trânsito.

— *C'est la vie!*

Emitindo um som rouco na garganta, Nora esticou os braços e enrijeceu os cotovelos.

— Desacelere um pouco para a curva — avisou Dart, parecendo absolutamente calmo.

Nora pisou fundo no freio, e seu peito se chocou contra o volante. Dick Dart, que estivera recostado em seu assento, deslizou para diante e caiu, até os joelhos baterem no painel de instrumentos. O carro guinou em semicírculo, e disparou através do cruzamento, no exato momento em que a luz ficou verde. Dart reergueu-se de volta ao assento e agarrou a maçaneta da porta. Nora aferrou o volante e reconduziu o carro à posição certa.

— Viva! Nora vai conservar seu mamilo! — bradou Dart. — Pessoalmente, fico muito feliz com isso.

Ele, feliz com isso?, pensou Nora.

— Preciso diminuir a marcha — disse ela em seguida. — Veja todos estes carros...

Uma fila de automóveis corria em blocos de dois e três, ao longo do trecho reto da pista de quatro faixas da Station Road.

— Ultrapasse eles, vá em frente, eu não estou brincando. Temos que chegar à via expressa, temos que sair daqui! Depois, você me contará sobre Natalie Weil.

Os quatro minutos seguintes foram uma balbúrdia de buzinas soando, rostos espantados, punhos agitando-se e acidentes evitados somente pelo último segundo de percepção dos outros motoristas de que, sim, a mulher dirigindo a camionete Volvo que se aproximava pela pista realmente pretendia manter-se em movimento. Por várias vezes, a insistência de Nora em avançar provocou alguns pequenos danos nos pára-lamas dos veículos ao seu redor. Por fim, ela cruzou lateralmente para as faixas certas em mais uma imprudente manobra, depois girando para a rampa que levava às pistas da via expressa, na direção norte. Logo à frente surgiu o que deu a impressão de quatro sólidas faixas de carros e caminhões, rodando na direção de Hartford e New Haven. Fechando os olhos, Nora manteve o pé firme no acelerador. Quando os abriu, três longos segundos depois, viu-se a ponto de entrar sob a traseira de um enorme veículo de dezesseis rodas, com graúdas inscrições de MANTENHA DISTÂNCIA, PALERMA! nos pára-lamas. Ela manteve a distância.

Uma viatura policial do estado, com luzes piscando no teto, ululou a sirene para eles ao passar no outro lado da divisória, e prosseguiu a toda velocidade.

— Se pretende continuar sua carreira criminal, sempre poderá encontrar emprego como motorista de fuga. Agora, precisamos mover-nos um pouco mais discretamente, antes de manobramos para o Cousin Lenny's.

Este era o restaurante onde Davey convencera-se da inocência dela, enquanto comia carne mergulhada em catchup.

— Por que lá?

— Cada tira no estado, merda, cada tira no noroeste, está à procura deste pedaço de bosta sueco. Nora, queridinha, se vai ser uma artista das fugas, precisa aprender a pensar como uma.

Não sou sua queridinha, pensou ela.

— Muito bem, conte-me o que você fez a Natalie Weil.

Ele estava reclinado contra a porta do carona, e sorria afetadamente.

— Como é que sabe sobre ela? Você ficou dois dias em uma cela.

— Quando não estava discutindo os meus *hobbies* com o seboso do Leo Morris, aquele cretino desonesto de olhos grandes, fiquei um bocado de tempo conversando com os jovens e corteses oficiais da polícia de Westerholm. Eles me falaram sobre o *outro* interessante assunto que estava acontecendo no posto. Fiquei sabendo que, para a chefe do posto, você raptou a sra. Weil, ao passo que o chefe de detetives a julgava inocente.

— Eles lhe disseram isso? — perguntou Nora, estupefata.

— Se fui considerado o assassino de várias das mais notáveis rameiras de Westerholm, um detalhe que neguei energicamente, embora não a você, é claro; se eu fosse a celebridade em questão, evidentemente estaria interessado em saber que inspirei uma imitadora. Não apenas uma imitadora velha, não, não, mas a encantadora Nora Chancel, esposa do belo, mas ineficiente Davey Chancel. Desnecessário dizer que fiquei honrado. Leo Morris, por outro lado, não aceitou as novas tão alegremente quanto eu.

— Leo Morris sabia?

— Eu contei a ele. Não ficou nem um pouco satisfeito com a perspectiva de montar sua defesa. Na verdade, ele não gosta de

você, de seu marido e de todo o clã Chancel.

— Leo Morris?

— Não vamos desviar-nos do assunto. Foi você, não foi? Você quase matou aquela cretinha de medo. Você a trancafiou e fez coisas horríveis com ela.

Nora não respondeu logo, e depois disse:

— Sim. Eu quase a matei de medo, depois a arrastei para um quarto imundo e fiz coisas horríveis com ela.

— O que ela fez a *você*?

— Ela dormiu com meu marido.

— Você ia matá-la? — perguntou Dart, menos brusco.

— Eu dificilmente poderia soltá-la, não acha?

— Que acontecimento! Meu número oposto, meu eu feminino! Isto não significa que deixarei de matar você, porém estou excitado.

— Por que me tirou da cadeia, se pretende matar-me?

— Se você for uma boa menina, posso deixá-la por aí.

— Claro, você viajaria muito mais depressa estando sozinho.

— O que você faria, se eu a deixasse ir?

— Conseguiria algum dinheiro em um caixa automático, suponho, e iria para Nova York. Uma vez lá, imaginaria um meio de entrar em contato com Davey.

— Você não duraria um dia. Estaria em uma cabine telefônica, a um quarteirão do caixa automático, tentando uma conversinha açucarada com o retraído Davey Chancel, para que ele lhe envie seu vestido Ann Taylor predileto, quando de repente cem tiras apontam as armas para você. Ouça, você precisa aprender a pensar de um modo inteiramente novo. Nesse meio tempo, posso mantê-la a salvo de contratempos.

— É esta a sua idéia de manter-se a salvo de contratemplos?

— Esta é a minha idéia de manter-me fora da prisão — respondeu ele. — Existe um outro motivo para eu querer conservá-la por perto durante algum tempo.

A pele do pescoço dela contraiu-se. Olhou para ele de lado, viu-o reclinado contra a porta, as mãos dobradas sobre um joelho e a boca mostrando um sorriso torcido.

— E qual seria esse motivo?

— Ao contrário de você, eu tenho um plano. Você possui uma qualidade que não sei o nome, uma espécie de franqueza provinciana, que posso ver abrindo portas necessárias.

— Que portas?

Ele pousou o indicador sobre os lábios sorridentes.

— Que plano é este?

— Creio que posso dar-lhe os contornos gerais. Estamos indo para Massachusetts, a fim de matar uma dupla de velhos asquerosos. Ah, aí vem aquele nauseabundo restaurante. Manobre para o pátio.

Nora ligou a seta para indicar a curva e trocou de pista. O enorme letreiro COUSIN LENNY'S — COMIDA — GASOLINA flutuou para eles.

— Posso fazer-lhe outra pergunta?

— Pergunte.

— Como sabia que uso vestidos Ann Taylor?

— Nora, meu amor, levei a vida inteira sem fazer outra coisa a não ser falar com mulheres. Eu sei tudo.

— Posso fazer outra?

— Desde que não seja tediosa.

Nora ganhou a estrada de acesso para o pátio de estacionamento do Cousin Lenny's.

— Holly Fenn disse que um detalhe sobre aqueles assassinatos nunca foi liberado para a imprensa. Qual era o detalhe?

— Ah, a minha assinaturazinha... Eu abri aquelas coroas e removi a maioria de seus órgãos internos. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: a gente aprende muito mais fazendo do que lendo livros de anatomia. Muito bem, siga para o lado mais distante, e esperaremos até que apareça o doador certo.

Nora avançou ao longo de uma fila de carros estacionados, até a extremidade oposta do pátio. Barreiras de concreto erguiam-se diante de uma fileira de caminhões-basculantes verdes. Atrás dos caminhões, um campo coberto de mato rasteiro estendia-se em direção a um distante punhado de árvores macilentas, que funcionavam como quebra-vento.

— Entre de ré — disse Dart. — Precisamos ver nossos benfeitores em perspectiva. Pesar suas vantagens e desvantagens.

— Você sabe como fazer aquela coisa com os fios?

— Se eu soubesse como fazer uma ligação direta já estaríamos *dentro* de um carro, rodando para Fairfield. Só que não estamos, estamos, Nora querida? Não, não, não, não! Queremos as chaves de nosso novo veículo e, portanto, devemos tomá-las das mãos do dono temporário. Preferimos uma pessoa idosa, que fique trêmula à possibilidade de violência. — Inclinando-se para frente, ele colocou as duas mãos sobre o painel de instrumentos e olhou para um e outro lado. Sua mão direita segurava o revólver, o indicador junto ao gatilho. — Os agentes da lei logo devem aparecer. Precisamos do nosso benfeitor, e precisamos dele agora!

— Não mate ninguém — disse Nora. — Por favor!

— Senhorita Executora Fracassada... Com sua licença. — Ele tornou a vistoriar o pátio. — Ora, ora, o que temos aqui? Uma possibilidade definida. — Um comprido Lincoln negro, dirigido por um homem idoso, de cabeça redonda e calva, movia-se na direção deles, através da luz do sol. Ao lado do motorista sentava-se uma mulher jovem, com cabelos escuros na altura dos ombros. — Papai Warbucks e a bambina seu troféu — disse Dart. — Compre um e leve dois...

— Todos no restaurante ouviriam os tiros.

— E fingiriam não ter ouvido.

O Lincoln deu à ré cuidadosamente para a segunda das três vagas vazias.

— O homem ama seu veículo — comentou Dart. Ele apertou a mão em torno do pulso de Nora. — Do meu lado — falou.

Puxando-a contra seu corpo, ele deslizou a mão armada para dentro do bolso do paletó.

— Está me machucando!

— Oh, coitadinha, está dodói! — Ele manteve a mão segurando o pulso dela, enquanto Nora espremia-se para fora do carro, depois a puxou atrás de si, na direção do Lincoln. — Eu começo a correr, você corre também, entendido?

Ela assentiu. Dart arrastou-a por mais dois metros, depois parou de mover-se.

— Ora, mas que diabo...?

O homem calvo estava olhando para a jovem com uma expressão de absoluta inocência. Ela gesticulou; ele sorriu. Puxando Nora pela mão, Dart caminhou lentamente para o Lincoln. A jovem

deu um tapa na testa, abriu a porta, saiu e ficou à vista uma adolescente de quatorze anos, de blusinha apertada de malha, jeans com as pernas cortadas fora e sapatilhas de lona com solado plataforma. Não se preocupando em fechar a porta, ela seguiu em passos elásticos para a entrada do restaurante. Em um terno listrado de linho rugoso, uma engomada camisa branca e gravata azul-marinho, o velho ficara sentado beatificamente ao volante de seu carro.

— Alá é bom, louvado seja Alá! — proferiu Dart. Aos safanões, levou Nora através do asfalto até a porta aberta. Inclinando para o homem, exclamou: — Bons olhos o vejam!

O homem piscou várias vezes os cintilantes olhos azuis, quando viu Dick Dart.

— Desejo-lhe o mesmo. O senhor poderia ajudar-me?

— É justamente o que pretendo fazer — disse Dart, sua mão pendendo suspensa no interior do bolso, com o revólver estufando o tecido do paletó.

— Não me lembro de quem sou. Aliás, não faço idéia de onde estou e nem de como cheguei aqui. O senhor sabe se este é o meu carro?

— Não, meu chapa, este aqui é meu — disse Dart. A mão saiu do bolso do paletó, cuja metade pendeu para diante. — Entretanto, eu o vi chegar e posso dizer-lhe onde está o seu.

— Oh, céus, peço-lhe desculpas. Não consigo imaginar como vim para... Espero que não esteja pensando que eu pretendia roubar seu carro. — O velho saiu do Lincoln e ficou parado, piscando benignamente sob o sol. — Tenho uma neta, isso eu sei, e pareço ter a impressão de que ela estava comigo ainda há pouco.

— Ela foi ao restaurante — disse Nora.

— Céus! Acho melhor ir até lá procurá-la. Onde o senhor disse que meu carro estava?

— Na outra extremidade do pátio. — Dart olhou fixamente para Nora. — Não pode perdê-lo. É um Cadillac vermelho-vivo.

— Oh, vejam só! Um Cadillac. Quem diria?

Dart pegou a mão de Nora e a empurrou para a porta aberta.

— Temos muitos quilômetros pela frente, antes de podermos dormir. É melhor o senhor primeiro encontrar seu carro e depois procurar sua neta.

— Tem razão. — O velho deu alguns passos no estacionamento, depois virou-se, sorrindo. — Muitos quilômetros pela frente, antes de eu poder dormir. Isso é Robert Frost.

Dart entrou no Lincoln. Por um momento, o velho pareceu desapontado, porém o sorriso retornou, e ele acenou para os dois, para depois reiniciar a caminhada para um inexistente Cadillac vermelho. Dart seguiu com o carro para a via expressa.

— Santo Deus, está até cheio de gasolina! — Depois rosnou para Nora: — Por que falou ao velho zumbi sobre a neta dele?

— Eu...

— Não se dê ao trabalho, eu já sei. Ficou com pena dele. Somos as duas pessoas mais procuradas na terra, e você perde tempo fazendo assistência social!

Ele moveu o carro maciamente para o grosso do trânsito. Ar fresco brotava das fendas no painel de instrumentos.

— Aquilo foi tão bonito, que não pude ficar irado. “*O senhor poderia ajudar-me?*” Quase desmaiei. Depois me perguntou se este carro era o dele! — Dart jogou ligeiramente a cabeça para trás e

soltou uma série de risadas rápidas. — Ele o deu para mim! — Mais risadas. — Reparou naquela cara grande e pateta? O velho seboso parecia uma fita em branco.

— Você está certo — disse Nora.

— Cheque o porta-luvas e descubra o nome dele na papeleta de “nada consta”.

Nora abriu o porta-luvas e vasculhou o que havia lá dentro. Uma gorda e reluzente carteira de couro negro estava ao lado de um alto maço de notas, presas por uma tira de borracha.

— Você vai sentir-se bem mais feliz.

— Por quê? — Nora pegou a carteira e o dinheiro do porta-luvas. — Oh! Nossa! Santo Deus! Olhe só para isto! Quanto deve ser?

Outro maço de notas distorcia o compartimento de dinheiro na carteira. Nora folheou-as, notas de cem, de cinqüenta e de vinte. Depois puxou o elástico firmando o primeiro maço.

— Uma soma espantosa!

Dart gritou para ela que contasse o dinheiro. Nora começou a somar notas do mesmo valor — vinte mil em notas de cem, mil em notas de cinqüenta e quinhentos em notas de vinte.

— Vinte e um mil e quinhentos dólares? Quem, diacho, era aquele sujeito?

Nora ergueu uma aba de couro da carteira e olhou para a licença de motorista.

— O nome dele é Ernest Forrest Ernest. Mora em Hamden.

Dick Dart começou a rir, assim que ouviu o nome.

— Então, aquele era o grande Ernest Forrest Ernest, hein? — Ele deu um grito de jubilosa descrença. — Este dia pode ser

comparado aos maiores e supremos dias de toda a minha vida. Não sabe quem é ele? — Contendo o riso que palpitava e rugia em sua garganta, ele moveu a cabeça a fim de olhá-la. — Não, você está muito por fora para saber a respeito dele. Alden, no entanto, saberia. Em presença daquele grande homem, Alden Chancel borraria suas calças de pólo.

— Quem é ele?

— Há vinte anos atrás ele foi o vice-governador do Connecticut, e agora é o velho e importante homem do partido republicano neste estado. Aquela distinta pilha de bosta que me orgulho em chamar de pai, adora o velhote. O que posso dizer? O homem é um deus.

A princípio fracamente, depois ganhando volume, chegou até eles o som de uma sirene policial. Dark espiou pelo retrovisor, deu a Nora um olhar de aviso, tirou o revólver do bolso e o manteve na mão direita.

— Não é possível que já estejam sabendo deste carro!

Nora crispou os punhos e forçou-se a não gritar. Angústia, ódio e medo perpassaram seu corpo. Olhando para trás, ela viu que o pisca-pisca da luz do teto da viatura ainda estava uns quatrocentos metros à retaguarda deles, e virou-se para observar Dick Dart, pela primeira vez querendo realmente examiná-lo com a intensidade de seu ódio. Dois anos mais novo do que Davey, ele parecia pelo menos cinco anos mais velho. A pele mostrava uma lividez acinzentada. Muitas rugas superficiais sulcavam-lhe a testa. Duas pequenas linhas verticais, agora mal divisadas pelo começo escuro de barba, desciam por suas faces. Acima da barba que despontava, finas veias vermelhas espalhavam-se pelos malaras, enquanto outras maiores,

azuis e vermelhas, tinham emergido na base de seu comprido e carnudo nariz. O fígado de Dick estava trabalhando muito além de suas possibilidades. A desgraciosidade da cara comprida e ovalada passaria despercebida, não fosse o sarcástico egoísmo que permeava cada centímetro do seu rosto. As sobrancelhas ficavam permanentemente arqueadas acima dos olhos espertos e vivos, os cílios assemelhando-se a uma fileira de pinos. Uma falsidade, um velhaco desdém por normas e ordens irradiavam-se de seu semblante como um odor. Se os cabelos tivessem sido lavados recentemente, mostrariam o perfeito corte do aluno de curso preparatório, um pouquinho compridos demais, caindo em curvas suaves e naturais nas laterais da cabeça e tombando juvenilmente sobre a testa. As mãos grandes e rudes tinham sido manicuradas alguns dias antes. O terno cinza, de aparência usada, evidentemente custara um bom dinheiro, e ele usava um relógio de pulso Rolex. Suas damas idosas também usavam um, e todas elas achavam aquele rapaz encantador.

— O que está fazendo? Um maldito inventário?

— Não — respondeu Nora rapidamente. — Eu pensava em algo.

— Dê-me essa carteira e o resto do dinheiro.

A carteira jazia esquecida no colo dela, que continuava segurando as notas. Nora enfiou todas as que pôde no compartimento de dinheiro e entregou a ele. Dart distribuiu as notas por vários bolsos do paletó.

— Pensava em quê, exatamente?

— Estava pensando em como você foi suspenso durante o seu ano de calouro em Yale.

— Como é que você sou... oh, o jornal. Bem, o que fiz foi surrar uma colega, uma porca que residia na cidade. Para minha sorte, ela era mesmo uma porca, e tudo que resultou do caso foi uma suspensão. — Ele deu uma espiada no retrovisor. — Aí vem ele. Deve estar procurando pelo calhambeque da sua camionete Volvo.

Nora ficou preparada.

O uivo da sirene ficava cada vez mais alto. Se Dart começasse a disparar, ela se agacharia junto ao piso do automóvel. Poderia tirar a arma dele? Nora recordou como Dart saltara pela janela e rejeitou a idéia de surripiar a arma. Para uma pessoa em má forma, Dick Dart estava incrivelmente forte. Ela, mesmo em excelente forma, jamais conseguiria dar aquele salto felino, e sabia disso.

O carro-patrolha deslizou pela faixa seguinte e partiu a toda velocidade. Nenhum dos policiais na viatura espiou para eles. Em segundos, as luzes piscantes e o ruído ficaram a cinco carros de distância, e Dart aplaudiu-se com gritos e vivas.

— Devo comemorar esta ocasião? — Ele ergueu o cano da arma até sua boca. — Desejo agradecer aos membros da Academia, à minha mãe e ao meu pai, á todos os meus colegas do escritório, os quais sabem a quem me refiro: Leo, Bert, Henry, Manny. Eu jamais conseguiria fazer isso sem o apoio de vocês, mas não posso deixar de mencionar aquelas encantadoras senhoras, minhas clientes especiais, Martha, Joan, Leslie, Agatha, adoro esses seus olhos, Agatha!, a querida JoAnne, que nunca deixa de encomendar o melhor Margaux na lista de vinhos do Château, Marjorie, Phyllis, a pequenina e espevitada Edna dos tornozelos gorduchos e, finalmente, mas não menos importante, a feiticeira Olivia, capaz de fazer com que manchas senis pareçam sinais de beleza. Quero

agradecer ao Criador pelas dádivas que Ele derramou abundantemente sobre este ser indigno, e à polícia de Westerholm por toda a sua assistência. Entretanto, acima de tudo, desejo agradecer ao meu amuleto da sorte, meu pé de coelho, meu trevo de quatro folhas, minha estrela-guia, minha refém e parceira no crime, a deleitosa sra. Nora Chancel. Eu não teria feito isto sem você, garota, você produziu a mágica, você é o vento debaixo de minhas asas.

Ao terminar de falar, Dart soprou um beijo para ela, com o revólver.

— Você é ainda mais louco do que imaginei — disse Nora.

— Em sua maioria, as pessoas nunca são seus eus reais, elas jamais se permitiriam fazer o que você fez a Natalie Weil. A diferença entre nós dois é que, quando você chama alguém de louco, acha que é um insulto, ao passo que eu encaro isso como um elogio.

— Não creio que eu ainda tenha um eu real — disse Nora.

— Eu lhe mostrarei seu verdadeiro eu — disse-lhe Dart. — Lembre-se, você produziu a mágica.

Nora grunhiu com seu eu real, mas apenas interiormente, e Dick Dart exibiu sua imitação de sorriso humano, enquanto desviava para a rampa de saída para Fairfield.

44

DART RODOU POR uma série de ruas estreitas, marginadas por casas de dois andares em pequenos terrenos, exibindo mobiliários de jardim, piscinas de plástico e brinquedos de crianças de colorido berrante. Um brilho dançante surgira nos olhos dele.

— Querida Nora, coube-me a séria responsabilidade de libertá-la de suas ilusões.

Ele rodou até um sinal de parada e dobrou à direita, entrando na quase vazia Rua Principal, em direção ao setor de pequenos comércios de Fairfield.

— Você verá o que eu vejo, verá através dos meus olhos. Eu sinto... eu sinto... — Ele manobrou para um pátio de estacionamento em ângulo, à frente da loja de ferragens. Depois inclinou-se para Nora, a mão direita a uns dez centímetros do rosto dela, o polegar e o indicador quase se tocando. — Você está perto *assim...*

O cheiro dele envolveu-a como uma névoa. Dart baixou a mão e inclinou-se para trás, os olhos cintilando, a boca comprimida. Nora tentou não demonstrar a náusea que sentia.

— Vou até a loja de ferragens — disse ele.

Um fio incandescente de esperança brilhou para a vida dentro dela.

— Você virá comigo, Nora — prosseguiu ele. — Qualquer pedido de ajuda, qualquer tentativa para afastar-se de mim, serão resolvidos seriamente. — Ele ainda tinha um ar satisfeito, como se pronunciar aquelas palavras o divertisse imensamente. — Preciso

fazer algumas compras e, por isso, não posso deixá-la sozinha no carro. Isto é um teste, e se você fracassar, certamente nunca mais terá ocasião de passar por outro.

— Poderia deixar-me no carro — replicou ela. — Não irei para lugar nenhum. Como poderia? Sou uma das duas pessoas mais procuradas na terra.

— Menina levada. — Dart bateu levemente no joelho dela. — Chegará o momento em que lhe serão permitidas várias liberdades, porém precisamos saber que você não abusará delas.

Ele saiu e contornou o carro pela frente, a fim de abrir a porta do lado dela.

— Não tem medo de ser reconhecido? — perguntou Nora.

— Estive nessa loja penso que uma vez somente. Por outro lado, ninguém tem uma boa foto minha. — Inclinando-se para frente, ele sorriu e sussurrou: — Entretanto, se por acaso algum infeliz reconhecer-me, tenho comigo o poderoso trinta e oito do agente LeDonne.

Dart segurou-lhe o cotovelo com uma das mãos e a empurrou em direção à loja de ferragens.

A penumbra e o frescor no interior do estabelecimento imediatamente fizeram Nora recordar as lojas de ferragens de sua infância. No extremo oposto, um homem em mangas de camisa estava de pé entre um balcão de madeira e uma parede coberta de pilhas em embalagens, mangueiras enroladas, montes de tesouras, rolos de fita isolante e uma centena de outras coisas. Sobre o macio piso de madeira entre o balcão e a porta de entrada erguiam-se fileiras de prateleiras e caixas, cada qual mostrando o mesmo caos da parede anterior. Matt Curlew teria vagueado em transe através de

tais lojas. Ao contrário dele, Dick Dart moveu-se rapidamente através dos corredores, apanhando cordas, duas chaves de parafuso de tamanhos diferentes, um rolo de fita isolante para canos, um alicate e um martelo. Tinha soltado o cotovelo de Nora assim que entraram na loja, e ela o seguiu, vendo aquelas aquisições com crescente alarme.

— Por favor, deixe tudo em cima do balcão, e permita-me fazer a conta — disse o homem atrás do balcão.

Ele espiou em seguida para Nora, e o que quer que tivesse captado nos olhos dela não fez com que recuasse um passo.

— Grande idéia — disse Dart, e moveu-se para o balcão. — Preciso também de alguns artigos da sua vitrine de facas. Pode abri-la para mim?

— Perfeitamente. — O proprietário tornou a fitar Nora, mas, aparentemente, nada notou que o alarmasse. Tirando do bolso um gordo chaveiro, conduziu Dart para a vitrine em questão. Abriu a fechadura de metal na frente da vitrine, deslizou um dos painéis para trás e perguntou: — Alguma coisa em particular?

— Apenas uma ou duas boas facas.

— Não somos uma loja especializada em facas, porém tenho algumas com bons cabos alemães em chifre de veado, o senhor vai gostar.

— Eu quero uma faca decente — disse Dart.

O homem recuou, Dart empurrou o painel um pouco mais e pegou uma faca de aparência brutal, de uns trinta e cinco centímetros de comprimento, lâmina encurvada e uma grossa empunhadura negra.

— Escolheu uma faca de respeito — disse o proprietário.

Dart olhou ao longo da vitrine e selecionou uma faca de vinte centímetros, que se dobrava para um punho esculpido em chifre.

— Essa é uma das que lhe falei, é uma peça para coleção.

— Preciso de mais uma. — Dart ergueu o corpo, a fim de examinar as facas menores, no topo da vitrine. Cantarolando para si mesmo, fez os dedos dançarem sobre o vidro, sem realmente o tocarem. Após alguns compassos, Nora identificou a melodia que ele cantarolava. Era “Alguém para cuidar de mim”. — Oh, aqui está! — Inclinando-se, ele apanhou uma faca pequena, de lâmina com fio duplo e um utilitário cabo preto. — Tem uma bainha para isto?

— Uma bainha para prender no cinto? Sim, tenho.

O proprietário colocou as facas e um estojo de couro preto ao lado das outras compras, consultou a taxa em um mapa e adicionou-a à coluna de números.

— Bem, senhor, fica tudo em duzentos e vinte e oito dólares e oitenta e nove. Em dinheiro ou cartão?

— Oh, sou um americano antiquado, comigo é em dinheiro vivo.

Dart tirou do bolso do paletó a volumosa carteira e colocou duzentos e quarenta dólares em cima do balcão. O proprietário grunhiu e começou a colocar as compras em uma sacola.

— Sacos separados para as facas — avisou Dart.

— Não se saiu de todo mal, Nora, minha garota. — Dart dirigia por uma rua lateral seguindo para a estação ferroviária de Fairfield, com a faca menor escondida sob o paletó, na bainha de couro que prendera ao cinto. As outras duas facas estavam no banco traseiro, o

restante das compras na mala do carro. — Entretanto, dirigiu àquele velhote um olhar infernal. Precisa cuidar disso, tem de controlar-se mais.

— Eu me controlei — respondeu Nora. — O que está fazendo? Não creio que vamos tomar o trem.

— Papai está procurando uma coisa e, maravilha das maravilhas, acho que ele acabou de encontrar. Você é um pé de coelho e tanto. — Ele passou por um carro-esporte azul-escuro, de vidraças enfumaçadas, e parou junto ao meio-fio, perto de um terreno baldio. — Saia do carro e fique perto de mim.

Nora juntou-se a ele na traseira do Lincoln. Enquanto Dart agachava-se para o interior do porta-malas e removia uma chave de fenda da sacola, Nora vistoriou a extensão da rua, rezando pela chegada de um veículo policial. Diante deles, no outro lado de um comprido e estreito pátio de estacionamento, ficava a estação ferroviária; mais atrás, na direção da Rua Principal e além do terreno baldio, viam-se a florida passagem e o toldo listrado de verde de um restaurante chamado Euphemia's Diner.

Dart fechou o porta-malas, sem trancá-lo.

— Fique entre a rua e mim. Não deixe ninguém ver o que estou fazendo.

Sorriu para ela e, com a mão direita, alcançou a parte de trás das calças.

— O que você vai fazer?

— Ganhar algum tempo. — Ele a guiou para a traseira do pequeno carro-esporte azul. — Você não vai tomar uma pílula de idiotice, vai?

— Não — respondeu ela.

Uma pequena e reluzente lâmina projetou-se na palma dele. Dart ajoelhou-se ao lado do pára-lama traseiro e enfiou a lâmina no pneu. A lâmina deslizou para fora, o pneu sibilou e amoleceu. — Se por acaso aparecer alguém, estamos examinando nosso pneu arriado. Não olhe para mim, vigie a rua e me diga se vier alguém!

Dart tornou a enfiar a pequena faca na bainha. Nora moveu-se, a fim de ocultá-lo de quem passasse na calçada.

— Não entendo o que está fazendo.

— Estou trocando chapas. Não é tão fácil como costumava ser. Todos estes idiotas tratam suas chapas como telas a óleo. Esta foi a primeira que não tinha uma *moldura* em torno.

A chave de parafuso retiniu contra o metal. Dart resmungou, depois começou novamente a cantarolar “Alguém para cuidar de mim”. O calor caía sobre eles. A viatura policial pela qual Nora continuava a rezar insistia em não aparecer.

— Agora, na frente. — Ela o seguiu e ficou em pé na rua, enquanto metal friccionava metal. — Quer ouvir um fato pouco conhecido sobre o nosso velho chapa Ernest Forrest Ernest? Este grande homem namorou os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, embora isso fosse um tenebroso segredo muito bem guardado, é claro. Mais tarde, ele fez parte de um esplêndido grupinho de homens montados na grana, que tentaram promover o fascismo bem aqui, em nosso bom e velho berço de liberdade... Pronto!

Ele deu dois passos até a traseira do Lincoln e começou a remover os parafusos de sua chapa de matrícula.

— Evidentemente, eles não usaram a aborrecida palavra “fascismo”, deram à coisa o nome de Movimento Americanista, que

durou cerca de cinco minutos, até Joe McCarthy entrar em campo e colocá-los em seu bolso, com eles tendo de fingir que gostavam disso. A questão, no entanto — ele ajeitou a chapa do outro carro em posição, e encaixou os parafusos nos lugares — é que o avô do pequeno Davey estava por trás do espetáculo inteiro.

Nora recordou a passagem sobre o fascismo no capítulo do livro de Daisy por ela intitulado "A fantasia".

— Lincoln Chancel foi o velhaco dos velhacos.

— É o que imagino.

Dick Dart ergueu os olhos para ela, em divertida surpresa.

— Acho que Davey não sabe um quarto das trapalhadas que o velho andou fazendo.

— Ele sabe que seu avô não foi nenhum santo.

Dart ergueu-se, foi até a frente do Lincoln e ajoelhou-se, enquanto Nora se postava de maneira a acobertá-lo da rua vazia. Ela estivera em Fairfield talvez umas trinta vezes, durante os dois anos de casada, adquirira seus jeans e vestidos Ann Taylor na Rua Principal, comprara costeletas de vitela e boas carnes para assar no excelente açougueiro, saboreara almoços e jantares em três diferentes restaurantes, e durante todo esse tempo — vinha-lhe à lembrança agora — nunca tinha visto um só policial.

— Nós contemplamos uma infeliz geração da linhagem Chancel — disse Dart. — Lincoln Chancel não usaria Davey nem como palito de dentes. Lincoln era um perigoso filho da mãe, e Davey não tem a coragem de um ursinho de pelúcia. Alden se situa em uma espécie de meio-caminho entre eles, é um bandido e um rufião, mas não um bandido *de verdade* ou um rufião *de verdade*.

— Ele tem seus momentos — comentou Nora.

— Você não conheceu a coisa real. Alden considera-se um mandachuva, fica se pavoneando e falando grosso, mas acho que seu velho lhe cortou os bagos.

Levantando-se, Dart fez um gesto para que Nora o seguisse à traseira do carro-esporte. Estavam caminhando lado a lado, rua abaixo, como qualquer casal comum. O homem a seu lado dava a impressão de um corretor ou advogado após uma noite mal dormida, e ela provavelmente parecia sua esposa.

A chapa de matrícula velha saiu, a nova tomou o seu lugar.

— Se Alden Chancel não tivesse herdado a Casa Chancel, o que estaria fazendo agora? Ele conta com um grande editor, Merle Marvell, e um punhado de imbecis. Um escritor morto, Hugo Driver, é que mantém a firma solvente. Seus *royalties* compõem cerca de quarenta por cento da receita total da firma, e quase tudo isso é gerado por um só livro: *Jornada na Noite*. Alden é um desastre. Neste exato momento, está em negociações para vender a firma a um editor alemão, pois só assim conseguirá um bom dinheiro em troca da Casa Chancel, antes que a leve à ruína. O único motivo do editor alemão é seu interesse em *Jornada na Noite*.

— Alden está tentando vender a firma? Como é que sabe disso?

— Somos os advogados, *baby*, lembra-se? Enquanto formos “acabando” com a querida e velha firma Dart, Morris, eu a irei instruindo em certos pontos. Tenho de fazer algo, antes de começar, mas, depois disso, estará aberta a sessão de aprendizado no mundo real. Muito bem, vamos embrulhar esta porcaria tediosa.

Levantando-se e sacudindo os braços, Dart então puxou do bolso traseiro da calça um lenço amarrotado e visivelmente imundo,

com o qual enxugou a testa suada.

— Ele está vendendo a firma?

— Tentando vender. — Dart impeliu-a rua acima e ajoelhou-se à frente do Lincoln. — Vou contar-lhe uma coisa que o pequeno Davey nunca ouviu sobre seu avô. O sujeito não nasceu rico, entenda, ele se fez por si mesmo. Teve muitas, muitíssimas atividades condenáveis. Certa vez até assassinou alguém.

— Não acredito nisso! — exclamou ela, embora o que conhecia de Lincoln Chancel quase tornava a hipótese possível.

— O velho Lincoln era um animal, *baby*. Meu santo paizinho, que privou com a história real dos Chancels durante os últimos quarenta anos, contou-me, em um momento de escassa sobriedade, que Lincoln Chancel certa vez deixou um homem em pedaços, transformou-o em hambúrguer, com as mãos nuas. Lincoln foi descoberto jogando com um pau de inúmeros bicos, havia a ameaça de escândalo, e o único meio de safar-se seria liquidando um homem. Ele marcou um encontro confidencial com o sujeito, cancelou-o na manhã do dia em que, supostamente, os dois iriam encontrar-se, e apareceu sem avisar, mais ou menos na hora do compromisso que havia cancelado. Ninguém sabia que ele se encontraria lá, e o sujeito estava inteiramente só. Lincoln Chancel escapou sem a menor suspeita. Finalmente pronto para outra — acrescentou Dart. — Bem, vamos até a Rua Principal, escolher umas duas garrafas.

45

AS VIATURAS POLICIAIS PASSAVAM velozmente por eles, a maioria em silêncio, mas algumas com os faróis piscando e as sirenes uivando. Dart divertia-se apontando o revólver para motoristas e passageiros de outros carros, fingindo disparar contra eles. Hartford surgiu à vista, agigantando-se ao lado da via expressa, e Nora acelerou para o alto, a fim de voar através das torres da igreja, que chegavam a grande altura. Dart refestelou-se, metade do corpo em seu assento, a outra metade contra a porta, e exibiu para ela seu sorriso escarninho.

— Por que arriou o vidro de sua janela? O que houve com o ar condicionado? Algo como salvemos-o-planeta ou coisa assim?

— Não quero desmaiar por causa do seu fedor.

— Meu fedor? — Ele abriu o paletó e cheirou as axilas. — Sem dúvida, você está tendo algum problema feminino.

— Você odeia mulheres, não?

— Em absoluto. Odeio meu pai e, quanto às mulheres, em realidade eu as adoro. São fisicamente mais fracas do que os homens, desta maneira tendo que inventar um milhão de modos para manipulá-los. Alguns de seus estratagemas são fantasticamente floreados. Quando um cara não compreende que as mulheres são incapazes de demonstrar honestidade psicológica, então não tem a menor chance com elas. Uma bela manhã, acorda ao lado de uma caixa-registradora com um enorme e gordo anel de diamante num dedo e uma aliança de ouro no outro; e é ela quem controla a cona.

Se ele quiser um pouco, tem de oferecer os cartões de crédito. Caso se queixe, ela o faz sentir-se tão mesquinho e egoísta, que ele lhe prepara o *breakfast* durante uma semana. Entretanto, pode esse sujeito dizer não? Negativo, *baby*. E, reflita em uma coisa. Ela pode espancá-lo, isso é ótimo. Grosseirões como ele merecem ser espancados. Entretanto, pode um homem bater em uma mulher? Se ele fizer tal coisa, ela lhe chicoteia o traseiro no tribunal do divórcio e arranca-lhe todo o dinheiro, sem ao menos ter de dar-lhe sexo. Ele está completamente sob o controle de um ser caprichoso e amoral, com uma tremenda aptidão para criar problemas. Lembra-se do Jardim do Éden? Era um excelente lugar, até surgir aquela mulher, sussurrando, *Vamos, dê uma dentada, o Grande Sujeito não está prestando nenhuma atenção*. Desde então tem sido a mesma coisa. Se a mulher for realmente boa, este pobre otário com uma corda no pescoço, um tesão permanente e a mão de mais alguém em seu bolso está convencido de que ela é quem dirige o espetáculo. Está tão amarrado, que considera sua esposa uma coisinha doce, não muito boa em assuntos práticos, mas certamente formidável, raios o partam, uma pérola e tanto por aturá-lo. Uma vez por ano ela lhe dá uma chupada, e ele fica tão grato, que corre a comprar um casaco de peles para sua mulherzinha. Esses casacos de peles em um restaurante, onde as mulheres não querem deixá-los no vestiário? Cada um daqueles casacos? Uma chupada, e cada mulher ali dentro sabe disso. E aqui vai um detalhe: quanto mais velha a mulher, melhor é o casaco.

— E você ainda diz que adora mulheres! — exclamou Nora.

— Não inventei nada disso. Passei os últimos quinze anos de vida levando minhas Marthas, Ednas e Agathas ao Château e

ouvindo-as falar. Ouvi as coisas que elas me diziam e também ouvi o que *realmente* diziam. Por vezes, Nora, mais freqüentemente do que possa imaginar, elas são a mesma coisa. Uma mulher de oitenta e cinco anos, que já fez três plásticas faciais, teve dois maridos, com pelo menos um deles seriamente rico e ambos atualmente mortos, provavelmente baixará a guarda após dois copos de vinho na companhia de um jovem advogado folgazão e atraente, sendo então capaz de contar a ele como levou uma longa e paparicada existência sem trabalhar um só dia. Tão logo vejam que já sei como isso funciona, elas podem começar a divertir-se. Essas damas geralmente estão chateadas, costumavam ser fascinantes, todo o mundo masculino formava fila para uma voltinha em suas conas, e isso tudo acabou quando elas se tornaram velhas senhoras. Os maridos morreram. Ninguém no mundo está interessado em ouvi-las. Exceto eu. Posso ouvi-las o dia inteiro. Aprecio essas vozes suaves, elegantes e roucas, cheias de ocultas lâminas de barbear, mas aprecio ainda mais suas histórias. Elas são tão corruptas! Elas nem mesmo começaram a saber o quanto são corruptas, não conseguem saber, porque não possuem o mecanismo moral para isso. A única coisa que lamentam é que a parte boa não tivesse durado outros dez anos, porque então poderiam lançar seus anzóis em um otário mais rico, que goza quando ouve falarem sobre seu grande, enorme cacete. Adoro a aparência delas — cabelos retesados, compactos, mas penteados para darem uma idéia de fofura e maciez, maquiagem tão bem-feita que a gente mal vê suas rugas, as mãos cobertas de anéis, a fim de que as manchas marrons, as veias e os dedos nodosos não sejam percebidos. Ninguém pode dizer que não gosto de mulheres.

— Você dormiu com suas damas idosas?

— Há pelo menos nove ou dez anos não tenho tido sexo com uma mulher abaixo dos sessenta e cinco. Não, sessenta e dois; tinha esquecido Gladys.

— Bem, mas você *matou* mulheres — disse Nora.

— Não foi nada pessoal.

— Para elas, foi.

— Eu estava matando clientes, entende? A cada vez que eu assassinava alguém, caía mais um naco do negócio do velho. Na época em que acabei com Annabelle Austin, aquela agente literária, ele levou dois dias dizendo *Essas mulheres assassinadas não poderiam ter sido clientes de mais alguém que não eu? Se eu pudesse ter liquidado mais dez, ele estaria arrancando os cabelos.*

— Entretanto, você sempre escolheu clientes mulheres, e sempre uma certa espécie de mulher.

Os olhos de Dart ficaram opacos e bidimensionais.

— Oh! Você não gostou da maneira como elas viveram.

— Poderia ser uma explicação aceitável — disse Dart. — Essas criaturas andavam por aí agindo como homens.

O tom em que ele falou a fez entender algo.

— Elas se portavam bem com você?

— Quando iam ao meu gabinete e eu me adiantava até elas, dizendo algo lisonjeiro, mal se permitiam falar comigo.

— Ao contrário de suas velhas damas.

— Eu jamais assassinaria as minhas velhas queridas... a menos que fossem os únicos clientes que restassem.

— E quanto a mim?

Ele sorriu, lentamente.

— Está querendo saber se vou matá-la?

Nora ficou calada.

— Querida Nora-docinho. Ficaremos sabendo mais, depois de nossa aula de realidade.

— Aula de realidade?

Ele lhe deu um tapinha no joelho.

— Há muitos motéis em Massachusetts. Queremos um com um bom e grande pátio de estacionamento.

46

No LADO OPOSTO de Springfield, Dart apontou para um edifício de três pavimentos cor de areia, com balcões fora das janelas.

— Lá está! — O prédio ficava na extremidade mais distante de um pátio de estacionamento do tamanho de um campo de futebol, ocupado agora pela metade. Um enorme letreiro azul e amarelo estendia-se ao longo do teto, dizendo CHICOPEE INN. Uma edificação em estilo de pavilhão suíço para esquiadores, com um letreiro de “Comida Caseira”, ficava de frente para o pátio, no lado esquerdo. — Vamos indo, não queremos perder a saída!

Nora cruzou duas pistas e deixou a auto-estrada.

— Esqueci que estava falando com Emerson Fittipaldi — disse Dart.

Ela dirigiu uma curta distância, rua abaixo, depois dobrou para o estacionamento.

— Meu bem, aqui temos o Chicopee. E comida caseira também! Você não adora comida caseira? A famosa Sopa de Lâminas de Barbear da Mamãe, esse tipo de coisas?

— Devo estacionar em algum lugar particular? — Nora estava morta de medo.

— Bem no maldito meio do pátio. Tem algum apelido favorito, meu bem?

— Algum o quê? — perguntou Nora, levando o Lincoln para um espaço vazio, mais ou menos no centro do pátio.

— Vamos precisar de novos nomes. Tem alguma sugestão ou devo eu mesmo escolher?

— Sr. e sra. Hugo Driver. — Ela fechou os olhos e recostou-se pesadamente no banco. — Os Drivers.

— Gostei do conceito, tremendamente apropriado, mas usar nomes de pessoas muito conhecidas em geral é um erro. — Ele se virou de lado e tentou alcançar as sacolas no banco traseiro. — Diabo!

Dart ficou de joelhos em seu assento e inclinou-se ainda mais, quase tocando o forro do carro com as nádegas. Nora abriu os olhos e viu o bolso que continha a arma, pendendo a trinta centímetros de seu rosto. Considerou a energia e velocidade necessárias para arrancá-la do bolso dele. Perguntou-se se saberia acionar um revólver. Dan Harwich a instruíra na operação de travar a pistola que ele lhe dera, mas revólveres teriam travas? E, se tivessem, onde ficavam? No momento em que tal frustrante pergunta lhe ocorreu, Dart já endireitava o corpo e trazia duas sacolas de papel manilha por cima do encosto do banco. Ele empurrou a sacola das garrafas para o colo dela.

— Você leva esta e a que está no porta-malas. Mais uma coisa: por favor, evite exibir para os outros essas aterrorizantes expressões de angústia, certo? O mundo gosta de um rosto feliz. E por falar nisso, acho que nunca a vi sorrir, ao passo que sorrio para você o tempo todo.

— Você está se divertindo mais do que eu.

— Sorria, Nora. Alegre o meu dia!

— Não creio que eu consiga.

— É como um ensaio para o maravilhoso sorriso que vai oferecer ao imbecil atrás do balcão de recepção.

Nora encarou Dart, repuxou os lábios e exibiu os dentes. Ele a fitou com um longo e pensativo olhar.

— Evoque um pouco do fogo antigo, Nora-docinho. Mostre a fogaosa figura que fez o diabo com Natalie Weil!

— Essa figura está amedrontada demais para exhibir-se.

Ele deixou escapar um suspiro de exasperação.

— Isto é um *projeto* — disse, e fez o sinal-da-cruz sobre o coração.

— Um projeto?

— Vamos para dentro.

Ele pegou as chaves e saiu do carro. Nora esperou ser empurrada ao longo do assento, mas, em vez disso, Dart deu a volta pela frente do carro e olhou para trás, para ela, com as sobrancelhas erguidas. Ao sair do carro, Nora olhou em torno, percebendo uma névoa vibrante e densa. Enxugou os olhos na manga, e caminhou ao encontro de Dart.

Um rapaz com cabelos louros na altura dos ombros baixou uma garrafa de meio litro de Evian até uma prateleira invisível diante dele, sorriu por cima do balcão quando os recém-chegados entraram na friagem do vestíbulo, e ficou em pé. O leve *blazer* azul que vestia era vários números maior que o dele, e os punhos das mangas estavam enrolados para cima. Um crachá prateado na lapela anunciava que seu nome era Clark.

— Sejam bem-vindos ao Chicopee Inn. Em que posso ajudá-los?

— Preciso de um quarto para esta noite — disse Dart. — Espero que tenha um para nós. Há dois dias que venho dirigindo sem parar.

— Não há problema. — Os olhos do rapaz foram para as sacolas que eles carregavam, depois de Dart para Nora e fizeram o caminho inverso. Seu sorriso desapareceu. Tornando a sentar-se na cadeira, puxou um teclado para perto e pressionou algumas teclas, aparentemente ao acaso. — Uma noite? Eu lhes darei os detalhes e, em seguida, tomaremos algumas informações. — Ele jogou o cabelo para trás com uma das mãos, expondo um brinco circular de ouro na orelha. As teclas clicaram. — Quarto trezentos e vinte e seis, terceiro andar, cama de casal. Está bem assim?

Dart concordou. Nora recostou-se ao balcão e contemplou o verde berrante e irreal do carpete.

— Nome e endereço, por favor — pediu o rapaz.

— Sr. e sra. John Donne. Flamingo Drive, quinhentos e oitenta e seis, Orlando, Flórida.

A pedido do rapaz, Dart soletrou Donne. Depois soletrou Orlando para ele. Forneceu um código de endereço postal e um número de telefone.

— Orlando é onde eles têm o Disney World, não?

— Exatamente. Você não precisa sair da América, se quiser ver lugares exóticos.

— Hum... certo. Forma de pagamento?

— Em dinheiro.

Clark pausou com as mãos sobre o teclado e ergueu os olhos. Tornou a jogar o cabelo para trás.

— Senhor, nossa política, neste caso, é solicitar o pagamento adiantado. Seu quarto fica em sessenta e sete dólares e quarenta e cinco centavos, taxas incluídas. Está bem assim?

— Política é política — disse Dart.

Clark voltou a teclar. A ponta de sua língua surgiu por entre os lábios. Uma jovem usando um *blazer* idêntico ao seu surgiu em uma porta atrás dele, à direita, e deu a Dart um duplo olhar de exame, enquanto passava junto ao balcão e desaparecia em outra porta, na parede à esquerda de onde estava Clark.

— Vou entregar suas chaves e receber o pagamento. — Ele abriu uma gaveta e dela tirou duas chaves de metal, com cabeçote redondo. Colocou-as dentro de uma pequena pasta marrom e escreveu 326, no espaço em branco no topo da pasta. Depois levantou-se, e fez a pasta deslizar através do balcão. Dart colocou uma nota de cem dólares ao lado dela. — O senhor pode trazer seu carro até aqui em frente, a fim de pegar suas malas — acrescentou o rapaz, com os olhos fixos na nota.

— Tudo de que precisamos no mundo está bem aqui.

O rapaz recolheu a nota e disse:

— Um momento, senhor.

Desapareceu em seguida na porta de onde a jovem emergira. Dart começou a cantarolar “Achei um milhão de dólares, *baby*”. Segundos mais tarde, o rapaz surgiu à vista sorrindo nervosamente para Dart, destrancou uma gaveta de dinheiro e contou o troco.

— Bons negócios exigem vigilância — disse Dart, enfiando as notas e moedas em um dos bolsos da calça.

— Certo. Devo explicar que não temos restaurante nem serviço de quarto, mas servimos um *breakfast* continental, como

cortesia, de sete às dez na sala do Chicopee, logo à sua direita. No Comida Caseira, lá fora, dando para o nosso pátio, eles fornecem uma boa comida. A diária termina ao meio-dia.

— Aponte-me os elevadores — disse Dart. — Você acolheu dois esgotados viajantes.

— Depois da sala, à sua esquerda. Tenham uma boa estada.

Nora endireitou o corpo subitamente e Dart afastou-se um passo do balcão, iniciando a caminhada para os elevadores. Ela o seguiu, tentando não ouvir as vozes persuasivas em sua cabeça. As garrafas pareciam ganhar peso, a cada passo dado. Mal reparou na sala pequena e aberta, mobiliada com sofás, cadeiras e mesas, para cujo interior Dart esgueirou-se, a fim de tirar um jornal dobrado de uma prateleira. Pousando uma das mãos acima dos quadris de Nora, ele apressou-a para o elevador, onde apertou um botão.

— Cada passarinho precisa encontrar o seu galho.

No enevoadado corredor do terceiro andar, Dart enfiou uma das chaves na fechadura do quarto 326.

— Veja isto, Nora. — Ela demorou um momento a perceber os três orifícios redondos na porta marrom, calafetados e desajeitadamente retocados com tinta. — Buracos de bala — disse Dart.

Nora entrou no quarto. Cada passarinho precisa encontra o seu galho. Você não precisa sair da América para ver lugares exóticos. Quando ela passou diante do banheiro e do painel deslizante de um armário embutido, ouviu Dart fechar a porta do quarto e colocar a corrente de segurança. Uma janela se abria para uma estreita sacada branca, acima do pátio de estacionamento. Ela colocou sobre a mesa as sacolas que carregava. Dart passou junto

dela, quase a roçando, fechou a janela com o ferrolho e moveu uma haste metálica para puxar uma cortina de tecido fino. Livrando-se do paletó, deixou-o nas costas de uma cadeira, e depois tirou suas facas da sacola onde as colocara.

— Veja isto, veja isto! — Ele apontava para manchas descoloridas na cúpula do abajur. — Manchas de sangue. O *nosso* tipo de lugar.

Nora olhou para a enorme cama de casal, destacando-se no interior do quarto.

Dart desembrulhou as compras feitas na loja de ferragem e as dispôs em linha reta sobre a mesa. Moveu os rolos de corda do primeiro lugar para o segundo, após o rolo de fita isolante, certificando-se de que tudo estava na posição desejada, com as partes inferiores lado a lado.

— Esqueci a tesoura — disse. — Bem, sobreviveremos. — Deixou as duas facas maiores no final da fila, depois ajustou o alinhamento. — Podemos começar?

Ela nada disse.

Dart pegou uma garrafa de vodca, desenroscou a tampa e sacudiu a bebida na boca, antes de engoli-la. Em seguida, tampando novamente a garrafa, depositou-a suavemente na mesa.

— Tire suas roupas, Nora-docinho.

— Não estou com vontade de fazer isso.

— Se você mesma não quiser tirá-las, vou ter de cortá-las.

— Por favor — pediu ela. — Não faça isso!

— Não quer que eu faça o quê, Nora-docinho?

— Não me estupe...

Ao falar, ela começou a chorar silenciosamente.

— Eu falei alguma coisa sobre estupro? O que eu disse foi para tirar suas roupas.

Ela vacilou e, por entre as lágrimas, viu-o apanhar a maior das duas facas, aquela que Matt Curlew chamaria de facão do Arkansas para matar porcos. Dart caminhou para ela, e Nora começou a desabotoar a blusa. Uma parte pequenina e destacada de sua mente maravilhou-se ante a quantidade de lágrimas fluindo de seus olhos. Ela jogou a blusa azul sobre a cadeira e olhou para a figura indistinta de Dick Dart. A figura indistinta assentiu. Nora desafivelou o cinto, desabotoou os jeans, puxou o zíper para baixo e descalçou os mocassins marrons. Ódio e repulsa penetraram na nuvem que envolvia suas emoções. Ela emitiu um leve e agudo ruído de dignidade ofendida, puxou os jeans para baixo e livrou-se deles, primeiro uma perna, depois a outra. Jogou os jeans sobre o braço da cadeira e esperou.

— Você não está *realmente* usando roupas íntimas, está? Meu Deus, olhe só para esse sutiã! O modelo básico, o mais simples, sem rendas ou enfeites, certo? Da marca Maidenform Sweet Nothings? Um número 34-B? Você devia experimentar um desses novos sutiãs que levantam os seios, não apenas com armação de arame por baixo, mas do novo modelo, eles fazem maravilhas em uma mulher, proporcionam um atraente contorno no topo. Bem, agora, que tal libertarmos as lindas maminhas de Nora?

Fechando os olhos, ela ergueu as mãos para os fechos do sutiã que, como dissera Dart, era precisamente um Maidenform Sweet Nothings, tamanho 34-B, uma peça quase austera em sua singeleza, sem o menor indício de vaidade feminina. Nora deixou as

alças deslizarem para trás, por sobre os ombros, expondo os seios. Depois puxou o sutiã do corpo e o deixou cair sobre a cadeira.

— Em casa, você não costuma pendurar suas roupas, não é mesmo? Você tem, hummm, você tem uma cadeira bem estofada, com camadas de camisetas e blusas penduradas no encosto, e jeans dobrados no assento. Não, retiro o que disse. Para você, vejo um belo e comprido sofá, quase invisível debaixo de todas aquelas roupas. O que você faz é vesti-las, usá-las algumas vezes, depois jogá-las na cesta de roupa suja e começar tudo novamente.

De fato, era exatamente assim que Nora fazia, exceto que com bem menos consistência do que Dart sugerira.

— Oh, céus, olhe para isso! Calcinha Hanes Her Way, e, pior ainda, púrpura, não combinando com seu tedioso sutiã branco e sem formas! Nora, você não deve comprar suas roupas de baixo no *drugstore*. No mínimo, sutiã e calcinhas devem combinar. Com o seu corpo, você ficaria muito melhor usando a marca Gitano. Eles fazem lindos jogos de calcinha e sutiã, e são baratos. Se quiser gastar mais dinheiro, experimente as marcas Bamboo ou Betty Wear. Pessoalmente, sou louco por Betty Wear, o material é uma beleza. Ouça, faça um favor a si mesma e pare de jogar fora aqueles catálogos da Victoria's Secret. Sei que os acha inferiores, mas se apenas *olhar* para eles tão detidamente como Davey sem dúvida olha, verá que são bastante úteis. Acima de tudo, deve a si mesma uma espiada na *Vogue*, de vez em quando. É uma grande revista, jamais perco um número. Aposto que você nem mesmo já comprou alguma.

— Comprei uma, certa vez.

— Quando? Em 1975?

— Por aí — respondeu ela, com os braços dobrados sobre o peito e as mãos nos ombros.

— Dá para perceber, especialmente quando usa esses horrorosos “calções” Hanes Her Way! Você devia cuidar mais de si mesma. Tire fora essa coisa horrenda!

Ela empurrou para baixo a cintura elástica da calcinha, puxou-a até os joelhos e a despiu.

— Nora, que enorme matagal você tem! Céus, criatura, como pode suportar tamanha *moita*? Use logo um aparador de grama!

Aos poucos, ela se fora convencendo de que homem nenhum falando daquela maneira a uma mulher seria capaz de violentá-la — um estuprador jamais aconselharia a compra de Betty Wear, muito menos seria capaz de identificar um sutiã Maidenform Sweet Nothings e calcinhas Hanes Her Way — mas as palavras seguintes dele minaram sua trêmula esperança de que Dart desejava apenas inspecionar seu corpo, nada mais.

— Sente-se na cama — disse ele.

Ela caminhou até a extremidade da cama como que pisando em cacos de vidro, e sentou-se lá, com as mãos nos ombros e as pernas firmemente fechadas. Um súbito vislumbre mental dos joelhos rechonchudos e das gordas panturrilhas de Barbara Widdoes acima dos sapatos pesados chegou-lhe com o surpreendente pensamento de que aquela mulher provavelmente fosse lésbica.

— Preciso contê-la por um momento — disse Dart. Pegando um dos rolos de corda, ele o cortou em duas partes, cada uma com cerca de um metro e vinte de comprimento. Caminhou para Nora levando os pedaços de corda, juntamente com a faca e o rolo de fita isolante. — Talvez seja um pouco desconfortável, mas não chegará a

machucar. — Ajoelhando-se diante dela, fitou-a dentro dos olhos, deu uma piscadela e enrolou um dos pedaços da corda ao redor de seus tornozelos. — Você tem um belo corpo — disse. — Talvez apenas um pouquinho musculoso, e sua pele poderia usar um hidratante.

— Ai! — exclamou ela, quando a corda mordeu sua pele.

— Não vai doer, não está apertada o suficiente — disse Dart, amarrando as pontas da corda em um nó elaborado. Colocando as mãos nos joelhos dela, fitou-lhe os seios diretamente. — Pequeninos e um tantinho caídos, mas ainda bonitos, se quer a minha opinião. — Ele estendeu a mão para a fita, desenrolou uma tira de um metro de comprimento, removeu-a do rolo e passou-a sobre a corda em volta dos tornozelos de Nora. Depois levantou-se, tocou-lhe o queixo com as pontas dos dedos e a fez virar o rosto para o seu. — Você é o tipo de pessoa que se julga acima da maquiagem, com exceção de um toque de batom de quando em quando, mas está errada. Devia experimentar a maquiagem Cover Girl Clean ou talvez Maybeline Shine Free. É tudo de que precisa: um pouco de *blush*. E também de uma daquelas excelentes novas máscaras, como Cover Girl Long 'N Lush. Também precisa de um bom perfume. Você tem um frasquinho diminuto de Chanel N° 5 em seu toucador, claro, e usa uma ou duas gotas quando Davey a leva em algum lugar requintado. Correto?

Ela confirmou.

— Você não é realmente o tipo Chanel N° 5, mas ninguém jamais soube o suficiente para abrir-lhe os olhos. Deveria usar Chanel Coco, se prefere Chanel, ou L'Air du Temps, caso se sinta um pouco mais feminina. Aliás, deveria usar um bom perfume todos os dias, o dia *inteiro*, pouco importando o que esteja fazendo.

Ele afastou os dedos do queixo de Nora e moveu-se para trás dela. A cama afundou sob o seu peso.

— As mãos — disse. Nora colocou as mãos nas costas, ele agarrou-lhe os pulsos e os amarrou juntos. — Isto aqui é uma desgraça! Você precisa de uma manicure, mais do que qualquer pessoa que eu conheça. E de pedicure também. Aliás, tem de começar a usar um esmalte de unhas de excelente qualidade, não me interessando de que marca seja. Vamos ter de comprar alguns artigos essenciais. Depois de comprarmos pasta de dentes e coisas assim, providenciarei algum equipamento feminino para você. Isso ajudará em nosso projeto.

Ela o ouviu rasgar uma tira de fita e o sentiu enrolá-la à volta de seus punhos unidos.

— Por que está fazendo isso? Pretende ir a algum lugar?

— Não quero que você fuja enquanto tiro de meu corpo a sujeira de Westerholm. Gostaria de vir comigo?

— Não, obrigada.

Ele deu uma risadinha maliciosa.

— Poderá tomar um banho depois.

— Depois do quê?

Ele lhe deu um tapinha no ombro e desceu da cama, a fim de levar a fita e a faca para a mesa. Lá, ele as colocou nas posições anteriores, certificando-se de que estavam bem alinhadas.

— Nós dois vamos dormir nesta cama?

Ele olhou por sobre o ombro, em zombeteira surpresa. Lentamente, como que refletindo na pergunta, virou-se para fitá-la.

— Uma vez que aqui só há uma cama, creio ter presumido... Afinal, camas gêmeas são tão antiquadas... Enfim, se você tiver

fortes objeções, acho que posso dormir no chão. — O sorriso escarninho dele ridicularizava-lhe as próprias palavras. — Tudo certo?

Ela assentiu.

— Tudo certo, então. — Dick Dart despiu a camisa, deixou-a cair no chão, e desabotoou o cós da calça. Descalçou os mocassins pretos com borlas, depois abaixou-se e puxou a calça pelas pernas. Seus braços e ombros eram flácidos, e um punhado de pêlos negros cobria-lhe o peito. A chapa informe de seu estômago empurrava a cintura elástica da cueca, decorada com um padrão de iscas artificiais para pesca. — Entretanto, espero não ter esse problema. — Ele baixou a cueca, expondo um ninho de pêlos castanhos encaracolados e um pênis comprido e grosso como um pepino, cortado por veias salientes. Jogou a cueca na cadeira, e caminhou despreocupadamente até a mesa, a fim de apanhar o rolo de fita isolante. Suas nádegas eram achatadas, quase ausentes; as coxas e pernas pesadas terminavam em pés de aparência curiosamente primitiva, como os de dinossauros. Tufos de pêlos negros brotavam ao longo da espinha, no início dos quadris.

Ele destacou uma tira de uns dez centímetros do rolo e aproximou-se de Nora, o pênis oscilando à sua frente como um pêndulo.

— Daremos um jeito no problema — disse Dart.

Em seguida ficou parado diante dela, o cinzento pepino enrugado ao nível de seus olhos, exalando fedor como um pântano. Nora começou a tremer. As lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Ele lhe puxou o queixo para cima, sorriu para baixo, acima do volume do próprio ventre, e plantou a fita adesiva sobre os lábios dela.

— Respire pelo nariz. Não entre em pânico.

Empurrando-a pelos ombros, fez com que ela caísse de costas em cima da cama. Depois desapareceu. Ela tentou arquejar, e a fita áspera grudou-se sobre sua boca. Seu corpo exigia oxigênio imediatamente. A dor ardia-lhe nos ombros e a corda mastigava pulsos e tornozelos. Nora rolou de um lado para outro, asfixiando-se sob a fita isolante, e por fim lembrou-se de respirar pelo nariz. Ouviu uma risadinha indistinta e depois o ruído da porta do banheiro ao fechar-se. O chuveiro sibilou e chocalhou contra a banheira. A voz desafinada de Dart começou a cantar “Seus olhos acolá”. Nora girou mãos e pulsos no ínfimo espaço permitido pelas algemas de corda. Ficou deitada e abatida sobre as cobertas da cama, aterrorizada demais para chorar.

Teve uma súbita visão de si mesma como vista de cima: nua, encolhida sobre a cama, uma ave presa em espetos, pronta para ir ao forno. Parecia um cadáver em fotografia de cena de crime. A mulher na foto nada era; havia um vazio, tornara-se menos do que patética. Certas mortes podiam ser preferíveis à loucura que esperava dentro dela, porém não esta.

Dart saiu do banheiro, o cabelo colado à cabeça, a água transformando os pêlos de suas pernas em linhas verticais.

— Que quadro você exhibe! — exclamou.

Desenrolando uma toalha, ele começou a friccionar sistematicamente os braços, peito, barriga, genitais, pernas.

— Volto num segundo — disse.

Desapareceu no banheiro e reapareceu com uma toalha seca. Em vez de voltar para junto da cama, fechou a porta do banheiro e caminhou até o armário embutido. Nora via o reflexo dele no

espelho da porta do banheiro. Dart esfregou os cabelos até ficarem soltos em torno de sua cabeça, depois passou levemente a toalha pelo pescoço, peito e pênis. Usando a toalha, friccionou-se rudemente várias vezes e manipulou os testículos. Após alcançar um estágio satisfatório de auto-excitação, pôs-se de lado, encolheu o ventre, deu em si mesmo um tapinha encorajador, mais uma carícia do que um tapa, e com um estremeção espichou-se mais um centímetro e meio para o alto. Dart esquecera Nora inteiramente. Seu bem-amado, o pepino, projetava-se diante dele. Agarrando-o no punho fechado, ele o massageou para cima e para baixo, fazendo com que toda a estrutura escurecesse para um tom purpúreo, aumentasse mais centímetro e meio, e se erguesse em uma curva para o alto. Feito isto, Dart virou-se, a fim de contemplar-se em ereção. Excitada pela visão de si mesma, a coisa na frente dele endureceu-se em curvada rigidez, terminando em uma maçaneta vermelho-azulada, do tamanho de uma pequena maçã. Dart tinha os olhos vidrados, a boca estava aberta. Nora julgou-o prestes a ejacular. Sopesando os testículos, ele grunhiu. *Vá em frente, disse ela para si mesma, esguiche tudo no espelho!*

Através do espelho, os olhos dele encontraram os dela.

DART VOLTOU para o quarto.

— Espero que você tenha apreciado a minha consideração em tomar uma ducha. Fiz isso mais por mim do que por você, porém não queria que qualquer odor corporal inconveniente a distraísse do que a maioria das mulheres considera uma experiência imensamente prazerosa. — Dart escarranchou-se sobre as pernas de Nora, inclinou-se, empurrou a ponta do pênis sobre o estômago dela e ali o esfregou, para cima e para baixo. — Gosta disso? — Ele alisou-lhe um seio com a mão livre. Nora fechou os olhos, e Dart beliscou-lhe o mamilo. Ela emitiu um brusco som de protesto contra a fita que lhe fechava a boca. — Preste *a-ten-ção* — cantarolou ele, torcendo dolorosamente o mamilo entre o polegar e o indicador. — Vamos executar uma penetração, e não é polido você ficar de olhos fechados. — Sorrindo, içou-se para cima da cama e fincou os joelhos em cada lado do tórax dela. — Maminhas de Nora, apresento-lhes o Grande Cara. — Inclinando-se para diante, fez o Grande Cara deslizar, primeiro sobre um mamilo, depois sobre o outro. Abaixando-se entre os seios dela, apertou-os em torno de si mesmo, bombeando para diante e para trás. Então, soltando os seios, avançou com o corpo, a fim de empurrar seu bem-amado à frente dos olhos dela. — Não é em vão que me chamo Dick, certo? Dick, o pau, o grande cacete. Nunca viu um igual a este antes, viu?

O objeto a dez centímetros dos olhos de Nora parecia algo espreitando de uma lama calcificada em uma vala arqueológica, algo

oferecido por metade do preço em um bazar árabe, algo esculpido de uma enorme raiz. Vovô o tinha trazido de suas viagens para casa e o mostrara a vovó. Depois que ela cessara de gritar para ele, vovô o levava para o sótão e o sepultara em um malão de navio. Variado em tessitura, da corrugação a uma perigosa e lustrosa maciez, encaroçado de veias, um bócio recheado de pedras — era isto o que a maioria dos homens queria ter? Davey desejaria trocar seu atraente e bem-feito membro por isto? Nora sabia a resposta. Claro que desejaria, sem a menor dúvida.

Ela meneou a cabeça — *Não!*

— Você irá a lugares onde o maridinho nunca a levaria, Nora-docinho.

Ele saiu da cama, foi até a mesa e pegou a faca maior. Depois, ajoelhando-se diante de Nora, soltou a fita que lhe prendia as pernas. Em vez de cortar a corda, procurou desatar o nó, laboriosamente. As pernas dela afrouxaram-se e bambearam. Nora prontamente as fechou e Dart, com uma risadinha sarcástica, ficou em pé.

— Mova-se mais para cima na cama — disse ele.

Nora hesitou, e Dart encostou a ponta da faca em sua coxa esquerda. Ela pousou os pés sobre o colchão e, erguendo o corpo, empurrou-se para os travesseiros. Seus braços e ombros doíam, os pulsos queimavam. Dart moveu-se ao longo do corpo de Nora, de joelhos. Chegando à altura das virilhas, soltou a faca sobre o travesseiro, enfiou as mãos entre as pernas dela e tateou de um lado para outro, até conseguir inserir uma avantajada ponta de dedo. O corpo de Nora estremeceu e ficou gélido.

Cantarolando para si mesmo, Dart retirou o dedo e deslizou sobre ela. Escancarou-lhe as pernas, plantou os joelhos entre ambas e moveu-se para baixo, a fim de acertar o alvo. Nora deixou escapar um som agudíssimo, amortecido pela fita em sua boca. Seu rosto estava coberto de lágrimas.

Dart manobrou uma porção de si mesmo dentro dela e grunhiu. Empurrou para diante. Nora teve a impressão de estar sendo dilacerada. Gritou, mas ouviu apenas um gemido fino, impreciso. Dick Dart apoiou-se nos cotovelos e manteve a faca contra a garganta dela.

— O que estamos tendo aqui é uma aula de realidade. Todo sexo é estupro, pura e simplesmente. Vou enfiar meu pau dentro da sua cona. Este ato ficou conhecido como sendo capaz de deixar as mulheres fora de si, mesmo sendo então um estupro...

Ele empurrou-se mais quase um centímetro para diante.

— ...e você sabe por quê? Porque quando tudo terminava, eu era o dono delas. Aí está o segredo.

Ele ergueu o corpo, recolheu uma pequenina porção de si mesmo, e em seguida enterrou-se brutalmente dentro dela. Nora tornou a gritar e rolou para um lado.

Dart empurrou-a rudemente para a posição anterior.

— É melhor você relaxar, pois do contrário teremos um balde de sangue. Preciso alargá-la, e você conseguirá alargar-se, desde que afrouxe os músculos. — Ele moveu o pênis ligeiramente para fora e mergulhou de novo, invadindo-a. — Quer saber o segredo? — Nora se tinha escondido dentro de si mesma, com os olhos fechados, o corpo crispado de repulsa, e quando Dart esbofeteou-lhe o rosto, percebeu que estava falando com ela. — Não creio que você

saiba. — Ele deu nova estocada. — As mulheres que se acham capazes de sobrepujar os homens o tempo todo, que se julgam mais espertas do que qualquer homem já nascido, têm uma fraqueza. Elas adoram ser fodidas, mais do que tudo neste mundo.

A voz dele parecia vir de uma distante fonte professoral, completamente desligada do que estava fazendo.

— Dinheiro, carros, casacos de peles, jóias, casas; elas são espertas o bastante para saber que tais coisas são apenas brinquedos. Trocam tudo isso por um sujeito com um cacete grande o suficiente para virá-las pelo avesso. O problema é que a maioria das mulheres jamais encontra o tal sujeito. Entretanto, se o encontram, elas são *dele*. Todo cara está querendo fazer isso, porque, bem no fundo, todo cara sabe como deve ser feita a coisa, e cada mulher está secretamente esperando que ele a vire pelo avesso porque, lá no fundo, ela sabe que é assim que deve ser feita a coisa. Portanto, é sempre um estupro. Nora abriu os olhos para uma curiosa visão. A parte superior de Dick Dart pendia acima dela. O rosto sarapintado endurecera-se com a concentração dele, e um outro rosto, um rosto secreto, parecia emergir por sob o antigo, o que todos conheciam. Os lábios estavam repuxados, deixando à vista os dentes amarelos. O nariz aguçara-se, e uma sugestão de começo de barba escurecia-lhe as faces. Ela fechou os olhos, e ouviu um fogo distante de artilharia.

Eternidades mais tarde, um acelerar em sua tortura a trouxe novamente para o mundo. O suor de Dick Dart pingava sobre ela, em grandes lágrimas. Ele grunhiu; as mãos crispavam-se sobre os ombros dela. O corpo dele ficou hirto, as pernas transformaram-se em barras de ferro. A mente de Nora pareceu explodir em chamas.

Ele arqueou as costas e moveu-se dentro dela, súbita e impetuosamente, duas, três vezes, quatro, cinco, tão brutalmente, que a fez chocar a cabeça contra a cabeceira da cama.

Dart arriou em cima dela. Nora sentia-se extraordinariamente profanada, tão imunda, que nunca mais voltaria a ser limpa. Quando ele rolou para fora de seu corpo, sua impressão foi de que Dart lhe quebrara sistematicamente cada osso que possuía. Ela jamais tornaria a abrir os olhos, nunca mais. Uma mão rastejou sobre sua coxa.

— Foi bom para você, querida?

Ele saiu da cama e foi para o banheiro. Tudo doía, em toda parte. Ela receava abrir os olhos.

Vozinhas sibilavam e tagarelavam. Seus demônios a tinham reencontrado. Eles estavam gostando do quarto 326, e em seguida passaram a gostar também dela porque, mais uma vez, fora empurrada através do fundo do mundo, até a devastação em que eles floresciam. Nora odiava e temia os demônios, porém tinha muito mais medo do que iria ver, caso abrisse os olhos; assim, era forçoso suportá-los. O último vexame a que fora submetida a fez recordar que, embora os demônios não desejassem ser vistos, era possível vislumbrar ocasionalmente aqueles que se esgueiravam para propiciar um pouco de conhecimento demoníaco. Alguns deles eram minúsculos diabos vermelhos com forcados do tamanho de palitos, ao passo que outros davam a impressão de animais criados por cientistas loucos: texugos de dentes compridos com caudas de rato, bolas peludas de olhos dardejantes e fortes garras. Alguns demônios pareciam borrões móveis.

Uma coisa indistinta e alada voou perto de sua cabeça, sussurrando, "*Ele não é um lobo.*"

Nora perguntou-se se teria a companhia dos demônios, caso houvesse sido criada em alguma religião sensata, como o budismo.

A coisa circulou em torno e voou perto dela de novo. "*Ele é uma hiena.*"

"Você pertence a uma hiena", riu sarcasticamente algo invisível, mas próximo. Uma encrespada gargalhadinha de demônio acolheu este comentário.

"*Não foi divertido?, não foi divertido?*", cantarolou outro. "*E agora, você está conosco outra vez!*"

A maioria das informações fornecidas pelos demônios era verdadeira, porque se contassem mentiras, eles seriam perturbações lunáticas, jamais demônios.

Nora os ouviu chocalhando nas proximidades, cochichando uns com os outros, em suas vozes rápidas como disparos de metralhadora, e encolheu-se o mais apertadamente que pôde, embora sabendo que os exultantes demônios nunca a tocariam. Se a tocassem, sua mente explodiria, ficando então louca demais para continuar interessante.

Um demônio parecido com um rato, de asinhas azuis e óculos da vovó, cochichou: "*Você não pode fugir desta, ficou claro? Você fez o cruzamento e agora está do outro lado, ficou claro?*"

Quando ela assentiu, o demônio parecido com rato disse, "*Bem-vinda ao Clube do Fogo do Inferno.*"

— Não é tão ruim como parece — disse Dick Dart.

Nora abriu os olhos, e os demônios procuraram esconderijo debaixo da cama, atrás de cadeiras, dentro de gavetas. Sua dor

voltou a latejar dentro do corpo, estirando-se como um enorme gato. Nu, sorrindo, de cabelos penteados, Dart estava em pé ao lado da cama, puxando o pênis preguiçosamente. Sua mão livre segurava uma toalha branca úmida. O rosto secreto moveu-se para a superfície do rosto público. Nora viu que era verdade; ele de fato era uma hiena.

— Dê uma espiada. Você terá mesmo de sentar-se, para que eu possa tirar-lhe a corda dos pulsos.

Ela sacudiu a cabeça.

Dart lhe disse, de maneira tranqüila e bem-humorada, que querendo ou não ela ia sentar-se. Então, agarrando-a pelo braço, puxou-a para diante. O quarto girou à frente e abaixo dela. Careteando, Nora olhou para baixo e quase desmaiou.

— Muito bem, vamos tirar isso. — Esticando a mão, ele pegou a faca no travesseiro e deu um talho com perícia na fita em torno dos pulsos dela. Depois, arrancando a fita, trabalhou no nó até desatá-lo. — Agora, a mordança. Vou arrancar rápido. Faça qualquer ruído mais alto do que um pio, e enterro a faca em você, entendido?

Ela fechou os olhos. Os demônios amontoaram-se em torno, tagarelando. Seus lábios e uma boa porção de pele pareceram ser arrancados juntamente com a fita, mas ela conseguiu não gemer.

Dart jogou-lhe a toalha úmida sobre as pernas.

— Vamos, enxugue-se! Temos que tirar os lençóis da cama. Não quero dormir nessa sujeira.

Nora passou obedientemente a toalha pela parte de cima das coxas e percebeu que, se ele ia arrancar os lençóis, ela teria que sair

da cama. Moveu a perna esquerda uns dois centímetros para o lado e suas várias dores atacaram de súbito. Trincando os dentes, passou as duas pernas por sobre a borda do colchão e forçou-se a ficar em pé. Sua cabeça girava e uma agulhada de dor disparou para cima, brotando da virilha.

— Boa garota — disse Dart, recuperando a faca. — Para provar que não sou totalmente mau, eu lhe fiz um favor. Adivinhe o que é.

— Não posso — murmurou ela.

Ele lhe sorriu, depois segurou as roupas de cama.

— Preparei-lhe um banho, Nora-docinho. Não fica agradecida?

— Fico — respondeu ela, pois naquele momento desejava um banho mais do que desejava estar livre.

— Pois então, pule naquela banheira!

Em um gesto rápido, ele arrancou as cobertas ensangüentadas da cama, enrodilhou-as como uma bola e as jogou num canto do quarto.

Nora caminhou para o banheiro, com joelhos trêmulos. Do tamanho de um ataúde, a banheira estava com três quartas partes cheias de água. A pequena prateleira do sabão sustinha um minúsculo frasco de plástico com xampu e um pedaço de sabonete do tamanho de um selo comemorativo. Dois enrodilhados pêlos negros aderiam ao sabonete.

O estômago de Nora contraiu-se, e ela conseguiu virar-se para o vaso, a tempo de vomitar um líquido rosado na cuba. Puxou um papel-toalha da caixa fornecedora, caminhou de volta à banheira e recolheu o sabonete como recolheria uma víbora morta. Depois deixou cair a envolta obscenidade dentro do vaso, deu descarga e

viu-a desaparecer. De uma saboneteira em forma de concha, ao lado da pia, pegou outra minúscula barra de sabonete e, caminhando tão pausada-mente como uma cegonha, por fim entrou na banheira.

Ah, sim! Jamais quisera estar em qualquer outro lugar que não fosse dentro da banheira. Uma nuvem rosa-vivo flutuou na água, brotando do centro de seu corpo. Delicadamente, Nora explorou-se. Ainda estava sangrando, não seriamente, e tinha uma boa porção de tecido esfolado.

Várias pequeninas fogueiras continuavam queimando, ao longo da trilha da invasão de Dart. Ela ensaboou braços e pernas, mas percebeu que precisaria lavar-se novamente sob o chuveiro, a fim de remover a camada de sangue depositada na banheira pela água. Inclina-se para diante, a fim de puxar a tampa do ralo, quando Dick Dart irrompeu no banheiro. Nora moveu o corpo para trás e afundou até o pescoço na água turva, os joelhos emergindo como ilhas.

— Confortável? — Dart sorriu para ela, depois inspecionou o rosto no espelho. — Odeio a aparência dos dentes, quando não são escovados. Estar barbado tampouco me enche de alegria. Quando formos almoçar, podemos verificar se este lugar tem uma loja de presentes.

Movendo-se para diante, Dart perscrutou os próprios olhos no espelho, deu meia-volta e sentou-se no vaso, de onde ficou olhando quase paternalmente para ela.

— Não pude deixar de perceber que você sentiu certo desconforto durante o nosso encontro. — Ele acentuou a última palavra de maneira sarcástica. — Para facilitar as coisas, vou fazer o mesmo que faço com as minhas velhas queridas: comprar um pouco

de K-Y para lubrificação. A lubrificação eliminará cerca de metade do seu problema; porém, se você não relaxar, vai continuar ficando machucada.

Nora fechou os olhos. Um demônio bateu as asas e sussurrou, “*Você vai ser machucada!*” Ela abriu os olhos.

— Estamos iniciando a grande aventura da menopausa, não é mesmo?

— Sim — disse ela, surpresa.

— Com períodos irregulares, secura vaginal?

— Sim.

— Irritabilidade?

— Suponho que sim.

— Calores súbitos? Os chamados “fogachos”?

— Mal começaram.

— Formigamento?

— O que é isso?

— A sensação de um inseto caminhando em sua pele.

Nora ficou atônita consigo mesma, por ter sorrido.

— Está fazendo alguma tratamento de reposição hormonal? Você deveria, mas precisará experimentar os níveis de dosagem, antes de conseguir a dose certa.

Ela fechou os olhos.

— Sugiro uma ducha e um xampu, antes de irmos visitar o Comida Caseira. Já é hora da fase seguinte em sua educação.

Ele dedicou-lhe outro sorriso de hiena e saiu do banheiro. Movendo-se como que em transe, Nora girou um disco na extremidade da banheira, e a água do banho gorgolejou para o ralo. Depois, pondo-se de pé, vadeou através da espuma e girou dois

discos ao mesmo tempo. A água esguichou da torneira. Movendo rapidamente a alavanca, dirigiu o jato para a ducha, mais acima, e água gelada lhe choveu com força sobre o corpo.

LIVRO V

SENHOR NOITE

O ENORME ANIMAL NEGRO PODERIA TER SORRIDO PARA ELE. "BEM, AGORA QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE O SEU MEDO, PRECISA APRENDER A CONTAR COM ELE, É CLARO."

— NATURALMENTE QUE SE trata de dinheiro. — Dart baixou seu garfo e sorriu. Ele a tinha levado à loja de presentes do hotel, onde comprou escovas de dentes e pasta dental, uma embalagem de lâminas de barbear descartáveis e creme para barba, dois pentes, desinfetante oral, um bastão de desodorante, uma camisa pólo preta, tendo bordada no peito esquerdo a palavra MASSACHUSETTS em pequenas letras vermelhas, e um exemplar da revista *Vogue*. — Ei, isto é a América! N'gócios são n'gócios! Se vemos que o outro lado provavelmente vai lucrar muito mais grana do que nós, o que fazemos então? Mudamos de lado. Ouça, o que temos na mesa chega a quatro ou cinco milhões de pratas. Jogando isso contra uma droga de possibilidade de talvez dez mil pratas, chegamos ao que os rapazes consideram um retardado mental.

— Citação *de Jornada na Noite*.

Isto, juntamente com o nome da jovem que havia desaparecido misteriosamente de Shorelands, era a maioria do que ela conseguira reter das explicações de Dick Dart.

— Absolutamente. Então, você prova que Hugo Driver roubou o manuscrito, além do valor de cinqüenta e quatro anos de *royalties*, claro que não se falando em todos os *royalties* futuros, que eram um direito dos reais herdeiros. E se você puder provar que a casa editora colaborou nesta fraude, todos os lucros que ela obteve com o livro, e mais um colossal pagamento por danos, vão para o bolo de

apostas. Além disso, há todo o dinheiro resultante de edições em idiomas estrangeiros.

As pernas de Nora pareciam de borracha, e o centro de seu corpo enviava firmes ondas de dor. Ela olhou para seu prato. Ao lado de uma porção de batatas fritas, lustrosas de gordura, um retângulo de queijo industrializado pendia do alto de um montículo de pasta esbranquiçada, sobre uma fatia de torrada.

— Assim, o velho fecha um negócio com este Fred Constantine, o advogado das velhotas. Constantine sabe que está atolado, seu escritório de advocacia em Plainfield tem pouco movimento, faz apenas alguns divórcios baratos e escrituras de imóveis. Ele está com sessenta e cinco anos, não vê o interior de um tribunal desde que saiu da faculdade de Direito. Imagine seu alívio quando, após fazê-lo mijar sangue por umas duas semanas, o grande Leland Dart sugere — sugere, compreenda — que poderia ser arranjada uma acomodação. Hurra! Se o sr. Constantine chegar a concordar com um pagamento de algo na ordem de cem mil dólares, a firma Dart, Morris de bom grado prestaria alguma assistência às pobres e logradas clientes dele que, sem dúvida, ficarão deliciadas em receber cinqüenta por cento do rendimento definitivo. Não tendo a menor noção de quanto dinheiro está em jogo, o sr. Constantine acha que está fazendo um grande negócio!

O pedaço mordido de uma batata frita permaneceu na língua de Nora, como um verme na comida. Ela o cuspiu na mão e o deixou cair no prato.

— Como é que eles podem fazer algo assim?

— Muito cuidadosamente. — Os olhos de Dart faiscavam; ele empurrou para dentro da boca os remanescentes de seu primeiro

cheeseburger e depois limpou os dedos no guardanapo. — O termo adequado? Pára-choques. Mal encerrado o negócio, você já estará em um castelo fortificado, a milhares de quilômetros de distância e, meu bem, com a ponte levadiça suspensa.

— Eu quero dizer, como eles *podem* fazer isso?

Segurando o segundo *cheeseburger* a poucos centímetros da boca, Dart desviou os olhos e deu uma risadinha contida.

— Nora-docinho, você é tão comovente! Digo isto com toda sinceridade. N'gócios são n'gócios, já lhe disse. Que nome tem o nosso sistema econômico? Não continua sendo chamado de capitalismo?

Meneando a cabeça, em zombeteira incredulidade, ele deu uma enorme dentada no *cheeseburger*. Tirinhas de alface projetaram-se da parte posterior do pão, e suco avermelhado pingou em seu prato.

Nora fechou os olhos contra uma onda de náuseas. Alden Chancel e Dick Dart pensavam da mesma forma. Esta descoberta seria divertida, caso ela tivesse capacidade para divertir-se. Leland Dart, que partilhava a filosofia moral de Alden, usava-a como justificativa para a traição que fazia a seu próprio cliente. Presumivelmente, esta filosofia moral alcançava a plenitude na alegre e lunática demolição de um *cheeseburger*, no outro lado da mesa.

Nora recordou algo ouvido no terraço em “Os Álamos”.

— Ouvi Alden dizer para Davey que seu pai podia estar jogando dos dois lados.

Dart engoliu o que mastigava.

— Os rapazes Chancel comentaram a respeito em sua presença?

— Davey estava tomando notas sobre o filme de *Jornada na Noite*, e quando perguntei a ele o motivo, respondeu que havia um certo problema com a propriedade de Driver. — A noite na sala da família parecia ter acontecido no outro lado de um enorme buraco no tempo. — Um pouco mais tarde, ele me falou de duas senhoras idosas em Massachusetts, que haviam encontrado algumas notas em seu porão.

Ela percebeu que conversava de maneira civilizada com Dick Dart em um restaurante, como se tais ocasiões fossem absolutamente normais.

— Notas sobre o filme. Que piada! As irmãs de Katherine Mannheim nunca leram o livro, é claro. Elas recordaram o filme quando encontraram as notas, mas o que eu quis realmente dizer...

— Suponho que pretenda matar as irmãs.

Nora espetou o garfo na pasta branca e transportou para a boca a porção do tamanho de uma borracha de lápis. A sensação foi de que havia pedido um mingau de atum.

— Em absoluto! As pessoas que quero matar poderiam ajudar no caso contra a Casa Chancel. Estaremos protegendo o nome de Hugo Driver, algo que me agrada fazer, porque sempre gostei dele. Não dos dois últimos, compreenda, apenas do Hugo Driver certo.

— Você gostou de *Jornada na Noite*? — perguntou ela, surpresa por Dick Dart ter apreciado algum livro.

— O meu livro favorito, e nenhum mais — respondeu ele. — Foi o único romance que cheguei a ler. Para ficar à altura das minhas velhas damas, eu precisava fingir que morria de amores por Danielle

Steel, porém aquilo era apenas trabalho. Agatha tinha uma queda por Jane Austen, de modo que folheei *Orgulho e Preconceito*. Pura perda de tempo. Nada encontrei lá, literariamente falando. Entretanto, reli *Jornada na Noite* a cada dois anos.

— Impressionante!

Nora deu outra garfada em seu atum. Removendo-se o queijo plástico e evitando o pão, aquilo afinal podia passar por comível.

— Impressionante? *Jornada na Noite* é um livro notável! Tudo nele acontece na escuridão. E quase tudo tem lugar em cavernas, subterrâneos... Todos os personagens fortes são monstros.

Era como um aguçado eco de Davey; pela milésima vez, ela ouvia um homem entusiasmado pelo livro. Ao pedir-lhe que pesquisasse o caso contra a Casa Chancel, Leland Dart explorara a única paixão convencional do filho. A percepção de que Alden Chancel fizera a mesma coisa com Davey provocou-lhe uma nova e forte onda de náuseas.

— Eu nunca o li — disse ela.

— A esposa de Davey Chancel nunca leu *Jornada na Noite*? Você mentiu para ele, não foi? Disse que o tinha lido, mas era mentira.

Nora virou a cabeça para observar os dois casais idosos, em mesas separadas, diante da janela. As enormes letras invertidas na vidraça arqueada acima deles pareciam um arco-íris vermelho.

— Sim, foi isso, você mentiu para ele. — Mais uma explosão de risadas. Dart voltou a ocupar-se do segundo *cheeseburger*. — Creio que nunca ouviu falar de um lugar chamado Shorelands.

— Hugo Driver esteve lá. E Lincoln Chancel. Em 1938.

— Muito bem! Lembra-se de quem mais estava lá naquele verão?

— Um bocado de gente com nomes engraçados.

— Austryn Fain, Bill Tidy, Creeley Monk, Merrick Favor, Georgina Weatherall. As empregadas. Um punhado de jardineiros. E Katherine Mannheim. Davey lhe contou alguma coisa sobre ela?

Nora refletiu por um instante.

— Ela era atraente. E fugiu de lá.

— Saiu andando e desapareceu.

— O que acha que aconteceu a ela?

— Suas irmãs dizem que tinha um “coração fraco”, seja lá o que isso signifique. Supunha-se que Katherine devia evitar esforços, porém ela recusava-se a ser uma inválida. Andava de bicicleta, fazia excursões. Se tivesse vivido como Emily Dickinson, poderia ainda estar viva.

— Você leu Emily Dickinson?

Dart esboçou uma careta.

— Florence leu. Uma das minhas damas. Apaixonada por Emily Dickinson. Tive que suportar falhas e mais falhas daquela coisa. Inclusive, tive que ler uma *biografia*. A cretina faz Jane Austen parecer Mickey Spillane. Fechando os olhos, ele recitou:

“Há uma certa Obliquidade de luz

Nas Tardes Invernais

Que oprime, como o Peso

Das Árias de Catedrais...

Divinamente Feridos, ela impede

Que cicatrizes se formem,
Exceto internas diferenças,
Onde os Propósitos dormem...”

Dart tornou a abrir os olhos.

— Isto nem mesmo é linguagem atual, mas um palavrório que ela própria inventou. Li página após página disso para Florence, naquele navio. Agora isso me ficou na mente, ao lado de tudo quanto já cheguei a ler.

As estrofes tinham penetrado em Nora como uma série inexorável de ondas.

— Isso é ruim demais — disse.

— Você nem faz idéia! De qualquer modo, acho que a garota Mannheim esticou as canelas e, na confusão, Driver sumiu com o manuscrito. *Jornada na Noite* foi publicado no ano seguinte e, como bem sabe, não demorou muito tempo e todas as pessoas no mundo estavam lendo o livro.

— Vi soldados que o carregavam, no Vietnã — disse Nora.

— Você esteve em Nã? Perdão, *no* Nã. Não é de admirar que tenha esse temperamento impetuoso. Por que foi para lá?

— Eu era enfermeira.

— Oh, sim, lembro-me de certa aventura envolvendo uma criança. Sim, sim, é isso mesmo.

Ela baixou os olhos para seu prato.

— Nora não demonstra excitação. Pois bem, retornemos ao nosso assunto. De maneira muitíssimo, repito, muitíssimo singular, o sr. Driver faz cessão dos próprios direitos autorais ao seu editor, em troca de um acordo, segundo o qual ele, Driver, receberá todos os

royalties devidos durante toda a sua existência e a de sua esposa. Depois disso, a totalidade dos direitos reverterá em benefício do dito editor, que concorda em remeter uma porção menor ao filho ou filhos de Driver, enquanto for ou forem vivos. Presumia-se que isto fosse um gesto de gratidão, mas não lhe parece um tanto excessivo?

— Você esteve trabalhando um bocado nisso — comentou Nora.

Agindo pela própria volição, sua mão destacou outro pedaço de atum e o levou à boca.

— Fiz montes e montes de anotações, nenhuma delas atualmente disponível, devido à interferência de nossa confusão local. Por sorte, decorei todos os pontos essenciais. Gostaria de visitar uma biblioteca durante nossa movimentada tarde e prosseguir em minha pesquisa, mas permita-me destilar a nossa missão para você. — Ele olhou para os lados, a fim de certificar-se de que a garçonete continuava sentada ao balcão. Sabe que três daqueles escrevinhadores se foram desta para melhor, não?

Ela assentiu.

— Austryn Fain. Sem esposa, sem pequeninos Fains. Creeley Monk era um perverso; logo, é evidente que não deixou para trás nenhuma viúva chorosa ou filhos passando fome. Entretanto, a sorte está do nosso lado, porque no verão de 1938 o sr. Monk partilhava a existência com um cavalheiro que continua entre nós, de fato um médico, chamado Mark Foil. O dr. Foil, abençoado seja, ainda mora em Springfield, a mesmíssima cidade onde viveu com o nosso poeta. Desejo ardentemente pensar que ele ocupa a mesma casa, juntamente com punhados e punhados de recordações de Monk. Infelizmente, não encontrei um endereço para ele, mas tão logo

cheguemos a Springfield, tenho certeza de que conseguiremos desencavá-lo.

— E depois? — perguntou Nora.

— Telefonamos para o cavalheiro. Você explica que está fazendo uma pesquisa para um livro relatando os eventos em Shorelands, no ano de 1938. Em sua opinião, os outros convidados, Creeley Monk em particular, foram injustamente eclipsados por Hugo Driver. E já que se encontra em Springfield, ficaria extremamente grata se o dr. Foil pudesse conceder-lhe uma hora de seu tempo, para falar sobre o que quer que se lembre daquele verão, ou qualquer coisa que Monk pudesse ter-lhe dito, escrito para ele ou registrado em um diário.

Mesmo em sua atual condição, acondicionada dentro de um rude e resistente envelope que, à custa de proibir-lhe qualquer espécie de ação, não lhe permitia ter sentimentos, Nora refletiu na singularidade das obsessões daquela criatura, tão intimamente semelhantes às de Davey. O que Dart lhe pedia parecia tão abstrato como os problemas de palavras cruzadas elaborados pelos dois velhos de Davey, em Rhine-beck. Ela preencheu um espaço vago com uma pergunta:

— E se Monk nunca chegou a mencionar Hugo Driver?

— É bastante improvável, mas não faz diferença. Depois que entrarmos em cena, terei de matar o velhote.

A hiena interna de Dick Dart exibiu os dentes.

— Ele nos terá visto, doçura. Se a sorte não estiver conosco, o velho vai somar dois mais dois. A próxima parada é Everett Tidy, filho de Bill. Everett mora em Amherst, é professor de inglês. Acha

que o nome Tidy em uma manchete atrairá a atenção de Foil? Temos que cobrir nossa pista.

O cheiro de fumaça de cigarro flutuou na direção deles, e Nora se virou, para ver a garçonete caminhando para a mesa de ambos.

— Vamos fazer compras e ir até a biblioteca — disse Dart — enquanto ainda podemos usar o Lincoln.

49

MAIN STREET, a Rua Principal, mas de que cidade? Dart empurrou-a para o interior de lojas de roupas femininas, dispensou as vendedoras e, de mãos dadas, arrastou-a para cima e para baixo dos corredores, vistoriando vestidos, blusas e saias. Aqui, um conjunto de linho areia, a saia na altura do joelho, o paletó sem lapelas (“Seu traje para a entrevista”, disse Dart). Na loja seguinte, comprou sapatos marrons, fechados e de salto, além de uma blusa de malha de seda creme, com mangas curtas e sem gola. Não, ela não precisaria experimentar as roupas, porque iam assentar-lhe perfeitamente. E assentaram; sem perguntar, ele sabia os números dela. Em um galpão onde alunos dos cursos de verão percorriam os corredores com volumosas sacolas às costas, Dart escolheu jeans para ambos, camisetas de modelos iguais e uma suéter de algodão azul-escuro para ela. Numa boutique minimalista, uma conferência com outra solícita vendedora resultou em seis sutiãs brancos da marca Gitano, uma dúzia de calcinhas brancas da mesma fabricação e seis pares de meias-calças, também da Gitano. Em uma loja de esquina, encontraram tênis Reebok pretos, para ambos. Duas malas de tecido preto, providas de rodinhas.

Na Farmácia da Rua Principal, efetuaram rápidas seleções sob a supervisão de um bigode louro-cinza, com óculos do arco-da-velha: tintura para cabelos L’Oreal, nas cores “preto puro” e “louro brilhante”; musse para esculpir cabelos; hidratante (da marca que ela usava, sem que Dart precisasse perguntar, mas este sendo de

“ampla proteção”); base cremosa natural para maquiagem; batom em tonalidade papoula; sombra cintilante para olhos rosa-pôr-do-sol (“brilha sem ofuscar”, disse Dart); lubrificante K-Y; máscara para os olhos; xampu e condicionador Vidal Sassoon; sabonetes neutros para banho; creme de mel perolado, para banho e chuveiro; lixa de unhas e palitos para cutículas; esmalte de unhas em suave e cremosa tonalidade, que Nora só percebeu depois que ele o jogou na cestinha de compras: uma dracma de Coco, de Chanel; um frasco de desinfetante oral sabor hortelã, para gargarejos; cortador de unhas dos pés e das mãos, tesourinha de unhas, pinça e removedor de esmalte. De trás da registradora digital, onde os números já passavam dos cem dólares, o bigode declarou:

— Já vi antes maridos que entendem de coisas femininas, mas o senhor ganha de longe.

De volta ao carro, Dart deu uma guinada à frente de uma loja de fachada arqueada, Farnsworth & Clamm, e levou Nora para um refrigerado salão, onde outro bigode caminhou sorridente para eles, por entre brilhantes vitrines com ternos pendurados.

— Sim — murmurou Dart —, tamanho 46 extralongos; este aqui, mais este, um *blazer* azul traspassado, quatro camisas azuis, quatro camisas brancas, de algodão fino e golas amplas, pescoço 43, mangas 91, oito cuecas tipo short, cintura 96, oito pares de meias pretas, todas de cano longo, uma dúzia de lenços, e escolha também algumas gravatas, por favor. Eu gostaria que quaisquer alterações fossem feitas imediatamente, se possível. Com Nora sentada em uma confortável poltrona de couro e encosto baixo, perto do espelho comprido, surgiu das profundezas da loja um diligente homem com uma fita métrica em torno do pescoço, Dart

desapareceu na sala de provas e, após um rapidíssimo momento, reapareceu vestindo um de seus ternos novos. Outra solícita figura materializou-se para levar o terno, enquanto Dart, com a mesma presteza, enfiava-se no número dois. Ele e seu reflexo exalavam vaidade. Completadas as provas, Dart ocupou outra poltrona, e o bigode surgiu com uma garrafa de vodca finlandesa, dois copos e um balde de gelo.

— Um drinque enquanto espera, senhor — disse ele.

A conta foi apresentada. Nora olhou de soslaio, e viu que Dart comprara seis mil dólares em roupas.

— Qual a biblioteca mais próxima, realmente boa? — perguntou Dart.

Ele manobrou o Lincoln para a saída perto do “Hall da Fama do Basquete”, e Nora percebeu que, fosse onde fosse que haviam estado antes, agora encontravam-se em Springfield, onde o dr. e a sra. Daniel Harwich eram senhores absolutos da Alameda Longfellow. Se ela conseguisse escapar de Dick Dart, o médico e sua esposa seriam capazes de abrigá-la em seu porão? Resposta confusa, não sabia responder. Três anos antes, uma Nora semi-radiativa que perambulava por Springfield no que imaginara ser uma visita sentimental, havia terminado em um bar, depois em um motel, com um estranho e amargo Dan Harwich, que depois lhe falara em levá-la para casa com ele. Às dez e meia da noite. A sra. Harwich do momento, Helen, que aquecera no microondas sua metade de jantar uma hora mais cedo, despachando-a com vários drinques de vodca e tônica, começara a gritar assim que eles cruzaram a porta. Nora

tentara escapular, mas Harwich a instalara em uma cadeira, presumivelmente como testemunha. E o que ela testemunhara fora um velho episódio sobre direitos conjugais. A sra. Harwich ordenara que os dois saíssem, que Dan voltasse na manhã seguinte para recolher algumas roupas e que partisse para sempre. De volta ao motel, Harwich dera risadinhas malévolas. Na manhã seguinte prometeu ligar logo para ela. Logo significou dois dias mais tarde, outro telefonema uma semana depois e um terceiro após outras duas semanas. Depois disso, ligações intermitentes, intermitentemente. Dois anos mais tarde, um comunicado de casamento, acompanhado por um cartão, que dizia: *Caso você se interesse em saber*. A nova sra. dr. Harwich tinha o sobrenome Lark, *née* Pettigrew.

— Preciso ir ao banheiro quando chegarmos à biblioteca — disse Nora.

Cortês, ele iria com ela, mas a verdade é que não podia largar sua presa.

Dart estacionou no lado da rua fronteiro a um comprido edifício de pedra assemelhando-se à Suprema Corte, tendo até uma escada de Suprema Corte. Em um amplo saguão de mármore, no segundo andar, o banheiro de senhoras estava vazio, assim como a sala de leitura. Dick Dart esgueirou-se atrás dela. Nora ocupou um cubículo, ele outro. Os dois saíram juntos, assustando uma trêmula mulher de olhos esbugalhados, cuja boca se abria e fechava como o de um efeminado, até eles desaparecerem de vista na escada.

Dart empurrou Nora, não indelicadamente, para uma cadeira diante de uma comprida mesa de madeira, sentou-se ao lado dela e abriu um gordo volume intitulado *Shorelands, o Lar do Gênio*. Ela ficou sentada ao lado dele, de vez em quando ouvindo vozes cochichadas e metálicas, como as dos insetos. Nora estava dentro do envelope, aquele envelope que excluía sentimentos, estava ótima. Dart sorriu para seu livro. Ela puxou para perto *Musas em Massachusetts*, de Quinn W. S. Dogbery, abriu-o e leu um parágrafo ao acaso.

Devido à natureza errática da personalidade artística, qualquer comunidade como Shorelands provocará escândalo. De um modo geral, a colônia de personalidades talentosas pertencente a Georgina Weatherall seguiu tranqüilamente o seu rumo, produzindo trabalho significativo década após década. Não obstante, surgiram problemas. Entre estes, figuram pessoas que qualificariam o desaparecimento da promissora poeta Katherine Mannheim como "estranho", embora o presente escritor não faça parte de seu número. Durante sua breve residência, essa jovem mantivera-se afastada da criadagem da casa e dos colegas convidados. Não pode haver dúvidas de que sua anfitriã resolvera dispensá-la. E a srta. Mannheim, que não desejava enfrentar uma expulsão humilhante, preferiu ir embora, de maneira calculada para causar um máximo de confusão.

Os verdadeiros escândalos de Shorelands, como poderíamos esperar, são muito diferentes em sua natureza.

Dart deixou dois catálogos telefônicos caírem sobre a mesa e deu alguns tapinhas nas costas de Nora.

Para Georgina Weatherall, talvez o mais angustiante fosse o desaparecimento, não de uma problemática jovem descontente, mas de uma favorita obra de arte de sua sala de refeições, um desenho do simbolista Odilon Redon, representando uma vigorosa mulher nua, com a cabeça de um falcão sobre os ombros. É evidente que o desejo de Georgina pelo desenho de Redon originava-se de seu título, idêntico ao de uma tradição central de Shorelands. As obras de arte da sala de refeições eram de uma natureza tipicamente mais tradicional. O desenho de Redon, medindo uns vinte centímetros por vinte e cinco, pendia bem no alto de uma parede cheia de obras de arte mais notáveis. Um hóspede com particular interesse por Redon foi quem primeiro notou a ausência do desenho, em 1939. Uma busca imediata pelos aposentos e chalés não deu nenhum resultado. Nos anos seguintes, Georgina Weatherall comentou inúmeras vezes com convidados que não ficaria surpresa se descobrisse que a srta. Mannheim o tivesse escondido durante a sua “escapada da meia-noite” e, embora sendo possível que o assunto jamais encontre solução, talvez não seja falta de caridade mencionar que esse desenho então possuía, como possui também agora, considerável valor monetário.

— Vamos embora daqui — disse Dart.

Aferrando o braço de Nora, ele a levou dali, para o calor e a claridade fora do edifício.

Os dois tiveram que fazer três viagens, a fim de levarem todas as sacolas e embrulhos para o hotel.

— Clark, meu velho, poderia dar-nos um momento e ajudar-nos a levar estas compras essenciais para o nosso maravilhoso quarto?

Clark passou a língua nos lábios.

— Vá lá que seja.

Inclinando-se para o aposento às suas costas, disse algo inaudível para quem quer que estivesse lá. Depois emergiu pela porta do saguão, olhou de relance para Dart e moveu-se em direção às malas. Era mais baixo do que parecia atrás do balcão de recepção, uns dez a treze centímetros além de um metro e meio.

— Eu carrego as malas — disse Dart. — Ajude minha esposa.

— Vá lá que seja.

Clark recolheu quantas sacolas pôde. Nora carregou mais três outras, deixando uma no chão. Clark ergueu os olhos para Dart, que sorriu, abriu a boca e cerrou os dentes. O rapaz olhou rapidamente para Nora e, inclinando-se, mordeu as duas alças da sacola remanescente, em seguida içando-a com um repelão.

Os três ficaram amontoados dentro do elevador.

— Estou interessado em seu uso da expressão “Vá lá que seja” — disse Dart. — Significa alguma coisa ou é meramente uma estática verbal?

O rapaz emitiu um grunhido e procurou agarrar melhor seu monte de sacolas. O suor escorria-lhe pela testa.

— É uma expressão tão rude quanto parece? Tem-se a impressão de que quem diz “Vá lá que seja” sente um certo menosprezo pela pessoa a quem é dirigida. Isso é verdade, ou eu estou sendo paranóico?

Clark abanou a cabeça.

— É um grande alívio, Clark.

O elevador chegou ao terceiro andar, e Dart os guiou corredor abaixo.

— Clark, meu velho, quer depositar essas sacolas de compra diante do armário embutido, e depois pendurar os ternos nos cabides em que vieram?

Dart fez Nora cruzar a porta. Clark inclinou-se para deixar no chão a sacola que segurava com os dentes, exalou uma trêmula respiração, e em seguida largou as sacolas de compras. Conseguiu pendurar os cabides de arame com os ternos no trilho do armário embutido, e então voltou para o corredor.

Dart trancou a porta e entrou no quarto, onde parou em frente dela, sorrindo. Nora ergueu os joelhos e encurvou as costas. Levantou os olhos, quando ele recuou um pouco. Dart escolhia um pedaço de corda.

— Terei de dizer-lhe tudo?

Ela chutou os sapatos para fora dos pés. Seus dedos, que não precisavam ouvir o que tinham de fazer, começaram a desabotoar a blusa. Dart foi ao banheiro com a sacola dos artigos adquiridos na farmácia e a deixou sobre a mesa, enquanto Nora se despia. Tirou os itens da sacola de um em um e os arranjou em cima da mesa. Quando tudo ficou satisfatoriamente alinhado, ele tirou a tesoura de seu estojo de plástico e chamou Nora ao banheiro.

— Sente-se a cavalo em cima do vaso — disse.

Nora obedeceu, tremendo, e Dick Dart ficou cantarolando para si mesmo, enquanto lhe cortava a maioria dos pêlos púbicos, jogava-os dentro do vaso e dava descarga para que desaparecessem.

— Muito bem — disse ele.

Movendo-a para trás, como um manequim, depois a fez dar meia-volta, plantou uma das mãos entre suas omoplatas e a empurrou de leve para que voltasse ao quarto. Uma vez lá, amarrou-lhe as mãos atrás das costas e tornou a amordaçá-la com fita gomada.

Nora olhou para o teto branco e sem enfeites do quarto. Dart içou o corpo para a cama.

— Desta vez não vai ser tão ruim, ouviu?

Virando a cabeça, ela o viu esgrimindo um tubo de K-Y, o lubrificante. Foi ligeiramente menos doloroso do que antes, porém horrível em todos os sentidos.

50

— MANTENHA a cabeça ereta. Terá de colaborar comigo, ou do contrário ficará parecendo um moleque de rua. — O creme de banho perfumava o ar no banheiro, e os cabelos dela, ainda molhados, pendiam lisos e colados à cabeça. Dart baixou o rosto ao lado do seu, a fim de que o espelho emoldurasse as faces de ambos. — Diga-me o que está vendo.

Nora captou uma aterrorizada versão de si mesma, com olhos atônitos, pele apergaminhada e cabelos molhados, posando ao lado de uma hiena.

— Nós dois.

— Vejo um casal de interessantes facínoras — disse a hiena no espelho. — Você precisava de mim para abrir-lhe os olhos, e eu apareci. Não foi nenhuma casualidade, foi?

— Não sei o que foi, mas...

Antes que ela pudesse acrescentar *eu desejaría que nunca tivesse acontecido*, os olhos no espelho carregaram-se com uma iluminação.

— Você costumava fazer isso com o querido maridinho, não é mesmo? Os dois juntavam as cabeças e contemplavam-se no espelho. Também sei por que agiam assim.

Ela não precisou dizer que ele estava certo; Dart já sabia.

— Por quê?

— Até agora, eu não tinha percebido o quanto você e Davey se parecem. Aposto que nisso existe uma pequena carga de

erotismo; provavelmente ajudava Davey a ter uma ereção. Como transar com quem você seria, se pertencesse ao sexo oposto. Entretanto, Davey não é o seu eu masculino. O maior risco que aquele bostinha assumiu, foi meter-se na cama com Natalie Weil — e o único motivo que o levou a isso, foi o fato de seu velho deixá-lo tão inseguro sobre a própria masculinidade, que era preciso provar que sabia usá-la.

Nora comprimiu a boca para não assentir, mas concordava que ele dizia a verdade.

— Eu é que sou o seu verdadeiro eu masculino. A única diferença é que sou mais evoluído, isto significando que, eventualmente, iremos ter uma tremenda vida sexual.

A hiena aflorou mais uma vez no rosto dele.

— Aliás, Nora, garota ingênua, você não teve um pequeno orgasmo desta vez?

— É possível — respondeu ela, imaginando que fosse o que ele queria ouvir.

Dart esbofeteou-a com tanta força, que lhe jogou a cabeça para trás. Uma enorme marca vermelha, em formato de mão, surgiu na face dela.

— Eu sei que você não gozou, e você também sabe! Raios me partam, mas quando eu fizer você gozar, no condado vizinho todos a ouvirão uivando. Merda!

Ele deu um soco na porta do banheiro, depois virou-se e apontou para o rosto dela pelo espelho.

— Eu livrei você da cadeia, comprei-lhe roupas, vou dar-lhe o melhor corte de cabelos que já teve na vida, depois disso faço-lhe o

que sua mãe devia ter feito, ensinando-lhe sobre maquiagem, e você *mente* para mim? Nora estremeceu.

— Preciso ficar recordando como são as mulheres. Pouco importa o que um homem faça por elas, sempre o apunhalam pelas costas na primeira oportunidade!

— Eu não devia ter mentido — disse ela.

— Esqueça. Apenas não minta mais para mim, a menos que queira segurar suas tripas com as mãos. — Ele enxugou o rosto com uma toalha e depois a ajeitou sobre os ombros dela. — Pare de tremer.

Nora tinha os olhos fechados e, em algum mundo onde os demônios não existiam, sentiu um pente passando através de seus cabelos.

— No todo, vão ficar uns três a cinco centímetros mais curtos, porém o aspecto será totalmente diferente. Por falar nisso, corto cabelos muito melhor do que o último sujeito que fez isso em sua cabeça. Além do mais, sei como deve ser a sua aparência, ao passo que você não faz a mais remota idéia. É pena termos de transformá-la em loura, porém isso também ficará legal, acredite. Você parecerá ter dez anos menos.

Ele posicionou-lhe a cabeça e começou a cortar, em movimentos breves e precisos da tesoura. Cabelos escuros caíram sobre a toalha e deslizaram para os seios dela.

— Fique imóvel — disse. — Depois limpo os fios aderidos à pele. — Pequenos chumaços de cabelos pousaram nos antebraços dela, em seu estômago e costas. Dart cantarolava “Serão feitas algumas mudanças”. — Bons cabelos — comentou. — Têm corpo, são cheios e bastos.

Ela abriu os olhos e contemplou exatamente o que ele havia prometido, o melhor corte de sua vida. Era pena ter os cabelos cortados com tanta perícia, agora que se tornara um cadáver sendo preparado para o ataúde. As mãos dele voaram por sua cabeça, afofando e cortando.

— Posso afirmar que ficou excelente! — Dart arrancou a toalha de sobre os ombros dela, depois escovou os fios caídos no corpo. — E então?

Nora pegou a toalha e a enrolou em torno do busto. Dart deu-lhe um sorriso através do espelho. Ela correu os dedos por entre os cabelos curtos e fofos, depois viu como caíam perfeitamente de volta ao lugar. Além da marca vermelha em sua face, já desbotando, o único problema com a mulher no espelho era que, sob a cobertura de cabelos belamente cortados, seu rosto estava morto.

Dart abriu a caixa da tintura para cabelos e retirou um pequeno frasco branco de plástico, provido de bocal, e um cilindro com líquido de cor âmbar.

— Você não ficará tão loura como na ilustração, mas será uma loura, de qualquer modo.

Ele introduziu as mãos nas luvas de plástico transparente que se achavam no lado interno da folha de instruções. Após despejar o líquido ambarino, Dart agitou o frasco.

— Incline-se para frente. — Ela agachou-se sobre a pia e Dart esguichou o líquido dourado em seus cabelos, começando então a massageá-los com os dedos. — Isto vai durar vinte e cinco minutos. — Ele consultou o relógio. — Sente-se aqui, a fim de que eu possa usar o espelho.

Nora puxou a cadeira em frente do corpo, ao recuar para perto do vaso sanitário. Dart abaixou-se para frente e começou a cortar os próprios cabelos. Atrás da cabeça fez um trabalho melhor do que Nora esperava, perdendo apenas algumas seções onde os cabelos compridos abriam-se em leque sobre os restantes.

— Como ficou?

— Muito bom.

— Atrás da cabeça?

— Muito bom também. Ele resfolegou.

— Isso está me soando a exagero — disse. Abrindo a caixa da tintura para cabelos pretos, misturou os ingredientes. — Como vou ter de fechar os olhos, quero que você ponha sua mão em mim. Se afastá-la, arrebento sua cabeça na borda da banheira.

— Quer que eu ponha a mão onde?

— Agarre o que você quiser.

Inclinando o corpo para diante, e estremeando de repulsa, ela pousou a mão sobre o quadril dele. Dart espremeu o fluido em seus cabelos.

— Eu gostaria de ser mulher, para poder fazer isso por mim mesmo. Sem ser desta maneira, quero dizer.

— Você gostaria de ser mulher — disse Nora.

Ele parou de massagear a mistura nos cabelos.

— Não foi isso que falei.

Os braços de Nora ficaram arrepiados.

— Eu não falei que queria ser mulher. Não foi o que eu disse.

— Não, não foi.

A violência congelou-se no corpo volumoso de Dart e saltou no ar. Baixando as mãos, ele se virou para encará-la.

— Eu quis dizer que apreciaria ter estas coisas feitas em mim por mim próprio. As mulheres que recebem meu tratamento especial são pessoas de *incrível* sorte. Acho que seria gostoso ser paparicado, da maneira como eu a papariqueei. Há algo de estranho nisso?

— Não — respondeu ela.

Dart virou-se novamente para a pia e lançou para ela um olhar candente. Nora tornou a colocar a mão no quadril dele.

— Você está presa a convençõezinhas de merda, que inibem cabeças de melão como seu marido. A verdade é que existem duas espécies de pessoas: cordeiros e lobos. Se alguém devia compreender esse ponto, esse alguém é você.

Ele tirou as luvas manchadas de tintura.

— Ponto final. — Nora baixou a mão e olhou para a porta. — Negativo. Nós vamos ficar aqui. Sente-se na beirada da banheira.

Nora obedeceu. Dart franziu o cenho, jogou as luvas na cesta, examinou-se ao espelho e depois sentou-se no vaso.

— Temos algum tempo para matar. Pergunte-me alguma coisa, e faça com que não seja uma pergunta demasiado idiota.

Ela tentou imaginar algo que não o enfurecesse.

— Eu gostaria de saber por que você mora no Harbor Arms.

Dart ergueu o dedo, como um ponto de exclamação.

— Muito boa! Em primeiro lugar, porque meus pais nunca irão lá. O lugar deixa os dois com urticária. Em segundo, porque lá ninguém está dando a mínima para o que a gente faz.

Durante quinze minutos, ele descreveu as vantagens de morar em um lugar onde os colegas residentes de bom grado forneciam drogas, sexo e mexericos — os membros do Iate Clube presumiam

universalmente que seus garçons e ajudantes de garçom — os confidentes de Dart — preferiam não ouvir suas conversas privadas.

Se estivesse viva, pensou Nora, a maioria do que poderia sentir sobre este homem fútil, destrutivo e convencido, seria desprezo. Então percebeu que o que agora sentia era desprezo. Afinal de contas, talvez não estivesse totalmente morta.

— De qualquer modo — disse Dart — é hora de lavar seu cabelo, remover essa mistura e passar o condicionador.

— Eu gostaria de fazer isso eu mesma.

Ele ergueu as mãos.

— Ótimo! Use um pouco de água quente, ensaboe e lave. Pegue aquele tubo que está no lado da pia e massageie todo o conteúdo em seus cabelos. Depois de dois minutos, enxaguaremos para retirar o creme.

Nora massageou os cabelos com os dedos, até surgir uma capa de espuma branca. Em seguida, baixando a cabeça sob a torneira, enxaguou os cabelos para remover a tintura.

— Admirável! — exclamou Dart.

Nora ergueu a cabeça.

Uma ensopada loura de dezesseis anos a encarava do outro lado do espelho. Os cabelos curtos e molhados, apenas levemente mais escuros do que os de Natalie Weil, jaziam colados em sua cabeça.

— Não pensei que fosse ficar *tão* bom — disse Dart. — Não esqueça o condicionador.

Nora desviou os olhos da imagem da jovem ensopada e desenroscou a tampa. Então tornou a encarar a jovem estranha e espremeu o conteúdo do tubo do alto de sua cabeça, em uma

comprida e tortuosa linha. Juntas, ela e a jovem fizeram os dedos trabalharem através de seus cabelos.

— Agora é a minha vez. — Em pouco, um Dick Dart de cabelos negros sorria para a própria imagem no espelho. — Eu devia ter feito isto há anos atrás. Não acha que fico formidável?

Um gorduroso capacete, negro como asa de corvo, achatava-se sobre a cabeça dele. Como penas soltas, mechas aderiam-lhe às têmporas e testa.

— Sim, fica formidável — disse ela.

Ele apontou para a pia, e Nora aproximou-se, a fim de enxaguar o condicionador.

— Muito bem, a etapa seguinte. — Dart empurrou-a para o quarto e a fez sentar-se à mesa. — Preste atenção ao que estou fazendo, para que mais tarde possa fazer o mesmo sozinha. — Abrindo um estojo provido de espelho, ele o passou para ela. Depois aplicou uma pequena dose de base cremosa nos málares e a espalhou com pancadinhas pelas faces abaixo, usou máscara nos cílios e batom nos lábios. — Quando terminarmos, quero que você limpe suas unhas, remova as cutículas e passe aquele esmalte. Imagino que já *deva ter feito* isso antes, não?

— Claro que já fiz — respondeu ela, mas sem conseguir recordar a última vez em que se dedicara a essa tarefa.

— Um último toque — disse Dart, colocando na palma um pouquinho da musse para esculpir, do tamanho de uma moeda de dez centavos. Em pé atrás dela, começou a massagear-lhe o couro cabeludo. Depois penteou, ajeitou, penteou e afofou-lhe os cabelos. — Estou impressionado. Vá até o banheiro e dê uma espiada.

Nora enfiou-se em sua camisa azul.

— Você não vai acreditar.

Nora postou-se diante do espelho e ergueu os olhos. Uma mulher, apenas começando a entrar em sua real maturidade — a segunda — uma mulher que devia ter estado vendendo xampu caro em comerciais de televisão, devolveu o seu olhar. Sua brilhante cabeleira de garota havia sido modelada em ondas e picos caprichosos. Ela possuía pele perfeita, uma boca atraente e olhos alongados, admiráveis. Ela era o que as criaturas de vinte e poucos anos, com cabelos duros de laquê e que se alimentavam com água mineral do supermercado Waldbaum's queriam ser quando crescessem. Por algum motivo, esta mulher usava a camisa azul predileta de Nora.

Afastando o rosto uns dez centímetros do espelho, Nora percebeu que, espreitando por sob a máscara da mulher loura, estava ela própria. Então, recuando, desapareceu debaixo da máscara. Um urro de raiva partiu do quarto.

Dick Dart estava sentado à mesa com o jornal que apanhara no andar de baixo. O frasco de base cremosa permanecia aberto na metade inferior do jornal e ele sacudia o pincel para um artigo, sujando o papel com salpicos cor de pele.

— Sabe o que estes idiotas estão dizendo? — Dart virou para ela um rosto originado de um truque fotográfico, sua metade esquerda refinada em uma versão mais jovem e desenrugada que a direita. — Eu devia processar os filhos da mãe!

Nora passou pela fileira de sacolas de compras, diante do armário embutido.

— O que há de errado?

— O *Times*, eis o que há de errado. Eles publicaram tudo atrapalhado, confundindo as coisas em todos os sentidos possíveis.

Ela sentou-se na cama.

— Sabe o que você é, segundo este pasquim? Uma *socialite*. Se você é uma *socialite*, então eu sou a rainha de Sabá. “Para proteger sua fuga, Dart apoderou-se de uma refém, a *socialite* de Westerholm Nora Chancel, 49, esposa de David Chancel, editor-executivo na Casa Chancel e filho do atual presidente e membro do conselho da prestigiada companhia editora, Alden Chancel. Nem David ou Alden Chancel puderam ser encontrados para falar a respeito.”

Dart leu a notícia com um rosnado e sarcástico sorriso que fazia cada palavra parecer uma despropositada mentira. Nora nada disse.

— A acreditar-se neste artigo, o único criminoso em Westerholm sou eu; e pode imaginar o que dizem que sou? Vamos, pegue, dê uma olhada.

— Um assassino?

— Um *serial killer*! Serão eles tão desprovidos de cérebro, que não enxergam a diferença entre Dick Dart e algum psicopata que vagueia por aí, matando gente ao acaso? — A indignação deixava avermelhado o lado do rosto onde ele ainda não aplicara a base. — Insultam-me em letra de fôrma!

— Em realidade, eu não...

Dart apontou para ela o aplicador de base como uma faca.

— Assassinos que matam em série, esses *serial killers*, são o rebotalho! O próprio Ted Bundy era um nada, vindo de uma família de ninguéns totalmente insignificantes, em nenhures de Seattle!

Ele respirava com dificuldade.

— Eu entendo — disse Nora.

— De que adianta fazer-se alguma coisa se eles vão deturpar tudo? E o que dizer-se do crédito, quando este é devido?

Ela assentiu.

— Aqui vai mais uma mentira. Eles dizem que sou um *serial killer acusado*. Perdoe-me, mas quando foi que isso aconteceu? Fui levado ao posto policial por causa das alegações de uma prostituta bêbada, fiquei cerca de doze horas com Leo Morris, e durante todo esse tempo, quando é que fui acusado? Francamente, isto é um libelo!

Nora permaneceu de olhos fixos nele.

— A gente trabalha como louco, vive em constante perigo, faz coisas que o cretino comum jamais sonharia fazer, e eles saem por aí dizendo estas *mentiras* a nosso respeito. Isto me deixa *louco da vida!*

— Eles têm alguma idéia de onde estamos? E quanto ao carro?

— No referente a isso, aqui diz que o fugitivo e sua refém... muito boa esta... refém!, fugiram no carro da refém, o qual mais tarde foi encontrado no pátio de estacionamento de um restaurante parador, na I-95. Provavelmente também sabem sobre o Lincoln desse velhote filho da puta. Enfim, esta noite eu pretendia mesmo arranjar um outro carro... — Ele tornou a pegar o frasco da base de maquiagem e jogou o jornal para ela. — *Serial killer!* Era só o que faltava!

Ela sentou-se sobre as pernas cruzadas.

— O que você vai fazer?

Dart mergulhou o aplicador no frasco de base de maquiagem, ajeitou o espelho à sua frente, e começou a trabalhar no lado direito do rosto.

— Vamos vestir nossas roupas novas e fazer as malas. Amanhã cedo aguardaremos a chegada de um viajante cansado, matamos o cara e ficamos com seu carro. Iremos para outro motel. Em algum momento antes do meio-dia de amanhã, localizaremos o dr. Foil. Depois disso, viajaremos para Northampton e faremos uma visita a Everett Tidy, filho do pobre Bill.

Ele recolocou a tampa no frasco e ofereceu o rosto para inspeção.

— O que você acha?

Do pescoço para cima, ele era um homem diferente e mais jovem, que poderia passar por um médico. As enfermeiras flertariam com ele e fariam mexericos a seu respeito.

— Notável — disse ela.

Ele estendeu a mão sobre a mesa, a fim de apanhar a corda e a fita isolante.

51

NORA RETORNOU ao seu corpo. Talvez seu corpo é que tivesse retornado a ela. O processo era incerto. Vinda de uma paragem indefinida, ela caíra em uma cama úmida, já ocupada por um grande corpo de homem que suava exalações alcoólicas. Também o corpo dela estava suado.

Querendo enxugar a testa, ergueu uma mão que formigava, mas o movimento foi interrompido bruscamente antes que pudesse atingir o rosto, contido pela apertada pressão em torno de seu pulso. Ao examiná-lo, viu que uma corda o prendia. A corda estendia-se por baixo do corpo inerte do homem, a quem Nora recordava como a pessoa que lhe amarrara os pulsos juntos, enquanto ela percorria o interior de uma nuvem após outra. Agora estava de volta a Dick Dart e sentindo o segundo “fogacho” de sua vida. Uma interessante mistura de demônios, em excelente bom humor, acocorava-se ao redor da cama, rindo à socapa e cochichando em suas vozes rápidas como disparos de metralhadora.

Um homem, quase indistinto na penumbra do quarto, cruzou as pernas, dos tornozelos ao joelho, em uma poltrona perto da janela. Nora olhou mais atentamente para ele e viu que seu pai encontrara um meio de juntar-se a ela, neste mundo inferior.

Papai, disse para ele.

Em que bela enrascada você se meteu, respondeu seu pai. Parece-me que você poderia usar um pequeno conselho de seu velho, neste exato momento.

Não o acorde! Você está falando muito alto!

Ora, este palhaço não pode ouvir o que digo. Bebeu demais daquela garrafa de vodca, lembra-se? Ele vai ficar fora deste mundo por algum tempo. Entretanto, mesmo que estivesse absolutamente sóbrio, ele não conseguiria ouvir nenhum de nós dois.

Sinto a sua falta.

É por isso que estou aqui.

Nora começou a chorar.

Eu preciso de você...

Meu bem, a pessoa de quem você precisa é Nora. Você ficou perdida, e agora necessita encontrar-se novamente.

Nem mesmo continuo tendo um eu. Estou morta.

Ouçá-me, queridinha. Esse monte de esterco de cavalo fez a você a pior coisa que poderia imaginar, porque quer derrotá-la. Entretanto, isso não vai funcionar, não em toda a linha. Esqueça esse negócio de que está morta. Se estivesse morta, não poderia estar agora falando comigo.

Por que não? Você também já morreu.

Acabar com você não é tão fácil como Dick Dart pensa. Você vai dar a volta por cima, mas, para tanto, tem que viver estes momentos. É difícil, e eu desejava que não precisasse ser assim, mas, às vezes, somos forçados a engolir uma pílula por demais amarga.

A forma de frente para ela na cadeira, com um tornozelo pousado sobre o joelho contrário, aos poucos fora ficando mais visível na escuridão, e agora Nora podia perceber sua camisa quadriculada, aberta sobre a alvura de uma camiseta branca, as verticais tiras vermelhas de seus suspensórios, as botas de trabalho.

Os cabelos brancos de seu pai, cortados bem rentes, brilhavam. Ela demorou na contemplação daquele rosto tão amado e familiar, dos olhos claros com os cantos cercados de rugas fundas e da testa riscada por uma profusão de linhas. Ali estava Matt Curlew, seu pai forte, capaz e firme, também contemplando-a com uma mescla de ternura e autoridade, que penetravam fundo no coração dela.

É mais do que posso suportar, disse Nora.

Você suportará. Tem de suportar.

Eu não posso.

Ele dobrou as mãos entrelaçadas no alto da perna erguida, e inclinou-se para frente.

Está bem. Talvez eu possa, mas não quero.

É claro que não quer. Ninguém quer atravessar situações penosas. Certas pessoas nem mesmo enfrentam um transe semelhante. A gente poderia dizer que são criaturas de muita sorte, mas a verdade é que elas nunca tiveram a oportunidade de deixar de ser ignorantes. Você sabe o que é o espírito, Nora? Um espírito de verdade? Um espírito real é algo que forjamos caminhando através do fogo — continuando a caminhar e recordando a sensação que isso produziu.

Não sou forte o bastante.

Desta vez você tem que agir corretamente. Na última, ficou tão ferida quanto agora porque fechou os olhos, fingindo que não tinha acontecido. Dentro de você há um monte de portas que fechou há muito e muito tempo. O que tem de fazer é abrir essas portas.

Não compreendo.

Apenas procure lembrar. Comece com isto: lembra-se de um verão, quando tinha nove ou dez anos, e eu lhe ensinei a dar todos

esses nós? Lembra-se de ter feito o nó meia-volta? O nó de correr?

Dar nós quando ela estava com dez anos de idade? A Nora presente jamais tivera dez anos.

Você estava sentada naquele cepo, no pátio dos fundos, o pedaço de tronco daquele carvalho que tombou durante uma pavorosa tempestade.

Então, ela se lembrou: a lisa superfície branca do cepo, seu eu moleque brincando com um pedaço de corda que desencavara da garagem, seu pai aproximando-se para perguntar-lhe se queria aprender a fazer alguns nós curiosos. Depois o prazer de descobrir como uma série de laçadas, parecendo feitas ao acaso, reduzia-se magicamente a um padrão. Ela o tinha amofinado durante semanas, exibira-se na mesa da cozinha e impressionara vários garotos, absorvida por um daqueles fascínios infantis que duram uma temporada, em seguida desaparecendo para sempre.

Lembro-me agora.

Qual deles era o melhor? Você o usava para prender Lobo.

O praga de feiticeira?

O sujeito que o ensinou para mim dava-lhe o nome de dor de cabeça de feiticeira. Provavelmente tem uma dúzia de nomes. Se você o faz direito, ninguém que desconheça o truque conseguirá desatá-lo. Pelo que posso ver, seu amigo Dick Dart tentou colocar um "dor de cabeça de feiticeira" em seu pulso, mas ele não entende tanto de nós quanto entende de cosméticos.

Nora baixou os olhos para a complicação em seu pulso, tão sólida quanto um bracelete e tão intrincada quanto um labirinto. Algo sobre o padrão estava incorreto.

Você pode livrar-se dessa geringonça em dois segundos. Entendeu agora?

Nora forçou aqui e ali com a mão livre, afrouxando suavemente a teia, depois puxou devagar a ponta da corda oculta sob uma parte da mesma. Desenrolando-a do pulso, passou-a por baixo de outra espessura de corda. O nó se desfez em uma série de laçadas, através das quais ela pôde deslizar a mão com facilidade.

Agora, dê o nó outra vez, com aquele erro idiota onde ele deixou de fazer a obstrução.

Oh, mas eu posso fugir!

Você ainda não acabou, meu bem. Terá de ficar com este animal por algum tempo, para então ser capaz de cumprir o que tem de fazer.

Não sei do que você está falando!

Eu desejaria garantir-lhe que tudo terminará como deveria, mas pode alguém chegar a prometer isso? Não se preocupe com o nó — eu mesmo o darei e também esquecerei de fazer a obstrução.

Suponho que você ache isto fácil.

Nada sobre isto é fácil. Continue enfrentando a situação até o fim, meu bem. Desta vez você a atravessará de cabo a rabo.

Nora espiou a corda rodear seu pulso duas vezes, criar uma laçada, enrolar-se, passar por sob um fio e, através da laçada, omitir o nó essencial e enfiar-se dentro da teia. Quando ergueu os olhos, seu pai disse:

Eu a amo, Raio de Sol. Você é um diabo de garota!

Ajude-me, pediu ela, mas a poltrona estava vazia.

52

UMA DÉBIL claridade cinzenta tocou a borda das cortinas. Da última vez que olhara para elas, Nora tinha visto escuridão, por isso havia dormido. Dart planejara um dia movimentado e, supostamente, ela devia pará-lo. Era impossível parar Dick Dart. Uma espessa membrana de borracha transparente a circundava, roubando-lhe a vontade, tirando-lhe o poder de agir. Dentro da membrana, ela podia apenas seguir ordens e emitir comentários ocasionais. Matt Curlew aparecera-lhe em um sonho e mostrara que Dart não sabia dar o nó dor de cabeça de feiticeira, porém ele ignorava tudo sobre a membrana.

Dart jazia deitado de lado, as costas viradas para ela. Experimentalmente, Nora pôs a mão em seu ombro. Ele se virou para fitá-la, os olhos injetados reluzindo.

— Hoje temos que começar cedo. Conseguiu dormir? — perguntou ele, com um hálito cheirando a pneus queimados.

— Acho que um pouco.

Sentando-se na cama, ele lhe puxou o pulso sobre sua própria coxa larga.

— Não creio que você tenha feito algum esforço para desatar este nó, enquanto eu dormia.

— Apenas toquei nele, mais nada.

— Oh, Nora, você me excita! — Ele deu uma risadinha casquinada. — No caso deste nó, quando a pessoa tenta desfazê-lo, consegue somente apertá-lo mais. Chama-se enigma do demônio.

Veja isto. — Ele puxou um fio, passou-o por baixo de outro, e o nó dissolveu-se. — São necessárias duas mãos para fazê-lo funcionar. Se você tentar, interromperá a maior parte da circulação do sangue para sua mão.

Isso *se você der o nó direito*, pensou ela. Dentro de sua bolha, Nora deu um sorriso fantasmagórico. Dart consultou seu relógio.

— A primeira coisa que quero que você faça é guardar tudo em sua mala, deixando de fora uma das camisetas e jeans novos. Tenho de arrumar seu rosto e seus cabelos. Depois, ficaremos de olhos grudados no pátio do estacionamento. — Ele lhe deu um tapinha na face. — Se quer saber, melhorei sua aparência em cem por cento. Não concorda? Não vai admitir que seu salvador de Durance Vile é um gênio?

— Você é um gênio — disse Nora.

Dart saltou da calma e girou sobre os calcanhares.

— Eu sou um gênio, nasci gênio, sempre serei um gênio e jamais fiz algo errado! Senhoras e senhores, aplausos para o homem que pode ser considerado o único de uma espécie, o maior, o maestro, sr. RIIICH-ARD *DART*.

Ele fez um gesto para Nora, que bateu palmas duas vezes.

— Mova sua bela bundinha para o banheiro e escove os dentes. Esvazie os intestinos. Saboreie um prolongado xixi. Enquanto eu estiver fazendo o mesmo, vá pondo seus troços na mala. Não temos tempo a perder.

Nora havia dobrado e colocado todas as roupas novas na mala, depois enfiou os pacotes de sabonetes e o creme para banho nas

laterais, seguidos pelo líquido para gargarejo, e começou a colocar em cima da pilha todo o equipamento de maquiagem e cuidados de beleza. Após emalar suas roupas duas vezes melhor e na metade do tempo, Dart parou de admirar-se ao espelho, e veio checar o progresso dela.

— Sua mãe nunca lhe ensinou *nada*? Você não pode colocar essas coisas em sua mala, pelo amor de Deus!

— E onde quer que as coloque?

Ele lhe piscou um olho.

— Surpresinha! — exclamou. Abriu a porta do armário, tirou da prateleira uma sacola de couro preto, com fecho dourado, e dançou na direção de Nora. — Gucci, como pode observar. Como prêmio por sua valiosa ajuda.

— Eu não o vi comprar essa sacola.

— Aproveitei-me da confiante desatenção das vendedoras, em nossa segunda parada. Coube direitinho na sacola do primeiro empório.

Nora enfiou os frascos, estojos e embalagens dentro da sacola, depois pressionou o fecho dourado.

— Vamos encontrar nossa vítima — disse Dart.

53

— MUITA GENTE pensa que os viajantes comerciais morreram com Willy Loman, mas o mundo está cheio de sujeitos com os bancos traseiros dos carros entupidos de caixas de amostras e catálogos. Eles viajam por estes imensos territórios, dois ou três estados, o nordeste inteiro. Seguem dirigindo sem parar até Detroit, e pernoitam em espeluncas como esta, cansados demais para brigar.

Em pé no balcão, a pequena distância de Dart, Nora esfregou os braços nus. A condensação cintilava sobre os carros vazios abaixo deles, e as janelas do restaurante Cozinha Caseira estavam às escuras. Os faróis dianteiros de um sedã verde-escuro, na lateral do pátio, brilharam sobre uma jardineira de cimento onde gerânios murchavam em um tapete de tocos de cigarro.

— A bateria do idiota vai morrer antes dele tirar seu traseiro da cama — comentou Dart. — Certas pessoas não deviam ter o direito de dirigir um carro.

— Tem certeza de que alguém vai entrar no pátio?

— A palavra de Dick Dart é a sua carta de fiança — declarou ele, em voz bombástica. — Quando Dick Dart lhe diz uma coisa, você pode levar a maldita carta de fiança ao maldito banco!

Um carro guinou para a saída.

— Eu não disse? — Dart puxou-a para dentro do quarto e examinou o carro, que passou diante da entrada e rumou para o pátio. — Um pão-duro procurando um lugar onde o pernoite custe menos cinco pratas. — Então largou o braço de Nora e tornou a

chegar ao balcão. — Vamos ver um pouco de ação por aqui, pessoal. Não temos o dia inteiro à nossa disposição!

Enfiando as mãos nos bolsos, Dart empertigou-se nas plantas dos pés. Seus dedos tamborilaram na borda do balcão.

— Ainda não pude digerir aquela história de *serial killer*. — Durante um ou dois minutos, ele andou de um lado para outro no estreito balcão. — Vamos levar nossas malas para baixo.

Nora carregou sua mala em uma das mãos e, com o outro braço engalfinhado sobre o peito, as sacolas da loja de ferragens e de bebidas. Jogada sobre estas estava a volumosa sacola com o terno de Dart.

Carregando seus pertences, eles passaram por uma mesa-secretária vazia.

— Neste país não sobrou qualquer concepção sobre prestação de serviços. Estamos virando uma *Nigéria*.

Ele ficou entalado na porta giratória, praguejou, fez com que ela tornasse a girar e desapareceu de vista, deixando Nora resolver o problema da porta giratória por si mesma. Ela precisou dar a volta duas vezes, antes de levar tudo para fora do prédio. Naquele momento, podia ter corrido pelo interior do hotel e escapado, porém a pessoa que era agora não podia fazer tal coisa, pois já havia sido punida em demasia, e a membrana transparente a protegia de castigos posteriores.

Dart estava parado debaixo da marquise.

— Venha para cá, pois um daqueles idiotas pode realmente *dignar-se* a fazer seu trabalho naquela mesa. — Tirando as chaves do bolso do paletó, ele as mostrou na palma da mão. — Estas coisas custam algumas moedas, mas afinal eles apenas trabalham aqui, o

dinheiro não lhes pertence. — Após falar, jogou as chaves na jardineira cimentada. — Presume-se que essa coisa deva acrescentar alguma beleza ao local, mas, no entanto, o que fazem as pessoas? Transformam-na em cinzeiro. Antes de mais nada, elas *fumam*, como se jamais alguém lhes dissesse que estão começando um câncer do pulmão, e depois jogam seus tocos de cigarro dentro de uma jardineira. Qualquer um pode parar de fumar. Eu costumava fumar quatro maços por dia, e parei. O que foi feito do autocontrole? Oh, foda-se o autocontrole — o que foi feito da consideração pelos outros?

Nora espiava acelerados contornos escuros rodando na auto-estrada contra o céu que clareava.

— Será que nenhuma ética restou neste país?

Nora olhou para o carro com as luzes acesas, e percebeu uma forma atrás do volante.

— Vamos, Nora. Não posso fazer tudo sozinho. Mova-se, cruze os dedos, gire a chave, faça qualquer droga que for preciso!

— Não vou fazer nada.

— Vai fazer, sim... — Dart parou de falar e olhou para ela, pestanejando rapidamente. — Se aquele otário deixou as luzes ligadas, talvez tenha deixado também as chaves no carro.

Ele se afastou da marquise, inclinou-se para espiar dentro do carro e correu para lá, tirando o revólver do bolso do paletó.

Nora apertou a pesada sacola do terno contra os olhos e esperou ouvir a explosão. Os sapatos de Dart batiam no asfalto, e finalmente pararam. Ela ouviu-lhe a risada estentórea e obscena.

Baixou as sacolas. Dart soprava-lhe um beijo, parado junto à porta aberta do carro.

— Maldita seja, Nora, você merece um prêmio!

Ela caminhou para o carro.

— Veja só!

Dando um passo para o lado, Dart revelou um obeso corpo de homem curvado atrás do volante. Uma gravata amarela havia sido puxada para um lado, e os primeiros quatro botões da camisa tinham sido arrancados.

— Ataque do coração, não é o que lhe parece?

— Essa é a impressão que dá — respondeu Nora.

— Nosso amigo Monte de Banha, com vinte e cinco quilos extras e o interior de seu carro fedendo a cigarro. — Ele tocou a bochecha flácida do cadáver. — Este saco de bosta estacionou aqui talvez um minuto antes de chegarmos ao balcão, desligou o motor e caiu morto, sem ao menos conseguir apagar os faróis. Estava aqui o tempo todo! Deixe essas coisas no chão e venha ajudar.

Dart ficou de joelhos no banco do passageiro, passou os braços em torno do peito do morto e o puxou em sua direção. Nora inclinou-se para empurrá-lo. Suas mãos enterraram-se no corpo macio.

— Por Deus, Nora, você já lidou com corpos mortos antes. Não pode me falhar agora!

Nora encostou o ombro no lado do morto.

— Empurre!

O corpo tombou no banco do passageiro. Dart jogou as chaves por cima do teto do carro.

— Ponha as sacolas no porta-malas!

Obediente, ela abriu o porta-malas e depositou a sacola do terno sobre caixas e embalagens de papelão. Depois entrou no

banco traseiro e Dart deu à ré, freou, em seguida rodando para a frente do hotel. A cabeça do morto bambeava para os lados. Eles acomodaram o resto das sacolas no porta-malas e no banco traseiro. Com as facas entre seus pés, Dart dirigiu o carro para a saída, dando risadinhas contidas. Então, freou e inclinou-se para o cadáver. Retirou uma carteira do paletó do homem.

— Quero checar esses cartões comerciais. Empreendimentos Hora do Recreio, Boston. Artigos Sopa de Quiabo, Boston. Satisfação Garantida, Waltham. Que lugares são esses? Artigos Quentes, Providence. Salão Só para Adultos. — Dart começou a rir. — O gorducho vende brinquedos sexuais! Que preciosidade! Vejamos qual é o seu nome.

Dart ergueu uma licença exibindo a fotografia de um rosto rechonchudo, com bochechas distendidas e olhos muito juntos.

— Temos o prazer de estar na companhia do sr. Sheldon Dolkis. O sr. Dolkis tem, vejamos, quarenta e quatro anos de idade, pesa cento e doze quilos e meio, mede um e setenta e dois de altura. Alega possuir olhos cor de avelã e declara-se doador de órgãos. Acho que providenciaremos a respeito. — Dart apertou a mão direita do cadáver. — Muito prazer em conhecê-lo, Shelley. Vamos esbaldar-nos!

Ele dirigiu para as pistas da auto-estrada na direção sul.

— Agora queremos um motel dirigido por mamãe e papai, exalando a requintada fragrância dos dois Normans: o Rockwell e o Bates. Uma salinha de recepção andrajosa e uma fieira de cabanas deprimentes.

— Por que queremos isso?

— Não podemos deixar nosso novo amigo no carro, justamente agora, podemos? Shelley faz parte de nossa família.

— Você pretende *conservá-lo*?

— Vou fazer muito mais do que isso — respondeu Dart.

54

— SPRINGFIELD é um lugar delicioso — disse Dart. — Agora, preste atenção, Shelley. Até um pé-rapado como você deve ter ouvido falar no rifle Springfield, mas sua educação abrangeu o Garand? Foi uma arma formidável para a sua época. Durante duzentos anos, esses dois rifles foram fabricados em Springfield. Talvez seja a única cidade da América possuindo um museu de armas. Pois bem, *existe* um museu que vale a pena ser visitado. Claro que também há esse Hall da Fama do Basquete, caso você acredite nisso. Tem-se que jogar uma migalha aos caipiras de vez em quando.

“Estava tudo legal com o basquete quando ainda era jogado por brancos, mas veja só o que aconteceu. Surgiram casos glandulares de crescimento excessivo, e agora tudo não passa de exibicionismo. Esportividade? Esqueça! Não há esportividade no gueto, e o basquete é somente o gueto com polpudos cheques de pagamento. Tudo fazendo parte do declínio da moralidade pública. Meu pai, por exemplo, você acha que ele se importa com quem de fato escreveu *Jornada na Noite*? A idéia dele sobre boa literatura é um exemplar do *Advogado Americano* com sua fotografia na capa. Você devia ver o que acontece na firma Dart, Morris. Os itens falsos, os vôos do Concorde são coisas que debitamos ao cliente. O que me irrita é o fato deles não verem o humor desta coisa; esvaziam duas garrafas de Dom Pérignon e entopem-se de caviar no que dizem ser uma conferência, cobram do cliente quinhentas pratas pelo jantar e nem mesmo acham isso engraçado! Não é de surpreender que as

peessoas odeiem advogados. Comparado aos outros caras, sou um modelo de perfeição. Cuido das minhas damas idosas. Se cobrar delas o almoço é porque durante esse almoço falamos de negócios. Entenda, com elas nem tudo é Danielle Steel e Emily Dickinson.

Tinham estado rodando a esmo pela periferia de Springfield, com Dart perscrutando os dois lados das ruas em busca de um motel, enquanto falava.

— Veja o nosso amigo Shelley Dolkis, aqui ao lado. Fazia a entrega de pênis artificiais e bonecas infláveis a indivíduos delicados demais para terem sexo com outras pessoas. Até mesmo a indústria do sexo tem sua hierarquia, e Shelley estava no último degrau, o degrau dos masturbadores. Entretanto, se pudesse falar, ele lhe contaria que proporcionava um serviço necessário. Se as pessoas não tiverem acesso aos seus produtos, bem, elas saem da toca e cometem estupros!

— Acho que você tem razão — disse Nora.

— A coisa toda se resume em ter peito para usar de absoluta franqueza sobre ser um escroque. O cara que se candidata ao Senado e diz desejar o cargo para que possa foder seus assistentes, para encher os bolsos com dinheiro de suborno, usar um monte de drogas e nadar nu com uma dupla de *strippers*, este sim, é o sujeito que ganha o meu voto.

“Este país, fundamentado na eqüidade? O país era propriedade de um bando de outros caras, e nós o *tomamos* deles. Não houve uma coisinha chamada o motim do chá? Suponhamos que você chegasse ao Connecticut em 1750 e, por acaso, se deparasse com um belo pedaço de terra no Estreito, com meia dúzia de índios pequot vivendo lá. Você diria, “que pena, acho que vou

procurar outra terra, mais para o interior?” Não; mataria os índios e tomaria a terra deles. Você viveu em Westerholm por uns dois anos. Chegou a ver alguns pequots? As mesmas coisas acontecem, sempre e sempre. Os livros de História mentem a respeito, os professores mentem a respeito e, sem sombra de dúvida, os políticos mentem a respeito. A última coisa que eles querem é um povo instruído.

— Certo.

— Este é um momento feliz para mim. Sou muito mais sensível do que os outros imaginam, e você está começando a ver esse lado meu.

— É verdade — disse Nora.

— E aqui está um lugar que convirá perfeitamente à nossa pequena família.

Uma decadente fileira de cabanas se erguia no topo de uma elevação. As portas enfileiradas alinhavam-se ao longo de uma plataforma de passagem. Um anúncio de néon na entrada para o pátio de estacionamento dizia HILLSIDE MOTEL.

— Hillside, como o estrangulador — disse Dart. Parou o carro diante da última unidade e deu um tapinha na bochecha do morto. — Relaxe por um momento, Shelley, enquanto eu e Nora providenciamos nossas acomodações.

Um idoso sique hindu aceitou vinte e cinco dólares e fez deslizar uma chave ao longo do balcão, sem deixar sua cadeira ou afastar os olhos do ruidoso musical indiano transmitido pelo aparelho de televisão em cima de sua mesa.

— Nora, Nora... — disse Dart, enquanto caminhavam pelas rangentes tábuas de madeira da plataforma, de volta ao seu carro e

a Sheldon Dolkis. — Como dizem nos comerciais de cerveja: existe algo melhor do que isto?

— Como poderia? — respondeu ela.

— Eu, você e um grande e gordo cadáver. — Ele usou a chave na porta do último quarto. — Vamos dar uma espiada em nossa casa de verão.

Uma lâmpada suspensa do teto, dentro de uma cápsula de papel de arroz, iluminava fracamente uma cama coberta por uma manta amarela, uma surrada cômoda de madeira e duas cadeiras com assento de plástico verde, junto a uma mesa de jogar cartas. Um carpete gasto cobria o piso.

— Nora, se este quarto falasse, que histórias contaria!

— Suicídios e adultérios — disse ela, e sentiu um leve arrepio de terror, porque este não era o tipo de coisa a ser dita pela pessoa vivendo dentro de uma bolha.

Entretanto, seu comentário não irritou Dick Dart.

— Você fica mais e mais interessante a cada palavra que diz. Foi estuprada, quando esteve no Vietnã?

Ela procurou o apoio da parede. *Davey não adivinhara tal coisa em dois anos de casamento, mas Dick Dart já o sabia em cerca de vinte e quatro horas!*

Ele deu uma espiada para o exterior.

— Depois de escoltarmos Shelley para este adorável quarto, tenho uma história para contar a você.

De novo lá fora, Dart abriu a porta do passageiro e pôs a mão no ombro de Dolkis. O morto olhava para o teto de seu carro, como se ali estivesse passando um filme pornográfico.

— Shelley, meu velho, é hora de uma breve caminhada. Nora, doçura, o que vou fazer é puxá-lo para mim, e quero que você se ponha atrás dele, sustentando-o sob o outro braço.

Dart inclinou-se para o carro e puxou para a claridade do sol a cabeça e os ombros do cadáver.

— Fique firme, não quero deixá-lo cair.

Nora postou-se perto do carro e inclinou-se. O terno do morto tinha a cor verde-oleosa de uma azeitona grega, e fedia a fumaça de cigarro.

— Lá vamos nós! — exclamou Dart. O terno escorregou para um lado. Nora ergueu o braço e ficou bem perto do morto. — Agora, um bom puxão — disse Dart. O corpo foi içado do assento do carro e seus pés bambearam, atrapalhando a movimentação. De sua boca aberta escapou um leve ruído. — Não se queixe, Shelley — disse Dart. Ele recuou, e os pés de Dolkis deslizaram por sobre a borda do piso do carro. Um de seus sapatos saiu do pé. — Dandá, dandá... — falou Dart.

Arrastaram-no para dentro do quarto. Na extremidade oposta da cama, Dart baixou o lado do corpo que sustentava e o soltou. O peso nas costas de Nora deslizou, e a testa do morto se chocou contra o carpete de palhinha. Dart virou o cadáver, deixando-o com o ventre para cima, e deu tapinhas na barriga volumosa.

— Bom garoto!

Então desfez o nó da gravata torcida do cadáver e a jogou para um lado. Em seguida desabotoou-lhe a camisa e a puxou de dentro das calças. Uma fina linha de pêlos escuros subia a elevação abaixo do esterno e descia para o orifício do umbigo. Dart desafivelou o cinto, depois desabotoou o botão das calças.

— O que está fazendo? — perguntou Nora.

— Tirando a roupa dele.

Puxou o zíper para baixo, moveu-se até a extremidade inferior do cadáver, retirou-lhe o sapato que faltava e as meias dos pés gorduchos. Depois puxou as calças pela bainha. O corpo escorregou uns cinco centímetros na direção dele, antes que as calças deslizassem pernas abaixo, expondo uma cueca branca com velhas manchas na altura das virilhas. Dart enfiou a mão no bolso esquerdo da frente das calças, de lá extraíndo um lenço amarrotado e um molho de chaves, sendo tudo jogado debaixo da mesa. Do bolso direito ele tirou um clipe de latão para prender dinheiro e um pequenino frasco marrom, com uma colher de plástico presa à tampa.

— Shelley usava coca! Você acha que ele realmente *tentou* ter um ataque cardíaco? — Desenroscando a tampa, Dart espiou dentro do frasco. — Egoísta filho da mãe! Usou tudo até o fim! — O frasco foi jogado ao chão, e rolou para baixo da cadeira de Nora. — Tenho que trazer algumas coisas do carro.

Dart saiu para a claridade ofuscante do dia. Grata por estar impotente, por nada sentir, Nora ouviu a mala do carro sendo aberta, depois o roçar de sacolas e um prolongado silêncio. Um gaio azul pipilou. A tampa do porta-malas foi fechada com estardalhaço. Um homem dignificado, com ar de doutor, trouxe para dentro do quarto um monte de sacolas, e transformou-se em Dick Dart.

Ele puxou as calças para cima, ajoelhou-se ao lado do cadáver e arranjou as sacolas em uma fileira, ao seu lado. Da primeira, tirou suas facas. Da segunda, removeu uma tesoura. Apanhou na terceira

a garrafa meio vazia de vodca, tirou a tampa, piscou para Nora e sorveu um longo gole, que bochechou em redor da boca, antes de engoli-lo. Estremecendo, tomou um segundo gole e tornou a tampar a garrafa.

— Anestesia. Quer um pouco?

Ela negou com a cabeça.

Dart aproximou-se do corpo e o deixou com o tronco ereto.

— Ajude aqui!

Quando o corpo ficou nu, exceto pelas roupas de baixo, Dart vistoriou os bolsos do terno; uma caneta esferográfica, um pente de bolso acinzentado de caspa e um livreto de capa preta para endereços. Ele jogou esses objetos na cesta de papéis, depois reparou no clipe para dinheiro, caído no chão ao seu lado.

— Meu Deus, esqueci de contar o dinheiro! — Dart puxou as notas presas no clipe. — Vinte, quarenta, sessenta, oitenta, noventa, cem, cento e dez, quatro notas de um. Por que não fica com elas?

— Eu?

— Uma mulher está incompleta, quando sem dinheiro.

Ele dobrou as notas, prendeu-as com o clipe, catou moedas caídas no chão e despejou tudo na palma dela.

— Nora, docinho, poderia ter a gentileza de ir ao banheiro e arrancar a cortina do chuveiro?

Ela foi ao banheiro e apertou o interruptor. Uma luz ofuscante ricocheteou das paredes, do piso branco e do espelho. Uma cortina translúcida pendia sobre a borda da banheira branca de porcelana.

Erguendo a mão, Nora arrancou-a dos prendedores. De um em um, os anéis plásticos foram saltando do trilho.

Quando ela levou a cortina para o quarto, a luz do banheiro caía em diagonal através do piso.

— Perfeito!

Dart usou a tesoura para cortar a cueca do morto e estendeu a cortina do chuveiro perto do corpo. Um pedaço da cueca cobria as virilhas de Sheldon Dolkis.

— Vejamos se o nosso rapazinho era bem apetrechado. — Ele rasgou o pedaço de tecido. — Hum... Precisava masturbar-se com uma pinça...

Dart pendurou seu paletó no encosto de uma cadeira. Enrolou as mangas até a altura dos bíceps e enfiou a gravata entre o terceiro e quarto botões da camisa. Ajoelhando-se ao lado do corpo, introduziu os braços sob as costas do cadáver, grunhiu e o rolou para cima da cortina do chuveiro. Movendo-se para melhor posição, tornou a rolar o morto, de maneira a que o corpo ficasse de rosto para cima. Dart remexeu-o para um e outro lado, até centralizá-lo na folha plástica.

— Tudo bem agora. — Esfregando as mãos, ele baixou os olhos amorosamente para o cadáver. — Sabe o que eu queria ser quando crescesse?

— Um médico — disse Nora.

— Um *cirurgião*. Eu adorava cortar coisas. *Adorava!* O que disse o grande Leland Dart? “Não vou perder meu dinheiro em alguma escola de medicina que o reprovará no primeiro ano.” Muito, muitíssimo obrigado, papai! Sorte a minha, que encontrei um modo de ser cirurgião, apesar dele!

Tornando a ficar de joelhos, ele pegou a faca com cabo de chifre.

— Você assistiu a um milhão de operações, certo? Pois observe esta. Diga-me se tenho algum talento. — Nora o viu deslizar a faca abaixo do osso esterno e depois corrê-la ao longo do volume do ventre, seccionando a linha de pêlos. Gordura amarela ressumou do corte. — Será que seu marido, ao rememorar seus caros e velhos tempos de Yale, chegou a mencionar uma organização chamada o Clube do Fogo do Inferno?

55

NORA experimentou um sobressalto de surpresa e disse:

— Você fez isso aí muito bem.

— Claro — replicou ele, aborrecido. — Sou um cirurgião nato. Qual é a qualidade essencial do cirurgião nato? A paixão por cortar pessoas. Acostumei-me a praticar em animais quando criança, mas não me seduzia ser um *veterinário*, Deus me livre! — Ele recortou grandes semicírculos de carne nos dois lados da incisão, depois escarvou para fora a macia gordura amarela e a deixou cair sobre a cortina do chuveiro. Em poucos segundos, tinha exposto a parte inferior da caixa das costelas e o peritônio. — Quero dar uma espiada no fígado de Shelley e em seu pâncreas, aposto que estão uma verdadeira belezinha. Também vou verificar a existência de cálculos biliares e tudo o mais que possa surgir, mas preciso retirar esta enorme e feia membrana, o omento, para fora do caminho. Olhe para essa gordura! Este cara podia manter uma fábrica de sabão funcionando durante um mês, sem parar!

— Você esteve fazendo seu dever de casa.

— Os livros de medicina são muito mais atraentes do que as besteiras que eu lia para minhas velhas queridinhas.

Ele fatiou a espessa e gorda membrana, afastou-a do caminho e então começou a sondar a cavidade abdominal.

— O Clube do Fogo do Inferno? — perguntou Nora.

— Você está a par das sociedades secretas em Yale, não está? Pois as sociedades secretas *secretas* são muito mais interessantes. O

Clube do Fogo do Inferno é uma das mais antigas. Antigamente, uma pessoa só se tornava membro hereditariamente, mas durante os anos quarenta eles começaram a aceitar estranhos. Lincoln Chancel era amigo do peito de alguns velhos alunos brilhantes que eram membros, e então o regulamento foi adaptado para que Alden fosse aceito, de maneira que Davey também se tornou elegível, e ficou membro. Eu entrei quando cursava o segundo ano da universidade, de modo que ficamos lá juntos durante um ano. Deus do céu, olhe só para isto!

Ele cortou os ligamentos peritoneais e puxou o fígado para fora do corpo.

— O lobo direito tem cerca de metade do tamanho que deveria ter. Vê toda esta descoloração? Um fígado decente é vermelho. Aqui, em torno da veia cava, este grande vaso, está ficando preto. A textura está toda errada. Não sei o que o velho Shelley tinha, mas seus maus hábitos estavam acabando com ele. — Dart colocou o fígado removido sobre a folha de plástico e o cortou ao meio. — Que bagunça! A artéria hepática mais parece um palito de dentes... Não sei por que Davey permaneceu no clube. Provavelmente, seu velho achou que isso o amadureceria. Davey estava totalmente deslocado naquele lugar. Tudo se resumia em viver à solta, transar e soltar palavrões. Sexo, drogas e *rock'n'roll*.

Isto era interessante, mesmo para quem, como ela, estava dentro da confortadora membrana. A maioria do que Davey lhe tinha contado era mentira.

— Onde eram suas reuniões?

— Nós costumávamos alugar uns dois andares no North End. Quando os vizinhos ficavam desconfiados, fazíamos a mudança para

outro prédio. A questão era: uma vez você fizesse parte do clube, podia agir como bem entendesse. Ninguém podia criticar coisa alguma que outro membro decidisse fazer. Não perguntar, não vacilar, não julgar. Naturalmente, tivemos alguns casos de *overdose*. Entretanto, não havia problema, o corpo era despejado em algum terreno baldio. As pessoas da sua geração pensam que foram os inventores das drogas. Comparados a nós, vocês eram panacas. Haxixe, LSD, pó-de-anjo, metedrina, heroína, anfetaminas, montes e montes de coca. Ora, aí está uma área em que o pequeno Davey se sentia inteiramente à vontade. Ele passava três e quatro noites sem dormir, sugando pelo nariz com as duas mãos, gaguejando sobre Hugo Driver, até finalmente perder os sentidos.

Nora espiava as mãos dele, trabalhando dentro do cadáver escancarado.

— Detesto o cheiro de bile. Se as pessoas pensam que merda fede, deviam dar uma cheirada na coisa que passa por suas vesículas. — Dart trouxe do banheiro um rolo de papel sanitário, a fim de enxugar a mancha marrom-escura que se espalhava sobre o plástico. Ele cortou ao meio o saco em forma de pêra que era a vesícula de Dolkis, e grasnou: — Eu não lhe disse? Pedras na vesícula. Pelo menos umas dez. Se seu fígado não o matasse primeiro, Shelley estaria na fila para alguma dolorosa cirurgia.

Ele embrulhou a mutilada vesícula em papel sanitário e a deixou num canto, porém o fedor molhado, insuportável, continuava pairando no ar.

— Quero checar o pâncreas deste cara e dar uma espiada em seu baço. O baço é um órgão deslumbrante.

— Vocês levavam garotas para o Clube do Fogo do Inferno? — perguntou Nora.

— Qualquer mulher que entrasse naquele lugar era caça para todos. A própria garota de Davey, uma maluquete chamada Amy ou qualquer coisa parecida, esteve lá uma vez. A coitada ficou ainda mais aloprada do que era antes. Então, Davey começou a aparecer com uma zinha. Se Amy era estranha, esta agora era *completamente* excêntrica. Usava roupas de homem. Cabelos curtos. — Dart estava cortando tecido conectivo e ductos, em movimentos rápidos e precisos de sua faca. — A gente via aquela coisinha sentada ao lado de Davey e pensava *Sim, vou dar em cima dela*, mas então, por algum motivo, dava para perceber que não, de maneira nenhuma. Além do que, cada palavra que ela dizia sobre si mesma era uma mentira. *Olá!*

Dart ergueu um gotejante pâncreas com uns trinta centímetros de comprimento e uma excrescência castanho-cinza do tamanho de uma bola de golfe, pendendo da parte mais larga.

— Já vi tumores antes, mas este bebezinho aqui é algo especial. Shelley, seu corpo devia ficar em exibição dentro de uma caixa de vidro. Mal posso esperar para ver a aparência de seu coração!

— Ela era mentirosa?

— Você já notou que seu maridinho tem uma tendência para exagerar a verdade? Pois a tal garota era ainda pior. Acho que o pequeno Davey tinha uma queda por damas birutas.

Largando o pâncreas enfermo, ele exibiu para Nora um sorriso torcido.

— Como era o nome dela?

— Quem sabe? Até sobre isso ela mentia! Como já deve ter percebido, eu sei quando as pessoas estão mentindo. Ela deve ter sido a melhor mentirosa que já conheci, mas uma mentirosa, claro. Segundo Davey, ela estudara no New Haven College e viera de alguma cidadezinha destes arredores, esqueci qual. Algo parecido com Chester. Talvez Granville. Eu a chequei. Não estava registrada no New Haven College e nenhuma família com seu sobrenome residia nessa cidade.

— Poderia ter sido Amherst?

— Amherst? Não. Por quê?

— Davey certa vez me contou uma história sobre uma antiga namorada sua, que dizia ter vindo de Amherst. Poderia ser a mesma garota.

Dart a encarou diretamente, por algum tempo.

— O garotão provavelmente andou à roda de centenas de damas. Afinal de contas, ele é muito bonito. De qualquer modo, Davey passava quase todos os momentos livres com esta de quem estou falando. Não acredito que ficassem falando o tempo todo sobre Hugo Driver, mas sempre que *eu* via os dois juntos, ela estava insistindo para que ele fizesse o pai tomar alguma providência, qualquer uma, a respeito de *Jornada na Noite*. Ela era totalmente fissurada naquele livro. A garota não largava do pé dele para que a deixasse ver o manuscrito ou alguma coisa assim. Sei que ele tentou, porém não teve êxito.

Dart manipulou a faca e ergueu um órgão púrpura, em formato de punho.

— Parece surpreendentemente bem, considerando-se a companhia em que se encontrava.

— O que aconteceu com a garota?

Ele colocou o baço ao lado do fígado fumegante.

— Certa noite, entrei por acaso em nossa casa de pizza favorita, e quem vejo no fundo do recinto, senão Davey e sua amiguinha? Seu futuro marido estava caindo de bêbado. Eu não me achava nada sóbrio, mas nem de longe tão ruim como Davey. Ele acenou, chamou-me à mesa deles, apontou para mim e disse “Aí está a sua resposta”. A garota respondeu não. Não, eu não era a solução. Ela estava perfeitamente sóbria, muito dona de si. Por fim, percebi que embora ele continuasse de pileque, a garota queria que Davey levasse os dois de carro para algum lugar, e ele se prontificara a fazer-lhe a vontade. Ela insistia que ambos podiam esperar até o dia seguinte, ao passo que o otário com quem você se casou achava melhor irem, nessa mesma noite, para Shorelands. Ela queria ver a propriedade, portanto aquela era a noite apropriada. Eu dirigiria. Tudo isto sem ao menos perguntarem se eu tinha algum interesse em dirigir através de Massachusetts, e à noite.

“A garota não quis que eu dirigisse o carro para eles, de modo que, naturalmente, resolvi dirigir. Durante o trajeto, planejei contar a Davey as invenções de sua amiguinha. *Desta maneira*, teríamos uma divertida cena, concorda?

“Davey estava bêbado demais para perceber que a pequena ficara furiosa. Ele estava incapaz de dirigir, e ela não tinha licença. Eu resolvi o problema dos dois. ‘Não quero mais ir!’, ela repetia sem cessar, mas Davey não a ouvia. Bem, acabamos indo. Davey desmaiou, no banco de trás. A garota sentou-se na frente comigo, mas falou apenas o suficiente para dar-me as indicações sobre o rumo a seguir. Tínhamos percorrido uns cem quilômetros pela

autopista abaixo, quando Davey voltou a si e começou a recitar trechos de *Jornada na Noite*. Eu gostaria de ter aqui algo que pudesse cortar através das costelas, porque esta faca não está adiantando grande coisa. Já vareei a cartilagem e afastei um bocado do músculo intercostal, porém vou ter que usar as mãos, se quiser quebrar o osso.

Dart aferrou uma costela e a puxou, praguejando para si mesmo. O osso encurvado moveu-se aos poucos para cima, em seguida partindo-se ao meio.

— Hum, acho que já resolve — disse ele, rasgando mais cartilagem com a faca. Depois continuou: — Eu tentei emudecê-lo com o rádio, mas tudo que encontrei foi essa bosta de discoteca, que *odeio*. Sabe do que gosto? De música de verdade. Daqueles cantores que a gente nunca mais ouve. Dê-me um bom barítono carcamano, e sou um homem feliz. Ah, agora já estou tendo uma boa visão do coração.

“E lá estávamos nós, a cento e sessenta quilômetros de distância, rodando para o centro de nenhures, com Davey cuspiendo passagens de Hugo Driver e a garota parecendo uma estátua de mármore. De repente, ela quis urinar. Aquilo me fez ver tudo vermelho, porque tínhamos *acabado* de passar por um local de parada. Por que ela não mijou naquela hora? O que aquela criatura tinha na cabeça? ‘Sempre que possível’, ela disse, ‘gosto de fazer xixi nas florestas, como o Pequeno Pippin, porque *eu sou* o Pequeno Pippin’. Este pareceu o momento para eu contar a Davey o que sabia sobre a mocréia, então contei. Precisei repetir tudo duas ou três vezes, mas ele finalmente conseguiu digerir minhas palavras. Ela podia ser o Pequeno Pippin, mas aposto o inferno como não contaria

a Davey quem era. Aliás, embora bêbado como estava, deu para ele perceber que o nome dado pela garota a si mesma era muitíssimo semelhante ao de *outra* personagem de *Jornada na Noite*. Acredite, ela não piscou um maldito olho. Apenas falou, 'Dobre para a próxima saída. É onde vou descer.'

"Se você não me disser quem realmente é, pode sair do carro e não precisa voltar', berrou Davey.

"Estávamos em zona tão rural, que a paisagem parecia uma mina de carvão. Saí da autopista e chegamos à orla das tais florestas. Davey tentou agarrar a garota, mas ela esquivou-se e correu para o arvoredo. Ele ficou me xingando — agora *eu* era o culpado por ela ser uma mentirosa. Após dez deliciosos minutos, finalmente sugeri que sua amiga estava demorando demais para terminar o que tinha ido fazer. Ele saltou do carro, ficou procurando no meio das árvores, e nisso demorou meia hora. 'Ao diabo com tudo', falou, 'vamos voltar para New Haven e desta vez eu dirijo.' Davey sentou-se ao volante e disparou em frente. De súbito, lá estava a cretina, bem diante do carro, desaparecendo em seguida. Nosso herói começou a chorar. Então tirou um grama do bolso, cheirou creio que metade da coisa, e recomeçou a dirigir."

— Ele a deixou lá?

— Foi embora. A quase cento e trinta por hora, durante todo o trajeto de volta à velha e amada Yale, aquela forjadora de homens, para não mencionar os motoristas que atropelam e fogem no ato.

— O que aconteceu depois disso?

— A maluca Amy saiu de seu isolamento gradeado, e Davey correu direto ao seu encontro, para vagarem pelo mundo da lua. Ele

nunca mais voltou ao Clube do Fogo do Inferno. Buááá! Claro que todos sentimos falta dele.

— Existe um Clube do Fogo do Inferno em Nova York?

Dart ergueu o rosto para ela, com os olhos apertados.

— Para ser franco, sim. Nos anos vinte, um grupo de alunos decidiu que não havia motivos para a diversão encerrar-se no dia da formatura. Lá é mais formal do que em New Haven: empregados, um porteiro, comida excelente. As taxas de manutenção são altas o bastante para evitar a entrada de penetras, porém o espírito essencial continua o mesmo. Por que quer saber?

— Estava me perguntando se Davey chegou a ir lá.

Os olhos dele brilharam.

— Creio que pude perceber esse covarde artista do atropela-e-foge dentro dos benditos saguões, uma ou duas vezes. Entretanto, é claro que fugi dele como da peste.

— Naturalmente.

— Você me faria um favor, coração? O martelo que comprei em Fairfield está em uma sacola no banco de trás. Se vou quebrar estas costelas, é melhor que faça isso com um pouco mais de eficiência.

Muito divertido, Dart levantou-se e a viu caminhar para a porta. Ao chegar lá fora, ela sentiu que o ar era de espantosa doçura. Olhando para trás, ela avistou Dart quase na porta, mantendo os braços manchados de vermelho até os cotovelos, como os de um açougueiro, afastados dos lados do corpo. A jocosidade irradiava-se de seus olhos e rosto.

— Você devia respirar o ar aqui fora — disse ela.

— Prefiro o ar daqui — replicou ele. — É singularmente meu velho conhecido.

O calor exalava-se do teto do carro. Nora inclinou-se para a estufa do interior e abriu uma sacola sobre o atulhado banco traseiro. O comprido cabo do martelo encontrou a palma de sua mão. O coração dela saltou no peito e seu rosto ficou quente debaixo da maquiagem. Nora tomou consciência de que o espesso balão, cheio de descarregados vapores emocionais, não estava mais à sua volta. Não havia percebido a partida do balão, mas o fato é que ele partira. Dart chamou-a de volta ao quarto, com um aceno amistoso.

— Feche a porta, meu bem. Foi apenas um pequeno teste, mas você foi aprovada com distinção.

— Você é um sujeito curioso.

— Sou mesmo! — Ele apontou um dedo vermelho para Sheldon Dolkis. — Quero você bem ao meu lado. Sendo enfermeira, pode ajudar. Ajoelhe-se em um travesseiro, para não machucar os joelhos. Veja como a trato com consideração. Apanhe um nessa cama escalavrada.

Nora ficou de joelhos sobre o travesseiro e deixou o martelo no chão, perto de sua coxa direita. Dart agachou-se e apontou para a cavidade do corpo.

— Esse arco aórtico dá a impressão de que afundou, e o velho tronco da veia pulmonar é como um cano interno desgastado pelo uso. Agora quero ver a cavidade da veia superior. Aposto que está em péssimo estado.

Dart inclinou-se para diante, a fim de espiar por entre as costelas da parte mais afastada do tronco, evidentemente esperando

que ela fizesse o mesmo.

O coração de Nora saltou como um peixe. Ergueu o martelo, ainda se perguntando se de fato conseguiria ir até o fim com aquilo. Então, plantou a mão esquerda no meio das costas dele, como que por apoio, e desceu-lhe o martelo no lado da cabeça.

Dart exalou bruscamente e quase caiu em cima do corpo aberto. Suas mãos afundaram na cavidade, enquanto ele se esforçava para ficar em pé. Nora levantou-se primeiro e bateu com o martelo atrás da cabeça dele. Dart bambeou sobre os joelhos. Ela ergueu o braço e golpeou novamente. Ele caiu de lado, chocando-se contra o chão.

Nora abaixou-se acima dele, com o martelo erguido. Seu coração batia loucamente e a respiração lhe vinha em arquejos rápidos e curtos. A boca de Dart pendia aberta, e um fio de baba escorreu-lhe do lábio inferior.

Apoiando-se em um joelho, ela enfiou a mão nos bolsos dele, em busca das chaves do carro. Um segundo mais tarde, corria para a claridade do sol. Ligou o motor e afastou-se do motel. Pela porta aberta, avistou Dart levantando-se sobre os joelhos. Parou o carro com um solavanco e tentou mover a alavanca de mudança para *drive*, mas, em seu pânico, colocou-a em ponto morto. Quando pisou no acelerador, o motor funcionou, porém o carro deslizou ladeira abaixo. Nora apertou o pedal do freio e olhou para trás, para o quarto. Dart cambaleava em direção à porta.

A mão dela tremulou sobre a mudança, e colocou o carro em *drive*. Agitando os braços vermelhos, Dick estava correndo para ela.

O carro saltou para diante. Nora girou o volante, e o pára-lama dianteiro direito colidiu com Dick, produzindo um baque surdo.

Como a garota da história, ele desapareceu. Nora aferrou as mãos trêmulas ao volante e pisou com força no acelerador.

LIVRO VI

MONSTROS FAMILIARES

PIPPIN COMPREENDEU A NATUREZA DE SUA TAREFA. O PROBLEMA, CONTUDO, NÃO ERA ESSE. O PROBLEMA ERA A TAREFA SER IMPOSSÍVEL.

56

RUAS, PRÉDIOS E SEMÁFOROS voavam por ela, outros motoristas buzonavam e freavam bruscamente. Pedestres gritavam, agitavam os braços. Por um longo período, Nora dirigiu na direção errada por uma rua de mão única. Ela havia escapado, estava escapando, mas para onde?

Dirigiu sem destino através da cidade desconhecida, de vez em quando Sobressaltada pelo rosto da estranha que via no retrovisor. Supunha que essa estranha estivesse procurando a via expressa, porém não fazia a menor idéia para onde ir, quando a tivesse alcançado.

Encostou o carro no meio-fio e parou. O mundo lá fora consistia de enormes e agradáveis casas atarracadas, estendidas em gramados espaçosos, como gigantescos cães e gatos. Teve noção de que já vira este lugar antes e que algo desagradável lhe acontecera ali. Entretanto, a vizinhança não era desagradável, em absoluto, porque continha...

Borrifadores lançavam arcos de água através dos compridos gramados. Ela estava em uma rua (sem saída) que terminava em um círculo diante da casa mais imponente dali, uma mansão de tijolos vermelhos e três pavimentos, a porta da frente pintada de verde-escuro e uma franja de flores em tons vibrantes. Ela havia chegado à Alameda Longfellow, e a casa de janela com balcão pertencia ao dr. Daniel Harwich.

O pânico desmanchou-se em alívio. Nora tinha chegado ao final da rua, antes de perceber que a sra. Lark Pettigrew Harwich talvez não acolhesse de bom grado o súbito aparecimento de uma das antigas namoradas de seu marido, por mais desesperada que essa antiga namorada pudesse estar. Nesse momento, com uma caneca de café na mão, Dan Harwich emergiu das profundezas da sala e ficou em pé no balcão da janela, supervisionando seus domínios. Um punho fechado caiu sobre o coração de Nora.

Harwich dirigiu ao seu carro um olhar de relance quase sem curiosidade, antes de bebericar um gole de café e erguer a cabeça, a fim de examinar o céu. Havia mudado pouco, desde a última vez que o vira. Exibia o mesmo ar fatigado e chistoso de rosto e gestos. Dando meia-volta, ele desapareceu na sala. Em algum lugar atrás dele, despejando café para si mesma em uma cozinha redecorada, era bem provável que se movesse furtivamente a esposa número dois.

Nora aferrou o volante e saiu rapidamente do círculo, perguntando-se como, afinal, encontraria um telefone. Dobrou à esquerda para a Longfellow Street, outro trecho praticamente idêntico à alameda do mesmo nome, despojado de árvores e ocupado por casas que eram quase antigas e novas mansões. A semelhança das duas vias só não era total por ser esta uma rua de verdade, em vez de um beco sem saída, e pela ausência de qualquer das numerosas janelas de balcão do dr. Daniel Harwich. Na esquina seguinte, ela dobrou para a esquerda e entrou na Bryant Street, outra extensão de enormes gramados verdejantes e sólidas casas. Já começava a achar que passaria o resto da vida rodando por aquelas mesmas ruas e passando por aquelas mesmas casas.

Na esquina seguinte, tornou a dobrar para a esquerda, agora entrando na Whittier Street, depois na Whitman Street, uma nova réplica da Alameda Longfellow, a diferença principal sendo que, em vez de um círculo asfaltado no final da quadra, havia um sinal de parada em um cruzamento e, bem ao lado dele, a cabine metálica e o retângulo negro de um telefone público.

57

A UM METRO de um sofá de *chintz* entulhado de almofadas, Nora sentiu-se deslizar para um colapso. Afundou um centímetro, depois outro, levando consigo a mão passiva de Dan Harwich. Então, um braço envolveu sua cintura, uma mão aferrou-lhe o ombro e ela parou de mover-se. Harwich puxou-a para cima.

— Eu poderia carregá-la pelo resto do caminho.

— Eu consigo fazer isso.

Ele afrouxou a pressão, e Nora deu a volta ao lado de uma mesinha de centro, deixando-se guiar para o sofá.

— Você quer deitar-se um pouco?

— Logo estarei bem, obrigada. Suponho que seja o resultado de toda essa tensão.

Ela se deixou cair contra as almofadas. Harwich estava ajoelhado à sua frente, segurando-lhe as duas mãos e fitando-lhe o rosto. Depois ficou em pé, ainda olhando para ela.

— Como conseguiu fugir desse Dart? *

— Eu o golpееi com um martelo, depois bati nele com o carro.

— Onde?

— Do lado de fora de um motel, não me lembro o nome. Por favor, não chame a polícia.

Harwich baixou os olhos para ela, mordendo o lábio inferior.

— Estarei de volta em um segundo.

Nora enfiou um braço atrás das costas e puxou uma rígida almofada vermelha, com um bordado de girassóis em um lado e

uma casa de fazenda no outro. Mesmo assim, ali atrás ainda havia inúmeras almofadas desconfortáveis. Não se lembrava do sofá de *chintz* ou desta profusão de almofadas, quando de sua visita anterior à Alameda Longfellow. A sala de visitas de Helen Harwich era sóbria e escura, com seus enormes móveis quadrados de couro sobre um imenso tapete branco.

Agora, além da desordem, a sala era como a idéia de um decorador sobre uma casa de campo inglesa. Camisas sujas jaziam no encosto de uma cadeira de balanço. Um tênis para corrida estava virado de lado, perto da entrada para o saguão da frente da casa. A mesa sobre a qual ela quase batera com a cabeça estava atulhada de jornais velhos, copos sujos e uma embalagem de papelão da Pizza Hut, vazia.

Harwich voltou com um copo tão cheio, que deixava para trás uma trilha de pontos reluzentes.

— Beba logo essa água, antes que entorne por todo canto.

Ele estendeu-lhe o copo molhado e ficou de joelhos diante dela. Nora bebeu a água e olhou em torno, procurando um lugar onde colocar o copo. Harwich o pegou e o pousou em cima da mesa.

— Vai deixar marca — disse ela.

— Estou pouco ligando. — Ele lhe segurou a mão direita entre as suas. — Por que não quer que eu chame a polícia?

— Porque pouco antes de Dick Dart seqüestrar-me, eu ia ser acusada por uns doze crimes. Parece um tanto engraçado, em vista do que aconteceu, mas tenho certeza absoluta de que rapto era um deles. Daí o motivo de minha presença no posto policial.

Harwich parou de alisar-lhe a mão.

— Está querendo dizer que, se for à polícia, você será presa?

— É o que suponho.

Ela retirou a mão que ele segurava.

— Quer ouvir o que aconteceu ou prefere apenas chamar o FBI para que eles me levem?

— O FBI?

— Eram dois tipos realmente encantadores — disse ela. — Não tiveram o menor problema em presumir que eu era culpada.

Levantando-se, Harwich foi para a outra extremidade do sofá.

— Se isto for demais para você, eu irei embora daqui — disse Nora. — Preciso encontrar este médico. Caso consiga recordar seu nome.

— Você não irá a lugar nenhum — declarou Harwich. — Quero ouvir toda a história, mas, antes disso, vejamos se podemos cuidar de Dick Dart. — Ele ficou em pé e apanhou um telefone celular de cima da platibanda da lareira. Nora iniciou um protesto. — Não se preocupe. Nada direi sobre você. Tente recordar o nome daquele motel.

Harwich cruzou a sala e apanhou um catálogo telefônico, embaixo de uma pilha de revistas e jornais.

— Não posso.

— Ele não tinha nenhum letreiro com o nome? — insistiu Harwich, com o dedo parado sobre um número.

— Claro, mas... — Ela viu o letreiro. — Chamava-se Hillside. "Como o estrangulador", Dart disse.

— "Como o estrangulador"? O que quer dizer?

— Isso mesmo. Estrangulador ou "Strangler". O nome do motel era "Hillside Strangler".

— Meu Deus! — Harwich digitou números. — Ouçam-me. Só vou dizer isto uma vez. Dick Dart, o assassino fugitivo, registrou-se esta manhã no Hillside Motel. Ele pode estar ferido. — Desligando o telefone, ele tornou a colocá-lo sobre a platibanda da lareira. — Imagino que você se sinta mais segura com Dart fora das ruas.

— Você nem faz idéia.

— Então, fale — pediu Harwich.

Nora lhe contou sobre Natalie Weil, Holly Fenn, Slim e Slam. Falou sobre o livro de Daisy e o ultimato de Alden, depois descreveu a cena no posto policial, a acusação de Natalie, seu próprio seqüestro, Ernest Forrest Ernest, o Chicopeee Inn. Contou a Harwich que Dart a tinha estuprado. Falou-lhe a respeito da biblioteca, da orgia de compras e de ser maquiada; depois contou tudo a respeito de Sheldon Dolkis.

Enquanto ela falava, Harwich coçava a cabeça, fitava-a por entre os olhos semicerrados, andava em círculos pela sala, arriava o corpo em uma poltrona, tornava a levantar-se e, por fim, chamou-a para que fosse até a cozinha. Depois de juntar os copos e utensílios sujos, deixando-os dentro da pia ou em suas proximidades, ele fez uma omelete para ambos. Inclinou-se para diante, com o queixo sobre o cotovelo.

— Como foi que se meteu em tais situações? — perguntou.

Ela largou o garfo, já sem apetite.

— O que eu queria saber é como me livrarei disto!

Harwich balançou a cabeça, ergueu as sobrancelhas e estendeu as mãos abertas, em uma pantomima de incerteza.

— Quer que eu dê uma espiada em você? Devia ser examinada.

— Em cima de sua mesa da cozinha?

— Eu estava pensando que poderíamos usar uma das camas, porém, se preferir, posso levá-la a meu consultório. Tenho uma cirurgia esta tarde, mas até lá estarei livre.

— Não há necessidade disso — respondeu Nora.

— Houve algum sangramento sério?

— Eu sangrei um pouco, mas já parou. Dan, o que *devo fazer*?
Ele deu um suspiro.

— Eu lhe direi o que me desconcerta em tudo isso. A tal Natalie Weil a acusa de espancá-la, de deixá-la passar fome e só Deus sabe o que mais. Além disso, o FBI e a maioria de sua força policial local deram crédito a ela. Por que essa mulher mentiria a respeito?

— Vá à merda, Dan!

— Não se zangue, estou só perguntando. Ela tem algo a ganhar, colocando *você* em tais apuros?

— Podemos ligar o rádio? — perguntou Nora. — Ou a televisão? Talvez haja alguma coisa sobre Dart.

Harwich levantou-se agilmente da cadeira e ligou um rádio ao lado da torradeira prateada, no fim de uma bancada.

— Acho que não tenho uma mente de fugitivo.

Ele girou o dial para uma estação noticiosa onde um homem, a bordo de um helicóptero, descrevia um congestionamento de trânsito em uma autopista.

— Uma mente de fugitivo — repetiu Nora.

— Sou apenas um velho e alquebrado neurocirurgião. Perdi todos os antigos instintos dos tempos de guerra, há muito e muito tempo atrás. Entretanto, acho mais prudente esconder seu carro.

— Por quê?

— Porque um minuto depois que eles aparecerem no motel, começarão a procurar um velho Ford verde, com uma certa chapa de matrícula. E esse Ford está na minha entrada para carros.

— Oh!

O telefone tocou. Harwich olhou para o fone de parede na cozinha e depois para Nora, antes de levantar-se da mesa.

— Vou atender lá dentro.

Não mais certa do que pensava sobre Dan Harwich ou do que ele pensava a seu respeito, Nora voltou ao rádio. Um locutor anunciava para os condados de Hampshire e Hampden que a temperatura permaneceria acima dos 30 graus durante os próximos dois ou três dias, após o que eram esperados fortes aguaceiros e trovoadas. No aposento vizinho, Harwich ergueu a voz para dizer:

— É claro que sei! Pensa que esqueci?

Levantando-se, Nora levou sua xícara até a máquina de café. Copos e pratos enchiam a pia, a superfície da bancada exibia manchas de espécies e cores variadas. Então, ela ouviu as palavras "Richard Dart" brotando do rádio.

— "... estes arredores. A polícia de Springfield encontrou o cadáver mutilado de um homem e sinais de luta, em um quarto no Hillside Motel, na Tilton Street. A polícia de Springfield indicou a possibilidade de que o *serial killer* fugitivo esteja ferido, e está efetuando uma rigorosa busca na área da Tilton Street. Os moradores foram avisados de que Dart está armado e é extremamente perigoso. Ele tem trinta e oito anos, um metro e oitenta e cinco de altura, pesa cem quilos, tem cabelos louros e olhos castanhos. Na última vez em que foi visto, usava um terno

cinza e uma camisa branca. Até o momento, também são ignorados a sorte e o paradeiro de sua refém, a sra. Nora Chancel.”

Exibindo um sorriso profundamente desconsolado, Dan Harwich voltou à cozinha e parou de andar ao ouvir o nome de Nora.

— “A sra. Chancel é descrita como tendo quarenta e nove anos de idade, um metro e sessenta e cinco de altura, esbelta, pesando aproximadamente sessenta quilos, com cabelos curtos castanho-escuros, e olhos castanhos. Na última vez em que foi vista, usava jeans azul e uma camisa azul-escura, de mangas compridas. Quem quer que veja a sra. Chancel ou qualquer pessoa parecida com ela deverá entrar em contato imediatamente com a polícia ou a agência local do FBI.

“A polícia ainda não conseguiu identificar a última vítima de Dart.

“Em outro noticiário local, o senador Mitchell Kramer nega firmemente recentes acusações sobre o manejo indevido de...”

Harwich desligou o rádio.

— Dê-me as chaves — pediu ele, e Nora as entregou. — Sua vida é muito mais cheia de aventuras do que a minha — acrescentou, quase apologeticamente.

— Estou perturbando sua tranqüilidade, por isso irei embora — disse ela. — Você não precisa manter-me aqui por compaixão apenas porque éramos amigos.

— Fomos muito mais do que isso. Talvez eu devesse ter a tranqüilidade perturbada de vez em quando. — Ele sorriu para ela, seus olhos reluziram e, por um segundo, o velho Dan Harwich emergiu à superfície desta versão mais cínica e belicosa. — Volto num segundo.

— Enquanto isso, poderia pensar no que preciso fazer?
Poderia mesmo?

— Já estou pensando nisso — respondeu Harwich.

QUANDO HARWICH RETORNOU, Nora disse:

— Tenho a impressão de que sua esposa não deve voltar logo.

— Não se preocupe. — Harwich arqueou as costas. — Lark não faz mais parte do quadro.

— Sinto muito. Quando foi que isso aconteceu?

— O desastre começou no dia em que nos casamos. Acho que me envolvi com ela para fugir de Helen. Lembra-se de Helen, não?

— Como poderia esquecê-la?

— Provavelmente foi a única vez que expulsaram você da casa de alguém. — Harwich riu. — No fim, Helen não queria morar aqui, mas eu, sim, de modo que comprei a sua saída da casa. *Comprei é* a palavra, acredite. Dois milhões de pensão alimentícia, mais dez mil mensais em pagamentos de apoio. Graças a Deus, no ano passado ela ludibriou outro pobre filho da mãe, induzindo-o ao casamento. Pelo menos fiquei com as costas forradas, quando casei com Lark. Ela assinou um contrato pré-nupcial — duzentos e cinquenta mil, mais todas as suas roupas, jóias e seu carro, aí está. De um modo geral, eu devia ter sido mais inteligente, em vez de casar com uma criatura chamada Lark Pettigrew. Deixei que ela redecorasse tudo aqui dentro, e agora estou morando nesta casa de bonecas. — Ele dirigiu a Nora um olhar lamentável e afetuoso. — A mulher com quem devia ter casado era você, mas fui idiota demais para perceber isso. E lá estava você, bem na minha frente!

— Eu teria casado com você — disse Nora.

— Dessa última vez? Você apareceu aqui como se todo o Vietnã houvesse revivido, quero dizer, estava *alucinada*. De qualquer modo, na época eu já vinha saindo com Lark. O que quero dizer é que teria casado com você, em vez de com aquela miserável bruxa da Helen.

— E por que não casou comigo?

— Não sei. Você sabe? Provavelmente foi melhor que isso não tivesse acontecido. Não pareço muito talhado para o casamento. — Ele fez um gesto amplo com o braço e deu uma risada. — Faz três semanas que Lark caiu fora e, na primeira semana, despedi a mulher da limpeza. Não me incomodo com a bagunça. A maldita mulher costumava dar nova arrumação em todos os meus livros e papelada. Perdoe-me, porém jamais entendi por que eu deveria ter de aprender o sistema de arquivamento de minha *faxineira*.

Nora sorriu.

— Céus, o que há comigo? — exclamou ele, fechando os olhos com força. — Tanta coisa acontecendo a você, e eu falando sobre tolices, em vez de ajudá-la!

— Já está me ajudando — replicou Nora. — Não imagina a freqüência com que penso em você...

Inclinando-se por cima de sua cadeira, ele fechou uma das mãos em torno da dela, apertou-a e a soltou.

— Creio que você devia ficar aqui, pelo menos um ou dois dias, talvez mais. Tenho essa cirurgia hoje à tarde, mas estarei de volta lá pelas quatro ou cinco horas. Comeremos algo, veremos se já pegaram Dart e conversaremos. Permita-me paparicá-la.

— Isso soa maravilhoso — disse Nora. — Você me deixaria mesmo ficar?

Harwich inclinou-se para diante e tornou a segurar-lhe a mão.

— Se você tentar fugir, eu a prenderei no sótão.

O pulso dela pareceu cessar de bater.

— Não posso acreditar que falei isso! — Ele apertou-lhe a mão com força, como se fosse esmagá-la. — Nora, você caiu do céu, fez com que eu me lembrasse da vida real, dá para entender isso?

— Eu o fiz lembrar-se da vida real...

— Exatamente, o que quer que seja isso. Você conseguiu. — Harwich soltou a mão dela e enxugou os olhos que, de repente, haviam ficado marejados de lágrimas. — Sinto muito. Eu devia estar ajudando-a, mas, em vez disso, pareço fugir do assunto.

Ele tentou sorrir, e Nora disse:

— Minha vida está muito mais enrolada do que a sua.

Harwich esfregou o dedo abaixo do nariz e ficou concentrado em si mesmo durante um momento, olhando sem ver para os pratos empilhados na borda da mesa.

— Vamos arrumar sua cama. — Ele ficou em pé e ela também, o que o fez recuperar o sorriso. — Você pode trazer para dentro suas sacolas ou qualquer outro pertence seu.

— Neste exato momento, tudo que quero fazer é descansar.

— Parece-me uma excelente idéia — respondeu Harwich.

59

APÓS UMA PARADA NO armário das roupas de cama, em busca de lençóis em cores vivas e fronhas combinando, tão novas que ainda estavam nas embalagens, eles foram até um quarto da frente da casa, com papel de parede florido em tons azuis e móveis de pinho nodosos, dispostos em torno das bordas de um tapete azul-e-rosa de crochê. Uma cadeira de balanço com ripas laqueadas postava-se diante da janela. Harwich rasgou as embalagens das roupas de cama, antes de arrancar do colchão a coberta azul-escura que o protegia.

— A cama é confortável, mas afaste-se dessa cadeira — disse Harwich, apontando para a cadeira de balanço. — Foi uma das inspirações de Lark: uma cadeira de dois mil dólares, que produz buracos em suas suéteres.

Ele jogou um lençol em cima da cama. Nora puxou a parte do seu lado, enquanto Harwich fazia o mesmo com a do lado dele. Moveram-se depois para os pés da cama, onde encaixaram o lençol sobre os cantos do colchão.

— Quinas de hospital — disse Harwich. — Fique calma, meu bem.

Eles começaram a enfiar os travesseiros nas fronhas.

— Dan, o que vou fazer?

Enfiando as mãos nos bolsos, ele aproximou-se dela, as maneiras brincalhonamente irônicas de pronto esquecidas.

— Em primeiro lugar, precisamos saber se a polícia pegou Dart ou, ainda melhor, encontrou seu cadáver. Depois, vamos descobrir se o FBI continua atrás de você.

Harwich pousou a mão direita no ombro dela.

— Você não acha que eu devia tentar falar com este médico?

— Não sou bom o suficiente para você? — perguntou ele, tentando parecer ofendido.

— Estou falando daquele que Dick Dart pretendia matar.

— A única coisa que você deve fazer, caso ainda se preocupe com Davey, é contar para ele que os advogados da Casa Chancel os estão traindo. Isso poderia acertar seus problemas com o velho.

Dan Harwich pareceu ter feito penetrar ar fresco e luz solar em uma câmara úmida, onde ela estivera girando na escuridão.

— Se eu fosse você — disse ele — arrancaria do pai dele tudo que me fosse possível. Aquele rijo velhote do topo da rua em Northampton, Calvin Coolidge, não estava errado: na América, negócios são negócios.

Nora fechou os olhos contra uma onda de náuseas e ouviu o arrastar de pés dos demônios que se reuniam.

— Não faça isso comigo — disse ela. — Por favor.

Harwich passou-lhe o braço em torno da cintura e a guiou para o lado da cama.

— Sinto muito. Você precisa descansar, e aqui fico eu, tagarelando sem parar.

— Eu estarei bem. — Nora cerrou a mão no pulso dele, sentindo-se totalmente dividida: uma parte sua queria que Harwich ficasse, enquanto outra parte igual preferia que ele saísse do quarto. — Eu é que devia desculpar-me, não você.

— Vamos, deite-se.

Nora obedeceu. Ele foi para os pés da cama, desatou-lhe os sapatos e depois os tirou.

— Obrigada.

— Lembra-se do nome do médico?

Ela abanou a cabeça.

— É algo irlandês.

— Isso reduz o campo. Que tal O'Hara? Michael O'Hara?

Nora abanou a cabeça novamente.

— O homem que procura é *gay*, não é? — Usando os polegares, Harwich começou a massagear-lhe a sola do pé direito. — Não posso pensar em mais de três médicos *gays* em toda a cidade, e são todos mais novos do que eu. — O que ele lhe fazia no pé produzia reverberações e ecos através de seu corpo. — Chegou a ouvir o primeiro nome dele?

Ela assentiu.

— Com que letra começava?

— A letra "M" — respondeu Nora, sem a menor hesitação.

— Michael. Morris. Montague. Max. Miles. Manny. Mark. O que mais? Monroe.

— Mark.

— Mark? — Ele enfiou os polegares no pé esquerdo dela, e um formigamento percorreu-lhe toda a espinha. — Mark. Com sobrenome irlandês e, ainda por cima, *gay*. Vejamos. Conlon, Conboy, Congdon, Condon, Mulroy, Murphy, Morphy, Brophy, O'Malley, Joyce, Tierney, Kiernan, Boyce, Mulligan... Não vai ser fácil. Burke, Brannigan. Sullivan. Boyle.

— Um momento! Você chegou perto. Parece Boyle. — Nora conteve a respiração, fechou os olhos, e um nome flutuou para ela, emergindo da escuridão. — Foyle. O nome dele era Mark Foyle.

— Mark Foil?

— Esse é o nome.

Harwich riu.

— Sim, mas você pensava em F-o-y-l-e, daí ter achado que fosse um sobrenome irlandês. Mark Foil é tão irlandês quanto a rainha da Inglaterra, e seu sobrenome é Foil, como em *tinfoil* ou papel de estanho. Ou, conforme o ouvi dizer certa vez, Foil, como em *fencing*, derrotar.

Harwich pronunciou a última frase em voz afetada, dengosa.

— Você o conhece...

— Derrotada novamente — disse ele, na mesma voz sibilante.

— Ele é assim?

— Não poderia dar-se ao luxo. O homem foi clínico geral por mais de quarenta anos, e este não é o lugar mais liberado na face da terra.

— Onde é que ele mora?

— Na parte boa da cidade — disse Harwich. — Ao contrário de nós, os mortais secundários, o dr. Foil pode divisar um grande número de árvores, quando olha por suas janelas de vitrais. — Ele lhe deu tapinhas no pé. — Ouça, se quiser ver o sujeito, posso acompanhá-la até lá. Entretanto, ele é daqueles *gays* nobres.

A palavra *gays* deixou Nora gelada. Era algo que soava esquisito e errado, especialmente pronunciada por Dan Harwich, porém ela procurou ignorar sua repugnância.

— Você acha que ele teria tempo para mim?

— Foil nunca teve tempo para *mim*, o que talvez sirva como indicação. Céus, você devia ver o namorado dele!

O telefone começou a tocar no fim do corredor.

— Aproveite para um cochilo — disse Harwich.

— Vou tentar.

Liberado, ele deu um último tapinha no pé dela, caminhou sorrindo para a porta e a fechou ao sair. Nora ouviu-lhe os passos apressados em direção ao telefone, que certamente ficava em seu quarto. Um momento mais tarde, em uma voz alta o suficiente para ser ouvida através da porta, ele disse:

— Certo, eu sei, estou sabendo.

Nora achou que bem poderia tomar um banho. Na prateleira ao lado da pia antiga do banheiro havia três escovas de dentes novas, ainda em suas embalagens transparentes em tom pastel, e uma bombinha fornecendo dentifrício de bicarbonato e água oxigenada. Nora lutou com uma das embalagens das escovas de dentes, até conseguir abrir um lado. Procurando os suprimentos necessários, viu um frasco alto, com xampu pela metade, bem como outro frasco igual contendo condicionador, ambos para cabelos secos ou danificados, rodeados por um grande número de embalagens de produtos fornecidos grátis por hotéis. Uma touca para chuveiro, usada, jazia em cima da ducha, como um amortecedor de feltro sobre a boca de um trombone.

Lark se mudara da cama de Harwich antes de mudar-se da casa dele. Em uma prateleira acima das toalhas, Nora viu um bastão de desodorante e um frasco quase vazio de líquido para gargarejo, um frasco de Murine, outro de aspirinas, quase vazio, uma lixa de unhas com uma linha esbranquiçada de uso descendo pelo meio,

duas espécies de hidratantes e cremes para o rosto, além de um frasco alto de *Je Reviens*, modelo spray, quase cheio. Ela começou a puxar a camiseta para fora do jeans.

— Um momento — disse alguém atrás dela.

Nora soltou um gritinho esganiçado e saltou uns dois centímetros acima do chão.

— Sinto muito, eu não pretendia...

Ela deu meia-volta, com a mão na garganta que pulsava furiosamente, para encontrar um Dan Harwich com ar de desculpas, atrás da porta do banheiro.

— Pensei que você tivesse me ouvido.

— Eu me preparava para tomar um banho.

— Na realidade — disse Harwich — talvez devamos entrar em contato com Mark Foil. Caso Dart tenha escapado, por mais improvável que isto possa parecer, precisamos ter certeza de que Mark está protegido.

— Tudo bem, ótimo — respondeu Nora, insegura sobre o que pensar desta súbita mudança de idéia.

— Podemos chegar até lá esta manhã.

Todo o ritmo dele havia acelerado, como a pulsação de Nora. Sorrindo de maneira quase insistente, ele saiu de banda pela porta do banheiro, pedindo silenciosamente que ela o acompanhasse.

— Você mudou de idéia depressa.

— Sabe qual é o meu problema? Não consigo afastar-me de meus estúpidos padrões. Acho que Mark Foil me olha com desdém, o que me aborrece. Uma voz egoística em minha cabeça diz que sou um sujeito importante, enquanto ele não passa de um clínico geral aposentado. Quem Foil pensa que é? Ele que se foda! Eu não devia

permitir que esta espécie de despeito me impedisse de fazer o que é direito.

Nora o seguiu a um imenso quarto de dormir, com uma cama de quatro colunas e um enorme aparelho de televisão. Havia roupas jogadas pelo chão.

— O que Dart pretendia dizer a tais pessoas? Como faria para introduzir-se em suas casas?

— Bem, ele diria que devia estar escrevendo algo sobre aquele verão em Shorelands, o verão de 1938. Diria também que todos sabem sobre Hugo Driver, mas que os outros convidados nunca foram mencionados como mereciam. Algo mais ou menos assim.

— Uma boa conversa — disse Harwich. — Se possuo talento para alguma coisa além da cirurgia, é só para contar lorotas. Quem você quer ser? — perguntou ele, chutando para o lado uma pilha de meias velhas e roupas suadas, enquanto caminhava para uma estante de livros.

— Francamente, não sei — respondeu ela.

— Que tal uma espécie de nome para uma escritora? Emily Eliot. Você é a minha velha amiga Emily Eliot, nós estudamos em Brown, e agora você está escrevendo uma peça sobre, como é mesmo o nome?, Shorelands. Vejamos, você tem um Ph.D. de Harvard, lecionou durante algum tempo, mas abandonou o ensino para ser uma escritora *freelance*. — Ele folheava uma gorda lista telefônica. — Precisamos torná-la uma cidadã respeitável, ou Mark Foil não a receberá. Você publicou um livro há cinco anos. Era sobre... humm... Robert Frost? Será que ele chegou a hospedar-se em Shorelands?

— Provavelmente.

— E quem publicou o livro? A Casa Chancel, imagino.

— E fui editada por Merle Marvell.

— Quem? Oh, entendi, ele é o figurão por lá.

— O maior — disse Nora, sorrindo.

— Toda a questão sobre mentir é ser tão específico quanto possível. — Ele chegou a uma página e correu o dedo por uma lista de nomes. — Lá vamos nós. Se este for o Mark Foil de quem falamos, talvez ele esteja passando o verão em uma ilha grega, mas tentaremos. Como se chamava o namorado dele? Algo como Monk, como Thelonious?

— O nome era Creeley — disse ela.

Harwich discou o número e manteve os dedos cruzados, enquanto a campainha tocava.

— Alô? Eu desejaria saber se posso falar com Mark, por favor... Aqui é Dan Harwich... Sim, claro. Alô? Como vai, Andrew?... Oh, é você? Formidável... Provincetown, é muita gentileza sua... Bem, se você achar que pode... Obrigado.

Ele colocou a mão sobre o receptor.

— O namorado dele diz que os dois vão passar o resto do verão em Provincetown. Não me parece muito bom. — Ele tornou a falar ao telefone. — Olá, Mark, aqui é Dan Harwich... Uma velha amiga minha de Brown, escritora, apareceu aqui fazendo pesquisa para um livro e, por causa disso, ela desejaria entrar em contato com você... Certo. O nome dela é Emily Eliot, aliás, gente finíssima, Ph.D. de Harvard... Um poeta chamado Creeley Monk?... Sim, é isso mesmo. Ela está interessada nas pessoas que estiveram com ele em uma propriedade chamada Shorelands, e viu seu nome em algum lugar.

Harwich olhou para Nora.

— Foil quer saber onde você viu o nome dele.

Dart não lhe explicara como sabia sobre Mark Foil.

— Fazendo pesquisa a respeito de Creeley Monk.

Ele repetiu a frase ao telefone.

— Não, ela escreveu um livro antes deste. Robert Frost... Sim, ela está aqui no momento.

Harwich estendeu o fone para ela.

— Emily? O dr. Foil quer falar com você.

Quando Nora pegou o fone, Harwich fingiu estar trabalhando com uma pá. Uma voz brusca e incisiva, em nada semelhante à paródia efeminada de Harwich, disse:

— O que está havendo, srta. Eliot? Dan Harwich não tem nenhuma amizade séria.

— Eu fui um erro da juventude — replicou Nora.

— Você não pode estar escrevendo um livro sobre Creeley Monk. Ninguém mais se lembra dele.

— Conforme disse Dan, estou trabalhando em um livro sobre o que aconteceu em Shorelands, durante o verão de 1938. Creio que o sucesso de Hugo Driver eclipsou injustamente os outros escritores que também estavam lá.

— Você tem um editor?

— Sim. A Casa Chancel.

Houve um longo silêncio.

— Por que não vem até aqui e me permite dar uma espiada em você? Vamos sair da cidade esta manhã, porém ainda dispomos de algum tempo.

60

UM HOMEM JOVEM, esguio e sorridente, usando um leve terno cinza e camisa de seda preta, abriu a porta da casa de pedra entre os carvalhos, e os recebeu. Harwich apresentou sua amiga Emily Eliot ao rapaz, Andrew Martindale, que encarou Nora fixamente, ampliou o sorriso e, em um piscar de olhos, mudou do diplomático modelo masculino para uma pessoa real, cheia de curiosidade, humor e boa-vontade.

— É formidável que esteja aqui — disse ele a Nora. — Mark está tremendamente interessado em seu projeto. Eu me pergunto se você sabe bem o que está fazendo!

— Eu apenas fico grata por ele querer falar comigo.

— Querer, dificilmente seria a palavra. — Martindale deixou que eles entrassem na casa, e então recuou alguns passos para um espesso tapete persa. Uma ampla escada, com reluzentes degraus de madeira, situava-se ao fim de uma fileira de colunas brancas. — Vou levá-los à biblioteca.

No final da fila de colunas, ele abriu uma porta para um aposento de paredes cobertas de livros, duas vezes do tamanho da biblioteca de Alden Chancel. À ofuscante claridade do sol que penetrava por uma janela, um homem de cabelos brancos e trajando elegante terno escuro, que a Nora pareceu inesperadamente familiar, estava em pé ao lado de uma caixa-arquivo, aberta sobre uma mesa cintilante. Ele sorriu para os recém-chegados acima do topo de seus

óculos escuros de meias lentes e ergueu um grosso volume, encadernado em tecido vermelho.

— Vê, Andrew? Você disse que eu o encontraria — e encontrei!

— Nada fica perdido nesta casa — disse Martindale —, apenas escondido, até que a gente precise. E aqui, bem a tempo de partilharem o seu triunfo, estão Dan e a srta. Eliot. Aceitam um café? Chá, talvez?

Isto foi endereçado a Nora, que respondeu:

— Se já tiver o café pronto, eu adoraria uma xícara.

O homem de cabelos brancos enfiou o livro vermelho debaixo do braço, retirou do nariz seus óculos de meias lentes, dobrou as hastes e os guardou no bolso da camisa. Depois cruzou o aposento, com a mão direita estendida. Era ágil como um gato e, embora devendo andar pelos setenta e tantos anos, parecia não ter sofrido quaisquer mudanças físicas essenciais, desde os cinqüenta anos. Apertou a mão de Harwich, depois virou-se para Nora, absolutamente atento, interessado e curioso. Ela sentiu que, com um perscrutador e rápido olhar, Mark Foil captara instantaneamente tudo o que era importante em seu íntimo, incluindo-se muito do que ela própria não percebia.

Harwich apresentou-os.

— Por que não nos sentamos, e assim poderá me falar mais sobre si mesma?

Ele indicou um macio sofá e duas poltronas combinando, perto da janela cheia do sol ofuscante. Uma mesa de vidro, com uma bem arrumada pilha de revistas, situava-se ao alcance de quem se sentasse ali. Nora ocupou uma extremidade do sofá, e Mark Foil

deslizou para a outra. Como se quisesse deixá-la à vontade, Harwich contornou a mesa de vidro, sentou-se na poltrona ao lado da extremidade mais distante do sofá, e reclinou-se contra o encosto.

— Você não tem estado dormindo muito bem, não é mesmo?
— perguntou Foil.

— Não tanto quanto eu gostaria — respondeu Nora, surpresa com a pergunta.

— E esteve submetida a uma grande dose de estresse. Se minha pergunta não a incomoda, por que isso acontece?

Ela olhou para Harwich, que parecia inteiramente desligado.

— Os últimos dias foram um tanto estranhos — disse ela.

— Em que sentido?

Olhando para o rosto inteligente e gentil abaixo dos cabelos brancos, Nora quase chegou ao ponto de admitir que estava ali sob falso pretexto. Mark Foil percebeu a hesitação e inclinou-se para diante, sem alterar a expressão.

Ela ergueu os olhos de Foil para Harwich, o qual a fitava com ar alarmado.

— Para dizer a verdade — falou ela — acabei de entrar na menopausa e meu organismo parece ter-se voltado contra mim.

Foil tornou a reclinar-se no sofá, assentindo. Atrás dele, sem ser visto, Harwich também tornou a descansar o corpo em sua poltrona.

— Além de ter uma aparência bastante jovem, isso faz bastante sentido — declarou Foil. — Esteve vendo seu ginecologista, mantendo um registro do que está acontecendo?

— Sim, obrigada.

— Lamento se pareci bisbilhoteiro. Sou como um velho cavalo treinado no combate ao fogo. Meus reflexos são mais fortes do que meu senso comum. Você e Dan eram amigos na Brown?

— Exatamente.

— E que tal o nosso eminente neurocirurgião naquela época?

Nora olhou para o nosso eminente neurocirurgião e tentou adivinhar como ele havia sido na Brown.

— Selvagem e acanhado — disse ela. — Sempre zangado. Melhorou, assim que entrou para a Escola de Medicina.

Foil riu.

— Que coisa maravilhosa é a recordação de um velho amigo! Ela impede que esqueçamos os casulos dos quais emergimos.

— Alguns velhos amigos lembram-se de bem mais do que você imaginaria possível — disse Harwich.

— Quando eu tinha essa idade, li Browning e Tennyson, até me saírem pelos ouvidos. Não são muito modernos, receio. Suponho que grande parte do que apreciei na obra de Creeley foi que, embora ele fosse muito melhor do que eu jamais poderia ser, tampouco era muito moderno. Na medicina, a gente precisa estar sempre atualizado para ser útil de algum modo, mas creio que isso não é válido nas artes, concorda?

Andrew Martindale surgiu à porta, trazendo uma enorme bandeja de prata com três xícaras e um bule também de prata, em tempo de ouvir a última frase de Foil. Virando-se, ele carregou a bandeja para a mesa de tampo de vidro.

— De novo? — exclamou. — Oh, não!

— Bem, desta vez temos uma Ph.D. de Harvard e escritora profissional para consultar. O que você acha, Emily? Eu e Andrew

vivemos discutindo tradição versus *avant garde*, e ele é absolutamente turrão em suas opiniões.

Martindale fez a bandeja deslizar em cima da mesa, quase derrubando a pilha de revistas. Nora olhou para eles e viu-se perdida, fora de seu campo de ação e prestes a ser denunciada como fraude. *Avec, Lingo* e *Conjunções*, que quase certamente representavam o gosto de Martindale em literatura, poderiam muito bem ter sido escritos em paquistanês pois para ela não faria diferença, já que ignorava o que continham.

— Ponha um fim à nossa discussão — pediu Foil.

— Você não deveria... — começou Harwich.

— Não, está tudo bem — cortou Nora. — Não creio que eles desejem pôr um ponto final em sua discussão, porque ambos se divertem muito com isso. Pessoalmente falando, eu tanto aprecio Benjamin Britten como Morton Feldman, mas é bem provável que um detestasse a música do outro.

Ela passou os olhos em torno, fitando os três homens. Dois deles a olhavam com indisfarçada e amistosa aprovação, o terceiro com indisfarçado pasmo.

Martindale sorriu para eles todos, e desapareceu.

Como se seguisse indicações de palco, os três pegaram suas xícaras e bebericaram o excelente café.

— Você tem razão, nós nos divertimos com nossa constante discussão, e parte do que aprecio em Andrew é o fato dele ficar tentando tornar-me atualizado. Embora a obra de Creeley não seja da espécie geralmente de seu agrado, ele tem apoiado meus esforços para publicar uma Coletânea de Poemas. — Foil sorriu para

ela. — Seria ótimo se seu trabalho me permitisse finalmente fazer justiça a ele.

Nora sentiu vontade de rastejar para fora daquela casa.

— Merle deve ser seu editor.

— Como disse?

— Merle Marvell. Na Casa Chancel. Ele não é o seu editor?

— Oh, sim, naturalmente. Não imaginei que o senhor o conhecesse.

— Nós nos vimos uma meia dúzia de vezes, porém eu realmente só o conheço de reputação. Até onde sei, Merle é a única pessoa na Chancel que teria coragem suficiente para levar avante um projeto que pudesse revelar-se menos do que lisonjeiro para Lincoln. Aliás, tenho a impressão de que Merle é o *único* editor real na Casa Chancel.

Nora sorriu para ele, porém aquela conversa a deixava cada vez mais constrangida.

— Você acha que a Chancel House desejaria publicar algo capaz de colocar Driver em uma luz diferente? Para começar, Creeley não o tinha em grande conta e, pelo fim do verão, ele positivamente detestava o homem.

— Eu penso que eles estão desejando apresentar um ponto de vista equilibrado — disse Nora.

— Sendo assim, tudo bem. — Foil colocou sua xícara no pires. — Não vejo por que eu não deva partilhar isto com você. — Ele pegou o grosso livro vermelho. — Este é o diário que Creeley manteve durante seu último ano de vida. Eu o li quando examinei os papéis dele, após a sua morte. Se os li? Bem, eu os *estudei*. Como todo sobrevivente de um suicídio, eu buscava uma explicação.

— E encontrou alguma?

— Alguém encontra? Ele ficara decepcionado na véspera de matar-se, porém eu não pensaria... — Foil abanou a cabeça, com a lembrança da derrota bem nítida em seus olhos. — Ainda não é nada fácil. De qualquer modo, se você está interessada em abaixar um pouco a crista do famoso Hugo Driver, isto lhe será útil. O homem era um poltrão. Ele foi pior do que isso. Creeley levou algum tempo a convencer alguém do fato, porém ele era um ladrão.

61

O SANGUE DE NORA PARECEU desacelerar nas veias.

— Está querendo dizer que ele roubou a obra de outros escritores?

— Oh, todos eles fazem isso, a começar por Shakespeare. Estou falando de roubo *real*. A menos que você diga que Driver realmente plagiou *Jornada na Noite*. Entretanto, se era esta a sua história, é difícil acreditar que Chancel a apóie. — Ele sorriu. — Ao invés de lhe darem um contrato, o mais provável é que eles arranquem um de você, com ou sem Merle Marvell.

Harwich deu uma risadinha contida, e Nora o silenciou com um olhar homicida.

— O senhor quer dizer que Creeley Monk o viu roubar coisas dos outros convidados?

— Não apenas Creeley, por sorte. Você está interessada em todos eles, não está? Em tudo que aconteceu naquele verão?

Ela assentiu.

— Pois estou preparado para fazer isto. — Foil gesticulou com o livro na mão. — Descreverei parte do conteúdo deste diário. Você continuará sua pesquisa, enquanto eu e Andrew estivermos em Cape Cod. Assim que voltar, falarei com Merle Marvell e ouvirei o que ele tem a dizer sobre você e seu projeto. Poderia fazer isto agora, porém nosso tempo é limitado esta manhã. Você conta com o mais, ah, pitoresco, neurocirurgião do estado testemunhando em seu benefício, de maneira que irei mais longe do que iria normalmente.

Entretanto, quero ser tão cauteloso quanto o razoavelmente possível. Presumo que não faça objeções, não é mesmo?

Nora refletiu firmemente por um momento, enquanto os dois homens olhavam para ela — Harwich despedindo faíscas de fúria e indignação, e Foil muito calmo.

— Eu poderia enviar-lhe os capítulos depois de escritos, não? Se me emprestasse o diário haveria mais tempo de recolher todas as informações, e ele lhe seria devolvido no final do verão.

Ele já estava abanando a cabeça.

— Eu conservo a documentação de Creeley em custódia. — Vendo que Nora pretendia objetar, Foil ergueu um dedo indicador. — Seja como for, quando Merle me disser que você é de fato o que afirma ser, e estou certo de que ele dirá isso, eu lhe darei uma cópia de todas as páginas relevantes deste diário. Estamos combinados?

Harwich dirigiu a ela um olhar sombrio e infeliz.

— Acho que assim estará ótimo — respondeu Nora.

— Então, tudo bem. — Uma contida vitalidade surgiu nas feições do homem, e Nora viu o quanto ele ansiara, o tempo todo, em fazer justiça ao amante morto. — Permita-me dizer-lhe algo sobre o *background* dele, a fim de que possa avaliar a espécie de pessoa que foi Creeley. — Foil fez uma pausa para coordenar os pensamentos. — Ele era um ano mais atrasado do que eu na Academia Garand, e tinha uma bolsa de estudos. Todos nós éramos parecidos, exceto Creeley. Ele era tão conspícuo quanto um pavão em meio a um bando de gansos.

“O pai dele era *barman*, e sua mãe uma imigrante irlandesa. Moravam num pequeno apartamento em cima do bar e ele precisava tomar dois ônibus para chegar à escola. Creeley comparecia às aulas

usando enormes sapatos pretos de trabalho, um hediondo terno listrado grande demais para ele, e colarinho Buster Brown, com uma gravata-borboleta de *veludo*. É claro que os rapazes mais velhos o surravam, e isso era por causa dos colarinhos Buster Brown, mas Creeley insistia em usar a gravata-borboleta de veludo. Esta fora idéia *dele*. Havia lido que os poetas usavam gravatas-borboleta de veludo, e Creeley já sabia que era um poeta. Também sabia, na avançada idade de quatorze anos, que era sexualmente atraído para pessoas de seu mesmo sexo, embora simulasse o contrário. Não havia alternativa, se quisesse sobreviver. Entretanto, não via o menor motivo em simular qualquer outra coisa.

“Chegando ao segundo ano, ele ficou parecido com o resto de nós. Sendo absolutamente destemido e possuindo também semelhante *personalidade*, Creeley já conquistara um lugar na escola. Todos o cortejavam. Era algo extraordinário. Ali estava uma escola completamente prosaica, e Creeley Monk, sem ajuda de ninguém, fez com que eles, ou melhor, nós, respeitássemos uma vocação literária. Em seu penúltimo ano, ele publicou alguns poemas em revistas nacionais.

“Fui para Harvard, e ele chegou lá um ano depois, com uma bolsa de estudos integral. Não demorou muito para ficarmos íntimos. Eu e Creeley vivemos juntos enquanto cursei a Escola de Medicina, e ele se mudou para Boston, assim que fui para lá como interno e residente. Ele conseguiu emprego escrevendo cópias de catálogos para uma firma editora e tivemos apartamentos separados no mesmo prédio, isto por escolha sua. Ele não queria fazer algo que pudesse comprometer minha carreira. Em todos os demais sentidos, no entanto, éramos um casal estabelecido, de maneira que quando

me mudei para cá, ele fez o mesmo. De novo morávamos em apartamentos separados, e comecei a clinicar com dois homens mais velhos. Durante essa época, eu e Creeley éramos como pessoas vivendo um casamento aberto. Ele me era dedicado, e Deus sabe que também lhe fui dedicado. Entretanto, Creeley era uma pessoa promíscua por natureza, e estava indo trabalhar em Boston quase todos os dias, de maneira que assim corria a nossa vida.

“Ele começou a ter obras publicadas em todo tipo de jornais e revistas, fez palestras e ganhou alguns prêmios. O *Campo Desconhecido* foi publicado em 1937, e fico feliz em dizer que recebeu indicação para um Prêmio Pulitzer. Georgina Weatherall convidou-o para Shorelands durante o julho seguinte, e ambos encaramos isto como um grande sinal.

“No fim, ele ficou desapontado. Nenhum dos escritores que mais admirava esteve presente, e duas pessoas que lá se encontravam jamais haviam publicado livros — Hugo Driver e Katherine Mannheim. Creeley tinha visto uma história de Katherine Mannheim em uma revista literária e até apreciou-a, mas ela publicara uma quantidade razoável de poesia, que ele apreciava muito mais. Em pessoa, ela revelou-se uma surpresa sumamente agradável. Creeley a imaginara uma espécie de coisinha perdida, como um animal sem dono, de modo que sua mordacidade e inflexibilidade foram como que uma surpresa. Havia também algo mais que ele admirava nela. Lerei parte disso no diário. Hugo Driver era outro assunto. Creeley havia lido algumas histórias dele em pequenas revistas e avaliou-as como chá fraco. Driver o deixava pouco à vontade, mesmo antes de Creeley tomar conhecimento do roubo feito por ele. Em sua primeira carta para mim, disse que

Driver era 'desagradável e desatinado', o que acabou transformando-se em piada corrente. Após algum tempo, ele passava a referir-se a Driver como 'D&D' no diário, depois tornando-se 'DD' e finalmente 'DeDe', como o nome da jovem.

“Os outros eram um punhado heterogêneo. Austryn Fain o impressionou como uma sagaz inutilidade, uma espécie de punguista literário, que passava a maior parte do tempo querendo convencer Lincoln Chancel a investir uma boa soma de dinheiro em seu próximo livro. Havia ainda Bill Tidy. Creeley o respeitava e adorou o livro dele, *Nossas Frigideiras*. Os dois tinham muito em comum. Assim, ele foi para Shorelands antecipando uma espécie de encontro de mentes, porém Tidy exibiu uma fachada de operário de palavreado rude, recusando-se a falar com Creeley.

“Havia também o astro em ascensão daquela assembleia, Merrick Favor. Creeley sentiu-se instantaneamente atraído por ele, porém de nada adiantou. Pude ver o que estava para acontecer, quando ele escreveu que, ao jantar pela primeira vez na Casa Principal, viu Favor conversando com Katherine Mannheim em um canto e pensou que estivesse me vendo!”

Nora percebeu subitamente que o motivo de Mark Foil ter-lhe parecido familiar era por ele ser uma cópia mais velha do atraente e jovem escritor na famosa fotografia.

— Posso imaginar — conseguiu dizer.

— Suponho que ele realmente parecesse comigo, porém isso era tudo o que tínhamos em comum. Favor era indiscutivelmente heterossexual e, além disso, um mulherengo compulsivo. Tanto ele como Austryn Fain flertavam com Katherine Mannheim, mas ela não tinha preferência por nenhum dos dois. Apenas divertia-se com eles.

O próprio Lincoln Chancel tentou alguma espécie de proposta algo rude com ela, porém Katherine o liquidou com uma piada. Entretanto, qualquer um sabe a atração por aquilo que não se pode obter. Creeley acabou ficando desesperançadamente caído por Favor. Isso o deixou louco, e ele saboreou cada frustrante segundo dessa situação.

— O senhor não se importava? — perguntou Nora.

— Se eu me importasse com esse tipo de coisa, não aturaria Creeley uma semana, muito menos todos aqueles anos. Ele não era predestinado ao celibato. Sabe como a propriedade funcionava, como eles viviam e como eram os dias dos hóspedes?

— Não em grandes detalhes — respondeu Nora. — Sei que eles ocupavam casas diferentes e jantavam juntos todas as noites, não é?

Foil assentiu.

— Georgina Weatherall morava na Casa Principal, ao passo que os convidados ficavam em chalés distribuídos entre o matagal que circundava os jardins. Eram edificações de um e dois andares, construídas originalmente para a criadagem, quando a família dona da propriedade tinha um exército de empregados. Creeley estava na Casa do Mel, um dos menores chalés, isolado e no lado mais distante do laguinho. O chalé tinha apenas dois pequeninos aposentos e uma cama de solteiro cambaia, o que o deixava mal-humorado. Sendo a única hóspede mulher, Katherine Mannheim foi colocada sozinha na casa de hóspedes maior, a Pão de Mel, escondida no fundo do arvoredos, depois dos jardins. Austryn Fain e Merrick Favor ficaram no chalé Pote de Pimenta, ao passo que Lincoln Chancel e “Desagradável & Desatinado” foram instalados no

chalé maior, o Rapunzel. Este possuía uma torre de pedra em um dos lados e ficava a meio caminho entre Pão de Mel e a Casa Principal. Chancel ficou com a torre para si mesmo. Imagino que era ele quem dava as ordens.

— Ainda não entendi bem por quê, antes de mais nada, Lincoln Chancel quis ir para lá — disse Nora, que acabara de reparar no detalhe. — Ele tinha seus negócios para cuidar e dificilmente permaneceria um mês em uma espécie de colônia literária, ainda que em benefício da Casa Chancel.

Foil começou a responder, mas procurou conter-se.

— Sempre aceitei a presença dele lá como certa, porém Chancel não tinha de sujeitar-se à seleção de escritores por parte de Georgina, concorda? De qualquer modo, ele não permaneceu lá o mês inteiro; apareceu somente para as duas últimas semanas.

— A resposta é óbvia — disse Harwich. Os outros dois esperaram. — Dinheiro.

— Dinheiro? — exclamou Nora.

— O que mais poderia ser? Os Weatheralls eram donos da metade de Boston. Pensava-se que Lincoln Chancel fosse mais rico do que Deus, porém todo o seu império não caiu de quatro logo depois de tudo isto? Ele procurava uma boa soma em dinheiro para iniciar sua firma editora.

— Seja como for — disse Foil — voltando ao tema Shorelands, até mesmo os hóspedes normais não tinham qualquer programação diária formal. Durante o dia, podiam fazer o que mais lhes agradasse, desde que ficassem na propriedade. Se quisessem trabalhar, as empregadas levavam caixas de almoços aos chalés. Se quisessem vida social, Georgina os recebia na varanda. Podiam

nadar no laguinho ou jogar tênis nas quadras. Os jardins eram famosos. Os hóspedes perambulavam pelas diferentes áreas ou sentavam-se nos bancos e liam. Às seis e meia da tarde, reuniam-se todos na Casa Principal para drinques e, às sete, passavam para a sala de refeições. Permita-me ler-lhe algo. Foi o que Creeley escreveu, ao voltar para a Casa do Mel, em sua primeira noite:

“Tendo os deuses encarregados das ferrovias visto minha chegada a este tão ansiado destino com cinco horas de atraso, deste modo adiando a morte de minhas ilusões, fui apressadamente escoltado pela alarmante srta. W., uma aparição em vividas e dissonantes cores (púrpura, vermelho, laranja e azul-pastel) distribuídas entre camadas de echarpes, xales, saia, meias e sapatos. Usava também uma não-para-ser-ignorada profusão de jóias monstruosas, bem semelhante à sua pintura facial. Fui eu assim conduzido por uma estreita alameda através dos jardins — até então, todos esplêndidos — da qual passamos para uma outra mais estreita, que prosseguiu até meus aposentos, ou seja, a Casa do Mel, um nome sugerindo um rústico encanto ao meu suscetível eu. Em realidade, a rústica Choça do Fel não possui o menor encanto. A srta. W. apontou um dedo incrustado de anéis para um quarto que mais parecia uma minúscula prisão, uma esquálida alcova-cozinha e uma mesa desconjuntada, onde deverei Criar! Criar! Crocitando, ela partiu e me deixou entregue a mim mesmo.

“E quem vejo eu, após minha primeira entrada na Bagdá que é o salão da Casa Principal, senão o companheiro desta minha eterna vida sensória, visivelmente encantado com um belo rapaz? Salvação! Ele viera para salvar-me do Fel! Madame, de velas enfunadas, trajando farrapos ainda mais espalhafatosos, o rosto reluzente de pintura fresca, fez crocitas apresentações para mim, porém aquele não era o meu próprio MF, mas seu perfeito sócia, MF2 que, de fato, é o queridinho literário do ano passado, Merrick Favor. Quanto ao rapaz, aliás, uma não-terrivelmente-andrógina jovem, revelou-se ser Katherine Mannheim, cujo trabalho aprecio. Como também aprecio a própria Katherine, por sua boa natureza incomodativamente anti-sentimental, sua elegância deselegante, sua cáustica espirosidade e, não por último, sua presteza em admitir consternação ante nossa anfitriã e seu reino. De igual forma aprecio — ai de mim! — o Favorecido indivíduo, sem dúvida devido a tudo que foi dito acima (excetuada a última parte), embora esse Bem-Favorecido se mostre demasiado polido em suas palavras e, ainda mais do que isso, rendido aos encantos físicos da jovem. MF2 tolera a minha intrusão, e ficamos os três discutindo nossos projetos correntes, eu já escravizado a 2, e este todo olhos para a jovem. Ele trabalha em um romance, é claro, enquanto que KM se declara ‘inescrevendo’ um romance. Quando pergunto qual o sentido de inescrever, ela responde, ‘E exatamente como escrever, apenas ao inverso’. Murmuramos admirações

sobre Georgina, que 2 aceita docemente por seu valor ostensivo. Entre os demais, identifiquei Bill Tidy, por fotos de publicidade — canhestro, introvertido e mal-humorado, com quem em breve deverei estar fazendo causa comum — e um barbudo cabeça de feijão, que deve ser Austryn Fain. (Durante o jantar estarei sentado à frente dele — e, sim, trata-se realmente de Fain, o qual, lamento dizer, é um Idiota desprovido de talento ao adular 'Madame', chegando a soltar exclamações a respeito da pegajosa coleção de 'arte' que ela possui. Essa coleção consiste de uma mixórdia de diligentes pinturas malfeitas, todas elas obliterando uma obra-prima, um belo Mary Cassatt e a única outra peça decente de 'Madame', isto é, um soturno Redon, largamente preferido por mim.) 2 e Idiota dividem alojamentos. 2 finge estar satisfeito com o arranjo, ao passo que Idiota, tão sonso quanto seu companheiro de alojamento, sente por KM a mesma paixão que 2. A um canto, move-se furtivamente uma alma suja, mais tarde revelando-se como Hugo Driver, sobre quem quanto menos for dito, tanto melhor. Convidado a um drinque, apóio o proletariado ao pedir um deselegante vinho *Spo-dee-o-dee*, metade vinho tinto e metade gim, freqüentemente servido na estalagem paterna, e KM delicia-se ao ingerir o seu borbulhantemente, depois pedindo um letal 'Alto-e-Baixo', isto é, partes iguais de vinho do Porto e gim. Estes são desaprovadamente entregues.

“Da mesma forma, o jantar consiste em iguais porções adocicadas e cruas, pois enquanto KM fulgura e o esplêndido 2 é decididamente amistoso, nossa anfitriã emite dilações sobre a Alma Germânica. Desvio minha atenção para as pinturas. Mary Cassatt recebe o que lhe é devido, enquanto os elogios dirigidos aos demais borrões malfeitos sobem aos céus, com o rastejante Fain fazendo coro. Faço um comentário sobre o pequeno Redon, e a irritada ‘Madame’ esganiça que só o pendurou na parede por causa de seu nome. O que pensa a srta. Mannheim a respeito do maravilhoso quadro de Lockesly, mostrando o campônio ao longe, diante do seu redil?, pergunta Georgina, desejando restaurar o tom moral adequado. ‘Eu penso’, diz KM, ‘em Aristóteles Contemplando o Lar de Buster.’ ‘Oh, minha cara’, diz Georgina, com um sorriso afetado, ‘você quis dizer, você certamente pretendia dizer..’ ‘Aquele carneiro-guia só pode ser um Buster, se é que já vi algum’, disse KM, e prontamente retornamos à magnificência de todas as coisas teutônicas.”

Mark Foil ergueu os olhos do diário e fitou Nora de maneira quase apologética.

— Creeley descambava para este tom quando se achava assustado ou inseguro, e o álcool sempre estimulou seu lado exibicionista. Ele menciona apenas um vinho *Spo-dee-o-dee*, algo que só bebia quando queria ofender pessoas que achava estarem sendo pretensiosas. Entretanto, tenho certeza absoluta de que Creeley estava aturando pelo menos três delas. É claro que ele

adorou ouvir a jovem pedindo um “Alto-e-Baixo”, pois isto indicava que ambos tinham idéias parecidas. Eles costumavam falar sobre seus “drinques estranhos”.

— Drinques estranhos — repetiu Nora, Sobressaltada por outra referência a Paddi Mann.

— Creeley os ficou conhecendo através dos músicos que freqüentavam o bar da família. Entretanto, ele também quis dar a entender que os dois eram “estranhos” em Shorelands. A piada sobre Aristóteles Contemplando o Lar de Buster (*Aristotle Contemplating the Home of Buster*) na realidade foi um jogo de palavras — Aristóteles Contemplando o Busto de Homero (*Aristotle Contemplating the Bust of Homer*) e selou a sorte *dela*; Georgina não era totalmente obtusa, e pelo menos *sentiu* que Creeley a considerava absurda, de maneira que também ele foi considerado inaceitável. Isto significa que temos aqui esta pequena situação.

— O que foi que Driver roubou? — perguntou Nora.

No outro lado da porta soaram duas ruidosas passadas. Andrew Martindale entrou, batendo sobre o mostrador de seu relógio de pulso, com uma expressão satisfeita no rosto.

— Trinta e três minutos, um recorde mundial! Como estamos indo por aqui?

— Eu estive falando demais, como de costume — respondeu Foil. Ele ergueu a manga, a fim de consultar seu próprio relógio. — Ainda temos tempo de sobra, se não vadiarmos muito no trajeto.

Martindale foi até uma confortável poltrona no lado oposto da sala, sentou-se, cruzou as pernas e acomodou-se.

— Onde é mesmo que estávamos? — perguntou Foil.

— Roubando — disse Nora.

— Estivemos roubando alguma coisa? — perguntou Martindale.

— Hugo Driver estava roubando algo. — Foil abriu o diário vermelho e folheou páginas. — Isto foi alguns dias antes da chegada de Lincoln Chancel e de todos os tipos de malas e caixas, inclusive móveis, terem sido entregues no chalé Rapunzel e deixados na torre. Chancel insistiu em sua própria cama, tendo a antiga ido parar no porão da Casa Principal. Ele fez instalar uma máquina impressora de fita, a fim de poder acompanhar a movimentação no mercado de ações. Da Dunhill chegou uma enorme caixa de papelão contendo charutos. Uma firma fornecedora de refeições montou um bar de mogno em um aposento e o estocou com garrafas.

Foil examinou uma das páginas.

— Oh, aqui está! A véspera da chegada de Chancel. Como bons "deslocados no ambiente", Creeley e Katherine Mannheim tinham estado abusando dos "Alto-e-Baixos", de modo que no meio do jantar ele precisou deixar a mesa para ir ao banheiro. Pois quem encontraria agindo de maneira suspeita na sala de estar, senão o bom e velho D&D, Hugo Driver, que deixara a sala de refeições sem ninguém perceber?

"A princípio nem cheguei a vê-lo, e talvez não o visse de maneira alguma, se ele não houvesse inspirado ar bastante para encher uma bola de gás, em seguida tropeçando em um pé do sofá. Quando espiei para a fonte de tais ruídos, vi a bolsa bordada de KM deslizando pelo encosto do sofá até vir descansar no assento, com um nítido chocalhar. D&D, a quem eu julgara envolto em seu

habitual e sombrio nervosismo quando sentado à mesa, emergiu em torno do lado do sofá, e deslizou algo para o bolso direito de seu surrado paletó de *tweed*. Ele puxou a aba do bolso sobre o mesmo e tentou intimidar-me. Que patética criatura era aquela coisa! Parei de mover-me, sorri para o coisa e, em voz muito tranqüila, perguntei-lhe o que estava fazendo. Penso que o coisa esteve perto de desmaiar. Falei que se ele repusesse o objeto roubado em seu lugar, imediatamente, eu me manteria de boca fechada. O nojento covarde exibiu-me os dentes em um sorriso forçado, e declarou que a srta. Mannheim lhe pedira para apanhar uma caixa de pílulas em um compartimento interno de sua bolsa, e que, se eu não estivesse tão concentrado em Rick Favor, decerto teria ouvido a conversa de ambos. Eu tinha observado KM falando em sussurros com D&D, como também notara o terrível e úmido regozijo do coisa ao ser assim favorecido, porém isso fora tudo. Em seguida, o coisa exibiu a prova de sua inocência, uma caixinha de prata para pílulas. Logo após meu retorno do banheiro, com outro laborioso jantar e seus hinos a Nietzsche e Wagner felizmente no passado, inseri-me na perfumada região entre 'Rick' (!!) e KM, aos quais relatei o que tinha visto e dito. KM esgrimiu a caixa de pílulas, e 2 implicou, sem sutilezas, que eu imaginara o roubo. Implorei a ela que vistoriasse o conteúdo de sua bolsa e, quando KM fez isso, pude observar, embora 2 nada visse, uma expressão divertida cruzar-lhe o rosto. 'Quem rouba minha bolsa, rouba escórias', disse ela. Agora

excitado, o caro 2 se dispôs a enfrentar D&D, mas KM o deteve, dizendo-lhe que não fizesse isso, porque nada estava faltando, certamente nada valioso , — afinal de contas, ele lhe levara a inestimável caixinha, da qual ela extraiu uma diminuta pílula cor de marfim, que depois alojou, como um doce, sob sua língua pontuda.”

— Duas semanas mais tarde, no entanto — disse Foil —, enquanto todos os demais cortejavam Lincoln Chancel, Driver enfiou no bolso uma pinça de prata para açúcar, pertencente a Georgina. Creeley o viu fazer isso. A primeira pessoa a quem contou foi Merrick Favor, que o chamou de degenerado, acrescentando que, se não parasse de difamar Hugo Driver, esmurrava-lhe a cara.

— Por falar em degenerados — disse Andrew Martindale, de sua distante poltrona — o lunático que escapou da prisão no Connecticut está à solta em Springfield, aquele... como é mesmo que se chama? Dick Dirt?

— Dart — disse Nora em voz rouca, e pigarreou. — Dick Dart.

— Ele estava em um motel, no outro lado da cidade. Quando a polícia chegou lá, tudo que eles encontraram foi um cadáver cortado em pedaços, em um dos quartos. Nem sinal de Dart. O repórter disse que o corpo parecia uma aula de anatomia.

O rosto de Nora ficou em brasa. Foil a observava.

— Sente-se bem, sra. Eliot?

— Os senhores têm que viajar para Provincetown e nós os estamos retardando...

— Deixe que eu me preocupe sobre chegarmos a Cape Cod em tempo. Tem certeza de que está bem?

— Tenho, claro. Apenas... — Ela tentou inventar uma explicação razoavelmente plausível para sua indisposição. — Moro no Connecticut, em Westerholm e, na realidade, conheci algumas das vítimas de Dick Dart.

Andrew Martindale pareceu solidário, Mark Foil, preocupado.

— Que terrível para você... Chegou a conhecer esse Dart?

— Ligeiramente — respondeu ela, e tentou sorrir.

— Gostaria de uns dois minutos de descanso?

— Não é preciso, obrigada. Eu preferiria ouvir o resto.

Foil tornou a olhar para o livro aberto em suas mãos.

— Vejamos se consigo resumir isto. Lincoln Chancel chegou conforme o programado e imediatamente transformou Hugo Driver em uma espécie de criado, incumbindo-o de pequenas missões e, de um modo geral, explorando-o em todos os sentidos. Driver parecia enaltecido naquele papel, como se esperasse conservar o emprego quando o mês terminasse. O pobre Creeley foi mantido no gelo. Suponho que Merrick Favor mencionou a uma ou duas pessoas as acusações feitas por ele e que, depois disso, tanto Creeley como Katherine Mannheim perderam as boas graças de sua anfitriã. Ela mais do que Creeley porque, na realidade, Katherine rapidamente ficou absorvida em sua "inescritura", seja lá o que isso signifique, a ponto de perder alguns jantares para trabalhar nela. Isto a deixou em tal desfavor, que todos começaram a achar que seria apenas uma questão de tempo antes que Georgina a mandasse embora, como era seu costume se um hóspede a decepcionasse seriamente.

"Certa noite, todos eles tomaram parte em uma cerimônia chamada 'o Definitivo', que acontecia em uma área com o nome de Vale de Glen. Nada mais sei a respeito, exceto que era algo

enfadonho. Tudo quanto Creeley relatou em seu diário, foi: 'O *Definitivo, ahhhh! felizmente terminou.*' No dia seguinte, entretanto, começou todo o excitamento. Depois do almoço, Creeley saiu para um passeio pelos jardins. Merrick Favor o seguiu, deu-lhe um tapinha no ombro, e Creeley quase desfalece. Por um segundo, pensou que Favor perdera a paciência e ia esmurrá-lo, mas, em vez disso, ele lhe pediu desculpas. Hugo Driver *era* realmente um ladrão ou lhe despertara fortes suspeitas. A seguir, Favor explicou-se.

"Ele estivera seguindo Katherine Mannheim pelos jardins, esperando ter uma palavra a sós com ela, mas a cada vez que a jovem se sentava por um momento, um dos outros homens surgia por uma abertura na sebe e sentava-se ao seu lado. O último tinha sido Driver, e Favor os vira trocando algumas palavras, até que ela abandonou o banco e desapareceu de vista, através de uma passagem na sebe. Favor começara a caminhar para a jovem, quando viu Driver perceber que ela deixara a bolsa jazendo meio aberta em cima do banco. Então parou, a fim de ver o que acontecia. Driver relanceou os olhos em torno — Foil imitou o rápido movimento de um homem não desejando ser observado — e chegou mais para perto da bolsa. De onde se encontrava parado, Favor não pôde ver o outro remexendo no conteúdo da bolsa, e Driver era esperto o bastante para não olhar as próprias mãos. De qualquer modo, Favor estava bem certo do que acontecia, e quase certo de *ter visto* Driver guardar algum tipo de objeto em seu bolso do paletó, de modo que saiu de seu esconderijo e enfrentou o malandrinho. Driver negou tudo. Chegou a dizer que estava farto daquelas acusações e pretendia queixar-se a Georgina. Dito isto, afastou-se. Favor entregou a bolsa à srta. Mannheim e contou-lhe o

que vira. Quando examinou a bolsa, ela riu e disse: 'Quem rouba minha escória, escória rouba.' Nessa noite, ela desapareceu."

— Depois que Favor julgou ter visto Driver roubando algo da bolsa dela — disse Nora.

— Exatamente. Ela não apareceu para o jantar. Georgina ficou irritada e desforrou em todos os presentes, inclusive em Lincoln Chancel. Mais tarde, nessa mesma noite, Creeley saiu para uma caminhada e encontrou Chancel e Driver perto do chalé de Bill Tidy. Chancel mostrou-se extraordinariamente grosseiro com ele. Disse-lhe que parasse de ficar espionando. Na noite seguinte, mais uma ausência de Katherine Mannheim e então, depois do jantar, Georgina guiou o grupo inteiro até o chalé Pão de Mel, a pretexto de ver se a srta. Mannheim estaria adoentada. Todos puderam perceber que, a menos que Katherine Mannheim fosse encontrada ardendo em febre e fraca demais para sair da cama, Georgina iria expulsá-la no ato. Em vez disso, no entanto, ela se fora. Havia desaparecido em algum momento entre a tarde anterior e aquela noite. Georgina nem mesmo pareceu surpresa, escreveu Creeley. Comportou-se como se já esperasse encontrar uma porta sem trancar e um chalé vazio. "Lamento dizer", falou ela, "que a srta. Mannheim parece ter pulado o muro." E isso foi tudo. Como tinha o telefone de uma das irmãs da jovem, telefonou para ela, pedindo-lhe que retirasse as poucas coisas deixadas por ela no chalé. A irmã chegou no dia seguinte. Não tinha idéia do possível paradeiro da srta. Mannheim. Ela não se encontrava em seu apartamento de Nova York, e tampouco falara com alguém da família. Era uma pessoa imprevisível, e anteriormente já desaparecera de lugares onde não se sentia à vontade. Entretanto, sua irmã estava muitíssimo preocupada.

— Imaginando-a morta — disse Nora.

— Você deve saber que a srta. Mannheim tinha um coração fraco. A irmã receava que ela pudesse ter entrado na floresta e sofrido algum ataque cardíaco, de modo que insistiu em chamar a polícia. Georgina ficou furiosa, mas cedeu. Durante dois dias, a polícia de Lenox interrogou os hóspedes e a criadagem em Shorelands. Eles vasculharam o terreno e o bosque. Por fim, parecia bastante claro que ela fugira e, uma semana mais tarde, o verão chegava ao fim.

— Então, houve todas aquelas mortes — comentou Nora.

— Foi como uma maldição. Georgina deve ter julgado necessária alguma espécie de renovação, porque imediatamente pagou por uma grande quantidade de extensas reformas. Seja como for, aquelas mortes lançaram uma longa sombra sobre a propriedade.

— Vai haver uma longa sombra sobre *nós* — disse Andrew Martindale.

— Só mais um minuto. — Foil consultou seu relógio e saltou um grosso chumaço de páginas. — Quero que você ouça algo do final, para que fique sabendo tanto quanto eu sobre a morte de Creeley. — Ele tornou a erguer os olhos. — Caso descubra algo que possa lançar luz sobre este caso, eu ficaria grato se me deixasse saber. Sei que isto não é provável, porém mesmo assim eu lhe peço.

— Comunicarei ao senhor qualquer coisa que descobrir — prometeu Nora.

— Isto é tão enigmático! Aqui está o que Creeley escreveu em seu diário, três dias antes de acabar com a vida:

“De repente, um fecho de luz atravessa a depressão em que tenho vivido desde que parti de Shorelands. Parece que, afinal de contas, existe esperança, surgida de uma grandemente Inesperada Procedência. Interesse por lugares altos! Que abençoada reviravolta, se tudo acontecer como deveria!”

— Ou então isto, escrito no dia seguinte:

“Nada, nada, nada, nada, nada. Terminado. Acabado. Eu já devia saber. Pelo menos, não tagarelei para MF. Que cruel, ser escrito somente para ficar inescrito!”

— E é isso, isso é tudo, essa foi a última anotação. Não tive notícias dele em nenhum desses derradeiros dias. Quando tentei ligar, a telefonista me disse que o telefone dele estava fora do gancho, e então presumi que Creeley estivesse trabalhando. Eu sabia que ele se sentira infeliz por muito tempo, de maneira que era bom imaginá-lo trabalhando com afinco. Entretanto, Creeley nunca ficou mais de três dias sem pelo menos falar comigo, e no dia seguinte, quando continuei sem conseguir ligar para ele, após atender meu último paciente peguei o carro e fui até seu apartamento.

Foil parou de falar por um momento.

— Era um dia sombrio, miserável. Enregelante. Havíamos tido um inverno terrível. Creio que levamos cerca de um mês sem ver a luz do sol. Cheguei ao prédio em que ele morava. Creeley vivia no andar de cima de uma casa de dois pavimentos, com entrada

privativa para seus aposentos. Depois que saí do carro, escalei um banco de neve e ergui o rosto para as janelas dele. Todas as luzes estavam acesas. Subi os degraus até a entrada e apertei a cigarra. Os vizinhos do andar de baixo, donos do prédio, estavam fora, e pude ouvir o cachorro deles latindo. Tinham uma *collie* chamada "Lady", nervosa como todos os *collies*. É um som desolado, caso não saiba, quando um cão fica latindo em uma casa vazia. Creeley não atendeu. Imaginei que ele houvesse aumentado o volume de seu rádio para sufocar o som dos latidos, pois durante o dia era assim que costumava fazer: aumentando e diminuindo o volume do aparelho. Ele não se incomodava, porque quando estava escrevendo ouvia música o tempo todo. O único problema em aumentar demais o volume era que às vezes não dava para ouvir a cigarra tocando. Toquei-a mais algumas vezes. Quando, mesmo assim, não o ouvi descendo a escada, usei minha chave e entrei, como já fizera centenas de vezes antes.

"Mal entrei, ouvi seu rádio ligado a todo volume. Tocava 'Let's Dance', a música-tema de Benny Goodman. Era um daqueles antigos programas radiofônicos, habituais na época. Subi a escada chamando por ele. 'Lady' estava a ponto de enlouquecer. Antes que chegasse ao topo da escada, comecei a sentir um cheiro estranho. Devia ter reconhecido imediatamente que tipo de cheiro era aquele. Abri a porta da sala de estar, porém ele não se encontrava ali. Gritei seu nome bem alto e baixei o volume do rádio. O infernal cachorro latiu ainda mais forte. Bati na porta do banheiro e espiei na cozinha. Depois tentei o quarto.

"Creeley jazia em sua cama. Havia sangue por toda parte. Em todo canto. Ele usara a espingarda que o pai lhe havia dado em seu

décimo sexto aniversário, quando ainda tinha esperanças de passatempos masculinos normais para seu filho. Fiquei em estado de choque. Eu simplesmente *desliguei*. Tive a impressão de haver ficado lá muito tempo, mas talvez fossem apenas uns dois minutos. Após um momento, liguei para a polícia e esperei, como um robô, até eles chegarem. E foi assim. Por mais que eu tentasse — e tentei bastante — jamais entendi por que ele fez isso.”

62

— POIS BEM, EU ENTENDO por que ele fez isso. — Harwich saiu da entrada de carros e ganhou a Oak Street, sacudindo os ombros várias vezes, como se tentasse livrar-se do ambiente daqueles últimos trinta minutos. Inclinando-se de lado, olhou-se no retrovisor e afofou os apertados anéis grisalhos do seu cabelo. — Mark é um cara legal, porém não quer ver a verdade.

Nora apontou para uma entrada de carros, um pouco adiante deles, no outro lado da rua.

— Pare ali.

Harwich encarou-a, surpreso.

— Como disse?

— Quero ver os dois partindo.

— Você quer... Oh, já entendi! — Ele freou ligeiramente à frente da entrada de carros, entre duas alas de um muro de pedra, depois deu à ré. — Viu? Pensa que não sei do que se trata, mas eu sei.

— Que ótimo — respondeu Nora.

— Você quer vê-los deixando a casa sãos e salvos.

— Fico contente por você não se incomodar.

— Eu não disse que me incomodava. Sou uma pessoa muitíssimo agradável.

— Então, diga-me por que Creeley Monk suicidou-se.

— Nada mais óbvio. O sujeito tinha chegado ao fim de sua linha. Antes de mais nada, era um jovem da classe trabalhadora,

que pretendeu fazer parte da alta sociedade. A partir do momento em que entrou naquela escola, toda a sua vida foi uma representação. Para piorar as coisas, ele não conseguiu manter seu sucesso inicial. Imaginou que Shorelands o ergueria a um novo nível, porém ninguém quis publicar seu próximo livro. Um sopro de interesse o deixava em êxtase, mas quando se dissipava, ele ficava arrasado. Então, tirou a espingarda do armário e acabou com tudo. Simples, não?

Aquela inteligente dissecação, rápida e convincente, como se fosse um cadáver sob um escalpelo, deixou Nora irracionalmente aborrecida; Harwich reduzira o relato de Mark Foil ao diagrama vazio do histórico de um caso médico.

— De qualquer modo, você fez lá um bom trabalho — disse Harwich. — Apenas há esse probleminha sobre o tal editor que surge na história. Deu para perceber? *Nós o encontramos* umas duas vezes? Dentro em breve Mark ficará sabendo que este livro não passa de uma cortina de fumaça, e então terá um monte de perguntas a fazer-me.

— Nada vai acontecer. Eu disse que tinha contrato para um livro, mas acontece que ainda não o escrevi. Primeiro vou escrever esse livro, depois levá-lo a um editor.

— Ainda assim, continuo em posição delicada. Seja como for, lá estão eles, são e salvos! — Ele apontou a cabeça para um comprido carro cinza, de graciosa aparência, descendo a Rua Oak, à frente deles. — Inteiramente despreocupados, como de costume!

— Você não simpatiza com eles, certo?

— Por que simpatizaria? — explodiu Harwich. — Aqueles dois sujeitos vivem em um mundo que providencia tudo para eles. São

tão presumidos, tão enamorados, tão satisfeitos consigo mesmos, partindo para Cape Cod no novo Jaguar de Martindale, enquanto seus pacientes sobem pelas paredes.

— Pensei que ele estivesse aposentado.

— *Mark* aposentou-se, exceto de todos os negócios importantes, dos conselhos estaduais e dos comitês nacionais. Ao que me consta, Andrew tem uns seis empregos. Chefe de psiquiatria aqui, professor de psiquiatria acolá, chefe disso e daquilo, uma enorme clínica particular transbordando de pintores e escritores famosos, sem falar em seus livros. *Os Limites do Paciente Fronteiriço. Manual de Psicanálise. William James, Experiência Religiosa e Freud...* Esqueci os outros.

Harwich ligou o motor e afastou-se da entrada para carros, divertido com o espanto dela.

— Eu pensei que... — Nora não quis admitir o que tinha pensado. — Como ele pode tirar um mês de folga? Oh, esqueci. Estamos em agosto, quando todos os “doutores da cabeça” vão para Cape Cod.

— Correto, mas Andrew passa o *seu* mês de folga dirigindo uma clínica em Falmouth. E escrevendo. É um rapaz muito ocupado. — Harwich dirigiu-lhe um longo e apreciativo olhar. — Ei, por que você não tira também uma folga? Não devia ficar perambulando sozinha por aí, enquanto o seu maluco estiver à solta. E não faz sentido tentar encontrar esse tal Tidy.

— O que acha que aconteceu a Katherine Mannheim?

— É fácil responder. Todos ficaram pensando que ela havia fugido ou morrido na floresta, mas não podiam ver que as duas coisas eram verdadeiras. Ela sai à noite, carregando sua mala

através da floresta, o peso é demasiado para suas forças, uma coruja a assusta, e puf! Dois tiras retardados fingem vasculhar a floresta e, surpresa... surpresa... não a encontram. Nunca estive em Shorelands, mas já vi a propriedade, e, mesmo nesta época, estamos falando de uns cinco quilômetros quadrados de matagal fechado. Um exército não conseguiria encontrá-la.

— Você deve estar certo — disse Nora, olhando despreocupadamente para as casas suburbanas que iam ficando cada vez mais próximas umas das outras, à medida que os terrenos encolhiam e surgiam os balanços, piscinas rasas e bicicletas nas entradas para carro, como tinha visto enquanto Dick Dart a levava para Fairfield, no carro de Ernest Forrest Ernest. — Oh, meu Deus!

Harwich olhou para ela, preocupado.

— Eu sei por que Lincoln Chancel foi a Shorelands!

— Foi por dinheiro, já lhe disse.

— Não pelo motivo que imagina. Ele tentava recrutar Georgina Weatherall para sua causa fascista, o Movimento Americanista. Lincoln Chancel apoiava secretamente os nazistas. Chegou a reunir um punhado de simpatizantes milionários, porém precisaram manter-se quietos durante a guerra. Nos anos cinqüenta, Joe McCarthy atraiu-os para o anticomunismo, segundo imagino, e eles tiveram de acompanhá-lo.

Harwich olhou desconfiadamente para ela.

— Devo dizer que você sabe como animar as coisas! Permita-me levá-la para jantar fora esta noite. Conheço um excelente restaurante francês, nos arredores de Amherst; fica um pouco fora de mão, mas vale a pena. Comida espetacular, luz de velas, os

melhores vinhos... Ninguém nos verá, e poderemos ter uma agradável e longa conversa.

— Está preocupado com a hipótese de sermos vistos?

— Temos de manter você em sigilo. Nesse meio tempo, encomendarei uma pizza. Não há muita comida em casa. Você poderá tirar uma soneca e eu irei ao hospital. Não atenda a telefonemas e nem abra a porta para quem quer que seja, está bem? Manteremos o mundo ao largo durante algum tempo e refaremos nosso relacionamento.

Nora reclinou-se contra o assento e fechou os olhos. Instantaneamente, estava de pé em uma clareira de floresta, orlada por altas pedras fincadas no solo. Contando dinheiro, que separava em pilhas ordenadas sobre uma mesa de mogno trabalhado, colocada entre duas rochas eretas, Lincoln Chancel erguendo os olhos e encarando-a. Infelicidade e angústia transbordavam desta cena, e Nora estremeceu, despertando sem perceber que tinha adormecido. A Alameda Longfellow desfilava ao longo dos vidros do carro, como uma tela pintada.

— Neste momento, alguém precisa tomar conta de você — declarou Harwich.

Pressionando um botão existente em seu visor, ele ergueu a porta da garagem e dirigiu para dentro, estacionando o carro ao lado do Ford verde de Sheldon Dolkis. Assim que saiu do carro, Harwich foi até a parede e apertou um interruptor que fez a pesada porta baixar com um ruído chocalhante. Uma lâmpada nua pendia do teto e apagou-se automaticamente. A porta chocou-se barulhentemente contra o concreto. Nora se sentia muito cansada para mover-se. A

forma difusa de Harwich passou pela frente do carro, em direção ao lado direito da garagem.

— Você está bem? — perguntou ele.

Em seguida, abriu uma porta interna. Um painel de claridade acinzentada apagou a frente de seu corpo e transformou-lhe os cabelos em uma espécie de halo prateado.

— Acho que eu não sabia o quanto estava cansada...

Nora arrastou-se para fora do assento incrivelmente confortável, e percebeu que uma figurinha, semelhante a um pardal, estava encarapitada em cima do capô do carro. Não, não era um pássaro, mas uma mulher alada, em posição de levantar vôo. Isto significava algo, mas o quê? Oh, sim, queria dizer que, entre seus bens, Dan Harwich tinha a posse de um Rolls-Royce. Que curioso! Quanto mais fundo ela descia no mundo, mais alto chegava. A porta do carro se fechou com um forte baque de caixa-forte de banco, e Nora passou diante de Harwich, que a esperava para entrarem na casa.

— Tudo se nivela a você — disse ele, atrás dela.

Harwich pousou uma mão compreensiva no ombro de Nora e espremeu-se no estreito espaço da entrada dos fundos, depois a beijou ligeiramente e a levou através da cozinha até a sala de estar. Ela ficou parada e constrangida, no meio de um bocejo, enquanto ele disparava rapidamente para diante e puxava um cordel, fazendo avançar cortinas escuras que encobriam a janela com sacada.

— Vamos acomodá-la — disse Harwich, empurrando-a com delicadeza para a escada interna.

Passaram pelo armário de roupas de cama e entraram no quarto de hóspedes, onde ele a conduziu até a cama e removeu-lhe

os sapatos, assim que ela se deitou. Nora tornou a bocejar, agora com vontade.

— Você pegou no sono por dez minutos, dentro do carro.

— Não peguei — protestou ela, soando infantil.

— Pegou — insistiu ele, imitando-lhe a voz teimosa. —

Entretanto, não foi um sono muito tranqüilo. Você emitiu uma série de ruídos angustiados.

Harwich começou a massagear-lhe a sola do pé direito.

— Oh, que sensação maravilhosa!

— Por que não tira essa camiseta e desabotoa seu jeans? Eu a ajudarei a puxá-lo pelas pernas.

— Não — replicou ela, abanando a cabeça para um lado e para outro, sobre o travesseiro.

— Irá sentir-se muito mais confortável. Depois poderá enfiar-se debaixo das cobertas. Ei, eu sou médico, sei o que é melhor para você, ouviu?

Obedientemente, ela sentou-se e despiu a camiseta branca de gola em V, virando-a pelo avesso. Depois a jogou na direção dele.

— Que belo sutiã — disse Harwich. — Agora, desabotoe a cintura desse jeans.

Protestando, ela encolheu o ventre e desabotoou o botão, puxou o zíper para baixo e depois o jeans sobre os quadris. Harwich o foi descendo e, em um rápido movimento, o tecido das pernas sussurrou sobre as coxas, joelhos e pés de Nora.

— Calcinha combinando com o sutiã! Você está em dia com a moda... — Ele ergueu o lençol e a colcha, a fim de que ela se enfiasse sob ambos, depois a cobriu, não sem ajeitar as cobertas em

torno do seu corpo durante alguns instantes. — Pronto, está acomodada, querida.

— Que sujeito! — ela se ouviu dizendo, e ergueu-se um pouco para acrescentar: — Dê-me cerca de uma hora, está bem?

As palavras soaram distantes em seus ouvidos, enquanto suaves faixas coloridas, em movimento de câmara lenta, começaram a esfiapar-se dos poucos objetos visíveis através das fendas de seus olhos, um desses objetos sendo Dan Harwich a caminho da porta.

O amplo círculo de relva no interior das pedras altas assemelhava-se a um palco. Nora moveu-se para diante, enquanto Lincoln Chancel prendia com faixas as pilhas de notas à sua frente e, de uma em uma, as ia colocando em uma sacolinha, tão cuidadosamente como se fossem ovos crus. Ele deu a Nora um ríspido e raivoso olhar, em seguida retornando à sua tarefa.

— Você não é parte daqui — disse ele, parecendo falar com a sacolinha.

Sua feiúra superava aquela percebida na famosa foto, onde ela parecera um subproduto da fúria. Era uma feiúra total, dominadora em sua própria força.

— Você não tem sangue nas veias. Bastam alguns fracassos e cai de joelhos, choramingando, *Ajude-me, papai, não consigo fazer isto sozinho!* Patético. Quando os outros falam com você, tudo quanto ouve é o que já sabe.

— Eu descobri por que você foi a Shorelands — disse ela, procurando ao máximo disfarçar o medo e a impotência que sentia.

— Considere-se demitida! — exclamou ele, enviando-lhe um frio e feroz olhar de triunfo. Depois puxou um grosso charuto do bolso interno do paletó, arrancou a ponta com os dentes e o

acendeu com um fósforo que lhe surgiu entre os dedos. — Vá embora! Este não é trabalho para uma garotinha!

— Foda-se! — replicou Nora.

— Com todo o prazer. — Lincoln Chancel sorriu para ela como um dragão, através de um jato de fumaça. — Mesmo sendo você magrela demais para o meu gosto. No meu tempo, gostávamos de nossas mulheres completas — matronais, costumávamos dizer. Maminhas como almofadões, nádegas em que a gente podia afundar as mãos. Eram mulheres que nos deixavam de mastro em pé e gostavam disso. Eu gostei também de outros tipos — das miúdas. Todo homem grandalhão quer foder uma coisinha dessas. Ficando em cima, a gente tem a sensação de que vai quebrar os ossos dela ou parti-la ao meio. Entretanto, você tampouco é desse tipo.

— O tipo de Katherine Mannheim.

Ele tirou o charuto da boca e soprou um trêmulo anel de fumaça, com o cheiro de folhas apodrecidas.

— A fujona. — Ao invés de perder a forma e subir, dissolvendo-se no ar, o trêmulo anel de fumaça alargou-se, começando a estremecer na direção de Nora. — A pequena cretina não tinha os modos de uma prostituta.

O anel de fumaça flutuou até o meio do círculo relvado, parou e torceu-se em coisa nenhuma. Fingindo que ela já seguira suas ordens e fora embora, Chancel fechou o cordel da sacolinha sobre o último punhado de notas, e a pergunta falou por si mesma, dentro da cabeça de Nora. *O que foi que ela disse...*

— O que foi que ela disse, enquanto a foto era batida? — Chancel olhou para ela e rolou o charuto na boca.

— Quem?

— Katherine Mannheim.

— Eu a convidei delicadamente a sentar-se em meu colo, e ela disse: “Já vi suas verrugas, não preciso sentir uma também.” Tidy e aquele idiota do Favor riram, os dois. Até mesmo o maricas sorriu, bem como aquele convencido, de nome engraçado. Austryn Fain. Que tipo de nome é Austryn Fain? — Ele apontou seu espantoso nariz para ela, como se fosse uma arma. — Você não sabe de nada! Nem mesmo leu os livros certos! Caia fora daqui! Vá perder-se na floresta!

Nora soltou um grito, e descobriu o rosto penumbroso e tranqüilizador de Harwich inclinado para ela.

— Ei, isso dói! — exclamou ele, mantendo o sorriso. — Você me bateu!

— Sinto muito. Tive um pesadelo.

Uma perna comprida roçou a dela, e Nora apertou os olhos, ao encará-lo.

— Você sempre faz tanto barulho quando dorme?

— Saia desta cama. O que está *fazendo* aqui?

— Estou tentando acalmá-la. Vamos. Aqui não há mais ninguém além de mim.

Nora deixou a cabeça cair novamente no travesseiro.

— Ninguém irá magoá-la. O dr. Dan está bem aqui para impedir que isso aconteça. — Ele deslizou para mais perto e enfiou um braço entre a cabeça dela e o travesseiro. Um braço envolvido pela manga de uma camisa de macio algodão. — Em minha opinião médica, você precisa de um abraço.

— Isso — disse ela, agradecida por esta simples gentileza.

— Feche os olhos. Só irei embora daqui quando você tornar a dormir.

Nora girou para os braços dele. Depois enfiou um canto do travesseiro entre sua cabeça e o ombro de Harwich. Ele acariciou-lhe os cabelos e começou a afagar seu braço nu.

— Sua cirurgia — murmurou ela.

— Ainda falta muito tempo.

— Eu nunca durmo de dia — disse Nora, e em segundos revelou-se uma mentirosa.

Quando ela tornou a abrir os olhos, Harwich passava uma mão cálida por seu braço e ajeitava-lhe o lençol nos ombros. Vários mostradores e escalas internos, não inteiramente subjetivos, informaram-na de que passara um significativo tempo dormindo. Que horas seriam agora? Depois perguntou-se se Dick Dart não teria sido preso, desde que eles haviam deixado a casa de Mark Foil. Harwich passou um braço por sua cintura.

— Você não tinha uma cirurgia para fazer logo? — perguntou ela.

— Demorou menos tempo do que imaginei.

— Correu tudo bem?

— Tudo, exceto pela morte do paciente.

Ela girou o corpo para encará-lo e viu sua cabeça apoiada em uma das mãos, sorrindo.

— Brincadeira. Barney Hodge ainda viverá para arrancar mais mil torrões de terra nos campos de golfe do país.

— Por quanto tempo dormi?

— Pela maior parte do dia. São mais ou menos cinco e meia da tarde.

— Cinco e meia?

— Quando voltei, vim dar uma espiada em você, e a encontrei como que desacordada, porém tranqüila. Já começava a ficar com a impressão de que você voltava a lutar na guerra, a cada vez que pegava no sono.

— Segundo Davey, eu não fazia outra coisa.

— Não em minha casa. — Inclinando-se para frente, ele roçou os lábios na testa dela. — Minha casa é boa para você.

— E você também — disse Nora.

— Gosto de pensar que sim.

Harwich ergueu-lhe o queixo com a mão e a beijou delicadamente nos lábios.

— O perfeito anfitrião.

— A hóspede perfeita.

Ele tornou a beijá-la, agora demorando-se e bem mais a sério.

— É melhor eu pular desta cama, antes que façamos alguma tolice — disse ela, aliviada por ele estar vestido. Então percebeu o braço nu, visível acima da coberta. — Você tirou a camisa.

— Para ficar mais confortável. Amarrota menos. Por outro lado, uma camisa parecia francamente inamistosa. — Ele a abraçou pela cintura e a puxou para si, sussurrando: — As calças também. — Ela enrijeceu, e Harwich acrescentou: — Estamos sozinhos aqui. Não temos que atender o telefone e nem abrir a porta. Por que não passamos algum tempo juntos? Quero que sejamos bonzinhos um com o outro. Você é uma pessoa espetacular e, de fato, nós nos preocupamos conosco.

— Epa! Um momento! — exclamou ela. — O que você está fazendo?

Harwich sorriu para ela.

— Nora, uma das melhores coisas sobre este nosso adorável relacionamento é que sempre terminamos na cama. Você vai embora e faz o diabo lá fora, enquanto eu permaneço aqui no meu covil, casando com a pessoa errada por puro tédio, suponho, porém cedo ou tarde você sempre irrompe novamente em minha vida e mais uma vez tornamos a carregar nossas baterias. Não é verdade?

— Céus! — exclamou Nora.

— É sempre a mesma coisa e, desta vez, você está mais deliciosa do que nunca! Apenas ficou fora de si, com tantas preocupações...

— Dificilmente seriam apenas preocupações.

— ...e veio direto para cá, sabendo que é parte minha. Estamos os dois nesta pequena bolha de tempo, feita expressamente para nós. Dentro dessa bolha, podemos ajudar-nos, podemos curar-nos um ao outro. Depois de curados, voltamos ao mundo e encaramos todas as outras facetas asquerosas da vida.

— Não estou bem certa disso — falou Nora. — Um momento; preciso ir ao banheiro, antes de tomar quaisquer decisões aqui.

— Todas as decisões já foram tomadas há muito tempo atrás — disse Harwich. — Isto é o resultado final.

Nora sentiu-se tomada por uma impetuosa emoção que não conseguia identificar, a qual a fez levantar-se da cama, guiando-a para o banheiro. Harwich disse:

— Estarei aqui quando você voltar.

Nora, entretanto, nem o ouviu. Trancou a porta e sentou-se sobre o vaso, com o rosto ardendo. A enorme sensação dentro dela recusava-se a ser identificada, mesmo ao provocar as lágrimas que lhe marejavam os olhos. Harwich queria cuidar dela, ela precisava dos cuidados dele. Isto parecera ser verdade.

— Entretanto, não é forçoso *transar* — sussurrou para si mesma. — Não *preciso* que ele *me foda*. — Acionando a descarga, ela olhou em torno para os objetos nas prateleiras do banheiro, a touca da ducha pendurada, o macio roupão de banho de hotel, o xampu e o condicionador, o perfume... — Oh, meu Deus! — suspirou para si mesma. — Que idiota estou sendo!

Levantando-se, lavou as mãos e envolveu o corpo no espesso roupão de banho, tudo isso enquanto via seus sentimentos ordenarem-se em novas posições. O mais forte de tais sentimentos — não humilhação, despeito, arrependimento ou inclusive o fantasma de sua antiga fixação em Dan Harwich, mas pura e simplesmente raiva — enviou-a de volta ao quarto, a fim de enfrentá-lo.

— Para que isso? — perguntou ele, referindo-se ao roupão.

— Para o meu amor-próprio — respondeu Nora — por mais destruído que esteja.

— Ora, ora! Venha, Nora, sente-se aqui e fale comigo. Eu quero ajudá-la.

— Você já me ajudou — disse ela, movendo-se para a poltrona sobre a qual ele lhe depositara as roupas. O jeans de Harwich estava dobrado no encosto, a camisa desfraldada como um paletó, vestida também no encosto. — Você me recebeu aqui, alimentou-me, levou-me para ver Mark Foil. Sou-lhe muito grata. Obrigada, Dan.

— Você não está grata, mas perturbada. Eu compreendo, Nora. Viveu uma terrível experiência, e isso continua a afetá-la. Acha que não pode confiar em ninguém e, quando procuro confortá-la, todos os sinos começam a repicar. De repente, acredita que nem em mim pode mais confiar. Parte da culpa é minha, posso ver isso.

A meio caminho para a poltrona, ela deu meia-volta e o encarou, dobrando os braços no peito.

— Que parte é essa, Dan?

— Sou um exagerado, quando acredito nas coisas.

— Céus, você respondeu mesmo!

— Quero dizer que não a imaginava capaz de interpretar-me mal a esse ponto. Tem a minha palavra, Nora, de que eu não tinha a menor intenção de fazer algo que você não desejasse.

— E uma das melhores coisas sobre o nosso relacionamento é que sempre terminamos na cama. Assim, depois de sentir-me bem e em segurança, você de fato me havia ajudado e fazia sexo comigo.

— Vamos encarar os fatos, Nora: nós vamos para a cama juntos, e ambos nos sentimos melhor depois disso.

— Você se sente tão melhor depois disso, que dá o fora e se casa. Você sempre teve namoradas, não é mesmo, Dan? Quando uma esposa finalmente o descobre dando o fora porque se entediou, você já tem uma substituta dela, pronta para assinar o nome no contrato pré-nupcial. Na primeira vez em que apareci aqui, você me trouxe do motel para sua casa, a fim de conhecer Helen e dar a ela um motivo realmente bom para ir embora rapidamente, desta maneira deixando-lhe o campo livre para poder casar com Lark. Você não casaria comigo, eu sou maluca demais, não é mesmo?

— Você não ia suportar a vida que levo, Nora. Aqui não há excitação suficiente para você!

Ela tornou a virar-se, chegou até a poltrona e enfiou-se em seu jeans, de costas para ele.

— Sou louco por você. Acho-a uma mulher admirável.

— Você não tem a menor idéia de quem eu sou. Sou o seu romance de bordo. — Nora abotoou o jeans e jogou o roupão para um lado, deixando Harwich boquiaberto. — Você ficou fascinado pelo caos que eu trouxe à sua existência presunçosa e monótona, mas quer mantê-lo à distância. É tempo de baderna com a emocional biruta do quarteirão e, terminado o divertimento, urge retornar à garota do círculo do convés principal, certo? — Ela lutava com a camiseta, tentava virá-la corretamente, mas, em sua agitação, conseguiu apenas enfiar a peça inteira em uma das mangas. Puxou o tecido para fora da manga e sacudiu a camiseta, até deixá-la pronta para vestir. — A garota cujas coisas estão espalhadas por todo o banheiro, a mesma que ligou para você duas vezes hoje de manhã, a que surrupia pequenas lembranças dos hotéis onde vocês dois ficam, quando saem juntos.

— Nem toda a ficção do mundo está nos romances — comentou ele, fascinado.

— Ela foi a mesma que lhe disse esta manhã que viria aqui, quando você mudou repentinamente de idéia e decidiu levar-me à casa de Mark Foil. Imaginou que pudesse driblar a terceira sra. Harwich por um ou dois dias. Sou arriscada demais para ficar aqui mais tempo do que isso, não sou?

Harwich estava sentado na cama, com os braços em torno dos joelhos erguidos, olhando para ela com uma expressão de branda e

meio divertida perplexidade. Hesitou por uma fração de segundo antes de falar, como se quisesse ter certeza de que ela finalmente terminara.

— Você poderia parar de fantasiar e ouvir a verdade?

— A única coisa que não entendi — falou Nora — é o motivo dela não dormir em seu quarto. Sinceramente, não digeri essa parte. Será que ela ronca como uma porca ou os dois estão reservando o dormitório principal para uma noite inteira juntos, depois do casamento? Algo assim como uma espécie de recompensa ou prêmio?

Harwich inspirou fundo, inclinou-se para diante e abriu as mãos, com as palmas para cima, a imagem da razão sitiada.

— O quadro inteiro que está descrevendo é *pura invenção*. Ele não é *real*. Dick Dart provocou um curto em seus circuitos, lembra-se? Enquanto você puder ter em mente quem sou eu, o eu real e não esse monstro que acabou de inventar, serei tão paciente e compreensivo como sempre. Talvez você não possa aceitar isso neste momento, porém é a pura verdade.

Isto falou a todos os antigos sentimentos dela sobre Dan Harwich e sua justeza, seu firme, afetuoso e gentil carinho, enchendo-a de dúvidas. Este era *Harwich*, recordou a si mesma. Três anos antes, atirara-se para ele. Podia censurá-lo por aceitá-la? Era verdade. De bom grado, ajudara-o a acelerar o naufrágio do primeiro casamento.

— Continue falando — pediu.

— Não a culpo por sentir-se desconfortável sobre Lark. Entretanto, fui honesto sobre ela. Eu lhe disse que já saíamos juntos, quando você veio aqui da última vez. Não posso fingir que

sempre fui um marido fiel, porque não tenho sido. Certo? Confesso. Eu atrapalho tudo. Fico entediado. Preciso do que você tem, dessa... sua essência. Entretanto, com toda franqueza, e estou dizendo a verdade, não tenho nenhuma noiva esperando nos bastidores.

— Então, de quem são aquelas coisas no banheiro?

Ele desviou os olhos por um momento, considerando a pergunta, depois tornou a fitá-la.

— Está bem. De qualquer modo, tenha em mente que, na realidade, não tenho motivo algum para explicar isto ou seja o que for. Dá para você entender, não dá?

— Dá. Então, esclareça-me.

A irritada certeza dela começava a dissolver-se.

— Que diabo, Nora, não sou nenhum monge! No decorrer de minha presunçosa e monótona vida, de vez em quando percebo que algumas mulheres realmente preferem ter seu próprio banheiro em separado. Assim, coloquei lá algumas escovas de dentes e outros objetos, apenas para uma emergência.

— Você não mudou de idéia sobre levar-me para ver Mark Foil, só porque sua nova namorada disse que vinha para cá?

— Não a censuro por deixar que estes últimos dias a tenham deixado suspeitando dos homens. Sei que não parece muito correto, isso de ir para a cama com você, mas juro que não tinha qualquer intenção de forçá-la a fazer sexo. Espero que acredite em mim.

Ela suspirou.

— Deus é testemunha, Dan, que eu quase...

O telefone no quarto do final do corredor tocou uma, duas vezes, e o rosto de Harwich passou da mais ardente súplica para um

espasmo de irritação, depois voltando a uma quase aproximação de inocente indiferença, antes que o aparelho tocasse uma terceira vez.

— Não quer ir atender?

— Isto é mais importante.

— Poderia ser uma chamada do hospital.

— Confie em mim, é apenas algum importuno.

O distante telefone continuou a tocar: cinco, seis, nove, dez vezes.

— Você não tem secretária eletrônica?

Ele a ficou olhando inexpressivamente por um momento.

— Desliguei a secretária daquela linha.

— Por que faria isso? — Nora observou um aborrecimento e algo de vivaz e preocupado surgir no rosto dele. — Por quê, Dan?

O telefone parou de tocar.

— Acho que não foi uma idéia tão boa assim — respondeu ele. — Enfim, que diabo, ninguém é perfeito!

— Seu filho da mãe! — Nora teve a sensação de haver sido esmurrada no estômago. — Seu verme pegajoso, egoísta e mentiroso! — A sensação em seu estômago aumentava. — Quase me fez dizer que ia voltar para a cama com você!

— Ora, por que não volta, assim mesmo? Que diferença faz? Isto diz respeito a nós dois apenas. Ao diabo com os outros!

— Ainda acha que tem uma chance, não é mesmo?

— Reflita nisto. Eu estava protegendo seus sentimentos. Está bem, tenho uma amiguinha, conheci-a faz dois meses, e ela fica aqui de tempos em tempos. *Não* sei se vou casar com ela. Se não estou desejando que ela destrua o nosso relacionamento, por que você desejaria?

Nora ficou olhando para ele fixamente, atônita.

— Você é mesmo um perfeito filho da mãe! Rapaz, eu gostaria de saber o que você... Não, não, eu já sei.

— Sabe o que penso de você? Oh, duvido muito que saiba. Entretanto, não perca tempo espremendo os miolos sobre isso, apenas pegue seu carro e vá embora. A essa altura, não vejo por que prolongar-se a situação. Decole! Foi bom conhecê-la, etc., etc.

Nora pensou em jogar algum objeto pesado em cima dele, mas então compreendeu, com um triste e derradeiro choque de fracasso, que Harwich não valia o esforço.

— Poderia responder a uma pergunta?

— Se você insiste...

— Por que essa mulher dorme aqui, em vez de no seu quarto?

Aí está uma coisa que não entendi.

— Por causa dos travesseiros — disse Harwich. — Se quer mesmo saber.

— Dos travesseiros?

— Ela é alérgica a travesseiros de penas, e eles são os únicos em que consigo dormir. Estes daqui são de espuma. Acho que dormir em um travesseiro de espuma é como fazer sexo com camisinha.

Nora descobriu que podia sorrir.

— Dan, não vejo muito futuro para você em seu terceiro casamento...

O olhar dele endureceu, e a boca afinou-se como a de um lagarto.

— A verdade, Nora, é que você sempre foi um pouco biruta. Ser biruta ficava muito bem no Vietnã, provavelmente ajudava a

enfrentar a situação, mas tão certo quanto o inferno, isso não funciona mais.

— Estou começando a perceber que você tem muito em comum com Dick Dart. — Ela caminhou ao longo da cama, em direção à porta. Harwich encolheu-se um pouco, tentando fingir que estava apenas procurando uma posição mais confortável. — De um modo geral, prefiro Dick Dart. Ele é muito mais sincero do que você.

— Está vendo o que eu queria dizer? — indagou ele, com um sorriso tolo e pretensioso, agora que se via fora de alcance.

Nora abriu a porta e olhou para ele, o mais calmamente que lhe foi possível.

— Não está um pouquinho preocupado?

— Por que não vai logo embora? Preciso dizer-lhe para nunca mais voltar aqui ou terá adivinhado isso por si mesma?

— Aquele velho Ford na garagem está *realmente* estacionado bem perto de seu carro — disse ela, e fechou a porta ao sair.

Do corredor, pôde ouvir os gritos dele, enquanto caminhava para a escada. Os gritos a seguiram através da cozinha. Quando ela ergueu a porta da garagem e deu partida no motor do carro, Harwich estava parado e nu na porta dos fundos, uma figura francamente absurda, de ventre protuberante, pernas finas de cegonha e pêlos púbicos grisalhos, gritando, mas demasiado receoso de ser visto pelos vizinhos, caso chegasse mais perto. Nora deu marcha à ré, sem tocar o Rolls.

— D-E-O-D-A-T-O — SOLETROU NORA.

Durante os segundos em que o telefone permaneceu em denso silêncio, ela arrependeu-se de ligar para o empregado dos Chancels. Por que imaginara que Jeffrey não se comunicaria imediatamente com Daisy — ou Alden, se estivesse em casa — e até mesmo com a polícia? Quando foi tomada pela necessidade de falar com alguém de Westerholm, o enigmático Jeffrey parecera-lhe o candidato mais provável, embora, por um irracional momento, tivesse pensado em consultar Holly Fenn. Ela *ainda* desejava poder falar com Fenn, o que era uma prova absoluta — caso precisasse de alguma prova, após Harwich — de seu malfadado gosto por homens protetores. Um telefone começou a tocar, e Nora percebeu que ainda não considerara o que fazer, caso fosse atendida por uma secretária eletrônica. Moveu o fone, afastando-o um pouco do ouvido, e ouviu uma voz metálica dizer “Alô”. Seria a voz de Jeffrey? Ela visualizou um aposento apinhado de policiais, todos com fones de ouvido, inclinados para um gravador. Tornou a aproximar o receptor do ouvido, mais incerta do que nunca.

Uma voz de homem, a de Jeffrey, tornou a soar.

— Alô?

Ela deu seu nome.

Silêncio. Em seguida:

— Nora! — Ela nunca o ouvira antes pronunciar seu nome sem chamá-la “sra.” Aliás, Jeffrey praticamente não a chamava por nome

algun, exceto "senhora". — Onde é que está?

— Em Massachusetts.

Houve uma pausa momentânea.

— Preferiria que eu ficasse calado sobre isto? Ou gostaria que falasse confidencialmente a alguém em particular?

— Oh, eu ainda não sei — confessou ela, compreendendo que "alguém em particular" significava Davey. As perguntas de Jeffrey estendiam-se à vida privada dele.

Do outro lado da linha, Jeffrey considerou o que ela dissera.

— Você está bem?

— Acho que ainda não pensei nisso. Talvez esteja tentando decidir o que fazer. Está tudo muito *complicado!*. — Ela lutou contra a vontade de prorromper em lágrimas. — Jeffrey, sinto muito falar isso a você, mas a verdade é que, neste exato momento, não me sinto nem um pouco segura.

— Não é de admirar — respondeu ele. — Todos os tipos de pessoas estão querendo encontrá-la.

— Não me leve a crivá-lo de perguntas. Por favor, Jeffrey.

Nora quase podia ouvi-lo pensar.

— Tentarei dizer-lhe o que fazer, mas não desligue e nem desapareça do meu alcance, está bem? Não há ninguém ouvindo, estou sozinho em meu quarto, e você vai ficar ótima, desde que continue aí, pelo menos por enquanto. Está em um telefone público?

— Estou — respondeu ela, sentindo diminuir suas ansiedades.

— Tudo bem. Foi uma boa coisa ter ligado para este número. Todas as outras linhas estão grampeadas.

— Oh, Deus! — exclamou ela. — Eles ainda pensam que raptei Natalie Weil...

— É o caminho que estão seguindo. — Uma ambigüidade pairou no ar, enquanto ele hesitava. — Pelo que ouvi dizer, não há muito sentido no que a sra. Weil vem dizendo. — Houve outro breve silêncio. — Aliás, não acredito que você tenha chegado perto dela.

— E quanto a Davey?

— Davey tem vivido sob um bocado de pressão.

— Ele está hospedado com os pais?

— Está. Dentro em breve, estará bem *aqui*.

— Com você?

— No meu apartamento. No que costumava ser o meu apartamento. Até ontem ele estava na casa de vocês, pelo menos à noite, mas com todo o excitamento, o sr. Chancel convenceu-o a mudar-se para cá. Ele fincou pé sobre continuar dormindo em seu antigo quarto, mas depois que o sr. Chancel... hum... modificou temporariamente as condições de meu emprego, ele concordou em ficar no apartamento.

— Alden despediu você?

— O sr. Chancel disse que é uma suspensão provisória. Ficou muito chateado a respeito. Nossos salários serão pagos lá pelo fim do mês e, se as condições forem favoráveis, poderemos retornar. Caso contrário, ele nos dará dois meses de indenização, além de excelentes cartas de recomendação.

— Você disse “nos dará”?

— Exatamente. Para mim e minha tia. Já fiz as malas e, quando ela terminar, ambos partiremos.

Nora descobriu-se um tanto chocada.

— Ora, Jeffrey, mas para onde vocês irão?

— Minha tia pretende ficar com alguns primos em Long Island. Eu a levaria de carro até lá, mas ela não quer, então só me resta dar-lhe uma carona para a estação ferroviária. Depois vou passar algum tempo com minha mãe.

Nora jamais imaginara que Jeffrey pudesse ter uma mãe. Ele parecia ter chegado a este planeta já adulto, sem a costumeira intermediação de pais.

— Ele ordenou que você e Maria fossem embora apenas para que Davey ocupasse seu apartamento?

— O sr. Chancel comunicou-nos que seus negócios não estavam marchando tão bem quanto deveriam e que, por algum tempo, seria forçado a fazer certos cortes nos gastos.

Nora teve a sensação de que o negócio com os alemães, mencionado por Dick Dart, havia dado em nada. Ótimo. Ela esperava que a Casa Chancel passasse fome e afundasse. Por um momento sua atenção desviou-se do que Jeffrey dizia.

— ...tudo parado. Então surge Merle Marvell, fazendo perguntas sobre aquela época, aquela propriedade, e logo em seguida nós fomos suspensos, despedidos ou seja lá o que for.

— Perdão, Jeffrey, mas distraí-me um pouco. O que aconteceu?

— Merle Marvell perguntou ao sr. Chancel se a firma assinara algum contrato com uma mulher para escrever um livro sobre... um certo assunto. Sobre alguns escritores. Alguém acabara de telefonar para *ele* interrogando-o a respeito. Marvell achou aquilo curioso, porque nunca ouvira falar no assunto.

— Um momento, um momento. — Nora tentou assimilar o que ele havia dito. — Merle Marvell contou a Alden que alguém fazia perguntas sobre uma mulher que alegava estar escrevendo um livro?

— Lamento ter falado nisso. Pensei que... Desculpe. Esqueça.

— Jeffrey...

— Minha tia me saltaria na garganta se soubesse que toquei nesse assunto. Os Chancels sempre foram muito generosos conosco. Ouça, há algo que possa fazer por você? Está precisando de dinheiro? Estou mesmo indo para Massachusetts, de modo que poderei levar-lhe o que quer que esteja precisando.

— Jeffrey — disse Nora, e então pensou que provavelmente iria necessitar de dinheiro, dentro de bem pouco tempo. Entretanto, isso não era problema de Jeffrey; o problema dele parecia mais ligado à casa. — O livro dessa tal mulher tem a ver com uma propriedade chamada Shorelands? E com o que aconteceu lá em 1938?

Jeffrey ficou calado por um momento. Depois disse:

— Aí está uma pergunta interessante.

— Tenho razão, não tenho?

Ele tornou a considerar o que diria.

— Como é que sabe?

— Bem, espero que guarde isto consigo mesmo — disse ela — mas a mulher sou eu.

Jeffrey recuperou-se em parte.

— A mulher simulando que escrevia o livro sobre Shorelands em 1938... era você?

— Por que isso importa a você?

— Por que isso importa a *você*?

— É uma longa história, Jeffrey. Acho que agora vou desligar. Estou começando a ficar nervosa.

— Não desligue — disse ele. — Talvez minha pergunta nada tenha a ver com isso, mas já ouviu falar em uma mulher chamada Katherine Mannheim?

— Ela estava em Shorelands naquele verão — disse Nora, mais perplexa do que nunca.

— Você procurava informação sobre ela? Katherine Mannheim foi o motivo de ter inventado esta história sobre um livro?

— O que tudo isso tem a ver com você, Jeffrey?

— Precisamos conversar. Vou apanhá-la e levá-la para algum lugar. Diga-me onde está e eu a encontrarei.

— Estou em Holyoke. No telefone público de uma esquina.

— *Onde?*

— Ah... Esta é a esquina de Northampton e Hampden.

— Sei exatamente onde você está. Vá a uma lanchonete ou coisa assim, depois entre em uma livraria, há uma mais abaixo na rua, mas espere por mim. Não fuja. Isto é importante.

A linha ficou muda. Nora olhou para o receptor por um segundo, e depois o colocou no gancho. Não mais cônica do lugar em que se achava, ela afastou-se do telefone e tentou refletir sobre o que acabara de saber. Jeffrey pudera ouvir metade de uma conversa de Alden com Merle Marvell. Mark Foil nada tinha de tolo. Ligara para Marvell a fim de informar-se sobre "Emily Eliot", e o atônito editor telefonara imediatamente para seu chefe, em casa no momento. Por que Alden estava em casa? Por que o presidente da Casa Chancel tinha de enfrentar a desagradável tarefa de despedir dois empregados que há muito trabalhavam para ele? Ou por que

Daisy não se recuperara de seus acessos, deixando ao grande editor a tarefa de lidar com as conseqüências da demissão das pessoas que cuidavam dela? Nora não conseguia imaginar Alden levando drinques e pratos de sopa para a esposa acamada... Ah, claro! O esperto Alden conseguindo, como sempre, exatamente o que queria. A fraqueza de Daisy forçara Davey a voltar para “Os Alamos”. Alden soubera engambelá-lo, unindo a preocupação dele com a mãe à hipotética independência de aposentos separados, em cima da garagem. Conseguir o que se quer torna-se fácil, quando seu moral é semelhante ao de um predador.

A satisfação de Nora por ter chegado a tal conclusão evaporou-se ante o mistério remanescente — o que dizia respeito a Jeffrey. Por que ele se preocuparia com um poeta obscuro, há muito tempo morto?

64

NORA CAMINHOU LENTAMENTE até a borda da calçada. No quarteirão seguinte, uma ao lado da outra, erguiam-se a vitrine da “Livros Unicórnio” e um toldo azul-escuro com o nome “Café Chinela de Prata da Dinah”. Como se aquilo fosse um sinal, seu estômago anunciou-lhe que estava faminta.

Ela entrou na livraria, por um momento rejeitando a idéia de fome. Moveu-se em direção a *Jornada na Noite* e suas irmãs menos

famosas, tirou todas as três brochuras da prateleira e as levou ao balcão.

— Driver, Driver, Driver — disse o atendente. — Soturno, muito soturno, soturníssimo.

— Parece que você não os aprova — disse Nora.

Ele somou o total na registradora, e ela lhe deu vinte dos dólares de Sheldon Dolkis.

— Tenho algumas dúvidas sobre *Jornada na Noite*.

— Que tipo de dúvidas?

— Não faz o meu gênero — disse ele, entregando-lhe a sacola.

— Quero saber mais sobre suas dúvidas — disse ela, ignorando a fome. — As pessoas vivem me dizendo para ler este livro.

— Os fãs de Driver são como os fanáticos do reverendo Moon. São piores do que escritores, e ainda piores do que as *esposas* dos escritores.

— Conheço duas pessoas que lêem este livro uma vez por ano — disse Nora.

— Todos os tipos de pessoas pegam a mania. Um bom punhado delas jamais leu outra coisa. Apaixonam-se a tal ponto pelo livro, que querem relê-lo novamente, do começo ao fim. Então, acham que ficou faltando alguma coisa e o lêem uma terceira vez. A esta altura, estão tomando notas. Comparam suas descobertas com outros fãs de Driver. Se ficarem ligados a grupos de discussão pelo computador, então é o fim. Os realmente fanáticos desistem de tudo o mais e perambulam por aquelas casas malucas, onde todo mundo finge ser um personagem diferente de Driver. — O atendente

suspirou e desviou o rosto. — Bem, desculpe-me, mas não vou querer estragar seu prazer de ler o livro.

No interior em tons pastéis do “Café Chinela de Prata da Dinah”, uma diligente jovem conduziu Nora até uma mesa perto da janela, entregou-lhe um enorme cardápio e anunciou que sua garçonete logo viria atendê-la.

Nora enfileirou os livros à sua frente. Os dois últimos tinham várias centenas de páginas a mais do que *Jornada na Noite*. Nora virou-os, a fim de ler os dizeres estampados na contracapa. *Jornada na Noite* era o clássico, mundialmente famoso, muitíssimo apreciado, etc., etc. Leitores de todas as partes haviam etc., etc. Os manuscritos *de Jornada no Crepúsculo* e *Jornada para a Luz* tinham sido descobertos entre os papéis do escritor, muitos anos após sua morte. Assim, a Casa Chancel e a família Driver podiam ter o prazer de proporcionar aos milhões de admiradores de Driver a oportunidade para etc., etc.

— Um momento — disse Nora. — Papéis do escritor? Que papéis?

Uma alarmada voz feminina perguntou:

— Como disse?

Uma jovem em idade colegial, usando uma camisa azul abotoada na frente e calças pretas, estava parada ao lado dela.

— Vou querer o atum grelhado e café, por favor.

Ela abriu *Jornada na Noite*, virou a página-título e chegou à Primeira Parte, intitulada “Antes do Alvorecer”, e começou impiedosamente a ler. A garçonete colocou uma cesta de pão em

fatias quase no centro da mesa, e Nora comeu todas elas, antes mesmo que trouxessem a sua refeição. Comeu com uma das mãos, enquanto a outra sustinha o livro. As paisagens eram inconsistentes, os personagens insossos, o diálogo saltitante, mas desta vez ela insistiu em continuar lendo. Contra a vontade, descobriu de repente que estava *interessada*. O odioso livro possuía suficiente poder narrativo para prendê-la. Uma vez concentrada na leitura, os personagens e a paisagem de cavernas e árvores enfezadas, através das quais eles perambulavam, deixavam de parecer artificiais.

Ela conhecia o motivo de sua raiva, e sabia que nada tinha a ver com *Jornada na Noite* ou com a infortunada influência de Hugo Driver sobre leitores suscetíveis. Jeffrey lhe contara que Davey ia mudar-se para a casa dos pais. Ele tinha sucumbido ao empuxo gravitacional de Alden.

Mais de uma hora passou, enquanto ela consumia o atum grelhado e quase um terço de *Jornada na Noite*. Jeffrey devia estar perto dos limites de Massachusetts, acelerando em direção a Holyoke, a fim de apanhá-la e levá-la para algum lugar.

LIVRO VII

A CHAVE DE OURO

“VOCÊ A ENCONTRARÁ, PIPPIN”, DISSE O VELHO. SUA BARBA ROÇAVA O CHÃO. “TEM A MINHA PALAVRA. ENTRETANTO, SABERÁ RECONHECÊ-LA QUANDO A ENCONTRAR? E IMAGINA QUE, SE TIVER ÊXITO EM RECLAMÁ-LA, ISSO O DEIXARÁ FELIZ?”

65

NORA VOLTOU, caminhando pela calçada, e sentou-se em um banco de ferro forjado, de frente para a Northampton Street, à sombra de um toldo. O Ford de Shelley Dolkis continuava junto a um parquímetro, distante quase quatro metros da cabine do telefone público. Alguns carros passaram por ali, mas nenhum deles contendo Jeffrey. Em Holyoke, às cinco e meia de uma tarde de agosto, a maioria das pessoas já chegara aos lugares a que se destinavam.

Nora esquecera de pôr mais um punhado de moedas no parquímetro, que agora exibia uma tarja vermelha de violação. Ela não sentia vontade de tornar a entrar naquele carro. Então, lembrou-se de sua mala no assento traseiro e caminhou até lá rapidamente. Inclinando-se para a estufa rarefeita do interior do carro, agarrou a alça da mala e jogou as chaves em cima do assento dianteiro.

Inicialmente, deixou a mala a seu lado no banco, depois enfiou-a debaixo dele, dando a si mesma uma medalha de ouro por velhacaria criminosa. Jeffrey estava demorando a aparecer. Dois ou três minutos mais tarde, um veículo azul-escuro com a sobriedade de um carro funerário foi-se aproximando em marcha lenta. Nora ficou ereta e esperou que ele parasse junto ao meio-fio, atrás do Ford, mas à velocidade de vinte e poucos quilômetros horários, ele seguiu em direção à esquina de Northampton e Hampden. O motorista, um macilento velhote de óculos escuros e chapéu de

pescador, olhava diretamente para frente, quando o carro rastejou ao lado dela.

Agora, os dois únicos carros na rua estavam a uma quadra de distância, indo para o norte, a direção errada. Nora recostou-se no banco e fechou os olhos. Contou até sessenta, antes de tornar a abri-los. Uma enlameada *pick-up*, com uma flâmula dos Red Sox pendurada na antena, surgiu do sul com fortes ruídos de descarga. Nora suspirou, abriu a bolsa e apanhou *Jornada na Noite*. Pippin estava escondido em uma velha casa arruinada, onde uma velha maligna arrastava-se de aposento em aposento, procurando por ele. A porta *rangeu*, e Pippin ouviu os *peludos pés* da bruxa roçando pelas tábuas carcomidas do assoalho. Nora ergueu os olhos. O velho do chapéu de pescador havia parado em um pátio de estacionamento diante do “Café Chinela de Prata da Dinah”, e agora caminhava cautelosamente para a entrada do restaurante. Atrás dele, como um transatlântico seguindo um rebocador, viu uma mulher idosa, em um vestido estampado de cores vivas. Nora olhou para o lado contrário, e uma viatura da polícia, com a inscrição HOLYOKE D.P. na porta, bisbilhotava em torno da *pick-up* enlameada.

Nora voltou ao livro. “*Onde, oh, onde estará o meu lindinho? Eu quero abraçar o meu lindinho!*”

A viatura policial seguiu em frente, e o formigamento no couro cabeludo dela diminuiu. Nora mantinha a cabeça inclinada para o livro, ao mesmo tempo em que via o carro mover-se para o fim do quarteirão. Ele girou para a esquerda e fez uma ampla curva em U, diante da *pick-up*. Nora chegou o livro para mais perto do rosto. A viatura policial fez alto à frente do carro funerário azul. Ela olhou

disfarçadamente para os policiais. O agente no banco do passageiro saltou, cruzou a calçada e entrou no “Chinela de Prata”.

A polícia estava à procura de Nora Chancel, uma mulher de cabelos castanho-escuros, que não usava maquiagem. Ela abriu a bolsa, encontrou o estojo do creme de limpeza Cover Girl e puxou-lhe o fecho, a fim de examinar-se ao espelho. Muito de Nora Chancel emergira através de seu disfarce. Ela passou uma camada de base e apagou as linhas mais proeminentes, aplicou máscara e brilho para lábios, alisou e depois afofou os cabelos, de maneira parecida à que Dick Dart usara. Arriscou outro olhar para os policiais, e sentiu que a tensão abandonava-lhe o corpo. Eles estavam encostados no carro e bebiam café.

Na distância, do lado sul, uma sirene elevou-se no ar, a princípio apenas audível, mas aumentando aos poucos e com mais insistência, até finalmente tornar-se as distantes explosões do vermelho e amarelo das luzes no teto de uma viatura policial do estado. Nora enfiou a bolsa debaixo do braço, ficou em pé e deu um passo à frente. Um dos tiras de Holyoke olhou em sua direção. Ela estendeu os braços, torceu o direito e o esquerdo, depois voltou a sentar-se no banco. Onde está o livro, pegue o livro, ele está aqui, em algum lugar. Puxando um livro de dentro da confusão da bolsa, abriu-o e simulou estar lendo.

Os dois tiras beberam o último gole de café, caminharam até a esquina e deixaram cair os copos de plástico dentro de uma cesta de arame trançado. Ajeitando camisas e gravatas, eles desceram a calçada e seguiram pela rua em direção ao Ford. Ao passarem por Nora, o agente que olhara para ela virou a cabeça e fez um gesto de bater, com a palma virada para baixo. “Fique onde está.”

Ela empurrou a mala mais para baixo do banco e ficou olhando a espantosa chegada do veículo estadual.

A viatura gemeu diante do Ford, apagou as luzes e desligou a sirene um segundo antes de outro carro-patrulha de auto-estrada dobrar para a Northampton Street, com a sirene ululando. Dois homenzarrões com chapéus de abas achatadas deixaram seu carro em posição, à frente do Ford. Um deles começou a interrogar os dois policiais, enquanto o outro passava pelo carro verde e esperava a chegada do segundo veículo estadual. O clamor da sirene foi cortado na metade do uivo, mas a barra luminosa do teto continuou acesa. Um dos agentes estaduais consultou o motorista do segundo carro, o qual saiu em companhia do parceiro e comparou a chapa de matrícula com um número em seu bloco de notas. Os dois homens do segundo carro caminharam agachados em torno do Ford, para poderem espiar através de suas janelas. Tiraram luvas presas aos cinturões, calçaram-nas e abriram as portas dianteira e traseira, do lado do motorista. Um deles inclinou-se para o interior e exibiu as chaves. Depois acenou para os tiras locais. O mais novo dos dois trotou de volta à sua viatura policial, enquanto o agente estadual abria o porta-malas e começava a remexer entre sacolas e caixas.

Seu parceiro retornou ao veículo em que tinham vindo e bateu em uma janela traseira. A vidraça foi abaixada, e o agente estadual pousou as mãos no peitoril, inclinando-se para frente a fim de falar aos dois homens que ocupavam o assento traseiro. Os agentes que haviam chegado primeiro falavam com o tira de Holyoke remanescente, os quais apontaram para o outro lado da rua, depois para o Ford, e finalmente para sua própria viatura. Nora moveu-se para diante e tateou em busca da alça de sua mala.

O agente policial que vistoriava a mala do carro ergueu o rosto, sorridente. As portas traseiras da segunda viatura estadual se abriram, e dois homens de ternos escuros, camisas brancas e gravatas escuras, um deles mais alto e mais louro do que o outro, saíram para a calçada. O homem mais alto usava óculos escuros de armação pesada. Nora ficou gelada, com sua mala já a meio caminho de abandonar o esconderijo debaixo do banco. O sr. Shull e o sr. Hashim — Slim e Slam — caminharam devagar para a mala do carro e inspecionaram uma caixa, entregue pelo sorridente polícia estadual. Nora tornou a empurrar a mala para debaixo do banco de ferro e tentou esconder-se na sombra do toldo.

Slim espiou dentro da caixa, e os cantos de sua boca contraíram-se para baixo. Ele exibiu o conteúdo a Sam, que assentiu. Slim devolveu a caixa ao policial estadual, e este permitiu-se uma última olhada, antes de recolocar a caixa no porta-malas. O sr. Hashim começou a remexer no porta-luvas do Ford. O sr. Shull afastou-se, de mãos enfiadas nos bolsos, e contemplou a superfície da Rua Northampton, através de seus esnobes óculos escuros.

O policial estadual que mostrara a caixa ao sr. Shull voltou para junto dele, ouviu algumas palavras, e então fez sinal para um dos corpulentos agentes estaduais do primeiro carro. Houve outra breve troca de palavras, ele acenou para o tira local, que se aproximou rapidamente e respondeu a algumas perguntas. Ele concordou, deu de ombros, tornou a concordar e então se virou, apontando para Nora.

O policial olhou de relance para ela, fez uma pergunta, conseguiu outro gesto de assentimento em troca, e plantou as mãos na cintura, quando o policial começou a caminhar para Nora. O sr.

Shull ergueu a cabeça e a olhou, depois fitou o tira, para finalmente voltar a observá-la. Chegando até a porta do passageiro, ele disse algo ao sr. Hashim. O sr. Hashim inclinou-se e espiou Nora com ar cético, através do pára-brisa do Ford.

O policial que se aproximava dela tinha preocupados olhos castanhos, um bigode ralo, e seu ventre começava a sobrar acima do cinto. Nora engoliu em seco para suavizar a garganta, e sentou-se ereta no banco. Descobriu que ainda segurava o livro aberto na metade de algum trecho, e inseriu um dedo, como se tivesse sido interrompida enquanto lia.

— Olá — disse.

O policial moveu-se para a sombra. Tirou o chapéu.

— Como aqui está quente! — Ele enxugou a testa com a mão, depois passou a mão na calça. — Eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

— Não sei o que eu poderia dizer-lhe.

— Deixe-me fazer as perguntas e ficaremos sabendo. — Ele tornou a pôr o chapéu na cabeça, tirou do bolso da camisa um bloco de notas e uma esferográfica. — Há quanto tempo está aqui, senhora?

— Não tenho muita certeza.

O policial pousou o pé no banco e achatou o bloco de notas sobre o joelho.

— Podia dar-me pelo menos uma estimativa?

— Talvez uma meia hora.

Ele tomou nota.

— A senhora notou alguma atividade dentro ou em torno do veículo que está sob investigação? Observou alguém em contato

com o veículo?

Ela fingiu refletir na resposta.

— Bem, acho que não.

— Poderia fornecer-me seu nome e endereço, por favor?

— Oh, claro. Não há nenhum problema. Meu nome é... — Sua mente recusou-se a fornecer qualquer nome, além do de Hugo Driver. — Dinah — disse por fim. Shorelands? — Dinah Shore.

Assim que as palavras lhe saíram da boca, ela teve a impressão de que faltava apenas estender as mãos para as algemas. O policial levantou os olhos do bloco de notas.

— É este o seu nome? Dinah Shore?

— Durante todos os anos em que estudei, implicaram comigo por causa desse nome. Por muito tempo fui obrigada a ouvir todas aquelas piadas de Burt Reynolds, mas isso cessou há uns dois anos. Graças a Deus — respondeu ela, esforçando-se para parar de gaguejar.

— Posso imaginar — disse o policial. — Endereço?

Onde é que mora Dinah Shore?

— Boston. — Ela rebuscou a memória, procurando o nome de uma rua de Boston. — Commonwealth Avenue. Commonwealth Avenue, quatrocentos. Mudei-me para lá faz uma semana. Metade de minhas coisas continuam no guarda-móveis.

— Entendo. — Outra anotação. — O que a trouxe a Holyoke, Dinah?

— Estou esperando um amigo. Ele virá apanhar-me.

— Você não tem carro, Dinah?

É claro que tinha. Todo americano tinha um carro.

— Tenho uma camionete Volvo, mas está na garagem. — O policial encarou Dinah Shore, uma residente de Boston, esperando que ela explicasse sua presença num banco de ferro forjado em Holyoke. — Um amigo deu-me carona até aqui, e meu outro amigo está vindo apanhar-me. Logo estará aqui.

— E quanto tempo você permaneceu aqui, Dinah?

O que mesmo ela havia dito antes?

— Não estou bem certa. Talvez uns quarenta e cinco minutos.

— Comprou seu livro na Unicórnio? — Como é que ele sabia?

O policial olhou para a sacola de papel-manilha ao lado da bolsa dela, uma sacola tendo impressos a figura de um unicórnio e o nome da livraria. — Oh, sim! Eu sabia que ia ter de esperar um pouco. Então, fui à livraria e depois fui comer algo no restaurante que fica ao lado dela.

— No Dinah's?

— Chama-se Dinah's? Que coincidência...

Ele a olhou fixamente por um momento.

— Quer dizer que foi à Unicórnio, deu uma espiada, comprou um livro...

— Três livros — emendou ela.

Nora desviou o rosto, fugindo ao olhar confuso do policial. Um MG conversível, vermelho, dirigido por um homem com um boné azul de Eton, cruzava ao lado dos carros-patrolha e dos policiais que ocupavam a maioria das faixas rumo ao sul, na região do Ford de Sheldon Dolkis. Outra viatura policial de Holyoke se juntara a eles, e dois troncados homens de paletó esporte falavam com os tiras estaduais. O homem do boné de Eton parou junto ao meio-fio, no outro lado da rua, diante do Dinah's. O coração de Nora deu um

salto de alarme: o rosto abaixo da grossa viseira do boné era o de Jeffrey. Ele olhou para trás, para o punhado de policiais e seus veículos. Um dos carros-patrolha da auto-estrada se movia para liberar o caminho, enquanto a *pick-up*-reboque emitia sons de “bips”, ao recuar para junto do Ford.

— Então, comprou três livros e foi ao Dinah’s, onde comeu alguma coisa. Fez tudo isso em quarenta e cinco minutos?

— Provavelmente deve ter sido coisa de uma hora. Meu amigo acabou de chegar.

O policial torceu o corpo, a fim de olhar para o lado contrário da rua.

— É aquele do MG?

Ela ergueu um braço e acenou. Jeffrey olhava para a esquina onde Nora havia dito que o encontraria.

— Jeffrey!

Ele virou bruscamente a cabeça na direção dela e deparou-se com o espetáculo de uma loura desconhecida, acenando para ele de um banco de ferro, embaixo de um toldo, enquanto um policial controlava o trânsito, olhando de um lado para o outro da rua. Jeffrey começava a perceber que quem o chamara pelo nome havia sido a mulher loura. Inclinando-se por cima do topo da porta, espiou para ela. Nora rezou para que ele não proferisse seu nome.

— Aquele cara não parece conhecê-la — disse o policial.

— Jeffrey é um pouco míope.

Ela abriu os braços e deu de ombros, em uma pantomima de sua bem-humorada incapacidade de abandonar o banco.

— Oh, *aí está* você! — exclamou Jeffrey.

Ele abriu a porta e pôs uma perna para fora do MG, mas ela lhe fez um gesto para que esperasse. O policial tornou a olhar para ela, voltando à posição anterior.

— Onde disse que seu amigo de Boston a deixou?

— Na esquina. Onde estão todos.

— Por acaso reparou se o veículo estava estacionado lá, quando chegou?

— Sim. Eu o vi estacionado bem ali.

— Quanto tempo ficou na livraria?

— Talvez uns cinco minutos.

— E depois foi ao Dinah's. Deram-lhe um cardápio e você o examinou, certo? Alguém anotou seu pedido, certo? Quanto tempo levou isso?

— Mais uns cinco, dez minutos.

— Assim, temos quarenta a quarenta e cinco minutos no Dinah's. E durante esse tempo, esteve almoçando e conseguiu ler metade desse livro?

— Oh! — Nora ergueu o livro, com o dedo ainda inserido entre as páginas.

— Dinah, temos aqui um grande problema. — Ele ajustou o chapéu na cabeça. Colocou as mãos na cintura. Nora preparou-se para uma iminente detenção. O tira suspirou. — Faz pelo menos alguma idéia de que horas eram, quando seu amigo a desembarcou na esquina?

Ela ergueu os olhos para o rosto jovem e cínico do policial.

— Por volta de quatro e meia — respondeu.

— Sendo assim, ficou nestes arredores por mais ou menos duas horas, não é mesmo, Dinah?

— Deve ter sido isso.

— Não temos muita noção de tempo, temos?

— Aparentemente, não.

— Aparentemente, não. Entretanto, foi esse o tempo que levou, perambulando por esta parte de Holyoke. E, enquanto isso, teria visto uma mulher que seria, digamos, uns dez anos mais velha do que você, com mais ou menos o seu peso e altura, cabelos castanhos-avelã chegando até pouco abaixo das orelhas?

— Está procurando essa mulher?

— Ela poderia estar usando uma blusa de seda azul-escura com mangas compridas e jeans azul. Um metro e sessenta e sete. Uns cinqüenta quilos. Olhos castanhos. Ela provavelmente veio para cá nesse carro que foi rebocado.

— O que foi que ela fez? — perguntou Nora.

— Deixe-me tentar mais uma vez. Viu a mulher que descrevi para você?

— Não. Não vi ninguém assim.

Ele tirou o pé do banco e fechou o bloco de notas.

— Obrigado por sua cooperação, Dinah. Já pode ir.

Ela levantou-se.

— Obrigada — disse.

Atravessou a calçada, e Jeffrey saiu do MG. Quando ela pisou na rua, o policial falou:

— Mais uma coisa, Dinah.

Nora se virou, quase esperando que ele estivesse prestes a algemá-la. O policial sacudiu a cabeça, depois inclinou-se e puxou a mala dela de sob o banco.

— Boa sorte em todas as suas atividades, Dinah.

66

JEFFREY SÓ FALOU depois que saíram de Holyoke e aceleravam para ganhar a I-91. Com as pernas estiradas diante dele e o restante do corpo inclinado para trás, em um ângulo surpreendentemente relaxante, Nora tinha a sensação de estar sendo levada em algum meio de transporte mais semelhante a um tapete-voador do que um carro comum.

— Fiquei preocupado com você naquele banco.

Jeffrey engrenou para ultrapassar um ousado caminhão de mudanças, rodando a apenas uns seis quilômetros acima da velocidade limite, e o tapete-mágico alongou-se, velejou ao vento.

— Eu também.

— Não a reconheci. Esta... transformação... Foi uma surpresa e tanto.

— Houve muitas surpresas ultimamente.

— Devo dizer que, se de algum modo pretende continuar, mais mulheres deviam ser...

— Não. Por favor, está bem? Apenas não diga mais nada. — Ele pareceu encabulado e, para consolá-lo, Nora disse: — Fiquei contente por você não ter gritado meu nome.

— Tudo quanto eu realmente queria dizer era, "é um alívio vê-la deste jeito". Entenda, além do... — e ele desenhou um círculo em torno do rosto, com um dedo indicador.

— Está falando da minha transformação.

— Foi um disfarce melhor do que um chapéu e óculos escuros.

— Dick Dart tinha sérios conhecimentos sobre cosméticos. — Pronunciar o nome dele em voz alta fez o peito dela comprimir-se. — E ainda está por aí, em algum lugar.

— Tem certeza?

— Absoluta. O tira que me interrogava, enquanto você estava sendo tão sensato, disse que estavam procurando uma senhora de idade com cabelos castanhos. Não, ele não disse bem assim, não precisa ficar tão assustado. Entretanto, Dart não teria contado a eles sobre minha nova aparência, pois, do contrário, a estas horas o FBI já estaria me arrastando com correntes nos pés.

Jeffrey assentiu, enquanto levitavam para uma nova faixa.

— Reparei que Hashim e Shull estavam lá, aqueles dois atizadores humanos de lareira. Uma dupla encantadora.

— Eles estiveram em Mount Avenue?

— Ontem, durante umas duas horas, e esta manhã, enquanto instalavam o equipamento telefônico e falavam com o sr. e a sra. Chancel... e seu marido. — Ele a fitou de relance, com a certeza de haver introduzido um novo e difícil tema. — O velho presbitério tem andado um pouco caótico nestes últimos dias.

Por um momento, Nora evitou o assunto sobre seu marido.

— Não teve medo de que eles o vissem?

— Eu teria tido, se eles chegassem a *ver-me*. O sr. Chancel pediu que lhe levasse o almoço na biblioteca, porque tinha muita coisa a tratar pelo telefone. Os atizadores humanos estavam na cozinha, de maneira que tive apenas um relance dos dois, quando passei diante da porta.

— Fale-me sobre Davey. Ele vai mudar-se para "Os Alamos" porque o FBI o quer lá?

— Está querendo saber se também não pode ter sido uma idéia do pai dele, certo? Pois foi um pouco das duas coisas. Os agentes queriam ficar de olho nele, e o sr. Chancel insistia para que o ajudasse a tomar conta da mãe. Falando francamente, eu me pergunto se o sr. Chancel não estaria procurando livrar-se de nós a fim de pressionar Davey a voltar para “Os Álamos”.

Jeffrey olhou de relance para Nora, querendo descobrir se não estava sendo demasiado crítico em relação a seu patrão.

— Poderia ligar o rádio, Jeffrey?

— Oh, sinto muito. — Ele estendeu a mão para o dial. — Eu devia ter pensado nisso há mais tempo.

Com outra suave mudança de marchas, o tapete mágico voou em torno de dois carros em laboriosa velocidade. Um locutor de voz açucarada disse que aquele seria um anoitecer glorioso nos condados de Hampden, Hampshire e Berkshire, logo depois passando a fornecer detalhes.

— Como vai Daisy de saúde? — perguntou Nora.

— Ela descobriu *Todos os Meus Filhos*, e isto parece tê-la animado um pouco. Alguém chamado Edmund raptou alguém chamado Erica, em Budapeste, e a manteve em uma adega de vinhos. Entretanto, a personagem Erica decidiu que queria permanecer seqüestrada, a fim de voltar para alguém chamado Dmitri. Minha tia falou-me a respeito. Compreendi que a sra. Chancel considera sua história similar à da personagem Erica. Você é uma heroína romântica.

— Formidável.

— A sra. Chancel reconsiderou o que quer que você lhe tenha dito sobre o livro dela. Minha tia lhe tem levado trechos. A sra.

Chancel os reescreve, reclinada na cama.

— Antes e depois de *Todos os Meus Filhos*.

— E durante também. É inspiracional.

— Alden a está ajudando?

— O sr. Chancel não tem permissão de entrar no quarto dela.

— Jeffrey fez uma pausa; aparentemente, já havia dito tudo o que pretendia dizer sobre os Chancels. — Poderia explicar-me por que alegou estar escrevendo um livro sobre Shorelands?

— Essa é uma missão que compete a Dick Dart. Ele quer evitar que, seja lá quem for, prove não ter sido Hugo Driver quem escreveu *Jornada na Noite*. Desta maneira, pretende eliminar pessoas relacionadas a escritores que estiveram em Shorelands naquele verão. O homem com quem conversei partiu para Cape Cod pouco depois de ligar para Merle Marvell, portanto está a salvo. Só que ainda resta alguém. Um professor em Amherst. Seria bom eu entrar logo em contato com ele, uma vez que Dart tem o seu endereço.

— Você mencionou dois homens. Os escritores com quem estavam relacionados eram...?

— Creeley Monk e Bill Tidy. Por quê?

— Não se tratava de Katherine Mannheim, então.

— Não, mas segundo imagino, as irmãs dela é que deram início a todo o problema.

Jeffrey assentiu.

— Poderia dar-me detalhes sobre essa missão de Dart e dizer-me tudo o que sabe sobre Shorelands e *Jornada na Noite*?

— Jeffrey, *quem é você?* Por que se interessa pelo assunto?

— Eu a estou levando até alguém que terá resposta para a maioria de suas perguntas, de modo que prefiro nada dizer antecipadamente. Não obstante, posso falar-lhe a meu respeito, caso esteja interessada, mas aviso desde já que não sou muito importante.

— Para quem está me levando? — Uma possibilidade totalmente imprevista ocorreu-lhe então. — Katherine Mannheim?

Ele sorriu. Depois disse:

— Não, não se trata de Katherine Mannheim.

— Ela escreveu *Jornada na Noite*?

— Para ser franco, espero que ela não tenha sido a autora. Sou um dos poucos que podem resistir a esse livro.

— Nunca liguei a mínima para ele, até umas duas horas atrás.

— E...?

— Não vou dizer mais nada, Jeffrey, enquanto você não me falar a seu respeito. Sempre foi um grande *enigma*, sabia? Como é possível que alguém como você se sinta feliz trabalhando para Alden e Daisy? Estudou realmente em Harvard? Qual é a sua *história*?

— Minha história, bem... — Ele pareceu mais constrangido do que ela já o tinha visto. — É muito menos interessante do que possa imaginar. Minha mãe não estava preparada para criar um filho após a morte de meu pai, de maneira que fui criado por parentes dele, todos aqueles Deodatos de Long Island. Durante dois anos, moramos em um bocado de lugares — Hempstead, Babylon, Rockville Centre, Valley Stream, Bay Shore... Via minha mãe verdadeira quando ela me procurava em suas férias e folgas, mas tinha um monte de outras mães, todas com um fraco por mim. Estudei na Uniondale High School. Consegui uma bolsa de estudos

para Harvard, o que foi uma grande coisa, diplomei-me em estudos asiáticos, e fiquei quase perito em chinês e japonês, tendo sido diplomado com distinção. Em vez de fazer pós-graduação, decepcionei todo mundo alistando-me no exército. Após receber treinamento militar e fazer um curso de vietnamita no Texas, puxei um punhado de cordões e consegui ficar na polícia militar, em Saigon. Fiz um bom trabalho por lá, e minhas funções eram interessantes. Continuei as aulas de karatê que havia iniciado em Cambridge.

“Quando voltei, fiz a prova para a polícia de Long Beach e fui encaixado, a despeito de ter sido ridiculamente superqualificado. Um de meus tios era detetive no condado de Suffolk, e isso ajudou. Exerci essa função durante três anos, tive mais aulas de japonês em Hofstra, além de aulas particulares de caligrafia, conquistei minha faixa preta, tive um monte de aulas de culinária, e então foi como se me desintegrasse. Deixei a polícia. Fiquei sem fazer nada, exceto matar tempo na calçada de tábuas da praia e trancar-me em meu apartamento. Depois de seis ou sete meses, saquei todo o dinheiro que tinha no banco e fui para o Japão. Lá, poli meu japonês e vivi em um monastério zen. Isso me tomou dois anos, mas fui aceito em um monastério — é uma longa história — no qual permaneci por dezoito meses. Foi muito satisfatório, mas enfrentava um problema: eu não era japonês e jamais seria um. Voltei, e estava tão falido, que precisei ensinar karatê em um navio de cruzeiro, como pagamento por minha passagem. Não tinha idéia do que ia fazer. Resolvi aceitar o primeiro emprego que alguém me oferecesse e dedicar-me a ele da maneira mais desprendida possível. Quando minha tia falou que

os Chancels queriam contratar um mordomo, mudei-me para o Connecticut e tentei fazer o melhor trabalho que pude.”

Nora o fitava boquiaberta, com visível espanto.

— E você ainda diz que sua vida não é *interessante*? Meu Deus do céu, Jeffrey!

— Tudo não passa de uma série de historietas. Espiritualmente, nunca cheguei a lugar algum, até ir trabalhar para os Chancels. Não tenho quaisquer ambições reais, e ajudá-los foi muito mais gratificante do que inúmeras outras coisas que eu poderia ter feito.

Nora, que estivera pasma com a disparidade entre suas fantasias a respeito de Jeffrey e a realidade dele, subitamente ouviu o que o locutor estava falando, e aumentou o volume do rádio.

— Preciso ouvir isto.

Jeffrey pareceu Sobressaltado, mas nem um pouco ofendido.

— É claro.

O que tinha penetrado no ouvido dela era o relato sobre um incêndio em Springfield.

— “...E, segundo fomos informados, até o momento não houve nenhum relato de perda de vidas. Entretanto, de acordo com informes mais recentes, o incêndio propagou-se a várias outras casas, na seleta área residencial da Oak Street.”

— Foi ele — disse Nora.

— *Ele?*

— Pssst!

— “Repetindo, presume-se agora que tenha sido criminosa a causa do incêndio na região da Oak Street, em Springfield. O alarme foi dado pouco depois das cinco desta tarde, por vizinhos do dr.

Mark Foil, em cuja residência originou-se o fogo. Os moradores da área foram aconselhados a manter contato com a linha de emergência do Departamento de Incêndios, o qual está fornecendo, minuto a minuto...”

Nora desligou o rádio.

— Sabe quem é Mark Foil?

— Estou completamente no escuro.

— Mark Foil é o homem que ligou para Merle Marvell. — Jeffrey parecia ainda não ter captado o sentido geral daquilo. — Por causa desse telefonema é que Marvell ligou para Alden.

A expressão abismada do rosto de Jeffrey deixou claro que ele agora entendia o sucedido.

— Você está certa de que foi Dart quem botou fogo nessa casa?

— Claro que foi ele!

Jeffrey olhou para seu relógio, fez alguns rápidos cálculos mentais e então, inclinando-se sobre o volante, sem dar atenção aos sinais de trânsito, disparou como foguete ao cruzar duas faixas de tráfego consideravelmente pesado. Estrondearam buzinas. Ele fez o carro girar para a Saída 18, no último segundo possível. O MG guinchou rampa abaixo e avançou um sinal fechado, antes de dobrar para a direita e entrar na King Street, em Northampton.

Nora liberou as mãos da maçaneta da porta.

— Diabo, o que significa *tudo isso*?

Jeffrey manobrou para o lado da rua e parou o carro.

— Quero que me explique por que Dick Dart está desejando assassinar pessoas e incendiar casas, a fim de proteger a reputação de Hugo Driver. Comece do começo e termine no final.

— Sim, senhor — assentiu Nora.

67

APÓS TER COMEÇADO a narrar, Nora descobriu que falar para Jeffrey Deodato era muito diferente de contar a mesma história a Harwich. Jeffrey estava *ouvindo* o que ela lhe dizia. Ao terminar, sentiu que seu relato, inicialmente tão confuso quanto o romance de Daisy, ao ser feito agora assumira outro formato, ganhara um padrão coerente, pelo menos para Jeffrey.

— Entendo — disse ele, dando a impressão de ter visto mais do que ela. — Assim, agora que Dick Dart já fez o que pôde para prejudicar o dr. Foil, irá então à procura de Everett Tidy. E, sem dúvida, está com um carro.

— Os carros parecem entregar-se a ele.

— É melhor vermos o professor Tidy. Preciso apenas de um telefone.

— Vai ligar para ele?

Jeffrey manobrou o carro para afastar-se do meio-fio.

— Vou ligar para um amigo dele.

— Você o conhece?

— Eu sempre o conheci. — Jeffrey dobrou para a direita no final do quarteirão, e parou junto a um telefone público. — Será apenas um minuto — disse, e saltou do carro, remexendo no bolso em busca de moedas.

Nora o viu discar um número e dizer algumas frases. Virando-se de costas para ela, Jeffrey pronunciou mais algumas frases inaudíveis. Depois desligou e voltou para o carro.

— Quem era? — perguntou Nora, e Jeffrey sorriu, mas não respondeu. Fez o MG descrever um círculo apertado e, como um raio, desceu pela Rua King abaixo. — Como é que conhece o filho de Bill Tidy?

— Já o conheço faz muito tempo.

— E *agora*, para onde estamos indo?

— Para Amherst, que outro lugar poderia ser? — Ele dobrou à direita, internando-se em um pátio de estacionamento, continuou em linha reta para outro estacionamento, e foi emergir na Bridge Street, acelerando de volta para o desfile de carros e caminhões na auto-estrada. — Apenas por curiosidade — acrescentou —, lembra-se se Davey lhe disse o nome da garota que estava tão interessada em Hugo Driver? A tal que trabalhava ou não para a Casa Chancel, e era ou não um membro de algo chamado Clube do Fogo do Inferno?

— Paddi Mann.

— Era o que eu temia.

Ela levou um momento para raciocinar.

— Também conhecia Paddi Mann?

— Paddi agora está morta, mas eu a conhecia. Seu verdadeiro nome era Patrícia, que ela transformou em Paddi após apaixonar-se por Hugo Driver. A pessoa que vamos ver em Amherst, a que conhece Everett Tidy, é Sabina Mann, mãe dela.

— Como é que conhece Sabina Mann? *Por que você conhece Sabina Mann?* — gemeu Nora. — O que *está acontecendo?*

Jeffrey não respondeu.

Davey não tinha inventado toda a história. Ela realmente acontecera, porém cinco anos mais cedo, em New Haven. Ou então, acontecera duas vezes.

— Não dê nó nos miolos — disse Jeffrey.

— E você não vai me contar como os conheceu.

— Primeiro cuidaremos de Everett Tidy.

— Então diga para quem você me levava, em Northampton.

Afinal, vou mesmo encontrá-lo, depois que deixarmos Amherst.

— Não é ele — disse Jeffrey. — É *ela*.

— Ela quem?

— Acho que já é hora de você conhecer minha mãe.

A CAMINHO de Amherst, Nora inspecionou despreocupadamente uma placa de bronze e viu que a casa de tijolos, de dois pavimentos e aparência confortável, erguida em uma pequena elevação, tinha sido a residência de Emily Dickinson. Podia ouvir Dick Dart recitando, *“Divinamente Feridos, ela impede Que cicatrizes se formem, Exceto internas diferenças Onde os Propósitos dormem...”* e sua boca ficou seca, a pele de seus braços arrepiou-se.

Subindo a ladeira, entraram em um setor comercial, com livrarias e restaurantes, deixaram para trás um lindo parque público, seu gramado parecendo uma piscina verde, e continuaram a subir, passando agora pela Universidade de Amherst, com seus vetustos prédios castanhos e vermelhos.

Jeffrey dobrou para uma rua lateral marginada de atraentes casas antigas, algumas delas circundadas por gradis brancos de madeira, outras quase escondidas atrás de jardins de vividos lírios oscilantes em seus pedúnculos e exuberantes hidrângeas. Ele parou diante de uma casa, quase invisível atrás do jardim fronteiro.

Nora o seguiu através de um caminho cimentado entre lírios rosa e amarelos, cuja altura lhe chegava à cabeça. Três degraus de tijolos levavam a uma reluzente porta de madeira, com uma sineta de bronze. O perfume dos lírios pairava em torno dela, sendo depois carregado por uma brisa tão leve, que mal chegava a ser percebida. Quando a porta foi aberta por uma mulher alta e grisalha, com óculos de lentes em meia-lua e uma frouxa bata de mangas

compridas, o amarelo dos narcisos deu a Nora um rápido olhar de congelar a espinha, em seguida puxando Jeffrey para um abraço. — Jeffrey, seu malvado, às vezes tenho esperanças de que avise, com uns quinze minutos de antecedência, que pretende fazer-me o favor de uma visita. Suponho que esteja com sua mãe, pois é o único motivo que me resta para ver você!

— Olá, Sabina, agora solte-me, antes que me quebre algo.

Ela recuou um passo e o agarrou pelos braços.

— Está muito elegante com esse *boné*.

— Você também está com excelente aparência, pois sempre está.

— E sua mãe, como vai? Espero que bem. Ela é geralmente tão ocupada, que nunca conseguimos conversar. Sei que fez o Banquete dos Curadores, no início do verão e, naturalmente, a recepção na Casa do Presidente, mas, para ela, comida para duzentas pessoas não é nada, hein?

— Bolos. Montes de pedaços de montes de bolos.

— E como vão as coisas com você? — Ela ainda mantinha o aperto nos braços dele. — Continua trabalhando para seus inferiores?

— Estou ótimo, Sabina. Esta é minha amiga Nora.

Ela o soltou e estendeu a mão para Nora.

— É você a misteriosa pessoa que precisava ver Ev Tidy?

Nora tomou a mão de Sabina Mann e fitou seus olhos inteligentes e autoritários, com alguns tons mais azulados do que água de geleira.

— Eu mesma, e fico-lhe grata, esperando não ter trazido nenhum problema.

— Não há qualquer problema. Ev logo chegará. Jeffrey sabe que consegue tudo o que quer. O único problema é ele não querer o suficiente.

Sabina Mann estava fazendo uma rápida avaliação da idade de Nora, de seu estado civil, posição social e papel na vida de Jeffrey.

— Eu jurei silêncio e sigilo, Jeffrey não me dirá por que motivo, mas suponho que posso fazer uma pergunta. Você o conhece há muito tempo?

Nora refletiu se fora aprovada no primeiro teste.

— Conheço Jeffrey faz uns dois anos, mas a verdade é que, ainda assim, mal o conheço direito.

Sabina Mann prosseguiu com sua silenciosa avaliação. Estava muito mais aborrecida do que deixaria Jeffrey perceber.

— Vamos explorar o que nosso mútuo amigo disse a você. Suponho que esteja a par daquele ridículo emprego que ele tanto aprecia, mas teria lhe falado sobre...

— Ora, vamos, Sabina!

— Perdoe-me, querido. Nora, nosso mútuo amigo aqui lhe falou sobre o espetacular sucesso que conquistou em Harvard?

— Falou.

— Ainda bem. Você sabe sobre a Estrela de Prata e a Estrela de Bronze que ele ganhou no Vietnã, ou sobre sua passagem por um monastério no Japão?

— Não para a primeira parte, mas sim para a segunda — disse Nora, com um breve olhar para Jeffrey.

— Uma vez que tem sido tão *favorecida*, deve saber que ele é fluente em mandarim, cantonês e japonês, mas eu duvido que Jeffrey lhe tenha contado...

— Por favor, Sabina, seja justa!

— Jeffrey lhe contou, meu bem, que escreveu duas peças, as quais foram encenadas na periferia da Broadway?

Nora tornou a virar-se para encará-lo.

— Sob pseudônimo — disse ele. — Não fizemos sucesso.

— Bem, eu sei algo sobre você, Nora.

— Já chega, Sabina!

— Fique calado, Jeffrey. Você está usando minha casa para seus motivos particulares, portanto tenho o direito a toda informação que possa desencavar. E desencavei que esta encantadora jovem é empregada da Casa Chancel, porque aquele horrendo sr. Chancel é a pessoa de quem você mais queria guardar este particular segredo. Tenho certeza de que ela partilha o suficiente da minha antipatia por seu empregador e toda a família dele, incluindo sua singular esposa, seu filho inútil e a inadequada esposa desse filho, para manter este segredo a salvo. Não é verdade, meu bem?

— Não sei se a esposa do filho é tão ruim quanto o resto deles — disse Nora.

— E não é mesmo, daí o motivo de ser inadequada. O único errado com ela é que foi tola o bastante para casar com alguém daquela família. Enfim, você está sob o poder de Alden Chancel, da mesma forma que Jeffrey, portanto não se podendo esperar que compreenda a esteira de destruição deixada pelos Chancels.

— Já terminou, Sabina? — perguntou Jeffrey.

— Será melhor que sim. Everett não gosta de ficar esperando.

69

UM HOMEM entroncado, com uma barba Van Dyke cinza-acerada e curtos cabelos prateados, fechou abruptamente o livro que tinha nas mãos e ergueu os olhos, de cenho franzido.

— Vinte minutos, Sabina. Vinte *longos* minutos!

— Foram apenas quinze, Ev. E, como serei excluída desta reunião, precisava de algum tempo para mim mesma, com Jeffrey e sua companheira.

Um lado da testa franzida de Everett Tidy fundiu-se à bochecha, no que poderia ter sido divertimento.

— Aceitaria um café ou chá, Jeffrey? E você, Nora?

— Não, obrigado — disse Jeffrey.

— Chá — replicou Everett Tidy. — Bem forte.

— Chá bem forte, então — disse Sabina, fechando a porta atrás de si.

Nora relanceou os olhos para Tidy, e o surpreendeu examinando-a. Sem constrangimento, ele continuou a encará-la por um momento, antes de virar-se para Jeffrey.

— Olá, Jeffrey — disse.

— Obrigado por vir tão rápido.

Tidy assentiu, depois contemplou o livro que tinha nas mãos, como que admirado por ainda segurá-lo. Moveu-se para um sofá aveludado de encosto alto, colocou o livro em uma mesinha de canto e tornou a fitar Nora. Um vento frio e cortante, tão parte dele como

os vincos de sua calça cáqui e o rude, ligeiro roçar de sua barba, pareceu congelá-la.

— Sabina acha que sou impaciente — disse ele. — O motivo dessa sua falha de percepção é que minha consciência das muitas tarefas de cumprimento imediato, que não consigo cumprir, faz-me ser teimoso.

Enquanto ele falava, a temperatura de sua brisa privada baixou em vários graus.

— Até a minha aposentadoria, eu morava em uma casa de propriedade da universidade, isto significando que, durante vinte e dois anos, tive uma moradia extremamente agradável, com espaço de sobra para minha família e minha biblioteca. Eu poderia ter *permanecido* em minha extremamente agradável moradia, porém minha esposa está morta e meus filhos se foram. Além disso, outros membros da faculdade necessitavam muito mais daquele espaço do que eu. Assim, comprei um apartamento e, quando não estou escrevendo dois livros — um sobre Henry Adams, outro sobre meu pai — fico eliminando volumes supérfluos, a fim de que possa encaixar o remanescente de minha biblioteca em três aposentos. Há meia hora, Sabina me disse que uma pessoa conhecida de Jeffrey desejava falar-me sobre um assunto da mais grave importância. Um assunto que dizia respeito à minha segurança pessoal. — Ele inalou, e seu peito expandiu-se. — Pois muito bem, aqui estou, e devo insistir para que você me diga que *diabo* de gentalha está para vir aqui.

— Ev — disse Jeffrey —, você devia saber que...

— Estou falando com sua acompanhante.

O abismo entre a experiência deste homem e a dela própria deixou Nora momentaneamente silenciosa. Ela jamais seria capaz de convencer Everett Tidy de que alguém queria matá-lo.

Tidy olhou conspicuamente para seu relógio, e Nora afinal entendeu por que ele precisava livrar-se de parte dos seus livros.

— Há quanto tempo o senhor se mudou para seu apartamento?

Ele baixou o braço com exagerada lentidão, como se o movimento súbito pudesse assustá-la.

— Seis semanas. Isso tem algum interesse para sua pergunta?

— Se alguém o procurasse em sua antiga casa, os novos moradores lhe diriam onde o senhor está? Eles conhecem seu novo endereço?

Everett Tidy virou-se para Jeffrey.

— Vamos continuar dessa maneira?

— Por favor, responda à pergunta dela, Ev.

— Ótimo. — Ele se virou para Nora. — O professor Hackett sabe em que rua fica o prédio de meu apartamento? Não, ele não sabe. De qualquer modo, os Hacketts estão passando o mês no vale superior do Arno, o Casentino. Quem é você e o que procura?

— O nome dela é Nora Chancel — disse Jeffrey.

Tidy piscou rapidamente, várias vezes.

— Conheço esse nome.

— Esteve vendo os noticiários dos últimos dias?

— Não tenho televisão. Eu ouço o rádio. — Ele falava para Jeffrey, porém mantinha os olhos em Nora. Todo o seu corpo pareceu perder a rigidez. — Meu Deus, Nora Chancel! A mulher que

foi... Céus! Até agora eu não ligava o nome à... Santo Deus, e pensar que... Então é você!

— Sou eu.

Sabina Mann cruzou a porta de costas, trazendo uma bandeja, e parou de mover-se assim que se virou.

— Acho que estou interrompendo — disse, olhando para eles, de um em um. — Deve ser uma conversa extraordinária.

Ela deixou a bandeja sobre a mesinha de canto e saiu rapidamente. Tidy não havia tirado os olhos de Nora.

— Você está bem? Não parece ter sido machucada, mas nem sequer consigo imaginar o trauma psíquico provocado por semelhante coisa. Como está se saindo?

— Sinceramente, não sei como responder a isso.

— Sim, tem toda razão. Que pergunta impensada! Seja como for, escapou daquele sujeito e teve o bom senso de apelar para Jeffrey. Se me visse em dificuldades, também desejaria a ajuda de Jeffrey. Por favor, vamos sentar.

Ele deu um tapinha no assento do sofá, e Nora acomodou-se sobre o veludo surrado. Tidy acrescentou leite a uma xícara de chá, que entregou a ela. Nora se sentiu ligeiramente atordoada pela mudança das maneiras dele. Jeffrey deslizou para uma poltrona estofada, no outro lado da lareira. Tidy permaneceu de pé, cofiando o cavanhaque. Não havia mais nenhuma insinuação do vento ártico.

— Peço desculpas por esbravejar. Adquiri o hábito ao descobrir que era útil para intimidar meus alunos.

— Fico satisfeita por querer ouvir-me — disse Nora.

Tidy encarapitou-se na borda do sofá.

— Posso apenas supor que o que vai dizer-me diz respeito ao homem que a seqüestrou. Por favor, lembre-me do seu nome.

— Dart — disse ela. — Dick Dart. O senhor nunca ouviu falar nele.

Tidy considerou aquelas palavras por alguns segundos.

— Não, nunca ouvi. Por outro lado, deduzo que ele ouviu falar de mim. Estou certo em dizer que Dick Dart é um assassino, não? Não há qualquer dúvida sobre isto, certo?

— Certo. Não há qualquer dúvida.

— E ele quer o meu mal.

— Dick Dart quer matá-lo.

Ele esticou as costas e presenteou-a com um olhar de seus belos olhos azuis.

— Que coisa extraordinária ouvir semelhante frase! Não sei o que pensar.

— Everett — disse Jeffrey —, quer fazer o favor de calar a boca e deixá-la falar?

— Permita-me uma pergunta mais, e então você poderá fornecer os detalhes, caso exista algum. Há um motivo, ou esse homem sorteou meu nome de dentro de um chapéu?

Nora olhou para Everett Tiddy, procurando visivelmente conter-se e quase mordendo a língua.

— Ele quer matá-lo, porque o senhor é filho de Bill Tidy.

Tidy levou a mão ao rosto, como se houvesse sido esbofeteado. Fazendo um monumental esforço para ficar calado, esboçou um gesto de assentimento para que ela prosseguisse.

Quando Nora terminou, ele disse:

— Então, Dart supõe que meu pai guardou diários, o que de fato fez, que eles falam de sua estada em Shorelands, e realmente falam, e que estou de posse desses diários — o que é verdade. Diga-me uma coisa: tenho a honra de ser o primeiro na lista de Dart? Imagino que deva ser.

— O senhor é o segundo. Esta tarde, ele começou em Springfield com um médico chamado Mark Foil. Foil foi o companheiro de vida inteira de Creeley Monk, e agora é seu executor literário. Estive com Foil pouco antes dele sair da cidade. Dart chegou lá um pouco mais tarde.

— Dart é o autor do incêndio em Springfield?

— Ele não é muito sutil — disse Nora.

Tidy ficou absolutamente imóvel por um momento.

— Eu poderia perguntar a você e a Jeffrey por que não foram à polícia, antes de arranjam este encontro para me verem?

— Não posso falar com a polícia.

Tidy virou-se para Jeffrey.

— Então é assim? Ela não pode?

— Deixe isso para lá, Ev — disse Jeffrey.

— Não acredito que esse indivíduo tenha a menor chance de encontrar meu apartamento, porém não posso permitir que destrua a casa do professor Hackett, pensando que ainda moro lá. Não tenho que fornecer meu nome ou mencionar vocês, de modo algum. Tudo quanto tenho a dizer é que vi um homem parecido com o sr. Dart na área; competirá a eles fazerem o resto. Bem, tenho algumas coisas a dizer-lhes, caso tenham tempo.

— Ótimo — disse Nora.

Tidy levantou-se e contemplou-a por um momento, mordendo o lábio inferior.

— Não deixarei Sabina ouvir meu telefonema.

Após dizer isso, Tidy saiu rapidamente da sala.

— Oh, eu lhe trouxe algum dinheiro. — Jeffrey levantou-se e tirou a carteira de notas do bolso traseiro, enquanto caminhava para ela. — Trezentos dólares. Pague-me quando puder, mas aceite. Vai precisar de dinheiro.

Jeffrey ofereceu-lhe o que parecia um grande número de notas. E ali estava ela, Nora Chancel, prestes a aceitar a oferta do dinheiro dele. Não queria apanhá-lo, mas supôs que não tinha alternativa. Tornara-se o objeto dos caprichos de outras pessoas, algumas delas bondosas, outras malignas.

— Obrigada — disse, um tanto constrangida, mas aceitando o dinheiro. — Eu lhe pagarei assim que puder.

— Não há pressa. — Ele olhou de relance pela porta. — Espero que Ev não esteja falando demais.

A porta se abriu precisamente quando ele terminava de falar, e Tidy entrou, fitando-a de testa franzida, e fechou a porta com teatral cautela.

— Tive de persuadir Sabina a ir ao andar de cima, enquanto dava meu telefonema. Receio que ela não esteja muito satisfeita conosco. — Viu Nora fechar a bolsa de mão, depois olhou para ela. — Você não se incomodaria de ir a um lugar comigo? Você também, Jeffrey, naturalmente.

— Tudo bem — disse Nora. — Para onde, desta vez?

— Para a Biblioteca da Universidade de Amherst, onde depusitei os documentos de meu pai. Está fechada, mas possuo

todas as chaves de que precisaremos. Jeffrey, seria ótimo você recolher essa bandeja.

Sabina Mann estava parada no último degrau da escada, quando os três saíram da sala de estar. Everett Tidy só a viu ao estar quase diretamente à frente dela, e então fez alto de repente. Nora, logo atrás, quase colidiu com ele. Jeffrey a acompanhou, e foi um momento de certo embaraço para todos.

— Sabina — começou Tidy, mas ela o interrompeu.

— Eles chegam, fazem conferências, dão telefonemas clandestinos e, então, partem em massa. É como uma peça.

Jeffrey estendeu a bandeja e ela desceu o degrau com relutância, a fim de apanhá-la.

— Prometo explicar tudo, assim que puder.

— Só Deus sabe o que isso significa. Everett, posso perguntar aonde você vai, a menos que seja outro segredo de estado?

— Sabina — disse ele —, sei que tudo isso deve ser bastante enigmático para você, e lamento a necessidade de sair a toda pressa, sem uma explicação. Não obstante, eu...

— Por que não experimenta dizer-me, em palavras simples, para onde os está levando?

Ele balançou a cabeça.

— Como sabe que os estou levando a algum lugar?

— Você está segurando as chaves de seu carro — replicou ela.

Com toda a dignidade que pôde encontrar, Tidy explicou:

— Temos que ir à biblioteca da universidade, Sabina. Voltarei dentro de mais ou menos meia hora, posso?

— Não se preocupe. Ligue para mim amanhã, se tiver alguma coisa a dizer. Você vai voltar, Jeffrey?

— Sinto muito, mas tenho que ir a Northampton. Prometo vir vê-la bem depressa.

— Você é a pessoa mais exasperante deste mundo! — Ela deu a Nora um olhar em que ameaçava surgir uma franca desaprovação.
— Eu os levo até a porta.

70

HAVIA TANTO ESPAÇO entre o banco traseiro e o dianteiro, que os dois homens pareciam estar a duas vezes a distância normal dela.

— Aquela mulher não é feliz comigo.

— Não se trata de você apenas — replicou Jeffrey. — Sabina costumava ser infeliz *comigo*.

— Sua tia não tem sido feliz comigo desde que deixei a Sociedade Emily Dickinson — disse Tidy.

— Sua tia? Sabina é sua tia? — perguntou Nora.

— Você realmente fala demais, Ev.

Tidy virou a cabeça de lado a fim de encará-lo, depois tornou a olhar para diante.

— Desculpe-me, Jeffrey, mas eu naturalmente supus que sua amiga soubesse quem você é. Por que ela o procuraria, se...

— Já chega!

— Droga, Jeffrey, deixe-o falar! — exclamou Nora. — Eu lhe contei tudo, ao passo que você se limita a mover-me de um lado para outro como uma marionete. Não me importo se você ganhou a Medalha de Honra Congressional e o *Prêmio Nobel*, ouviu bem? Você não é o meu precioso filho. Aliás, já estou ficando farta disso!

O que ela de fato desejava fazer, o que cada célula do seu corpo *lhe dizia* para fazer, era abrir a porta do carro e pular para fora. Caso não saísse logo daquele carro, teria que dar sopapos, arranhar o rosto deles, morder o que quer que pudesse morder, porque se não fizesse isso, algo pior iria acontecer-lhe.

— Não a censuro por estar aborrecida comigo, Nora.

— Pare o carro!

— Quero que você pense duas coisas.

— Não me importa o que *você* quer, Jeffrey. Deixe-me sair!

— Fique calma e ouça. Se depois disso ainda quiser sair, tudo bem, é só sair.

— Vá para o inferno! — disse ela, segurando a maçaneta da porta.

— Você também ficou farta disso lá na casa, não? Foi quando isso começou; quando estávamos sozinhos na sala de estar.

Nora abriu a porta do carro, mas antes que pudesse pular para fora, Jeffrey já se tinha debruçado sobre o assento e mergulhava na direção dela. Tidy gritou alto, no banco da frente. Enquanto Nora inclinava-se pela porta, Jeffrey segurou-a pela cintura e a puxou de volta. Ainda a segurando com firmeza enquanto ela lutava para libertar-se, ele bateu a porta e a trancou. Nora socou-lhe o braço, mas ele apertou as mãos em volta dos cotovelos dela e a puxou para o banco.

— *Tire as mãos de mim!*

O rosto dele estava a centímetros do dela. Nora chutou-lhe o tornozelo, errou o golpe e tentou novamente. Seu pé colidiu com a perna dele.

— Ai! — queixou-se ele, e seu rosto ficou mais próximo. — Diga-me por que está fora de si. Não é por minha causa!

Nora chutou novamente, mas ele afastara a perna e o pé dela encontrou apenas o vazio. Tentou com o outro pé, tornando a errar o alvo. Ele lhe pressionou os braços contra o corpo e a fez ficar imóvel no assento.

— Agora, vamos, diga-me por que está fora de si!

— Solte-me! — gritou ela.

— Está bem, vou soltá-la.

Pouco a pouco, a pressão dele foi afrouxando, enquanto seu rosto afastou-se, até cessar inteiramente de contê-la. Nora ergueu a mão direita, porém era tarde demais para atingi-lo. Sua mente já voltara a funcionar. Baixando a mão, encarou-o fixamente. Jeffrey remexeu em algo abaixo dele, que flutuou para cima e tornou-se um assento extra.

— Que espécie de carro é este, afinal? — perguntou Nora, caindo para trás, contra o encosto. — Um táxi?

— Sim, daqueles antigos — disse Everett Tidy. Ele havia parado junto ao meio-fio e, com um braço passado pelo topo por cima de seu assento, olhava para os dois, no banco de trás. — Meu pai dirigia um, e eu nunca nunca tive outro tipo de carro. Este aqui me pertence desde 1972. Você está bem?

— Como poderia estar bem? — replicou Nora. — As pessoas apossam-se de mim, levam-me de um lado para outro, e nem ao menos me dizem a verdade! Mesmo antes do FBI entrar em cena, minha vida já tinha virado uma catástrofe. Então, coisas horríveis aconteceram comigo, e acabei perdendo a razão. Todos mentem para mim, querem apenas usar-me, e já estou farta de todos estes sigilos, todas estas tramas.

Ela parou de lamentar-se e respirou fundo. Jeffrey tinha razão. Não estava zangada com ele. Acabara de perceber que continuava furiosa com Dan Harwich — talvez não com o Dan Harwich real — mas enfurecia-a a perda do homem como o tinha imaginado. Esta perda dava-lhe a sensação de um enorme ferimento, e parte de sua

fúria era originada por saber que o ferimento houvera sido auto-infligido.

— Perdoe-me — disse Tidy.

— Um momento — disse-lhe Jeffrey. — É por causa de Dick Dart, não? E também por Davey ter deixado a casa de vocês. Você *tem sido* injuriada, é *natural* que se sinta como se não tivesse controle sobre sua vida. Qualquer um sentiria o mesmo.

— Suponho que sim.

Outra percepção ganhou corpo dentro dela: a de que seu verdadeiro ressentimento tinha a ver com um aspecto quase impessoal da provação que atravessava. Desde o início, fora forçada a concentrar-se em um assunto de muito mais importância para todos à sua volta do que para ela própria. Um ciclone demolira sua vida e a arrebatara. O ciclone chamava-se Hugo Driver, ou Katherine Mannheim, ou Shorelands, ou *Jornada na Noite*, ou todos eles ao mesmo tempo. Ainda que Dick Dart, Davey Chancel, Mark Foil e os dois homens naquele carro se preocupassem o suficiente com o ciclone para abrir suas casas, vasculhar documentos, lutar com processos, dirigir centenas de quilômetros e, por causa disso, arriscando-se à prisão, tinha sido ela — a quem pouco importava tudo aquilo — a pessoa que se via à frente do assunto.

— Jeffrey — disse Tidy —, eu preciso...

— Por favor, Ev. Ouça, Nora, eu não sabia se poderia falar por minha mãe, de maneira que adiei certas coisas, até ela conhecer você. O que gostaria de fazer? A decisão é sua.

Ela continuou recostada no encosto do assento.

— Sinto muito ter perdido o controle. Por que não esquecemos o que houve e voltamos ao que estávamos fazendo?

— Também eu sinto muito — disse Tidy — mas não posso fazer isso, enquanto alguém não me explicar o que você quis dizer, quando falou sobre o FBI.

— Você a ouviu declarar que não poderia ir à polícia — disse Jeffrey. — E não pareceu nem um pouco perturbado com isso, segundo me lembro.

— Quero saber por que o FBI está envolvido. Não vou a lugar nenhum, enquanto não souber.

— Nora? — disse Jeffrey, pousando uma das mãos, uma das que pouco antes a tinham contido à força, sobre o joelho dela.

Ela puxou o joelho, libertando-se do contato.

— Não há problema. Não tenho segredos, tenho? Quer ouvir a história, professor? Ótimo, eu compreendo, o senhor quer saber se ficará moralmente comprometido, relacionando-se comigo.

— Nora — interveio Jeffrey —, Ev está apenas...

— Uma vizinha minha foi raptada. Pensamos que houvesse sido assassinada, mas estávamos enganados. Quando reapareceu, ela alegou que eu a raptara. Pelo menos, é uma das coisas que diz. Ela não tem sido muito racional. Como descobriram que meu marido vinha dormindo com ela, o que era novidade para mim, o FBI a levou a sério. Há mais alguma coisa que gostaria de saber?

Tidy coçou a barbicha.

— Creio que é o suficiente. E então, ainda vamos à biblioteca da universidade?

— Eu nem sonharia ir a qualquer outro lugar — disse Nora.

71

EM UMA SALA monástica no último andar da biblioteca de Amherst, Nora contou a Everett Tidy o que sabia sobre Creeley Monk. Ao lado dela em uma comprida mesa de madeira, ele ouvira com crescente entusiasmo, o qual por fim parecera congelá-lo na incapacidade de olhar para outras coisas que não fossem a antiga e alta máquina de escrever no fim da mesa e a foto na parede, mostrando seu pai sentado diante daquela mesma máquina.

Depois que Nora terminou, Tidy puxou em sua direção uma caixa-arquivo, dizendo:

— Fico grato por você estar compartilhando sua informação comigo.

— Sinta-se à vontade — respondeu ela, esperando ouvir o que a história significava para ele.

— Meu pai desconfiava de Creeley Monk, e devo explicar isto primeiro. Ele simplesmente não acreditava na história de Monk ser um jovem da classe operária, natural de Springfield, filho de um dono de bar, etc., etc. Monk havia estudado em Harvard, usava roupas caras, e meu pai, que era quase totalmente autodidata, achou que estava sendo ridicularizado. Quase tudo sobre Shorelands o deixava constrangido. Ele não teria aceito o convite de Georgina, em absoluto, se não o considerasse um meio de amenizar suas dificuldades com seu segundo livro. Contudo, soube que cometera um erro quase assim que chegou lá, mas pensou que não tinha

alternativa senão manter-se firme. Ele não era do tipo que desiste com facilidade.

— Eu compreendo — disse Nora.

— Ele dependia do livro para ganhar o suficiente, a fim de que nunca mais precisasse dirigir um táxi. Um dia depois de estar em Shorelands, soube que Lincoln Chancel estava para chegar, presumivelmente querendo descobrir escritores para sua nova firma editora.

Nora quis levar a conversa para o que quer que houvesse despertado o enorme senso de fracasso no íntimo daquele homem disciplinado, uma questão talvez relacionada a Katherine Mannheim, mas uma pergunta sobre o admirável Bill Tidy a perturbava.

— Ao ir para Shorelands, de certo modo ele não abandonara sua mãe e o senhor?

Tidy sacudiu a cabeça com veemência.

— Não houve qualquer questão sobre abandono. Nós tínhamos um convite de pé para irmos a Key West, onde um velho amigo de meu pai, chamado Boogie Ammons, possuía um pequeno hotel. Quando chegou o convite para Shorelands, meu pai providenciou para que eu e minha mãe ficássemos lá. Durante todo aquele mês, vivemos melhor do que em nossa casa. Sentíamos sua falta, é claro, mas ele escrevia duas ou três vezes por semana, a fim de termos alguma idéia sobre o que estava fazendo.

— O senhor conservou as cartas?

— Ainda tenho a maioria delas. Não detalham demais a permanência dele em Shorelands. Só anos após sua morte é que me senti com coragem de ler seus diários, e então fiquei sabendo o quanto havia detestado aquele lugar.

Tidy abriu a caixa-arquivo e tirou de lá um volume encadernado em tecido verde-escuro.

— Também percebi o quanto ele estava pouco à vontade consigo mesmo. Você compreende? Meu pai sentia-se em uma espécie de corda bamba, da qual não queria cair.

— Acho que não entendi — disse Nora.

Tidy assentiu.

— Pense na situação dele. Meu pai estava realmente lutando com um novo livro. Se tudo desse certo, ele finalmente ficaria livre para não fazer outra coisa além de escrever. Lincoln Chancel era um monstro brutal, devorador, mas representava uma saída. Meu pai estava tão desesperado, que não conseguia deixar de bajular o homem. Algo contra os seus princípios de senso moral. Infelizmente para ele, havia um outro hóspede ainda mais desesperado. Hugo Driver valeu-se da casualidade de hospedar-se na mesma casa que Chancel, para transformar-se em um indivíduo extremamente insistente e importuno.

— Então, seu pai sentiu inveja de Driver — disse Nora.

— O que o fez sentir-se ainda pior sobre si mesmo. Não podia confiar em sua antipatia instintiva pelo homem. Assim, nunca se juntava ao grupo no terraço, onde Chancel aparecia quase toda tarde, porque Hugo Driver não deixaria de estar lá. Como questionava sua antipatia por Driver, forçou-se a suspender um julgamento quando ouviu mexericos, ainda mais porque desconfiava da fonte.

— Ele já pensava que Creeley Monk era mentiroso — disse Nora.

— Monk o impressionou como exatamente o tipo de pessoa que inventa coisas sobre outras. Especialmente quando isso pode ajudar sua própria causa. Neste exemplo, com Merrick Favor.

Finalmente, aqui havia uma possibilidade de mover-se para o centro das preocupações dele.

— O que seu pai pensava sobre Katherine Mannheim?

Everett Tidy a surpreendeu, quando olhou através da mesa para Jeffrey, o qual deu de ombros. Ele correu os dedos sobre a capa do livro à sua frente, claramente considerando o que dizer.

— Em grande parte pelos motivos que já expliquei, meu pai realmente teve pouco contato com os demais hóspedes. A outra parte de seu isolamento era física. Georgina destinou-lhe a “Casa dos Trevos”, no interior da floresta e atrás do Vale de Monty, tão afastada da Casa Principal, que caçadores furtivos e larápios perambulavam pelas proximidades, no meio da noite. Ele chegou a ouvi-los, na própria noite em que a srta. Mannheim desapareceu.

Tidy silenciou, e Nora esperou que ele encontrasse um meio de falar no que quer que o inflamara.

— Nos diários de meu pai, nada existe sugerindo que Driver houvesse roubado um manuscrito da srta. Mannheim.

— Entendo — disse Nora, achando que não entendia em absoluto.

— Entretanto, você perguntou o que meu pai pensava sobre a srta. Mannheim, uma informação que poderia ser-lhe útil, e, através de você, a mim também. Posso afirmar que a minha vida inteira desejei saber o que teria acontecido em Shorelands naquele verão. — Seu misterioso excitamento pareceu intensificar-se. — Ainda há um grande tópico a discutir, o qual pode ser tão crítico para você

quanto o é para mim. Havendo alguma possibilidade, você me contará o que quer que venha a descobrir?

— Naturalmente.

— Obrigado. Agora, voltemos a Katherine Mannheim. — Ele disse isto com o ar de adiar deliberadamente seu “grande tópico”. — Ficou bem claro que era uma presença atraente, interessante, muito segura de si. Podia ser intencionalmente rude, segundo deduzi, porém o que de fato impressionou meu pai, além da independência dela, foi o que ele denominou “sua serenidade”.

— Serenidade?

— Isto a surpreende, não é mesmo? Ele quis dar a entender uma mescla de confiança em si mesma, bondade instintiva, coragem e compaixão. Inicialmente, foi enganado pelo gênio irritadiço dela e seu desejo de ser indiferente ao convencionalismo, porém após a primeira semana, ele começou a enxergar estas outras qualidades.

Tidy abriu o diário.

— Ouça isto:

“Estive pensando sobre esta curiosa pessoa que é Katherine Mannheim. Ela nunca possuiu dinheiro, leva uma vida simples e sem queixas. Onde parece boêmia e inseqüente, ela é totalmente concentrada. Escreve lentamente, com grande cuidado, publicando pouco, mas o que publica, faz sucesso. Para ela, o reconhecimento, aclamação ou qualquer espécie de recompensa pública, nada representam. Pergunto-me se eu não agiria de modo tão tolo como Merrick e Austryn, caso não me sentisse tão satisfeito casado com a minha querida Min.”

— Min e Bill? — perguntou Nora. — Não houve um filme...

— Tratava-se de uma piada de família — respondeu Tidy. — O verdadeiro nome de minha mãe era Leonie.

“Até mesmo o monstruoso Lincoln Chancel, com trinta anos a mais do que Katherine, e que mostra no rosto sua glotonaria, a deseja. Merrick e Austryn são atraídos pelo ser interior dela, porém imaginam que lhe querem o corpo, desta maneira não vendo que Katherine é casta. Não que seja uma castidade cálida; ela é gélida e determinada.”

— Katherine Mannheim nunca esperou chegar à velhice. A vida inteira teve conhecimento de seu coração fraco, porém recusou-se a viver como inválida, exceto neste único sentido. Sempre achei que, se ela considerava potencialmente perigosas atividades como andar de bicicleta, beber vinho e dar longas caminhadas, então tinha certeza de que o sexo poderia matá-la. Em todo caso, seus instintos a conduziram para uma forma modesta de vida.

— Seu pai sabia em que ela estava trabalhando? — perguntou Nora.

— De maneira nenhuma. O que Georgina denominava o Definitivo, uma espécie de tradição de final-de-termo, explicaria este detalhe, porém ela não quis seguir o jogo.

— O que era o Definitivo?

— No fim da terceira semana de permanência dos hóspedes, todos os escritores reuniam-se para uma espécie de abaixo-

assinado, com as assinaturas dispostas em círculo para ocultar a precedência. Isso acontecia no Vale de Monty, dentro do círculo de pedras eretas, conhecidas como os Pilares Cantantes. O jardineiro que criara a clareira, Monty Chandler, havia reparado que vários pedregulhos erodidos e escavados de um campo próximo tinham todos mais ou menos uns quatro metros de altura, sendo achatados nas extremidades. Ele trabalhou duro para aprumá-los na clareira. Os convidados sentavam-se em círculo no interior do anel de pilares. Georgina fazia algumas preleções sobre a história de Shorelands. Quando terminava, os hóspedes descreviam em que estavam trabalhando, como se desenvolvia esse trabalho, etc. Naturalmente, esperava-se que prestassem um tributo à hospitalidade de Georgina, descrevendo as maneiras como Shorelands os tinha inspirado. Também esperava-se que eles fossem divertidos. Georgina Weatherall gostava de ser entretida, assim como elogiada. Como era de se esperar, Katherine Mannheim recusou-se a participar do jogo.

Ele virou mais algumas páginas.

— Aqui está:

“Após a canção de elogios de Merrick à hospitalidade da srta. Weatherall, às maravilhas de Shorelands e a seus próprios talentos, foi a vez de Katherine Mannheim falar. Ela sorriu. Estava certa, disse, que todos compreenderíamos sua decisão de seguir uma costumeira prática de não comentar um trabalho em andamento. Aqueles que a tinham precedido eram mais corajosos e menos supersticiosos do que ela, qualidades que a faziam admirá-los imensamente. Quanto a Shorelands, sua

magnificência era tão grande, que desafiava qualquer descrição de sua parte, porém era um prazer mencionar os serviços de Agnes Brotherhood, a criada que todas as manhãs lhe limpava a cozinha e arrumava sua cama. Ao deixar Shorelands, sentiria grande falta da assistência doméstica da srta. Brotherhood.”

— Katherine recusou-se a falar sobre seu trabalho e declarou-se agradecida à empregada — disse Nora. — Dá a impressão de que esperava ser convidada a ir embora.

— Ou que *queria* sê-lo — disse Tidy. — Georgina sentiu-se ultrajada. Aqui está o que meu pai diz:

“A srta. Weatherall ajeitou suas camadas de púrpura e carmesim em torno dos ombros. Seu rosto ficou vermelho-vivo por sob a maquiagem. Murmurou que transmitiria à criada os cumprimentos da srta. Mannheim. O seguinte na fila, Hugo Driver, começou por elogiar a generosidade da srta. Weatherall, e prosseguiu descrevendo as refeições, os jardins e conversas em tal extensão, que quando encerrou seu panegírico à nossa anfitriã, um gênio cuja grandeza jazia nisto, naquilo e naquiloutro, ninguém chegou a perceber que ele não se dera ao trabalho de mencionar seus escritos.”

— Em vista disto — concluiu Tidy — nós de fato ignoramos sobre o que cada um deles esteve trabalhando naquele verão.

— Driver viu uma chance de esconder-se por trás de uma cortina de fumaça — comentou Nora.

— Talvez porque ele não estivesse fazendo muito progresso, isto significando que ficara cada vez mais dependente de Lincoln Chancel. Seja lá como for, chegada a vez de meu pai, ele falou tanto sobre Chancel como sobre Georgina Weatherall. A verdade é que continuou nutrindo esperanças, mesmo depois de voltar para casa.

— Ele chegou a terminar o livro? — perguntou Nora.

Tidy inalou bruscamente, depois girou sua cadeira a fim de encará-la com toda a contida intensidade visível nos olhos.

— Deixe-me perguntar-lhe isto: disseram a você o que foi feito do romance em que Merrick Favor trabalhava?

— Foi rasgado em pedaços.

— Como o livro de meu pai. Rasgado, queimado, e tudo o mais.

Jeffrey falou pela primeira vez, desde que tinham entrado na biblioteca:

— O que está dizendo, Ev?

Com o que pareceu a Nora um deliberado e momentâneo relaxamento de seu férreo autocontrole, Tidy ergueu o rosto para a foto de seu pai.

— Muito bem, aqui estamos nós, para o importante tópico.

— Não nos deixe na expectativa — pediu Jeffrey.

— Farei o possível para que isso não aconteça. — Tidy olhou para Nora, depois tornou a fitar o retrato do pai. — No inverno seguinte após voltar de Shorelands, meu pai contou para minha mãe

que tinha certeza absoluta de conseguir terminar seu livro em duas ou três semanas, caso pudesse trabalhar sem interrupções. O resultado final é que fomos novamente convidados a voltar a Key West; quando meu pai terminasse o livro, seria convidado também, para comemorar. Boogie Ammons disse: "Vale alguns hambúrgueres, você finalmente tirar o peso desse livro de suas costas." Pouco mais de duas semanas depois, um policial apareceu no hotel e contou para minha mãe que meu pai se matara.

"Não tive condições de ler nada escrito por ele, senão quando já estava lecionando aqui e tinha formado minha própria família. Os diários dele encontravam-se em uma mala, no meu porão. Certa noite, quando todos estavam na cama, vim de carro a esta biblioteca, apanhei *Nossas Frigideiras*, levei-o para casa, abri uma garrafa de conhaque e fiquei acordado até terminar de ler o livro. Era uma experiência incrivelmente emocional. Em seguida, tive que ler os diários dele. Quando afinal me senti forte o bastante para enfrentar o último, descobri algo totalmente inesperado. Uma semana antes de partirmos para a Flórida, o seu agente lhe escrevera, comunicando que fora procurado por Lincoln Chancel, o qual se mostrara interessado em fazer uma exploração confidencial sobre a situação de meu pai. Chancel gostara do que tinha ouvido sobre o novo livro, quisera saber quanto faltava para ser terminado e se meu pai consideraria a publicação de seu trabalho por ele, Chancel. Meu pai respondeu, dizendo que estava prestes a terminar o livro e queria mostrá-lo a Chancel. Ele não contou nada disso para minha mãe.

"Cerca de uma semana mais tarde, ele recebeu algumas excitantes notícias. Uma vez que estava escrevendo sobre si mesmo,

meu pai não foi muito específico a respeito, em seu diário. Veja o que deduz disto:

'Larguei minha máquina de escrever para atender o telefone. Declarei meu nome. Que grande mudança ocorreu então! Haverá uma visita da realeza. O Ser Real virá sozinho. Não deverei contar para ninguém e, se violar esta condição, inclusive através de uma insinuação a respeito e mesmo para minha mulher, ficará o dito por não dito. Somente Ele e eu deveremos estar presentes. O grande acontecimento terá lugar em três dias. Francamente, não sei o que esperava, porém ISTO, bem, ISTO supera tudo.'

Tidy olhou para Nora.

— E então? — perguntou.

— É semelhante ao acontecido com Creeley Monk — respondeu ela. — A visita foi suspensa?

— Aqui está a última coisa que meu pai escreveu.

"Cancelamento. Sem explicações. Mal posso erguer-me do chão. Conseguirei prosseguir? Há uma alternativa para mim? Não tenho escolha, mas como posso continuar, sentindo-me como me sinto?"

— Exatamente o que aconteceu a Creeley Monk, alguns dias mais tarde. Acredita que possa ser uma coincidência?

— Não, não acredito — respondeu Nora — mas isso então significaria...

— ...que Monk recebeu a mesma espécie de carta que meu pai. Não parece provável que Merrick Favor e Austryn Fain tivessem sido abordados da mesma forma? E não parece ainda mais provável que quem arranjou um encontro privado, para depois cancelá-lo, foi Lincoln Chancel?

— Santo Deus! — exclamou Jeffrey. — Você acha que foi tudo um logro? Uma armação?

— Seria preciso mais do que uma rejeição de Lincoln Chancel para fazer meu pai jogar a toalha.

Nora encarou-o fixamente. Depois lançou um olhar desvairado através da mesa para Jeffrey que, evidentemente, alguma vez antes já percebera a que levava tudo aquilo.

— O senhor acha que Lincoln Chancel assassinou seu pai e Creeley Monk, além de também Merrick Favor e Austryn Fain.

— Eu acho que Chancel o empurrou da janela e rasgou seu manuscrito em pedacinhos, justamente como fez com Favor.

— Talvez isto seja óbvio, mas por que ele o faria?

— Imagino que Chancel tivesse algo a esconder — disse Tidy.

— A verdadeira autoria de *Jornada na Noite*.

— É claro — disse Jeffrey. — Monk sabia que Driver era um ladrão. Comentou isso com Merrick Favor, e tanto seu pai como Fain escutaram a conversa por acaso, porém ninguém acreditou nele. Mais tarde, Favor disse aos dois que Monk tinha razão. Estava certo de que vira Driver roubar algo de Katherine Mannheim. Todos sabiam que Driver vinha tendo problemas com seja o que for que

escrevia no momento, porém seis meses depois, ele produz seu estupendo livro e dá o *Copyright* à Casa Chancel.

— É isso aí — disse Tidy. — Chancel foi impiedoso com Driver, como com todos em geral. Tinha apenas de preocupar-se com a possibilidade de Katherine Mannheim haver falado sobre seu trabalho com algum dos demais hóspedes.

— Ele marcou estas entrevistas sigilosas — disse Nora — para cancelá-las em seguida. Então, surgiu à soleira dos interessados, e esperou apenas que eles virassem as costas.

Por um segundo, as três pessoas na sala situada no último andar da biblioteca ficaram em silêncio.

— E agora? — perguntou Nora.

— Parece que o resto compete a você — respondeu Tidy.

— E O QUE ESPERA que eu faça? — exclamou Nora. — Não posso provar que o avô de Davey assassinou quatro pessoas, há cinquenta anos atrás. Isto faz sentido para Everett Tidy, para você e para mim, porém quem mais irá acreditar nesta história?

— Penso que Ev quis dizer que você deveria continuar com o que já está fazendo.

O céu ainda brilhava, e vibrantes campos verdes jaziam a cada lado da comprida e reta estrada que levava a Northampton. Um vento quente bateu no rosto de Nora e agitou-lhe os cabelos curtos, enquanto parecia passar por Jeffrey sem ao menos tocá-lo.

— O que estou fazendo?

— Dando um passo depois do outro.

— Muito inteligente! Afinal de contas, acha que foi Katherine Mannheim quem escreveu *Jornada na Noite*?

— Julgo isso mais provável do que julgava pela manhã.

— Por que é tão importante que eu conheça sua mãe?

— Sempre esqueço o quanto é bela esta parte de Massachusetts...

Jeffrey não entregava os pontos.

— Está bem. Tentemos outro assunto. O que fazia seu pai?

— Era cozinheiro, ou talvez eu devesse dizer *chef*. Toda a minha família, pelo menos deste lado, era composta de grandes cozinheiros. Meu bisavô foi o *chef* principal do Grand Palazzo della Fonte, em Roma. Seu irmão foi o *chef* principal do Excelsior. Apesar

da desvantagem de não ser italiana, minha mãe foi tão boa quanto todo o resto. Antes de meu pai morrer, eles pretendiam abrir um restaurante. Na verdade, minha mãe ainda gosta de cozinhar.

— E agora ocupa-se cozinhando para o Banquete dos Curadores e a Recepção do Presidente.

Jeffrey fitou-a longamente de lado.

— Sua tia Sabina disse qualquer coisa a respeito.

— Você tem boa memória.

— Sabina é irmã de sua mãe?

Jeffrey puxou o boné de Eton um pouquinho mais para baixo da testa. Pela primeira vez, a brisa passando por Nora pareceu tocá-lo também.

— Já entendi. Aqui é o fim da linha. Pode, pelo menos, falar-me sobre Paddi?

— Posso contar uma parte, mas o resto terá de esperar. Lembre-se de como Sabina se sente a respeito dos Chancels. Ela os responsabiliza por um monte de coisas, porém a principal delas é o que aconteceu com sua filha. Era uma boa garota, antes de sair dos trilhos. Talvez fosse um pouco parecida comigo, daí por que eu gostava dela. Patty, como se chamava então, era muito mais nova do que eu, mas sempre gostei de sua companhia. Naturalmente, fiquei ausente muito tempo, de modo que não estava por perto quando ela descobriu *Jornada na Noite*. O livro passou a ser sua vida. Ela modificou o nome. Por vezes, simulava ser outros personagens do livro. Acho que Patty afundou cada vez mais em sua obsessão, chegando ao ponto de desaparecer de casa para visitar outras pessoas fanáticas por Driver. Houve muito abuso de drogas, brigas em casa, toda a personalidade dela mudou, Patty não queria

mais passar seu tempo com alguém incapaz de ficar dia após dia falando apenas de Driver e do livro. Então, aos dezesseis anos, fugiu de casa.

“Um fã de Driver indicava-lhe outro, de maneira que ela ficou flutuando por esse deprimido submundo dedicado ao Pequeno Pippin, vivendo em casas de admiradores de Driver. Tais pessoas passavam a vida representando cenas do livro. Ninguém sabia onde ela estava. Uns dois anos mais tarde, Patty conseguiu falsificar sua entrada para a Escola de Desenho de Rhode Island — não consigo imaginar como — e Sabina enviou-lhe dinheiro, mas ela recusou-se a ver a mãe. Ficou estudando cerca de um ano, quando então tornou a desaparecer. Sabina recebeu um cartão-postal de Londres. Patty estava em outra escola de arte e morava em outra casa de admiradores de Driver. Drogas a granel. Depois ela se mudou para a Califórnia, onde viveu situação idêntica, e terminou em Nova York, movendo-se entre o East Village e Chinatown, totalmente submersa nesse mundo demente de Driver. Deve ter sido quando conheceu Davey. Seja como for, Patty sumiu mais uma vez e ninguém sabia de seu paradeiro, até ela morrer de uma superdose de heroína em Amsterdã, e a polícia entrar em contato com Sabina.”

Havia bem menos floreios na história de Davey do que Nora tinha pensado.

— Obrigada por contar-me — disse. — Contudo, ainda não entendi por que ela parecia tão obcecada pelo manuscrito e por Katherine Mannheim.

— Pare de querer saber tudo, e fale-me sobre sua infância ou sobre como conheceu Davey. Diga-me o que pensa de Westerholm.

Nora compreendeu que Jeffrey não forneceria mais esclarecimentos.

— Não suporto Westerholm, conheci Davey em um bar do Village chamado Chumley's, e meu pai costumava levar-me em suas excursões de pesca. Jeffrey, onde vou dormir esta noite?

— Há um simpático hotelzinho em Northampton. Poderá ficar lá o tempo que quiser.

Minutos mais tarde, eles passavam por baixo da auto-estrada e entravam em Northampton pelo leste. Filas de lojas e mercearias marginavam a rua. No sopé de uma colina, os prédios foram ficando mais altos e substanciais; o MG passou a mover-se lentamente em meio a muitos outros carros. Passaram por baixo de uma ponte ferroviária, e jovens moviam-se ao longo das amplas calçadas ou permaneciam em grupos nos enormes cruzamentos. Jeffrey apontou para uma rua larga e encurvada, indicando o Northampton Hotel, um imponente prédio castanho com um terraço florido, diante de um novo anexo envidraçado.

— Quando tivermos esgotado o assunto em casa de minha mãe, eu a trarei de volta e providenciarei um quarto para você. Nos dois dias seguintes, conversaremos sobre o que deve fazer. Se quiser, poderemos almoçar e jantar juntos enquanto isso.

— A grande cozinheira não o alimenta?

— Minha mãe não tem muita tendência doméstica.

Nora contemplou a bela e agradável Main Street — a Rua Principal — com seus postes de iluminação e restaurantes anunciando pizzas assadas em fornos de tijolos e fogo de lenha, frango *tandoori* e sopa fria de cerejas; viu galerias cheias de arte indígena e pedras importadas; reparou nos ajuntamentos e grupos

de jovens atraentes, mulheres em sua maioria, de mochilas penduradas às costas por correias, vestindo jeans com pernas cortadas e frentes-únicas ou camisetas. Então, perguntou a si mesma: *O que estou fazendo aqui?*

— Estamos chegando — disse Jeffrey.

O MG seguiu um bando de garotas de bicicleta, desligando-se do trânsito para uma rua mais tranqüila, ao longo de uma extensão de terreno semelhante a um parque, onde dignificados carvalhos cresciam ao lado de sazoados prédios de tijolos, unidos por uma rede de alamedas. As jovens de bicicleta desviaram-se para uma alameda com uma placa da Universidade Smith. Jeffrey fez uma perfeita curva em U diante de um grande prédio de dois pavimentos, revestido de ripas castanhas e provido de uma varanda coberta de telhas, ampla o bastante para danças, que corria pela fachada e lado esquerdo da casa. Parecia um pequeno hotel de veraneio nas Adirondacks. Uma placa recuada da calçada anunciava BUFÊ "SABOR CELESTIAL".

Jeffrey virou-se para ela, com um sorriso de desculpas.

— Deixe-me entrar primeiro e prepará-la, está bem? Voltarei em cinco minutos.

— Ela não sabe que estou vindo?

— Foi melhor assim. — Ele abriu sua porta e esticou uma perna para fora do carro. — Cinco minutos.

— Tudo bem.

Jeffrey saiu, fechou a porta e inclinou-se sobre ela por um momento, olhando para Nora. Se estivera tentado a dizer algo, resolvera ficar calado.

— Não vou fugir — disse ela. — Pode ir, Jeffrey.

Ele assentiu.

— Volto logo.

Subiu o comprido caminho de tijolos, saltou pelos degraus e olhou para trás, na direção de Nora. Então cruzou a varanda e abriu a porta da frente. Antes de entrar, tirou o boné da cabeça.

Nora reclinou-se no assento, alongou as pernas diante de si e aguardou. Um inseto zumbiu na relva abaixo da placa diante da casa. No outro lado da rua, um cão latiu três vezes, roucamente, como que dando um aviso, para depois silenciar. Aos poucos, o ar ia começando a ficar mais escuro.

Após cinco minutos, Nora olhou para a varanda, esperando ver Jeffrey surgir à porta. Minutos mais tarde, tornou a olhar, mas a porta continuava fechada. De repente, pensou em Davey, que nesse momento devia estar fazendo alguma coisa, como arrumar seus discos compactos nas estantes de Jeffrey. Pobre Davey, trancado dentro daquela jaula que era “Os Álamos”. Saindo do MG ela percorreu a calçada, de um lado para o outro. Poderia chamá-lo? Não, claro que não poderia chamá-lo, que idéia mais idiota! Ergueu novamente os olhos para a varanda e sentiu um choque elétrico na boca do estômago. Uma jovem negra, extraordinariamente bonita, com uma echarpe branca sobre os cabelos, olhava para ela, postada no janelão da casa. A jovem afastou-se da janela e desapareceu. Um momento mais tarde, a porta finalmente se abriu e Jeffrey emergiu na varanda.

— Houve algum problema? — perguntou Nora.

— Está tudo bem, apenas foi difícil conseguir a *atenção* dela.

— Vi uma moça na janela.

Ele olhou por sobre os ombros.

— Estou surpreso por você não ter visto uma dúzia.

Ela o precedeu nos degraus de madeira levemente empenados e cruzou a extensão da varanda até a porta da frente. Jeffrey disse:

— Por aqui, permita-me — e inclinou-se diante dela, a fim de empurrar a porta e abri-la.

Nora entrou em um enorme espaço aberto, com um computador em frente de um grande calendário na parede da direita e, no outro lado, uma televisão com tela de projeção e dois usados sofás de veludo. No extremo oposto, um amplo arco dava para um espaço ainda mais amplo, onde algumas jovens de jeans inclinavam-se sobre bancadas e outras mulheres jovens carregavam panelas e transbordantes coadores para outras destinações, mais para dentro do prédio. Uma das que carregavam panelas era a estonteante negra que ela vira na janela. Uma loura esguia, de vinte e poucos anos, que estivera vendo um desenho animado, ergueu os olhos para Nora.

— Oi! — disse.

— Olá — respondeu Nora.

— Você é a primeira mulher que Jeffrey já trouxe aqui — disse a loura. — Nós achamos muito interessante.

No outro lado do arco, dez ou doze jovens picavam vegetais e dobravam bolinhos de massa, nos dois lados de duas bancadas para corte de carnes. Panelas e caldeirões de cobre pendiam de vigas no teto. Em frente de dois fogões de restaurante, mais mulheres, a maioria em jaquetas brancas e echarpes da mesma cor nas cabeças, cuidavam de caçarolas fervilhantes e borbulhantes cubas. Uma remexeu destramente os conteúdos de uma panela *wok*. Um refrigerador de aço inoxidável, do tamanho de uma Mercedes,

erguia-se ao lado de uma mesa onde duas mulheres empacotavam *containers* em caixas de papelão isolante. Além delas, uma janela se abria para uma extensa horta, na qual uma mulher de avental azul debulhava vagens de ervilhas. Todas as mulheres na cozinha deram a Nora a impressão de alunas diplomadas — da maneira como alunas diplomadas pareceriam, se estivessem por volta dos vinte e cinco anos, fossem esbeltas e excepcionalmente atraentes. Algumas das que se achavam diante das bancadas olharam brevemente para Jeffrey quando ele a guiou para o grupo diante do fogão mais próximo.

Lentamente, como o desdobrar de uma enorme flor, elas recuaram para revelar, em seu centro, uma mulher atarracada que usava um largo vestido preto e uma massa de colares e pendentives, mexendo um espesso molho vermelho com uma colher de madeira. Seus bastos cabelos grisalhos haviam sido apanhados em apertado coque, o rosto era sem rugas e imponente. Ela olhou para Jeffrey, dirigiu a Nora um avaliador exame de suas pupilas negras, e virou-se para a jovem que fora vista na janela.

— Maya, você sabe o que fazer em seguida, não sabe?

— Os cogumelos de Hannah, *depois* os outros, e então vai tudo para o caldeirão com a vitela de Robin. Cinco minutos e, bang!, pela porta afora.

— Ótimo. — A mulher bateu palmas e recuou dois passos do fogão. — Vejamos Sophie fazendo algo útil. Como está indo a embalagem?

— Esta aqui está quase pronta — disse uma das jovens junto à mesa.

— Maribel, peça a Sophie que a ajude a carregá-las para a van. — Uma jovem alta e ruiva, com óculos de aros de chifre redondos, moveu-se na direção do arco. A mulher mais velha olhou para seu relógio. — Jeffrey, escolheu um dia agitado para aparecer. Estamos fazendo a Sociedade Asiática às nove, e um jantar de gala em Chesterfield pouco antes disso, mas *penso* que está tudo correndo dentro do programado. — Ela fez outra rápida inspeção de suas tropas e virou-se para Nora. — Então, aqui está você, a mulher sobre quem todos estivemos lendo. Jeffrey disse que queria falar comigo sobre Katherine Mannheim.

— Exatamente — disse Nora. — Se a senhora puder dar-me um pouco de seu tempo.

— Claro que posso. Vamos sair daqui e sentar-nos na sala da frente. — Ela estendeu a mão, que Nora apertou. — Seja bem-vinda. Deduzi que está precisando ficar algum tempo escondida. Se quiser, esconda-se aqui. Não posso dar-lhe um quarto, mas você poderá dormir em um sofá, até encontrarmos algo mais apropriado. Sempre é possível usar mais uma ajudante e, em sua maioria, as meninas são uma companhia agradável.

— Acho que reservarei um quarto para ela no Northampton Hotel — disse Jeffrey.

A mãe dele não afastava os olhos de Nora.

— Faça o que achar melhor, naturalmente, mas se estiver sem ter o que fazer, sempre poderá instalar-se aqui.

— Obrigada — disse Nora. — Não me esquecerei disso.

— Eu ficaria feliz em ajudar a mulher que casou com Davey Chancel.

Nora olhou para Jeffrey, surpresa, e a mãe dele disse:

— Parece que meu filho deixou as explicações a meu cargo.

— Acha que eu ousaria fazer outra coisa? — replicou Jeffrey.

Sophie e Maribel haviam estacado em seu caminho para a mesa e serviram-se de bolinhos de carne à moda sueca, tirados de uma travessa fumegante. A mulher mais velha disse:

— Encham a van, meus pequenos elfos. — Mastigando, as duas apressaram-se para a cozinha. — Vamos sentar na sala da frente. Passei o dia todo em pé.

Ela fez um gesto para o sofá onde Sophie se refestelara diante da televisão. Nora sentou-se, e Jeffrey enfiou as mãos nos bolsos, enquanto espiava sua mãe desligar o aparelho. Ela acomodou-se em uma ponta do sofá de Nora e descansou as mãos nos joelhos.

— Jeffrey não nos apresentou, e imagino que você não faça idéia de quem sou, além de ser a mãe deste indivíduo.

— Lamento, mas de fato não faço idéia — disse Nora. — A senhora conheceu Katherine Mannheim? E também conheceu os Chancels?

— Naturalmente — respondeu a mulher. — Katherine era minha irmã mais velha. Conheci Lincoln Chancel em Shorelands e, antes de saber quem era quem, ele me contratou para servi-lo. Eu ainda estava lá, quando seu marido era apenas um garotinho.

Nora olhou da mulher mais velha para Jeffrey. Este pigarreou para clarear a garganta.

— O sr. Chancel não gostava do som de nomes italianos.

— Quando o sr. Chancel contratou-me, eu era Helen Deodato, mas talvez você tenha ouvido falar de mim como Helen Day — explicou a mãe dele. — Fiquei tão acostumada a isso, que continuo

a chamar-me Helen Day. Quando Alden Chancel e sua esposa assumiram a casa, preferiram chamar-me a Dona da Xícara.

LIVRO VIII

A DONA DA XÍCARA

PIPPIN FICOU EM SILÊNCIO DURANTE MUITO TEMPO,
SENTADO AO CALOR E À LUZ BRUXULEANTE DO FOGO.

ELE OLHOU ATENTAMENTE PARA O ROSTO DA VELHA.

DEPOIS DE TUDO O QUE ELA HAVIA CONTADO, NÃO MAIS
O ATEMORIZAVAM OS BIGODES BRANCOS QUE LHE
BROTAVAM DO LÁBIO SUPERIOR OU SEU QUEIXO
PONTUDO. NEM MESMO O CRÂNIO NO QUAL ELA BEBIA
SUA FÉTIDA POÇÃO MARROM, E TAMPOUCO A PILHA DE
CRÂNIOS ATRÁS DELA O AMEDRONTAVAM AGORA. ESTAVA
POR DEMAIS INTERESSADO NA HISTÓRIA DELA PARA
SENTIR MEDO. "NÃO ESTOU ENTENDENDO", DISSE
PIPPIN. "A SENHORA É MÃE DELE, MAS ELE NÃO É SEU
FILHO?"

73

NORA FICOU SEM FALA pelo que lhe pareceu uma interminável sucessão de segundos. Nem ao menos conseguia mover-se. A decidida velha à sua frente, com seus colares de moedas antigas, de pesadas correntes de ouro, de contas de cerâmica, pássaros de prata, penas de prata e cintilantes pedras verdes e vermelhas, imóveis sobre seu peito, as mãos largas pousadas sobre os joelhos, sentava-se inclinada ligeiramente para frente, avaliando os efeitos de suas revelações, enquanto Nora encarava atentamente as firmes sobrancelhas negras, os inteligentes olhos da mesma cor, o nariz proeminente, os lábios carnudos e bem desenhados, e o queixo redondo de Helen Day. A Dona da Xícara, O'Dotto — Day e O'Dotto, as duas metades de seu sobrenome — ignoradas por Davey, porque seu avô achava os nomes italianos por demais proletários para serem usados em sua casa.

— Jeffrey — disse a mulher —, você devia ter contado a ela pelo menos *alguma coisa*. Não é justo soterrá-la com tantas informações ao mesmo tempo!

— Pensei que estivesse sendo justo com você — respondeu ele.

— Eu estarei bem — disse Nora.

— É claro que estará.

— É muita coisa para digerir de uma só vez. Davey me falou muito a seu respeito. A senhora é legendária. Eles ainda comentam suas sobremesas.

— Aquela família sempre teve um fraco por doces. O velho sr. Chancel podia comer sozinho um bolo inteiro de sete camadas. Por vezes eu precisava fazer dois, um para ele, outro para os demais. O pequeno Davey tinha a mesma tendência. Eu costumava preocupar-me sobre ele engordar, quando crescesse. Ele engordou? Não, suponho que não. Você não o desejaria para marido, se ele exibisse um enorme saco de tripas, como o avô.

— Sim, eu não o desejaria, e ele não engordou.

— Enfim, quem sou eu para falar? — Helen Day pareceu quase melancólica. — Davey deve ter sentido minha falta, depois que seus pais se livraram de mim. Pobrezinho, devia sentir mesmo, tendo aqueles dois como pais.

— Certa vez ele me disse — contou Nora — que julgava a senhora sua verdadeira mãe.

— Sua verdadeira mãe mal passava algum tempo com ele. Na maior parte do tempo, nem sabia quando o filho estava em casa.

— E, naturalmente, nem *ela* era a verdadeira mãe dele — disse Nora. — A senhora com certeza já estava em “Os Álamos” quando o primeiro filho morreu.

Helen Day levou um indicador aos lábios e deu a Nora um longo e pensativo olhar. Depois assentiu.

— Sim, eu estava lá durante a comoção.

— Daisy e Alden nem mesmo queriam um filho, não é? Na realidade, não queriam. Foi Lincoln quem fez com que adotassem Davey.

Houve outra pausa reflexiva.

— Posso dizer que o velho declarou aos dois que queria um herdeiro. Durante essa época, não houve muitas noites tranquilas na

Mount Avenue. — Ela desviou os olhos, e seu rosto simpático endureceu-se como cimento. — Segundo Jeffrey, você queria falar comigo sobre minha irmã.

— Sim, quero muito, mas antes posso fazer-lhe algumas perguntas sobre outras pessoas de sua família?

A mulher ergueu as sobrancelhas.

— Outras pessoas de minha família?

— Sabina Mann é sua irmã?

A idosa mulher olhou rapidamente na direção de Jeffrey.

— Nós tivemos que ver Ev Tidy — disse Jeffrey. — Como o número dele não consta da lista telefônica, liguei para Sabina e pedi-lhe que o convidasse a ir até sua casa.

— O que ela fez com o maior prazer, tenho certeza. Aposto que ficou alvoroçada, entrando e saindo com montes de biscoitos baratos e xícaras de chá "Earl Grey".

— Foi chá "Gunpower", bem forte, e ela ficou alvoroçada apenas uma vez. Devo admitir que estava decepcionada comigo.

— "Gunpower"! — exclamou Helen Day. — Santo Deus! Ela acabará compreendendo a situação. Suponho que você desejava falar com Everett sobre Shorelands, por causa do pai dele.

— Exatamente — concordou Nora.

— E ele ajudou em alguma coisa?

— Ele tinha algumas idéias — disse Jeffrey.

Ao mesmo tempo em que falava, ele dirigiu um olhar de advertência a Nora, que não passou despercebido a sua mãe.

— Não quero intrometer-me. Não faz o meu gênero, exceto quando diz respeito à minha irmã. Entretanto, pelo que recordo do pai de Everett, ele não poderia ter muito a dizer sobre Katherine. Era

minha impressão de que mal falou com ela. Ali não haveria muita coisa capaz de excitar as pobres e velhas Effie e Grace. — Quando Nora pareceu confusa, Helen Day acrescentou: — Minhas irmãs. Foram as tolas que viram aquele filme e contrataram um advogado.

— Você está certa — disse Jeffrey. — Bill Tidy ignorava inteiramente o que Katherine estava escrevendo.

— Não me surpreende. Em si, a idéia toda é louca. Agora estou informada de que essa loucura contagiou o infeliz homem que arrancou você de um posto policial. — Ela abanou a cabeça, desgostosa. — Deixe-me responder ao que perguntou. Não, Sabina Mann não é minha irmã, graças a Deus. Ela era Sabina Kraft, antes de casar com meu irmão Charles. Desta maneira, completou-se o corte de relações entre meu irmão e mim, que começou quando ele mudou de nome.

— Por que ele mudou de nome?

— Charles odiava meu pai. Mudar de nome não passou de um meio para causar sofrimento ao velho. Ele fez isso assim que completou vinte e um anos. A desgraça quase acabou com o escasso cérebro de Effie e Grace. Katherine pouco ligou, naturalmente. Isso nada significava para *ela*. Aliás, Katherine foi como um país em separado, a vida inteira.

Nora refletiu que Helen Day, a qual aparentemente não protestara contra a vontade de Lincoln Chancel mudar-lhe o sobrenome, devia ser tão excêntrica quanto a irmã.

— A senhora não se dava bem com Charles ou suas duas outras irmãs?

— Eu me dou com os Deodatos muito melhor do que com minha própria família, se é o que quer saber. São pessoas bondosas,

sensatas e calorosas, que ficaram encantadas em aceitar Jeffrey, quando ficou óbvio que eu não conseguia dar conta do recado, sendo mãe e sozinha. Evidentemente não ia sujeitar meu garotinho a *Charles*, muito menos a Sabina. Quanto a Effie e Grace, as duas mal conseguiam tomar conta de si mesmas. Entretanto, havia este glorioso clã, repleto de cozinheiros, policiais e professores de ginásio. Fiquei muito amiga de todos, e nenhum deles discutia meu sistema de vida, de modo que jamais houve qualquer dificuldade para que eu visse Jeffrey sempre que era possível. Quando deixei os Chancels, já sabia que tinha que vir para esta parte de Massachusetts. Aqui era a minha terra, o meu lar, onde meu marido morreu. É o único lugar do mundo que já amei de verdade. Jeffrey compreendeu.

— Compreendi — disse Jeffrey — e ainda compreendo.

— Eu sei disso. Apenas não desejo que Nora me julgue com severidade. De qualquer modo, todos juntos fizemos um bom trabalho com Jeffrey, não é mesmo? Ele fez um monte de coisas interessantes, embora sua metade Mannheim significasse que outras pessoas teriam dificuldade em compreendê-las. Há muito de mim em Jeffrey, e muito de Katherine também. Entretanto, ele é muito mais gentil do que ela jamais foi. Ou do que eu, verdade seja dita.

— Katherine não era uma pessoa gentil?

— Eu sou? Diga você.

— A senhora é mais do que gentil — respondeu Nora. — É bondosa demais para ser apenas isso.

Diminutos pontos de luz piscaram muito no fundo dos olhos da mulher mais velha.

— Você acabou de descrever minha irmã Katherine. Eu gostaria que não esquecesse a minha oferta. Se estiver precisando de um lugar seguro para ficar, será bem-vinda aqui. Aprenderá todo tipo de culinária e poderá economizar algum dinheiro. Funcionamos em uma base comunal e todos partilham igualmente.

— Obrigada — disse Nora. — Fico tentada a inscrever-me prontamente.

— Eu devia saber — disse Jeffrey. — A famosa instituição Helen Day Metade Casa, Escola de Culinária, Salão Intelectual e Abrigo para Mulheres ataca novamente!

— Não diga tolices — disse a velha senhora. — Nora entende o que eu quero dizer. Agora, vamos falar sobre minha irmã Katherine, portanto, pode parar de arreliar.

— Aleluia! — exclamou Jeffrey, caminhando para o outro sofá e sentando-se de frente para as duas.

— Katherine chegou a falar com a senhora sobre o que escrevia? — perguntou Nora.

— Posso recordá-la lendo alguns poemas para mim, quando estava com doze ou treze anos. Eu tinha nove, na época. Foi um acontecimento, porque Katherine era sempre muito sigilosa sobre seus escritos. Não sobre suas opiniões, compreenda. Se ela achasse algo absurdo, você ficaria sabendo. De qualquer modo, como eu ia dizendo, costumava vê-la escrevendo seus poemas o tempo todo, e certa vez perguntei se eu podia lê-los. Não, ela disse, mas eu lerei alguns para você, e então leu uns dois ou três poemas, que já esqueci. Não entendi uma só palavra, de modo que nunca mais me interessei.

— E mais tarde? Quando ambas estavam adultas?

— A essa altura, falávamos uma com a outra apenas de dois em dois meses, e tudo que ela dizia sobre seu trabalho era que o estava escrevendo. Ligou para mim, anunciando que ia a Shorelands. Estava contente com isso, e veio passar umas duas noites comigo, quando partiu. Eu já vivia aqui, e Katherine morava em Nova York, sozinha, naturalmente, em Greenwich Village, num minúsculo apartamento em Patchin Place. Fui lá, duas semanas após ter voltado de Shorelands para casa. Eu sabia que minha irmã estava morta; espero que você aceite a minha palavra quanto a isso.

— Em sua opinião, o que aconteceu a ela? — perguntou Nora.

— Anos mais tarde, aquela velha e cretina faladeira que era Georgina Weatherall, fingiu achar que Katherine havia fugido levando algum desenho seu, e que mudara de nome para ocultar a identidade. Que história! Katherine jamais roubou coisa alguma em sua vida. Por que roubaria, ela que nunca desejava nada de nada e de ninguém? Essa versão ficou melhor para Georgina do que ter um de seus hóspedes morto no coração da floresta, tão longe que o corpo jamais foi encontrado.

— Está bem certa de que foi o que aconteceu?

— Fiquei sabendo, no segundo em que vi aquela mulher ridícula. Katherine sabia exatamente como amarrotar-lhe as penas, e a última coisa que esse tipo de mulher suporta é a idéia de alguém rindo dela.

Era bem do feitio de minha irmã provocar semelhante tola, e em seguida desaparecer subitamente, uma fração de segundo antes de ser mandada embora da propriedade. Foi puro azar o dela, morrer no meio daquela particular caminhada, de modo que nunca

podemos dar-lhe um sepultamento. Seu coração fraco falhou no momento errado, eis tudo.

— Como Georgina pôde ligar para a senhora, depois que ela desapareceu?

— Katherine lhe tinha dado o meu número. Quem mais faria isso? Sabe Deus que ela jamais daria o telefone de Charles, de Grace ou de Effie. Katherine sempre gostou mais de mim do que deles. Quero mostrar-lhe algumas coisas.

A velha levantou-se, com um chocalhar e tilintar dos colares. Cruzou o arco da sala, e Nora e Jeffrey a ouviram dando ordens na cozinha, depois a marcha lenta de seus passos em uma escada.

— O que imagina que ela queira mostrar-me? — perguntou Nora.

— Você acha que consigo saber o que minha mãe pretende fazer?

— O que há de errado com Grace e Effie?

— As duas são normais demais para minha mãe. Por outro lado, ambas ficaram escandalizadas por ela se dispor a trabalhar para Lincoln Chancel. Achavam que não era um emprego à altura dela. Minhas tias também não aprovam muito o que minha mãe faz agora. Consideram que não é uma função muito apropriada para senhoras.

— É difícil imaginar algo que fosse mais apropriado para senhoras — disse Nora.

Jeffrey sorriu.

— Fala assim porque não conhece Grace e Effie.

— Como foi que elas surgiram com o tal caderno de notas, ou seja lá o que foi que originou todo o problema?

— Minha mãe costumava guardar os papéis de sua irmã aqui no porão, porém instalou mais dois quartos lá, e não sobrou muito espaço. Grace e Effie concordaram em ficar com os papéis — quatro caixas de papelão, cheias principalmente de rascunhos de histórias e poemas. Dei uma espiada neles, há muito tempo atrás.

— Não havia nenhum romance?

— Nenhum. — Ele olhou para trás, abarcando o arco e a cozinha repleta de mulheres. — Por falar nisso, a despeito da maneira como alude a Lincoln Chancel ou mesmo a Alden e Daisy, minha mãe continua leal a eles. Não comente com Ev Tidy o que estivemos falando, está bem? Ela ficaria danada da vida.

— Percebi o olhar que você me deu.

— Lembre-se de que, quando parou de trabalhar para eles, ela recomendou Maria, que na época tinha dezoito anos e acabava de desembarcar do navio. Maria mal falava inglês, mas eles a aceitaram assim mesmo. Também me empregaram. Ela acredita que os Chancels fizeram muito por nossa família.

— Eu nunca compreendi por que Alden e Daisy a despediram — disse Nora. — Sua mãe era como um membro da família.

— Não acredito que a tenham despedido. Ela é que saiu, quando juntou dinheiro suficiente para iniciar este negócio.

Os degraus da escada rangeram.

— Davey me disse que eles a despediram, tenho certeza. Perdê-la foi muito doloroso para ele.

— Que idade tinha ele, quatro anos? Davey nem sabia ao certo o que estava acontecendo. — Jeffrey deu-lhe um breve e contido sorriso, enquanto as pisadas de sua mãe chegavam aos

últimos degraus. — Foi pena não o terem enviado para Long Island. Teria feito algum bem a ele.

— Poderia ter feito muito bem a ele — disse Nora.

Virando-se para a cozinha, viu Helen Day ladeada por três de suas assistentes e inclinada para uma cuba de cobre. Ela inspirou fundo, refletiu e falou para uma jovem de expressão ansiosa, que se afastou rapidamente e voltou com uma xícara de um pó castanho, do qual jogou uma pitada dentro da cuba.

Aquele longo dia começava a cansar Nora, que não pôde resistir a um gigantesco bocejo.

— Que grosseria — comentou. — Desculpe.

Helen Day tornou a cruzar o arco da sala, desculpando-se pela demora. Sentou-se a uma pequena distância de Nora e depôs dois objetos sobre o trecho de veludo castanho entre ambas. Nora baixou o rosto para uma fotografia emoldurada sobre uma placa flexível, tão antiga, que sua superfície negra, de couro granulado, havia desbotado para um irregular matiz de cinza.

— Veja. Olhe para esta foto.

Nora pegou a foto. Duas garotinhas de avental, uma delas com uns três anos, a outra com talvez oito, em pé e sorrindo para o fotógrafo, em um jardim ensolarado. A menor segurava uma xícara de porcelana para chá, própria para bonecas, acima de um pires do mesmo aparelho. Evidentemente irmãs, ambas tinham cacheados cabelos escuros e rostinhos simpáticos. A mais velha sorria apenas com a boca.

— Pode imaginar quem sejam? — perguntou Helen Day.

— A senhora e Katherine — respondeu Nora.

— Eu brincava de tomar chá no jardim e, maravilha das maravilhas, Katherine apareceu e me fez companhia. Meu pai saiu de casa para documentar o momento, sem dúvida a fim de provar a ela em alguma data posterior, que um dia, afinal de contas, também havia sido criança. E a espertinha *sabia* o que ele estava fazendo, você pode ver em seu rosto. Katherine conseguia enxergar através dele.

Nora contemplou a intensa auto-suficiência nos olhos da menina de oito anos. Ela seria capaz de enxergar através da maioria das pessoas.

— A senhora encontrou esta foto no apartamento dela?

— Não. O que encontrei lá foi o manuscrito. Esta foto estava sobre sua mesa de trabalho no chalé Pão de Mel, e foi a primeira coisa que vi, ao entrar lá. *Santo Deus*, falei para mim mesma, *vejam só isto!* Sabe o que significa, não?

Nora não fazia a menor idéia, porém os olhos de Helen Day e sua voz deixavam bem claro o que aquilo significava para ela.

Sua irmã se sentia próxima da senhora — disse.

A idosa dama empinou o corpo para trás, com um tilintar de colares, e apontou um rechonchudo e rosado indicador para a garganta de Nora.

— Acertou em cheio! Ela se sentia mais próxima de mim do que de qualquer outra pessoa em toda a nossa embaralhada família. Que endereço e número de telefone ela forneceria, para o caso de uma emergência? Os meus, naturalmente. Que foto ela levou para Shorelands e a colocou bem no lugar de honra, em sua mesa de trabalho? O meu. Não era uma foto do gorducho Charles, era?

Como o dedo ainda apontava para sua garganta, Nora meneou a cabeça, em uma negação.

— Nada disso! E tampouco era uma foto daquelas duas idiotas que nunca leram um livro na vida, Effie e Grace. Katherine se sentia tão próxima desses três como de quaisquer estranhos na rua. A princípio, não entendi por que minha irmã iria embora deixando o nosso retrato para trás, mas, quando reparei que também deixara seu robe de seda e um punhado de livros, vi o que ela estava fazendo. Katherine sabia que eu iria lá, recolher tudo para ela. Deixou aquelas coisas para trás pensando em mim, pois sabia que eu as guardaria até serem reclamadas. E aposto que você pode adivinhar o motivo.

De novo, Nora deu a resposta que Helen Day queria ouvir.

— Porque a senhora a compreendia melhor do que os outros.

É claro que a compreendia. Enquanto viveu, Katherine nunca fez qualquer sentido para eles. Era como Jeffrey com os Deodatos. Eu os amava e eram pessoas maravilhosas, porém jamais conseguiram entender algumas das coisas que meu filho fez. Jeffrey e minha irmã nunca seguiram muito de perto as linhas do convencionalismo, não é verdade, Jeffrey?

— Já que está dizendo, mãe... — respondeu ele. — Entretanto, algumas vezes você também andou fugindo do convencionalismo.

— É justamente o que eu estava dizendo! Por umas duas vezes em minha vida, as pessoas falaram que eu era maluca. *Charles* me chamou de maluca. Trabalhar para Lincoln Chancel! Abdicar de meu filho, e não apenas isso, juntar-me a pessoas que ele considerava inferiores! Você deve ser tão maluca quanto

Katherine, foi o que ele me disse. E eu respondi, bem, nesse caso não estou me saindo tão mal. Pode apostar que ele mudou de tom quando Jeffrey ganhou sua bolsa de estudos para Harvard e lá foi tão bem-sucedido. Quando os outros não fazem o menor esforço para compreender-nos, sua primeira reação é achar que somos malucos. Grace e Effie *ainda* pensam que sou maluca, porém estou indo bem melhor do que elas. As duas também achavam que Katherine fosse maluca. Ela as envergonhou, da mesma forma que eu, quando fui trabalhar para os Chancels.

A mãe de Jeffrey cruzou os braços sobre o peito, com um clangor de moedas e contas que sobressaltou Nora.

— Minhas irmãs pensaram que Katherine realmente fugiu com aquele desenho, mudou de nome e viveu com o dinheiro obtido na venda do quadro. Sabe o que me disseram? Disseram que, antes de mais nada, Katherine jamais tivera um coração fraco. O dr. Montross é que cometera um erro quando ela era garotinha e, desde então, Katherine fizera tratamentos especiais. Tinha roubado aquele quadro, mudado de nome, e agora estava rindo de todos nós. Elas disseram que Charles havia mudado seu nome, não havia? E eu, também não mudara o meu? Tinha sido com o sr. Day que me casara, não tinha? Respondi que nunca mudei meu nome, que quem fez isso foi o homem para quem eu trabalhava, que quando ele falava, a gente *ouvia*. Tudo que fiz foi acostumar-me com esse novo nome que, afinal de contas, era apenas o meu sobrenome de casada. Disseram que todos aqueles escritos eram também coisa de loucos, mas não eram, você não acha, Jeffrey?

— Não eram, em absoluto — respondeu Jeffrey.

— Ela foi convidada a Shorelands. Ninguém disse que aquelas outras pessoas eram malucas. Além do quê, o dr. Montross não era uma fraude. Katherine teve febre reumática aos dois anos, e seu coração poderia falhar a qualquer momento. Todos nós sabíamos disso. Ela *morreu*. Grace e Effie disseram, você nunca a encontrou, encontrou? E tampouco todos aqueles policiais, mas elas não chegaram a ver como era aquilo lá. Você poderia enviar vinte homens àquela floresta, durante um mês, que eles nada encontrariam.

— Se ela pretendia ir embora, por que escolheria a floresta, em vez de um caminho mais fácil?

— Ela não queria passar pela Casa Principal — disse Helen Day. — Katherine desejava sair sem ser vista. E, sabe como é, talvez tivesse chegado à estrada. Talvez até conseguisse uma carona e um quarto para pernoitar, mas seu coração parou, e ela morreu. Porque Katherine nunca entrou em contato comigo sobre seus pertences. Esperei duas semanas, mas nem ela e nem ninguém mais telefonou para mim, e então eu *soube*.

— Certo, mas seu irmão e suas duas irmãs mais velhas não concordaram com a morte dela? Achavam que ela ainda poderia estar viva?

— Charles não pensava assim. Estava certo de que Katherine tinha morrido; tão certo quanto eu. O dr. Montross havia dito a nossos pais que seria um milagre ela viver até os trinta anos. E, naquele ano, Katherine estava com vinte e nove.

— E Grace e Effie?

— Elas também sabiam disso, mas mudaram de idéia quando aquele livro foi publicado, quase dizendo em preto e branco que

Katherine levava aquele quadro pendurado na sala de refeições. Na opinião delas, Katherine era incapaz de fazer alguma coisa certa. As duas nunca tiveram uma palavra amável sobre ela, até começarem a vasculhar os papéis de Katherine antes de jogá-los fora, papéis que entreguei às duas para que os guardassem, e elas viram alguns rascunhos em folhas soltas, os quais lhes recordaram um filme de que nem tinham gostado! Grace e Effie continuam achando que a irmã era maluca, porém não lhes desgosta a idéia de conseguirem algum dinheiro através dela. Velhas tolas! Katherine não escreveu aquele livro. Seu autor foi Hugo Driver. Se quer saber o que minha irmã estava escrevendo, examine aquela pasta.

74

INVADIDA POR UMA ONDA de expectante excitação, Nora abriu o fecho da pasta. Jeffrey levantou-se, a fim de ver melhor.

PALAVRAS INESCRITAS

por

Katherine Mannheim

15 Patchin Place, 3

Nova York, Nova York

(2ª cópia)

Ela virou a página-título e encontrou um poema denominado “Diálogo dos Últimos Dias”, pesadamente corrigido em tinta verde. Seu coração ficou oprimido. Então era *isto* que Katherine Mannheim estava escrevendo? O poema continuava na página seguinte. Ela folheou as páginas e viu que ele ocupava vinte e três delas. O “Segundo Diálogo”, também fortemente corrigido, cobria vinte e seis páginas. O livro encerrava-se com outros dois “diálogos”, de trinta a quarenta páginas cada.

— É um longo poema, ou imagino que seja, dividido nesses diálogos. Katherine tinha duas cópias e fez alterações em ambas. Ela deve ter levado a primeira cópia a Shorelands, a fim de passar o mês revisando-a lá, e penso que planejava datilografar uma terceira e última com todas as revisões, depois que voltasse.

Ela estivera “inescrevendo” as *Palavras Inescritas* através de uma longa e laboriosa série de revisões.

— Isto estava na mesa de trabalho dela?

— Estava em seu apartamento, ao lado da máquina de escrever, juntamente com uma enorme pasta cheia de versões anteriores. A que ela levou a Shorelands ficou perdida, juntamente com tudo o mais que tinha posto dentro de sua mala.

— Você nunca me mostrou isso — disse Jeffrey.

— Você pouco aparecia por aqui e, quanto a mim, de nada adiantava ficar lendo o que ela escreveu. Sempre tive dificuldade para entender as coisas que Katherine criava, e estes poemas deram mais trabalho do que qualquer outra coisa, em especial com todos esses rabiscos das revisões. Após uns dois anos, comecei a descobrir um caminho. Eu vi, suponho ter visto, que ela escrevia sobre sua morte. Após conviver com essa morte, e durante tanto tempo, se quer saber, eu diria que ela nunca pensou muito a respeito, porque parecia não pensar. Katherine não era do tipo de pessoa melancólica, em absoluto, mas é claro que pensava na morte o tempo todo. Daí o motivo dela escrever da maneira como escreveu e de ter vivido da maneira como viveu. Acho que minha irmã Katherine era uma santa. Uma santa na vida real.

Perplexa, Nora ergueu os olhos do livro.

— Uma santa?

Helen Day sorriu e deu um ligeiro olhar à fotografia.

— Katherine era a pessoa mais sensível, mais inteligente e dedicada que já conheci, além de, bem fundo dentro dela, ser a *mais pura*. O que a maioria das pessoas chama de religião não a afetava nem um pouco, embora houvéssemos sido criados como

católicos. Você encontrará mais pessoas espiritualizadas fora das igrejas do que dentro delas. Katherine não ligava para essas coisas sem importância com que a maioria das pessoas passa uma vida inteira se preocupando. Ela sabia como divertir-se, por vezes chocava as pessoas com idéias comuns, mas possuía *foco*. Quando recebo novas moças aqui, procuro ver se têm pelo menos um pouquinho do que Katherine tinha. Se têm, bem-vindas a bordo! E você, você tem um pouco também.

— Sim... Um monte de pessoas de idéias comuns poderia acreditar que sou um pouquinho maluca — disse Nora, pensando em seus alegres demônios.

— Não acredite nisso. Você tem sido *machucada*, posso ver que tem. Não é de admirar, considerando-se o que lhe aconteceu. No entanto, aqui está, rodando por Massachusetts em vez de voltar para casa, se é que ainda possui uma casa para onde voltar. — A idosa dama olhou para seu filho. — Alden Chancel poderia achá-la inadequada para esposa do filho dele, mas dificilmente você seria uma pessoa maluca. Se quer a *minha* opinião, acho-a uma daquelas pessoas que levam uma carga mais pesada do que a maioria de nós.

— A senhora está me dando créditos em excesso — disse Nora.

— Você é alguém que quer saber a verdade. Quando olho para trás, tenho a impressão de que a maior parte do que me foi ensinado em criança era errado. Enfiavam-nos mentiras garganta abaixo, dia e noite. Mentiras sobre homens e mulheres, sobre a maneira correta de viver, sobre nossos próprios sentimentos, e não creio que muita coisa tenha mudado. Continua sendo importante

descobrir-se o que realmente é verdade, e se você não achasse isso importante, não estaria aqui neste momento.

Sim, pensou Nora, *eu acho importante descobrir o que realmente é verdade.*

Helen Day consultou seu relógio.

— Preciso certificar-me de que está tudo certo antes de aparecer na Sociedade Asiática. Espero que você reflita em tudo o que lhe disse.

— Obrigada por ter conversado comigo.

Os três levantaram-se.

— Vai ficar no Northampton Hotel?

— Sim — disse Jeffrey.

Helen Day não tirava os olhos de Nora.

— Se ainda estiver acordada por volta das dez, poderia ligar para mim? Quero falar com você sobre uma coisa, mas primeiro tenho que pensar no assunto.

— É a respeito de sua irmã?

A velha abanou a cabeça lentamente.

— Enquanto eu estiver pensando na minha pergunta, você deveria pensar em seu marido. Você é mais forte do que Davey, e ele precisa de sua ajuda.

— Qual é essa sua "pergunta"? — quis saber Jeffrey.

Virando-se para o filho, ela lhe tomou a mão.

— Jeffrey, você virá aqui amanhã, não? Teremos tempo para uma conversa de verdade. Se aparecer lá pelas oito, poderia ajudar dirigindo a van. Temos que transportar um monte de vegetais frescos.

— Você quer que eu dirija uma das vans, enquanto Maya e Sophie ficam sentadas na traseira, divertindo-se à minha custa, não é?

— Você gostará disso. Venha amanhã.

— Posso trazer Nora?

Helen Day começara a mover-se lentamente para a porta da frente, mas, ao ouvir a pergunta, encontrou os olhos de Nora, com uma expressão tão significativa quanto um toque.

— Ela resolverá — respondeu a mulher.

Após falar, saiu para a noite cálida.

75

— VOCÊ GOSTOU DELA, não gostou?

— Quem não gostaria? — replicou Nora. — Ela é extraordinária.

Jeffrey dirigia pela Rua Principal abaixo, onde brilhavam as janelas de restaurantes, e grupos de três e quatro pessoas entravam e saíam dos jorros de claridade lançados pelos postes de iluminação.

— Eu sei, mas ela encosta um bocado de gente contra a parede. Minha mãe avalia a pessoa assim que a conhece e, se o resultado for positivo, essa pessoa é bem-vinda. Caso contrário, fica na geladeira. Eu tinha quase certeza de que ela a aprovaria, mas... — Ele a fitou de relance. — Acho que agora entende por que eu não poderia, antecipadamente, dizer muito sobre ela.

— Suponho que sim — disse Nora.

— O que gostaria de fazer?

— Ir para a cama — respondeu ela. — Depois disso, talvez passe o resto de minha vida picando aipo para sua mãe. Eu teria que trocar de nome, mas tudo bem, todos os outros já trocaram... Após uns dois anos, creio que talvez acabe ficando tão perceptiva quanto sua mãe pensa que sou.

Jeffrey deu a ela um de seus longos olhares enviesados.

— Pensei que você estivesse decepcionada lá. Desapontada, talvez.

— Bem, você já é perceptivo o bastante para nós dois. Sim. Acho que eu esperava demais. Pensei que mesmo com tudo se

desfazendo em pedaços à minha volta, eu conseguiria pelo menos provar que sua tia foi a verdadeira autora *de Jornada na Noite*. Em vez disso, contudo, tudo quanto pude descobrir foi que Hugo Driver era um vermezinho nojento, capaz de roubar coisas. Enfim, se não foi ele quem surruiu *Jornada na Noite*, então tudo aquilo que pensávamos saber está errado. O que suas tias viram naquelas páginas, afinal? O que as deixou tão excitadas?

— Frases. Descrições de paisagens, campos, nevoeiros e montanhas. Em sua maioria, mais ou menos no estilo de Driver, mas não idênticas a ponto de justificarem a intervenção de um advogado. Havia algo sobre morte e infância, de que forma uma criança veria a morte como uma jornada.

— Isso faz sentido suficiente para Katherine Mannheim, mas dificilmente prova alguma coisa sobre o livro.

— Duas outras frases, principalmente, as deixaram alvoroçadas. Uma era sobre um lobo negro.

— Isso nada significa.

— A outra era “a Dona da Xícara”. Elas ficaram excitadas com isso. A fachada do hotel flutuou por eles. Um guitarrista tocava música de bossa-nova na varanda.

— Não entendi este ponto. Era como Davey costumava chamar sua mãe.

— Você viu aquela foto delas duas quando garotinhas, na qual minha mãe está segurando uma pequenina xícara de brinquedo. Depois disso, Katherine começou a chamá-la de Dona da Xícara. — Jeffrey manobrou o MG para o estacionamento. Seu sorriso cintilou. — Esqueci que você nunca leu *Jornada na Noite*.

— Continuo sem entender. — O Livro Oito de *Jornada na Noite*, intitula-se “A Dona da Xícara”. Foi o que de fato chamou a atenção de Grace e Effie. Isso e o lobo.

Jeffrey levou o carro para um lugar vago e desligou o motor.

— Ora, mas Davey já chamava sua mãe de Dona da Xícara, antes mesmo de ler o livro. Como ele ficou sabendo?

— Ele deve ter visto a fotografia no quarto dela — disse Jeffrey. — Davey às vezes ia lá procurar minha mãe, quando Alden e Daisy o deixavam sozinho. Se ele a interrogasse a respeito, ela lhe contaria sobre o apelido. Este seria outro motivo para, mais tarde, o livro significar tanto para Davey, pois fazia-o lembrar-se de minha mãe.

Nora sabia agora por que Davey ficara irritado com ela, ao perguntar-lhe sobre a origem do apelido. Jeffrey esperava pacientemente que ela encerrasse as perguntas, a fim de poderem sair do carro.

— A “Dona da Xícara” descrita no livro mostra alguma semelhança com sua mãe?

— Bem, deixe-me ver... — Jeffrey segurou o queixo com a mão. — Ela prepara uma beberagem de cheiro fétido. Não tem filhos, mas criou o de mais alguém. No geral, ela é uma figura temível. Eu poderia dizer que tem muito a ver com minha mãe.

— Hugo Driver nunca viu aquela foto. De onde ele tirou a expressão?

— Agora você me pegou.

No ar quente da noite eles caminharam para os degraus de concreto, banhados em cheio pelas luzes que os deixavam reluzentemente alvos e conduziam à porta dos fundos do hotel. Com

metade do rosto na sombra, o boné de Eton puxado de lado sobre a testa, Jeffrey parecia, mais do que nunca, um ladrão de jóias dos romances dos anos vinte.

— Talvez não seja da minha conta — disse ele — mas se ela confia em que você ligue para Davey, pense bem antes de fazer isso. E, caso decida telefonar para ele, não lhe conte onde está.

Virando-se, ele a guiou para os reluzentes degraus.

76

UMA PEQUENA e preocupada porção do cérebro de Nora havia esperado a notícia de que o hotel dispunha apenas de um só quarto vago, porém Jeffrey não se transformara em Dan Harwich. Ele voltou do balcão de recepção com duas chaves, a dela pertencente a um quarto no quinto andar, com vista para a varanda e o alto da King Street. Uma vez no quarto, Nora havia tomado um demorado banho e, envolta em um roupão branco, refestelada em uma larga e confortável poltrona, enquanto ouvia o rádio transmitindo uma rapsódia de Brahms e o ar-condicionado zumbindo, ela lia o romance favorito de seu marido, como uma fuga para não pensar no que fazer em seguida.

O Pequeno Pippin perambulava de personagem para personagem, ouvindo histórias. Alguns desses personagens eram humanos e outros monstros, porém todos excelentes contadores de histórias. Suas narrativas eram coloridas e envolventes, repletas de perigo, heroísmo e traição. Uns diziam a verdade e outros mentiam. Alguns personagens queriam ajudar o Pequeno Pippin, mas até mesmo estes nem sempre eram sinceros.

Alguns dos outros desejavam cortá-lo em pedaços e transformá-lo em um saboroso monte de carne, mas estes personagens não mentiam o tempo todo. A verdade que Pippin buscava era um mosaico a ser montado através do tempo e com grande risco. Quase todos em *Jornada na Noite* eram aparentados uns com os outros; constituíam uma única, enorme e contendora

família e, como em tantas famílias, seus membros possuíam lembranças e interpretações variadas de eventos cruciais. Havia facções, segredos e ódios. Pippin precisava arriscar-se a penetrar no Campo de Vapor para aprender-lhe as lições — ou tinha de evitar-lhe o contágio; se permanecesse entre as Pedras de Toon adquiriria uma chave de ouro vital para a sua busca — ou seria atacado pelos demônios que fingiam possuir uma chave de ouro.

Passava pouco de nove e meia da noite, meia hora antes da sugerida por Helen Day para que lhe telefonasse. Ela queria ligar para Helen Day? Não, se a mãe de Jeffrey não fizesse mais do que instigá-la a sentir pena de Davey. Nora já sentia pena dele. Então recordou que Helen Day falara em ter de refletir sobre certo assunto, antes de poder discuti-lo. Provavelmente a idosa senhora considerava contar-lhe algo que ela já adivinhara, ou seja, que os Chancels nunca tinham desejado seu filho.

Podia perfeitamente continuar lendo *Jornada na Noite*, enquanto houvesse tempo. Se saltasse um trecho aqui e ali, conseguiria terminar as cem páginas restantes. Ou poderia ir diretamente às últimas vinte e cinco páginas, a fim de saber se Pippin chegara a ir à Clareira da Montanha. Na noite em que sua vida começara a desandar, ela despertara em tempo de ver Pippin correndo ladeira abaixo para uma casa branca de fazenda, que cometera o erro de achar “bonita” ou “simpática”, não se lembrava mais. *Bonita? Ora, se isso aí é bonito, Davey tinha dito, ou qualquer coisa parecida, está tudo errado. Não se espera que essa propriedade seja bonita. O lugar dá a impressão de conter o grande segredo?*

Então, como *seria* esse lugar tão importante? O Senhor Noite havia dito que era “um profano covil de espíritos malignos, revelado pelas Pedras de Toon”; a Dona da Xícara o descrevera como “uma devastação capaz de exaurir uma alma, que você jamais deve ver”; e ainda menos satisfatoriamente, o Amigo Gentil o chamara de “cela trancada de prisão, na qual você sepultou seu maior medo”. Nora virou sem ler a maioria das páginas que faltavam para o fim do livro e saltou linhas, antes de encontrar este parágrafo:

“A enorme porta cedeu à chave de ouro e revelou o que ele mais havia temido, porém mais desejava ver — a face real da Clareira na Montanha. Muito no fundo da pétrea montanha incrustada de neve, ele avistou uma cabana informe, uma gélida morada de vidas tão desoladas quanto ela própria.”

Pippin tinha voltado para casa.

Alguns minutos antes da hora marcada, Nora encontrou a lista telefônica de Northampton em uma gaveta, e sentou-se na cama para usar o telefone.

— Bufê “Sabor Celestial” — disse uma voz de mulher.

Nora perguntou por Helen Day, e o fone transmitiu o ruído de ser deixado sobre uma bancada. Ela ouviu um zumbido de joviais vozes femininas.

— Alô? Aqui é Helen Day.

Nora deu seu nome, acrescentando:

— Parece que a senhora está dando uma festa aí.

— Algumas das meninas voltaram da Sociedade Asiática mais cedo. Preciso trocar de telefone.

Nora ficou segurando o receptor mudo, enquanto o tempo marchava. Moveu o telefone para mais perto da beirada da cama, deitou-se sobre o colchão, bocejou e fechou os olhos.

— Está ouvindo? Nora? Tudo bem com você?

O teto de um quarto estranho pendia acima da cabeça dela. Estava deitada em uma cama não familiar, um pouco macia demais para seu gosto.

— Nora?

O ambiente estranho em torno dela voltou a ser novamente o quarto no alto do Northampton Hotel.

— Acho que cochilei por um segundo.

— Disponho de pelo menos meia hora, antes que alguém torne a precisar de mim. Quer falar um pouco, ou prefere esquecer a idéia e voltar a dormir?

— Estou ótima — disse Nora, bocejando o mais silenciosamente possível.

— Costumo pensar muito em Davey. Era um garotinho tão simpático... Quero saber o que me pode contar sobre ele. Como Davey está agora? Como você o descreveria?

— Continua sendo um garotinho simpático — respondeu Nora.

— E isso é bom?

Nora ignorava até que ponto podia ser sincera, nem quão sombria uma descrição sincera de Davey poderia ser.

— Devo admitir que ser um garotinho simpático aos quarenta anos tem suas desvantagens...

— Ele é gentil? Bondoso com as pessoas?

Nora compreendeu então o que Helen Day perguntava.

— Ele não possui qualquer semelhança com o pai, isso eu lhe garanto. O problema é Davey ser inseguro, preocupar-se demais e ficar frustrado o tempo todo.

— Imagino que ele esteja trabalhando para o pai.

— Alden o mantém de rédeas curtas — respondeu Nora. — Paga a Davey um monte de dinheiro para fazer tarefas de pouca monta, com isto o deixando convencido de que não conseguirá fazer mais nada. Assim que o pai levanta a voz, ele entrega os pontos e encolhe-se como um cachorrinho.

Helen Day nada disse por um momento.

— Você e Davey vão freqüentemente a “Os Alamos”?

— Pelo menos uma vez por semana. Geralmente nos domingos.

— Como estão as relações entre Alden e você?

— Tensas? Cambaleantes? Ele exibiu uma fachada de bonzinho durante seis meses, mas depois disso começou a mostrar como de fato se sentia a meu respeito.

— Ele é educado, pelo menos?

— Não mais. Alden me detesta. Fiz esta coisa idiota, e Daisy ficou fora de si, de maneira que Alden chamou Davey às falas, dizendo que, se não se separasse de mim, ele o demitiria da Casa Chancel e o cortaria de seu testamento.

Helen Day ficou em silêncio.

— Parece-me que a senhora tinha algo mais em mente, quando me pediu para telefonar — disse Nora.

— Alden está chantageando Davey para que a deixe.

— Essa é a idéia geral. Tentei convencê-lo de que não precisamos do dinheiro de Alden, mas acho que não me saí muito bem.

— Qual foi essa coisa que deu a Alden uma justificativa?

— Em conversa comigo, Daisy quis que eu lesse seu livro. Quando me ligou para falar a respeito, teve um comportamento violento e agressivo. Alden me culpou por isso.

— Alden é um indivíduo tirânico. Respeito muito o homem, porém isso é o que ele é.

— Eu não o respeito. Ele nunca desejou Davey, porém não consegue liberá-lo. Davey sofreu a vida inteira com a sensação de que, por não ser o verdadeiro Davey Chancel, jamais será bom o suficiente.

— Era o que eu temia — disse Helen Day. — Alden fazendo-o *pagar*.

— Lincoln fez a mesma coisa, não foi? Forçou Alden e Daisy a adotarem um neto, e eles lhe fizeram a vontade, por causa do dinheiro. Não era o que estava pensando em contar-me? A senhora não quis falar em presença de Jeffrey.

De novo, Helen Day esperou bastante tempo antes de falar.

— Eu gostaria de discutir esse assunto, mas não posso.

— Eu já sei. Havia algo assim no livro de Daisy.

— Daisy ficou furiosa com eles dois.

— Ela também não queria a criança. Aliás, minha surpresa foi, antes de tudo, eles terem um filho.

— Suponho que também foi surpresa para eles.

— A senhora estava em “Os Álamos”, quando o primeiro filho nasceu. Viu-os passarem por tudo aquilo.

— Naturalmente.

— A “comoção”. Foi o nome que deu.

— Esta é precisamente a palavra adequada. Barulho noite e dia, gritos e discussões...

— E a senhora acha que Davey devia saber por que seus pais sempre o trataram da maneira como o tratam. Que ele foi apenas um meio para Alden continuar no testamento do pai.

Silêncio.

— Alden a fez dar sua palavra, não foi? Ele a fez prometer que jamais mencionaria isto a Davey. — Outra revelação despontou em sua mente. — Ele a fez ir embora e deu-lhe dinheiro suficiente para iniciar seu próprio negócio.

— Ele me deu a chance de que eu precisava.

— E a senhora tem sido grata desde então, embora nunca se sentisse bem quanto a isso.

Após uma pausa, a velha senhora disse:

— Ele não devia estar usando o mesmo truque sujo contra o filho. O mesmo que o pai usou contra ele. Isso me deixa muito infeliz.

— Os dois chegaram a desejar o *primeiro* filho? Imagino que só o tiveram por causa de Lincoln.

— Você é que está dizendo, não eu. Entendeu? Prossiga com suas suposições. Até agora, está fazendo um excelente trabalho.

— Muito bem, então eles não o desejaram. Como foi que morreu esse primeiro filho?

— Pensei ter ouvido você dizer que Daisy escrevera sobre isto em seu livro.

— Ela escreveu, mas modificou tudo. — Um pensamento espantoso surgiu na cabeça de Nora. — Daisy matou o bebê? É horrível dizer isso, porém ela é quase louca o bastante para cometer esse horror. Além disso, Lincoln e Alden não teriam a menor dificuldade em abafar o assunto.

— A única coisa que Daisy Chancel já matou foi o conteúdo de uma garrafa — disse Helen Day. — O que alguém faria com um bebê indesejado?

— Poderia dá-lo para os parentes.

— Sim, mas como agiria a maior parte das pessoas?

— Entregaria a criança para adoção — disse Nora.

— Exatamente!

— Ora, mas então, por que inventarem uma história sobre ele ter morrido? Não faz sentido.

— Continue supondo.

— A pessoa dá um filho, para depois adotar outro? Nem mesmo sei se isso é possível. Nenhuma agência de adoção entregaria uma criança a um casal que desistiu do próprio filho.

— Também acho certo.

— Então, o primeiro filho morreu. Deve ter sido uma morte no berço. A menos que Alden o assassinasse.

— O que Daisy colocou em seu livro?

— Estava tudo confuso. Houve uma criança, que depois desapareceu. O personagem Lincoln esbraveja nas páginas, mas na metade do tempo veste um uniforme nazista. Lincoln Chancel não usava uniformes nazistas, ou usava?

— O sr. Chancel colecionava bandeiras nazistas, uniformes, cinturões, braçadeiras, coisas assim. Depois que ele morreu, Alden

me pediu que queimasse tudo. Você terá de continuar fazendo *suposições*, Nora. Acha que o bebê morreu?

— Acho que não morreu — respondeu Nora. — Acho que ele foi adotado.

— É uma boa suposição.

— Só que... — começou Nora, interrompendo-se em seguida.

Um momento do livro de Daisy bailou em sua mente: Adelbert Poison discutindo com Clementine em seu arruinado terraço. Ela tentou recordar o que Adelbert dissera sobre Egbert — uma palavra que Daisy escrevera. O que de fato havia acontecido a Davey, a única seqüência de ações fazendo sentido além daquelas brigas, emergiu em seu cérebro um instante antes de recordar a palavra, que era *reclamar*. A sensação foi a de que uma bomba explodira em seu peito.

— Oh, não! — exclamou. — Eles não fariam isso!

Após deixar escapar o que estava em sua mente, ela não teve mais dúvidas de que acertara.

— Eles entregaram Davey para adoção, mas Lincoln os forçou a trazerem a criança de volta. Não houve nenhum primeiro Davey. *Davey* foi o primeiro Davey!

— Parece-me uma excelente suposição — disse Helen Day. — Os Chancels possuem uma grande imaginação. A mentira tem pernas curtas.

Nora deixou que a idéia do crime deles falasse por si mesma.

— Nenhum dos dois desejou o filho. Tiveram de trazê-lo de volta por causa do dinheiro. Ficariam muito mais felizes se ele *houvesse morrido*.

— E Alden o tem feito pagar desde então.

— Sim, ele o tem feito pagar desde então — ecoou Nora.

— Eu estava certa sobre você. Enxerga mais do que a maioria.

— Eles mentiram para Davey durante toda a sua vida. Que idade ele tinha, quando o trouxeram de volta?

— Uns seis meses. A outra família não queria perdê-lo, mas Lincoln fez Alden e Daisy irem até New Hampshire, os dois disseram todas as coisas certas e trouxeram o menino de volta.

— Todos acreditaram que seu filho tinha morrido. A senhora era a única pessoa a saber o que de fato ocorrera. Quando Davey ficou mais velho, eles receram contar-lhe a verdade, de modo que fizeram a senhora ir embora.

Helen Day suspirou.

— Foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Podia *ver* Jeffrey sempre que queria, e sabia que ele estava entre pessoas que o amavam. Davey, no entanto, ficaria absolutamente só. Quando o sr. Chancel morreu, eles simplesmente o ignoraram. São gente fina, porém não queriam ser pais.

Nora continuava perplexa.

— Como pode dizer que são gente fina, se sabe o que eles fizeram?

— Não é muito fácil julgar pessoas a quem compreendemos. Alden tem um coração frio e é tirânico, mas sei por quê. Por causa do pai que tinha. Esta é a pura e simples verdade.

— Aposto que a senhora tem razão — disse Nora.

— Você não conheceu Lincoln Chancel. O sr. Chancel tinha mais energia, mais cérebro e dinamismo do que seis homens juntos. Ele era mais um *lutador*. Algumas das coisas pelas quais lutou foram erradas e ruins, porém ele pouco ligava para a lei, a menos que a

tivesse do seu lado. O sr. Chancel não passou a vida ronronando — ele *rugia*. Houve vezes em que estive mais aborrecida com ele do que jamais estivera com outra pessoa, porém havia algo de magnífico em relação àquele homem. Sempre achei que o sr. Chancel era muito parecido com minha irmã, tendo tudo por dentro virado do avesso. Nenhum dos dois era muito simpático, mas se o fossem, jamais teriam sido tão impressionantes.

— Não obstante, ele era um monstro.

— Uma pessoa precisa ter um santo dentro de si para ser um monstro. O sr. Chancel causou muitos danos, porém seu coração nada tinha de frio, pelo contrário. Quando fui a Shorelands, quem você imagina que envidou os maiores esforços para encontrar minha irmã? Quem intercedeu com Georgina para que me permitisse ficar lá quatro dias? O sr. Chancel. Quem foi comigo e os policiais para a floresta? Ele tinha seus negócios para dirigir, tinha sua fita de teleimpressora e suas ligações telefônicas, porém deu mais ajuda para encontrar Katherine, do que qualquer daqueles outros escritores.

— Entendo — disse Nora.

— Espero que entenda mesmo. E ele viu em que situação me encontrava, com meu marido morto, meu filho longe de mim e meu coração em pedaços por causa da pobre Katherine. Então, ofereceu-me um emprego com um salário duas vezes maior do que eu estava ganhando, além de casa e comida.

— A senhora se sente muito grata a ele.

— Há coisas que a gente nunca esquece. Se o sr. Chancel vivesse, tenho certeza de que contaria a verdade para Davey.

— Acha que eu deveria contar? — perguntou Nora.

— Você fará o que julgar melhor, mas, afinal de contas, esse é o tipo de pessoa que você é. Desejo apenas que se lembre de que *eu* não lhe contei coisa alguma, porque também faço o que julgo ser melhor, e não costumo ignorar minhas promessas.

— Ouça, eles não tiveram que providenciar alguma espécie de sepultamento? Supunha-se que houvesse um *corpo*.

— Foi um sepultamento sigiloso. No cemitério atrás da igreja de Santo Anselmo. Estiveram presentes apenas Alden, o sr. Chancel e o prior. Uma cerimônia breve e terna, com o sr. Chancel sendo o único homem que chorava. Isto porque Alden sabia muitíssimo bem que o que estavam sepultando eram dois tijolos, embrulhados em uma mortalha, a fim de que não deslizassem soltos, dentro do ataúde.

— Céus, que demônio! — exclamou Nora.

— O pai dele disse coisas bem piores do que isso, quando descobriu.

Helen Day surpreendeu Nora, ao dar uma ruidosa gargalhada.

DAVEY ESTAVA no apartamento de Jeffrey, onde a linha telefônica não estava grampeada. Se ligasse para ele, pensou Nora, não teria qualquer obrigação de revelar-lhe a traição de seu pai. Com o passar do tempo, Davey acabaria acreditando nela, mas se o perturbasse com a revelação de Helen Day, com ele ainda sob o fascínio de Alden, certamente a acusaria de estar mentindo. Uma vez aceita a verdade, Davey teria de ir embora de "Os Álamos", da Casa Chancel e da vida de Alden para sempre.

Estendendo o braço, Nora tocou o telefone. O plástico parecia morno e vivo. Ela recuou com a mão, depois tornou a estendê-la. A campainha do aparelho disparou como um despertador, sobressaltando-a. *Davey.*

Pegando o fone, ela disse alô.

— É você, Nora? — O homem no outro lado não era Davey.

— Sim, eu mesma.

— Aqui é Everett Tidy. Tentei ligar antes, mas você falava ao telefone. Acha que é muito tarde para conversar?

— Não.

— Pensei que você devia ficar a par de uma coisa. Não quero preocupá-la, mas isso me deixou um pouco perturbado.

Nora perguntou o que tinha acontecido.

— Recebi dois telefonemas. O primeiro, de um advogado chamado Leland Dart. Ele é o pai, não?

Nora perguntou o que Leland Dart queria.

— Ele pediu desculpas por tomar meu tempo, essas coisas. Explicou que era o advogado da Casa Chancel e perguntou se eu tinha conhecimento de alguma discussão recente sobre a autoria de uma das propriedades da firma. Respondi que nada sabia a respeito. Ele então me disse que a propriedade era *Jornada na Noite* e que, como eu indubitavelmente estava a par, meu pai certa vez tivera algum contato com seu autor, Hugo Driver. Leland Dart queria saber se eu tinha a posse de quaisquer documentos de meu pai, capazes de comprovar a autoria de Driver. Acrescentou que, se eu não dispusesse de tempo, ele teria prazer em enviar alguém de sua equipe a Amherst, a fim de fazer essa verificação em meu lugar.

— O que o senhor respondeu?

— Que, de uma forma ou de outra, nada escrito por meu pai poderia provar qualquer coisa sobre *Jornada na Noite*. Teria eu examinado tudo? Sim, respondi, e ele tinha de aceitar minha palavra por isso; não havia qualquer material que lhe pudesse ser útil. Então, o sujeito quis saber quantos diários ou agendas meu pai deixara e onde eu os guardava. Estariam depositados em uma biblioteca, em algum lugar, ou em minha casa? Respondi que estava tudo na Biblioteca da Universidade de Amherst. Se ele enviasse uma pessoa a Amherst, eu concordaria em deixá-la examinar os papéis? Nem por sonhos, respondi. Então ele disse que talvez precisasse manter uma correspondência comigo, e queria confirmar o meu endereço. Leu ao telefone o endereço de minha antiga casa. Estava correto? Respondi que, até onde eu sabia, era aquele mesmo, e que não tínhamos mais nada a falar.

— Ótimo — disse Nora.

— Ele perguntou então se eu havia discutido este assunto recentemente com mais alguém. Respondi que também não era da sua conta. Eu ouvira falar em uma mulher chamada Nora Chancel? Nora Chancel aparecera fazendo perguntas relacionadas com Hugo Driver?

— Ele perguntou por *mim*?

— Exatamente. Falei que não, que não tivera nenhum contato em absoluto com você e que, se ele queria ter uma discussão sensata de negócios, por que não telefonava em uma hora sensata? Bem, o sujeito quase me chamou de mentiroso, disse que Nora Chancel era uma fugitiva da justiça e que eu deveria recusar-me a qualquer relacionamento com você, pois as conseqüências ficariam sérias, caso ignorasse o conselho dele.

— Por que Leland Dart...

— A coisa seguinte que me disse foi que tinha um jovem advogado já na área de Amherst, e que eu concordaria em, pelo menos, ter um encontro com o homem? Não. Eu não concordaria. Ele ainda argumentou comigo durante um momento, quando então pude ouvir aquilo.

— O quê?

— O ruído ao fundo. Pessoas falando. Vozes. O estranho som tilintante. Depois pude reconhecê-lo: era a sineta que soa quando uma caixa registradora marca um total.

— Uma caixa registradora?

— Isso. Perguntei: "Está telefonando de um bar?" e ele desligou.

— Oh, não!

— Está pensando o mesmo que eu?

— Que era Dick, fingindo ser o pai?

— Eu refleti na tensão em que o homem está vivendo. Se o filho dele for Dick Dart, então o pai seria tentado a resolver alguns de seus negócios em bares. Entretanto, após a chamada seguinte, ocorreu-me que essa pessoa poderia ter sido o próprio Dick.

Não mais de vinte minutos depois que o homem dizendo chamar-se Leland Dart desligara, Tidy havia recebido outro telefonema, agora de um certo capitão Liam Monoghan, da Polícia Estadual de Massachusetts. Segundo o policial, Everett Tidy estava prestes a ser levado para interrogatório, talvez inclusive acusado de vários crimes. E que, se ele tinha alguma esperança neste mundo de escapar a tais humilhações, essa esperança era o capitão Monoghan. Monoghan havia dito: *Não creio que o senhor tenha conhecimento de que essa mulher era uma fugitiva do FBI*, acrescentando que: *Possuímos informações de que a sra. Chancel modificou sua aparência. Também fomos informados de que ela poderá estar na área de Northampton. Isso é correto?*

— Se ele houvesse mencionado outra cidade qualquer, eu não teria dito nada, Nora. Pensaria que o sujeito estava blefando. Entretanto, procure avaliar minha posição. Quero ajudá-la de todas as maneiras que puder, mas não quero ir para a cadeia. Esse homem *afirmou* que eu passaria pelo menos uma noite na cadeia, caso não revelasse a verdade dos fatos. Se isso acontecesse, eu temia envolver Jeffrey e sua mãe.

— Professor Tidy, Dick Dart cortou e tingiu meu cabelo, mas a polícia não sabe disso. A única maneira deles *poderem saber* seria se o próprio Dick Dart lhes contasse.

Houve um silêncio, quase tão demorado quanto o de Helen Day.

— Não creio que o homem com quem falei fosse um policial — respondeu ele finalmente.

— O que o senhor lhe contou?

— Ele disse acreditar que eu estava agindo por motivos inocentes, se pudesse confirmar ou negar a informação de que você se achava em Northampton. Caso eu continuasse obstruindo a ação da polícia, havia gente na sede da Polícia Estadual desejando levar-me para passar a noite na cadeia. Pareceu-me que a forma de fazer o menor dano possível, seria confirmar o que eles já sabiam. Assim, respondi ser minha impressão de que você pretendia ir para Northampton, mas que eu ignorava qualquer outra coisa além disso. Ele agradeceu a minha cooperação e disse que dentro em pouco um policial viria tomar meu depoimento. Liguei para você assim que fiquei com o telefone livre.

— Nenhum policial apareceu em seu apartamento.

— Nenhum, mas talvez ainda apareça. O que você acha?

— Eu acho que foi o próprio Dick Dart quem deu os dois telefonemas. Quando simulou ser o pai dele, ficou sabendo o suficiente para ter certeza de que eu visitara o senhor. Assim, fez a segunda ligação para ver se, blefando, conseguiria arrancar-lhe mais informações.

— Eu sinto muito — grunhiu Tidy. — Eu não imaginava que poderia estar deixando-a em perigo, Nora. Como ele adivinhou onde você estava?

— Ele não adivinhou — respondeu Nora. — Northampton foi apenas um tiro no escuro. Se não acertasse, ele simplesmente ficaria

mencionando cidades, até encontrar a que interessava.

— Você acha que devo chamar a polícia, a polícia de verdade?

— Não. Não faça isso!

— Vá embora daqui — disse Tidy. — Vá para Boston e esconda-se, até ficar certa de que está a salvo. Se puder chegar lá esta noite, ligue para mim e eu lhe mandarei dinheiro suficiente para manter-se durante algum tempo. Peça a Jeffrey para levá-la.

— Quero descobrir se ainda estou encrocada. Se estiver, é provável que acate sua sugestão.

— Tenho uma casinha em Vermont que, neste momento, me parece o lugar ideal. Acredita que Dart ainda possa estar tentando descobrir onde eu moro? Odeio imaginá-lo em Northampton, porém devo dizer que também não me agrada a idéia dele em Amherst.

Houve uma pausa, que Nora desistiu de preencher.

— Nesta última hora, estive aprendendo uma verdade bastante infeliz.

— Que verdade?

— Que sentir medo é extremamente desagradável — disse Tidy.

— DAVEY?

O chocado silêncio, nascido em meio ao soar de violinos e clarins, persistiu até a própria Nora preenche-lo.

— Sou eu, Davey!

— *Nora?*

— Você pode falar comigo?

— Onde é que você está? — perguntou ele, sua voz soando um pouco mais lenta que de hábito.

— É seguro falar? *r'*

— Como sabia que eu estava aqui?

— Isso agora não vem ao caso. Essa linha está grampeada?

— Como é que vou saber? Bem, acho que não está. Meu pai livrou-se de Jeffrey e da moça italiana, de modo que estou ocupando o apartamento de Jeffrey.

Um jato de música sufocou suas palavras seguintes.

— Por favor, baixe o volume da música, Davey. Não consigo ouvir o que você diz.

Ele devia ter acionado um controle remoto, porque a música imediatamente diminuiu de tom.

— E então, como você está? Tudo bem? Você *parece* legal.

— É um pouco complicado. Como vai você?

— Estou me sentindo um trapo — respondeu Davey. — Fiquei morrendo de preocupação, desde que Dart levou você à força do posto policial. Pensei que ele ia matá-la. Sabe como fiquei sabendo?

A recepcionista viu tudo pela televisão, durante sua folga! Ela me chamou, eu corri lá para baixo. Havia umas vinte pessoas em volta da mesa dela. Durante meia hora ficaram mostrando material sobre você e Dick Dart, mas então papai me levou de volta a Westerholm. Desde então, tudo o que fazemos é ver o canal de noticiosos e falar com tiras. Já falamos também com aqueles caras, o sr. Hashim e sr. Shull. O tal sr. Shull é um tipo carrancudo, parece mais um palerma. Os dois têm verdadeiro ódio de Holly Fenn e gostariam de esfolá-lo vivo.

Nora ouviu o som de cubos de gelo, tilintando contra um copo.

— Holly Fenn devia ser demitido, fez uma série de baitas trapalhadas neste caso. Ei, Nora, você está realmente bem?

— Em certos sentidos, Davey.

— Quando o sr. Shull nos contou que você tinha escapado, fiquei realmente contente.

— Contente?

— Aliviado. Não acredita que eu ficasse aliviado?

— Eu posso ir para casa, Davey?

— O que está querendo dizer com isso?

O coração de Nora afundou, quando ela percebeu a preocupação na voz dele.

— Natalie continua acusando-me de tê-la raptado?

— Pelo que ouvi dizer, ela ainda não disse coisa com coisa. O sr. Hashim e o sr. Shull continuam achando que você é culpada. — Ele vacilou. — Natalie tomava um monte de drogas, sabia disso?

— Não.

— Um daqueles tiras encontrou um esconderijo para cocaína, no quarto dela, preso com fita adesiva atrás de uma gaveta.

Lembra-se dos ímãs na geladeira? Acho que eles poderiam ter-nos dito algo. — Ela tornou a ouvir os cubos de gelo chocalhando dentro do copo. — Você esteve em Holyoke?

— Estive — respondeu ela.

— Você dirigiu até Holyoke e livrou-se do carro daquele homem morto?

— Não era minha intenção. Fui a um restaurante comer alguma coisa e, quando voltei, a polícia estava lá, por toda parte.

— Você foi a um *restaurante*? Para *comer alguma coisa*? O que é isso, uma excursão no campo?

— Preciso comer de vez em quando — replicou Nora.

— Você poderia ter vindo para casa. Escondendo-se desta maneira, faz com que pareça culpada.

— Ir para casa? Onde? Para “Os Álamos”? — perguntou Nora.
— Imagino que Alden me acolheria com gritos de alegria.

— Volte para casa e enfrente a música, é o que quero dizer. Meu pai nada tem a ver com isso. Ele não fez nada errado.

— Nem eu tampouco — disse Nora. — Entretanto, aposto como seu pai tem se esforçado ao máximo para fazer você acreditar que fiz. — Outro tilintar de cubos de gelo. — O que está bebendo, Davey?

— Vodca. Sabia que Jeffrey supostamente escreveu peças que foram encenadas no Teatro Público? Interroguei-o sobre os pôsteres pendurados em sua sala de estar, e ele alegou ter escrito as peças, sob o nome de Jeffrey Mannheim. Não acredito que tenha escrito, e você? Elas receberam excelentes críticas.

— Jeffrey possui profundezas escondidas — disse Nora.

— Ele é o sobrinho da moça italiana, pelo amor de Deus! Que espécie de profundezas escondidas *teria?* — Davey tomou outro tilintante gole da bebida. — Bem, esqueça papai. É claro que ele a critica o tempo todo. Mamãe é ainda pior. Ela pensa que você *planejou* ser raptada por Dick Dart e parece satisfeita com esta idéia que teve. Acho que o sr. Hashim quase acredita nela.

— Que maravilha!

— Vou ser franco, Nora. Fiquei de fato preocupado com você, mas não imagino o que pensa estar fazendo.

A frase tinha um tom acusatório.

— Antes de mais nada, Davey, tenho tentado ficar longe de Dick Dart e evitar a polícia, até ter certeza de que posso voltar para casa em segurança.

— Os tiras encontraram naquele carro um monte de roupas novas compradas em uma loja exclusiva para homens, e quando foram à tal loja, o vendedor recordou-se de vocês dois muito bem. Dick Dart experimentou um punhado de ternos novos, e você simplesmente ficou lá sentada, assistindo. Depois disso, os tiras subiram e desceram a rua, tendo descoberto que vocês dois haviam estado em metade das lojas da cidade. *Todo mundo* se lembra do simpático casal de pombinhos.

— Dick Dart é um lunático, Davey. Acha que cooperei porque *gosto* dele? Eu o odeio, ele me deixa com a pele arrepiada. Se fizesse qualquer coisa para chamar a atenção sobre mim, ele me mataria!

— Não, se ele não pudesse vê-la — insistiu Davey. — Como na ocasião em que ele experimentava as roupas novas.

— Eu não me sentia tão confiante, Davey. Pouco antes de sairmos em nossa expedição de compras, ele estuprou-me. Na verdade, eu não conseguia raciocinar com muita clareza. Era como se houvesse sido quebrada ao meio, e não estava preparada para atos de heroísmo.

— Oh, céus, oh, não! Eu sinto muito, Nora.

— Eu não cooperei com ele, caso você esteja querendo saber. Meus maiores esforços eram para continuar lúcida, sem perder os sentidos. Por outro lado, tinha as mãos amarradas atrás das costas e a boca tapada com fita adesiva.

— Você deve ter ficado morta de medo.

— Foi ainda pior do que isso, Davey, mas prefiro poupar seus sentimentos.

— Por que não me disse antes?

— Porque você não me fez nenhuma pergunta real. Ficou insistindo em Jeffrey, em ver as cenas na televisão da recepcionista. Além disso, não me pareceu muito compreensivo, e agora sei por quê. Imaginou que eu me divertia à grande com Dick Dart. Quer saber como consegui fugir dele? Acertei-o na cabeça com um martelo. Pensei que o tinha matado. Fui para fora e liguei o motor do carro, mas acontece que não cheguei a matá-lo, porque ele saiu do quarto do motel em minha perseguição. Então, girei o volante na direção dele e atropeliei-o.

— Santo Deus! Isso é terrível!

— Seria terrível se eu o tivesse matado, mas não o matei. Ele continua perambulando pelos arredores, tentando encontrar pessoas capazes de ajudá-lo a provar que o seu adorado Hugo Driver não escreveu *Jornada na Noite*.

Davey emitiu um estranho som de protesto e ultraje, mas Nora ignorou-o.

— Ele acabou de descobrir onde me encontro e, agora, provavelmente está afiando suas facas, a fim de que possa fazer um trabalho muito bom em mim.

— Onde você está?

— Se eu lhe disser, você não poderá contar a mais ninguém. Nem mesmo deve contar a eles que tivemos esta conversa.

— É claro.

— Estou falando sério, Davey. Não conte para ninguém!

— *Não contarei.* Só quero saber onde você está.

— Estou em Northampton, em um quarto no Northampton Hotel.

— Um momento.

Ela o ouviu largar o fone. Uma porta de geladeira foi aberta e cubos de gelo caíram em um copo. Houve um som de líquido gorgolejando de uma garrafa. Ele retornou ao telefone.

— O que você está fazendo em Northampton?

— *Escondendo-me.* O que acha que estou fazendo?

— Ouça, isto tem algo a ver com Jeffrey? Ele lhe contou que eu ia ficar em seu apartamento? Você está com Jeffrey? Que diabo está fazendo em companhia dele?

— Eu precisava de ajuda e telefonei para ele.

— Você telefonou para *Jeffrey*? Que loucura!

— Eu não podia apelar para você, podia? Todas as linhas estão grampeadas. E quando Jeffrey percebeu que eu estivera fazendo perguntas sobre Katherine Mannheim, insistiu em apanhar-me.

— Não sei o que dizer. Jeffrey é um empregado, o maldito sobrinho da italiana Maria. Como pode ser possível ele ter alguma coisa a ver com Katherine Mannheim? — Um gole sorvido de bebida, um tilintar de cubos de gelo. — Estou começando a odiar o nome dessa mulher. Espero que ela tenha tido uma morte horrível. Por que você fazia perguntas sobre ela?

— Dick Dart tem feito mais do que apenas comprar roupas novas. — Por um momento, enquanto ela explicava a missão de Dart, Davey foi reagindo com gemidos de descrença. — Não me incomodo se você acredita ou não, mas é o que está acontecendo, Davey. Quanto a Jeffrey, ele é sobrinho de Katherine Mannheim, porque sua mãe, Helen Day, era irmã dela.

— Mãe dele? Helen Day?

— Ela conheceu seu avô em Shorelands, quando esteve lá, vendo se conseguia encontrar Katherine. Seu marido havia morrido, ela não estava satisfeita no emprego que tinha no momento, e ele a contratou.

Nora continuou explicando as conexões entre Helen Day, Jeffrey e Maria.

— Essas pessoas pensam que Katherine Mannheim escreveu *Jornada na Noite*? Isso poderia arruinar-nos!

— Acontece que a Casa Chancel já está atolada em problemas, mesmo sem um escândalo envolvendo Hugo Driver. Segundo Dick Dart.

— O perito em indústria editorial.

— Ele sabe muitas coisas sobre a Casa Chancel. Seu pai a está levando à derrocada e agora tenta vendê-la a uma firma alemã. Esse

caso de Katherine Mannheim o está deixando louco, porque pode prejudicar o entendimento com os alemães.

— Não existe nenhum entendimento com firmas alemãs! Dick Dart é que inventou tudo isso.

— Ele também contou outra história interessante. Sobre o Clube do Fogo do Inferno.

— Oh! — exclamou Davey. — Bem, certo.

— Bem, certo? O que quer dizer isso?

— Que eu não lhe contei exatamente a verdade.

— Você pertencia ao Clube do Fogo do Inferno.

— Na realidade não havia nenhum Clube do Fogo do Inferno. Apenas era assim que a gente o chamava.

— Não obstante, há uma filial em Nova York, não? E você é um membro.

— Não é *bem* assim. Você insiste em deixá-lo semelhante a um clube de verdade, quando não passa de um lugar onde esses caras se reúnem para vagabundear. Eles contratam um bom cozinheiro de vez em quando ou, pelo menos, era assim que faziam. Também têm um porteiro e uma atendente de vestiário. Havia um bar, e a gente podia levar garotas para os quartos no andar de cima. Fui lá somente umas duas vezes, depois que eu e Amy rompemos.

— Quem era a garota que você levou ao Clube do Fogo do Inferno, em New Haven?

— A mesma pequena ameaça que acabou emergindo no departamento de arte. Em Yale, dava a si mesma o nome de Lena Ware. Cada vez que eu a via, ela estava lendo *Jornada na Noite*. Acho que foi a New Haven à *minha procura*.

— Por que não me contou que a encontrou duas vezes?

— Porque ficaria muito estranho. E eu não queria falar a você sobre... você entende... sobre o que Dart provavelmente lhe contou.

— Sobre tê-la atropelado.

— Eu *não* a atropelei. Bem, *pensei* que tinha atropelado, mas não foi assim. Quando a encontrei na Casa Chancel, uns dois anos mais tarde, ela dizia chamar-se Paddi Mann e explicou que quisera assustar-me, por ter ficado muito furiosa comigo. Nora, ela era biruta. Eu gosto de Hugo Driver, mas ela nunca pensava em outra coisa. Você devia ver seus amigos! Existem casas de fanáticos por Driver, sabia disso? Estive em uma dessas casas com ela. Ficava em uma sobreloja, em cima de um restaurante na Elizabeth Street. Francamente bizarro. Todos estavam altos o tempo todo, tinham quartos semelhantes a cavernas, as pessoas vestiam-se como lobos, coisas assim.

— Foi isso o que você descreveu para mim, não?

— Hum-hum. De qualquer modo, ela ficava insistindo comigo para ir a Shorelands, porque tinha uma singular teoria de que a propriedade era descrita em *Jornada na Noite*.

— Como?

— Ela achava que só se poderia entender o livro indo a Shorelands, porque Shorelands estava retratada nele. Havia qualquer coisa a respeito da propriedade, porém isso foi tudo que ela disse. De um modo geral, a idéia era idiota. Consegui um livro sobre Shorelands com um sujeito de nome curioso, mas ali nada constava sobre *Jornada na Noite*.

— Apenas por curiosidade: o que de fato aconteceu da última vez que você foi ao lugar em que ela morava?

— Encontrei o livro debaixo de sua cama, e cheguei a pensar que algo acontecera a ela, porque havia desaparecido de vista. Seu quarto estava absolutamente vazio. Os outros fãs de Driver que moravam lá ignoraram seu paradeiro e nem se importaram com o ocorrido. Ela não era uma garota para eles, e sim Paddi Mann, a real, a que está no livro. Quando saí de lá estava tão deprimido, que não suportei a idéia de ir para casa. Então, hospedei-me em um hotel por umas duas noites. Quando nos mudamos para nossa casa, o livro foi comigo. Eu o levei de “Os Álamos”.

— O livro estava em nossa casa?

— Lembro-me de tê-lo aberto e visto o nome dela. Por um segundo, Nora, quase desmaiei. Sempre que aquela garota aparecia, minha vida ficava de pernas para o ar. Eu o deixei na Casa Chancel, na estante de livros que fica no corredor. No dia em que encontrei Natalie na *delicatessen* da Main Street, ela mencionou que nunca lera *Jornada na Noite*. Natalie gostava de romances de horror, mas sempre achara Driver mais ligado a fantasias, de maneira que nunca tentara lê-lo. No dia seguinte, puxei da estante um exemplar de *Jornada na Noite* e o dei para ela, pois o livro era o mesmo que tinha o nome de Paddi.

— Oh, Davey! — exclamou Nora. Ele bebeu mais um gole de seu drinque. — Então, você queria recolhê-lo antes que os policiais o vissem.

— Eu lhe disse isso. Nele também havia o meu nome.

— E para esconder o seu caso, você me contou essa história, era vez de dizer: “Bem, Nora, depois que compramos a casa, eu dei este livro a Natalie”.

— Sim, foi isso. — Davey deu um grunhido. — Eu não queria deixar você perceber que eu a estava vendo. De qualquer modo, por que me pergunta tudo isso? Você não dá importância a Hugo Driver!

— Eu hoje comprei os três livros dele.

— Fala sério? Depois que terminar o primeiro, você tem de ler *Jornada no Crepúsculo*. É francamente espetacular. Céus, seria maravilhoso conversar com você a respeito. Quer saber o que diz o livro?

— Tenho a impressão de que você deseja contar-me — disse ela.

Como sempre, Davey logo ficava mais confiante se lhe fosse dada uma oportunidade para falar sobre Hugo Driver.

— Como no primeiro livro, ele tem de continuar falando com todas aquelas pessoas e, através das histórias que lhe contarem, deduzir o que realmente aconteceu. Assim, fica sabendo que seu pai matou um punhado de gente, e que quase *o matou*, por recear que ele descobrisse. Seja como for, anteriormente no livro ele toma conhecimento de que seus pais não são seus verdadeiros pais, que eles apenas o encontraram na floresta certo dia, o que de certo modo é um tremendo alívio. Assim, ele parte em busca dos pais verdadeiros, e um Nellad, que é um monstro dono de uma mina de ouro e tem aparência de homem, embora não seja um, ataca-o com suas garras. Uma velha que lhe trata dos ferimentos conta que a mãe dele é de fato sua mãe. Seus pais o deixaram na floresta quando era ainda um bebê, mas ela saiu nessa mesma noite e o trouxe consigo. E ele diz então: *Minha mãe é minha mãe*.

79

PELA SEGUNDA VEZ naquela noite, uma enorme revelação pareceu formar-se no ar em torno do corpo de Nora, nublada, opaca, esperando o momento de exhibir-se.

— Incrível! — exclamou ela.

— É um romance de ficção. O que você queria, realismo? — Os cubos de gelo cantaram no copo e soava música ao fundo. — É tão estranho! Você passou por toda essa terrível merda, e aqui estamos nós falando sobre Hugo Driver. Eu sou patético! Sou uma piada!

— Não, o que está dizendo é interessante. Conte-me o que acontece no terceiro livro.

— Em *Jornada para a Luz?* Pippin fica sabendo que o verdadeiro motivo deles viverem tão isolados, no seio da floresta ao pé das montanhas, é por seu avô ser ainda pior do que seu pai. Ele tentara trair a pátria, mas a conspiração fracassou, e fugiram todos para a floresta, antes que o papel do avô na trama fosse descoberto. Os Nellads são alguns outros descendentes de seu avô, do qual herdaram todas as características negativas. Por causa de sua perversidade, transformaram-se em monstros. O avô de Pippin matou muita gente para adquirir o controle de uma mina de ouro, mas isto era também um segredo. A mina de ouro tem de ser recuperada dos Nellads, Pippin tem de revelar a verdade, e então tudo fica acertado.

Aquilo não era apenas incrível, mas estuprificante: Hugo Driver estruturara seus dois últimos romances em torno dos mais bem guardados segredos da família de seu editor. *Não é de admirar que fossem publicados postumamente*, pensou Nora, e então perguntou-se por que, afinal, tinham sido publicados. Estava maravilhada com a enormidade do cinismo de Alden Chancel; certo de que, além dele e de sua esposa, ninguém entenderia o código, valera-se da popularidade de Driver. Provavelmente sua audácia o divertiria.

— Seu pai publicou esses livros — disse ela, mais para si mesma do que para Davey.

— Os livros não dão a impressão de coisa feita por ele, certo? Contudo, você sabe o quanto ele se orgulha de jamais ler os livros que publica. Sempre diz que seria incapaz de publicar metade deles, se realmente tivesse de lê-los.

Davey estava certo. Alden tinha um exibicionista orgulho de nunca ler os livros da Casa Chancel. Ele não tomara conhecimento do conteúdo dos romances póstumos de Hugo Driver.

— Por que estamos falando sobre isto? — perguntou Davey. — Nora, volte para casa. Por favor! Venha cá e ajeitaremos tudo. — Com tais palavras, ele exibira sua própria chave de ouro. Queria-a de volta; não a abandonaria durante a provação com Slim e Slam. — Irei de carro até aí e a trarei de volta. Você poderá passar a noite na casa, e eu irei ao seu encontro de manhã, a fim de levá-la ao posto. Todos vão ficar danados da vida comigo, mas pouco estou ligando!

Davey queria que ela ficasse na casa de ambos, enquanto ele retornava a "Os Álamos". Queria a sua volta, mas somente porque assim não teria de preocupar-se com ela.

— Você não se encontra em condições de dirigir, Davey — disse ela. — Esteve bebendo.

— Não tanto assim. Dois drinques, talvez.

— Quatro, talvez.

— Eu posso dirigir.

— Não, não pode. Aliás, só pretendo voltar quando souber que não serei presa.

— E o que me diz sobre não ser morta? Isso não é um pouquinho mais importante?

— Eu estarei bem, Davey. — Nora prometeu a si mesma deixar Northampton bem cedo, na manhã seguinte. — Ouça, eu estive dando uma espiada nesses livros que comprei hoje, e há algo que não consigo entender. Nas brochuras dos dois últimos, o texto no verso da capa diz que os manuscritos foram encontrados entre os papéis do autor.

— E onde mais alguém encontraria manuscritos?

— Encontrar os de Hugo Driver não foi assim tão fácil, concorda? Talvez Hugo Driver seja o único escritor da história que, ao morrer, não deixou quaisquer papéis ou documentos para trás.

— Bem, os livros não caíram do céu sem mais nem menos.

A revelação que pairava ao redor de Nora propiciou-lhe uma série de imagens: um bebê abandonado em uma floresta, depois reclamado por sua mãe; um velho, o avô do bebê, usando uniforme nazista; Daisy Chancel exalando fumaça, enquanto acariciava um exemplar do último livro de Driver. *Você não é daqueles que consideram Jornada na Luz um terrível fracasso, é?*

Os dois últimos romances de Driver não tinham caído do céu; eles haviam fluído da diligente máquina de escrever que ficava logo

depois do patamar da escada principal de “Os Alamos”. Vinte anos atrás, Alden se voltara para Daisy a fim de que ela produzisse os Blackbird Books, adulando-a para que escrevesse duas imitações dos romances de Hugo Driver. Ele precisava de dinheiro, e a dissimulada Daisy, sabendo que o marido nunca leria os livros, desafogara o seu ultraje, ao mesmo tempo em que salvava a firma. Alden — Adelbert — era uma fraude, não apenas em um sentido, mas em vários. Este era o verdadeiro motivo da histeria e fúria que ela exibira, quando Nora tinha descoberto que os Blackbird Books eram de sua autoria.

— O que está acontecendo? — perguntou Davey. — Não estou gostando disso. Eu a conheço, sei que tem algo escondido na manga. Poderia voltar para casa esta tarde, mas em vez disso, faz *Jeffrey* levá-la de carro pelos Berkshires, a fim de que você possa conhecer a Dona da Xícara e fazer-lhe um monte de perguntas sobre Hugo Driver. Estará tentando ajudar esses Mannheims a destruir meu pai?

— Não, Davey...

— Jeffrey é como um espião, veio para cá a fim de recolher provas de que sua tia escreveu *Jornada na Noite*. Helen Day provavelmente fazia a mesma coisa; os dois queriam o dinheiro, mas então meu pai descobriu o que a Dona da Xícara pretendia e a demitiu, mas é um sujeito tão bondoso que, de qualquer modo, contratou metade da família dela.

— Está falando sem base, Davey. Nenhum deles quer qualquer coisa de vocês. Helen Day está convencida de que sua irmã não escreveu *Jornada na Noite*.

— Eles estão usando você, Nora! Será que não consegue enxergar a realidade? Céus, isso é terrível! Eu adorava a Dona da

Xícara, mas ela mentiu para meus pais, mentiu para mim e mentiu para você. Toda a sua maldita vida é uma mentira, como também a de Jeffrey. Estou seguindo para aí esta noite, a fim de livrar você dessa gente.

— Não, você não fará nada disso — disse Nora. — Helen Day não é uma mentirosa, e você não vai vir aqui apenas para entregar-me à polícia!

— Espere um momento, volto logo. — O baque do fone contra a superfície da mesa, a porta da geladeira sendo aberta. O chocalhar dos cubos de gelo, o gorgolejar da vodca. — Tudo bem, Nora, tudo bem. Helen Day, maldita seja, que vá para o inferno! Não pode ver que, se ela fosse irmã de Katherine Mannheim, também seria irmã desses dois morcegos velhos que estão nos processando?

— Ela jamais gostou dessas outras irmãs e nada tem a ver com elas.

— Claro, foi o que lhe contou, não? E você foi tão ingênua que acreditou! O que significa essa história de "Day", afinal? Não pode ser o sobrenome dela. Essa mulher veio para cá usando um pseudônimo. Suponho que isso seja um tanto suspeito.

Nora explicou-lhe como e por que seu avô, Lincoln Chancel, abreviara o sobrenome dela.

— Certo, mas ainda assim ela é uma mentirosa.

— Helen Day não é o mentiroso nesta história, Davey — disse Nora, arrependendo-se imediatamente de haver feito tal declaração.

— Oh, então sou eu, é isso? Muito, muitíssimo obrigado, Nora!

— Eu não me referia a você, Davey.

— E quem mais sobra? Eu estava certo antes, quando disse que você tinha algo escondido na manga. Oh, céus, o que há mais?

Você odeia meu pai e gostaria de arruiná-lo, exatamente como querem fazer esses Mannheims, Deodatos ou seja lá qual for o verdadeiro sobrenome deles. Vou desligar e comunicar aos tiras onde você está.

— Não faça isso, Davey, por favor. — Ela respirou profundamente. — Você tem razão. De fato existe algo que não falei, mas nada tem a ver com *Jornada na Noite*.

— É mesmo? — exclamou ele, irônico.

— Eu descobri algo. Entretanto, não tenho certeza se deveria contar-lhe agora, porque você não ia acreditar.

— Formidável. Adeus, Nora.

— Estou dizendo a verdade. Helen Day sabe desta *coisa*, deste *fato* a seu respeito. Ela guardou segredo a vida inteira, mas agora acha que você devia saber.

Davey xingou e insultou Helen Day durante várias frases, para em seguida perguntar:

— Se essa informação é tão importante, por que ela não me contou antes?

— Porque prometeu não contar.

— Sendo assim, por que contou a você? Ouço um leve som de sapateado, Nora.

— Ela não me contou. Fez com que eu fosse deduzindo, até descobrir do que se tratava.

Ele deu uma risadinha fatigada.

— Por que acha que Helen Day deixou “Os Alamos”?

Após mais umas duas frases insultuosas, ele disse:

— Na época, segundo contaram meus pais, ela resolvera ir embora e abrir seu próprio negócio. Imagino que foi o que fez, não?

— Com as economias dela? Acha que ela economizou tanto dinheiro assim?

— Entendo. Você está querendo dizer que meu pai pagou a ela para ficar calada, certo? Um segredo que deve estar bem ao lado da chave para a decodificação da Pedra de Rosetta.

— Para você, é a Pedra de Rosetta — disse Nora.

— Já compreendi. *Sou eu* o verdadeiro autor de *Jornada na Noite*. Não, impossível, o livro foi publicado antes de meu nascimento. Ouça, Nora, a menos que você cuspa esse tal segredo imediatamente, vou desligar o telefone.

— Ótimo — replicou ela. — Preciso apenas imaginar um meio de contá-lo. — Ela pensou por um momento. — Lembra-se do que sua mãe fazia, quando você era criança?

— Acredito que estamos indo para Miami, passando antes aqui, por Seattle. Muito bem. Vou seguir seu jogo. Claro que me lembro. Ela ficava em seu escritório e bebia.

— Não; quando você era criança, ela escrevia o dia inteiro. Sua mãe fez muitos trabalhos naquela época, mas nem tudo foi colocado no livro que ela me pediu para ler.

— Certo, ela escreveu os livros de Morning e Teatime. Você tem razão neste ponto. Li esses livros quatro ou cinco vezes, tendo encontrado neles tudo aquilo que você mencionou. Foi até curioso, porque encontrei também algumas expressões que devo tê-la ouvido dizer mil vezes. Eu apenas nunca lhes dera atenção antes. Como, por exemplo, “mais triste do que um gato vira-lata em dia de chuva” ou coisas assim. “Gastamos muita sola de sapato.” Aí está um dos motivos que fizeram o velho mostrar-se tão duro com você. Foi uma reação exagerada da parte dele, porque não queria que alguém

soubesse. Posso entender por quê. Isso não o deixaria em situação muito favorável.

— Obrigada.

— Não obstante, ela escreveu aqueles livros nos anos oitenta, e estamos falando dos sessenta.

— Tem com você exemplares dos dois últimos romances de Driver?

— Não me venha com essa, ouviu bem? Se está querendo dizer que minha mãe escreveu os últimos Drivers, você devia estar em uma cela de hospício!

— Não estou querendo dizer nada disso — mentiu ela. — Toda a questão diz respeito à diferença entre os dois estilos.

— Se quer saber, não vejo aonde pretende chegar.

— Estou indo para Miami via Seattle, esqueceu? A menos que queira acompanhar-me nesse trajeto mais demorado, jamais acreditará em mim. Portanto, anime-se e pegue os livros.

— Isto é loucura — resmungou Davey, mas largou o fone e voltou em poucos segundos. — Poxa, faz uns quinze anos que não leio nenhum dos dois... Muito bem, o que faço?

Nora havia apanhado os dois volumes em sua bolsa, e agora abria *Jornada no Crepúsculo*, sem saber o que procurar e sem qualquer certeza de encontrá-lo. Virou umas trinta páginas e esquadrinhou os parágrafos, sem descobrir nada de útil.

— O que você quer mostrar-me?

Seus olhos encontraram algumas linhas na página 42. Precisava fazer Davey perceber estas frases “daisyanas”, mas sem parecer que as apontava para ele.

— “*É a pura verdade*”, disse a encarquilhada criatura encarapitada no ramo. “*É a pura verdade, deveras, meu caro menino*” — leu ela. — Agora, vire até a página quarenta e dois. Dez linhas a partir do alto. Encontrou?

— Encontrei o quê? “*Ele ergueu os olhos e coçou a cabeça.*” É isso?

— Algumas linhas para baixo.

Davey leu:

— “*Pippin girou lentamente em um círculo, desejando que a trilha não fosse tão escura e nem a floresta tão espessa.*” Isso?

Era a frase imediatamente abaixo daquelas com a marca registrada de Daisy.

— Leia o parágrafo em voz alta e depois a página toda para você mesmo.

— Está bem.

Ele começou a ler, enquanto Nora procurava freneticamente através de mais páginas ao acaso.

— Agora devo ler a página só para mim?

— Sim.

Ela examinou outra página e viu um segundo “*deveras*”.

— Já li. O que há nesta página?

— Não parece muito ter sido escrita por sua mãe, certo?

— Sim, não parece — disse Davey, pouco à vontade. — Claro que não parece. Como poderia? O que está pretendendo, Nora?

— Olhe na página oitenta e quatro, pouco depois da metade.

— Hum... — fez Davey. — Está falando deste longo parágrafo, começando com “*Todas as árvores pareciam ter-se movido*”?

Ela lhe pediu que lesse em voz alta, em seguida lendo a página inteira para si mesmo, como antes.

— Estou achando tudo isso muito esquisito.

— Por favor, leia.

Ele começou a ler, e Nora procurou o final do livro, lá encontrando, bem acima do último parágrafo, a prova de que precisava. *“Com um choque, Pippin recordou que apenas um dia antes ele se sentira tão desolado como um gato peludo numa tempestade.”*

Ela esperou que Davey terminasse de ler a página 84.

— Você está querendo bancar a esperta ou o quê? — perguntou ele. — Falou que não tentava dizer que minha mãe escreveu isto. Algumas coincidências insignificantes nada provam. Estou começando a ficar novamente bronqueado com toda essa conversa.

— De que coincidências está falando? Viu nesses parágrafos algo que não mencionou?

— Estou ficando farto de seus joguinhos, Nora.

Chegara o momento de arriscar: precisava fornecer a ele uma parte da verdade.

— Não acredito que Hugo Driver tenha escrito este livro — disse ela. — Ele realmente surgiu de lugar nenhum, não foi? Não havia papéis, qualquer documento... Se eles existissem, você os teria visto há muito tempo.

— Você está pisando em gelo fino. O que vem em seguida? Que Hugo Driver era minha mãe, travestida de homem?

Nora aferrou-se a uma desesperada improvisação.

— Eu acho que foi Alden quem escreveu estes livros.

— Ora, vamos! Nunca ouvi nada mais ridículo.

— Apenas considere a possibilidade. Alden sabia que podia fazer um monte de dinheiro rapidamente, se publicasse os romances póstumos de Driver. Como não havia nenhum verdadeiro, ele teve de fornecê-los. — Nora continuou improvisando. — Ninguém saberia que não eram verdadeiros, portanto ele não podia contratar alguém que os escrevesse. Não podia nem mesmo confiar em Daisy. Você não disse sempre que estes dois últimos livros eram diferentes do primeiro?

— Você sabe que eu disse isso. Eles são bons, mas não iguais a *Jornada na Noite*. Muitos escritores nunca voltam a nivelar-se a seus primeiros sucessos.

— A mesma pessoa escreveu estes dois, não concorda?

— E a mesma pessoa *escreveu Jornada na Noite*. Alguém que, tão certo como o inferno, não foi meu pai.

— Como se chama aquele monstro que fere Pippin com as garras?

— Ele não tem nome. É um Nellad.

— Nellad. Isso não lhe recorda algo?

— Não. — Ele refletiu por um momento. — Tem um som parecido com Alden, se é o que quer dizer. — Ele riu. — Está me dizendo que ele colocou o próprio nome no livro?

— Não seria bem próprio dele debochar de todo mundo dessa maneira?

— Sou forçado a dar crédito à sua engenhosidade. Todas essas outras pessoas querendo mostrar que Driver não escreveu *Jornada na Noite*, e você dizendo, sim, ele escreveu esse livro, mas não os outros dois. Uma coisa que é quase possível, Nora. Sim,

concedo-lhe esse crédito. Se não estiver totalmente errada, poderia de fato estar certa.

— Um pouco disto realmente soa como Alden para mim. Veja agora na última página.

— Certo. — Ele leu em silêncio por um momento. — Escute, você está falando desse gato?

Nora respondeu que queria dizer a página inteira.

— Acho que Alden escreveu isto. Nem mesmo reparei no gato molhado, até você falar.

— Bem, soa mais como minha mãe do que meu pai, porque ele nunca escreveu outra coisa além de cartas de negócios.

— Não acho que pareça a escrita de sua mãe — disse Nora.

— Deus do céu, você nem está *ouvindo o* que digo! Pois fique sabendo que, em dois daqueles Blackbird Books, alguém está tão triste como um gato molhado. Aliás, minha mãe usava essa frase o tempo todo, quando eu era criança. E ainda a usa de vez em quando.

— Oh, eu não sabia...

— Ainda assim, não pode ser verdade. Minha *mãe*?

— Alden poderia usar algumas das frases favoritas dela. Ele não chegaria ao ponto de confiar tanto em sua mãe.

— Ela é a única pessoa em que ele confiaria. Preciso examinar isto melhor. — Nora o ouviu virando páginas, respirando alto, de vez em quando tomando um gole de sua bebida. — Não pode ser, pode? Há um milhão de maneiras diferentes para explicar... — Ele deixou escapar um ruído situado entre um gemido e um grito. — NÃO!

— O que foi?

— Um dos aldeões, bem aqui, na página cinqüenta e três, diz: “*Você pode me perguntar vinte e sete vezes, e a resposta nunca mudará*”. Vinte e sete vezes! Minha mãe costumava falar assim o tempo todo. Era a sua expressão para infinito. Que droga!

— Sua mãe escreveu o livro?

— Poxa, eu creio que sim — respondeu Davey. — Droga! Ela escreveu mesmo. Droga! Não é de admirar que eles ficassem nervosos, quando você a acusou de escrever os romances de horror. Isto poderia liquidar-nos, definitivamente.

— Não vejo por quê — disse Nora. — Um fato desses não seria benéfico para sua mãe? Se é que ela escreveu esses livros, claro está.

— Céus, como você é ingênua! Se isso vier a público, meu pai será acusado de fraude, e *Jornada na Noite* imediatamente se tornará uma obra suspeita. Haverá advogados enxameando pela casa inteira.

— Só se o fato vier a público.

— É melhor que não venha, Nora. Isto tem de permanecer em sigilo.

— Tenho certeza de que permanecerá — disse ela.

— Pelo menos, finalmente chegamos a Miami. Se a Dona da Xícara soubesse que minha mãe escreveu esses livros, penso que não ficarei surpreso se eles vierem suborná-la e se livrarem dela.

— Não perca a calma — aconselhou Nora.

80

CONFORME ELA contou a Jeffrey na manhã seguinte bem cedo, no restaurante anexo ao terraço, o resto da longa conversa deles durara meia hora, no decorrer da qual Nora sentira o universo de Davey rodopiar e cambalear. O passado dele tinha sido virado do avesso; ela questionara o tema central da vida de seu marido. Ele ridicularizou, protestou, negou. Desligara após dez minutos, só tendo apanhado o fone de novo, depois da campainha tocar umas doze vezes.

— Reflita no que ela *escreveu* — havia dito Nora, e Jeffrey, ouvindo o relato dela, enquanto espalhava conserva de ameixa em um *croissant*, meneou a cabeça. A princípio, também ele suspeitara das descobertas da noite. — Reflita em como era seu avô e no que seu pai fez a nós dois, mas antes de mais nada, reflita no que Daisy colocou nesse livro. É a sua história, Davey. É uma mensagem para você.

Não, não, não! Helen Day havia mentido! Nora então o trouxera de volta, várias vezes, até a criança abandonada na floresta e mais tarde salva de lá, até *Minha mãe é minha mãe*.

— Se isto for verdade, então eu sou Pippin — tinha dito Davey, fazendo a primeira nota soar cheia do temor que se segue a todas as grandes revelações.

— Você sempre foi Pippin — Nora lhe tinha dito, mas sem acrescentar o que dissera a si mesma: *Eu também*.

— Sinto-me como Leonard Gimmel ou Teddy Brunhoven — replicara ele. — Existe um código e eu posso lê-lo.

— Sim, existe um código, e é sobre você.

— Ela queria que eu soubesse. Ainda que não pudesse contar-me.

— Ela queria que você soubesse — repetiu Nora.

— Devo confrontá-lo? Devo ir lá e dizer a ele que sei?

Pela primeira vez em seu casamento, Nora aconselhou Davey a não enfrentar o pai.

— Você terá de dizer a ele como descobriu, e eu não quero que ninguém saiba onde estou.

— Está bem. Vou esperar. Enquanto puder.

Isto deixara Nora sem falar mais do que gostaria.

— Seja como for, você acredita em mim, não?

— Demorei um pouco para acreditar, mas, sim, agora acredito. Acho que, na realidade, até devia agradecer-lhe. Sei que soa esquisito, mas lhe sou grato, Nora.

Ótimo, mas gratidão apenas não é o bastante, disse ela para si mesma, quando a conversa derivara para um final inconclusivo.

Nora partiu um escamoso pedaço de *croissant* e o enfiou na boca. Em seu prato agora havia menos de um quarto do pãozinho, mas ela continuava com fome. Três mesas além, dois homens corpulentos, em blusões de lã com malhas na cintura e punhos, enfrentavam enormes *breakfasts* de ovos mexidos, bacon e batatas fritas. Nora tinha a impressão de que seria capaz de comer as duas refeições deles.

A sua direita, no outro lado da parede envidraçada, um rapaz alto, de camisa azul, lavava o piso de lajes do terraço, com um

balde, uma comprida vassoura e uma mangueira. Pequeninos regatos faiscavam e borbulhavam por entre as lajes reluzentes. Outro rapaz cobria as mesas com toalhas rosadas que se enfunavam como velas, depois alisando-as com as mãos. Era uma cena tão singela como os dois homens e seus *breakfasts*, mas, para Nora, de repente ela pareceu transbordar de significado. Então, lembrou-se de uma fotografia que Dick Dart lhe mostrara na biblioteca de Springfield. *A chave de ouro.*

— Mudando de assunto, você acha que Dart ligou para Ev Tidy — disse Jeffrey.

Ela assentiu e estendeu a mão para outro pedaço de *croissant*, mas já havia comido tudo.

— Deixe-me providenciar mais alguns para você.

Em poucos segundos, Jeffrey voltava carregando um prato cheio de pãezinhos doces, *croissants* e grossas fatias de melão. Nora atacou o melão de faca e garfo.

— Acha que Ev esteja em segurança? — perguntou Jeffrey.

— Ele me disse que ia para uma casa que possui em Vermont.

Nora terminou o melão e passou para os pãezinhos. Sentia-se cheia de vitalidade, como se houvesse tido uma noite inteira de sono, e já sabia como preencher os próximos dias.

— Você não pode ficar tão despreocupada como parece, com Dart estando na cidade — disse Jeffrey.

— Não estou despreocupada quanto a isso, nem de longe. Quero ir embora de Northampton esta manhã.

— Eu pensei em um interessante hotelzinho não muito longe de Alford. Se quiser, podemos ficar um pouco com minha mãe, e

depois eu a levaria para lá. É um lugar encantador, e os donos são amigos da minha família. Além disso, oferece uma comida excelente.

Para um monge secular, Jeffrey dava um sibarítico grau de importância às refeições.

— Eu quero ver sua mãe, porém gostaria de ir a um outro lugar depois disso, caso você não se importe.

— Quer ficar com Ev em Vermont?

— Não é bem o que tenho em mente. Os antigos chalés de Shorelands costumam ser alugados, não?

Jeffrey assentiu, com ar dubitativo.

— Você quer ir para Shorelands?

Nora buscou uma explicação que fizesse sentido para ele.

— Passei dias ouvindo as pessoas falarem sobre esse lugar, de modo que gostaria de ver como é.

Jeffrey cruzou os braços sobre o peito e esperou.

Nora olhou para fora, para os rapazes, um deles puxando os restos da água espumosa de sabão, o outro arranjando cadeiras em volta das mesas, e deu um passo mais próximo da verdade.

— Estou em uma posição única. Falei com Mark Foil e Ev Tidy, mas os dois nunca falaram um com o outro. Foil sabe o que Creeley Monk escreveu em seu diário, e Tidy sabe o que o pai escreveu, porém a única pessoa que realmente sabe o que está nos dois diários sou eu, e tenho a sensação de que falta uma peça. Ninguém antes já tentou juntá-las todas. Não quero dizer que serei capaz disso, mas esta noite e hoje cedo, quando refletia em todas estas conversas que venho tendo, pareceu-me que, afinal, tinha de dar uma espiada em Shorelands. Metade de mim não faz idéia do que

está acontecendo ou do que fazer, porém a outra metade insiste em dizer: *Vá a Shorelands, ou você perderá tudo.*

— “Perderá tudo” — repetiu Jeffrey. — “Falta uma peça.” Serei eu apenas, ou você está falando de Katherine Mannheim?

— Ela se situa no centro de toda esta história. Não sei por que motivo, mas quase me sinto responsável por Katherine. — Jeffrey ergueu bruscamente a cabeça. — Todas estas pessoas têm pontos de vista conflitantes sobre ela. Katherine era rude, era impaciente, era uma santa, era implicante, era sincera, evasiva, dedicada, frívola, completamente louca, completamente lúcida... Ela vai a Shorelands, influencia todos de maneiras diferentes e nunca mais aparece. Em vez dela, o que aparece? Qual a única coisa que de fato emerge daquele verão? *Jornada na Noite.*

Jeffrey a contemplava com o que parecia uma mescla de dúvida e interesse.

— Da maneira como fala, a coisa soa como se o livro fosse uma espécie de substituto para ela. — Ele pensou por um segundo. — Ou, então, como se ela não fizesse parte do quadro.

— Não diretamente, nada desse jeito. Entretanto, uma frase dela é: a Dona da Xícara. — Jeffrey abriu a boca, e Nora apressou-se em dizer: — Sei que já falamos a respeito antes, porém isto continua parecendo uma enorme coincidência. Davey viu aquela fotografia das duas irmãs, no apartamento de sua mãe em “Os Álamos”, mas Hugo Driver não podia tê-la visto. Portanto, isto é parte da peça perdida.

— Se pretende bancar a detetive, conte comigo. É possível ficar-se lá. Faz cinco ou seis anos, um editor francês e grande admirador de Driver, desejou passar uma noite lá e teve alguma

dificuldade em conseguir acomodações. Alden pediu-me que cuidasse disso para ele. Foi o que fiz. A propriedade agora é dirigida por uma Fundação, e parte de sua criadagem antiga ocupa a Casa Principal, mas os chalés Pote de Pimenta e Rapunzel têm quartos para pessoas que queiram passar a noite. Consegui um quarto no chalé Rapunzel para o francês, que ficou felicíssimo. E Alden também.

— Você ligará para eles?

— Enquanto você estiver arrumando sua bagagem, mas primeiro quero fazer-lhe uma pergunta.

— Vá em frente.

Nora preparou-se para o que ia ouvir, mas a pergunta de Jeffrey era mais branda do que havia esperado.

— Por que você quis me contar os segredos da família? Quando fui para “Os Álamos” já era bem tarde, tanto que nem mesmo sabia que, supostamente, Davey fosse filho adotivo.

— Eu não quis ser a única pessoa a saber — respondeu ela, parando de repente, antes de acrescentar, *para o caso de acontecer alguma coisa comigo*.

— Lamento ouvir isso — disse ele, e fez sinal para a garçonete trazer a conta.

81

QUANDO O TELEFONE tocou, ela estava no banheiro, considerando a questão da maquiagem. No quarto toque, ergueu o fone e ouviu Jeffrey responder à pergunta que lhe fizera.

— Espero que você não se importe de esperar meia hora — disse ele. — Liguei para minha mãe, a fim de dizer-lhe que estamos indo até lá, e encontrei-a em plena efervescência. Aparentemente, concordei em levar algumas das garotas a um mercado esta manhã, e já estou atrasado. Levarei no máximo quarenta minutos, e virei apanhá-la assim que voltarmos.

— Perfeito — disse ela. — Eu estava pensando que seria mais seguro voltar a usar meu disfarce.

— Seu...? Oh, a pintura de guerra. Boa idéia. Sua conta no hotel já foi fechada e eu a registrei no chalé Pote de Pimenta como a sra. Norma Desmond. Pensei que provavelmente já estivesse cansada de ser Dinah Shore.

Os dois concordaram em encontrar-se no saguão dentro de quarenta minutos. Jeffrey ligaria para o quarto dela, caso voltasse antes disso.

— Faça-me um favor — pediu ele. — Espere-me no saguão, certo? Não quero ser responsável por todos os esqueletos nos armários dos Chancels.

Meia hora mais tarde, a jovem no balcão de recepção olhou para Nora quando ela saiu do elevador, e depois voltou a explicar as tarifas do hotel a um alvoroçado casal de idade que se queixava de

sua conta. Uma suave claridade rosada banhava o saguão, onde, exceto eles, não havia mais ninguém. Nora puxou sua mala de rodinhas para uma poltrona perto de uma mesa cheia de brochuras, e sentou-se para ler "Os 100 Pontos Turísticos Mais Populares em Nossa Encantadora Região". O casal de cabelos brancos ainda argumentava sobre suas contas no hotel, mas agora era a atendente que estava alvoroçada. O marido, um indivíduo de pernas finas, com um elegante *blazer*, gravata de plastrão e brilhantes fiapos de cabelos brancos, explicava em voz alta que a conta do telefone devia estar errada, porque nem sua esposa e nem ele próprio costumavam usar os telefones dos quartos de hotel. Por que pagar uma sobretaxa, quando se podia descer ao saguão e usar o telefone público?

A atendente disse algumas palavras.

— Tolices! — berrou o velho. — Acabei de explicar-lhe que eu e minha esposa *nunca* usamos telefones em quartos de hotel!

A esposa recuou dele, e a jovem atrás do balcão tornou a falar.

— Ora, mas isto é um erro! — bradou o homem. A atendente desapareceu, e o velho girou para sua esposa. — Você tornou a fazer, não foi? Preguiçosa demais para tomar o elevador, e o que acontece? *Dois dólares* desperdiçados, e aqui estou eu provocando um escândalo, e tudo por sua culpa!

Sua esposa começou a chorar, mas estava amedrontada demais para erguer as mãos e enxugar os olhos.

Nora viu um eco de Alden Chancel no janotinha dominador e não pôde suportar ficar no mesmo recinto que ele. Deixou a mala atrás da poltrona e caminhou até a saída que conduzia ao terraço.

Através das janelas, viu meia dúzia de carros descendo a King Street, porém nenhum deles era o de Jeffrey. O sol arrancou reflexos das lajes recém-lavadas do terraço, e lírios amarelos inclinavam-se ao lado dos degraus que levavam à rua. Ela empurrou a porta e saiu para a fresca e brilhante manhã.

Quando chegou ao alto dos degraus, perscrutou a King Street em busca do MG, pensando que gostaria de ter feito uma corrida nessa manhã. Seus músculos ansiavam por exercício; o *breakfast* parecia ter-se evaporado em uma necessidade de trabalho e movimento. Tornando a olhar para o hotel, através da parede envidraçada viu o idoso marido cuspiendo invectivas, enquanto baixava a mala a fim de abrir a porta para a esposa. Era um cavalheiro da velha escola, completo com todas as tirânicas cortesias, e havia estacionado seu carro na rua, ao imaginar que poderia ter de pagar por usar o estacionamento do hotel. Aferrando a alça de sua bolsa de mão, Nora desceu a escada para a rua e caminhou cinco ou seis passos quarteirão acima, procurando Jeffrey.

O MG não aparecia. Olhando por sobre o ombro, ela viu o casal descendo os degraus para a calçada. O rosto do homem estava congestionado de fúria. Nora expulsou-os da mente e concentrou-se no prazer de caminhar vivamente em meio ao ar de uma bela manhã de agosto, ainda maravilhosamente fresca e cheirando a lírios.

Chegando à Main Street, ela olhou para a esquerda, e viu a fileira de lojas estendendo-se para o campus da Smith e a casa de Helen Day, agora esperando avistar Jeffrey dirigindo seu carro por entre aquele trânsito escasso. Nos dois lados da Main, metade das lojas continuava fechada, e nenhum dos poucos carros era o de Jeffrey. Com a rude sem-cerimônia de um ataque do coração, uma

viatura policial surgiu de trás de um caminhão de entrega de pão e veio rodando para Nora. Ela forçou-se a permanecer imóvel. Por um longo momento, a viatura parecia vir diretamente para ela. Nora engoliu em seco. Depois endireitou o corpo e caminhou sem pressa, dirigindo-se ao cruzamento de ruas. Fingiu procurar algo em sua bolsa. A viatura passou diante dela, continuou rodando e entrou na King. Ela a viu mover-se, ainda sem pressa aparente, na direção do hotel. Decidiu esquecer o exercício e ficar esperando Jeffrey no saguão.

Mais abaixo no quarteirão, o velhote janota estava parado ao lado de um antigo carro de turismo de curvas majestosas, estribo e uma maciça grade de radiador, decorada com distintivos metálicos. Ele abriu a porta do passageiro e estendeu a mão para a esposa. Trêmula, ela içou-se para o estribo. A viatura policial deslizou ao lado deles. O velho contornou o carro até o lado do motorista, dando um tapa no capô. Um pouco além, a viatura policial parou diante do hotel, e dois agentes começaram a subir os degraus da entrada.

A King Street permanecia vazia. Quando Nora se virou para trás, os policiais cruzavam o terraço em largas passadas, na direção das portas envidraçadas. Dizendo para si mesma que eles provavelmente estavam atrás apenas de um café e sobras de torta de maçã para acompanhar, ela cruzou a rua e começou a caminhar para a marquise de um cinema. O velho ligou o motor de seu extravagante carro e afastou-se do meio-fio. Parada quase no meio da rua, Nora esperou que ele passasse. O carro freou à frente dela e o vidro da janela foi ruidosamente arriado. A velha permanecia olhando para o próprio colo, e seu marido inclinou-se para falar:

— As esquinas foram marcadas e destinadas ao uso dos pedestres — disse ele, em voz agradável. — Acha-se boa demais para elas, minha jovem?

— Estive observando você, seu idiota grosseiro — disse ela — e espero que quando estiver dormindo, sua esposa o mate qualquer noite.

A esposa dele ergueu bruscamente a cabeça e fitou Nora de olhos arregalados. O velho rodou em frente, com uma barulhenta mudança de marchas. Pela janela aberta, Nora ouviu o resto de uma gargalhada ou de um grito. Ela quase correu para o outro lado da rua e moveu-se sob a marquise do cinema até o abrigo de uma parede em ângulo, perto da bilheteria. Olhou para o hotel, sem ver os policiais, depois concentrou-se no carro antigo, que esperava a luz do sinal mudar para verde, no final da rua. Um carro vermelho, não o de Jeffrey, mas também tão familiar, girou junto ao veículo antigo e entrou na King Street, seguido por um discreto sedã azul. *Não é verdade, não pode ser!*, disse Nora para si mesma, porém o Audi moveu-se firmemente em sua direção. Era verdade. Pôde ver os cabelos escuros e o rosto pálido de Davey, quando ele se agachou sobre o volante, a fim de espiar o Northampton Hotel.

Ela saiu do ângulo na parede, depois moveu-se para trás. Davey passou, e o sedã azul o seguiu até o hotel. Os dois carros internaram-se no estacionamento e desapareceram.

Nora permaneceu no abrigo da parede, rezando para que os policiais deixassem o hotel. Se Jeffrey aparecesse, acenaria para que ele parasse e explicaria que seus planos haviam mudado, que ia mesmo voltar para Westerholm. Shorelands representava o passado de mais alguém, e ela precisava viver o presente. Os policiais

continuaram dentro do hotel, e ela abraçou-se apertadamente, vigiando as portas envidraçadas na borda do terraço.

Crianças corriam para cá e para lá sobre as lajes, contornando os garçons. A porta de vidro foi aberta, dando passagem a um garçom com uma bandeja equilibrada no ombro e uma cadeirinha dobrável na mão. Antes que a porta se fechasse por si mesma, Davey surgiu por ela apressadamente e examinou as mesas. Como não visse Nora, cruzou o terraço e chegou até os degraus que levavam à calçada.

Nora moveu-se para diante. Outra viatura policial dobrou para a King Street. Davey esquadrinhou a calçada em frente dele. O carro da polícia aproximou-se. Nora deixou o ângulo da parede e começou a caminhar de volta para a Main Street. O carro-patrolha passou sem parar. Ela voltou-se, na calçada, e viu Davey tornando a voltar para o hotel, abrindo caminho por entre as mesas. Quando a segunda viatura chegou à frente do hotel, fez uma curva em U e parou atrás da primeira. Dois agentes saíram e correram escada acima. Um terceiro carro-patrolha surgiu do fundo da King Street e manobrou para o estacionamento do hotel.

Sua única esperança era que Davey voltasse sozinho ao terraço. Nora moveu-se um pouco mais, rua acima, e o viu entrar no hotel. Os dois policiais passaram também por entre as mesas, em meio aos olhares curiosos da maioria das pessoas ingerindo seu *breakfast*. Davey desapareceu, e os policiais alcançaram a porta, alguns segundos antes dela fechar-se. *Volte*, ela disse para si mesma. *Saia daí e suba a rua!*

Dois corpulentos pais e três adolescentes ainda mais largos amontoaram-se na direção da porta. Davey saiu justamente quando

eles a alcançaram, moveu-se para um lado e manteve a porta aberta. Nora começou a caminhar para o hotel. Quando o último membro da família entrou no hotel, Davey continuou mantendo a porta aberta para dois homens de ternos sóbrios. Um deles usava óculos escuros. Davey deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos. A respiração de Nora ficou presa em sua garganta, e ela recuou um passo. Os homens de terno eram o sr. Hashim e o sr. Shull.

Conversando como velhos amigos, Davey e os homens do FBI caminhavam ao lado da fileira de mesas dando para a rua, em direção aos degraus da entrada.

Chocada demais para digerir o que acabara de ver, Nora começou a subir a rua. Uns seis metros além havia um estacionamento para as lojas fronteiras à extremidade inferior da Principal. Se ela pudesse chegar até lá sem ser vista, conseguiria cruzar uma das lojas e depois seguir para a casa de Helen Day.

Espiou por sobre o ombro. O sr. Shull apontava o polegar para o hotel e falava com o sr. Hashim, que olhava para ela. O coração de Nora bateu contra as costelas e seus joelhos pareceram de borracha. Recomeçou a andar, passando por desbotados pôsteres de atraentes edifícios antigos e árvores em suas tonalidades outonais, que cobriam as janelas de uma cabine de informações vazia. Um enorme aviso de FECHADO, em preto e branco, já tornado castanho pelo sol, havia sido colado no interior da porta da cabine. Nora internou-se no estacionamento e arriscou outro olhar por sobre o ombro.

Davey e o sr. Shull moviam-se para a Main Street. O sr. Shull parecia discutir algo, e Davey estava assentindo.

Seu verme, seu ordinário, como pôde fazer isto comigo?

Um braço enrolou-se em torno de seu pescoço. O choque e o terror oprimiram-lhe o coração, e o braço apertado à volta de sua garganta transformou-lhe o grito em um grasnido. O homem a forçou a inclinar-se para trás, e a arrastou para o estacionamento.

82

— ESTOU ADORANDO estes nossos encontros — disse Dick Dart. — São tão importantes para continuarmos velhos amigos, não concorda? — Nora puxou o braço que lhe cortava a respiração, e seus pés debateram-se contra o asfalto sujo. — Especialmente aqueles que estendem o braço e nos tocam...

Ela tentou chutá-lo, mas havia perdido o equilíbrio. Dart rodeou-lhe a cintura com a mão livre, ergueu-a do chão e a carregou mais para o fundo do estacionamento.

— Você vai adorar o carro — disse ele. — Assim que o vi, soube que chegara o momento de juntar-me à minha querida Nora-docinho. Se você não parar de debater-se, esgano-a aqui mesmo, seu monte de bosta idiota! — Dart soltou-lhe a cintura e o corpo dela afrouxou-se contra o tórax do maldito homem. Por baixo do antebraço dele, uma ponta aguçada espetou o pescoço dela. — Nós não vamos querer isso, certo?

Ela sacudiu a cabeça, dentro dos poucos centímetros permitidos pelo aperto do braço dele. Um matraquear seco subiu-lhe da garganta.

— Sou um sujeito que gosta de perdoar — anunciou Dart, dentro do turbilhão de sangue correndo nos ouvidos dela. — Compreendo a sua angústia, a sua confusão. Poxa, afinal de contas, você é um ser humano, certo? Aposto como gostaria de respirar direito de vez em quando.

Ela esforçou-se ao máximo para concordar.

— Assim que sumirmos de vista eu cuidarei disso. Ele a carregou entre duas vans e empurrou-a para a parede. A pressão de seu braço diminuiu. Uma só respiração de ar escaldante precipitou-se para os pulmões dela, depois ele tornou a aumentar o aperto.

— Muito bem. Que tal mais uma?

De frente para a parede, Dart a manteve com as costas sobre seu joelho. Se Nora lutasse, cairia no chão. Seus pés pendiam a cada lado da perna dobrada dele. Nora assentiu, e o braço afrouxou a pressão durante outra ofegante inalação.

Torcendo a cabeça, ela o fitou com o lado direito do rosto. Dart sorria, as pupilas animadas de prazer abaixo da pala de um boné preto de popeline, que deixou à vista uma tira de atadura branca acima da orelha dele. Nora pôde apenas ver a borda reluzente da faca, onde encaixava-se no cabo.

— Também senti sua falta — disse ele. — Como prova, vou deixá-la respirar outra vez. — O braço dele caiu. — Agora, vai ser boazinha e obediente, não é mesmo? — Arquejando para respirar, ela fez que sim. — O querido Davey a entregou, não foi? Que excitação para o rapazinho, andando por aí com aqueles grandes e maus elementos do FBI! Parecia algemado àquele de óculos escuros. — Dart a puxou mais para cima sobre sua perna e fechou o braço em torno da garganta dela, um pouco menos apertadamente do que antes. — Já superou o choque inicial de alegria? Adaptou-se ao delicioso reaparecimento de um velho amigo? Ficou bem claro que qualquer rebeldia resultará em uma turbulenta cirurgiazinha de garganta?

Nora chegou o mais próximo possível de dizer sim.

— Vou provar uma coisa a você.

Levantando-se, ele a depositou em pé no chão. Nora estava de costas para Dick Dart, nos noventa e poucos centímetros de espaço entre uma castigada van marrom e outra azul, ainda mais castigada, esta última tendo pintadas as palavras MACMEL. ENCANAMENTOS & CALEFAÇÃO. No final do túnel formado pelas duas vans, havia um trecho do estacionamento juncado de amarrotados envoltórios de doces e pontas de cigarro. Surpresa por continuar viva, Nora olhou em torno.

Dart estava recostado contra o lado do quiosque de informações para turistas, com uma perna dobrada sob o corpo e os braços cruzados ao peito. O boné preto chegava um pouco acima dos olhos brilhantes. Uma sutil mancha de barba por fazer cobria-lhe as faces e o queixo e, na mão direita, ele segurava a faca alemã de cabo de chifre que comprara em Fairfield.

— Viu só?

— Vi o quê?

As mãos dela tremiam e, em seu estômago, algo tremeu também.

— Você não está fugindo.

— Você me mataria se eu fugisse.

— Isso mesmo. Entretanto, sou a sua melhor chance para livrar-se desta confusão. Sente medo de mim, mas começa a acreditar que estou muito interessado em você para matá-la por um motivo idiota, como vingança. Além disso, está furiosa com Davey. Enquanto eu me mostrar calmo e razoável, preferirá ficar comigo do que permitir que aquele fracote a veja sendo presa.

Ela o olhou fixamente — o que ele disse era quase correto.

— A diferença entre mim e Davey é que *eu* a respeito. Vou perder a cabeça, porque você agiu como uma mulher, quando baixei a guarda? Em absoluto. Você me machucou, mas não muito. Afinal de contas, tenho uma cabeça muitíssimo dura. Terei que tomar mais precauções com você, mas ainda não temos coisas a fazer juntos? Pois vamos fazê-las!

— Tudo bem — disse Nora, pensando rapidamente. — Seja o que você quiser.

— Suponho que você esforçou-se ao máximo em sua maquiagem, mas o resultado é ridículo. Manchou-se tanto, que parece ter usado uma colher de pedreiro.

— Vai me deixar sair daqui ou não?

Dart afastou-se da parede e a guiou entre as vans. Dois policiais uniformizados passaram em passos lentos pela entrada.

— Você é responsável pela minha aquisição desta admirável obra de arte. — Deixando de observar os policiais, ela se virou para o carro antigo que pertencia ao tirano de gravata de plastrão e *blazer*. — Inclusive, podemos ficar com ele por algum tempo.

Ele a conduziu à porta do motorista, depois ajudando-a a subir no estribo.

— Sabe dirigir com alavanca de mudança?

— Sei.

— A mulher perfeita! — suspirou Dart.

Ele deu uma corridinha em volta do carro, a fim de chegar ao lado do passageiro. Nora olhou para os assentos e o piso acarpetado, sentindo-se aliviada por não ver manchas de sangue.

LIVRO IX

A CLAREIRA NA MONTANHA

... O CORAÇÃO DA CLAREIRA, ONDE O GRANDE SEGREDO
JAZIA ENTERRADO.

83

— FÁCIL E AGRADÁVEL, agora. Este é um verdadeiro Duesie, trate-o com respeito.

— Um “dúzia”?

Dart revirou os olhos, e Nora saiu de ré perfeitamente da vaga no estacionamento, engatou uma primeira e rodou para a saída da Rua King.

— Um Duesie. Um Duesenberg, um dos maiores carros já fabricados. Um aristocrata. É realmente deliciosa a maneira como estas belezinhas me caem nas mãos, quando você está por perto.

Davey e os dois agentes do FBI estavam no centro de um grupo de policiais fardados, diante do hotel. Alguns dos homens olharam para o Duesenberg, quando Nora manobrou para a Main Street.

— As pessoas ficam tão ocupadas apreciando o carro, que não prestam a menor atenção em quem o está dirigindo.

Levada pelo hábito, Nora dobrou à direita, entrando na Main Street. Duas jovens de idade universitária cruzavam a Gothic Street, enquanto espiavam a passagem deles, com rostos sorridentes. Dart estava certo; as pessoas olhavam para o carro, não para as pessoas que se achavam dentro dele.

— Você teve tempo de considerar coisas, ver como é o mundo sem mim; portanto, tudo quanto precisa é de uma supervisão consistente, para logo retornarmos aos trilhos certos. Afinal, como

aprendeu a dirigir um carro com alavanca de mudança? A maioria das mulheres não faz a mais remota idéia do que seja isso.

— Aprendi a dirigir em uma velha *pick-up*. — Dart estava reclinado contra uma porta apainelada de noqueira, sorrindo afetadamente para Nora e acariciando a pistola que tirara do agente LeDonne. — Como foi que conseguiu este carro?

— Nora, a feiticeira... Se não fosse esta evidência de sua aptidão para acalmar a minha conversa, eu poderia ter tratado o seu momento de rebelião muito mais duramente. Entretanto, *ali estava você e ali estava o Duesie*. Kismet. Destino. Embora eu estivesse de olho no MG de seu amigo. Ele é um ex-tira?

— Ele é um ex-inúmeras coisas. — Nora olhou de relance para o sorriso torcido dele, não querendo deixá-lo perceber a sua angústia. — Inclusive um tira. Era o mordomo em “Os Álamos”.

— Um servo dedicado — disse Dart. — Profundamente leal à bem-amada do jovem lorde. Um flerte romântico, talvez?

— Não.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu. Uma fileira de pedestres passou pela frente do carro, apreciando o veículo.

— Nesta última noite, fiz algumas perguntas aos cidadãos locais. Um admirador de MGs tinha observado vocês dois e indicou-me o hotel. Lá, dei de frente com o carro em questão. Pensei em recolher seu amigo quando ele voltasse para apanhá-la esta manhã, porém você saiu e teve seu encontro com os donos anteriores do Duesie. A velha magia negra capturou-os em seus encantamentos, falei para mim mesmo. Lance um pouquinho de luz neste caso, Nora-docinho, conte-me o que disse para eles.

— Eu disse esperar que a esposa dele o matasse na cama, qualquer noite.

Dart latiu sua horrenda risada e bateu as pontas dos dedos contra o cano da arma, aplaudindo.

— Você deu uma injeção de coragem, feiticeira, uma injeção de coragem! Quando os dois chegaram à esquina, a velhota estava ganindo para ele. E quando você refugiou-se na frente do cinema, corri rua abaixo atrás dele, movido apenas pela confiança, sempre pela coisa adequada a fazer. Antes que eles avançassem dez metros, Douglas Fairbanks parou o carro, a fim de castigá-la. A velhota saiu do Duesie e afastou-se. Doug lançou-se atrás dela, tão furioso, que esqueceu as chaves. Ele trotava para alcançá-la, gritava com ela, mas de repente caiu — bang! — e lá ficou, espichado na calçada. Outra vítima de um casamento inconveniente. Entrei no Duesie e comecei a dirigi-lo. Passei bem ao lado do ajuntamento na calçada e... sabe de uma coisa? Acho que a velhota me viu. Aposto que experimentou um dos grandes momentos de sua vida. E quando Douglas Fairbanks acordar no hospital, dará uma espiada para os monitores à sua cabeceira, os tubos saindo de cada orifício de seu corpo, e perguntará: *O que aconteceu a meu carro?* Então, a velhota dirá: *Querido, fiquei preocupada demais com você, para pensar no Duesie.* Isto vai ser a coisa mais importante na vida dela, mas poderá ele criticá-la por deixar que roubassem o carro? Ele sentirá vontade de partir-lhe o coração em pedacinhos e fritá-lo em fogo aberto, mas, em vez disso, terá de ser grato a ela!

Dart sorriu para si mesmo.

— Às vezes, até duvido de mim mesmo. Às vezes, paro e me pergunto se estou errado e todas as outras pessoas é que estão

certas. Então, acontece algo como isto de hoje, e sei que posso relaxar. Os homens não passam de cães, mas as mulheres são leoas.

Ele esticou o braço por uma distância parecendo muito maior do que seria o caso em outro veículo, e deu um tapinha no joelho dela.

— Você, Nora, não passou ainda de uma leoa filhote, mas é um *grande* filhote, tendo crescido aos trancos e barrancos. Quando iniciamos nossa odisséia, você não sabia o suficiente para durar cinco minutos. Entretanto, após vinte e quatro horas aos pés do grande Dick Dart, é capaz de imaginar uma forma de ver o dr. Foil e Everett Tidy.

Nora parou o carro no sinal vermelho antes do campus da Smith na State Street, onde as costumeiras jovens de mochila nas costas e blue jeans lançaram ao Duesie os habituais olhares apreciativos.

— Achei que poderíamos sair de Massachusetts por umas duas noites e encontrar um bom motel em algum ponto do Maine. É o lugar mais seguro da América. Metade do Maine ainda nem ouviu falar em aparelhos de televisão. Eles continuam esperando para ver se aquele pouso na lua deu certo. — Dart abriu o porta-luvas. — Deve haver mapas por aqui. Esses caras ridículos, com medalhas em seus carros, sempre andam com um milhão de mapas. Acertou novamente, Dick! Sabíamos que podíamos contar com você!

O campus da Smith desenrolou-se no lado da janela de Dart. Nora deu uma espiada pela Green Street acima, e viu Jeffrey cruzando a calçada para seu carro, em largas passadas.

— Você consideraria outra possibilidade?

Ele virou o rosto para ela, enquanto folheava os mapas.

— Acha o Maine um tanto primitivo? Tenho uma idéia melhor. O Canadá. Não precisaremos de passaportes, eles apenas acenam, mandando a gente entrar ou sair de lá. Nossos encantadores primos do norte... As pessoas mais discretas deste mundo. Sabe o que diz um canadense quando você está prestes a matá-lo? "Posso palitar os dentes primeiro?"

— Tenho uma reserva para um dos chalés em Shorelands.

— Shorelands?! — exclamou Dart, deixando-se cair contra o banco de couro. — A idéia tem um decidido apelo. Prosseguindo com nossa busca original. Espero que tal reserva tenha sido feita em algum conveniente nome neutro.

— Sra. Norma Desmond.

— Excelente! Eu posso ser Norman Desmond. Meu personagem vai ganhando forma, já enquanto estamos falando. Norm, marido de Norma. Advogado durante o dia, e dedicado à palavra escrita durante a noite. Todos os meus papos com minhas queridas velhinhas foram muito úteis. De vez em quando recitarei alguns versos, para impressionar os imbecis guardiães da cultura. Não precisará ser Emily. Posso citar inúmeros outros idiotas também. Keats, Shelley, Gray... todos os grandes.

— Você pode fazer isso?

— Conforme lhe disse, assim que leio alguma coisa, ela me fica no cérebro para sempre. Com isso, ganhei umas duas apostas em bares, mas, depois de algum tempo, não encontrava mais ninguém que quisesse apostar como eu não conseguiria recitar "A uma cotovia", do princípio ao fim. Você quer ouvir?

— Sinceramente, não.

— Ainda bem. É horrível. Bem, você pretendia chegar lá sozinha? Em Shorelands?

— Jeffrey me levaria de carro e me deixaria lá.

Dart assentiu.

— Pare junto ao meio-fio, para que eu possa dar uma olhada em um destes mapas. Precisamos saber como chegar lá.

Nora parou o carro. Dart tirou da pilha um mapa dobrado.

— Muito bem, aqui está Lenox, e aqui estamos nós. Não há problema. Voltamos para a cidade, seguimos pela 9 o tempo todo até Pittsfield, e vamos para o sul pela 7. Enquanto rodamos, você pode me contar o que extraiu de Mark Foil e Everett Tidy. Antes disso, no entanto, explique por que decidiu ir até essa arruinada colônia literária. Documentos escondidos debaixo do assoalho? O rascunho de Katherine Mannheim para *Jornada na Noite* escondido num tronco de árvore?

— Eu quero ver onde eles todos se conheceram.

— E...?

— Conseguir uma idéia melhor da situação. Do *layout*.

— Encaixar as idas e vindas deles, esse tipo de coisa? E o que mais pretende?

Nora recordou os rapazes que arrumavam o terraço, à luz pálida da manhã... recordou Helen Day.

— Achei que talvez pudesse falar com algumas das empregadas.

— Você me confunde.

— Alguns dos antigos empregados continuam lá. Noites atrás, percebi que os empregados sabem tudo. Como aqueles rapazes sobre os quais me falou, os que trabalham no Iate Clube.

— Fico muitíssimo lisonjeado, porém a harpia que mudou os lençóis de Hugo Driver há cinqüenta e cinco anos, provavelmente ignora o que ele escreveu ou não escreveu, mesmo que ela ainda esteja viva.

— Katherine Mannheim não escreveu *Jornada na Noite*. A questão não é mais essa.

Dart aceitou a idéia. Disse:

— Então, por que Alden Chancel não disse às velhotas que enfiassem seu processo na velha válvula anal? Ele poderia ter mandado o advogado delas para o inferno, desde o início, mas, no entanto, colocou a firma Dart, Morris no caso. Se a razão estava do lado dele, por que gastar desnecessariamente com sua firma de advocacia?

Nora recordou como se sentira ao ver Davey no terraço do hotel com seus novos amigos — o sr. Hashim e o sr. Shull. Dart ia adorar o que estava prestes a dizer-lhe.

— Alden não quer que ninguém questione a autoria de Driver no tocante a seus livros. Este é um ponto sensível.

Dart ficou imediatamente atento.

— Continue falando. É sério. Fale.

— Os romances de horror não foram os primeiros livros que Daisy escreveu para Alden, sob um falso nome. O outro nome que ela usou foi Hugo Driver.

Dart pestanejou, depois deu uma risada.

— Aquela velha balofa e bêbada escreveu *Jornada na Noite*?

— Por um segundo, ele foi o homem atraente que teria sido, caso não fosse Dick Dart. Tornando a rir, exclamou: — Não é de admirar

que Alden se livrasse do manuscrito! Não, não pode ser. Ela é jovem demais. Você está montando o cavalo errado, garotinha.

— Ela não escreveu o livro bom — disse Nora. — Escreveu os outros dois.

Dart abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa. Depois a contemplou com um ar de pura e apreciativa surpresa.

— Bravo! Eles foram publicados nos anos sessenta. Como foi que você descobriu?

— A gente jamais perceberia, a menos que fizesse uma comparação entre os livros de Driver e os romances de horror de Daisy. Feito isto, o resto salta aos olhos. Daisy tem certas expressões habituais, que usa constantemente. Nunca houve qualquer motivo para alguém ler os livros de horror que ela escreveu, cotejando-os com os dois últimos escritos por Driver, de maneira que não se chegou a perceber o estilo.

Dart sorriu.

— Odeio poesia, mas adoro justiça poética. Uma vez que alguém comece a questionar Hugo Driver, tudo dele fica ao alcance de qualquer um. Eis o *motivo* dele ter chamado o meu velho. — Dart bateu o cano da arma contra os lábios, suavemente. — Se Driver escreveu *Jornada na Noite*, por que cedeu os direitos autorais para Lincoln Chancel?

— Penso que em Shorelands aconteceu algo do conhecimento apenas deles dois. Quando voltaram de lá, eles ficaram sócios. Inclusive, Chancel hospedou Driver para pernoitar em “Os Álamos”, umas duas vezes. Normalmente, ele não se daria ao trabalho de cuspir em um sujeito astuto como Hugo Driver, mesmo que este lhe rendesse um bocado de dinheiro.

— Então”, Driver sabia de algo contra ele.

— Ou Lincoln sabia de algo contra Driver. E queria ter certeza de que Driver não o esqueceria.

— Só poderia ser uma coisa — disse Dart. — Diga-me o que é. Sem medo de errar. Eu lhe farei um grande favor.

— Hugo Driver matou Katherine Mannheim. Talvez não tivesse tal intenção, mas o caso é que a matou, e Lincoln Chancel sabia. Chancel ajudou-o a esconder o corpo na floresta. Depois disso, Driver ficou em poder dele para sempre.

Dart assentiu.

— Um homem desesperado atua em desespero. Por quê? O que teria acontecido?

— Certo dia, Bill Tidy surpreendeu Driver fazendo algo incorreto com a bolsa de Katherine. Talvez roubasse um bloco de anotações e nele descobrisse o suficiente para perceber que, a fim de sair do buraco em que se encontrava, bastaria conseguir um pouco mais da história. Driver era um ladrão; fez o que lhe era natural: roubou as idéias de Katherine. Talvez tenha invadido o chalé Pão de Mel em busca de mais material, e Katherine o pegou em flagrante. Ela lhe teria dito algo ferino, pois era boa nisso, você acabaria gostando dela. Talvez ele a tenha espancado. Seja lá o que fez, ela acabou morrendo. Driver não era impiedoso o bastante para ser um assassino, como Lincoln Chancel.

Outro pensamento surgiu na mente de Nora.

— Deve ter sido praticamente algo semelhante. Ela jamais convidaria Driver a entrar no Pão de Mel, mas ele estava lá dentro, porque usou no livro uma fotografia que ela mantinha em cima de sua mesa de trabalho.

Dart sorriu para o teto do carro e cantarolou baixinho uns poucos compassos de “Maravilhoso demais para ser dito”. Seu sorriso ampliou-se.

— Faça este calhambeque dar meia-volta e pegue a 9. Acabei de ter uma idéia particularmente espetacular.

— Você não disse algo sobre um favor?

— Acho que disse. Isto vai significar muito para você. Nora olhou brevemente para o rosto satisfeito dele.

— Tempo virá em que não terei alternativa senão matá-la, mas farei isso rapidamente. Não me seduz um sacrifício a esta altura, porém garanto que você não sofrerá.

— Você é um sujeito e tanto, não é mesmo, Dick?

— Sou capaz de morrer por meus amigos — replicou ele.

84

QUANDO CHEGARAM a Pittsfield, Dart aferrou a mão no cotovelo dela e a guiou através de lojas, nas quais comprou apetrechos para fazer a barba, uma escova de dentes, uma lustrosa gravata de seda, cuecas e meias chegando acima da batata da perna. Fora da cidade, ele lhe disse que parasse em um posto de gasolina e a puxou para o banheiro dos homens. Nora desviou os olhos, enquanto ele enchia o cubículo ladrilhado com um fino e pulverizado jato de urina.

— Se carros usassem mijo como combustível, eu seria uma fonte nacional. — Dart tirou o boné e inclinou-se sobre a pia, a fim de inspecionar a atadura em torno dos lados de sua cabeça. — Corte isso fora.

Nora encontrou a tesoura e trabalhou com a extremidade de uma lâmina sob a camada superior da atadura. Logo estava desenrolando a comprida tira branca que envolvia a cabeça dele.

— Quem fez o curativo para você?

Ele a fitou com um olhar carregado de ironia.

Quando o último pedaço da atadura foi removido, Dart balançou a cabeça e tateou os cabelos com os dedos, enquanto perscrutava-se no espelho.

— Que dupla de “galos” para uma alma aventureira, hein? Doeu um bocado na hora, se quer saber. Tenho a nítida recordação da dor. Jatos de luz por trás de meus olhos. Foi a segunda maior dor de cabeça de minha vida.

— E qual foi a primeira?

Dart baixou a mão, e seus olhos subitamente inexpressivos encontraram os dela no espelho. Nora gelou, no pequeno e abafado banheiro.

— Devo agradecer a Popsie Jennings. A velha puta me deu uma pancada e tanto com seu atizador. Ainda me dói, bem mais do que qualquer dos galos que você me fez. — Desviando os olhos, ele bateu um ponto atrás da cabeça. — Preciso fazer a barba, escovar os dentes, tornar-me apresentável para Shorelands. Como é mesmo o meu nome?

Nora levou um momento para entender o que ele perguntara.

— Norm. Norm Desmond.

Dart sorriu para ela e, de um saco de papel, tirou o aparelho de barba e o creme de barbear.

— Esta noite, a sra. Desmond vai proporcionar ao sr. Desmond um prazer conjugal particularmente delicioso. Pelo menos, duas vezes. Você tem de pagar sua dívida. — Ele molhou os dedos e começou a deslizar o aparelho de barba no lado direito do rosto, de cima para baixo. — Você quer falar com as velhas damas, certo? Quer conquistá-las, extrair-lhes informações?

— Exatamente.

— Façamos isso da maneira mais rápida. Encha de medo a cachola de alguma velha dama, e ela cuspirá tudo o que sabe. Você já fez isso com Natalie Weil, por isso, não será difícil repetir a dose.

Nora o ficou olhando barbear-se. Ao contrário de qualquer outro homem que conheceria, Dart limpava uma área da espuma e restos de barba, para então tornar a passar o aparelho de barba no mesmo trecho de pele, mas em direção oposta. Com efeito, barbeava-se duas vezes.

— Você quer que eu rapte uma das empregadas.

— Amarre-a, amedronte-a, faça o que for preciso, mas tire-a da casa e a coloque dentro do carro. Seja lá o que ela disser, depois eu a matarei. Será interessante. Há muito divertimento em uma velha senhora. — Ele abriu os braços, salpicando espuma nos ladrilhos. — Darei a mim mesmo o Prêmio Dick Dart por Façanha Extraordinária em Julgamento Deturpado. Serei o seu grupo de apoio, fornecerei a você toda a ajuda necessária para fazer a sua parte. — Ele terminou de barbear o rosto, lavou o aparelho de barba e começou no pescoço. — Depois disso, teremos de confiar um no outro. Seremos eu e você, gatinha, o Dream Team. Após o primeiro assassinato, os tiras não se preocupam mais com quantos outros você comete. Nos estados em que existe pena de morte, eles não o trazem de volta para ser executado vezes sem conta. Isso mostra o quanto estão de saco cheio, o pouco valor que dão à vida.

Ele passou o aparelho sobre alguns trechos de espuma, inverteu a direção e barbeou os mesmos pontos novamente. Depois lavou o rosto com água fria e estendeu a mão para pegar um punhado de toalhas de papel.

— Caso a pergunta não o incomode, como você acha que terminaremos?

Dart enxugou o rosto, jogou ao chão as toalhas usadas e ficou meditativo por um instante, antes de tirar do envoltório a escova de dentes nova. Quebrou o plástico transparente ao meio e o jogou de lado.

— Pasta de dentes.

Nora remexeu em sua bolsa e encontrou seu próprio tubo de pasta dental.

— E então?

— Estradas bloqueadas. Um milhão de tiras e nós. Ei, se chegarmos ao Canadá, poderemos ter um ano inteiro. A questão essencial é não permitirmos, em quaisquer circunstâncias, que tornem a prender-nos. Já fugimos de uma prisão, e não queremos ser jogados em outra. Seremos livres ou morreremos!

Inclinando-se para diante, ele começou a escovar os dentes.

85

APÓS A PLACA DE BRONZE dizendo FUNDAÇÃO SHORELANDS, eles passaram a rodar por entre altos pilares de pedra, rumando para um emaranhado de verdura.

— Os tambores, os malditos tambores — salmodiou Dart —, será que eles nunca vão parar, Carruthers?

Com árvores amontoadas nas duas margens, o caminho dobrava para a direita e desaparecia. Nora chegou à curva e viu que a estrada se dividia ante um poste indicador de madeira, fincado em uma franja de terreno relvado. Uma das tabuletas do poste indicador apontava para a esquerda, a outra para a direita, onde havia um campo lamacento. Quando chegaram mais perto, as palavras ficaram legíveis. CASA PRINCIPAL. PÃO DE MEL. CASA DO MEL. POTE DE PIMENTA. RAPUNZEL. CASA DOS TREVOS. VALE DE GLEN & OS PILARES CANTANTES. CAMPO NEVOENTO. Todos eles situavam-se em algum ponto da trilha do lado esquerdo. ESTACIONAMENTO DE VISITANTES apontava para o campo.

Nora rodou para fora do matagal e dobrou à direita. Um homem em roupas cáqui de trabalho ergueu-se de uma cadeira de jardim, perto de um *trailer* sobre uma plataforma cimentada, e aproximou-se, admirando o carro.

— Que beleza! — exclamou. — Deus Todo-poderoso!

O homem tinha bochechas enrugadas e olhinhos brilhantes. Dart deu uma risadinha abafada.

— Nós gostamos dele — disse Nora, fitando Dart de maneira brusca.

O homem recuou e passou a língua pelos lábios.

— Hoje em dia não fabricam mais belezinhas como esta.

— Pode apostar que não, papai — disse Dart.

O homem olhou de relance para Dart e decidiu fingir que ele não estava ali.

— Madame, se está aqui para um dia de visita, a entrada custa dez dólares. Se for hóspede por uma noite apenas, basta rodar até aquele estacionamento e registrar-se na Casa Principal, depois que eu encontrar seu nome na lista.

— Nós vamos passar a noite. Sr. e sra. Desmond.

— Volto num instante — disse o homem, lançando outro rápido olhar para o carro e entrando no *trailer*.

— Ele cumpriu uma pena leve, mas não por algo interessante — disse Dart.

— Você não pode ter certeza.

— Espere só!

O homem tornou a sair de seu *trailer*, com uma prancheta da qual pendia uma caneta presa por um barbante. Passou-a pela janela do carro e apontou para um espaço em branco num formulário.

— Basta assinar aqui, sra. Desmond. Espero que aprecie sua estada em Shorelands.

Dart inclinou-se para o homem, com um sorriso maligno.

— Por que eles o trancafiaram, veterano?

— Como disse?

— Esfaqueou um sujeito em um bar ou foi algo como roubar tijolos de uma construção em andamento?

Nora entregou a prancheta.

— Peço desculpas por meu marido. Ele se acha um comediante.

— Nem todos os comediantes são engraçados.

O rosto do homem havia ficado rígido e a luz lhe desaparecera dos olhos. Agarrando a prancheta, cruzou a plataforma de cimento em passos fortes, subiu em seu *trailer* e bateu a porta.

— Isto talvez o surpreenda — disse Nora — mas você tem uma desagradável característica.

— Agora, você quer apostar como não sei “A uma cotovia”, do começo ao fim?

O terreno afundou sob os enormes pneus do Duesenberg.

— Não — respondeu ela.

— E que tal cada terceira palavra? Ligeiramente melhorada e burilada para aumentar o efeito?

— Não.

Ela freou o carro em um ponto no extremo direito do campo.

— Que pena! Fica muito melhor à minha maneira...

Tu, pássaro, foste —

Celestial, em copioso e impremeditado apogeu

De ti destila um fogo. Intenso, e silente, e por demais

canoro.

Há muitas maneiras da gente ser um gênio. Acho que aqui me sentirei inteiramente em casa.

Nora começou a caminhar pelo campo, pisando no chão lamacento. Disse:

— Não estou certa de que fosse obra de um gênio ter escolhido este carro.

Dart emparelhou com ela.

— Depois que você fizer sua cena de rapto, encontraremos um outro carro. Nesse meio tempo, no estado inteiro não existe um lugar mais seguro para o Duesie do que este aqui. Foi uma idéia *brilhante!*

Nora contornou uma poça enlameada e, com o coração oprimido, percebeu que havia trazido aquele demente para um cercadinho de bebê. Depois que a administração de Shorelands decidira alugar chalés, eles certamente os tinham provido de telefones. Dart não poderia vigiá-la a cada minuto; a esta altura, ele nem mesmo achava que deveria ficar atento — os dois eram parceiros. Assim que fosse possível, ela chamaria a polícia local e fugiria para a floresta.

O caminho que conduzia ao centro de Shorelands estava cheio de compridos e finos bolsões de água, cujos trechos mais altos reluziam de umidade. Devia ter chovido em algum momento durante a noite. Enquanto as ruas e rodovias tinham secado ao sol, o terreno aberto continuava molhado. Nora olhou para cima. Nuvens carregadas percorriam um céu sarapintado.

— Vai ser bom para nós dois — disse Dart.

— Tente imaginar como me sinto — replicou Nora.

Seus saltos baixos afundaram na terra, e ela se moveu para uma orla molhada, mas pedregosa. As árvores de cada lado pareciam fechar-se sobre eles. Dart começou a cantarolar "Montanha verdejante". Por fim, eles saíram do meio do arvoredo e caminharam para um pátio coberto de cascalho, circundado por um muro baixo de pedras e encimado por lajes de cimento. O muro dava passagem para um caminho branco entre dois trechos gramados estreitos; esse caminho então subia quatro largos degraus de pedra que conduziam à peça central desta paisagem: um comprido edifício de pedras com três filas de janelas em molduras de cimento, algumas ostentando manchas de água gotejante, parecidas com longas barbas. Em cada segunda janela, a fachada avançava para diante, de maneira que a estrutura dava a impressão de estender as asas e desdobrá-las a partir da entrada. Perto do extremo oposto um trabalhador, parado na metade de uma alta escada de mão, raspava um trecho de tinta descascada, enquanto outro reparava um peitoril rachado no andar térreo. Dick Dart enfiou o braço no de Nora e a guiou para a entrada da Casa Principal.

HOMENS E MULHERES de cabelos brancos permaneciam no interior de uma loja de presentes, do outro lado de uma porta negra com a inscrição ENTRADA PERMITIDA SOMENTE A FUNCIONÁRIOS. Mais além, degraus de mármore subiam para um amplo corredor com altas paredes cor de pêssego, interrompidas por lustrosas meias colunas de gesso. No grande saguão do outro lado do corredor, um grupo de cerca de vinte pessoas, mulheres em sua maioria, estava atento ao que dizia um guia invisível. Portas francesas abriam-se para um terraço. Dart guiou Nora pelos degraus. No extremo esquerdo do corredor, um punhado de turistas emergiu de uma sala da frente, na Casa Principal, seguindo uma mulher pequenina e de cabelos brancos, a qual entrou em outra sala, no lado contrário do corredor. À direita deles, uma escadaria encurvada passava por uma galeria de pinturas, antes de chegar ao segundo andar. Nora pensou em gritar por socorro, as palavras amontoaram-se em sua garganta, mas percebeu que, se as soltasse, Dart puxaria o revólver do bolso e mataria o maior número de pessoas que lhe fosse possível. O grupo no saguão começou a arrastar os pés atrás da guia, todos cruzando um arco interno, no lado mais distante da lareira.

Dart virou-se para admirar as palmas e arabescos de gesso que salpicavam o teto cilíndrico e abobadado do recinto.

— Ao diabo com o bloqueio nas estradas e a morte violenta. Vamos ficar aqui por algum tempo e depois ligo para meu velho, pedindo uns dois milhões de dólares. Iremos para o Canadá e lá

compraremos uma propriedade como esta. Colocarei um par de escadas ocultas, o mais moderno cinema em funcionamento que existir e uma grande fornalha a gás no porão. Vai ser um barato!

A guia baixinha e de cabelos brancos levou seu grupo para a grande sala no lado contrário do corredor, e estendeu os braços.

— E aqui temos o famoso saguão, onde se reuniam os hóspedes da srta. Weatherall para coquetéis e troca de idéias, antes da refeição da noite. Se estão desejando poder ouvi-los, eu lhes contarei uma coisa que foi dita neste aposento. T. S. Eliot virou-se para a srta. Weatherall e cochichou, “Minha cara, devo dizer-lhe que...”

Em voz firme, Dart anunciou:

— O presunçoso Eliot ficou aqui exatamente dois dias, e tudo quanto fez foi queixar-se de má digestão.

A maioria dos turistas, até então ouvindo atentamente as palavras da guia, virou-se a fim de olhar para Dart.

— “*A procriação da terra e a carregada primavera, nós, terra, neve, vida, tubérculos.*” Cada terceira palavra do início de “A terra devastada”, com certos ajustes e burilagens para efeito poético, “*Nós, a chuvarada; nós fomos a luz do sol. Café Hofgarten.*” Diabo, fica um bocado mais vigoroso, não? O meu “Prufrock” — “A canção de amor de Alfred Prufrock” — fica ainda melhor.

A guia tentava impelir seu rebanho para a sala vizinha.

— Você consegue fazer isso com tudo? — perguntou Nora.

— Com tudo. “*Vá, e a amplitude, o paciente com; Deixe passar murmurantes, inquietos hotéis, restaurantes, insidiosos casulos. Leve um... Oh, peça-o.*”

Uma voz atrás deles perguntou:

— O senhor é poeta?

Uma mulher alta, já no final da casa dos vinte, o rosto salpicado de sardas e os cabelos louros-morango caindo retos sobre os ombros, permanecia ereta atrás deles, com um pé no topo do degrau. Usava um singelo conjunto não totalmente branco e era interessante. Dart sorriu para ela.

— Que embaraçoso! Sim, espero que possa reivindicar essa honra.

A jovem aproximou-se deles, estendendo uma mão inteiramente sardenta.

— Sr. e sra. Desmond?

Dart tomou-lhe a mão entre as suas.

— Eu lhe direi, se me disser o seu nome.

— Marian Cullinan. Uma das minhas incumbências aqui é cuidar dos Serviços de Hóspedes. Tony comunicou-me a chegada de ambos e lamento estar atrasada, mas tinha que resolver algumas coisas em minha sala de trabalho. — Dart soltou-lhe a mão. — Espero que não tenham tido dificuldade para encontrar-nos.

— Absolutamente nenhuma — ronronou Dart.

— Ótimo. E, por favor, não se constranja porque o inspiramos a pensar em seu trabalho. Gostaríamos de produzir o mesmo efeito em todos os escritores que nos visitam. Tem trabalhos publicados, sr. Desmond?

— Fico feliz em dizer que sim. Não muitos.

— Maravilhoso! — exclamou Marian. — Onde? Eu devia conhecer seu nome. Esforço-me ao máximo para ficar atualizada a respeito de pessoas como o senhor, para a nossa série de leituras recomendadas.

Dart olhou de relance para Nora e exibiu a Marian uma expressão tímida, recatada.

— Oh, aqui e ali...

— Não pode eximir-se desta maneira! Estou interessada em poesia contemporânea. Aposto como sua esposa me contará onde o senhor publicou seu trabalho.

Nora esforçou-se por recordar o título das revistas que havia sobre a mesinha de centro de Mark Foil.

— Vejamos... Ele tem publicado numerosas peças em *Avec* e *Conjunções*. Também em *Lingo*.

— Muito bem! — Marian ergueu os olhos para Dick Dart com um súbito aumento de interesse e respeito. — Estou impressionada. Pensei que o senhor fosse um poeta idiomático. Eu adoraria fazer-lhe mil perguntas, porém não desejo ser rude.

— Poderia ser agradável — replicou Dart. — De um modo geral, os poetas não atraem muita atenção.

— Por aqui é diferente. Tomaremos providências para que o senhor receba um tratamento VIP. Quando bons escritores nos dão a honra de sua visita, gostamos de estender nossa hospitalidade um pouco além da oferecida ao hóspede comum.

— Não é formidável como as coisas se resolvem? — exclamou Dart, fitando Nora com olhos que dançavam.

— Isto é *maravilhoso*! Posso mostrar-lhe o arquivo de fotos da srta. Weatherall, seus papéis particulares, na realidade, nada que o senhor se preocupasse em ver, e esta noite poderá jantar no refeitório com a sra. Margaret Nolan, a diretora da fundação, e eu. Seria esplêndido para nós. Teremos um excelente jantar, e fazemos isto para nossos hóspedes literários, oferecendo algo do cardápio

original de Shorelands. Eu e Margaret adoramos a oportunidade de recriar o ambiente antigo. O senhor aceitaria?

— Será uma honra para mim — respondeu Dart.

— Margaret ficará felicíssima. — Marian dava a impressão de querer abraçar Dart. — Bem, será melhor providenciarmos o preenchimento de alguns papéis, a fim de que eu possa começar a tomar minhas providências extras. Poderia vir até meu gabinete?

— Coloco-me em suas sardentas mãozinhas — disse Dart.

Ela o fitou de relance com certa incerteza, antes de decidir que era jocoso o que ele havia dito.

— Minhas sardas costumavam deixar-me inibida, porém deixei de pensar nelas. Confesso que por vezes bem gostaria de disfarçá-las, se encontrasse um cosmético que fizesse efeito.

— Eu poderia ajudá-la nesse sentido — disse Dart. — Não há nenhum problema, em absoluto.

— Está falando sério?

Dart deu de ombros e assentiu. A jovem olhou para Nora.

— Ele fala sério mesmo — disse Nora.

— Os artistas são tão... *extraordinários!*. Tão... *inesperados!*.

— Mantenho um pouco mais de contato com meu lado feminino do que o indivíduo mediano — explicou Dart.

Marian conduziu-os pela porta marcada PRIVATIVO, no fim de um corredor funcional, em direção a uma segunda porta sem marcas. Passaram por ela para uma pequenina sala, com uma janela sobre a entrada.

A fotografia de um jovem soldado fardado tinha sido presa ao quadro de avisos. Marian moveu-se para o outro lado da secretária, tirou um formulário da gaveta de cima, e sorriu para Dart.

— Sr. Desmond, como suponho que irá preencher isto, talvez fosse melhor sentar-se, não? Eu desejaria ter duas cadeiras, mas, como podem ver, aqui dentro não há espaço.

Dart examinou o formulário. Sorrindo, apanhou uma caneta em cima da mesa e começou a escrever. Marian olhou radiosamente para Nora.

— Agora que sei quem são, fico feliz por termos colocado a senhora e o sr. Desmond no chalé Pote de Pimenta. Foi nele que Robert Frost ficou, quando foi hóspede da srta. Weatherall, em 1932.

— E onde Merrick Favor e Austryn Fain ficaram, em 1938.

Marian ergueu o queixo, e seus cabelos deslizaram para a nuca. Se o poético sr. Desmond apreciava sardas, ela pretendia dar-lhe uma boa visão das mesmas.

— Penso que não conheço esses nomes.

— Minha esposa tem um interesse especial pelo verão de 1938.

Dart sorriu ao falar, como se sugerisse ser natural que esposas tivessem seus pontos fracos, e Marian correspondeu ao sorriso, em indulgente compreensão.

— Veremos o que é possível fazermos para ajudá-la. — Ela leu o que Dart havia escrito no formulário. — Oh, mas que interessante! Seus nomes são Norma e Norman!

— A poesia idiomática ataca novamente.

Marian sorriu e sacudiu a cabeça com um jeito flertista. Norman Desmond era um folgazão.

— Temos um *tour* que começará dentro de quarenta minutos, o que lhes dará tempo de sobra para que se instalem. Depois disso,

eu os levarei a partes da casa que normalmente não são exibidas. Em realidade não somos um hotel, de maneira que não podemos proporcionar camareiros ou serviço de copa, mas se tiverem quaisquer necessidades especiais, farei o possível para atendê-los.

Dart virou-se para Nora, com um sorriso lamentoso.

— Vamos ter de contar a ela, Norma.

Nora não fazia a menor idéia do que ele imaginava terem de contar para Marian Cullinan.

— É, acho que temos.

— A verdade é que estamos sem nossas malas. Foram roubadas de nosso carro quando fizemos uma parada de descanso, esta manhã. Temos apenas o que está dentro da bolsa de Norma e as roupas que vestimos.

Marian pareceu abalada com a idéia.

— Oh, mas isso é terrível! — Ela arrancou uma página de um bloco de folhas amarelas. — Falarei a Tony que traga da cidade escovas de dentes e pastas dentais, além do que necessitarem mais. Um aparelho de barba? Creme de barbear? Digam-me de que precisam.

— Muito obrigado, mas temos todos os artigos de toalete necessários. Entretanto, estamos em falta de outras coisas e eu ficaria grato se as providenciasse para nós.

— É só dizer — respondeu Marian.

— Gostamos de um último drinque, antes de irmos para a cama. Seu empregado poderia trazer-nos um litro de vodca "Absolut"? Também seria interessante um balde com gelo, para acompanhar a bebida.

— Parece-me razoável. — Marion escreveu. — Mais alguma coisa?

— Eu gostaria de outros dois itens, porém não desejo que os ache estranhos.

Ela ficou com a caneta no ar.

— Cerca de três metros e meio de fio para varal e um rolo de esparadrapo.

Marian ergueu os olhos, a fim de ver se aquela não era mais uma das piadinhas do hóspede.

— Não precisa ser fio para varal — disse Dart. — Qualquer corda lisa, com meio centímetro de diâmetro, está ótima.

— Nosso prazer é servi-lo — disse ela, anotando os pedidos dele. — Temos muitas cordas enroladas no banheiro, depois do corredor. Os operários as guardam lá, embora eu já tenha pedido e pedido...

— São bastante ásperas — disse Dart.

— Eu poderia perguntar-lhe...?

— Suprimentos médicos — respondeu ele. — Trabalho de reparação.

— Creio não ter enten...

Ele deu um tapinha no joelho direito.

— Infelizmente, esta não é a perna com que nasci.

— *Perdoe-me!* Encontrará tudo em seu quarto, ao terminarem o *tour*. — Ela pareceu novamente abalada. — A menos que o senhor precise do material imediatamente.

— Não há pressa. A velha articulação esteve treinando demais e ficou um pouco frouxa, algo bamba, e quero enrijecê-la mais tarde.

— Sem dúvida. E a senhora, sra. Desmond? Há algo que eu possa fazer pela senhora? Espero poder chamá-la de Norma — disse Marian, depois observando Nora mais de perto. — A senhora está bem?

— Algumas das pessoas que estavam em Shorelands no final dos anos trinta continuam aqui? Se continuam, eu gostaria de falar-lhes.

Marian ofereceu um radioso sorriso.

— Lily Melville é como se fizesse parte dos “móveis e utensílios” daqui, e foi camareira naquele tempo. Quando a fundação entrou em existência, ela foi tão prestimosa que a transferimos para a equipe de funcionários. Talvez a tenham visto guiando um grupo através do saguão.

— De cabelos brancos? Um metro e cinqüenta e sete? Usando um colar de pérolas rosadas cultivadas, uma imitação de Geoffrey Beene?

— Sim, isso mesmo! — exclamou ela, encantada com Dart. — Sr. Norman, é um homem incrível!

— Ela me pareceu uma doce criaturinha — disse Dart.

— Bem, ela vai ficar fascinada pelo senhor, mas não a deixe saber que o colar não é um Geoffrey Beene verdadeiro.

Dart levantou a mão, como se fizesse um juramento. Nora interrompeu o diálogo.

— Lily Melville é a única pessoa que sobrou daquela época?

— Também temos conosco uma antiga camareira, Agnes Brotherhood. Anda adoentada ultimamente, mas pode ser possível que fale com ela.

— Eu gostaria muito — disse Nora.

— Hugo Driver — disse Marian, apontando para ela. — Eu *sabia* que havia algo sobre 1938! Então, a senhora é uma admiradora de Hugo Driver... — A funcionária sorriu, de uma forma que talvez não fosse inteiramente agradável. — Não temos tido tanto contato com os fãs de Driver, como seria de esperar. Como de praxe, eles tendem a não ser muito parecidos com os leitores comuns.

— Não sou apenas admiradora de Driver — declarou Nora. — Também aprecio Bill Tidy, Creeley Monk e Katherine Mannheim.

Marian envolveu-a em um olhar duvidoso.

— Um grupo fascinante — disse Dart. — Classe de 1938. Possui um interesse tremendo para Norma.

— Está envolvida em algum projeto de pesquisa?

— Segundo Norma — disse Dart — *Jornada na Noite* não existiria se não houvesse a experiência de Shorelands. Foi algo essencial ao desenvolvimento do livro.

— Oh, mas isto é muitíssimo interessante! — exclamou Marian, recostando-se em sua cadeira e dobrando as mãos diante do queixo. — Em vista da popularidade de Driver, devíamos estar trabalhando mais o nome dele, de algum modo. E se pudermos afirmar que Shorelands e estas pessoas que mencionou foram uma espécie de mola propulsora para *Jornada na Noite*, aí temos a forma de como fazê-lo! — Ela coçou o contorno perfeito do queixo e espiou pela janela, refletindo. — Posso ver um artigo na revista dominical do *Times*. Posso também ver algo na crítica de livros. Se conseguirmos isso, programaremos fins de semana de Hugo Driver. Que tal uma conferência Driver anual? Poderia funcionar. Terei de levar o assunto à atenção de Margaret, mas estou certa de que ela

perceberá o potencial que encerra. Para lhes ser franca, o comparecimento de interessados tem sido pequeno ultimamente, de maneira que isto poderia movimentar as coisas à nossa volta.

— Tenho certeza de que Leonard Gimmel e Teddy Brunhoven ficariam encantados em participar — disse Nora.

Marian virou-se para ela e ergueu as sobrancelhas.

— São eruditos em Driver — explicou Nora.

— Com sorte, poderemos ter tudo providenciado na próxima primavera. O que acham de discutirmos estes assuntos com Margaret, durante o jantar? Bem, o preço de suas acomodações fica em noventa e seis dólares e vinte, imposto incluído. Se me derem um cartão, já podem ir caminhando para o chalé Pote de Pimenta.

— Sempre usamos dinheiro vivo — disse Dart. — Pagamento na hora.

— *Isso é* tranquilizador.

Marian viu Dart tirar a carteira do bolso da calça e maravilhou-se com a quantidade de notas que ela continha. Fez o troco com dinheiro retirado de uma caixa com tal finalidade, e entregou a ele duas chaves às quais estavam presas tabuletas de madeira com a inscrição POTE DE PIMENTA.

— Encontrarão Lily ao lado do saguão, e eu os estarei esperando, quando o *tour* acabar. Acho que todos nos divertiremos muito, enquanto estiverem conosco.

— São exatamente os meus planos — replicou Dart.

— EU DEVIA ter-me tornado poeta há muito tempo atrás. Se a esposa não estivesse presente, eu transaria com nossa nova amiga bem ali, dentro de sua sala de trabalho.

— Você causou uma forte impressão nela — comentou Nora.

— Aposto que a Donzela Marian tem sardas nas axilas. Sem a menor dúvida é sardenta no alto das tetas, mas você acha que também nas regiões inferiores?

— Ela provavelmente tem sardas até nas solas dos pés.

Eles haviam deixado a Casa Principal pela porta da frente e caminhavam na aléia que se internava no matagal, partindo do extremo oposto do pátio murado. Altos carvalhos, intercalados por vidoeiros e bordos, cresciam em cada margem da aléia. Um sinalizador em uma dobra do muro apontava para PÃO DE MEL, POTE DE PIMENTA e RAPUNZEL.

— Não é maravilhoso como tudo se encaixa no lugar, quando estamos juntos? Surgimos como palermas comuns, e dois minutos mais tarde já somos VIPs. Ficamos donos do lugar, por assim dizer, e, para cúmulo, eles nos oferecerão um dos históricos jantares de tempos passados em Shorelands. Você entende por quê?

— Marian acha que você é material quente.

— Não, o motivo não é esse. Aqui temos esta enorme propriedade, com quatro ou cinco pessoas morando nela em caráter permanente. Noite após noite, elas tomam sopa e comem sanduíches na cozinha, uma se queixando para as outras dos

tempos difíceis que os negócios enfrentam. Quando surge alguém que podem considerar um VIP, surge também o pretexto para uma refeição decente. Essa gente está sequiosa por um pouco de excitação. Nesse ínterim, observaremos quantas pessoas há na casa, descobriremos onde ficam seus quartos, enfim, checaremos o lugar. Não poderia ser melhor!

Outro indicador de madeira apareceu no lado esquerdo da aléia. Uma flecha marrom apontava para uma estreita alameda que conduzia ao chalé PÃO DE MEL. Nora espiou por sobre o ombro.

— Eu gostaria que você não tivesse pedido a corda e o esparadrapo. Não há necessidade dessas coisas.

— Pelo contrário. Vou precisar delas duas vezes.

Chegaram ao pé do poste indicador. Nora olhou à esquerda, e divisou as vagas formas de uma acinzentada construção de madeira, oculta no meio das árvores. Uma janela cintilou à claridade cinza do dia.

— Duas vezes?

A boca de Dart contorceu-se.

— No seu caso, talvez dispensemos o esparadrapo. Entretanto, a nossa querida velhinha é outro assunto. A restrição física acrescenta muita coisa ao efeito final. Qual delas você escolhe, Lily ou Agnes?

Nora não respondeu.

— Gosto do som de Agnes. Há o toque da invalidez, o que anula uma disputa. Estou pensando nos seus melhores interesses, querida.

— É muito gentil de sua parte.

— Bem, vamos apinhar-nos no caro e velho Saleiro, Moedor de Pimenta ou seja lá como se chame o tal chalé.

Calada, Nora desviou-se de Pão de Mel, onde Katherine Mannheim provavelmente morrera ao lutar com Hugo Driver, e começou a mover-se para a margem da alameda. Dart deu-lhe um tapinha no ombro, e ela procurou conter o impulso de fugir àquele contato.

— Você se sairá maravilhosamente bem — disse ele, desmanchando-lhe os cabelos atrás da cabeça.

A alameda contornou uma enorme pedra arredondada pela erosão, do tamanho de um elefante, com um tapete de musgo cobrindo-lhe as ancas roliças. No outro lado da alameda, um sinalizador duplo, seu poste plantado na orla das árvores, indicava que RAPUNZEL ficava além de uma ponte de madeira que se arqueava sobre um estreito riacho, e POTE DE PIMENTA no final de uma trilha apertada, levando à floresta à direita deles.

Dart deu um salto perfeito sobre um metro de lama reluzente e alcançou uma rocha achatada, de onde passou para a margem relvada. Ele sacudiu as pesadas chaves no ar.

— Lar, doce lar!

Movendo-se ao longo de seu lado da alameda, Nora encontrou uma série de pedras e trechos secos que lhe permitiram cruzar para o lado oposto.

A trilha iniciava uma subida através de pinheiros douglas, com agulhas cintilantes. Um pequeno chalé de troncos cortados a machado foi aos poucos surgindo à vista, no final de uma clareira.

Estendendo-se de um teto de telhas de madeira, uma lona pendia sobre um alpendre achatado. Uma chaminé de tijolos subia pelo lado do chalé, e grandes janelas divididas em quatro vidraças interrompiam as linhas retas dos troncos, nos dois lados da porta da frente. Fora acrescentado um anexo nos fundos, por operários que haviam tentado imitar os troncos, com tábuas serradas por máquinas. Nenhuma linha telefônica partia da casa.

— Ouve a música do banjo? — perguntou Dart. — Meu cavalo malhado me trouxe para uma cabana de faroeste.

— Duas ou três pessoas construíram esta casa com as mãos — disse Nora. — E fizeram um bom trabalho.

Dart ajudou-a a chegar ao alpendre, subindo por dois degraus de madeira grosseiramente esculpidos.

— Seus modestos valores do meio-oeste fazem com que me sinta extremamente decadente. Venha, entre!

Os dois passaram para um aposento escuro, com camas duplas e mesas de pinho em cada extremidade, encostadas às paredes. No meio do aposento, um sofá e duas poltronas marrons flanqueavam uma mesinha baixa. Ao longo da parede oposta havia uma bancada, armários de cozinha, uma pia sob uma janela quadrada e um fogão elétrico. Pesados guarda-roupas ocupavam os cantos extremos do aposento, e a plataforma da lareira de pedra projetava-se do piso de madeira. Dart trancou a porta atrás deles e acionou um interruptor, que acendeu um globo pendente do teto e os abajures das mesas-de-cabeceira.

— Lugarzinho nojento! — Dart caminhou até a cozinha, onde abriu e fechou armários. — Nada de minibar, é claro.

— Você não pediu uma garrafa?

— Quando a gente não tem escolha, é mais ou menos como viver na Rússia. Quanto tempo nos sobra? Vinte minutos?

— Acho que sim — respondeu Nora, satisfeita porque, na opinião de Dick Dart, este não era o tempo suficiente para uma prazerosa experiência sexual.

— Será que este antro possui um banheiro de verdade?

Ela apontou para uma porta na parede dos fundos.

— Por ali.

— Vamos. Pegue sua bolsa.

Nora interrogou-o com o olhar.

— Quero consertar sua maquiagem. Não suporto ver a bagunça em que você transformou o meu trabalho.

A GUIA BAIXOTINHA, de cabelos brancos, correu escada acima e seguiu em frente, apressada. Era energética e jovial, parecendo conhecer cada pessoa do grupo.

— Olá, olá!

Dois homens na casa dos sessenta, de paletó e gravata como Dick Dart, um deles com curtos cabelos grisalhos, o outro calvo, cumprimentaram-na por seu nome. O sorriso da guia congelou-se por um momento, quando percebeu a presença de Dart.

— Bem, aqui estamos — disse ela. — Não costumo guiar grupos de um extremo a outro, mas fui informada de que temos entre nós um promissor e jovem poeta, o qual perguntou por mim especificamente. Assim, fico feliz em estar com o senhor. — Ela dirigiu seu sorriso para um rapaz de cabelos escuros, parecendo um ator de novela de rádio, um dos Edmunds e Dmitris de Daisy. — O senhor é o sr. Desmond?

Edmond/Dmitri mostrou um ar sobressaltado, e respondeu:

— Não!

— Receio que seja eu — disse Dart.

— Oh, agora compreendo — disse ela. — O senhor tem fortes opiniões, o que é apenas natural. De quando em quando, sr. Desmond, por obséquio, sinta-se à vontade para partilhar suas percepções conosco.

— Será uma honra para mim — respondeu Dart.

Ela sorriu para o grupo em geral.

— O sr. Desmond, o poeta, nos dará seu ponto de vista especial, à medida que formos avançando. Estou certa de que todos o acharemos muito interessante, mas quero avisá-lo, sr. Desmond, de que idéias podem ser polêmicas.

— Minhas idéias, polêmicas? — exclamou Dart, apertando uma das mãos contra o peito. — Pobrezinho de mim!

Alguns membros do grupo deram risadinhas sufocadas.

— Também quero comunicar aos senhores que mais duas pessoas criativas, velhos amigos nossos, estão hoje conosco: Frank Neary e Frank Tidball. Nós os chamamos de os dois Franks, e é sempre um prazer quando eles se juntam a nós.

Os dois homens mais velhos murmuraram seus agradecimentos, levemente constrangidos por terem sido identificados. Seus nomes soaram familiares a Nora. Frank Neary e Frank Tidball, os dois Franks criativos? Ela achava que nunca os tinha visto antes.

— Os senhores talvez se sintam interessados em saber como esta idosa dama à sua frente aprendeu tanto sobre Shorelands. Meu nome é Lily Melville, e passei a maior parte da minha vida neste lindo lugar. Sorte minha!

Uma daquelas pessoas capazes de dizer algo pela milésima vez como se fosse a primeira, Lily Melville contou a eles que Georgina Weatherall a contratara como empregada para todo o serviço no ano de 1931, quando ela não passava de uma criança. Estava-se na Depressão, a situação financeira de sua família forçava-a a abandonar a escola, porém tinha recebido uma educação maravilhosa em Shorelands. Durante dois anos, ela ajudara na cozinha e servindo refeições, o que lhe deu oportunidade de ouvir o

que conversavam à mesa alguns dos mais famosos e distintos escritores do mundo. Depois disso, ficou incumbida dos chalés, o que a deixou em contato ainda mais próximo com os convidados. Lamentavelmente, em fins dos anos quarenta, a srta. Weatherall sofrera um declínio em suas forças, não podendo mais receber seus convidados. Durante os anos seguintes à partida da srta. Weatherall de Shorelands, a srta. Melville havia sido procurada freqüentemente por escritores, homens de cultura e grupos comunitários que trabalhavam em suas memórias. Logo depois que a propriedade foi vendida e transformada em fundação, no ano de 1980, ela fora contratada como membro residente da equipe.

— Iniciaremos o nosso *tour* por dois dos meus pontos favoritos: o salão e a biblioteca particular da srta. Weatherall; e depois prosseguiremos de lá. Alguma pergunta antes de começarmos?

Dick Dart levantou a mão.

— Já, sr. Desmond?

— A Senhorita não está usando um Geoffrey Beene, com seu atraente conjunto?

— Oh, que gentil! Sim, é verdade.

— Estarei enganado, ao pensar ter captado um traço daquele delicioso perfume Mitsouko, quando a senhorita apresentou-se com tanta eloqüência?

— Sr. Desmond, gostaria de acompanhar-me, enquanto levamos o nosso grupo ao salão?

Dart contornou o lado do grupo e tomou o braço da srta. Melville. Feito isto, os dois começaram a descer o corredor, à frente de Nora e dos outros participantes.

Eles visitaram o salão, a biblioteca, o saguão e a famosa sala de refeições, onde uma mesa muitíssimo polida situava-se abaixo de reproduções de telas, fossem pertencentes a Georgina ou similares às existentes em sua coleção. Como sua biblioteca, os quadros dela haviam sido vendidos muito tempo antes. O grupo caminhou ao longo do terraço e desceu a escada para admirar a Casa Principal, vista do gramado oeste. Com a facilidade da longa prática, Lily falou das muitas peculiaridades de sua antiga empregadora, representando-as como encantadoras excentricidades de uma patrona das artes; ela solicitou os comentários, que variaram entre surpreendentes, irreverentes, respeitosos ou cômicos, da parte do poeta Norman Desmond, que agora a acompanhava pela longa extensão do gramado oeste em direção às ruínas dos famosos jardins, cuja restauração era superior aos poderes da fundação.

Nora alcançou os dois Franks, novamente perguntando-se por que motivo os nomes de ambos pareciam familiares. Seus rostos certamente não o eram. Quase sem parecerem acadêmicos, ambos os Franks mostravam a pedante reserva e a íntima e involuntariamente maneira exclusiva de duradouros colaboradores ou casais casados. Alguns comentários de Dick Dart os tinham divertido, e o Frank de cabelos curtos e grisalhos pretendia claramente dizer algo sobre o interessante marido da sra. Desmond.

Aqui estão os seus telefones, disse Nora para si mesma. *Você precisa conseguir que esses sujeitos chamem a polícia. Só que, como convencê-los?*

— Seu marido é um homem incomum — disse Cabelo Curto e Grisalho. — Deve sentir muito orgulho dele.

— Posso falar com o senhor por um segundo? — perguntou ela. — Preciso dizer-lhe uma coisa.

— Por falar nisso, eu sou Frank Neary, e este é Frank Tidball. — Os dois homens estenderam as mãos, que ela apertou com impaciência. — Já fizemos o *tour* de Lily inúmeras vezes, e ela sempre surge com algo novo.

Tidball sorriu.

— De qualquer modo, ela nunca surgiu antes com algo como seu marido.

Dart e Lily tinham parado na orla de uma série de crescidas cicatrizes no solo, remanescentes de uma seção dos antigos jardins. Além deles, um pedestal vazio erguia-se no centro de um tanque. Lily ria de algo que Dart estava dizendo.

— Dificilmente alguém pode ser um poeta, se não possuir uma mente independente — comentou Neary. — Onde moramos, em Rhinebeck, à margem do rio Hudson, estamos cercados de artistas e poetas.

Nora lançou um agonizante olhar através do gramado. Dart falou com Lily e começou a caminhar rapidamente para o grupo que se movia em sua direção, com Nora e os dois Franks um pouco afastados dos demais.

— A senhora não queria dizer alguma coisa? — perguntou Neary.

— Estou precisando de ajuda. — Dart avançava através do gramado, sorrindo perigosamente. — Pode dar-me o braço, por favor? Tenho uma pedra no sapato.

— Naturalmente — disse Frank Neary, postando-se galantemente ao lado dela e sustentando-lhe o cotovelo.

Nora ergueu a perna direita, tirou o sapato e o virou.

— Pronto! — exclamou, e os dois homens contemplaram polidamente a queda de uma pedra inexistente. — Muito obrigada. — Quando Neary lhe soltou o braço, ela viu Dart aproximando-se em passos largos, sem abandonar seu perigoso sorriso. Então, de súbito recordou onde ouvira o nome dos dois homens. — Os senhores devem ser o Neary e Tidball que criam os problemas de palavras cruzadas da Casa Chancel.

— Santos céus! — exclamou Neary. — Frank, a sra. Desmond conhece as nossas palavras cruzadas!

— Isto não é *adorável*, Frank?

Nora se virou e sorriu para Dart, o qual percebera o tom de sua conversa com os Franks e diminuía as passadas.

— A senhora conhece o nosso trabalho?

— Os senhores são espetaculares — disse Nora. — Eu devia ter reconhecido seus nomes, assim que os ouvi.

Dart chegara a uma distância em que podia ouvi-la, e Nora continuou:

— Eu adoro suas palavras cruzadas, são tão inteligentes! — Algo dito por Davey certa vez voltou à sua memória. — Os senhores utilizam temas de maneira muito sutil.

— Santo Deus, alguém nos compreende! — exclamou Neary. — Aqui está uma pessoa capaz de entender que um enigma é mais do que isso.

Dart deixou a mão cair no ombro de Nora.

— Enigmas?

— Norman — disse ela, erguendo o rosto com o que esperava fosse uma expressão de esposa — o sr. Neary e o sr. Tidball são os criadores daqueles admiráveis enigmas de palavras cruzadas para a Casa Chancel.

— É mesmo? — exclamou Dart, voltando prontamente ao seu papel. — São aquelas palavras cruzadas que deixam você acordada até noite alta, tentando descobrir uma palavra de oito letras para “condimento usado em defumadouros”?

— Não é formidável?

— Estou certo de que os três têm muito a discutir, mas devemos acompanhar os outros. — Dart sorriu para os dois Franks. — Eu *me perguntei* sobre o que estariam falando. Os senhores têm um editor, lá na Casa Chancel?

— Sim, mas na verdade nosso trabalho não precisa de uma editoração real. Davey faz uma sugestão de vez em quando. É um rapaz muito afável.

Juntos, os quatro emparelharam com o restante do grupo. Lily anunciou que após apreciarem o tanque com o pedestal, seguiriam para a Casa do Mel, onde seria concluído o *tour* oficial. Se alguém quisesse visitar o Campo Nevoento, os Pilares Cantantes e o chalé Rapunzel, tinha toda a liberdade para isso.

— Os senhores vêm aqui freqüentemente? — perguntou Dart.

Em frases alternadas, Neary e Tidball contaram a seus novos amigos que tentavam visitar Shorelands uma vez por ano.

— Há cinco anos atrás ficamos hospedados no chalé Rapunzel, principalmente para podermos perambular pela Casa Principal, quando não estivesse cheia de turistas. Foi muitíssimo agradável. Agnes Broterhood sabia um bocado de histórias.

— Que tipo de histórias?

Neary olhou para Tidball, e os dois homens sorriram.

— Há uma enorme diferença entre Lily e Agnes — disse Neary.

— Agnes jamais gostou muito de Georgina e, naquele momento, ela se sentia com disposição para mexericos. Eu e Frank ouvimos coisas que jamais serão lidas nos livros de história.

Lily começara a falar da borda saliente da laje que circundava o tanque. Frank Neary levou um dedo aos lábios.

Após contar duas anedotas ligeiramente lascivas sobre os encontros acidentais de escritores de ambos os sexos, sem qualquer peça de roupa no corpo, Lily desceu da laje saliente e declarou que a parada final do grupo na Casa do Mel, o único chalé restaurado à sua condição original, era o encerramento perfeito daquele *tour*.

Uma aléia de pedra, quase tomada pelo mato rasteiro, partia do tanque e encurvava-se na distância, perdendo-se entre as árvores. Na retaguarda do grupo, Nora e Dart caminhavam logo atrás dos criadores de palavras cruzadas, enquanto os outros dividiam-se em duplas, seguindo o conjunto cor-de-rosa de Lily. O ar havia escurecido.

— Talvez chova — disse Dart.

— Vai chover — declarou Tidball. — A chuva está chegando aqui um pouco antes do programado, o que é bom para eles. Em geral, quando chove não aparecem muitos visitantes. Shorelands vira um lamaçal. E já que estamos em época de chuvas, é melhor que o aguaceiro chegue agora do que no fim de semana.

— O número de visitantes diminui? Quanto a isso, não há *dúvida* — disse Neary. — Nos visitantes, a chuva provoca o mesmo

efeito que aquele sujeito que está nos jornais, Dart, provocou em suas vítimas.

Lily e o casal atrás dela chegaram a uma ponte sobre o riacho que serpenteava através da extremidade norte da propriedade. Seus sapatos fizeram *trip-trap, trip-trap* no piso da ponte, como os três bodes rabugentos do conto de fadas.

— Ouviram alguma novidade sobre o bom e velho Dart? — perguntou Dart. — Que história! Nós não conseguimos entender direito. O sujeito foi incriminado, porém nunca acusado do crime. O que estaria a mulher fazendo no posto policial? Aí há mais coisas do que podemos ver. O curioso casal continua foragido?

— Oh, sim, continua — disse Neary. — Segundo o rádio, supõe-se que Dart esteja em Northampton, e isso fica bem longe daqui. — Seus olhos se tinham tornado grandes e sérios. — Concordo em que nessa história toda há bem mais do que a gente vê. Eu e Frank temos uma conexão com a mulher. — Ele inclinou-se diante de Nora, para encarar Dart. — O senhor perguntou por nosso editor, Davey Chancel. Bem, ela é esposa dele. Se quer a minha opinião, Nora Chancel tem algo a ver com esse tal Dart.

— Eu diria que é uma séria possibilidade — replicou Dart. — O que sabe sobre essa mulher, a esposa de seu editor?

Os outros já haviam cruzado a ponte, e agora os dois Franks, seguidos de perto por Nora e Dick Dart, começavam a atravessá-la. *Trip-trap, trip-trap.*

— Ouvimos certos comentários — disse Tidball.

— Continue — pediu Dart. — Sou todo ouvidos.

— Aparentemente, a mulher possui uma personalidade instável. Achamos que os dois estavam mancomunados. Quando ele

foi preso, ela apareceu no posto policial e encenou seu próprio “seqüestro”, a fim de tirá-lo de lá, e estou apenas repetindo o que dizem. Provavelmente é mais perigosa do que Dart.

Neary riu e, um segundo mais tarde, Nora riu também.

Eles acompanharam os outros até uma cabana construída mais além, na orla do arvoredo. Lily parou diante da porta principal, de frente para o grupo.

— Uma verdadeira saga, não é mesmo? — comentou Dart.

— Mal posso esperar pelo filme — disse Nora.

Lily ergueu uma das mãos, como se prestasse um juramento.

— Aqui em Shorelands, sentimos muito orgulho do que os senhores logo irão ver. O projeto teve início há quatro anos atrás, quando nossa diretora Margaret Nolan nos disse, durante o jantar: “Por que não tornamos possível aos nossos hóspedes a visita a um de nossos chalés, a fim de que experimentem o mundo criado por Georgina Weatherall? Por que não recriar-se o passado que celebramos aqui?” Todos ficamos encantados com a visão de Margaret Nolan e, durante um ano, reunimos registros e documentos que oferecessem um retrato do interior de como seria um chalé típico no período aproximado de 1920 a meados de 1935. Combinamos que o trabalho seria feito sem pressa. Se querem saber, quando é iniciado um projeto como este, a gente rapidamente descobre em quanta coisa é ignorante.

Um riso polido elevou-se do grupo, com exceção de Nora e Dart.

— Os senhores certamente gostariam de saber por que escolhemos a Casa do Mel. Serei franca sobre isso. O custo tinha que ser levado em consideração, e este é um dos menores chalés.

Nossa última grande reforma geral aconteceu em 1939, e a tarefa à nossa frente era enorme. Com a ajuda dos registros de Georgina Weatherall, cobrimos as paredes com um tecido especial, conseguido com o fabricante original. Esse tecido estivera fora de produção desde 1948, mas vários rolos haviam sido preservados nos fundos do depósito da fábrica, e compramos todos eles. Descobrimos que a tinta original provinha de uma firma que se afastara dos negócios em 1935, e quase perdemos a esperança. Então soubemos que um fornecedor de tintas de Boston dispunha de quinze galões em seu porão, com a marca e cor exatas. Os donativos foram chegando. Há cerca de ano e meio atrás, a restauração de tudo isto chegava ao fim.

“Creio ser desnecessária esta advertência, mas devo insistir com os senhores para não tocarem nos objetos ou tecidos do chalé. A Casa do Mel é um museu vivo. Por obséquio, dêem-lhe o respeito que merece, e permitam que outros também possam apreciar esta restauração por muitos anos ainda. Fui bem entendida?”

— Ponto por ponto! — gritou Dart, e sua voz destacou-se acima do murmúrio de assentimento do grupo.

Lily sorriu, virou-se para a porta, tirou do bolso do conjunto cor-de-rosa uma chave maciça, e olhou por sobre o ombro.

— Eu adoro este momento — disse.

Girou a chave na fechadura, escancarou a porta, e disse ao jovem casal diretamente à sua frente que acendesse as luzes.

O rapaz liderou os primeiros membros do grupo através da porta. Os que ainda estavam do lado de fora captaram abafados sons de apreciação.

— Todos eles fazem isso — disse Lily. — Assim que as luzes são acesas, sempre ouvimos *Ooh! Aah! Vamos, sr. Norman, entre.* Seus olhos não acreditarão no que virem.

Dart deu-lhe um tapinha no ombro e seguiu Nora através da porta do chalé.

TODA SUPERFÍCIE POSSÍVEL havia sido coberta com figurinhas de porcelana, caixinhas de rapé, vasos antigos, velas em enfeitados castiçais, e uma variedade enorme de outras coisas, que Nora instintivamente classificou como quinquilharias. Pinturas em molduras douradas e espelhos engolfados em arabescos pendiam desordenadamente pelas paredes cor de berinjela.

Lily dirigiu-se ao grupo:

— Agora, deixarei que se deleitem com esta esplêndida recriação. Sintam-se à vontade para interrogar-me sobre qualquer coisa que lhes chame a atenção.

Os casais separaram-se por diferentes setores do interior, e Lily aproximou-se dos Franks com uma presunção de proprietária.

— Não é maravilhoso? — exclamou.

— Eu não fazia idéia de que os hóspedes vivessem nesta espécie de esplendor — disse Nora.

— Nada era bom demais para as pessoas que vinham aqui — declarou Lily. — Na opinião da srta. Weatherall, elas eram a aristocracia cultural. O sr. Yeats, por exemplo. — Ela apontou, através do aposento, para a foto de um homem com um pince-nez sobre o nariz. — Ele era um perfeito cavalheiro. A srta. Weatherall adorava sua conversa.

— Um escritor chamado Creeley Monk também hospedou-se aqui — indicou Nora.

— Greeley *Monk*? Acho que não me lembro...

— Em 1938.

Os olhos de Lily mostraram claramente sua aversão.

— Gostamos mais de demorar-nos em nossas vitórias. E aqui temos um exemplo, bem ao seu lado! Frank e Frank são publicados pela Casa Chancel, que nasceu naquele mesmo verão, quando o sr. Driver conheceu o sr. Lincoln Chancel. Sim, também *e/e* era um perfeito cavalheiro.

— Parece que, afinal de contas, não foi um verão tão ruim — disse Nora.

Lily deu de ombros, com expressão afetada.

— Esta é uma reconstituição de como teria sido aqui, durante os anos trinta?

— Não, de maneira nenhuma — respondeu Lily, imperturbável ante a contradição com seus comentários anteriores. — Nós quisemos representar a propriedade como um todo, não apenas como um chalé. Quando é feita uma montagem como esta, adquirimos uma sensação real dos tempos passados.

Um homem que aparentemente queria interrogá-la sobre uma coleção de pesos de papéis acenou para ela, e Lily escafedeu-se dali.

— Mil novecentos e trinta e oito não é o ano predileto deles — comentou Tidball.

— Eu me pergunto se os senhores sabem alguma coisa sobre uma poetisa chamada Katherine Mannheim — aventurou Nora.

Tidball girou os olhos para cima e entrelaçou as mãos diante do corpo.

— Está me parecendo que sabem — disse Nora.

Dart apenas olhava, indulgente, satisfeito ao captar a presença de problemas iminentes. Os Franks trocaram um breve olhar.

— Esperemos até que o *tour* termine — disse Neary. — Pretendem ver o Campo Nevoento e os Pilares Cantantes?

— Quem não viu os Pilares Cantantes, não viu Shorelands - respondeu Dart.

Meia hora mais tarde, os quatro caminhavam atrás dos demais membros do grupo pela aléia que seguia pelo norte, através da floresta. Dart caminhava tão perto de Nora, que quase parecia absorvê-la.

— De onde surgiram esses nomes de contos de fadas? — perguntou ele, em voz estentórea.

— Idéia de Georgina — disse Neary, caminhando à testa daquela coluna de quatro pessoas. — Quando o pai dela era o dono da propriedade, o único chalé com nome era a Casa do Mel, por causa de um velho mordomo que morou lá, o sr. Mel, ou sr. Honey, como queiram. Depois que o pai transferiu a propriedade para ela, de repente tudo ganhou um nome novo. — Ele olhou para trás e sorriu para os outros. — A concepção romântica de Georgina sobre si mesma estendeu-se a seu domínio. Pessoas assim tendem a ser ditatoriais.

Frank Neary era um homem inteligente. Dart não poderia mantê-la sob cerrada vigilância durante a tarde inteira, e ela precisava de apenas alguns segundos.

— Foi nisso que a sua poetisa errou — disse Neary. — Ficamos sabendo de tudo através de Agnes Brotherhood, portanto precisam levar em conta que ela nunca se preocupou de fato com Georgina. Lily, por outro lado, adorava-a. Assim, Lily detestou Katherine

Mannheim porque ela não dispensava a Georgina o devido respeito. Segundo Agnes, Katherine Mannheim pôde enxergar através de Georgina desde que a viu pela primeira vez, e Georgina a detestou por isso.

— Na opinião de Agnes — interveio Tidball —, Georgina ficou enciumada. De qualquer modo, todo o assunto ainda parecia deixá-la nervosa.

A aléia encurvou-se para a esquerda de um prado e desapareceu no meio das árvores em sua extremidade mais distante, onde várias e enormes pedras acinzentadas, eretas, eram vagamente visíveis.

— Muito bem, eis aqui o famoso Campo Nevoento!

— Campo Nevoento — repetiu Nora. — Por que isto soa familiar?

— Costuma escrever todos os dias, sr. Desmond? — perguntou Tidball.

— É o único jeito de produzir alguma coisa. Levanto-me às seis, rabisco uma ode antes de ir para o escritório. À noite, estou de volta à escrita, de nove até as onze. E já que falamos nisso, chamem-me de Norman, por favor.

Eles começaram a subir a aléia novamente.

— Faz parte de alguma comunidade de poetas?

— Nós, os poetas idiomáticos, gostamos de reunir-nos em um agradável e pequeno *saloon* chamado Gilhoolie's.

— Como definiria a poesia idiomática?

— Exatamente o que parece — replicou Dart. — Idiomática, tanto quanto possível.

— Teve oportunidade de ler a poesia de Katherine Mannheim?
— quis saber Neary.

— Nunca toquei no que ela escreveu.

Neary olhou para ele com um ar confuso.

— Por que Agnes achava que Georgina sentia ciúmes de Katherine Mannheim? — perguntou Agnes.

— Georgina estava acostumada a ser o centro das atenções. Especialmente com os homens. No entanto, eles começaram a ficar embasbacados pela atraente mocinha. Sendo o tipo de pessoa que era, Georgina precisou de umas duas semanas para entender o que acontecia. Lily Melville esclareceu-a sobre isso.

— Deviam ter expulso a cretina em seguida — disse Dart.

Neary pareceu sobressaltado com aquela escolha de palavras.

— Eventualmente Georgina decidiu fazer isso, mas sem querer agir de um modo que pudesse prejudicar-lhe a reputação. Ela andava preocupada com finanças, e mandar um hóspede embora poderia parecer um sinal de problemas. Aqui estão os Pilares Cantantes e o Vale de Monty. Impressionantes, não?

A uma curta distância da aléia, seis rochas altas, de extremidades achatadas, haviam sido colocadas em círculo, à volta de uma clareira natural. Os outros membros do grupo de Lily Melville já estavam voltando à aléia. Uma mulher sessentona, em um conjunto turquesa para ginástica, aproximou-se deles e apresentou-se como Dorothea Bach, professora aposentada de ginásio. Ela queria saber tudo sobre a poesia do sr. Desmond.

— Minhas odes e elegias foram inspiradas originalmente pela minha própria professora de inglês no ginásio.

A seguir, ele começou a soltar tolices que deixaram Dorothea excitada até seus tênis de corrida azul-rutilante. Fascinado, Tidball aproximou-se um passo.

Nora posicionou-se rapidamente ao lado de Neary, que já se movia em direção às rochas. Ele a fitou com um sorriso conciliatório, desculpando-se antecipadamente pelo que tinha a dizer.

— Ouvindo seu marido falar, a gente pensa que ele não entende absolutamente nada de poesia.

— Preciso de sua ajuda.

— Outra pedra imaginária? — disse ele, estendendo o braço.

— Não, eu...

A mão de Dart afagou-lhe a nuca.

— Perdão por interromper este momento privado, mas eu não podia suportar aquela mulher nem mais um segundo!

Neary virou-se para Nora com um olhar interrogativo. Ela abanou a cabeça.

— A cada vez que venho aqui, penso em voltar na época de um dos espetaculares verões e ouvir a conversa neste lugar. Chego a ficar arrepiado! Bem aqui sentaram-se grandes escritores e falaram sobre aquilo em que estavam trabalhando no momento. Não gostaria também de tê-los ouvido?

— Devia ser uma piada e tanto — respondeu Dart.

— Nunca se sabe quando você está falando a sério, Norman — disse Neary.

— Sou um humilde trabalhador dos vinhedos — replicou Dart.

— Seja como for, Norman, eu não diria que a humildade é o seu ponto forte.

— Talvez fosse melhor nos deixarem em paz, rapazes — disse Dart. — Após algum tempo, essas velhas vergastadinhas sibilantes começam a dar-me nos nervos.

Frank Tidball olhou para ele como se houvesse levado uma tijolada atrás da cabeça, enquanto Frank Neary mostrava-se exasperado e aborrecido, de uma maneira à qual evidentemente se acostumara, desde muito tempo antes.

— É isso aí. Este homem é um lunático, e ele me amedronta.

— Eu *devia* amedrontá-lo mesmo — replicou Dart, com o rosto radioso de prazer.

Neary manteve-se firme em seu ponto de vista.

— Adeus, sra. Desmond. Desejo-lhe sorte.

Dart riu dele — cada palavra dita pelo sujeito era ridícula.

— Frank, sei que meu marido o ofendeu, mas o que estava dizendo sobre os problemas financeiros de Georgina? Isso talvez seja muito importante para mim.

Nora tinha encarado o problema do dinheiro como a oportunidade de uma pista para uma resposta, e isto era importante demais para deixar que Dart a levasse dali.

— Não tenho problemas com a senhora, sra. Desmond.

Neary dirigiu um olhar irado a Dart, que rapidamente avançou um passo e sorriu para ele. Nora recusou-se a ser intimidada.

— Os recursos de Shorelands não eram grandes o bastante para pagar todos os empregados e o fornecimento de comida e bebida para os hóspedes. O pai dela fez-lhe as vontades por muito tempo, mas, em 1938, ele perdeu a paciência. Retirou a ajuda financeira que lhe dava ou apenas a diminuiu, não tenho certeza. Georgina ficou quase histérica.

— Lily Melville nos contou que ela teve a propriedade inteira reformada no ano seguinte — disse Nora.

— Talvez o pai tenha voltado atrás. Tenho certeza de que ele estava acostumado a dar-lhe tudo quanto ela queria.

— A História de Dois Ordinários — disse Dart.

— Já passei tempo suficiente com este louco — disse Neary. — Vamos embora daqui!

Tidball olhava fixamente para Dick Dart. Neary tocou seu cotovelo, como que para despertá-lo, e seu companheiro deu meia-volta, começando a caminhar para a orla da clareira. Neary o seguiu sem olhar para trás. Passaram por entre os pilares e tomaram a direção da aléia, com uma sugestão de fuga.

— Vamos caminhar tranqüilamente para o chalé, ao encontro do querido cavalinho malhado. Ocorreu-me uma idéia. Pode adivinhar o quê?

Antes de Nora responder a Dart que não sabia ler-lhe o pensamento, ela de fato o leu.

— Você quer Marian Cullinan.

Ele lhe deu um tapinha na cabeça e sorriu.

— Talvez tenha chegado a minha hora de dar adeus a mulheres mais velhas. E a Donzela Marian tem duas grandes vantagens.

Nora começou a caminhar sobre a grama espessa, na direção dos Pilares.

— Quais são?

— Uma, você não gosta dela. Marian é por demais parecida fisicamente com Natalie, e quer roubar seu homem. Vamos punir essa vaca; aliás, é justamente o que você quer fazer.

— E a segunda vantagem?

— Sem dúvida, Marian deve ser dona de um interessante carro.

De cabeça baixa, caminhando um pouco mais depressa do que era necessário, Neary e Tidball já tinham cruzado mais de metade do prado. Indulgentemente, Dart os viu caminharem através da relva alta.

— Há muito divertimento reservado para nós esta noite, Noradocinho.

90

O ROSTO ANSIOSO de Marian Cullinan surgiu em sua janela, no momento em que eles se aproximavam da frente da Casa Principal. Quando entraram, ela os esperava e dirigiu-se a Dart com teatral admiração.

— Norman, você encantou o dia de Lily! Ela deseja levá-lo em todos os seus *tours*.

— O encanto é totalmente recíproco. Fez-me recordar algumas das minhas mais caras amigas.

— No capítulo “charme”, ele chega a exagerar, não concorda, sra. Desmond?

— Inteiramente — respondeu Nora. Esta mulher imbecil, tão entediada que flertava com hóspedes casados, provavelmente representava sua última esperança de chegar à polícia de Shorelands. — E, por favor, chame-me de Norma.

— Oh, será um *prazer!*

— Talvez você possa fazer-nos companhia para o último drinque da noite, no bom e velho chalé Saleiro, depois do jantar — disse Dart. — Temos tanto o que falar, tantas avenidas a explorar!

As sardas de Marian deslizaram para um lado, com uma esperta torção da boca.

— Isso depende da papelada que vou conseguir atualizar. Eu tinha uma assistente, mas a restauração da Casa do Mel absorveu a maioria do nosso orçamento... — Grande parte de sua espúria e viva

ansiedade reapareceu. — Enfim, é claro que todos ficamos muito orgulhosos com o resultado. Não achou uma beleza?

— Quem não acharia? — exclamou Dart. — Podemos contar com sua presença esta noite, Marian, ou teremos de raptá-la?

— Se quer saber, estariam me prestando um favor. — Ela suspirou e fez uma pantomima de exaustão. — Gostariam de ver os aposentos do andar de cima?

Nora perguntou se eles poderiam falar com Agnes Brotherhood.

Marian fechou os olhos e apertou a testa com uma das mãos.

— Esqueci de verificar este detalhe! Preciso antes ver como ela está passando. Por que não subimos para o segundo andar?

— Este tratamento VIP aplica-se a um sanduíche, antes de começarmos a pôr mãos à obra na história?

— Um sanduíche? Agora?

— As circunstâncias privaram-me do meu costumeiro e saudável *breakfast*. Eu seria capaz de devorar escoteirinhas, juntamente com os biscoitos que elas vendem.

Marian deu uma risada.

— Neste caso, é melhor cuidarmos de você. E quanto a você, Norma?

Nora respondeu que poderia esperar pelo jantar. Dart agarrou-lhe o pulso, matando suas esperanças de chegar a um telefone, enquanto ele devorasse quaisquer escoteirinhas das vizinhanças.

— Em se tratando de apetite, Norman Desmond jamais ficou esperando.

— Eu não faria tal coisa — respondeu Marian. — Vejamos o prejuízo que você pode causar em nossa cozinha. — Uma porta sem

marcas, no lado direito da escada de mármore, dava para um inclinado lance de degraus de ferro. — Acha que conseguirá descer por estes, com o seu... ? — e ela tocou o próprio joelho.

— Está tudo sob controle.

Marian começou a descer a escada de ferro.

— Importa-se, se eu lhe perguntar como... ?

— Vietnã. Uma maldita mina terrestre. Seu irmão esteve lá, não esteve?

Marian ergueu o rosto e olhou para ele.

— Como é que sabe sobre meu irmão?

— Vi uma simpática foto em seu quadro de avisos. Deduzi que ele foi morto em ação. Espero que aceite minhas condolências, mesmo depois de todo este tempo. Como ex-oficial, lamento a perda de cada homem naquele trágico conflito.

— Obrigada. Você parece jovem demais para ter sido oficial no Vietnã.

Ele deu uma gargalhada semelhante a um latido.

— Disseram-me que fui um dos mais jovens oficiais a servirem no Vietnã, se não o mais jovem. — Ele suspirou. — Na verdade, éramos todos muito novos, cada um de nós.

Nora sentiu vontade de empurrá-lo escada abaixo.

— Vou preparar-lhe o melhor sanduíche que já comeu em sua vida — prometeu Marian.

— Tenho a nítida impressão de que você estudou em um colégio para jovens católicas. Por favor, não diga que estou enganado.

— Como é que adivinhou?

Marian começou novamente a descer os ruidosos degraus, erguendo para ele o rosto com o sorriso de uma mulher que nunca ouviu um cumprimento que não apreciasse.

— Há dois tipos de mulheres que passam pelas escolas católicas para moças. Um desses tipos compreende as que são sinceras, firmes trabalhadoras, inteligentes e polidas. Estas exibem as melhores maneiras do mundo. O outro tipo é das inconventionais, intelectuais e boêmias. Também são inteligentes. Tendem a mostrar-se um pouco rebeldes.

No pé da escada, Marian esperou que Dart e Nora a alcançassem e entrassem na cozinha de bom tamanho, com piso de ladrilhos vermelhos, um comprido bloco de madeira para cortar carne, armários de portas envidraçadas e um fogão a gás. Havia um meio sorriso malicioso no rosto dela.

— E a que tipo eu pertença?

— Você se ajusta à melhor categoria de todas. Uma combinação das outras duas.

— Não é de admirar que Lily apreciasse tanto a sua presença enquanto faziam o *tour*. — Sorrindo, Marian abriu um armário, tirou de lá um prato e um copo. Depois abriu a geladeira. — O jantar vai ser um de nossos especiais, de modo que prefiro mantê-lo como uma surpresa. De todo modo, aqui temos um pouco de rosbife. Eu poderia preparar-lhe um sanduíche com este pão de trigo integral. O que acha?

— Hum-hum... Não haveria um pouco de mostarda, maionese e talvez umas duas fatias de queijo suíço para acompanhar o rosbife?

— Penso que sim.

Ao inclinar-se para vistoriar uma prateleira mais baixa, Marian ofereceu a Dart um bom panorama de seu traseiro.

— E sopa?

Ela riu e olhou para Nora.

— Este homem sabe o que quer... *Minestrone* ou *gazpacho*?

— *Minestrone*. *Gazpacho* não é sopa.

Marian começou a tirar coisas da geladeira. Dart perambulava de um lado para outro e inspecionava a cozinha.

— Norma pode dar-lhe uma mãozinha.

— Uma vez oficial... — disse Nora.

Marian disse a ela onde encontrar o abridor de latas. Nora pegou uma caçarola e nela despejou a sopa. Depois de colocar a panela no fogo, ergueu o rosto e viu que Dart a encarava. Ele olhou de relance para a sacola que ela deixara sobre a bancada às suas costas, depois para um ponto acima dessa bancada, atrás de Marian. Os cabos de pelo menos doze facas projetavam-se de um prendedor de madeira, adaptado à parede. Dart sorriu para ela.

Marian tirou da geladeira um saco de sobras de alface e despejou o conteúdo na bancada.

— Os homens são surpreendentes — disse ela. — Onde será que colocam tudo o que comem?

— Norman coloca dentro de sua perna oca — replicou Nora.

Em pé atrás da outra mulher, ela olhou para o prendedor de facas e deu de ombros. Não podia roubar uma faca sem que Marian visse.

Quase despindo Marian com um sorriso, Dart disse:

— Será que alguma cerveja achou o caminho da geladeira?

— É uma séria possibilidade.

— Não gosto de invadir geladeiras alheias. Vamos agachar-nos e examinar as safras de vinhos.

Marian lançou um olhar para Nora, que mexia a sopa. Largando a faca que segurava, caminhou para a geladeira, de onde Dart sorriu radiosamente para ela, esfregando as mãos.

— *“Abre o teu cofre mais robusto, mais temível, Madame Ware”* — cantarolou Dart, citando algo que Nora não identificou.

— Eu conheço isso! — exclamou Marian. — É de *Jornada na Noite*, a parte quase no final, quando Pippin encontra Madame Lyno-Wyno Ware. Ele tem de falar dessa maneira porque, hum...

— Porque a Dona da Xícara lhe disse para falar assim, já que do contrário não lhe contaria a verdade.

— Sim! E o cofre o desaponta, porque é apenas uma caixa de metal. No entanto, quando ela o abre, Pippin vê que o interior é do tamanho de sua velha casa. Nesse momento, Madame Ware diz... algo sobre um livro, a mente... — Ela estalou os dedos duas vezes. — Ambos são maiores por dentro.

— *“Meu cofre, como um coração ou retículo de mulher, é maior por dentro do que por fora. Até mesmo um pequeno pippin foi, um dia, contido no interior de uma semente.”*

Nora estivera recuando da beira do fogão e estava quase dentro do alcance do prendedor de facas.

— Certo! Isso mesmo! — Marian girou sobre os calcanhares e apontou um dedo afuselado e sardento para Nora. — Você viu? Não sou de todo ignorante em Hugo Driver. Podemos trabalhar juntos.

— Marian — disse Dart, com um toque de impaciência na voz. — Quer abrir o cofre mais robusto?

Dando as costas para Nora, ela transformou a abertura da geladeira em elaborada operação.

— Agache-se, Marian. Sabe agachar-se?

— Tão bem quanto qualquer um. — Ela acocorou-se diante das prateleiras apinhadas, seu joelho com o joelho de Dart. — Lá está a cerveja.

— Não estou vendo nenhuma cerveja.

Ela inclinou-se para apontar, gesto no qual roçou um seio no braço de Dart.

— Você é dos que apreciam uma Corona? — perguntou Marian.

Dart olhou para Nora, por cima da cabeça da outra mulher, e ela recuou, retirando a primeira faca do prendedor.

— Nos momentos de poucas alternativas — respondeu Dart.

Ele olhou para a pesadona e bem-acabada faca de trinchar na mão de Nora, assentiu imperceptivelmente e tornou a fitar o prendedor.

— O que acha da Budweiser? — perguntou Marian, inclinándose para ele com mais firmeza.

— Acho que prefiro a aparência da que está ao lado dela.

Nora puxou do prendedor um cutelo de açougueiro, e os olhos de Norman enrugaram-se.

— Sim, tem um belo formato. Puxe-a para fora, a fim de que eu possa dar-lhe uma boa espiada.

Marian introduziu o braço na geladeira, colocando-se em íntimo contato com Dart.

— A Grolsch tem um belo formato, não acha?

Nora carregou o cutelo e a faca de trinchar para a bancada. Enquanto Dart e Marian admiravam diferentes tipos de recipientes, ela abriu sua bolsa-sacola e nela guardou as duas facas. Depois voltou ao fogão para mexer a sopa, e os outros dois levantaram-se. Marian deu-lhe um sorriso incerto. Suas faces pareciam um pouco congestionadas no alto das maçãs do rosto.

Nora despejou a sopa em um prato fundo. Marian encontrou uma colher de sopa e um abridor de garrafas em uma gaveta.

Dart ergueu a garrafa de Grolsch e tomou um demorado gole.

Nora fez sua bolsa-sacola deslizar para fora da bancada e a deixou sobre uma cadeira, abaixo de um telefone montado na parede.

— Não fique longe, querida esposa. Junte-se ao grupo!

Nora considerou sua sacola. Dart ainda estava de costas para ela.

— Vai abandonar-nos? — perguntou Marian, sorrindo para Nora, enquanto arrumava carne, queijo suíço e alface em cima de uma fatia de pão.

Dart acenou-lhe para que se aproximasse, e Nora abandonou a idéia de lhe enfiar uma faca de trinchar nas costas. Depois deu-lhe um tapinha em um ponto logo abaixo da omoplata esquerda.

— Está feliz agora? — perguntou.

Dart cantou a primeira frase de “Às vezes sou feliz”, e empurrou o prato de sopa vazio.

— Agora, vamos à carne! — exclamou.

— Não pensei que você soubesse citar Hugo Driver — disse-lhe Marian.

Dart respondeu algo ininteligível em meio a uma dentada no sanduíche, aparentemente citando mais *de Jornada na Noite*.

— Não o deixe começar — avisou Nora.

— Poderíamos conseguir que ele recitasse algumas de suas poesias durante o jantar?

Dart proferiu um alegre “Hummm!” em torno do sanduíche. Seus olhos faiscavam.

Forçada a lidar diretamente com Nora, Marian retornou ao batido clichê:

— De que parte do *tour* gostou mais?

— Posso perguntar-lhe sobre as restaurações?

— De um modo geral, elas são praticamente uma obsessão para nós. Lily deve ter-lhe dito como trabalhamos duro para deixar a Casa do Mel em condições. Eu poderia contar-lhe montes de histórias de horror.

— Eu não me referia precisamente à Casa do Mel.

— A Casa Principal é um problema mais interessante, sem dúvida. Apesar de toda a sua grandeza, Georgina Weatherall se foi deteriorando durante algum tempo antes de sua morte e, já perto do fim, praticamente isolou-se em um quarto do segundo andar. Isto significava que o teto tinha goteiras em cem lugares, com a água provocando muitos danos por toda parte. Como deve ter visto quando chegou, ainda temos operários trabalhando em consertos. O próximo grande projeto é a restauração dos jardins, e isso é um trabalho *gigantesco*.

— Alguns dos antigos jardineiros continuam aqui?

— Não. Georgina teve de deixar que todos fossem embora, exceto Monty Chandler, o jardineiro-chefe. Por falar nisso, viram os

Pilares Cantantes e o Vale de Monty?

— Vimos.

— E quando estiveram lá, ouviram as pedras cantando?

— Elas cantam? — perguntou Nora.

— Quando há qualquer espécie de vento, a gente pode ouvi-las produzindo *música*. É algo com um toque sobrenatural.

— Suponho que Monty Chandler já tenha morrido.

— Ele faleceu uns dois anos antes de Georgina, o que foi outro motivo das coisas escaparem ao controle. Monty Chandler mantinha tudo em ordem, pois era a espécie de homem indicado para todo serviço-carpinteiro-força de segurança. Às vezes havia problemas com caçadores furtivos e pessoas que invadiam os chalés, mas Monty sempre os afugentava. E quando não estava supervisionando os jardins, remendava tetos e fazia outros reparos. Por causa dele é que Georgina conseguiu sustentar-se aqui por tanto tempo, sem ter de contratar operários. Sei que ela gastou muito dinheiro consertando os prédios, quando o pai a ajudava financeiramente. E ele a ajudou até o final dos anos trinta!

— Eu soube que, então, ela estava enfrentando alguns problemas de dinheiro — disse Nora.

Soaram passos na escada de metal da cozinha.

— Margaret e Lily estão descendo para começar o jantar. Seria melhor irmos para o segundo andar.

Surgiram nos degraus sapatos marrons fortemente amarrados no peito do pé e encimados por tornozelos inchados, seguidos por um comprido e amplo vestido de algodão azul-marinho, abotoado na frente até o alto.

Depois eles viram um braço maciço e finalmente um rosto executivo, largo nas faces e testa, com cabelos grisalhos mantidos no lugar por uma echarpe enrolada apertadamente, também no tom azul-marinho. Margaret Nolan chegou ao último degrau e parou, a mão pousada no corrimão, seus olhos abrangendo o quadro diante dela, com uma viva curiosidade que não escondia de todo uma ligeira irritação. Lily Melville sorriu para Dart, por sobre o ombro dela.

— Nossos hóspedes especiais interessaram-se pela cozinha, Marian?

— Um deles mostrou um interesse especial por um sanduíche — respondeu Marian.

Margaret inspecionou Dart com um rápido olhar.

— Olhando para o sr. Desmond, suponho que isso não afetará seu desempenho durante o jantar.

Desligando-se da escada, ela aproximou-se deles, bufando.

— Margaret Nolan — apresentou-se, estendendo uma mão firme para Dart. — Eu dirijo esta babel. É um prazer tê-lo entre nós, sr. Desmond, embora deva confessar que nunca li o seu trabalho. Marian me disse que é muito excitante.

— Fazemos o que podemos — respondeu Dart — e não podemos fazer mais.

Margaret virou-se para Nora, dando a impressão de ter decidido ignorar tal comentário. Seu aperto de mão era breve e seco.

— Sra. Desmond. Bem-vinda a Shorelands. Está satisfeita com o chalé Pote de Pimenta?

— É formidável — respondeu Nora.

— Fico feliz em saber. Agora, no entanto, se quisermos ser fiéis à programação, precisamos começar. Espero que nos perdoem.

— Certamente — disse Nora.

Ali, diante dela, com um metro e setenta de altura, pesando noventa quilos, cronicamente sem fôlego, irradiando poder de decisão, senso comum e força de caráter, estava a sua resposta. Esta mulher perceberia sua situação e idealizaria uma forma de resolvê-la, em apenas três segundos. Para ela, bastaria metade da explicação que fosse dada a Frank Neary e um décimo da fornecida a Marian Cullinan. Entretanto, quando conseguiria chamá-la em particular? Depois do jantar, poderia oferecer-se para levar os pratos até a cozinha — qualquer coisa, fosse o que fosse — a fim de ficar a sós com Margaret Nolan e sussurrar: *Ele é Dick Dart. Chame a polícia.*

— Tudo certo, então. — Margaret sorriu, tão rapidamente como o aperto de mão dado a Nora. — Lily?

Lily foi para um lado da cozinha, a fim de apanhar dois aventais brancos em um cabide, no extremo oposto ao telefone de parede. Ao voltar, parou junto da cadeira.

— Esta não é a sua bolsa, sra. Desmond?

— Sim, é, desculpe-me. — Nora deu um passo para Lily e a cadeira, porém Margaret a deteve com um toque.

— Traga a bolsa para ela, Lily.

Lily pegou a bolsa-sacola.

— O que tem aqui dentro, soco-inglês?

— Nunca vou a lugar nenhum sem a minha coleção de armas — declarou Nora.

— Iremos lá para cima — disse Marian — e deixaremos que eles mostrem suas proezas.

— Onde *está* aquela faca de trinchar? — perguntou Margaret.
— Ela não podia, simplesmente, ter ido passear.

— Estou morrendo de curiosidade — disse Dart. — Que petisco estas duas maravilhosas damas vão preparar para nós?

Olhando para Dart como se ela fosse uma professora do segundo grau às voltas com um aluno impertinente, Margaret virou-se do prendedor de facas e colocou seu avental.

— Vamos preparar um dos pratos favoritos de Ezra Pound.

— Georgina gostava de Ezra, não?

— Gostava.

— Política do mundo real — disse Dart. — Nada daqueles discursos empolados sobre igualdade que nossos líderes esguicham, enquanto saqueiam a gaveta da registradora. Estou do lado deles. Vamos dar às coisas seu verdadeiro nome, certo?

Lily e Margaret o encaravam fixamente. Dart ergueu uma das mãos.

— Ei! O que foi bom o bastante para Ez, é bom o bastante para mim!

Sorrindo para as duas mulheres que pareciam congeladas atrás do cepo de partir carne, ele puxou Nora na direção da escada.

91

MARIAN fechou a porta ruidosamente.

— Norman, não compreende que eu poderia perder meu *emprego*?

— Tem a minha palavra solene — disse ele. — Quando estivermos terminando a sobremesa, elas estarão me pedindo para voltar!

— Como? Você praticamente chamou Georgina Weatherall de nazista!

— A velha garota não era uma menina apaixonada pela majestade da Mãe Pátria? Isso não a torna uma pessoa má.

Marian maneou a cabeça e procurou certificar-se de que ninguém ouvia o que diziam.

— Ouça, Norman, você não pode andar por aí dizendo estas coisas na frente de Margaret.

— Experimente detê-lo — disse Nora.

— Eu compreendo — replicou Dart. — A criada perfeita para as artes divinatórias. Aristocrata natural. O *meu* problema é que não suporto mulheres assim.

Marian acalmou-se o suficiente para dizer:

— Não admitimos este fato com muita freqüência, mas estou certa de que era difícil conviver com Georgina Weatherall.

— Não seria o caso dela, da Madame Diretora — disse Dart. — Mulheres desse tipo bem poderiam deixar a barba crescer e fumar charutos. Não obstante, prometo a você que esta será uma noite

tremendamente divertida. — Ele lhe tocou o queixo com um dedo. — Quero que você viva momentos inesquecíveis. Ainda dependendo de sua ida ao chalé para aquele último drinque antes de dormir.

— Este homem... — disse Marian. — Ninguém consegue se zangar com ele!

Retratos enfileiravam-se ao longo da ampla escadaria.

— Este aqui ficava pendurado no quarto de Georgina — disse Marian, apontando para o retrato a óleo de um senhor idoso, trajando um sóbrio terno de homem de negócios e acomodado em uma poltrona de couro. Ele possuía um rosto rígido e fanático, dominado por um nariz maciço e um queixo protuberante. — George Weatherall.

— “Meu coração é do papai.”

Marian sorriu para ele do alto dos degraus, depois os conduziu por um corredor, mais penumbroso e estreito do que o existente no andar de baixo. Apesar das emolduradas contracapas de livros e fotografias da Casa Principal em vários estágios de reforma das paredes, aquele segundo andar era mais utilitário e doméstico do que o primeiro. Eles tinham passado da vida pública para a particular.

— Por que vocês não mostram o quarto dela às pessoas? — perguntou Nora.

— Espere só até vê-lo. Não é desta maneira que queremos que os visitantes recordem Shorelands.

— Pensei que vocês estivessem desejando a precisão histórica.

— Uma precisão *precisa é* forte demais para o público. Quanto mais tempo permaneço neste emprego, mais me pergunto se existe isso de precisão histórica. Entretanto, não posso dizer que ajude muito, quando você tem à sua frente um fornecedor de tintas querendo saber, imediatamente, qual o tom exato de púrpura em que a parede será pintada.

— Ouvi Lily dizer que vocês conseguiram uma boa quantidade da tinta original. Como poderia haver problemas com a tonalidade?
— indagou Nora.

— Sim, nós tínhamos a tinta original, porém somente metade da quantidade necessária. Além do mais, a tinta se transformara em grude. A coisa virou um pesadelo. Por fim, misturamos uma nova tonalidade ao que pudemos salvar da tinta original.

— Como descobriram qual matiz devia ser usado?

— Graças ao quarto de Georgina.

— A tinta que usaram na Casa do Mel era realmente da espécie usada na Casa Principal?

— Ninguém sabe ao certo que espécie de tinta foi usada nos chalés. — Marian fez um gesto para as portas ao longo do corredor. — Os dois aposentos da esquerda são o quarto e o escritório de Margaret, e ela não gostaria de saber que entramos neles. Nos velhos tempos, Georgina Weatherall reservava o andar inteiro para seu uso pessoal. Emma Brotherhood, irmã de Agnes e sua criada pessoal, vivia neste primeiro aposento. O segundo era, ao mesmo tempo, um *closet* e quarto para trocar de roupa, tendo comunicação com o banheiro, a terceira porta em seguida, diretamente à frente do quarto de Georgina. Em seguida vinha a sala da manhã, onde ela

escrevia suas cartas e planejava os *menus*. Atualmente, é onde estocamos todas as doações que não podemos usar.

Marian sorriu para Dart.

— De qualquer modo, por trás da porta, no outro lado dos degraus, fica a escada que leva ao terceiro andar. Tenho os dois aposentos que ficam imediatamente através do hall no alto da escada, sendo de Lily os outros dois perto dos meus. A secretária de Margaret, que está de férias esta semana, ocupa o quarto pegado ao de Lily. Todos os demais que existem lá, estão vazios. Esta sala à direita, que usamos para reuniões, era onde Georgina encontrava-se com hóspedes especiais. — Ela abriu a porta para um pequeno e eficiente cômodo, dominado por uma mesa de reuniões. — Era onde a srta. Weatherall fazia suas queixas, mexericava e conseguia recomendações sobre novos escritores. E daqui, pessoas como Lily e Agnes podiam passar adiante qualquer coisa que ela por acaso soubesse.

— KGB — comentou Dart. — Fechaduras com ouvidos.

— Compreendam, certa vez tivemos um roubo aqui.

— Você me surpreende — disse Nora.

— Uma jovem apossou-se de um valioso desenho, pouco antes de ser convidada a deixar Shorelands. Dá para imaginar? O desenho valia uma fortuna. Tratava-se de um Rembrandt, talvez Rubens, não me lembro.

— Nem um nem outro — disse Nora. — Era obra de um artista chamado Redon.

— Seja como for, alguém com um nome começando por R — disse Marian. — O quarto de Georgina vem a seguir. Durante seus dois últimos anos de vida, ela quase nunca o deixou. Era arrumado e

desempoeirado duas vezes por semana, porém nós mesmas nunca entramos lá. Pessoalmente, acho-o um pouco fantasmagórico.

Ela os levou para um espaço penumbroso, onde brilhos opacos de vidro e metal, além de um senso de presenças pairando, sugeriam um espetacular amontoado de objetos.

— Georgina nunca abria as cortinas, de maneira que as mantivemos bem fechadas. Sempre tenho uma certa dificuldade para acender a luz, porque o interruptor fica atrás de... Lá vamos nós!

Camada por camada, o aposento foi emergindo aos olhos. Em delirante profusão, sedas, desbotadas tapeçarias, surrados tapetes orientais e restos rendados pendiam da cama de dossel, assim como encostos de poltronas, também soltando-se das paredes apinhadas, dobrando-se para trás e drapejando sobre uma enormidade de ornados relógios, espelhos, desenhos emoldurados e fotos de uma mulher, cujo rosto, uma réplica do de seu pai, tinha sido suavizado por entusiástica maquiagem e uma coroa de informes cabelos escuros. Uma respeitável e feia secretária vitoriana jazia sepultada sob um turbilhão de papéis que circundavam animais de porcelana e tinteiros de vidro. Um gramofone com alto-falante em formato de sino ocupava a superfície de uma mesa de bronze dourado. Outras mesinhas cobertas de toalhas rendadas sustentavam pilhas de livros, escovas de cabelo com cabos de prata, e muitas coisas mais.

O quarto recordou a Nora uma Casa do Mel mais caótica. Um segundo mais tarde, ela percebeu que fizera uma análise ao contrário: a Casa do Mel é que era uma versão mais apresentável deste quarto. Quando seus olhos adaptaram-se àquela balbúrdia, Nora começou a captar a verdadeira condição do dormitório de

Georgina. Manchas antigas de água tinham desbotado o púrpura para um rosa enodado. Os tecidos postos sobre os móveis estavam rasgados e descoloridos. Restos de rendas do dossel pendiam em farrapos. Manchas salpicavam o teto branco. Ao lado da cama, diante de um anacrônico cofre de metal com mostrador giratório, fios marrons apareciam por entre o padrão do tapete.

— Acho melhor eu ir ver se Agnes recebe visitas — disse Marian, e desapareceu do quarto.

Aqui estava a real Shorelands, o único aposento de toda a propriedade onde a história verdadeira ainda era visível. Escondido no centro da casa, era um segredo vergonhoso, importante demais para ser apagado. Georgina Weatherall, cujos maiores dons tinham sido dinheiro, vaidade e ilusão, levantara-se de sua cama, dia após dia, para admirar-se em seus espelhos, escovar os cabelos sem mesmo dar-se ao trabalho de penteá-los decentemente, pintando-se com camadas de maquiagem até os espelhos lhe dizerem que estava dominadora como uma rainha em um conto de fadas. Se percebia uma falha na *cútis*, ela a fazia desaparecer sob *ruge* e *kohl*, da mesma forma como sepultara as manchas em suas paredes e os rasgões nas rendas sob camadas de tecido.

Monty Chandler jamais entrara neste quarto para consertar os danos produzidos pela água da chuva: ninguém, exceto Georgina e sua criada, era permitido ali dentro. A criada amara Georgina, que então exigira o amor que podia ver nas pessoas que zombavam dela. Sua monolítica desumanidade era o que era, em decorrência de uma romântica concepção de si mesma.

Nora quase chegava a respeitar Georgina Weatherall. Georgina estivera doente de *empáfia*, e se Nora a houvesse encontrado em

alguma festa, teria fugido do asfixiante *closet* que tais pessoas sempre criavam em torno de si mesmas. Entretanto, Georgina Weatherall trabalhara heroicamente a serviço das próprias ilusões. Nela, talvez pela primeira vez na vida, Lincoln Chancel encontrara uma igual.

Marian abriu a porta e disse:

— Maravilha das maravilhas! Vocês podem ter uma palavrinha com Agnes agora, se estiverem dispostos.

92

— BEM SEI QUE ELA de fato está doente, mas o tédio a deixa fora de si e, quando Agnes fica fora de si, torna-se um pouco inconveniente. Não posso prometer-lhes mais do que uns dois minutos. — Marian fez uma pausa. — Uns dois minutos, sem dúvida, serão suficientes.

Uma voz irritada soou através da porta:

— *Você está falando de mim?*

— Por que não deixa que ela nos veja a sós? — sugeriu Nora.

— Sei que você tem trabalho a fazer.

— Eu não deveria... — Marian percorreu o corredor com os olhos, de um lado e do outro. — Talvez precisem de ajuda para escapar.

— Daremos um jeito.

— Talvez apenas esta vez. Margaret não... — e Marian mordeu o lábio inferior.

Margaret não quer que estranhos fiquem a sós com Agnes?

— Margaret não precisa ficar sabendo.

— Tudo bem. Se eu terminar o meu trabalho, poderei ir ao chalé para aquele drinque antes de dormir. — Ela bateu à porta uma vez e depois girou a maçaneta. — Aqui estão eles, Agnes. Virei vê-la mais tarde.

— Traga-me algumas revistas. Você sabe de quais eu gosto.

Marian recuou dois passos, permitindo que Nora e Dart chegassem à soleira da porta.

A velha jazendo na cama era tão espessa em torno de si mesma como um fósforo de cozinha. Os cabelos lisos, tingidos de preto, caíam de um repartido no meio da cabeça para cada lado do rosto enrugado, parecendo uma peruca de boneca. Tinha olhos brilhantes, vivos e desconfiados. Havia inserido um dedo fino como graveto entre as folhas do livro em seu colo, como se quisesse ver quem eram aquelas pessoas, antes de resolver quanto tempo dedicar a elas.

Marian apresentou-os e saiu.

— Aproximem-se, fechem a porta.

Dart e Nora caminharam para a cama.

— Estou surpresa por ela ter saído. Vocês pensariam que sou um cão raivoso, pela maneira como eles se comportam comigo. — Agnes examinou Dart. — Você é o sujeito que acham seja um poeta? Norman Desmond?

— E você é o monumento histórico, Agnes Brotherhood.

Ela o examinou mais atentamente.

— Você não parece muito um poeta.

— E o *que* pareço?

— Parece com esses advogados que passam muito tempo nos bares. Eu devia saber seu nome?

— Eu não chegaria tão longe — disse Dart, divertindo-se com aquilo.

— Não finja ser modesto. Você não tem um osso modesto no corpo. — Agnes virou os olhos para Nora. — Ele tem?

— Nem um só para amostra — respondeu Nora.

— Marian não perderia tempo com você, se fosse um ninguém. Já publicou muitos livros?

- Infelizmente, não.
- Quem é seu editor?
- A Casa Chancel.

Agnes Brotherhood fez um gesto com a mão diante do rosto, como se quisesse expulsar um cheiro ruim.

— Você os deixaria prontamente, se chegasse a ter o infortúnio de conhecer o fundador.

— Ele ocupava uma classe especial — disse Dart. — Era a canalhice personificada.

— Vocês podem ficar algum tempo. Puxem aquelas cadeiras para perto da cama.

Ela apontou para duas cadeiras dobráveis encostadas na parede e enfiou um cartão em seu livro, a edição de Thoreau da Modern Library. Agnes percebeu o interesse de Nora.

— Eu releio *Walden* uma vez ao ano. Gosta de *Walden*, sr. Desmond?

Dart levantou o queixo e recitou:

— “*Quando escrevi as páginas seguintes, ou antes todas elas, morava sozinho na floresta, a quilômetro e meio de qualquer vizinho, em uma casa que eu mesmo havia construído*”, etc., etc., etc. Isto responde à sua pergunta?

— Vejamos o resto da frase.

— *...às margens de Walden Pond, em Concord, Massachusetts, e ganhava o meu sustento com o trabalho de minhas mãos apenas.*”

— Acho que não é bem assim, mas as palavras são igualmente adoráveis. Bem, agora digam: sobre o que desejam que eu fale? A

grande anfitriã e seus nobres convidados? O que D. H. Lawrence comia durante o *breakfast*? Esse tipo de coisas?

Dart olhou de relance para Nora.

— Você não me parece tão reverente como Lily Melville em relação à grande anfitriã, certo?

— Acontece que eu a conheci bem demais — bufou Agnes. — Eu tinha um emprego e cumpria minhas obrigações. Lily tinha uma *causa*, a adoração por Georgina Weatherall. Eu costumava rir dela algumas vezes, e a coitada não gostava nem um pouquinho.

— Você costumava rir de Georgina?

— Não, de Lily. Ninguém ria de Georgina Weatherall. Ela possuía suas qualidades, mas senso de humor não entrava nesse número. Quem quisesse divertir-se à custa da srta. Weatherall, tinha de agir às suas costas; e muita gente fazia isso, mas não é uma coisa que você chegue a ouvir nos dias que correm. Estiveram no *tour* de Lily?

Nora respondeu que haviam estado.

— Um *tour* pelo santuário, eis o que conseguirão com Lily. Quando a patroa ficou doente e entregou os pontos, Lily passou a ser a perita de Shorelands, como guia de todos estes grupos. — Agnes riu. — E muito mais divertido conhecer pessoas sem Cara Sardenta ficar ouvindo o que se diz. Ela costumava interrogar pessoas do meu grupo, a fim de saber se eu dissera alguma coisa que não devia. Hah! Como se eu não conhecesse o meu trabalho! Sei mais a respeito dessa função do que elas gostam, e isso é que as preocupa. Porque sei coisas que elas ignoram.

— Um bom motivo para manterem você por perto — disse Dart.

Agnes franziu a testa ao fitá-lo.

— Eu dediquei minha vida a Shorelands. Elas sabem disso muito bem. — Ela fez um gesto para um jarro d'água e um copo no peitoril da janela. — Podiam dar-me um copo? Canso de pedir a elas para me arranjam uma mesinha com rodas, como nos hospitais, mas consigo alguma coisa? Até agora nada, e venho pedindo há dias!

— Você se incomodaria se eu lhe perguntasse o que a prende à cama? — perguntou Dart. — Tem alguma espécie de doença?

— Minha doença chama-se velhice — respondeu Agnes. — Juntamente com alguns poucos achaques.

Dart espiou dentro do jarro.

— Está vazio — disse.

— Pode levá-lo ao banheiro e tornar a enchê-lo, por favor?

— Bem... — Dart vacilou. — Posso fazer isso, meu bem? Ousar deixá-la sozinha? Odeio perder alguma coisa.

— Eu mesma encho o jarro — respondeu Nora.

Dart agitou um dedo como advertência para ela, e saiu do quarto com o jarro vazio. Agnes fixou em Nora os olhos vivazes e desconfiados. Depois que os passos de Dart cruzaram o corredor, Nora inclinou-se para ela.

— A senhora tem um telefone?

Agnes negou com a cabeça.

— Já ouviu falar em um homem chamado Dick Dart?

Agnes tornou a mover a cabeça negativamente. Do outro lado do corredor, chegou até elas o ruído de água caindo barulhentemente em um recipiente.

— A senhora poderia ir até um telefone?

— Há três ou quatro na sala da diretora.

— Assim que formos embora, vá até lá e chame a polícia. — O ruído da água cessou. — Diga a eles que Dick Dart está jantando em Shorelands. Saiba a senhora que isto é tremendamente importante, um caso de vida ou morte. — Passos saíram do banheiro. — Por favor!

Dart entrou no quarto, com água transbordando do jarro.

— Acho que enchi demais. Sobre o que estiveram conversando, minhas queridas?

— Sobre minha saúde — disse Agnes. — Presente e futura.

Ela pousou nele um olhar perplexo, decididamente alarmado.

— E *quais são* os seus problemas de saúde, querida? — Dart despejou vários centímetros de água no copo. — Desidratação? — Ela estendeu o braço para o copo, ele o puxou de seu alcance, riu, depois permitiu que Agnes o pegasse. — Uma brincadeirinha — disse.

— Arritmia. Soa pior do que é. — Ela bebeu dois goles e entregou-lhe o copo. — Deixe-o no chão, perto da cama. Dentro de uns dois dias já estarei em pé. Ainda posso guiar um *tour* tão bem quanto Lily Melville.

— É claro que pode, muito melhor do que aquela velha tola — disse Dart. Ele se sentou, cruzou as pernas e deu um tapinha nas costas de Nora — Sentiu minha falta, queridinha?

— Terrivelmente — respondeu ela.

Agnes olhava para ele com fixidez, como se quisesse memorizar-lhe as feições.

— Quais são os títulos de seus livros, sr. Desmond?

Ele olhou para o teto, sorrindo.

— O primeiro era intitulado *Contagem dos Corpos. Notas Cirúrgicas* foi o nome do segundo.

Agnes torceu as mãos.

— Em que está especialmente interessada, sra. Desmond? Não quero que perca seu tempo ouvindo minhas queixas.

— Eu gostaria que me falasse sobre o verão de 1938. — Agnes permaneceu absolutamente imóvel. — Interesse-me pelo que aconteceu naquele verão, mas especialmente por uma poetisa chamada Katherine Mannheim.

A velha olhava para ela com uma concentração ainda maior do que a dedicada a Dart. Nora não saberia dizer se ela estava pensando ou sentindo algo.

— Também estou interessada na reforma que aconteceu um ano depois desse verão.

— Quem é você? O que deseja? — perguntou Agnes, em voz trêmula.

— Sou apenas uma parte interessada.

— O que significa isto? — exclamou Agnes, olhando de Dart para Nora e vice-versa, várias vezes.

— História — disse Dart. — Uma luz lançada no passado. A maneira como devia ter sido a Casa do Mel. — Ele sorriu. — Digam-nos uma coisa, ela sempre pareceu como a loja de antiguidades que vimos hoje?

Agnes ficou algum tempo em silêncio.

— Eu entrei nos chalés e saí deles cada dia de minha vida, e o único que continha o que se chamaria um monte de *coisas* era o Rapunzel, onde se hospedava o sr. Lincoln Chancel, e tudo lá dentro foi ele mesmo que colocou. Se nossas casas de hóspedes o

imitassem, alguns dos nobres indivíduos que as ocupavam teriam dado o fora com o que quer que pudessem enfiar em suas valises. Os curadores, bem, eles não se incomodam, desde que a aparência seja agradável.

Ela virou os olhos para Nora.

— De qualquer modo, esta foi uma propriedade fina e decente. Eu jamais afirmaria o contrário. E as coisas que penso, bem, não vou contar para nenhum policial, podem ter certeza.

— Nós mencionamos policiais? — perguntou Dart.

— De maneira alguma!

Nora tentou comunicar-se silenciosamente com Agnes, mas viu apenas ansiedade nos olhos da velha.

— Não entendo o que está acontecendo — gemeu Agnes.

Nora inclinou-se para a velha senhora.

— Tudo o que quero falar com a senhora é sobre aquele verão. Só isso. Está bem? — Ela captou um princípio de pânico. — O que quer que a senhora faça depois disso, será ótimo. Poderá fazer o que quiser. — Nora aguardou por um rápido instante, e Dart virou o corpo inteiro em sua direção. — Poderá falar com Margaret. Falar com quem quiser. A senhora entendeu?

Os olhos escuros pareceram perder um pouco de sua confusão.

— Sim, mas eu não saberia o que dizer.

Nora recordou sua conversa com Helen Day.

— Sei que isto é difícil para a senhora. Permita-me dizer-lhe o que acho. Em minha opinião, a senhora não quer ser desleal, mas, ao mesmo tempo, vem guardando algo secreto. Não é um belo segredo, e pessoas como Marian Cullinan e Margaret Nolan não

desejariam que ficasse conhecido. Entretanto, elas nem mesmo sabem qualquer coisa a respeito, não é isso?

— Elas são novas demais — disse Agnes, fitando-a com uma mescla de espanto e suspeita.

— Lily conhece uma parte desse segredo, mas não tanto quanto a senhora, certo?

Agnes assentiu.

— E, de repente, aparecem duas pessoas que nunca viu antes e procuram pela senhora. Penso que uma parte sua quer desabafar essa coisa que lhe aperta o peito, enquanto outra parte não vê por que deveria contar para *nós*. Eu sinto o mesmo, porém estou interessada no que aconteceu naquele ano e quase ninguém mais está. Não sou da polícia e nem uma repórter. Além disso, tampouco estou escrevendo algum livro.

Agnes olhou para Dart de modo penetrante.

— Ele não se preocupa com o que aconteceu a Katherine Mannheim — disse Nora.

Para indicar sua indiferença pelo desaparecimento de poetisas, Dart forçou um bocejo.

— Talvez eu seja a única pessoa que a senhora encontrará, interessada neste assunto o suficiente para falar com pessoas que conheceram Bill Tidy e Creeley Monk.

— Aqueles pobres homens... — disse Agnes. — O sr. Tidy era uma boa e honesta alma. Eu também gostava do sr. Monk, porque ele conseguia fazer a gente rir com vontade. Pouco me importava se era um...

— Um bajulador? — disse Dart. — Um afetado? Um cara sonso?

Agnes dirigiu-lhe um olhar desdenhoso.

— Há muitas maneiras de alguém ser uma boa pessoa. — Ela voltou a concentrar-se em Nora. — Aqueles dois não sabiam de nada. Simplesmente *estavam aqui*, nada mais. Mesmo que tivessem ouvido alguma coisa, não pensariam duas vezes nela.

Nora recordou e repetiu algo que Everett Tidy lhe dissera: “Na noite em que Katherine Mannheim desapareceu, Bill Tidy julgou ter ouvido passos furtivos.”

Agnes meneou a cabeça.

— Em mais de mil quilômetros à volta de Shorelands não havia um só invasor que arriscasse a pele neste lugar, não naqueles tempos. Monty Chandler encheu um deles com uma carga de chumbo para passarinhos e capturou outro em uma armadilha, deixando-o passar fome lá por dois dias, e isso foi um aviso para caçadores atrevidos.

— Então ele ouviu qualquer outra coisa.

Agnes puxou o robe para mais perto do pescoço.

— Deve ter sido isso.

Quase contra a vontade, Nora repisou no assunto.

— Eu tenho algumas idéias. Se eu as contar para a senhora, diria se estou certa?

Agnes apertou os olhos para vê-la melhor, e assentiu prontamente.

— Eu poderia fazer isso. — Ela respirou fundo, depois expulsou o ar dos pulmões. — Depois de todo este tempo... — recomeçou Agnes. — Aquela moça tinha uma irmã mais nova. Mantinha o retrato dela em cima de sua mesa de trabalho. A irmã

veio aqui. Uma jovem distinta. Se ainda estiver viva, merece saber a verdade.

Agnes endereçou um olhar vacilante, quase amedrontado para Nora. E esta tentou dar a impressão de saber o que fazia.

— Eu não creio que Katherine Mannheim tenha fugido de Shorelands. Acho que ela morreu. Estou certa?

— Está — disse Agnes, seu lábio superior começando a tremer.

— Penso que Hugo Driver teve algo a ver com a morte dela. Estou certa?

— O que quer dizer?

— Ela não entrou no chalé Pão de Mel e surpreendeu Driver remexendo em seus papéis? Não houve uma luta?

— Não! Não foi nada *disso!*

Agora foi o queixo de Agnes que começou a tremer. O arremedo de confiante autoridade exibido por Nora foi-se evaporando. Sua teoria predileta acabara de ser destruída.

— Ela morreu naquela noite. Seu corpo tinha de ser escondido.

Uma lágrima escorreu do olho direito de Agnes.

— Ela foi enterrada em algum ponto da propriedade, não?

Agnes confirmou.

— E a senhora sabe onde é esse lugar.

— Não, eu não sei. Fico *contente* por não saber. — Ela olhou de relance para Nora. — Compreenda, eu tenho de guiar os *tours*. Não poderia ir onde eles a puseram.

— Hugo Driver e Lincoln Chancel.

— Fizeram tudo juntos, aqueles dois!

— Daí o motivo da senhora ainda odiar Lincoln Chancel.

Agnes meneou a cabeça com surpreendente veemência.

— Eu odiei o sr. Chancel desde o começo. Aquele homem pensava que tinha o direito de tocar na gente. Achava que podia agir como bem entendesse, porque depois acertava tudo com dinheiro.

— Ele ofereceu dinheiro à senhora?

— Eu lhe disse que estava tentando seus truques sujos com a garota errada. Ele riu de mim, mas, depois disso, manteve aquelas mãos para si mesmo.

Por mais interessante que fosse essa digressão, Nora queria voltar ao tema principal. Tentou outra abordagem.

— Georgina sabia que Katherine Mannheim não tinha simplesmente desaparecido, certo? Quando levou todos ao chalé Pão de Mel, depois do jantar da noite seguinte, já sabia que a moça estava morta.

— Odeio dizer isto, mas ela sabia.

— Como sabia que a porta estava destrancada, antes mesmo de abri-la.

— Eu não estava lá — disse Agnes, com ar infeliz — mas a srta. Weatherall sabia.

— Como a senhora ficou sabendo que a porta dela estava destrancada? Era quem fazia a arrumação no Pão de Mel?

Agnes assentiu.

— Quando fui fazer a limpeza aquela manhã, encontrei a porta destrancada, e a moça não estava no chalé. Achei que ela talvez houvesse ido dar uma volta pelos jardins. Ao meio-dia coloquei sua caixa do almoço diante da porta do chalé, porque era assim que fazíamos, e a caixa ainda continuava lá, na manhã seguinte.

— A senhora ignorava que ela nunca mais voltaria.

— Tinha de ignorar. A srta. Weatherall me disse que a moça tinha fugido. “Pulou o muro”, ela disse. Achei aquilo esquisito. Principalmente depois... depois do que tinha acontecido.

Nora começou a tirar conclusões. A razão de Georgina Weatherall saber que sua problemática hóspede estava desaparecida, antes mesmo de abrir a porta do chalé Pão de Mel, estava diretamente à sua frente, tornando-se mais e mais perturbadora a cada segundo.

— A senhora disse alguma coisa a ela? Viu algo que a perturbou e contou para Georgina o que era?

— Eu desejaria nunca ter contado!

Agnes permaneceu rígida por um momento, mas então outra onda de emoção a invadiu, e ela começou a chorar. Perfeitamente à vontade, Dart torceu a boca em um sorriso.

Nora tentou imaginar o que Agnes teria visto, e recordou que Creeley Monk havia surpreendido Driver e Lincoln Chancel ao ar livre, já madrugada alta, naquela mesma noite.

— Diga-me se estou certa. A senhora costumava dar caminhadas à noite? — Agnes olhou temerosamente para ela, depois assentiu. — Na noite em que Katherine Mannheim morreu, a senhora deu um de seus passeios. Subiu a trilha que levava ao chalé Pão de Mel. — Agnes ergueu a cabeça e tornou a fitá-la com expressão temerosa. — Eles estavam carregando o corpo dela? Foi isso que a senhora viu?

— *Não! Não!* — Ela cobriu os olhos com as mãos. — Se fosse assim, então eu teria sabido imediatamente, não percebe? Eu vi... a senhora vai ter de dizer para *mim*.

— A senhora os viu.

Agnes meneou a cabeça.

— A senhora viu Hugo Driver.

Agnes olhou para ela, em furioso desapontamento.

— Não!

— Lincoln Chancel — disse Nora. Uma grande parte do que ainda ficara por dizer, ajustou-se ao lugar certo. — A senhora viu Lincoln Chancel saindo do chalé Pão de Mel. Meu Deus, Lincoln Chancel a matou!

Dick Dart retirou as mãos de trás da cabeça e inclinou-se para diante, com um malicioso prazer animando-lhe o rosto.

— Chancel ia voltar ao Rapunzel para trazer Driver — prosseguiu Nora. — Estou certa, não estou? A senhora o viu caminhando pela floresta, mas não sabia por que motivo.

Agnes forçou-se a tomar uma funda respiração.

— Ele estava *correndo*. Eu não sabia o que significava aquele barulho. Pensei que fosse algum animal. Parei junto ao pedregulho, no alto da trilha. Naquela época costumávamos ter ursos em nossas florestas, e às vezes eles ainda aparecem. Escondi-me atrás do pedregulho, e o ruído ficou cada vez mais perto. Então, ouvi um homem praguejando. Eu sabia que era o sr. Chancel. Espiei. Lá vinha ele pela beira da trilha, correndo como louco na direção do chalé Rapunzel. Passou correndo pela ponte, *bang! bang! bang!* Eu estava *morta* de medo. Cheguei a desejar que fosse um urso! Eu poderia...

Agnes dobrou os joelhos para o alto e enterrou o rosto nas cobertas. Nora aproximou-se da cama e abraçou-a.

— Solidariedade feminina — disse Dart.

— A senhora achava que devia ter ido ao chalé — disse Nora, e Agnes suspirou em seus braços — mas estava com muito medo.

Tinha toda razão em sentir medo. Eles poderiam tê-la agarrado.

— *Eu sei.* — Agnes reclinou-se contra o peito de Nora e tornou a respirar fundo. — Comecei a caminhar para a Casa Principal, e então decidi que, afinal de contas, devia dar uma espiada na srta. Mannheim, mas ouvi o sr. Chancel e o sr. Driver descendo do Rapunzel. Assim, continuei atrás do pedregulho. Eles cruzaram a ponte, *clump, clump, clump*, e seguiram pela trilha do Pão de Mel.

Ela afastou-se de Nora e abanou o rosto com as cobertas.

— Pode sentar-se de novo.

— Tem certeza?

Agnes recuou de outra tentativa de abraço, e quando Nora saiu da cama, ela se deixou cair sobre seu travesseiro.

— Voltei para a Casa Principal quase voando. Subi ao andar de cima, e a srta. Weatherall estava parada no corredor. O que está acontecendo, Agnes?, ela perguntou, por que está correndo no meio da noite? Exijo uma explicação! Conte tudo a ela. E ela disse, Agnes Brotherhood, deixe isso comigo. Enfiou na cabeça seu grande chapéu vermelho e saiu. Ela gostava daquele chapelão vermelho, mas era a coisa mais ridícula que já se viu — disse Agnes, olhando com ódio para o teto.

— E a senhora ficou esperando que ela voltasse — disse Nora.

— Esperei e esperei... Após muito tempo, ela abriu a minha porta e disse, Agnes, a srta. Mannheim é daquelas mulheres que precisam de companhia masculina quando estão deprimidas. O sr. Chancel deseja proteger-se do escândalo. Tire toda essa história de sua cabeça, ela disse.

— E você tentou fazer isso.

Agnes assentiu, com expressão infeliz.

— Perguntei se a srta. Mannheim estava bem, e ela respondeu que mulheres assim sempre estão bem. — Dart grunhiu uma aprovação. Agnes franziu a testa para ele. — Bem sei que existem mulheres assim, mas a srta. Mannheim era uma pessoa muito distinta.

— No dia seguinte, você achou que ela devia ter fugido.

— Achei que ela havia *ido embora*. Há uma grande diferença entre fugir e ir embora. A srta. Mannheim não teria fugido de nada.

Agnes apertou o robe em torno do corpo e olhou para Nora com frustrado desafio. Havia contado sua história, mas permanecia um vácuo no centro da mesma.

Uma batida à porta cortou o que ainda poderia ter dito em seguida. Marian Cullinan deu uma espiada no quarto.

— Devemos estar tendo excelentes momentos, para ficarem aqui tanto tempo...

— Foi o ponto alto do *tour* — respondeu Dart. — Histórias fantásticas dos bons e velhos tempos.

— *Formidável!* — exclamou ela, aproximando-se da cama.

Nora olhou para Agnes, querendo saber se recordava o que lhe pedira para fazer. A velha assentiu com a cabeça, movendo-a uns dois centímetros.

Marian postou-se entre elas.

— Agnes, você conhece as regras. Aposto que sua pressão chegou ao teto!

— Quero dizer uma coisa à sra. Desmond, Marian.

— Diga, então. Uma coisa bem pequenininha, porque depois levarei comigo este casal tão simpático.

Agnes segurou a mão de Nora.

— Você tem de ouvir o resto.

Marian deu uma risada.

— Quer contar para eles a história de sua vida, Agnes? A sra. Desmond tornará a vir ao seu quarto, tenho certeza.

— Esta noite — disse Agnes, apertando a mão de Nora.

Marian exibiu uma certa impaciência.

— Não vai ser possível, Agnes. Temos de proteger sua saúde.

Agnes largou a mão de Nora.

— Você não é o meu médico.

— Bem, depois disso... — Marian sorriu para Nora. — Vamos?

Ela os apressou para fora do quarto, com um olhar cúmplice para Dart e um sorriso forçado para Nora.

— Espero que os relatos de Agnes não tenham sido tão terríveis — disse.

— Está brincando? — exclamou Dart. — Foram melhor do que *Psicose!*

Sacudindo a cabeça, ela os guiou para a escada.

— Não sei como dizer a ela que não continuará guiando *tours*. Isto é, basta observá-la, não? Vocês seguiriam Agnes em uma caminhada pela propriedade?

Uma porta se abriu com um clique, atrás deles.

— O que será agora? — exclamou Marian.

Aferrando o robe em torno do corpo, Agnes saiu cambaleando de seu quarto. Marian fincou as mãos na cintura.

— Não acredito no que estou vendo! — exclamou.

— A última rixa — disse Dart.

Marian aproximou-se rapidamente da velha e sussurrou-lhe algo. Agnes experimentou outro passo para diante. Em um gesto

brusco, Marian a fez dar meia-volta e levou-a novamente para o quarto. Agnes lançou a Nora um olhar de desolada humilhação. Segundos mais tarde, Marian surgia à vista e trancava a porta com chave.

— Sinceramente, já tive muitas dificuldades com Agnes, mas antes nunca tive de trancá-la em seu quarto. Ela disse que precisava ir ao escritório, viram só?

— Não creio que realmente haja necessidade de trancá-la lá dentro — disse Nora. — E se ela quiser ir ao banheiro?

— Ela pode esperar, até trazerem o seu jantar. Margaret já está em excelente disposição de espírito, graças a Norman e suas tiranias. Quando o jantar terminar, vou precisar daquele último drinque da noite. — Marian os levou até a escada. — Não sei bem o que sugerir. Normalmente, desejariam retornar ao Pote de Pimenta ou caminhar em torno de Lenox, mas parece que está ameaçando uma tempestade e, quando chove, nossas alamedas ficam lamacentas e escorregadias. Vamos descer e ver o que está acontecendo lá fora.

Uma rajada de vento açoitou o prédio. Em algum lugar, mais abaixo deles, janelas chocalharam em suas molduras.

— Como eu estava dizendo! — exclamou Marian.

A chuvarada atingiu a frente do prédio parecendo uma rajada de chumbo grosso para caça, cessou por um segundo e recomeçou logo depois, em uma onda mais forte e contínua.

As luzes tinham sido acesas no saguão. As janelas mostravam um céu escuro, despejando chuva sobre um gramado encharcado.

— Pelo menos, o último *tour* terminou antes que tivéssemos um bando de futuros advogados exigindo seu dinheiro de volta. —

Na distância, árvores inclinavam-se ante a fúria do vento. — Esta é das piores. — Ela se virou para Dart. — O que desejam fazer? Poderiam dar uma corrida para Pote de Pimenta, se o temporal diminuir, mas estarão cobertos de lama quando chegarem lá.

— Perspectiva rejeitada — disse Dart. — Odeio ficar molhado. E a lama me deixa furioso.

Além do gramado varrido pela chuva, as árvores erguiam os braços.

— Bem, parece que terão de ficar aqui até o fim do jantar. Poderíamos arranjar algumas botas para você, Norma, porém o que faríamos com Norm? — Marian esfregou a testa. — Direi a Tony que traga um impermeável e um par de botas depois do jantar. Norma poderá usar uma capa de chuva minha. E não se preocupem, caso as luzes se apaguem. Temos montes de velas. Por outro lado, nossa companhia de energia elétrica pode ser dirigida por um punhado de matutos, mas eles sempre conseguem fazer a luz voltar em mais ou menos uma hora, após o fim dos temporais. Prometi a ambos um jantar especial, e é isso que terão.

— Excelente idéia.

— O que gostariam de fazer? Tenho mais algum trabalho por terminar em meu escritório, e depois vou dar uma ajuda na cozinha, de maneira que ficarão mais ou menos entregues a si próprios.

— Eu gostaria de conversar um pouco mais com Agnes — disse Nora.

— Terá que adiar sua conversa para outro dia. — Três enormes rugas surgiram no meio da testa de Marian, desaparecendo logo em seguida. — Não estariam interessados nos papéis de Georgina?

— Eu adoraria vê-los.

Os registros certamente ficavam no escritório do segundo andar, e Dart teria que ir ao banheiro em algum momento.

— Um homem sedento pode conseguir um drinque por aqui?
— perguntou Dart.

— Evidentemente! — exclamou Marian. — Venham comigo e providenciarei tudo o que for preciso.

Jogando os cabelos para trás, ela os levou ao corredor principal, desceu os degraus de mármore, e olhou para Nora por sobre o ombro.

— Não quer examinar os registros?

— Eles não ficam no andar de cima? — perguntou Nora.

— Ficavam, mas depois que dois escritores invadiram o escritório de Margaret, transferimos tudo para a salinha que era de minha secretária, quando eu *tinha* secretária.

Marian conduziu-os a um cubículo sem janelas, no qual havia uma secretária, uma cadeira de sala de aulas e prateleiras de metal, cheias pela metade com livros de contabilidade, arquivos de correspondência e caixas rotuladas FOTOGRAFIAS.

— Logo estarei de volta com o seu drinque, Norman. Vodca, está bem? Com gelo?

— Beba para realizar um sonho!

Se houvera algum telefone naquele cubículo, ele tinha desaparecido, juntamente com a secretária de Marian.

93

DEZ MINUTOS mais tarde, Dart repetia a primeira coisa que havia dito, após Marian deixá-los a sós. Estava recostado na cadeira, com os pés erguidos sobre uma prateleira, mexendo com um dedo os cubos de gelo no que sobrara de seu drinque.

— Aquela história foi ainda pior do que o lixo de Jane Austen — comentou.

Nora fechou um dos livros contábeis e pegou outro na pilha à sua frente. No transcorrer da década de vinte e princípio da de trinta, Georgina tinha gasto uma grande soma de dinheiro em champanha, adquirido por meio de um contrabandista de bebidas alcoólicas chamado Selden, o qual, após a revogação da Lei Volstead em 1933, aparentemente abriu uma loja de bebidas. Modelos de ordem em um sentido, os livros contábeis eram caóticos na maioria dos outros. Com uma mão que degenerara no correr dos anos, passando de um gótico espigado para garranchos semelhantes a arame farpado, Georgina registrara cada dólar que entrara em Shorelands ou dali saíra, porém não havia feito distinções entre despesas pessoais e as efetuadas com a propriedade. Uma despesa de cinco dólares por uma nova caneta-tinteiro surgia abaixo de outra registrando a compra de bulbos de tulipas holandesas no valor de trezentos dólares. Ela tampouco fora rígida a respeito de datas.

— Talvez Agnes tivesse visto Chancel correndo trilha abaixo. É possível que ela inventasse toda a história, após uma noite bebericando *amontillado* além da conta, porém *nós* jamais

saberemos. Sabe por quê? Porque Shorelands é o Motel Ponto Final para a realidade. A verdade entra aqui, porém nunca sai, e Georgina é o motivo disso. Acha que Georgina Weatherall seria capaz, mesmo naquele tempo antes dela barganhar xerez por morfina líquida, de fornecer um relato preciso do que tinha acontecido em um determinado dia?

— A julgar pelo estado dos registros dela, sinceramente não.

— Aqueles escritores devem ter-se sentido perfeitamente em casa. Todo este lugar é uma ficção. — Ele deu uma risada alta, satisfeito com sua esperteza. — O próprio nome é uma mentira. Shorelands — Terras Litorâneas — porque não existe nenhuma praia por perto. O velho George a julgava bonita, importante e adorada universalmente, porém a verdade é que Georgina era uma piada de mau gosto em roupas circenses, que induzia pessoas a se exibirem, fornecendo-lhes cama e comida grátis. O fato de ser explorada por escritores famosos fazia com que se sentisse importante. Ela não podia suportar a realidade, de modo que vagava por aí fingindo que as cabanas arruinadas onde seus empregados moravam eram “chalés”. Depois inventou os nomes de fantasia. “Eu te batizo ‘Pão de Mel’, eu te batizo ‘Rapunzel’, e já que estou neste clima, acho que batizarei aquele pantanal lamacento de ‘Campo Nevoento’. O que isso lhe diz? Não vai demorar muito, e veremos aparecer uma garotinha de avental trotando atrás de um coelho, a caminho de uma reunião para o chá.

— Acho que eu sou essa garotinha — disse Nora.

— É possível. Por que Agnes devia ser diferente? Ela passou a vida inteira nesta fábrica de ilusões. Não tem a menor idéia do que realmente aconteceu àquela moça.

— Eu acho que tem — replicou Nora — e uma coisa que você disse há pouco, deu-me uma idéia.

Novamente, Dart pareceu satisfeito consigo mesmo.

— Não acredito nisso nem por um segundo, mas como foi que ela descobriu?

— Georgina contou-lhe o que tinha acontecido a Katherine.

— Isso faz bastante sentido. A grande dama conta para uma empregada que ajudou a encobrir um assassinato? Caso *tenha sido* assassinato, o que duvido muito.

— Você ouviu o que Agnes contou.

— Agnes está confinada à cama desde que sua arquirival Lily Melville sacode-se por aí, impingindo mentiras aos turistas. Ela está sozinha naquele quarto lá em cima, juntamente com Henry David Thoreau, e pensa que também ele é uma mentira.

— Elas precisam de um pouco mais de realidade por aqui — comentou Nora.

— Por volta das onze ou doze desta noite, elas enfrentarão mais do que conseguem manejar. Nesse ínterim, encontrou alguma coisa nesses livros?

— Ainda não.

Nora apanhou outro livro na pilha. As entradas começavam em junho de um ano sem especificação, com o recibo de um cheque de quinhentos dólares de G.W, provavelmente o pai de Georgina, e a despesa de 45,80 dólares em suprimentos de jardinagem. A entrada seguinte era *18 de junho — \$75-*, Beb. Selden, Veuve Clicquot, portanto o livro havia sido preenchido em alguma data após 1933. A caligrafia apenas começara a deteriorar-se.

— Que criaturinha diligente você é, Nora-docinho — disse Dart.

Ele esticou o braço para as prateleiras mais altas e desceu de lá uma caixa marcada com a palavra FOTOGRAFIAS. Nora folheou páginas do livro contábil, e Dart começou a remexer no interior da caixa. Ela continuou seu exame por mais três ou quatro páginas, sem encontrar nenhuma menção a qualquer soma além de uns poucos milhares de dólares. — Agnes até que era bem “apanhada” naqueles tempos — comentou Dart. — Não é de admirar que Chancel quisesse agarrá-la. Ele estendeu a Nora uma pequena foto em preto e branco. Ela olhou para o rosto agradável da jovem Agnes Brotherhood, cujos seios exuberantes salientavam-se na frente de seu uniforme negro. Sem dúvida, a empregada vira-se obrigada a afugentar um bocado de conquistadores. Tornou a devolver a fotografia para Dart e, no momento em que a entregou, soube como Katherine Mannheim havia morrido. Soubera o tempo todo, sem saber: sua própria vida lhe fornecera a resposta. Trêmula, virou algumas páginas ao acaso, ma! reparando nas enigmáticas entradas. Uma caixa de gim e duas garrafas de vermute, vindas da loja de bebidas pertencente ao antigo contrabandista de Georgina. *Medicam., \$28,95. Discos, \$55,65. Carne em geral, c/gord., \$2,00. Mann & Ware. fotgrfs., \$65.*

— Um momento — disse Nora. — Fotógrafos profissionais tiraram alguma dessas fotos?

— É claro. As fotos em que aparecem grandes grupos.

Dart enfiou a mão no fundo da caixa e estendeu-lhe uma foto tamanho 20 por 30, mostrando o costumeiro grupo de homens em ternos e gravatas, rodeando uma régia Georgina. Carimbada nas

costas, havia a inscrição "Patrick Mann & Liman Ware, Fotografias Finas, Estúdio Mann-Ware, Main Street, 26, Lenox, Massachusetts."

Patrick Mann, Paddy Mann, Paddi Mann.

Lyman Ware, Madame Lyno-Wyno Ware, Lena Ware.

Shorelands, *Jornada na Noite*, David Chancel.

Dois fotógrafos que batiam fotos do grupo a cada ano, duas personagens de ficção, um perturbado fanático por Driver que perseguira Davey.

— Uma abelhinha está zumbindo por aí.

Ela devolveu a fotografia a Dart. Uma jovem chamada Patrícia Mann, Patty Mann, imergira-se no mundo de Driver e se tornara, primeiro Lena Ware, depois Paddi Mann. Parte de sua entrada para o mundo de lunáticos fãs de Driver havia sido a coincidência de seu nome assemelhar-se ao de um fotógrafo de Lenox.

Nora então refletiu que Paddi Mann havia sido sobrinha de Katherine Mannheim; comentários familiares a tinham impelido para ainda mais fundo no mundo de Driver. Ela fora convencida de que o pai de sua inconvençional irmã fora o autor do livro que considerava sagrado, e por duas vezes resgatara sua tia do esquecimento. Chegara ao ponto de trajar-se como Katherine Mannheim.

Nora folheou as páginas do livro contábil, e um nome e um número pareceram saltar das linhas em sua direção. *Rec'b. L. Chancel: \$50.000.*

— Lincoln Chancel deu a ela cinqüenta mil dólares.

Dart inclinou-se, a fim de examinar a entrada.

— Aqui nem mesmo há uma data. E, tão certo como o inferno, não prova que ela o chantageava. Ninguém seria capaz de chantagear aquele velho filho da mãe.

Nora virou mais algumas páginas.

— Aqui estão as reformas. Veja, quinhentos dólares para reconstituição do teto, duzentos a um pintor. Cerca de uma semana mais tarde, o mesmo pintor recebe outros duzentos. Quinhentos para um empreiteiro. Seiscentos para B. Smithson, eletricitista. O pintor outra vez. Depois aqui, no fim da página, o empreiteiro recebe mais mil. Isso continua e continua...

— A velha lacraia bebeu uma boa cota da viúva, não foi?

— De que viúva está falando?

— Da viúva Clicquot, sua ignorante. Tudo bem; ele deu para ela um bocado de dinheiro, que Georgina usou para ajeitar a casa. Chancel era mão-fechada, mas certamente não era sovina. Fez montes de dinheiro e jogou metade fora. "Georgina, seu saco de trapos, aqui tem cinqüenta milhas, ponha aqueles casebres em forma e adquira para você umas duas caixas da viúva, enquanto está com a grana." Foi isso que aconteceu.

— Lincoln Chancel deu voluntariamente cinqüenta mil dólares a uma mulher que provavelmente desprezava? Em uma época quando cinqüenta mil valeriam uns trezentos ou quatrocentos mil, em dinheiro de hoje?

— O homem não era mesquinho. Por outro lado, ele tinha dois outros motivos para ser generoso com Georgina. Queria alistá-la em seu movimento, e conheceu Driver por causa dela. Aposto que ele fazia alguma idéia de quanto ia ganhar com *Jornada na Noite*. Assim, cinqüenta mil eram mixaria.

Nora sorriu para ele.

— Você não quer pensar que seu herói pudesse ter sido chantageado.

— O homem *era* um herói — disse Dart. — Quanto mais a gente aprende sobre o sujeito, melhor ele fica. Se alguém tentasse chantageá-lo, ele usaria a serra elétrica. acredite em mim.

Dart adorava monstros, porque ele próprio era um deles, mas sobre Chancel estava certo; não seria fácil alguém extorquir dinheiro de Lincoln Chancel. Soou uma batida à porta.

— *Aí está o refill* — disse Dart. — Adoro essa mulher.

Marian Cullinan deu uma espiada para dentro

— Lamento interromper, Norma, mas há um telefonema para você. Um sr. Deodato.

Dart baixou os olhos e a fitou preguiçosamente.

— Esperarei aqui até que você termine — disse Marian.

94

DART FECHOU A PORTA de Marian e sussurrou:

— Agora, seja uma garota esperta.

Sorrindo, ele fez um gesto para o telefone. Quando Nora ergueu o receptor, ele lhe ficou ao lado e pressionou sua cabeça à dela.

— Jeffrey? — perguntou Nora. — Foi muito gentil de sua parte ter telefonado.

— Essa é uma forma de situar o assunto — replicou Jeffrey. — Já liguei antes, mas uma mulher me disse que você estava em uma excursão. Por que não telefonou para mim?

— Mal existem telefones nesta casa e, além disso, estive muito ocupada. Lamento por ter se preocupado, Jeffrey.

— Como acha que eu ficaria? De qualquer modo, fiz a maioria do trajeto até aí, antes de ser impedido pela chuva. Como conseguiu chegar a Shorelands?

— Não é importante. Assim que vi todos aqueles policiais no hotel, saí por uma porta lateral e então encontrei um amigo, que me deu uma carona. Sinto muito não poder ter entrado em contato com você. Onde está agora?

— Em um posto de gasolina, na periferia de Lenox. Acho que ainda serei obrigado a ficar umas duas horas por aqui. Ouça, Nora, tenho algumas coisas importantes para dizer a você.

— Você deve ter caído direto nas mãos daqueles tiras.

— Acertou em cheio. Fiquei a maior parte do dia no posto policial. Estava certo de que iam deter-me, mas eles finalmente me deixaram ir embora.

— Vi Davey pouco antes de escapar. Ele esteve com sua mãe?

— Aí está uma das coisas que quero dizer-lhe. Ele esteve na casa dela com dois agentes do FBI. Foi uma cena daquelas. Pelo que ela me contou, o inferno esteve à solta em Westerholm esta manhã. Davey procurou o pai com o que você lhe contou ontem à noite, e Alden o expulsou de "Os Álamos". Davey está em pedaços. Quer você de volta. Não sei qual a sua idéia a respeito, de modo que em vez de ligar para ele depois que falei com minha mãe, achei que antes deveria entrar em contato com você. Gostaria de falar-lhe pessoalmente, mas daqui para a frente, a estrada ficou debaixo d'água.

— Em vez de ligar para ele? Por que você ligaria para Davey?

— Para dizer-lhe que você talvez tivesse ido para Shorelands. Ou, o que eu temia, que Dick Dart conseguisse raptá-la novamente.

— Não compreendo.

— Não compreende porque ainda não sabe o que tenho mais para contar. Depois que eu chegar a Shorelands, provavelmente desejará voltar a Northampton comigo. Ou poderei dar-lhe uma carona até o Connecticut, se for essa a sua vontade.

Dart puxou a faca da bainha do cinto e a manteve diante do rosto dela.

— Vamos com calma, Jeffrey. Tenho que passar a noite aqui, e prefiro que você só venha amanhã. Sinto muito, mas tem de ser assim. Aliás, como eu poderia voltar ao Connecticut?

— Bem, é algo um tanto estranho, mas foi tudo resolvido — disse ele. — Você não está mais sendo procurada.

Os olhos de Dart moveram-se rapidamente para ela.

— O que aconteceu? Aliás, como é que você sabe disso?

— Por minha mãe. Ninguém parece ter entendido até agora, mas um dos homens do FBI disse que Natalie Weil voltou atrás totalmente. Ela contou à polícia que você não a raptou, em absoluto.

— Quer dizer que estou limpa?

— Até onde sei, sim. Toda a questão ainda parece bastante confusa, mas Natalie deve ter dito que estava errada, enganada ou qualquer coisa, e que lamenta ter envolvido você.

O olhar de Dart tornara-se monótono e desconfiado.

— Francamente, não estou entendendo isso — disse Nora.

— Tenho a impressão de que Natalie deixou todo mundo um pouco desconcertado, mas sem dúvida são boas notícias, até onde lhe dizem respeito. O único assunto que a polícia pretende falar com você é sobre Dick Dart. Ele escapou de Northampton ao roubar um antigo Duesenberg, se é que você consegue acreditar nisso.

— Ele fez mesmo isso? — perguntou Nora.

— Por que não me deixa ir apanhá-la assim que eu puder, e levá-la para onde quer que deseje ir?

— Sei que é uma tremenda inconveniência, mas quero ficar aqui e terminar o trabalho que estou fazendo.

— Não acha melhor que eu espere neste posto de gasolina até a chuva parar e depois levá-la de volta a Northampton? — perguntou Jeffrey, quase confuso.

— Eu gostaria que houvesse um meio de fazer isso, mas que fosse mais fácil para você.

— Eu também. Pode ligar para mim amanhã? Por volta de oito da manhã devo estar na casa de minha mãe — respondeu ele, em voz inexpressiva.

— Ligarei para você.

— Quer que eu ligue para Davey e lhe diga que você está bem?

— Por favor, não.

— Deve estar às voltas com algo muito interessante, para querer ficar aí.

— Sei que merece coisa melhor do que isto, Jeffrey. Você é um bom amigo.

— Posso ter o direito de dar-lhe um conselho?

— Mais do que isso.

— Abandone-o. Ele nunca será coisa alguma além daquilo em que está no momento, o que não é suficientemente bom para alguém como você.

— Até breve, Jeffrey.

Dart desligou o telefone.

— Acho que você partiu o coração dele. Jeffrey queria passar a noite com a minha Nora-docinho. Enfim, consideremos um assunto mais crucial. A pequena Natalie desmentiu o depoimento. Você nunca raptou aquela prostituta, afinal de contas. — Ele moveu as mãos em círculo aos lados da cabeça. — A maldição de Shorelands ataca novamente; estamos caminhando entre mentiras. — Colocando a ponta da faca debaixo do queixo de Nora, ele a esfregou contra sua pele. — Você vai ajudar-me a sair daqui.

— Não consigo entender. — Nora ergueu o queixo, e Dart fincou a faca levemente, fazendo marca na pele, mas sem furá-la. —

Você o ouviu. Ninguém entende o que Natalie está fazendo.

— E você, entende alguma coisa?

— Natalie ficou dias sendo medicada. Acho que nem se lembra do que aconteceu. Por outro lado, ela toma drogas. Davey me contou que os tiras encontraram um saquinho de cocaína em algum lugar de sua casa — disse Nora.

— A aventureira Natalie...

— Talvez ela não consiga recordar o que eu fiz. Talvez tenha outro motivo para mentir. Não sei e nem me importo. Eu ia matá-la.

Dart esfregou-lhe a bochecha.

— Essas ameaças de visitantes inesperados deixam-me pouco à vontade. Vou dizer-lhe o que farei esta noite. Tudo está correndo às mil maravilhas. Papai tem um novo plano.

95

PASSANDO UM POUCO das seis, Marian retornou para avisar que o jantar estaria pronto em poucos minutos. Ela havia aplicado batom rosa-claro nos lábios, um leve delineador, e pusera um colar de finos elos de ouro, que lhe caíam sobre as clavículas como um filhote de serpente.

— Espero que você esteja novamente com fome — disse ela para Dart, que estava entediado e emburrado, porque não lhe tinham oferecido um segundo drinque.

— Eu sempre estou faminto. Também tenho um lado sequioso.

— Poderia isso ser uma sugestão? Margaret abriu uma garrafa de vinho e creio que você gostará da escolha dela.

— Só uma garrafa? — Dart ergueu seu copo. — Por que não envida seus melhores esforços a fim de garantir a alegria, arranjando pelo menos mais uma garrafa para acompanhar nosso banquete?

Marian sorriu, ligeiramente tensa, apanhou o copo e parou atrás de Nora.

— Encontrou alguma coisa que valesse a pena?

Nora havia encontrado mais duas entradas de pagamentos feitos por Lincoln Chancel, um deles de trinta mil dólares, o outro de vinte mil. Cada um era seguido por desembolsos com costureiras, chapeleiras, lojas de tecidos e o ubíquo Selden. Após ter gasto a maioria dos primeiros cinqüenta mil na propriedade, Georgina dedicara os outros cinqüenta mil a si mesma.

— Estou chegando lá — disse Nora.

— Vocês poderiam voltar aqui depois do jantar, se quiserem.

Esta sugestão ajustava-se aos novos planos de Dart para a noite, e Nora forçou-se a dizer:

— Obrigada, talvez eu siga sua idéia.

— Acho melhor cuidar de seu marido sedento, ou ele ficará mal-humorado.

— Sem sombra de dúvidas — disse Dart. — E por falar em humor, como está o de *Lady Margaret*? Ela voltou atrás?

— Margaret não volta atrás — replicou Marian — mas eu diria que ainda há esperanças de uma noite civilizada.

— Que tédio! Vamos descer e fazer uma sujeira.

— Acho melhor apressar-se com aquele drinque.

O lustre não tinha sido aceso, e toda a iluminação da sala vinha de candelabros de parede e velas em altos castiçais de prata. Cinco lugares tinham sido preparados com enfeitada porcelana azul e dourada. As chamas refletidas das velas brilhavam nas cobertas de prata das travessas de aquecer e nas janelas escuras. Uma chuva invisível sibilava em cima do gramado. Margaret Nolan e Lily Melville viraram-se para Dart e Nora, uma delas mostrando uma expressão de neutras boas-vindas, a outra com um sorriso expectante. Lily pareceu dançar, com as mãos dobradas diante do corpo.

— Não é uma tempestade *terrível*? Não ficam felizes por isto só acontecer depois de encerrarem sua excursão?

— A chuva foi inventada pelos agentes do demônio.

— As grandes tempestades sempre me amedrontam, especialmente aquelas com raios e trovoadas. Geralmente acho que algo terrível vai acontecer.

— Nada terrível vai acontecer esta noite. — Margaret caminhou para eles. — Exceto pela costumeira falta de energia elétrica, mas estamos bem equipados para lidar com isso. Teremos uma noite muito agradável, não é mesmo, sr. Desmond?

— Como nunca tivemos.

Ela se virou para Nora.

— Marian me disse que esteve examinando nossos antigos livros contábeis, em busca de dados sobre um projeto relacionado a Hugo Driver. Espero que partilhe seus pensamentos conosco.

Margaret estava querendo minimizar as provocações de Dart, por causa do provável negócio resultante de conferências sobre Hugo Driver. Nora perguntou-se o que ela poderia contar-lhe a respeito da importância de Shorelands no romance de Driver.

— O que foi feito de Marian? Esperávamos que ela descesse com vocês.

— Ela foi providenciar uma libação — disse Dart.

Margaret ergueu as sobrancelhas.

— Teremos um bom Châteauneuf para o primeiro prato, além de algo que é bastante especial, um Château Talbot 1970 para o segundo. O que pediu a Marian para trazer-lhe?

— Um duplo — disse Dart. — Para compensar-me pelo que ela esqueceu.

— É um poeta da velha escola, sr. Desmond. Um copo deste delicioso vinho branco, sra. Desmond?

— Água mineral, por favor — disse Nora.

Ela caminhou para as garrafas, quando Marian entrou apressadamente, com o copo novamente cheio de bebida.

— Espero que não se incomode, Margaret — disse ela, entregando o drinque — mas Norman achava que uma garrafa do Talbot talvez não fosse suficiente, de maneira que dei uma espiada nas prateleiras e abri uma garrafa de Beaujolais. Está na cozinha, em cima da bancada.

Margaret Nolan considerou tal declaração, a qual incluía a informação não dada de que a segunda garrafa talvez custasse um décimo do preço da primeira, e lançou um olhar avaliador para Dart. Ele afivelou ao rosto uma expressão de seráfica inocência e engoliu metade de sua vodca.

— Muito inteligente, Marian. O que nosso convidado não beber, pouparemos para vinagre. Por favor, sirva-se.

Marian encheu um copo de vinho branco para si mesma.

— Liguei para Tony e pedi-lhe que trouxesse roupas de chuva para Norman e as deixasse dentro da porta principal. As linhas telefônicas podem ficar mudas, e o pobre homem tem de voltar para o Pote de Pimenta. Para Norman, posso emprestar algumas coisas minhas.

— Outra inteligente decisão — declarou Margaret Nolan. — Uma vez que está tratando nossos convidados por seu primeiro nome, todas devemos fazer o mesmo. Não é agradável?

— Inteiramente, Maggie — disse Dart, levando o copo à boca e bebendo o resto da vodca.

Com elaborada cerimônia, Margaret indicou os assentos: Norman à direita da cabeceira da mesa, Nora à frente dele, Marian perto de Norman e Lily ao lado de Nora.

— Por favor, queiram ir até o aparador e servir-se do primeiro prato. Assim que nos sentarmos, descreverei nossa refeição, bem como alguns aspectos desta encantadora sala, não coberta durante as excursões normais. Lily, quer ser a primeira?

Lily aproximou-se do aparador, onde ergueu a cobertura de uma travessa, perto de uma cesta de pãezinhos. A cada lado de um monte de pálidas tiras de queijo jaziam pimentões grelhados, fatiados e sem pele, os vermelhos à esquerda, os verdes à direita, flanqueados por azeitonas pretas e coroados por anchovas. Quartas partes de ovos cozidos haviam sido arrumadas em cada extremidade da travessa. Um cheiro de alho e óleo levantou-se dos pimentões. Lily apanhou um prato de salada na pilha perto da travessa, e a segurou diante de Dart.

— Esta é a própria porcelana de Georgina. Wedgwood.

— “Florentina” — disse Dart. — Um dos meus padrões favoritos.

— Norman, você sabe tudo!

— Até os animais podem aprender — replicou ele.

Lily serviu-se de porções diminutas das duas espécies de pimentões, algumas azeitonas e um só pedacinho de ovo cozido. Dart transferiu para seu prato metade dos pimentões vermelhos, nenhum dos verdes, a maioria das azeitonas, metade dos ovos e queijo, e tudo o mais, com exceção das fatias de anchova. Por cima de tudo, ele colocou um pedaço de uns quinze centímetros que partiu do pão francês. Os outros o seguiram, escolhendo o que havia sobrado.

Dart sentou-se, piscou para Lily e encheu seu copo com o vinho branco do balde.

Margaret também sentou-se, e fez ao prato dele um prolongado exame.

— Isto é o que a srta. Weatherall denominava sua “Travessa Mediterrânea”. Monty Chandler cultivou os pimentões, juntamente com inúmeras outras coisas, em uma horta separada, ao norte da Casa Principal.

Enquanto ela falava, Dart estivera enfiando pimentões na boca, demolindo os ovos cozidos, colocando tiras de queijo sobre pedaços de pão e devorando tudo. Quando Margaret terminou, ele deu uma dentada no pão e bebeu um gole de vinho para umedecê-lo. Depois estalou os lábios.

— Que queijo esquisito!

— É sírio. — Com expressão grave, Margaret o fitava enquanto ele comia. — Nós o conseguimos de um mercado para *gourmets*, mas a srta. Weatherall o encomendava a um importador de Nova York. Nada era bom demais para os seus convidados.

Dart sacudiu a garrafa para ela.

— Sim, por favor.

Ele lhe deu meio copo e depois encheu o de Marian. Uma rajada de vento fustigou a casa, como uma gigantesca mão. Lily amarfanhou o guardanapo nas mãos.

— Você já viveu através de mil das nossas tempestades, Lily — disse Margaret. — Enfim, a coisa não pode estar tão ruim quanto parece, porque a eletricidade continua funcionando.

Nesse momento, os candelabros de parede apagaram-se. Os reflexos das chamas das velas oscilaram nas janelas negras, que foram novamente chicoteadas pelo vento.

— Falei cedo demais — disse Margaret. — Não importa. Lily, pare de *tremar!* Sabe que a luz logo estará de volta.

— Eu sei. — Lily enfiou as mãos entre as coxas e ficou olhando para o colo.

— Coma.

Lily conseguiu enfiar uma azeitona na boca.

— Marian, talvez fosse melhor você levar uma vela para Agnes, lá em cima. Ela já comeu, não?

— Se alguém pode dizer que aquilo é comer... — comentou Marian. — Não se preocupe, eu cuidarei disso. E trarei mais velas cá para baixo, a fim de podermos enxergar nossos pratos.

— Você poderia checar os telefones? — pediu ela, virando-se para Dart. — Uma das poucas desvantagens de morar-se em um lugar como este é que, quando a eletricidade cai, cinqüenta por cento dos telefones também saem do ar. Eles são sovinas demais para instalarem linhas telefônicas subterrâneas.

— Uma praga da democracia — disse Dart. — Todas as pessoas erradas dando ordens.

Margaret dirigiu-lhe um olhar de viva indulgência.

— Tem razão. Você partilha o gosto de Georgina Weatherall por líderes fortes, não é mesmo?

Lily ergueu os olhos, por um momento esquecida de seu terror.

— Estive pensando nisso. É verdade, ela costumava dizer que nações poderosas deveriam ser dirigidas por homens poderosos. Daí por que gostava do sr. Chancel. *Ele* era um homem poderoso, segundo ela, e alguém assim deveria estar dirigindo o país.

Dart sorriu radiosamente para ela.

— Boa garota, Lily, vejo que voltou a juntar-se aos vivos! Concordo plenamente com a srta. Weatherall. Lincoln Chancel daria um esplêndido presidente. Precisamos de um homem que saiba controlar as rédeas. Ouso dizer que também eu poderia fazer um bom trabalho nesse campo.

— Sem dúvida — concordou Margaret.

Dart tomou a última porção do vinho branco.

— Pena de morte para quem fosse idiota o bastante para ser surpreendido cometendo um crime. Como estímulo, atuar no próprio local do crime. Execuções públicas, transmitidas ao vivo. Julgamentos televisados, entendem? Mostraremos a essa gente que está encerrado o que acontece depois do julgamento. Aboliremos o imposto de renda, a fim de que as pessoas capazes parem de carregar o populacho nas costas. Abrir escolas em uma base comercial. Em vez de notas, prêmios em dinheiro financiados pelos empresários. E etc., etc. Agora que a parte da salada desta refeição chegou ao fim, por que não descobrimos o que existe debaixo das tampas dessas travessas?

Margaret disse:

— Ocorreu-me agora que uma conversa jocosa como esta, com desenfreados vôos de fantasia, deve ter sido similar àquelas mantidas aqui, durante a vida da srta. Weatherall. Concorda, Lily?

— Oh, sim! — exclamou Lily. — Quem ouvisse algumas daquelas pessoas falando, pensaria que tinham abusado da bebida.

— Uma das telas nesta sala já existia aqui, nos tempos antigos. Juntamente com o retrato do pai da srta. Weatherall, na parede da escada, é tudo quanto sobrou da coleção de arte que ela possuía. Poderiam mostrar-me de que tela estou falando?

— Daquela — e Nora apontou para um retrato de mulher, cujo rosto familiar espiava abaixo de um chapéu vermelho, do tamanho e formato de uma abóbora que houvesse ganho o primeiro prêmio.

— Correto. O retrato da srta. Weatherall, naturalmente. Acredito que ele nos transmite toda a sua força de caráter.

Marian retornou à sala, trazendo um castiçal em cada mão e dois outros presos com os braços em ambos os lados do corpo.

— Creio que já poderia remover os pratos dos *hors d'oeuvres*, Marian, e dar-me os outros, a fim de que eu possa servir o prato principal. Como está a pobre Agnes?

— Muito excitada, mas eu não saberia dizer o motivo. — Marian começou a tirar os pratos da mesa. — Os telefones estão mudos. Acho que voltarão a funcionar novamente pela manhã.

— Eu gostaria muito de tornar a ver Agnes — disse Nora.

Margaret ergueu a cobertura prateada de cima do que parecia um pão, grande e redondo. Flocos esverdeados pontilhavam a crosta.

— Norma, creio que eu e Lily poderíamos ser-lhe tão úteis quanto Agnes Brotherhood. Qual é o seu projeto? Algum livro?

— Talvez eu escreva um, algum dia. Estou interessada em um certo período da vida de Shorelands.

Margaret introduziu a faca na crosta. Com dois ágeis movimentos, colocou um pequeno pedaço do petisco dentro do primeiro prato da pilha. Pequenas fatias assadas de carne, destilando um suculento molho, escorreram de sob a crosta espessa. A isto ela acrescentou cintilantes ervilhas nevadas do outro prato de servir.

— Há biscoitos amanteigados na cesta. Quer passá-la para Lily, Norma, por favor?

Dart observou a mistura fluindo de sob a crosta.

— O que é essa coisa?

— Torta de coelho e alho-poró, com ervilhas nevadas passadas na manteiga. O coelho está em um molho de *beurre manié*, e tenho certeza de que retirei todas as folhinhas de louro.

— Estamos comendo um coelho?

— Dos grandes e bons; além disso, tivemos sorte em encontrá-lo. — Ela serviu mais um prato. — Nos velhos tempos, Monty Chandler apanhava três ou quatro coelhos por mês, não foi o que disse, Lily?

— Isso mesmo — disse ela, inclinando-se e aspirando o aroma.

— Marian, poderia trazer-nos o Talbot?

Margaret serviu os pratos remanescentes, e Marian encheu quatro copos de vinho. Assim que ela se sentou, Dart atacou sua torta e mastigou desconfiadamente, por um momento.

— Um gosto muito bom para um animal silvestre.

Margaret virou-se para Nora.

— Segundo deduzi, Norma, a pesquisa de que fala concentra-se em Hugo Driver.

Nora desejou poder saborear uma das melhores refeições de sua vida.

— Sim, mas também estou interessada nas outras pessoas que estiveram aqui durante aquele verão. Merrick Favor, Creeley Monk, Bill Tidy e Katherine Mannheim.

Lily Melville franziu o cenho para seu prato.

— Um grupo um tanto obscuro. Lembra-se de algum deles, Lily?

— Claro que me lembro — replicou Lily. — O sr. Monk era um homem terrível. O sr. Favor tão bonito quanto um ator de cinema. O sr. Tidy parecia um peixe fora d'água, e ficava na dele. Não gostava da srta. Weatherall, mas pelo menos fingia que gostava. Ao contrário *dela*. Ela não podia ser perturbada, requebrando-se pela propriedade inteira. — Lily olhou fixamente para Nora. — Conseguiu enganar a srta. Weatherall e enganou Agnes, mas não a mim. O que quer que lhe tenha acontecido, foi melhor do que ela mereceu.

O ódio em sua voz, lealmente preservado por décadas, era o mesmo de Georgina. Esta parte era também a Shorelands real. Margaret ouviu igualmente o que fora dito, mas ignorava o *background* do assunto.

— Nunca antes a ouvi falar dessa maneira sobre alguém, Lily — observou. — O que fez essa pessoa?

— Ela insultou a dona da casa. Depois fugiu, além de roubar algo.

O esboço de uma recordação parcial surgiu no rosto de Margaret.

— Oh, você se refere à hóspede que encenou um desaparecimento misterioso. Ela não roubou um desenho de Rembrandt?

— De Redon — corrigiu Nora.

— A gente sentia repugnância, só em olhar para ela. Era uma mulher com cabeça de pássaro, muito morena e *suja*. Isso mostrava seus hábitos particulares. Eu apenas me lembro *dela*, eis a verdade.

— Norma, talvez fosse aconselhável esquecermos essa infortunada pessoa, para concentrarmo-nos em nosso tema sobre Driver. Segundo Marian, você acredita que Shorelands possa ter inspirado *Jornada na Noite*. Poderia ajudar-me a entender como?

Nora ficou agradecida por ter acabado de pôr na boca uma garfada da torta de coelho, porque isto lhe permitia uma pausa momentânea. Teria de inventar algo. O Senhor Noite era uma caricatura de Monty Chandler? O chalé Pão de Mel havia sido o modelo para a casinhola da Dona da Xícara?

Uma rajada de vento passou uivando fora das janelas.

Algum tempo antes, seguindo Lily no *tour*, ela havia sentido... tinha quase sentido... fora recordada sobre...

— Devíamos visitar os Pilares Cantantes — disse Marian. — Dá para imaginar como soariam agora?

Lily estremeceu.

Uma porta se abriu na mente de Nora, e ela compreendeu exatamente o que Paddi Mann quisera dar a entender.

— Os Pilares Cantantes são um bom exemplo da maneira como Driver usou Shorelands — comentou.

Dart largou seu garfo e sorriu.

— Ele colocou em seu livro certos pontos da propriedade. O motivo de mais pessoas não haverem percebido, é porque os fanáticos de Driver habitam um mundo demasiado insular. Por outro lado, ele nunca atraiu muita atenção acadêmica, e as pessoas que melhor conheceram Shorelands, como vocês, não ficam muito tempo pensando nele.

— Eu nunca pensei nele — confessou Margaret — mas creio que estou disposta a compensar o lapso. O que acha que não

percebemos?

— Os nomes — disse Nora. — Marian acabou de mencionar os Pilares Cantantes. Driver os colocou em *Jornada na Noite*, e os batizou como as Pedras de Toon. Toon — *song*, canção, cantante? Ele trocou o nome de Campo Nevoento para Campo de Vapor. Clareira na Montanha é...

Margaret olhava fixamente para ela.

— Clareira na Montanha — *Mountain Glade* — é *Monty's Glen*, o Vale de Monty. É verdade. Sim, isto é fascinante! *Pensem* em todas aquelas pessoas dedicadas a esse livro. Norman, sirva-se de mais desse vinho. Sua esposa o mereceu para você. Marian, apanhe a garrafa de Beaujolais que você abriu antes do jantar, e traga-a para cima, com o champanha que está na geladeira. Vamos ter uma comemoração digna de Georgina Weatherall e, por Deus, nós merecemos!

Marian levantou-se.

— Entende o que eu quis dizer acerca da conferência sobre Driver?

— Eu vejo além disso. Vejo uma *semana* de Driver. Vejo camisetas Hugo Driver esvoaçando na loja de presentes. Em que chalé esse nobre homem hospedou-se, quando esteve aqui?

— Rapunzel.

Lily murmurou algo que Nora não captou.

— Dêem-me três semanas e posso transformar Rapunzel em um santuário de Hugo Driver. Tornaremos Rapunzel o centro Driver do universo.

— Ele não era nobre — resmungou Lily.

— Pois agora é. Lily, esta é uma grande oportunidade. Aí está você, uma das poucas pessoas vivas que de fato conheceram o grande Hugo Driver! Cada única coisa que possa recordar sobre ele vale o próprio peso em ouro. Ele era desleixado? Podemos deixar cair algumas meias e bolas de papel datilografado pelo chão do quarto. Bebia demais? Colocaremos uma garrafa de bourbon em cima de sua mesa de trabalho. — Lily tomou um mal-humorado gole de vinho. — Vamos, conte-me! O que havia de errado com ele?

— Tudo.

— Oh, não pode ser verdade!

— Você não estava aqui — disse Lily, olhando para Margaret com um toque de desafio. — Ele era servil. Era maldoso com os empregados e roubava coisas.

Marian apareceu, carregada de garrafas e um segundo balde de gelo.

— Quem é que roubava coisas?

— Precisamos reabilitar o sr. Driver um pouco mais do que os nosso luminares costumeiros — declarou Margaret.

— Você sabia que ele era um ladrão — disse Nora.

— É claro que eu sabia. Roubou talheres desta sala. Roubou um cinzeiro de alabastro do saguão. Roubou duas fronhas e um par de lençóis do chalé Rapunzel. Livros da biblioteca. Também roubou coisas dos demais hóspedes. O sr. Favor perdeu uma caneta-tinteiro nova em folha. O homem era uma praga, sem tirar nem pôr.

A rolha de cortiça saiu da Veuve Clicquot com um estouro suave e satisfatório.

— Talvez devemos repensar nossa posição a respeito do sr. Driver — disse Marian.

— Está falando sério? O que vamos fazer é polir o sujeito até ele brilhar como ouro, e se você não quiser tentar, Lily, que a tarefa fique para Agnes.

— Ela não fará nada disso. — Lily bebeu o resto de seu vinho. — Foi Agnes quem me contou metade do que acabei de dizer. Também quero um pouco de champanha, Marian.

— O que mais ele roubou, Lily? — perguntou Nora.

A idosa mulher olhou para um ponto na parede, acima da cabeça de Nora, depois empurrou sua taça de champanha na direção de Marian.

— Ele roubou aquele desenho, não foi? O Redon que está desaparecido. Aquele que você nunca apreciou.

Lily olhou para Nora com expressão infeliz.

— Eu não lhe contei. Não devia contar, e não contei!

Margaret tomou um gole de champanha e seus olhos foram de Nora a Lily, com grande perplexidade.

— Lily, há dois minutos atrás, você disse que a jovem Mannheim havia roubado o desenho!

— Isso era o que me cabia dizer.

— Quem lhe falou para dizer isso?

Lily engoliu outro gole de champanha e fechou a boca.

— Georgina, naturalmente — disse Nora.

Dart deu uma risadinha satisfeita e serviu-se de mais um pedaço de torta de coelho. Lily encarava Nora quase temerosamente.

— Ela sabia, porque viu o desenho em Rapunzel, na noite em que a srta. Mannheim desapareceu — disse Nora.

Lily assentiu.

— Quando foi que ela lhe falou sobre isso? E por quê? Você deve ter perguntado à srta. Weatherall se quem roubara o desenho havia sido realmente Hugo Driver, em vez da srta. Mannheim — disse Nora.

Lily tornou a assentir.

— Foi quando ela adoeceu.

— Quando não havia mais hóspedes e ela praticamente não abandonava seu quarto. Agnes Brotherhood passava muito tempo com ela.

— Isso era *injusto* — disse Lily. — Agnes jamais a amou como eu. Emma, a irmã de Agnes, era a camareira dela, mas então Emma morreu, e a srta. Weatherall quis Agnes ao seu lado. Ela não conhecia a *verdadeira* Agnes, e o caso era apenas que as duas irmãs pareciam-se uma com a outra. Eu teria cuidado melhor dela. Tentei ficar atenta, em seu benefício, mas naquela época era Agnes, Agnes, Agnes para tudo.

— Então, foi Agnes quem primeiro lhe falou sobre o desenho.

Margaret apoiou o queixo na mão e ficou acompanhando as perguntas e respostas, como um espectador em uma partida de tênis.

— Agnes saiu do quarto da senhora, eu olhei para o seu rosto e perguntei: “O que há de errado, Agnes?”, porque qualquer um podia ver que ela estava perturbada. Agnes me disse que fosse embora, mas tornei a perguntar se havia algo errado com a senhora. Por fim, ela colocou a mão sobre os olhos e disse: “Eu estava certa sobre a srta. Mannheim. Estava certa, o tempo todo.” Aquela vagabundinha, respondi, divertindo-se à custa da senhora, além de roubar aquele quadro! “Não, ela não roubou o quadro”, disse Agnes.

“O sr. Hugo Driver é que fez isso.” Ela começou a rir, mas não era como um riso de verdade. Então, disse que eu fosse ao andar de cima e perguntasse à senhora, caso não estivesse acreditando no que me dizia.

— E você foi — disse Nora.

Lily terminou sua bebida e estremeceu.

— Fui lá, sentei-me ao lado dela e toquei seus cabelos. “Imagino que Agnes não conseguiu ficar calada”, ela disse, e isso foi antes de ficar doente, ainda tinha os olhos animados. Eu falei: “Agnes mentiu para mim.” Contei-lhe o que Agnes tinha dito, ela acalmou-se em seguida e disse: “Não, Agnes contou-lhe a verdade. Foi o sr. Driver quem levou aquele quadro”, e ela sabia o que dizia, porque o tinha visto no quarto dele, no chalé Rapunzel. “Por que foi ao quarto dele?”, perguntei, e ela respondeu: “Eu estava sendo a filha de meu pai. Você até poderia dizer que eu estava sendo Lincoln Chancel.” Então eu disse: “A senhora não devia deixá-lo levar o quadro.” Ela respondeu: “O sr. Chancel pagou por aquele desenho horrendo cem vezes mais do que vale. Chame Agnes de volta.” Assim, mandei Agnes de volta ao quarto dela. No dia seguinte, a senhora me disse que não podia pagar mais o meu salário, e que teria de deixar-me ir embora, mas que eu nunca contasse para ninguém quem roubara aquele quadro. E eu nunca contei, nem mesmo agora.

— Você não contou — disse Nora. — Eu adivinhei.

— Santo Deus! — exclamou Margaret. — Que história mais estranha! Entretanto, nela nada encontro que pudesse preocupar-nos, não é mesmo, Marian?

— O sr. Chancel comprou o desenho — disse Marian. — Hugo Driver tomou-o emprestado antes do pagamento ter sido arranjado, eis tudo.

— Estou adorando a história — disse Dart.

— Se conseguíssemos que os herdeiros de Driver nos emprestassem o desenho, poderíamos pendurá-lo no Rapunzel e relacioná-lo à história completa de *Jornada na Noite*. — Margaret dirigiu a Lily um olhar de firme gentileza. — Sei que você não gostava do homem, Lily, mas já lidamos antes com este problema. Juntas, eu, você e Marian poderemos imaginar qualquer número de histórias simpáticas sobre o sr. Driver. Isso será uma sorte inesperada para a Fundação Shorelands. Mais champanha, Norman? Como petisco especial, teremos alguns *petits vacherins*. São pequeninos e deliciosos merengues recheados de sorvete e arrematados com calda de frutas. O sr. Baxter, nosso padeiro em Lenox, a maravilha das maravilhas!, tinha hoje alguns potes de merengue fresco, e a srta. Weatherall adorava *vacherins*.

— Conte comigo — disse Dart.

— Quer ter a bondade, Marian?

Marian deixou a sala novamente, desta vez dando um tapinha nas costas de Dart, quando passou por ele. Assim que ela fechou a porta, Lily disse:

— Não estou me sentindo bem.

— Este foi um longo dia — replicou Margaret. — Guardaremos um pouco da sobremesa para você.

Lily ficou em pé instavelmente, e, quando saiu da sala, Dart saltou de sua cadeira para abrir-lhe a porta e beijar seu rosto. Ao vê-lo ocupar sua cadeira novamente, Margaret sorriu para ele.

— Lily teve algumas dificuldades esta noite, mas fará seu costumeiro e esplêndido trabalho durante as nossas comemorações para Driver. Não vejo problemas, e você?

— Apenas atos de Deus — disse Dart, tornando a encher seu copo de vinho.

Marian voltou com uma travessa de *petits vacherins* e mais uma garrafa de champanha.

— Apesar dos escrúpulos de Lily, achei que tínhamos algo a comemorar, portanto espero que não se importe, Margaret.

— Não pretendo beber mais, porém vocês sirvam-se à vontade — replicou Margaret. Não obstante, quando foram retirados os pratos de sobremesa e Marian dançou em torno da mesa despejando mais champanha, deixou que sua taça fosse enchida de novo. — Sr. Desmond — disse ela —, gostaria de saber se teria a gentileza de recitar-nos um dos seus poemas. Seria uma honra, ouvir algo de sua autoria.

Dart sorveu um gole de champanha, enfiou na boca uma garfada de sorvete e merengue, tomou outro gole de champanha e ficou rapidamente em pé.

— Compus este poema no carro, quando vinha para este paraíso das artes literárias. Espero que as sensibilize de algum modo. Chama-se “Dentro De”.

“O adeus, a beatitude — o mundo é, somos,
deles a morte luxuriosa, mas nenhuma
de suas cadeias eu, enfermiço, devo —
De nós, tende piedade, Senhor!

“Homens, nunca a opulência, não podem
Você, homem de ciência, todos devem ser
O apogeu se vai, e eu, enfermiço, devo —
De nós, tende piedade, Senhor!

“A beleza, não a flor,
Emurchece devorando quedas de Soberanas
Mortas, o pó lhes cerrando os olhos;
Morrerei?
Que pilhéria!

“A resistência à tumba nutriu as espadas de Heitor,
não com terra irá retê-la
Vem!
A impostura, eu,
Enfermiço, devo —
De nós, tende piedade, Senhor!”

Dart passou os olhos pela mesa.

— O que vocês acham?

— Confesso que nunca ouvi nada igual — declarou Margaret.

— A sintaxe está confusa, porém o sentido é perfeitamente claro. Trata-se de uma súplica por misericórdia, feita por um homem que não espera nenhuma. O que acho francamente extraordinário é que, mesmo sendo esta a primeira vez que ouvi o poema, ele me parece singularmente familiar.

— O trabalho de Norman freqüentemente tem esse efeito — disse Nora.

— É como algo reduzido à própria essência — comentou Margaret. — Já falou com Norman sobre nossa série de poesias, Marian?

— Ainda não, porém este é o momento perfeito. Poderemos conversar sobre sua volta para fazer uma leitura, Norman?

Sem saber, mais uma vez Marian havia colaborado nos planos de Dart para a noite. Ele fingiu refletir na proposta.

— Cuidaremos disso esta noite. O único problema é que vou precisar de meu livro de apontamentos, que ficou no quarto. Entretanto, se você achar que gostaria daquele último drinque antes de dormir, poderia passar lá mais tarde.

— E deixar que meu livro de apontamentos falasse ao seu? Sim, por que não faço isso?

— Vocês, os jovens — disse Margaret — terão horas divertidas conversando sobre todo tipo de coisas, e eu vou pegar no sono, assim que for para a cama. Antes disso, no entanto, Marian, nós duas precisamos dar um jeito na cozinha.

— Deixem-me ajudá-las — ofereceu-se Nora. — É o mínimo que posso fazer.

— Bobagem — replicou Margaret. — Eu e Marian arrumaremos tudo em meia hora. Mais alguém para ajudar certamente atrapalharia.

— Margaret, minha querida — disse Dart —, são apenas sete e meia. Não fala sério, quando diz que irá para a cama assim que os pratos forem lavados!

— Eu bem que gostaria de dormir logo, mas ainda tenho cerca de uma hora de trabalho a fazer no escritório. Marian, vamos levar os pratos para baixo, e atacar a cozinha.

Dart olhou para Nora, que disse:

— Marian, eu gostaria de ficar mais algum tempo examinando os registros e fotografias, mas antes quero descansar um pouco. Para você não se dar ao incômodo de subir e descer a fim de atender a porta, será que me podia emprestar uma chave?

— Podemos deixar a porta sem trancar — sugeriu Margaret. — Estamos absolutamente seguras aqui. Quando pretendem voltar?

— Às nove, talvez? Até lá, a tempestade deverá ter cessado. Eu poderia completar algum trabalho, enquanto Norman e Marian combinam seus horários.

— Oh? — Marian olhou para Dart. — O arranjo está bom para mim. Deixarei acesas as luzes do térreo, e irei até o Pote de Pimenta por volta das nove. Concordam?

— Está perfeito — disse Dart. — Terei ouvido uma oferta de proteção contra a chuva?

— Cuidaremos disso imediatamente.

Marian saiu da sala, e Nora ajudou Margaret a empilhar os pratos. Em breve Marian retornava com galochas verdes de cano alto, um reluzente impermeável vermelho com botões de pressão, e um chapéu de abas largas da mesma cor.

— Meu traje de soldado do fogo. Não se preocupe. Tenho inúmeras outras peças que me permitirão chegar seca ao chalé. Para você, Norman, o equipamento de Tony está junto da porta.

Nora tirou os sapatos e enfiou as botas de cano alto. Marian tinha pés grandes. Depois de envergar o reluzente impermeável e abotoá-lo, Dart largou seu copo vazio.

— O conjunto fica-lhe muito bem — disse.

O som da chuva era mais forte na fachada do prédio. Dart examinou com asco a capa amarela e suja de Tony, e esfregou seu lenço no interior do chapéu, antes de colocá-lo na cabeça. Como os sapatos não coubessem nas botas, ele os tirou e enfiou nos bolsos da capa.

— Já me sinto quase molhado — resmungou.

— Esperem! Não vão ainda! — Era Marian, surgindo no topo da escada de mármore atrás deles, com a bolsa de mão de Nora e quatro velas novas. — Encontrarão fósforos na platibanda da lareira. Boa sorte!

O MUNDO QUE FICAVA depois da porta principal da casa, era uma escuridão líquida. Água gelada deslizou pela gola de Nora, e escorreu por suas costas, parecendo fogo de metralhadora, e chocou-se contra o chapéu rígido. Dart agarrou-lhe o pulso e começaram a correr para o pátio de cascalho. Chegando lá, ela quase caiu na lama, porém Dart a puxou, mantendo-a em pé e depois empurrando-a para frente. A água lambia o interior das mangas de Nora. As árvores das margens gemiam e sacudiam-se, enquanto vozes alucinatórias enchiam o ar.

Nada havia funcionado; ela fora incapaz de falar com algum de seus possíveis salvadores, e Dart ia matar Marian Cullinan, depois disso passando cerca de duas horas macabras a dissecar-lhe o corpo, enquanto esperava que as mulheres mais velhas mergulhassem no sono. Em seguida, ele a empurraria através do dilúvio, de volta à Casa Principal, onde ansiava vê-la assassinar Agnes Brotherhood. Como ele lhe tinha dito, gênio era a capacidade de adaptar-se à mudança, sem perder o objetivo de vista.

— Encaremos a situação — dissera. — Estamos presos aqui por esta noite, de maneira que o rapto fica fora de questão. Temos de cuidar de todas elas, inclusive daquelas três velhotas franzidas também. Fomos chamados de *serial killer*, e eu bem que poderia divertir-me um pouquinho e agir como um. Em primeiro lugar, convenceremos todo mundo de que você voltará aqui sozinha. Quando acabarmos com a Cavalhada, trotaremos de volta à

casa-grande e visitaremos os quartos que nos indicaram com tanta gentileza. Nada de alarmes ou telefones. Segurança, facilidade e conforto. Terminado o “serviço”, saborearemos na cozinha um *breakfast* de campeão — bife e ovos. Em seguida, partiremos no carro da Cavallo Malhado.

Tentando acertar seu passo ao de Dart, Nora agachou-se e correu, incapaz de ver mais alguma coisa além da chuva escorrendo da aba do chapéu vermelho, e sentindo a lama que lhe chegava aos tornozelos. Dart agarrou-lhe a mão e ela perdeu a pressão dos dedos na sacola, que caiu na lama. O cutelo de açougueiro, a faca de trinchar e muitos outros artigos escaparam de dentro da sacola. Dart gritou algo inaudível, mas de tom indiscutível, puxou-a para trás e agachou-se, a fim de juntar os apetrechos caídos. À direita deles, um galho desprende-se de uma árvore, estatelando-se no chão. Dart jogou a sacola contra o peito de Nora, fez com que ela desse meia-volta e empurrou-a através da lama na direção do poste indicador de POTE DE PIMENTA e da trilha ascendente. Os pés dela escorregaram, fazendo-a deslizar para ele. Dart tornou a empurrá-la. A chuva batia no rosto de Nora como uma torrente de agulhas. Ela tentou caminhar para diante, mas seu pé direito escorregou da parte inferior da bota. Dart agarrou-a pela cintura e a ergueu do chão. O pé dela escapou da bota. Dart chutou a bota para um lado e carregou Nora até a trilha.

Deixando-a de pé no alpendre, ele abriu os botões da capa, a fim de apanhar a chave no bolso do paletó. A chuva tamborilava sonoramente no teto. Da floresta veio um gemido fantasmagórico. O *inferno novamente*, pensou Nora. *Pouco importa quantas vezes a gente vá lá, ele é sempre uma novidade.* Poças escuras formaram-se

à volta deles. Uma lâmina de água cobria-lhe o rosto, e suas costelas doíam, pelo aperto de Dart ao carregá-la. Abrindo a porta, ele apontou para dentro.

O chapéu e a capa de chuva de Dart aterraram no piso. Nora largou a bolsa-sacola e pescou as velas dentro dos bolsos da capa de Marian. Dart apanhou-as, trancou a porta, e fez gestos tranqüilizadores com as mãos. Nora pendurou os pertences de Marian em um cabide ao lado da porta e descalçou a bota remanescente.

— Pendure aquele lixo que eu tive de usar e encontre os fósforos. Depois coloque sua bolsa na banheira e volte aqui, para ajudar-me a tirar estas botas nojentas.

— Colocar minha bolsa na banheira?

— Está querendo destruir uma bolsa Gucci? Preciso limpá-la e tentar secá-la.

Nora levou a gotejante bolsa-sacola para o banheiro, através do aposento escuro. Havia uma janela no banheiro, uma porta dos fundos? Um nítido retângulo negro pendia da parede oposta. Ela caminhou para lá, até suas pernas encontrarem a banheira, entrou nela, deixou a bolsa cair e passou as mãos ao longo da parte superior da moldura da janela. Seus dedos encontraram um fecho de latão. O ferrolho recusava mover-se.

— O que você está fazendo aí? — gritou Dart.

— Colocando a bolsa na banheira!

Nora puxou o ferrolho, mas estava congelado no lugar.

— Volte aqui!

Uma coluna de trevas contra um fundo de escuridão menos densa indicou-lhe a posição da lareira, no lado oposto do quarto.

Mantendo as mãos à frente do corpo, Nora pôs um pé adiante do outro, e assim fez o trajeto através do aposento.

Aparentemente capaz de enxergar no escuro, Dart dirigiu-a até a lareira e os fósforos, depois disse-lhe para dar quinze passos em frente, dobrar à esquerda e continuar caminhando, até encontrá-lo.

Dart tomou-lhe os fósforos das mãos, acendeu uma vela e afastou-se. Ela nada enxergava além da chama. Ele enfiou a vela em um suporte que havia no peitoril da janela, acendeu as outras duas e as colocou nos castiçais em cima da mesa, no centro do quarto. A corda e a fita adesiva jaziam ao lado de um balde de gelo e um litro de vodca. Dart tomou dois goles da bebida e emitiu uma áspera respiração. Marcas lamacentas de botas espalhavam-se pelo do piso, como instruções de dança.

— Até parece o interior de um bombo. — Ele arriou em uma cadeira e esticou uma perna. — Vamos!

Nora colocou as mãos sobre a bota escorregadia.

— Puxe! — As mãos dela escorregaram. — Tire a roupa!

— Tirar minha roupa?

— Assim você poderá firmar minhas pernas em suas coxas e puxar. Não quero que estrague esse conjunto que veste.

Enquanto ela se despia, Dart enviou-a à cozinha para apanhar um copo. Ele soprou dentro do copo, manteve-o contra a chama para inspecioná-lo, e tirou do balde um gotejante punhado de pedras de gelo.

Antes de beber, Dart desenhou um círculo no ar com o copo, Nora retornou à cama e tirou o restante das roupas.

— Pendure suas coisas. Elas precisam manter uma boa aparência, até podermos conseguir outras novas. — Ele a seguiu com os olhos. — Está bem, venha até aqui e vire-se de costas desta vez.

Ela puxou a perna esticada dele, firmando-a em seu lado do corpo. As calças de Dart estavam enlameadas e dele evolava-se um cheiro de lã molhada. Contendo a respiração, Nora agarrou a perna dele com a mão esquerda, puxou no calcanhar, e a bota saiu.

— Que haja paz para meus súditos! — Dart engoliu a vodca. — Uma já se foi, a outra logo irá!

Quando a segunda bota foi tirada, Nora cambaleou para diante e sentiu dentro do corpo uma onda de quentura demasiado familiar. Tonteira, um súbito suor no rosto, uma ardente necessidade de sentar-se.

— Oh, não! — exclamou.

— A lama sai com água — disse Dart. Então, deu-se ao trabalho de olhar para ela. — Oh, Cristo, um fogacho de calor! Céus, isso não é nada bom. Limpe-se da lama e fique deitada.

Ela foi ao banheiro e jogou água no rosto, antes de limpar os montículos de lama aderidos ao corpo. Quando saiu de lá, Dart apontou para a cama.

— Mulheres! Escravas do próprio corpo, todas elas! — Nora teve uma vaga noção de que ele lhe dirigia outro olhar enfasiado. — Uma bolsa-sacola Gucci de setecentos dólares coberta de lama! Lá vou eu novamente fazer para você o trabalho que lhe competia!

Ele despejou mais vodca no copo.

— E, caso ainda não saiba, todo o gelo acabou.

Nora viu o teto escurecer, quando ele levou uma vela para o banheiro. Seu corpo ardia. Ouviu barulho de água correndo. Dart falava para si mesmo, em tons de lamentosa autopiedade. Ela enxugou a testa. Podia sentir sua temperatura subindo. Inseto, onde está você, insetinho? Uma onda de calor, de fogacho, dificilmente está completa sem um toque de formigamento. Devemos formigar? Muito bem, experimentemos o circo da desfaçatez. Dick Dart sente repulsa da biologia feminina, então montemos o circo inteiro da menopausa. Dê-me um F, dê-me um O e dê-me um R. Formigamento, é para ti que canto! A barafunda em seu corpo fazia a cama oscilar suavemente, para cima e para trás. De além da lareira, chegaram um roçar de asas coriáceas e um zumbido de regozijo. Fora, demônios, não quero vocês agora! Ela enxugou o rosto com uma ponta do lençol, que ficou melosa com a umidade.

Dart assomou com a cabeça pela porta do banheiro e anunciou que, se ela não estivesse pronta para o momento em que Cavalinho Malhado chegasse, haveria de lamentar. *Muitíssimo obrigada, mas justamente agora já estou farta de lamentar-me.*

Após durar uns três ou quatro minutos, a onda de calor amainou, deixando para trás o costumeiro senso de esgotamento. Do banheiro brotavam sons sibilantes, acompanhados de resmungos de Dart. Nora recordou que ele havia colocado a arma na gaveta de sua secretária. Surpresa, surpresa! Ela enxugou o corpo com as mãos e girou as pernas para fora da cama. Os sons de água correndo e exclamações de ira testemunhavam a concentração do sr. Dart em sua tarefa. Embora Nora ignorasse tudo relacionado a revólveres e seu funcionamento, sem dúvida descobriria como fazer a coisa disparar, uma vez que o tivesse nas mãos. Moveu-se

silenciosamente para o meio do quarto, e notou que a gaveta da secretária parecia ter sido deixada aberta. Mais seis passos na ponta dos pés a levaram até a secretária. Enfiou a mão na gaveta e tocou a madeira nua. O que está havendo, Dick? Você não confia em mim?

Caminhando até a porta, ela vestiu a capa de chuva e pressionou os botões. No banheiro, Dart estava inclinado sobre a banheira, as mangas repuxadas bem acima dos cotovelos. Uma vela fora posta no fundo da banheira, e sombras trêmulas enxameavam pelas paredes. A tintura que pingava dos cabelos dele manchava de negro a aba do colarinho de sua camisa. Uma espessa linha escura corria do meio da banheira para o ralo, e notas flácidas de dinheiro estavam penduradas às laterais para secar. O cutelo de açougueiro e a faca de trinchar jaziam embainhados em lama, ao lado da sacola. Vários frascos, escovas e outros artigos cosméticos já haviam sido lavados e colocados sobre o vaso.

Dart olhou enojado para a capa que Nora vestia.

— Pegue uma toalha. Uma das pequenas.

Ela passou-lhe uma toalha de rosto, que ele molhou na torneira aberta.

— Limpe a lama do assoalho, antes que seque.

— Perfeitamente, senhor!

Nora foi para o quarto com a toalha, a fim de limpar as marcas lamacentas de pisadas. Quando retornou, Dart erguia a bolsa diante do corpo.

— Afinal, esta coisa poderá sobreviver. — Ele entregou-lhe a bolsa molhada. — Procure secá-la o mais que puder. Rasgue as páginas de um daqueles livros, faça um chumaço com a toalha dentro da bolsa e depois amasse as páginas entre a toalha e o

interior da bolsa. Não esqueça dos cantos. Faça isso aqui, para eu ter certeza de que fez direito.

Nora levou os livros para o banheiro e os colocou no chão, ao lado do vaso, para recheiar a bolsa com a toalha.

— Use toda a água que for preciso. Deixe-a limpar os cantos inferiores.

Nora enfiou a toalha dentro da bolsa, e Dart abaixou-se sobre a banheira, a fim de enxaguar em água quente a toalha que ela usara para limpar o chão. Depois ensaboou-a e começou a lavar o cutelo de açougueiro.

— Você decora tudo o que lê e nunca mais esquece?

Dart soltou um suspiro e reclinou-se contra a banheira.

— Eu já lhe disse. Não *decoro* coisa alguma. Depois que leio uma página, ela fica lá, por si mesma. Quando desejo vê-la, apenas *olho para ela*, como se fosse uma fotografia. Se eu quiser, posso recitar de trás para diante todos aqueles livros que tive de ler para minhas velhas damas. Deixe-me verificar isso.

Enrolando os dedos na toalha dela, ele os correu através do forro da bolsa.

— Um chumaço de papel sanitário aqui para baixo. Você gostaria de ouvir *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, de trás para diante e do começo ao fim? É quase tão ruim quanto a leitura direta.

Nora enfiou papel sanitário nas quinas da bolsa, e começou a rasgar páginas de *Jornada na Noite*.

Dart passou o cutelo de açougueiro em água quente e tornou a ensaboá-lo.

— Como pensa que consegui cursar a faculdade de Direito? Dê o nome de um caso, e poderei citar toda a maldita coisa. Se isso era tudo que me cabia fazer, eu o fiz sempre com a nota máxima.

— Isso é extraordinário!

Nora colocou as primeiras páginas bem coladas no manchado forro de seda.

— Não imagina o quanto fiquei aliviado, ao ser indicado para alguém como Marjorie West. Setenta e dois anos, rica como a rainha da Inglaterra, sem jamais ter lido um livro na vida. Quatro maridos mortos e nunca mais feliz do que quando falando sobre sexo. A mulher ideal.

Nora conhecera Marjorie West, cuja casa na Mount Avenue era ainda mais grandiosa do que “Os Álamos”. Ela própria era uma estrutura em excelente escala, embora muito reconstruída, principalmente no rosto. Nora descobriu que não queria pensar no relacionamento de Marjorie West com Dick Dart. Nestes momentos, também Marjorie West provavelmente não desejaria pensar demais nisso. Nora rasgou mais umas vinte páginas de *Jornada na Noite*.

— Sendo assim, você também poderia fazer citações deste livro.

— Você já me ouviu fazendo isso — disse ele, colocando o cutelo de açougueiro em cima do tapete e estendendo a mão para a faca de trinchar.

— Fale-me sobre esse cofre volumoso, o que é maior por dentro do que por fora.

— Você tem o livro bem à sua frente.

— Não posso ler nesta luz. Qual é a aparência do cofre?

Dart careteou para a quantidade de lama ainda aderida à faca.

— A aparência dele por fora? Eu lhe fornecerei toda a sentença, a fim de que capte a atmosfera. “*Com muitos temíveis e ferozes olhares de soslaio, muitos dolorosos empurrões nas costelas, muitos ajustamentos de seu enorme chapéu, Madame Lyno-Wyno Ware levou Pippin pelos corredores de sua mansão infestada de aranhas até um portal onde estavam escritas as palavras MUITO PRIVADO, depois até uma câmara de aspecto sombrio, em seguida a uma outra tendo escrito na porta MUITO, MUITO PRIVADO, e dali a uma câmara bastante mais sombria, cuja porta era marcada pelas palavras MUITO, MUITO PRIVADAMENTE PRIVADO, que rangeu ao abrir-se para a mais sombria de todas as câmaras, em cujo interior ela estendeu seu braço espantosa para apontar, escondido atrás de um andrajoso sofá, um grosseiro cofre de chumbo, com não mais de trinta centímetros de altura.*” Isso é tudo, “um grosseiro cofre de chumbo, com não mais de trinta centímetros de altura.” Daí em diante, o assunto é o desapontamento de Pippin, porque aquela coisinha não podia ser o famoso e volumoso cofre. Entretanto, ele resigna-se a aceitar tão infausta perspectiva e ganha a dianteira, diz as palavras adequadas e tudo fica certo, por assim dizer.

Dart enxaguou a faca de trinchar, aproximou-a dos olhos para uma inspeção e esfregou a toalha ensaboada nas brechas em torno do cabo.

— A chave de ouro o leva até Madame Lyno-Wyno Ware?

— Mentira? Não. Ora, em absoluto! — Dart pegou seu copo com uma mão gotejante e terminou a vodca. — A verdade é sumamente importante, não se pode mentir para a sra. Lyno-Wyno Ware, de modo nenhum. — Ardendo de impaciência, ele espiou o

recheio de papel dentro da bolsa. — Já chega. Dê uma corrida à cozinha e traga-me mais bebida.

Quando ela voltou, Dart sorveu um gole, largou o copo e enxugou as facas meticulosamente. Uma forte mancha vermelha escurecia seus maldades.

— Limpe a confusão na banheira. Trabalhe depressa, porque tenho muito a fazer, devo preparar-me para a chegada da Cavalhada, a doce Marian.

Nora ajoelhou-se diante da banheira. Algumas moedas de dez e vinte e cinco centavos cintilaram por entre o líquido castanho que se escoava lentamente. O estrondo da chuva no teto duplicou-se subitamente. A janela acima da banheira inflou-se para dentro durante um segundo, e o chalé inteiro estremeceu.

Nora saiu do banheiro. Dart olhava fixamente para o teto.

— Pensei que toda essa coisa fosse desmoronar. Ponha a bolsa em cima da mesa e traga-me a corda. Nem vamos precisar da fita adesiva, não acha?

Ela colocou a bolsa na mesa.

— A capa.

Dart removeu a gravata e a deixou cair sobre um ombro do terno. Nora desabotoou a capa vermelha, pendurou-a em um cabide e, com o coração disparando no mesmo compasso das pancadas da chuva no teto, caminhou para ele levando a corda.

— Há uma ligeira possibilidade de que eu tenha abusado da vodka, mas está tudo bem.

Dart concentrou-se em arrumar sua camisa em um cabide. As facas haviam sido colocadas debaixo do travesseiro dele, no lado esquerdo da cama, com o seu cuidado habitual.

— A corda. — Nora aproximou-se para entregar-lhe o rolo de corda para varal. Ele despiu a cueca. — Sente-se.

Com a faca de trinchar, que tirou de sob o travesseiro, Dart cortou dois pedaços de corda medindo quase um metro e meio, e girou o corpo para o lado da cama.

— As mãos — disse. Logo em seguida amarrava os pés e mãos dela. — Durma um pouco. A festa ainda não terminou.

Nora ajeitou-se com dificuldade na cama, e espiou Dart ocupado em alinhar a faca debaixo de seu travesseiro. Ele estirou-se na cama e fechou os olhos. Depois rolou a cabeça de lado no travesseiro e pareceu considerar algum ponto duvidoso. A corda mordida os tornozelos e pulsos de Nora.

— Para que, diabos, tinha você de preocupar-se com o cofre volumoso, afinal de contas?

O vento e a chuva castigaram as janelas da cozinha.

— Gosto de ouvir você fazendo citações — respondeu Nora.

— Tudo bem. Não se preocupe, porque acordarei em tempo. Em segundos, ele estava dormindo.

O CASTIÇAL CAIU ao chão, em uma poça líquida e móvel. No outro lado da mesa, uma claridade mais pálida infiltrava-se através da porta do banheiro. Todo o resto era uma informe escuridão. Dick Dart começou a emitir suaves e breves roncos, mal audíveis acima do ruído da chuva tamborilando no teto. As mãos dela começavam a ficar dormentes. Bêbado e apressado, Dart tinha feito nós mais apertados do que antes, de maneira que a corda interrompia-lhe a circulação. Ela abriu e fechou os punhos, flexionou os dedos, deslizou os pulsos para cima e para baixo. Em seus pés teve início um perigoso formigamento. Com os olhos atentos à luz da vela que deslizava pelo assoalho liso, Nora explorou o nó com os dedos.

O erro de Dart em incluir o que seu pai no sonho chamava de "estrangulamento" significava que ela podia manipular a corda, sem imobilizar as mãos. Se conseguisse localizar a ponta da corda, deslizá-la por baixo da alça mais próxima, desenrolando-a em seguida e passando-a por baixo da alça seguinte, então todo o mecanismo se desfaria. Entretanto, a cada vez que seus dedos identificavam uma alça, esta tornava a desaparecer no emaranhado dos fios. Da primeira vez que se libertara deste nó, Dart a amarrara com as mãos na frente do corpo. Agora, com ambas as mãos atadas às costas, ela teria que usar os dedos para tatear e encontrar a ponta da corda.

O ombro sob seu corpo doía, os pulsos começavam a queixar-se. Seus pés continuavam a dolorosa descida para o esquecimento.

Nora girou os olhos para cima, concentrada, e percebeu que a escuridão era obliterada pela persistência de visão do castiçal. Se quisesse enxergar alguma coisa, qualquer coisa, teria que desviar os olhos da luz.

Gemendo, ela rodou os joelhos e ficou deitada de costas. Um enorme círculo vermelho borrava o teto. Outra torção do corpo a deixou de frente para Dart. A respiração dele ficava presa na garganta, antes de explodir em um ronco sonoro. Nora tentou separar os pulsos à força, e a dor aumentou. Tornou a fechar as mãos em punhos, distendeu e encolheu os dedos, deslizou os pulsos de um lado para o outro. Houve uma folga, afinal. O formigamento das mãos começou a diminuir.

Quanto tempo ainda teria? Era improvável que a Donzela Marian estivesse desesperada o suficiente para enfrentar um dilúvio a fim de dormir com Norman Desmond, mas a vaidade de Dart ignorava tempestades.

Ele esperava a ansiosa Marian dentro de uns vinte minutos. Mesmo bêbado, com toda probabilidade seria capaz de acordar em tempo.

Nora dobrou as mãos, esfregou as pontas dos dedos sobre o emaranhado da corda, e sentiu apenas fios entrelaçando-se. Manobrou o corpo de maneira a ficar deitada no lado contrário, e arrastou-se para o final da cama. Girou as pernas para fora do colchão e baixou os pés até o chão. Eles registravam apenas um profundo e doloroso formigamento. Seus dedos sondaram o nó, sem sucesso. Era preciso aumentar a quantidade de corda que poderia alcançar, e a única maneira seria fazendo toda a estrutura deslizar para mais perto das mãos.

Se pudesse colocá-la entre os pulsos e puxar as mãos para cima, a maçaneta talvez funcionasse. Firmou os pés no chão e uma trilha vermelha queimou toda a distância entre suas solas e seus joelhos.

O tempo está acabando, garota.

Os dois primeiros dedos de sua mão direita encontraram um fio. O fio moveu-se. O coração dela disparou, a respiração acelerou-se. Algo voejou acima de sua cabeça. Ela forçou o fio a destacar-se do nó, enquanto terror e esperança chamejaram em brasa viva, no centro de seu corpo. O fio escapou-lhe dos dedos, e ela o perdeu. Outro ser inexistente cacarejou da bancada da cozinha. Nora trabalhou com os dedos, procurando o fio da corda, mas encontrou apenas entrelaçamentos.

Mova-se!

Plantando os pés ardentes no chão, ficou em pé, mordendo a língua para sufocar a dor. Seus tornozelos dissolveram-se, e ela caiu como uma torre de blocos de armar, em setores, as ancas indo para um lado, os joelhos para o outro. Um quadril se chocou contra o chão, depois um ombro. Dart arrotou, tossiu, recomeçou a roncar. Nora ajustou-se àquelas novas dores. Um par de felizes olhos vermelhos brilhou para ela, na porta do banheiro. *Fodam-se!* Nora pensou em sentar-se, e percebeu que um suporte corria a uns sete centímetros acima e atrás dela, indo dos pés da cama até a cabeceira. Um suporte talvez fosse tão bom quanto uma maçaneta.

Ela dobrou os joelhos à frente do corpo, grunhiu e ergueu-se um pouco, com dificuldade. Achatados sob as pernas, os pés continuavam a queimar. Inclinando-se alguns centímetros para trás, ela ajeitou a corda contra a borda da madeira. Depois empurrou-a

para baixo e tateou pelo fio frouxo. Nada. Ofegando, empurrou de novo. O nó cedeu menos de meio centímetro, e os dedos dela encontraram a linha em relevo do fio. O suor pingava de sua testa. Um som agudo e suave parecia ter-lhe escapado da garganta por si mesmo. O fio moveu-se para fora e ficou livre.

De olhos fechados, Nora o manobrou em torno e embaixo. As algemas entrançadas afrouxaram-se. Ela sacudiu os pulsos e o nó caiu.

Seus pés deslizaram pelas coxas. Ofegando, inclinou-se e fez os dedos tatearem através da corda em volta de seus tornozelos. Um empurrão, um puxão, um desemaranhar, e a corda tombou aos seus pés.

Nora afastou-se da cama engatinhando, depois colocou um pé debaixo do corpo. O pé não queria estar ali, mas teria de fazer o que lhe fosse ordenado. Pondo-se de pé, ela deu um passo experimental para diante e conseguiu não cair. A tempestade, que parara desde que tinha percebido o suporte de madeira, explodiu em nova carga.

Onde Dart deixara a arma? Nora não se lembrava de vê-lo colocando-a em algum lugar, de modo que devia continuar no paletó dele. Ela cambaleou na direção do armário. A sensação retornou-lhe aos pés, em ondas e estocadas, mas os tornozelos agüentaram. De mãos esticadas para diante, ela se moveu em frente, até sentir o tecido do terno de Dart. Deslizou com os dedos para baixo até encontrar um bolso e, enfiando a mão nele, encontrou as chaves. Tirou-as e alcançou o bolso vazio do outro lado.

Apertando as chaves na mão esquerda, caminhou lentamente ao longo da cama. Dart pusera as facas debaixo do travesseiro — por que não o revólver também? Ele estalou os lábios. Nora

estendeu uma mão trêmula, tocou a borda do travesseiro, e encontrou um cabo de madeira. Havia outro ao lado dele. Milímetro a milímetro, sua mão trêmula os foi puxando devagarinho de baixo do travesseiro. Dart suspirou e girou o corpo. Ela tateou pelo revólver e tocou algo metálico.

— Quê? — exclamou Dart, e esticou a mão para o espaço onde ela deveria ter estado.

Amedrontada demais para raciocinar, Nora apoderou-se da faca de trinchar e a enterrou nas costas dele. Por um instante, a pele de Dart resistiu, mas então a lâmina furou e penetrou. Ele deu um salto para diante, carregando a faca consigo. Nora remexeu debaixo do travesseiro, e sua mão se fechou sobre um cilindro de metal. Dart torceu o corpo e mergulhou para ela. Empunhando o revólver, Nora recuou e correu para o outro lado do quarto.

Ele cambaleava, tendo caminhado uns poucos passos depois da cama.

— Pare! — gritou ela. — Eu estou com a arma! — Tentou encontrar a trava de segurança que Dan Harwich mencionara, porém mal conseguia enxergar o revólver. — Atiro em você sem pensar duas vezes!

— Você me esfaqueou! — gritou ele.

Nora mergulhou para trás da segunda cama e moveu o polegar por cima da chapa atrás do cilindro. Não era ali que devia ficar a maldita coisa? A pistola que Harwich lhe dera não tinha tambor; isso fazia alguma diferença?

Dart parou de mover-se, quando alcançou a mesa. Espantosamente para Nora, ele deu uma risada, sacudiu a cabeça,

depois tornou a rir. Embora ela fosse apenas uma vaga silhueta na escuridão, Dart encontrou-lhe os olhos diante dos seus.

— Devo dizer que isto dói.

Dart girou o pescoço, a fim de ver a faca que se projetava de suas costas.

— Pensei que já tivéssemos ultrapassado este tipo de bazófia.

— Ele enxergou a faca, suspirou e moveu a mão para as costas. — Talvez eu precise dos serviços de uma enfermeira. — Dart fechou os olhos, enquanto puxava a faca. — Não pense que vou deixar isto passar. Trata-se de uma séria quebra de conduta.

— Cale a boca e sente-se — disse Nora. — Vou amarrá-lo. Se você ainda estiver vivo de manhã, eu o levarei a um hospital. Com escolta policial.

— Que generosidade! Entretanto, já que você tentou matar-me uma vez, duas se contarmos Springfield, inclino-me a pensar que Nora-docinho não está realmente de posse da grande arma malvada. Se estivesse, dispararia agora mesmo contra mim.

Ele pressionou uma das mãos sobre o ferimento, atirou a faca na escuridão e deu um passo para a mesa.

— Pare! — gritou Nora.

— Por que não ouvi nenhum ruído? — disse ele, dando mais um passo.

Uma vez que não encontrara a trava de segurança, Nora puxou o gatilho em pânico e desespero, certa de que nada iria acontecer. A explosão lançou sua mão a mais de metro além da cama, liberando um jato de chama e um enorme rugido. Seus ouvidos ensurdeceram.

Dart desapareceu na escuridão. Ela apontou para onde pensou que ele teria ido, e tornou a puxar o gatilho. A arma saltou, o coice carregando sua mão consigo. Tornando a atirar, causou outra explosão que jogou sua mão para o teto. Nora apertou o punho da mão direita com a esquerda, e experimentou o revólver várias vezes contra os fundos do chalé. Um vivido retrato mental de Dick Dart rastejando pelo chão a fez recuar, até seu ombro colidir com a parede.

Não tendo mais para onde ir, Nora engatinhou para baixo da cama. A uma distância inimaginável dali, as velas que ela não podia ver ardiam sobre uma mesa também fora de seu campo visual. Engatinhando um pouco mais, percebeu que deixara as chaves no chão. Quando chegou ao outro lado da cama, deslizou para fora e ficou em pé.

Uma sombra enorme ergueu-se a meia distância, vindo em sua direção. Nora pressionou os dentes, firmou a mão esquerda sobre o punho direito, e disparou sem fazer pontaria. Comprimiu o gatilho devagar, isto também sendo uma lição que recebera de Dan Harwich. Um fogo sujo foi cuspidado do cano, e a arma saltou em suas mãos. A sombra atacante desapareceu. Ela sentiu, embora não ouvisse, um corpo cair no chão.

Rastejando para debaixo da cama, Nora esperou que as tábuas do assoalho vibrassem, que uma mão serpenteasse ao seu encontro. Nada aconteceu. Movendo-se para diante, sua mão tocou um líquido quente. Saindo de seu esconderijo, ela se moveu para os pés da cama. Uma sombra escura jazia a cerca de um metro de distância.

Mantendo a arma bem firme à frente do corpo, Nora moveu-se em redor do corpo, fazendo um amplo círculo. Ele não se moveu. Ela chegou mais perto. Uma fita de sangue escorria da cabeça de Dart e corria cintilante pelo assoalho. Nora encostou o cano da arma na testa dele e, pelo que lhe pareceu um tempo imensurável, pressionou o gatilho, liberou-o, tornou a pressionar. A idéia de tocá-lo deixava seu estômago revolto.

Procurando manter-se firme sobre os pés, ela se lembrou de apanhar as chaves e vestiu a capa de Marian Cullinan, surpresa por nada sentir além de uma inexpressiva aceitação. Os demônios tinham voado, restando somente um entorpecimento. O resto — o que quer que fosse o resto — viria mais tarde.

Com os ouvidos tilintando, ela enfiou o revólver no bolso da capa vermelha, e os pés nas botas de borracha de Tony. Destrancou a porta. Quando a abriu, a tempestade arrebatou-a de suas mãos e a jogou de volta contra a frente do chalé. Toda Shorelands, talvez toda a parte oeste do Massachusetts, eram como o centro de uma queda d'água. Por um momento, Nora pensou em ficar dentro do chalé até que o temporal terminasse; então imaginou as velas queimando até o fim, e os dois — ela e Dart — esperando o final daquela noite.

Ao enfiar o chapéu de Marian na cabeça, ouviu uma tosse arquejante. Seu coração gelou. Uma forma vaga ficou de joelhos, caiu, içou-se alguns centímetros para diante. Ela remexeu no bolso e pegou a arma. A forma ficou mais compacta, avolumando-se à frente em uma enorme sombra. A arma na mão dela liberou outro jato de luz. A explosão atirou-lhe a mão quase um metro para cima,

e algo golpeou os armários da cozinha. A sombra negra parou de mover-se.

Então ela estava no alpendre e movendo-se para a queda d'água sem nenhuma lembrança de haver cruzado a porta. Enfiando a arma novamente no bolso da capa, Nora correu para fora do alpendre do chalé.

SEUS PÉS PERDERAM apoio, e um coice do vento atirou-a na lama. O lado gelado abraçou-lhe as pernas e internou-se pela capa. Nora lutou para pôr-se de pé, porém o chão deslizava sob suas mãos, e durante uma eternidade ela rastejou por entre o encharcado lodaçal. Finalmente, uma relva, metade lama e metade relva, encontrou suas mãos. Ela esforçou-se em ficar de pé, e outra interminável onda de vento impelido pela chuva a deixou entontecida e vacilante.

Miraculosamente, em poucos minutos não se sentiu mais cega nem surda. Os troncos de carvalhos maciços emolduravam seu campo visual. A pouca distância dali, o dilúvio continuava a assaltar o preguiçoso rio que certa vez fora uma trilha. O vento a empurrara para a floresta, onde o dossel de folhas e ramos entorpeciam a queda d'água. Sua respiração vinha em haustos arquejantes, e seu coração era um bater de tambor. Atrás dela, as árvores gemiam. Nora virou-se para a Casa Principal e deu um passo. Bem, mas a Casa Principal não ficaria à direita, em vez de à esquerda? Ela deu outro passo no que pareceu a direção errada, assim que moveu o pé. Um enorme galho quebrou acima dela e caiu ao chão, uns três metros à sua frente. Mais no interior da floresta, outro galho se partiu, caindo ao solo. Quando olhou para trás, viu que conseguira afastar-se do chalé apenas por uma pequena distância.

Uma luz mortíça tremulou na porta do chalé; um segundo mais e a silhueta de um robusto corpo masculino encheu a abertura. A luz amarela refletiu-se em uma lâmina achatada. Ela recuou para

uma árvore e gritou. O homem saltou do alpendre, desaparecendo na escuridão. Nora mergulhou na floresta, esperando estar indo para a Casa Principal.

Tropeçava em galhos caídos e ia ao encontro de árvores invisíveis. Montículos que lhe chegavam à cintura saltavam para ela. Chuva encachoeirada brotava acima dela, galhos batiam-lhe na testa e espetavam suas costelas. Ela começou a caminhar com as mãos à frente do rosto; de vez em quando movia um pé no vazio e escorregava ladeira abaixo, até poder agarrar-se a um ramo. Tombou sobre rochas, sobre raízes. A arma em seu bolso arranhava-lhe a coxa, ao passo que as rochas e galhos que a golpeavam em suas quedas machucavam todo o resto. Nora não tinha idéia da distância que já percorrera e em que direção. A pior coisa que sabia era que Dick Dart — que deveria estar morto, mas não estava — agora a seguia de perto, identificando sua caminhada pelo som que ela produzia.

Nora sabia disso porque também podia ouvi-lo. Um ou dois minutos depois que fugira da visão dele saltando para fora do alpendre, ouvira-o praguejar, ao ser atingido por um galho. Quando ela tombara contra um monte de terra e caíra em uma moita, pudera ouvir o som das risadas dele, um som fraco, mas distintamente audível, parecendo vir de todos os pontos em torno dela. Dart não a tinha visto, mas por entre os milhares de ruídos que o cercavam, ele ouvira os sons de sua queda e a luta contra a moita, o que lhe havia permitido compreender o que significavam. Com toda certeza, também ouvia-lhe as botas batendo e escorregando no lodaçal. Nora corria com os braços erguidos, ouvindo atrás de si o som fantasmagórico de Dart abrindo caminho por entre o arvoredo.

Minutos mais tarde, esse som sobrenatural ainda chegava a ela através de uma renovação do estrondo da queda d'água; Nora abriu caminho por entre obstáculos quase invisíveis, e chegou à razão daquele barulho. Do outro lado de uma alameda de árvores, uma cortina de água abatia-se sobre um rio negro. Ela havia chegado a outra trilha, dando-lhe a quase certeza de que correria na direção errada: as trilhas levavam a chalés, e não havia chalés em linha direta entre Pote de Pimenta e a Casa Principal. Os passos-fantasmas de Dart avançavam firmemente para ela.

Nora chegou às árvores que marginavam a trilha, baixou a cabeça e enfrentou o dilúvio. Lutando por equilíbrio, caminhou para diante com dificuldade, as botas tornando-se pegajosas e escorregadias. Por fim, a maré começou a solidificar-se sob seus pés, e ela espiou à frente, descobrindo outra muralha de árvores. A barragem diminuía a pesada tormenta.

Olhando para trás, ela julgou ver uma forma pálida que aparecia e desaparecia entre a floresta, no outro lado da trilha. Encaminhou-se então para um maciço de carvalhos e começou a descida de uma pequena ladeira. O solo amolecera-se, depois cedeu, e seus pés deslizaram em um plano inclinado. Instintivamente, ela agachou-se para frente, a fim de manter o centro de gravidade no lugar, e continuou deslizando, deixando os carvalhos para trás, contornando rochas e balançando-se de um lado para outro a fim de não perder o equilíbrio. Conseguiu manter-se sobre os dois pés, até que um galho mais baixo acertou seu tornozelo direito e a enviou aos trambolhões contra um tronco de árvore. Fagulhas cintilaram diante de seus olhos, e seu corpo deslizou em um lento cruzeiro ladeira abaixo. Quando finalmente parou, o chapéu de Marian

desaparecera, sua cabeça latejava e a metade inferior de sua perna direita parecia estar submersa. A perna saiu da água ao engatinhar sobre os joelhos.

Achava-se agora em campo aberto, e a tormenta começara a amainar. Ao mesmo tempo, durante a viagem ladeira abaixo, o vento diminuía. Estonteada e exausta, ela ergueu a perna direita para despejar a água que enchia a bota. Seus músculos doíam, e a cabeça latejava. A claridade do céu tinha aumentado. Mais depressa do que havia chegado, a tempestade estava terminando.

Diante dela, uma grande porção d'água com cerca de metro e meio de diâmetro, movia-se rapidamente da direita para a esquerda. A chuva perfurava e martelava a superfície daquela água. Seria um rio? Nora perguntou-se até onde teria caminhado. Percebeu então que, engordado pela água da chuva e tendo inundado suas margens, este formava o pequeno regato que corria através da propriedade. Atrás dela, algum objeto enorme estalou, suspirou e se rendeu à gravidade. Dart estava ganhando terreno. Precisava esconder-se dele, até conseguir alcançar a Casa Principal.

Por que ele não sangrara até morrer, como as pessoas normais?

Nora deu uma passada para a água que se movia rapidamente, e seixos lisos encontraram as solas das botas. A chuva agora passara a ser um amontoado de pingos caindo. O vento agitava a superfície da água e comprimia a capa contra o corpo dela. No alto, uma sólida massa de grandes nuvens lanudas cruzava o céu. Com um choque, ela percebeu que agora passava um pouco das nove de uma noite de agosto. Acima da tormenta, o sol se pusera apenas recentemente. Ela escalou a margem oposta do

regato, vadeando o terreno alagado a fim de alcançar a terra firme com árvores e lá esconder-se do homem que a perseguia.

Ela ouviu risadas entre o tamborilar da chuva e o sibilo das folhas.

Por entre o volume de troncos, Nora viu o que parecia um nevoeiro acinzentado. Seguiu em frente, e o nevoeiro transformou-se em um maltratado prado, onde o mato crescido inclinava-se diante do vento frio. No outro lado do prado, vozes agudas atacavam subitamente, guinchando como gaitas de foles, elevando-se em cromáticos intervalos, introduzindo dissonâncias, ascendendo em resolução, estilhaçando-se, tornando a unir-se em harmonia, dividindo-se e juntando-se em uma melodia interminável, sem pausas ou repetições.

Cantando?

Por um segundo, mais prolongado no exterior do que no interior, à semelhança do volumoso cofre, Nora despencou através do tempo e acordou para a música etérea, em um quarto na Crooked Mile Road, em Westerholm, Connecticut, ansiosa por encontrar uma pistola há muito desaparecida. Então, percebeu onde se encontrava. Ao invés de ir para o sul, ela correria quase diretamente para oeste. O prado à sua frente era o Campo Nevoento, e as vozes provinham dos Pilares Cantantes do Vale de Monty. Incapaz de esconder-se, ela puxou a arma do bolso e girou em torno, procurando Dart. Caminhou diante do arvoredo, apontando a arma para diante e para trás. Dart não se mostrou. Nora caminhou para a direita, depois para a esquerda, em seguida ficando parada, à espera dele surgir à vista.

Foi quando compreendeu o que Dart havia feito. Ele a seguira e perseguira durante apenas um trecho, através do riacho e na direção do Campo Nevoento. Queria que ela encontrasse um esconderijo onde enfurnar-se e lá ficar, esperando que ele passasse. Nesse meio tempo, ele estaria a caminho da Casa Principal.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela.

Começou a correr pela borda do prado até um ponto no arvoredo onde poderia vadear a torrente, passar pela Casa do Mel e aproximar-se da Casa Principal, pelo gramado oeste. Parou para livrar-se das botas que a atrapalhavam. Descalça, com o solo chapinhando sob seus pés, recomeçou a correr.

Uma figura pálida emergiu da floresta, no canto mais distante do Campo Nevoento. Nora ficou gelada. O revólver queria escorregar de sua mão enlameada. Talvez estivesse sem balas, talvez não. Se carregado, talvez disparasse, talvez não. A figura moveu-se em sua direção. Ela ergueu o revólver, e o homem à sua frente chamou seu nome, transformando-se em um encharcado Jeffrey Deodato.

NORA deixou a arma cair. Jeff perdera seu boné de Eton. Coberto de sujeira e riscas lamacentas, o impermeável colava-se a ele como um trapo molhado. Outras riscas escorriam-lhe pelo rosto. Em se tratando de Jeffrey, aquilo sugeria que se camuflara deliberadamente. Ele chegou perto o suficiente para que ela lhe visse a expressão dos olhos. Sem a menor dúvida, a aparência dela era bem pior do que a dele.

— Você veio, afinal — disse ela.

— Pareceu-me uma boa idéia. — Jeffrey baixou os olhos para o revólver. — Obrigado por não atirar. Onde está Dart?

Aparentemente, Jeffrey soubera muita coisa, desde que se tinham falado ao telefone.

— Eu o matei — disse ela. — Mas não funcionou. — Ergueu o revólver e contemplou a arma. — De qualquer modo, acho que não sobraram balas nesta coisa.

Jeffrey tomou-lhe o revólver delicadamente.

— Quer dizer que você fugiu dele.

— Era o que parecia. Entretanto, acho que após algum tempo ele começou a perseguir-me. Queria afastar-me do cenário, para poder divertir-se com as mulheres na Casa Principal. Depois viria atrás de mim e teria todo o divertimento da caçada, antes de acabar comigo. Não podemos ficar aqui conversando, Jeffrey; temos que entrar em movimento.

Ele examinou o tambor do revólver.

— Ainda lhe resta uma bala, mas não está em lugar muito seguro, a menos que você queira disparar na própria perna. — Ele girou o tambor, recolocou-o no lugar com um clique metálico, e estendeu-lhe o revólver, a coronha primeiro. — Vamos sair daqui e encontrar um telefone.

Frenética de impaciência, Nora tornou a enfiar o revólver no bolso.

— Os telefones estão mudos. — Ela olhou em torno, desvairadamente. — Temos que chegar à Casa Principal!

Jeffrey continuava a observá-la. O espetáculo que ela apresentava obviamente não inspirava muita confiança em sua capacidade para lidar com Dick Dart. Nora baixou os olhos para a arruinada capa de chuva vermelha e suas pernas esfoladas. Parecia um moleque, puxado de um lodaçal.

— Casa Principal? — perguntou Jeffrey.

Ela o segurou pela manga do impermeável e o puxou de volta à floresta.

— Se não formos, ele assassinará todo mundo. Vamos, caso pretenda ir. Do contrário, eu vou sozinha.

Ela o viu decidido a animá-la.

— Ganharemos mais tempo se permanecermos junto das margens da trilha. — Ela começou a dizer qualquer coisa, mas ele a interrompeu. — Eu lhe mostrarei. Tudo o que precisamos saber é onde fica a Casa Principal, a partir daqui.

— Fica *lá* — respondeu ela, apontando para a floresta.

Irritantemente, Jeffrey começou a correr de volta à direção da qual tinha vindo. Nora correu atrás dele.

— Estamos indo para o lado errado!

— Não, não estamos — respondeu ele calmamente. — Jeffrey, você está perdido!

— Não. Não estou mais.

No final do prado, Jeffrey apontou para a faixa de solo molhado, mas sólido, diretamente à frente das árvores. Ele estava certo. A trilha parecia um mingau, mas os dois podiam mover-se ao lado dela sem cair. A claridade vacilante diminuía, fazendo Nora recordar como era mover-se no seio da floresta e no escuro.

— Viu só? — exclamou ele.

— Está bem, *vamos* — replicou ela.

Tão perto das árvores que Nora podia sentir as raízes sob os pés descalços, eles começaram a avançar em uma corrida a passos curtos e firmes.

— Estou indo muito depressa para você? — perguntou Jeffrey.

— Posso correr tão bem quanto você — respondeu ela. — O que foi que fez, depois de falarmos ao telefone?

No posto de gasolina, esperando que a tormenta amainasse, Jeffrey fora ficando cada vez mais inquieto. A explicação de Nora sobre como tinha ido parar em Shorelands, e seus motivos para enviá-lo de volta a Northampton, pareciam incoerentes, sua atitude pouco natural. Ele conseguiu pôr o MG em movimento nas estradas alagadas para Shorelands, e vira o Duesenberg no pátio de estacionamento. Acabando de chegar em seu caminhão, Tony o mandara embora. *Onde está a sra. Desmond?*, perguntara Jeffrey, e Tony respondera: *Se o senhor é amigo daquele Desmond filho da mãe, pode ir para o inferno!* Seu telhado tinha goteiras, ele podia ficar na casa de sua irmã em Lenox, e pouco se importava com o que acontecia a Jeffrey. Jeffrey lhe suplicara que chamasse a polícia,

tendo Tony respondido que era impossível, mesmo se quisesse, porque os telefones não funcionavam. *Onde fica o chalé Pote de Pimenta?* Tony respondera com um palavrão e afastara-se dali em seu veículo. Jeffrey começara a caminhar em meio à tempestade. Passou pela Casa Principal, subiu a trilha, encontrou o chalé Pote de Pimenta vazio, e tornou a penetrar na floresta. Percebeu que não tinha idéia de para onde ia. Então, diminuindo o aguaceiro, ele se viu na borda de um campo. Muito distante, à sua direita, avistou um enlameado espantalho, e o espantalho apontava-lhe uma arma.

— Acho que Tony não se preocupa muito com Dick Dart — disse ele. — Conte-me o que está havendo na Casa Principal.

À frente deles, a ponte diante da Casa do Mel arqueava-se para fora de uma lâmina móvel de água. Nora afastou-se de sob as árvores gotejantes e vadeou o riacho inundado, enquanto Jeffrey seguia ao seu lado, a barra do impermeável agitando-se atrás dele.

— Eu gostaria de saber. Há quatro mulheres lá. Marian Cullinan, que trabalha para a administração, Margaret Nolan, que dirige a propriedade, e duas guias que costumavam trabalhar aqui nos velhos tempos. — No lado oposto do leito da torrente, eles começaram a correr a passos curtos novamente debaixo dos carvalhos. — Ele quer matá-las, sei disso muito bem. Um psicopata normal preferiria esgueirar-se no quarto delas e liquidar uma por uma, porém Dart deseja uma festa. Esteve animado a tarde inteira.

— Uma festa?

No final da avenida entre as fileiras de carvalhos, Nora chegou à borda do laguinho.

— Ele adora falar e adora uma platéia. Quer reunir todas elas e proporcionar divertimento para si mesmo. Dart adorou a idéia de

fazer com que elas fiquem olhando, enquanto ele as mata, de uma em uma.

— Odeio dizer isto, mas ele não preferiria acabar logo com isso o mais depressa possível, para que então pudesse fugir?

— Dart sente-se *protegido*. Ele presume que é capaz de fugir, não importa quanto tempo leve nisso.

Jeffrey considerou o detalhe, enquanto se moviam para o laguinho e o campo aberto.

— Quanto tempo ele já tem de dianteira?

— Minha noção de tempo foi para o sul, com meu senso de direção. — Ela tentou imaginar por quanto tempo perambulara na floresta. — No começo, ele estava de fato me perseguindo. Tinha ficado fora de si. Eu o esfaqueei, depois atirei nele.

— Você atirou em Dart? Onde?

— Ele estava caído de bruços, de modo que tudo quanto vi era sangue fluindo de sua cabeça. Tive certeza de que estava morto, mas não consegui ver o ferimento. Teria checado seus sinais vitais, se pudesse suportar a idéia de tocá-lo. Acho que apenas o feri de leve, droga! Seja como for, comecei a correr e, cerca de um minuto depois, ele arranhou forças para ficar em pé e ir atrás de mim. Pare um momento, Jeffrey; quero fazer uma coisa.

Ela foi até a borda do laguinho, enfiou as mãos lamacentas na água, esfregou-as até ficarem limpas, e só então voltou ao encontro dele.

— Não quero que a maldita arma me escorregue das mãos.

Jeffrey começou a subir o gramado encharcado.

— Será que ele conseguiu uma meia hora de dianteira?

Nora parou de andar. Olhou para as mãos molhadas, percebendo que Dart dera a eles mais tempo do que imaginavam.

— Isso tudo, não. Ele provavelmente levou uns dez minutos indo atrás de mim, antes de mudar de idéia. Procurou dar-me a certeza de que estava perto, quase em meus calcanhares, e então desviou-se para a casa. Isso poderia ter sido há uns vinte minutos. Ele teria então uns dez a quinze minutos para alcançar a casa, mas não começaria logo.

Jeffrey coçou a testa, deixando uma mancha de lama que acentuou o efeito de camuflagem.

— Por que não?

Ela ergueu as mãos que havia lavado no laguinho.

— Esse sujeito é um dos homens mais melindrosos deste mundo. A primeira coisa que fará, assim que entrar na casa, será limpar-se. Há um banheiro em um pequeno corredor de gabinete, no andar de baixo. Ele pode, inclusive, ter tomado uma *ducha*. Todos estavam no andar de cima, de modo que haveria tempo de sobra de Dart limpar-se para sua festa.

— Isso não é uma piada?

— Jeffrey, ele é o tipo de sujeito que fica louco se tiver que passar um dia sem escovar os dentes. Caso não se sinta apresentável, Dart não terá metade do divertimento que deseja.

Jeffrey decidiu acreditar piamente nela.

— Espero que ele não tenha outra arma.

— Não tem, mas quando o vi pela última vez, estava empunhando um cutelo de açougueiro e, além disso, a cozinha está cheia de facas.

Acima do gramado, eles ergueram os olhos para a Casa Principal. A noite real já chegara, e os encurvados degraus de pedra subiam indistintamente para o terraço. Além do terraço, as grandes janelas do saguão resplandeciam de luz. Conforme havia predito Marian, a energia elétrica tinha sido restaurada com incrível rapidez.

Nora olhou para o alto. Todas as janelas do segundo andar estavam escuras, mas na esquina esquerda da casa, as dos quartos de Lily e de Marian mostravam luz.

— Dart gosta de facas — disse Nora.

Jeffrey apontou para as janelas do saguão.

— É para lá que, em sua opinião, ele levará essas mulheres?

— Dart está com disposição de pavonear-se. Ele quer usar o melhor aposento da casa, que é aquele.

— Se for verdade, então poderemos ver o que está acontecendo.

Jeffrey desabotoou o impermeável, puxou os braços de dentro das mangas, e deixou a capa caída em cima da grama. Depois iniciou uma espécie de estudada corrida através do gramado. Quando ambos cobriram metade da distância, passaram a mover-se em quietas passadas.

Juntos, deslizaram até os degraus da escada e agacharam-se à frente do último degrau. Os dois entreolharam-se, chegaram a um entendimento sem palavras e começaram a subir a escada lado a lado, inclinando o corpo a fim de permanecerem fora de vista. A quatro degraus do topo, espiaram para a parte inferior da janela do saguão, através do piso do terraço. Nora divisou apenas a franja branca de um tapete, o assoalho de madeira e as polidas pernas

cilíndricas de uma mesa. Aproximando a cabeça da de Jeffrey, viu apenas um pouco mais do tapete.

Jeffrey subiu cautelosamente mais dois degraus e inclinou-se para o terraço. Virou-se para trás, fez um gesto de cabeça para Nora, indicando que o esperasse, e então achatou o corpo contra o solo, enquanto rastejava diagonalmente pelo terraço. Nora seguiu atrás dele e via-lhe as solas dos sapatos avançando sobre os ladrilhos molhados. Quando estavam a uns dois metros de distância, ela agachou a parte superior do corpo na direção do solo e rastejou atrás dele, arrastando os joelhos e dedos dos pés nas pedras do calçamento. As presilhas de metal da capa de chuva deixavam escapar um som agudo contra o piso do terraço, e ela continuou engatinhando para diante, apoiada nos cotovelos e joelhos. À frente dela, Jeffrey deslizou o corpo com surpreendente velocidade e chegou até a janela da extremidade mais distante. A chuva brotava sem parar das calhas de águas pluviais.

Pela primeira vez, Nora teve noção do profundo silêncio envolvendo o som dos pingos de chuva que tamborilavam no chão, do delicioso frescor de cada odor conduzido pelo ar. Até os ladrilhos ásperos debaixo de seu rosto exalavam um cheiro vibrante, penetrante e vivo. Jeffrey esticou o corpo debaixo da janela, e ela achatou-se com o rosto perto da cabeça dele. Depois, erguendo o pescoço, espiou para o interior do saguão.

Vestindo uma camisola azul, Lily Melville sentava-se amarrada a uma cadeira, perto do centro do aposento. Outro pedaço de corda lhe prendia os tornozelos e vinha até os pulsos, que haviam sido puxados para as costas da cadeira. Sua cabeça estava quase encostada ao peito, e os ombros tremiam. De frente para a janela,

ainda com o vestido usado durante o jantar e similarmente amarrada, Margaret Nolan falava com ela, mas Lily parecia não ouvir o que lhe era dito.

Margaret olhou por sobre o ombro, e Nora afastou-se silenciosamente de Jeffrey, para conseguir ver a abertura que dava início ao corredor principal. Surgindo bem na entrada, estava uma histérica Marian Cullinan sendo empurrada por Dick Dart pelas costas. Ela dava a impressão de estar tentando fazer flexões sobre o braço cerrado em torno de seu pescoço. Na outra mão, Dart empunhava uma comprida faca contra o lado do corpo dela, e tinha o rosto animado pelo júbilo.

100

MARIAN TINHA POSTO um vestido preto, decotado e sem mangas para seu encontro poético. Dart estava nu e completamente limpo. Apenas ligeiramente amarfanhado, os cabelos lavados de pouco caíam sobre uma ensangüentada tira de gaze, presa ao lado da cabeça. Ele deixou Marian cair em uma cadeira de frente para Lily Melville, postou-se do lado dela e inclinou-se. Ela encurvou-se para diante. Sem ao menos preocupar-se em olhar para ela, Dart estendeu a mão esquerda, fechou-a em torno da garganta de Marian e a puxou para o chão. O grito que ela soltou penetrou a janela. Nora sentiu o corpo contrair-se.

Dart baixou a faca e estendeu a mão para algo fora de vista. Marian sentou-se bruscamente e começou a golpeá-lo, mas Dart a puxou pelo pescoço para o chão, como se ela fosse um gatinho.

— O que vamos fazer? — sussurrou Nora para Jeffrey.

— Estou pensando a respeito — sussurrou ele de volta.

Sacudindo a cabeça, Dart ergueu Marian, até os pés dela perderem contato com o assoalho. Depois a deixou cair, agarrou-a pela cintura e prendeu-lhe os braços. Enquanto ela se debatia, Dart deixou à vista uma das mãos segurando uma corda. Levando Marian para a cadeira, ele a deixou arriar no assento, com força.

Ela tornou a dar um grito agudo.

Margaret virou a cabeça para Dart e disse algo, surpreendentemente medido. Ignorando-a, ele ficou de joelhos atrás de Marian, passou a corda duas vezes em torno dela, e só então

deixou de pressioná-la. Ela saltou, tentando afastar-se com a cadeira presa às costas. Ele a puxou de volta, passou-lhe a corda pelo ombro, por baixo do assento, e então caminhou de cócoras para a frente da cadeira. Ela o chutou, ele agarrou-lhe os tornozelos, enrolou a corda em volta deles e a passou por baixo da cadeira. Depois, cortando a corda, amarrou-a atrás das costas de Marian. Margaret tornou a falar com ele. O que quer que Dart tivesse respondido, fez com que o rosto dela tremesse.

— Miserável filho da puta! — sussurrou Jeffrey.

Marian corcoveou em sua cadeira, corcoveou novamente, depois caiu para trás.

Dart endireitou a cadeira dela e se moveu ao lado das três mulheres, de testa franzida, esfregando o queixo. A cada lado de Margaret e afastadas dela uma pequena distância, Marian e Lily sentavam-se uma de frente para a outra. Dart fez alto diante delas e recuou para o terraço. Considerando as mulheres, ele passou suavemente os dedos pelo tampão de gaze que conseguira colocar sobre o ferimento nas costas. Seu corpo estremeceu, e uma mancha vermelha no centro da gaze ficou escura e aumentou de tamanho.

Jeffrey moveu a cabeça para Nora.

— Não há outra mulher?

Ela apontou para cima.

— Está doente e de cama.

Dart vagou em torno das mulheres, mensurando o efeito que havia criado. Elas o espiavam, Marian taciturnamente e Margaret em pensativa concentração, como o próprio Dart. Até mesmo a parte de trás da cabeça de Lily expressava o mais profundo terror. Marian sacudiu os cabelos para fora da testa e moveu os lábios, em uma

frase que Nora pôde ler: *Você me machucou*. Dart foi para trás de Lily, afastou-a um pouco na direção da janela e deu um tapinha em sua cabeça. Margaret permaneceu de boca fechada e lábios comprimidos, quando Dart arrastou sua cadeira alguns centímetros para trás. Marian tornou a falar: *Norman, por que está fazendo isso?*

Margaret proferiu uma breve frase. O corpo de Marian ficou rígido e toda emoção lhe fugiu do rosto.

Dart, cujo nome verdadeiro acabara de ser proferido, estendeu os braços e girou o corpo de um lado para o outro, agradecendo aplausos imaginários.

— O que estamos esperando? — sussurrou Nora.

— Que ele nos diga o que devemos fazer.

Dart virou-se para Marian e beijou-lhe a face. Falando, foi para trás da cadeira dela e segurou-lhe a mão. Depois acariciou-lhe os braços, os cabelos, passou um dedo pelo contorno de seu queixo. Margaret olhava para tal procedimento sem demonstrar qualquer emoção. Marian fechou os olhos e tremeu. As sardas acentuaram-se em seu rosto. Ainda falando, Dart contornou a cadeira e a beijou. Ela moveu bruscamente a cabeça para trás e ele a esbofeteou, com força suficiente para o som ser transmitido através da janela. Então, tornou a beijá-la. Quando afastou o rosto, a marca vermelha na face de Marian escondia suas sardas.

Erguendo as mãos como se dissesse *Sou um cara razoável*, Dart afastou-se de Marian e dirigiu-se às três mulheres. Sorrindo, apontou para Marian. Fez uma pergunta às duas mulheres mais velhas. Margaret deu-lhe um olhar impassível, e Lily sacudiu a cabeça. Dart pousou a mão sobre o coração, dando a entender que parecia ofendido. Saltou para junto de Lily e ergueu-lhe o queixo.

Nora viu os lábios dele proferindo as palavras *Lily, minha querida, eu a amo*. Depois virou-se para Margaret e falou com ela. Margaret respondeu claramente, *Não*. Dart cambaleou para trás, em zombeteira incredulidade. Estava divertindo-se imensamente. Durante algum tempo andou de um lado para o outro, concentrado em algum debate hipoteticamente difícil. Meneou a cabeça com ar triste. Aproximou-se da faca no chão, fingiu surpreender-se ao vê-la e, em jubiloso contentamento, apanhou-a.

Nora olhou para Jeffrey. Este sacudiu a cabeça.

Dart caminhou para as mulheres, cruzando o tapete. Primeiro sua cabeça, depois todo o seu corpo desapareceram atrás da mesa. Jeffrey tocou a mão de Nora: *Não se mova*. Ela virou rapidamente a cabeça para ele: *A arma?* Jeffrey mal moveu a cabeça, respondendo: *Agora não*. As pernas de Dart giraram, seus pés começaram a mover-se. Quando o restante do corpo ficou à vista, ele não estava mais segurando a faca. Estalando os dedos, desapareceu. Margaret moveu os olhos, e Marian torceu o pescoço, para o verem afastar-se. Os rostos das mulheres registraram o reaparecimento dele e, quando surgiu de novo à vista, Dart empunhava o cutelo de açougueiro. Exibiu-o para as mulheres, riscou o ar com a lâmina e caminhou devagar para a mesa.

De algum modo, Jeffrey conseguiu achar o corpo perto da borda do peitoril das janelas francesas. Nora dobrou os braços sobre a cabeça e conteve a respiração. Quando se arriscou a espiar pela janela, as peludas pernas de Dart ainda avolumavam-se abaixo da mesa. Ele estava alinhando suas ferramentas. Um de seus pés escorregou para o lado, quando se virou a fim de olhar para as mulheres nas cadeiras. Uma delas devia ter-lhe feito uma pergunta.

— A mulherzinha? — disse ele, perto da janela o suficiente para ser ouvido do outro lado. — Quando a vi pela última vez, minha antiga companheira fugia a toda velocidade através dessa floresta primitiva. No momento, esconde-se no matagal, esperando que eu desista de caçá-la. — Ele caminhou até a janela. — *Nor-ma! Nor-ma!* Volte para casa, meu bem, a brincadeira mal começou! Pode me ouvir, doçura? — Virando-se para as mulheres, ele baixou a voz. — Talvez ela esteja escondida bem aqui, do lado de fora! Vejamos!

O coração de Nora parou, e seu corpo ficou gélido. Sentiu que Jeffrey preparava-se para saltar.

Se Dart saísse pela porta-janela, o pé dele pousaria a dez centímetros do cotovelo dela. Erguendo o queixo, Nora espiou para o interior, e seu coração voltou à vida, com uma vigorosa batida. Dart afastava-se da mesa e ia para as outras janelas. Em segundos, desapareceu de vista. Mais abaixo, no terraço, uma maçaneta chocalhou e a porta-janela se abriu. Tudo fazia parte da representação — era uma exibição para as senhoras. Em excelente humor, Dart procurava demonstrar o quanto elas estavam indefesas. Inclinando-se para fora, berrou seu nome:

— *Norma! Norma! Sra. Desmond!*

Devia ter olhado para dentro do saguão, porque perguntou:

— Ouviu alguma coisa, Marian?

Ela respondeu, suavemente:

— Não.

Ele continuava inclinado para fora, através da porta-janela.

— Vocês sabem quem é ela, não sabem?

— A mulher que você raptou — respondeu Marian.

— Nora Chancel — acrescentou Margaret Nolan.

Dart suspirou de leve, zombeteiramente, como se lamentasse a traição de Nora.

— Cometeu um grave erro, sr. Dart — disse Margaret. — Deixou-a ir. Por favor, entenda o que estou lhe dizendo. A sra. Chancel não está escondida na floresta, mas a caminho para encontrar ajuda. Por que não vai embora agora? Pode voltar ao chalé Pote de Pimenta, vestir suas roupas e pegar um carro. Se perder muito tempo conosco, certamente será capturado pela polícia. Entende isso, não?

— Capturado? — exclamou Dart. — Que maravilhosa palavra! Parece sugerir uma fera da selva.

— Não estamos pedindo que nos desamarre. Entretanto, se quiser conservar sua liberdade, tem de ir embora de Shorelands agora. Provavelmente a sra. Chancel já está falando com Tony.

Após um longo momento de silêncio, uma coruja piou no outro lado do laguinho. A chuva caía com fraca intensidade nos ladrilhos. Dart deu uma risadinha abafada. Ela olhou para um lado. Ele estava sorrindo para o céu.

— Quanta preocupação! Se Nora-docinho conversar com o sujeito que recolheram por caridade, ele virá aqui checar a história dela. Posso muito bem dar conta de Tony. Entretanto, sabem o que vai realmente acontecer? Dentro em breve, Nora vai introduzir-se nesta casa. Está escrito em pedra. A moça conhece minhas pequenas maneiras de agir. Não saberá fazer outra coisa: “Nunca o abandonarei, é impossível!”

— Isso é tolice — disse Marian. — Procure salvar-se. Vá embora imediatamente. Você nem mesmo tem tempo para roupas.

— Gosta de mim nu, não é mesmo, Marian? Eu também me prefiro nu. Adoro estar aqui, com o ar fresco correndo em torno de meu corpo. Deixa-me excitado. Se há uma coisa que aprecio imensamente é ficar excitado, como terá oportunidade de ver. Você tem sardas nas solas dos pés, Marian?

Ela nada disse durante vários segundos. Dart esperou.

— Não.

— Que pena! Devemos ver se Nora já está aqui? Prometi a ela uma agradável surpresa e gosto de cumprir a palavra. — Dart gritou o nome dela, levou a mão em concha ao ouvido, tornou a chamá-la. — Não responde, garotas. Devemos prosseguir por nossa conta. Não receiem, a chegada de Nora não estragará nosso divertimento.

Ele endireitou o corpo e tornou a fechar a porta-janela. Jeffrey virou a cabeça para a frente do terraço, e imediatamente começou a caminhar sobre os ladrilhos, sem produzir o menor som. Com um esforço sobre-humano, Nora ficou de gatinhas e o seguiu.

Jeffrey deslizou em torno da parte inferior do pilar, no alto dos degraus, e esperou. Quando Nora o alcançou, ele a guiou escada abaixo até o gramado, moveu-se de um lado para a parede abaixo do terraço, encostou a cabeça na pedra e contemplou o escuro gramado.

— Dart é sempre assim?

— Sem tirar nem pôr — replicou Nora. — O que faremos?

— Temos bastante tempo. Ele ainda está pavoneando-se. — Jeffrey sorriu. — Se quer saber, desde que não se importe demais sobre quem ele matou, Dick Dart poderia ter sido um terrível soldado de combate. É incrivelmente forte e rápido, pode absorver

uma tremenda dose de dor e continuar funcionando. Situações adversas extraem, por assim dizer, o que ele tem de melhor.

— Está me pedindo que admire Dick Dart?

— Nem por sombras — respondeu Jeffrey. — Estou apenas descrevendo-o. Se eu não o levar em consideração, será difícil derrotá-lo. Não creio que ele sempre tenha sido como acabamos de vê-lo.

— Ser detido por assassinato liberou-o. Agora, Dart não precisa mais esconder como era.

Jeffrey tornou a sorrir.

— A *escapada* liberou-o. Depois disso, ficaram suspensos todos os regulamentos normais. Ele é uma pessoa nova em folha em um mundo novo em folha, estirando as asas, descobrindo-se.

Isto era tão exato, que Nora deixou sua impaciência de lado.

— Pelo menos durante uma meia hora ele não fará qualquer mal a essas mulheres. Está tendo divertimento demais. Nesse ínterim, ficará esperando que você apareça. Sabe se a porta da frente está trancada?

— Destrancada — respondeu Nora.

— Tudo bem. — Jeffrey ergueu os olhos para o acaso e enxugou o rosto. — E ele sabe que *você* sabe que a porta está destrancada?

— Sabe.

— Então, é por onde espera que você entre. — Jeffrey afastou-se um pouco, caminhando pelo gramado, e ergueu os olhos para a casa. — Vamos preparar uma pequena surpresa para o sr. Dart. — Seus olhos percorreram a esquina que se dobrava para os fundos do prédio. — As portas-janelas também não estavam

fechadas a chave. Mais além de onde estávamos, havia outra fileira delas, nos fundos do aposento em que ele foi apanhar o cutelo de açougueiro.

— A sala de refeições.

— Aposto que cada janela do prédio está destrancada. As mulheres confiam em seu isolamento e em Tony para conservá-las em segurança. Provavelmente nunca enfrentaram um assalto. Você disse que há outra mulher na casa, uma espécie de inválida, não?

— Agnes Brotherhood.

— Em que pavimento ela está?

— No segundo.

— Muito bem. Quando eu tentava encontrar você, vi uma escada de mão perto da parede, no pátio. Alguns operários devem tê-la deixado para trás. Entrarei na casa por uma janela do andar de cima. Uma vez lá, farei alguma espécie de ruído, e Dart pensará que Agnes está prestes a juntar-se à festa. Ficará deliciado. Você voltará para o andar e ficará na extremidade do saguão. Quando o vir deixar o aposento, vá para a sala de refeições e *permaneça* lá.

— Certo.

— Teremos que agir de improviso, exceto esconder-se na sala de refeições até você saber que pode surpreendê-lo. Ele não espera que você surja daquela direção. Por outro lado, também não conta com a minha presença. Se eu puder dar cabo dele, darei. Se não puder, ele me impelirá para o saguão, e então você aparecerá.

— Você devia levar a arma — disse ela.

— Não. Ficará com você. — Jeffrey ergueu uma perna, desamarrou o sapato, descalçou-o e o colocou junto da parede. Fez

o mesmo com o outro pé. — Você ainda tem uma bala de sobra. Não a desperdice. Esse sujeito é duro como ferro.

— Eu sei — disse Nora, mas Jeffrey já se afastava, deslizando em meio à escuridão.

101

A CAPA DE MARIAN era um ridículo estorvo. Nora tirou o revólver do bolso, abriu os colchetes de pressão, encolheu os ombros e baixou os braços. A capa escorregou e caiu pesadamente sobre a grama. Exceto pelos pontos de suas pernas lavadas pela água da chuva, toda a parte frontal de seu corpo estava obscurecida pela lama. Ela ajeitou o revólver na mão e começou a subir os degraus para o terraço. Silenciosamente, esgueirou-se através dos ladrilhos e colou o corpo contra o prédio, ao lado da segunda fileira de portas-janelas. Virando a cabeça, observou e divisou três quartas partes do saguão iluminado. As costas de Marian Cullinan escondiam metade de Lily Melville. Visível por inteiro, Margaret Nolan encarava Dick Dart, também plenamente visível. Ele segurava uma garrafa de champanha em uma das mãos, o pênis meio ereto na outra, e falava com Margaret, sem dúvida discorrendo sobre as muitas delícias que havia proporcionado a mulheres de mais idade. Ela o contemplava sem pestanejar.

Pela primeira vez, Nora começou a duvidar de suas suposições a respeito de Agnes não estar com as outras. Dart não a deixaria no quarto simplesmente por estar fraca demais para sair da cama. Era mais provável que a tivesse amarrado e colocado em uma parte do quarto que as outras não conseguissem ver, reservando-a, como faria uma aranha ao deixar refeições extras em sua teia. Se houvesse levado Agnes para o andar de baixo, saberia que algo

estava errado, no instante em que ouvisse algum ruído no interior da casa e, com isso, Jeffrey estaria em perigo ainda maior.

Dart bebeu um gole do champanha e ofereceu a garrafa a Lily. Como ela não respondesse, ele se moveu à sua frente. Nora pensou que estaria levando a garrafa aos lábios dela. Ele fez um comentário de passagem com Margaret. Claro. Ela era a mais odiada, ele estava representando em seu benefício. Depois levou a garrafa até Marian, inclinou-a como faria um garçom para exibir o rótulo, e chegou o gargalo aos lábios dela. O que quer que Marian tivesse dito ou feito evocou uma expressão de infeliz descrença. Dart recuou, parecendo amuado, e cruzou o saguão para apanhar a faca que estava na mesa. Explicou que seria forçado a fazer isso, caso ela não o acompanhasse em um drinque, e repetiu a tentativa. Marian devia ter permitido que Dart lhe despejasse um pouco de bebida na boca, porque ele lhe deu um sorriso feliz. Então passou para Margaret, que abriu a boca contrariada e o deixou dar-lhe um pouco do champanha.

Dart bebeu do gargalo e virou-se para Marian. Empinou as ancas, oferecendo-lhe o pepino. Não? Ele pousou a garrafa no chão e disse algo que envolvia apontar para a faca e o pepino. Ainda falando, deu um forte puxão em si mesmo, e o obediente pepino inflou-se para diante. Satisfeito, ele o exibiu para as duas outras mulheres. Lily tinha os olhos fechados, e Margaret mal olhava para o troféu de Dart. Retornando a Marian, ele novamente apontou para a faca e o pepino. A parte traseira da cabeça dela não deixou perceber qual fora a sua resposta. Movendo-se para um lado, Dart esfregou-lhe o pepino na face. Olhou para Margaret, cujo rosto mostrava a

mais absoluta imobilidade. Lily ousou dar uma espiada para ele, mas imediatamente tornou a fechar os olhos.

O que estaria Jeffrey fazendo? Admirando o quarto de Georgina Weatherall?

Dart recuou, ergueu a faca, e seus dedos manipularam as laçadas da corda que amarrava Marian à sua cadeira. Após escolher uma laçada, ele fez a faca deslizar sob ela, cortou a corda e amarrou-a em um novo lugar. O braço direito de Marian ficou livre até o cotovelo. Era uma troca de favores. Seja boazinha comigo, que serei bonzinho com você.

Friccionando-se, Dart postou-se diante de Margaret. Sacudiu-se para ela e repetiu a mesma hilariante pantomima que executara para Marian. Em benefício de Margaret, ele manipulou-se até ganhar mais uns três centímetros de intumescência. Puxando e friccionando, com uma expressão sonhadora concentrando-se nos olhos, ele esticou-se diante dela, exigindo admiração. Esfregou-lhe os cabelos com a mão livre. Então, sua cabeça se virou bruscamente para um lado.

Os músculos nos braços e nas pernas de Nora estavam tensos. Dart dissera algo a Marian. Ela abanou a cabeça. Afastando-se de Margaret, ele caminhou para o lado da entrada e colou as costas à parede. Marian virou a cabeça, e Margaret lançou-lhe um olhar de curiosidade. Todos tinham ouvido algo, mas ninguém ali dentro pensou que fosse o som de Agnes Brotherhood vindo para o andar térreo. Os segundos escoavam-se. As mulheres estavam retesadas em suas cadeiras.

Dart lambeu os lábios e ficou vigiando a entrada, pronto para saltar.

O corpo de Nora decidiu por ela. Antes de ter tempo para pensar, moveu-se através da janela e empurrou a maçaneta para baixo. Dart virou a cabeça para um lado, sem perda de tempo, e ficou olhando para ela em choque, surpresa e fúria. Deu um passo à frente, exibindo os dentes. Nora escancarou a porta-janela, colocou um pé no piso do saguão e pareceu petrificar-se, quando Jeffrey voou para o aposento. Ele deu uma espécie de salto-mortal, caiu sobre os pés atrás de Marian e prontamente começou a circular em direção a Dart, o corpo inclinado para frente e os braços ligeiramente estendidos.

Dart olhou para Nora, depois novamente para Jeffrey.

— Quem você pensa que é, Homem de Ação? — Dart deslizou ao longo da parede. — Senhoras, digam alô para Jeffrey, o criado. Você já estaria morto, Jeffrey, se o bolo-de-lama não tivesse tomado meu tempo.

— *Norma!* — gritou Marian agudamente. — Atire nele, atire nele!

— Cale a boca — disse Nora, movendo-se ao longo de Lily, que agora a encarava com o mais genuíno pavor.

— *Atire nele, Norma!* — tornou a gritar Marian.

— Meu bem, ela tem péssima pontaria, e a arma já está descarregada — disse Dart. Já inteiramente ajustado à reviravolta dos eventos, ele mostrava, de novo, um confiante bom humor. Tinha que enfrentar apenas um homem desarmado e Nora-docinho, de péssima pontaria, especialmente agora que a arma estava vazia. — Venha, criado! — desafiou Dart.

Jeffrey não tinha olhado para Nora, desde que saltara como um foguete para dentro do saguão. Estava tão concentrado em Dart,

que parecia não ter ouvido os gritos de Marian, e avançava com um lento e deliberado passo de caranguejo, um após outro. Dart girou os olhos, divertido — Jeffrey não constituía uma ameaça séria. Abrindo os braços, ele deu de ombros para Nora.

— Devo dizer-lhe a amarga verdade, querida. Eu menti para você. As maminhas não são bonitas. Pequenas demais e muito achatadas.

Ao olhar para Jeffrey, seu sorriso ampliou-se.

— Você gosta de usar roupas femininas, Dart? — perguntou Nora.

Ele perdeu o sorriso, depois começou a mover-se para Jeffrey, com o ar de quem precisa dar andamento a um necessário, mas tedioso negócio. Lily olhou temerosamente para Nora.

— É a senhora mesmo, sra. Desmond?

— Eu mesma, Lily — disse Nora, tocando-lhe o ombro. Os homens ficaram mais próximos um do outro. Nora apontava o revólver para Dart, porém não confiava em sua capacidade para atingi-lo. Acrescentou: — Posso ver o seu armário de roupas, Dick. Há dois vestidos dentro dele, mas ninguém mais chegou a vê-los, além de você.

Dart grunhiu e saltou, enquanto Jeffrey parecia flutuar para trás. Dart voou cerca de metro e meio no ar, indo cair sobre o estômago, com um ruído surdo. Pôs-se de pé em um segundo, depois agachou-se.

— Agora já sabemos que você é rápido — disse ele, e partiu para um novo ataque.

Jeffrey saltou à direita, depois à esquerda, com tal velocidade, que parecia nem ter saído do lugar. Moveu-se diretamente para trás

de Margaret que, ao contrário de Lily e Marian, estava com os olhos fixos em Nora. Olhos que se moveram para algo perto das janelas, depois retornando a Nora. Esta olhou para trás e compreendeu. Correndo até a mesa, apanhou o cutelo de açougueiro.

— Ficou louca? — gritou Marian. — Você tem uma arma!

Dart girou para a direita, e Jeffrey girou para a esquerda, uma imagem refletida em espelho.

Marian gritou para que ela atirasse.

Dart lançou sua faca através do ar vazio onde Jeffrey estivera, depois rodopiou sobre si mesmo e voltou ao ataque. Em vez de agora flutuar para trás, Jeffrey mergulhou de lado, segurou o braço de Dart, rolou o corpo sobre o quadril dele e o fez girar ao longo do tapete, até alguns passos após a cadeira de Marian. Nora recordou que, entre mais uma dúzia de coisas improváveis, certa vez Jeffrey havia sido instrutor de karatê.

Pestanejando, Dart conseguiu erguer-se quase tão depressa como fizera da primeira vez.

— Legal — disse. — Esfalfantes artes marciais. É uma maneira de lutar, quando você não pode realmente lutar.

Dart saltou para diante, esgrimindo o punho fechado, e Jeffrey recuou. A dois metros de Dart, ele olhou por sobre a cabeça de Marian e falou com os olhos. Nora agarrou o cutelo de açougueiro com a mão direita e cortou as cordas que corriam por trás da cadeira de Margaret.

— Agora eu! — gritou Marian.

Margaret inclinou-se para diante. As cordas lhe caíram do peito, mas as mãos continuavam atadas.

— *Eu!* — gritou Marian.

Nora deixou o revólver no chão, ajoelhou-se e viu a folga entre os pulsos de Margaret. Lily gritou, quando um corpo abateu-se no chão. Dart estava ficando de joelhos, segurando uma faca ensangüentada. Jeffrey mergulhou para o corredor. Uma gotejante cutilada de uns trinta centímetros subiu-lhe pelo lado do peito, seu rosto dando a impressão de que ele ouvia música. Lançando-se através do ar, ele agarrou o braço de Dart e tornou a jogá-lo contra o tapete. Em vez de esperar que ele torcesse o corpo, ficasse de pé e voltasse ao ataque, Jeffrey o seguiu, em um regular e contínuo movimento. Com o elétrico imediatismo de um raio, Dart revirou-se para um lado e enfiou a faca nas costelas de Jeffrey.

Durante alguns poucos e intermináveis segundos, com Nora tentando convencer-se de que estava enganada, de que havia presenciado outra coisa inteiramente diversa, os dois homens permaneceram atacadados. Uma mancha vermelha desabrochou na camisa molhada de Jeffrey, e então ele tombou sobre o corpo de Dart. Nora ficou em pé, cambaleante.

Marian gritou para que ela a libertasse.

Dart deixou escapar um suspiro de triunfo e empurrou Jeffrey do seu peito. Jeffrey pressionou uma das mãos sobre o ferimento e ficou imóvel.

Sentado, Dart escorregava para trás, a fim de deslindar suas pernas das de Jeffrey. Nora deu um passo para ele. Jeffrey ergueu os olhos para Dart e grunhiu, o primeiro som que emitia, desde sua portentosa entrada no saguão da Casa Principal. A imobilidade da intensa concentração não lhe deixara o rosto. Marian continuava gritando insistentemente. Frenética, Nora ergueu o cutelo de açougueiro acima do ombro e encaminhou-se para os homens.

Dart ergueu-se com facilidade sobre os pés, e girou para enfrentá-la.

— Francamente, Nora!

Brincalhona, escarnecedora, a faca foi manobrada em sua direção. Era impossível, não conseguiria, Dart era ligeiro demais para ela.

A faca saltou para diante, em outra paródia de golpe, e Dart aproximou-se, sorridente. Nora recuou, mantendo o cutelo de açougueiro no alto, sabendo que não poderia atingi-lo antes dele esfaqueá-la. Um divertimento extremo, argênteo, ganhou o rosto dele.

— Esperei um pouco mais de sua parte — disse Dart. Após falar, ele arregalou muito os olhos e seu corpo tombou à frente dela, com espantosa, irreal velocidade.

Nora olhou para baixo. Com os braços em torno dos tornozelos de Dart, os calcanhares dele pressionados contra seu tórax, Jeffrey o puxava mais alguns poucos centímetros para trás.

No segundo de graça que Jeffrey lhe dera, Nora pulou para a frente, ergueu o cutelo de açougueiro bem alto acima do ombro, e o enterrou em um dos tufo de pêlos nas costas de Dart. A larga lâmina afundou cinco ou sete centímetros na pele dele, e o sangue esguichou em um jato, à volta do ferimento. Ela puxou pelo cabo, pensando em golpeá-lo na cabeça com o cutelo, mas Dart cabriolou como um cavalo e torceu o cabo do cutelo, arrancando-o da mão dela.

— Ei, eu pensava que éramos amigos — choramingou ele. Esperneou para libertar-se do aperto de Jeffrey e arrastou-se para diante. Choramingou de novo, fincou os cotovelos debaixo do corpo

e impeliu-se para ela. Nora recuou. Dart ergueu os olhos, as pupilas animadas por um irônico prazer. — Não entendo esta constante rejeição...

O calcanhar de Nora pisou no cano do revólver.

Os gritos de Marian elevavam-se ao teto. Nora envolveu as mãos em torno da coronha do revólver e deu dois passos para frente, sua mente em um vazio total, absoluto. Firmou-se nas solas dos pés e pressionou o cano contra a testa de Dart.

— Formidável — disse ele. — Aperte o gatilho, mostre para os nossos espectadores que o espetáculo não pode parar.

Nora apertou o gatilho. O martelo caiu com um clique monótono e metálico. Dart deu uma risadinha suspirada e apertou uma das mãos em torno do pulso dela.

— Lá vamos nós!

Puxou a mão de Nora para baixo, mas ela tornou a pressionar o dedo indicador. O revólver saltou para cima pela força da explosão, e a última bala fez uma perfuração queimada através do risonho olho de Dart, penetrou em seu cérebro e arrancou-lhe a parte de trás do crânio.

Uma bruma cinza-avermelhada foi expelida para cima e para os lados, espalhando-se pela parede muito atrás dele. *Uma bala no cérebro é melhor do que uma bala nas tripas.* Até mesmo Dan Harwich às vezes tinha razão.

Os dedos de Dart estremeeceram sobre o pulso de Nora. Fracamente, como que vindo de um aposento distante, ela ouvia Marian Cullinan gritando.

102

MEIA HORA DEPOIS, o mundo exterior invadiu a vida de Nora, primeiro sob a forma de numerosos policiais que lhe providenciaram café, bombardearam-na de perguntas e anotaram tudo quanto ela dizia. A seguir, eles foram substituídos pelos muito mais numerosos e invasivos repórteres da imprensa e televisão que, durante um breve mas extremamente desconfortável período, perseguiram-na aonde quer que fosse, publicando suas várias invenções como fatos, irradiando simplificações, distorções e contínuas inverdades, em um processo que, como sempre, conduzia a praticamente a mesma coisa. Se houvesse concordado, Nora teria aparecido em uma dúzia de programas de televisão, da espécie *talk-show* ou tablóides, vendido os direitos de sua história a uma firma de produções televisivas, além de ver sua foto nas capas de muitas revistas, dedicadas a trivializar o que já era trivial. Ela não fez nenhuma dessas coisas, considerando-as não mais seriamente do que considerava aceitar qualquer das dezesseis propostas de casamento que lhe chegaram pelo correio. Quando o mundo público a envolveu, os exageros e cortes feitos em sua história a deixaram tão irreconhecível para si mesma, que até as fotos nos jornais pareciam pertencer a outra pessoa. Jeffrey Deodato, que suportou uma versão menor da temporária celebridade de Nora, também declinou de assistir à pública falsificação de sua vida.

Após ter cumprido suas laboriosas obrigações com os funcionários mantenedores da lei em várias cidades, Nora desejava

apenas espaço e tempo suficientes para organizar sua vida. Também desejava fazer três coisas específicas — e estas ela as fez, cada uma delas.

Este longo e instrutivo processo, no entanto, só teve início quarenta minutos depois dela ter levado Dick Dart à morte, quando o mundo invadiu o local e a arrebatou. Nesse ínterim, Nora libertou as outras duas mulheres e deixou Margaret Nolan consolar Lily Melville, enquanto segurava a mão de Jeffrey e tentava examinar seu ferimento. Evidentemente sentindo dor, porém com sangramento menos grave do que temera, ele disse:

— Eu viverei, a menos que morra de constrangimento.

Marian Cullinan enfurnou-se em seu quarto, mas a sensata Margaret ofereceu-se para conduzir Jeffrey de carro ao hospital, e usou a grande força de sua personalidade para dissuadir Nora de acompanhá-los. Do hospital, ela tentaria ligar para a polícia de Lenox; se os telefones não funcionassem, iria ao posto policial, após deixar o hospital. Feito isto, ela correu ao pátio de estacionamento e voltou com seu carro. Cambaleando, suportado por Margaret e Nora, Jeffrey conseguiu chegar à porta e descer a escada. Enquanto o ajudava a entrar no carro, Nora lembrou-se de perguntar a Margaret o que fora feito de Agnes Brotherhood.

— Oh, meu Deus! — exclamou Margaret. — Agnes está trancada em seu quarto. Deve estar frenética!

Disse a Nora onde encontrar a chave em seu gabinete e sugeriu que ela talvez quisesse limpar-se e vestir algumas roupas, antes da polícia chegar.

Nora havia esquecido de que estava nua, desde que despira a capa de Marian, mais abaixo no terraço.

Margaret disparou com seu carro para Lenox, e Nora tornou a entrar na Casa Principal para ir ao encontro de Agnes, que só escapara às atenções de Dick Dart porque ele não conseguira entrar em seu quarto.

Cruzou o saguão sem olhar para o corpo de Dart. As chaves, cada uma com uma etiqueta, estavam na gaveta superior esquerda da secretária de Margaret, exatamente como ela dissera. Após vestir a grande capa de chuva azul de Margaret, Nora seguiu pelo corredor, a fim de chegar ao quarto de Agnes.

A esquelética figura na cama estava dormindo, foi o que pensou, porém mal deu dois passos dentro do quarto, e Agnes reclamou:

— Por que demorou tanto, Marian? Não gosto de ficar trancada e também não gosto de você!

— Não sou Marian — falou Nora. — Sou a mulher que a visitou esta tarde. Lembra-se? Falamos sobre Katherine Mannheim.

Um roçar de excitado movimento brotou das roupas de cama, e Nora pôde visualizar um corpo magricela esforçando-se em ficar sentado.

— Elas deixaram você voltar! Ou veio até aqui às escondidas? Foi você que antes estava tentando entrar?

Agnes não fazia a menor idéia do ocorrido no andar de baixo.

— Não. Quem queria entrar em seu quarto era outra pessoa.

— Enfim, agora está aqui e acho que fez muito bem. Quero que fique sabendo de tudo. Quero contar para você.

— Pois então, conte — disse Nora, deixando-se cair em uma poltrona.

— Ele a violentou — disse Agnes. — Aquele homem terrível, hediondo, violentou-a, e ela morreu de um ataque cardíaco.

— Lincoln Chancel violentou Katherine Mannheim — disse Nora, mas sem acrescentar que, pelo menos, já deduzira que isso tinha acontecido.

— Você não acredita em mim — queixou-se Agnes.

— Acredito plenamente em você — replicou Nora, fechando os olhos e recostando-se no encosto da cadeira.

— Ele a violentou e ela morreu. Depois ele foi chamar o outro, o outro homem horrível. Foi isso que eu vi.

— Sim — disse Nora. Sua voz parecia vir de muito longe. — E então você contou para sua patroa, ela foi até o chalé Pão de Mel e os surpreendeu com o cadáver de Katherine. Entretanto, durante muito tempo você ficou sem saber o que ela havia feito depois disso.

— Se soubesse, eu não poderia continuar aqui. Ela só me contou quando já estava doente e tomando aquele remédio que não fazia o menor efeito, a não ser deixá-la com a saúde pior.

— Você a interrogou sobre o caso? Finalmente quis saber a verdade, não foi?

Agnes começou a chorar, em sufocadas fungadelas.

— Sim, eu a interroguei, queria saber. E ela *gostou* de me contar. *Ainda* odiava a srta. Mannheim.

— Georgina conseguiu dinheiro do sr. Chancel. Muito dinheiro.

— Ele lhe deu tudo o que ela quis. Tinha que dar. Ela podia mandar aqueles dois para a prisão. Tinha prova.

Nora deixou a cabeça tombar para trás, sobre os ombros, e deixou escapar, quase sussurrada, a pergunta que tinha de fazer.

— Que espécie de prova ela possuía, Agnes?

— A nota, a carta, dê o nome que quiser. A que ela fez o sr. Driver escrever.

— Explique melhor.

— Foi no chalé Pão de Mel. A srta. Weatherall fez o sr. Driver escrever tudo o que eles fizeram e o que iam fazer. O sr. Chancel não queria que ele escrevesse, mas a srta. Weatherall disse que, se não escrevesse, voltaria à Casa Principal e chamaria a polícia para detê-los. Ela sabia que o sr. Chancel não a mataria, embora provavelmente ele tivesse vontade, porque estavam juntos no mesmo barco. O sr. Chancel insistia em não escrever coisa alguma, porém o sr. Driver escreveu. Uma confissão de culpa era tão boa como duas — respondeu ela. Indicou a eles onde enterrarem a pobre moça, e anotou isso no papel escrito com sua própria letra. Foi assim que se colocou no mesmo barco que os dois.

Nora conseguiu dizer o que sabia.

— Em seguida, ela guardou a nota em seu cofre, aquele debaixo de sua cama, não foi?

— E continua lá — disse Agnes. — Às vezes eu tinha vontade de dar uma espiada naquela nota, mas se a lesse ficaria sabendo onde eles a enterraram. E aí estava uma coisa que eu preferia ignorar.

— Você pode abrir o cofre?

— Eu o abri mil vezes, quando estava cuidando dela. Era lá que a srta. Weatherall guardava suas jóias. Eu lhe entregava algumas, quando ela queria usá-las. Quer ver a nota?

— Sim, quero — disse Nora, abrindo os olhos e espreguiçando-se.

— Acha que pode caminhar até lá, Agnes?

— Posso caminhar daqui à lua, se me der tempo suficiente. —
Agnes estendeu o braço e fechou a mão em torno do pulso de Nora.

— Por que sua pele é tão áspera?

— Porque estou coberta de lama — replicou Nora.

— Devia limpar-se. Uma moça tão nova...

Agnes saiu da cama e caminhou para a porta arrastando os pés, sem largar o pulso de Nora. Quando se moveram para a luz, ela percebeu a real condição de Nora, com chocada desaprovação.

— O que houve com você? Está parecendo uma selvagem!

— Eu caí — disse Nora.

— Por que está usando a capa de chuva de Margaret?

— Oh, é uma longa história...

— Nunca vi nada igual — disse Agnes, continuando a arrastar os pés corredor abaixo.

No quarto de Georgina Weatherall, a idosa Agnes acendeu as luzes e pediu a Nora que colocasse uma cadeira ao lado da cama. Depois de apanhar o cofre, girou a combinação no *dial*.

— Mesmo depois que esquecer meu próprio nome, ainda me lembrarei desta combinação...

Ela abriu a porta do cofre, enfiou a mão em seu interior e de lá extraiu um comprido envelope, agora amarelecido pelo tempo. Entregou-o a Nora.

— Fique com ele. Leve-o para fora desta casa. Agora preciso ir ao banheiro. Poderia ajudar-me?

Nora esperou do lado de fora do banheiro até Agnes terminar, e depois a levou de volta a seu quarto. Quando a ajudava a deitar-se na cama, contou-lhe que houvera alguns problemas no andar de baixo. A polícia logo chegaria, mas estava tudo bem. Marian, Lily e

Margaret não haviam sofrido qualquer dano, e a polícia certamente desejaria falar com ela, mas tudo quanto tinha a dizer-lhes é que ficara trancada em seu quarto. Então, todos eles iriam embora.

— Em seu lugar, eu nada diria sobre a carta que me deu — falou — mas, naturalmente, a decisão é sua.

— Não quero falar sobre essa nota — replicou Agnes. — Principalmente com algum policial. É melhor que você vá lavar-se e que se enfie dentro de algumas roupas de verdade, a menos que queira ter um bando de homens de olhos arregalados à sua frente. Para não falarmos em todas as pegadas lamacentas cruzando a casa inteira.

Nora tomou uma ducha o mais depressa que pôde, enxugou-se e, de envelope na mão, correu para o quarto de Margaret. Minutos depois, envergando uma frouxa peça negra que escondia um comprido envelope em um dos bolsos laterais, desceu para o andar de baixo. Sentada à mesa da sala de refeições, Marian sobressaltou-se quando a viu entrar. Ela havia trocado de roupas e aplicado uma nova camada de batom.

— Sei que devo agradecer-lhe — disse Marian. — Você e aquele homem salvaram a minha vida. O que aconteceu a todo mundo? O que aconteceu *a ele*? A polícia já está a caminho?

— Deixe-me em paz! — exclamou Nora.

Caminhou até uma cadeira na extremidade oposta da mesa e sentou-se, sem olhar para Marian. Uma torrente de emoções, complicada demais para ser identificada como alívio, choque, raiva, pesar ou tristeza, percorreu seu corpo, e ela começou a chorar.

— Não devia estar chorando — disse Marian. — Você foi formidável!

— Marian — replicou Nora —, você não sabe absolutamente nada de nada...

Da frente do prédio chegou até elas o som de sirenes e de viaturas policiais entrando no pátio de piso de cascalho, trazendo consigo as ruidosas atenções do mundo exterior.

UM DIA, NO FIM DE AGOSTO

*Um dia, no fim de agosto, uma mulher outrora extraviada, que pedia aos conhecidos que a chamassem de Nora Curlew, em vez de Nora Chancel, passou com seu carro pelos portões da Mount Avenue, sem anunciar-se, e continuou subindo a alameda encurvada até a frente de "Os Álamos". Após Davey ter sido mandado embora da casa por seu pai, este lhe suplicara para voltar. Como Nora sabia que Davey faria, ele agora morava novamente no antigo apartamento de Jeffrey Deodato, em cima da garagem. Sozinha na casa da Crooked Mile Road, Nora passara a semana anterior lidando com intermináveis chamadas telefônicas e as freqüentes chegadas de câmeras, trilhas sonoras e locutores querendo falar com a mulher que matara Dick Dart. Ela tivera também que enfrentar as inevitáveis convulsões em sua vida particular. Mesmo após dizer a ele que queria o divórcio, Davey sugerira vir morar novamente com ela, mas Nora recusou. Também recusara o convite dele para partilharem o apartamento em cima da garagem, onde Davey imediatamente se sentira à vontade. *Você contou para o FBI onde eu estava*, havia dito ela, ao que Davey replicou, *Eu estava tentando ajudá-la*. Nora dissera então, *Chegamos ao fim da linha. Acabou. Não preciso do seu tipo de ajuda*. Não muito tempo depois desta conversa, ela ligara para Jeffrey, já fora do hospital e convalescendo na casa da mãe, para dizer-lhe que em breve o veria.*

Alden Chancel, cuja atitude em relação a Nora sofrera uma grande mudança, tentara encorajar a reconciliação propondo construir uma casa separada, uma mini-"Os Álamos" no mesmo

terreno, porém ela havia também declinado da oferta. Já tinha empacotado a maioria das surpreendentemente poucas coisas que desejava conservar, e pretendia ir para algum lugar onde poucas pessoas soubessem quem era ou o que havia feito. Nora já se sentia impaciente com seu papel público; logo haveria outra explosão de repórteres e *cameramen*, e sua vontade era estar bem longe dali quando isso acontecesse.

Nesse meio tempo, ela queria cumprir três tarefas. Ver Alden era a primeira delas.

Ao vê-la, Maria abriu-se em um sorriso e disse:

— Srta. Nora! O sr. Davey está em seu apartamento.

Poucos dias após ser demitida, Maria fora readmitida. O processo contra a Casa Chancel tinha sido retirado, e Alden não temia mais quaisquer revelações ligadas a Katherine Mannheim.

— Eu não vim ver Davey, Maria. Assim, por favor, não lhe diga que estou aqui. Quero falar com o sr. Chancel. Ele está?

Maria assentiu.

— Entre. Ele gostará de vê-la. Vou chamá-lo.

Maria encaminhou-se para a escada interna, e Nora dirigiu-se à sala de estar, onde se sentou em um dos compridos sofás. Dentro de poucos minutos, irradiando contentamento, afabilidade e charme, Alden entrou na sala, em largas passadas. Usava um dos seus conjuntos de Almirante do Iate Clube: calças brancas, um *blazer*-jaquetão traspassado, camisa branca e um vistoso lenço no pescoço. Levantando-se, Nora sorriu para ele.

— Nora! Fiquei encantado quando Maria me disse que você estava aqui. Espero que isto seja uma indicação para finalmente esquecermos nossas dificuldades e começarmos a andar juntos

daqui para a frente. Eu e Davey precisamos de uma mulher nesta casa, e você é a única que seria aceita.

Depois de falar, ele lhe beijou o rosto.

Uma semana antes, anunciando que finalmente obtivera o suficiente dos abusos, fraudulências e adultérios do marido, Daisy deixara "Os Alamos" e se mudara para uma suíte do Hotel Carlyle, em Nova York, do qual se recusava a arredar pé. Não queria ver Alden e muito menos falar com ele. Ela emergira de seu colapso nervoso e subsequente imersão em romances radiofônicos, com a decisão de fugir do seu aprisionamento e revisar seu livro. Durante um de seus implorativos telefonemas, Davey disse que sua mãe queria "estar viva novamente", tendo-lhe dito que ele precisava "libertá-la", tomando conhecimento da verdade sobre seu nascimento.

— É muita gentileza sua, Alden — disse Nora.

— Devemos chamar Davey para tomar parte nesta conversa? Ou apenas deixar que as coisas sigam seu próprio rumo durante algum tempo? Creio que isto seria útil, embora baste você falar, a qualquer momento, que quer Davey aqui conosco.

Alden havia ficado impressionado pelo potencial comercial do que ela havia feito em Shorelands, e Nora sabia, através de comentários transmitidos por Davey, que ele pretendia fornecer um substancial adiantamento pelo relato, feito na primeira pessoa, de suas andanças com Dick Dart. O verdadeiro escritor seria suprido mais tarde. A noção de "romance não-ficcional de crime real" vivido por Nora pusera o coração dele fazendo "*trip-trap, trip-trap*", exatamente como Daisy havia descrito. Entretanto, o motivo mais poderoso para aquela nova compatibilidade de Alden, era o que Nora

tinha aprendido durante sua noite em Northampton. Ele não a queria tornando públicas as circunstâncias dos nascimentos, tanto dos romances póstumos de Hugo Driver como de seu filho.

— Por que não guardamos isso conosco por enquanto? — disse Nora.

— Adoro lidar com um bom negociador, adoro de fato. Acredite em mim, Nora, faremos um arranjo que você achará extremamente satisfatório. Ambos tivemos nossas dificuldades, mas tudo isso ficou para trás. Doravante, saberemos onde pisamos.

— Concordo plenamente.

Alden esticou a mão e alisou o braço dela.

— Sem dúvida, sabe que sempre a considereei uma mulher tremendamente interessante. Gostaria de passar a conhecê-la melhor, e quero que você entenda mais a meu respeito. Nós dois temos muito em comum. Aceita um drinque?

— Não agora.

— Então, vamos para a biblioteca e lá acertaremos os básicos. Poremos o preto no branco. Devo dizer-lhe, Nora, que estive ansioso por este momento.

— É mesmo?

Ele enfiou o braço no dela.

— Isto é uma família, Nora, e vamos todos cuidar uns dos outros. — Na biblioteca, ele fez um gesto para o sofá de couro, no qual ela e Davey tinham ouvido o ultimato dele. Alden recostou-se na poltrona que usara naquela mesma noite e dobrou as mãos no colo. — Aprecio a maneira como estive manobrando a imprensa até agora. Você concentrou interesse, mas isso fica para quando

convocarmos uma coletiva da imprensa. Eu não preciso envolver-me com agentes, certo?

— Claro que não.

— Conheço alguns dos melhores arquitetos da área de Nova York. Construiremos uma propriedade tão bonita, que fará a casa da Crooked Mile Road parecer uma cabana. Enfim, este é um projeto de longo alcance. Podemos divertir-nos com ele mais tarde. Você esteve pensando sobre o adiantamento pelo livro, não? Diga uma quantia. Talvez eu a surpreenda.

— Não vou escrever um livro, Alden, e não quero uma casa.

Ele cruzou as pernas, levou a mão ao queixo e tentou permanecer cortês, enquanto imaginava quanto dinheiro ela desejaria.

— Eu e Davey queremos que esta situação funcione satisfatoriamente para nós três.

— Não vim aqui para negociar, Alden.

Alden sorriu para ela.

— Então, por que não diz o que quer e me deixa partir daí?

— Eu quero apenas uma coisa.

Ele estendeu os braços, abrindo as mãos.

— Desde que esteja ao meu alcance, conte como sua.

— Quero ver o manuscrito *de Jornada na Noite*.

Alden ficou olhando fixamente para ela por uns três segundos, parecendo não ter ouvido bem. Depois falou:

— Infernos, Davey queria a mesma coisa, há dez anos passados. Entretanto, o manuscrito está perdido. Eu gostaria de tê-lo comigo.

— Está mentindo para mim — disse Nora. — Seu pai nunca jogava nada fora. Basta olhar para o sótão desta casa e o depósito no escritório. E mesmo que se desfizesse de algo, conservaria o manuscrito, pois foi a base de seu maior sucesso. Tudo quanto desejo é dar uma espiada nele.

— Lamento por você pensar que não lhe digo a verdade. Entretanto, se veio aqui para isso, suponho que esta conversa está encerrada.

Ele ficou em pé.

— Se não me mostrar o manuscrito, vou dizer coisas que você não deseja serem ouvidas pelos outros.

Ele a fitou com ar exasperado e tornou a sentar-se.

— Não entendo o que você espera conseguir com isto. Mesmo que eu o tivesse, não poderia ser-lhe útil de maneira alguma. Qual é a questão?

— Eu quero saber a verdade.

— E veio aqui para isso? Para saber a verdade sobre *Jornada na Noite*? O livro foi escrito por Hugo Driver. Todos sabem disso, e todos estão certos.

— Essa é parte da verdade.

— Aparentemente, suas aventuras a deixaram mais instável do que imagina. Se quiser voltar daqui a uns dois dias para falar de negócios, por favor, venha. No momento, contudo, nada mais tenho a falar.

— Ouça-me, Alden. Sei que tem o manuscrito em algum lugar. Davey procurou você certa vez, com uma idéia que o faria ganhar ainda mais dinheiro com o livro. Entretanto, você nem ao menos se deu ao trabalho de estudar o caso. Davey o estudou, mas você, não.

Você sabia onde estava o manuscrito, apenas não queria que ele o visse. Pois agora, eu quero vê-lo. Não abrirei minha boca para um único ser humano. Quero apenas saber que estou certa.

— Certa sobre o quê?

— Sobre Driver ter roubado a maior parte da história de Katherine Mannheim.

Alden levantou-se e olhou para ela, com ar penalizado. Precisamente quando podia ter invertido a situação, juntando-se ao time, Nora revelava-se uma bisbilhoteira, o que era vergonhoso.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Nora. Você imagina estar a par de certos fatos que poderiam prejudicar-me. É verdade que eu preferiria não trazer tais fatos a público, mas enquanto puderem despertar qualquer publicidade sem estorvos para mim, eu sobreviverei. Vá em frente, faça o que quer que acha que deve fazer!

Nora tirou da bolsa uma folha dobrada de papel.

— Veja isto, Alden. É a cópia de uma declaração que, provavelmente, você não desejaria tornar pública.

Alden suspirou. Cruzou a sala a fim de pegar o papel. Estava irritado, Nora jogara fora sua última chance de ser razoável, mas ele era um cavalheiro, de modo que deixaria passar aquela sua última sandice. Tirou do bolso do *blazer* os óculos de leitura e abriu o papel, enquanto tornava a voltar para sua poltrona. Nora contemplou este desempenho com imenso prazer. Alden leu uma frase e parou de súbito. Arrancando os óculos do rosto, virou-se para ela.

— Leia tudo — disse ela.

Até aquele momento, tivera dúvidas sobre se ele já saberia. O choque e o terror que emergiram à superfície através daquela atuação deixaram bem claro que Alden ignorava. Nora quase sentiu pena dele.

Alden moveu-se por trás da poltrona de couro, inclinou-se sobre ela e leu a confissão de Driver, assim como o pós-escrito de Georgina Weatherall. Leu tudo até o fim, depois leu de novo. Ergueu os olhos para Nora, sem sair de trás da poltrona.

— Onde foi que conseguiu isto?

— E importa?

— É uma falsificação!

— Não, Alden, não é. E mesmo que fosse, você desejaria que essa história transpirasse? Quer que as pessoas comecem a especular sobre seu pai, Katherine Mannheim e Hugo Driver?

Alden dobrou a nota, enfiou-a em um bolso e os óculos em outro. Ainda estava escondido atrás de sua poltrona.

— Hipoteticamente falando, suponhamos que eu tenha o manuscrito *de Jornada na Noite*. Suponhamos que eu lhe satisfaça a curiosidade. Se isso acontecesse, o que você faria?

— Iria embora feliz.

— Tentemos outro cenário. Se eu lhe oferecesse duzentos mil dólares pelo original desta falsificação, unicamente para proteger o nome de meu pai, você aceitaria minha oferta?

— Não.

— Trezentos mil dólares?

Nora deu uma risada.

— Ainda não percebeu que não quero dinheiro algum? Mostre-me o manuscrito, depois eu irei embora e nunca mais nos veremos.

— Você apenas quer vê-lo.

— Eu quero vê-lo.

Alden assentiu.

— Tudo bem. Tanto eu quanto você somos pessoas honradas. Fique certa de que nunca tive qualquer idéia de que... de que Katherine Mannheim simplesmente não saiu daquela propriedade caminhando. Você me fez uma promessa, e eu lhe faço outra. — Ele conseguiu recompor-se. — Eu continuo afirmando que isso é uma falsificação, claro. Meu pai seguia suas próprias regras, porém não era um estuprador.

— Alden, ambos sabemos que ele era, mas não me importa. Isto é história antiga.

Alden saiu de trás de sua barricada.

— É história antiga, se ele era ou não. — Movendo-se ao longo de uma estante de livros, Alden girou uma seção provida de dobradiças em uma prateleira ao nível dos olhos, para revelar um cofre de parede, outro volumoso cofre, maior por dentro do que por fora. Ele discou o segredo que abriria o cofre e, com mais reverência do que ela o julgara capaz, introduziu a mão em seu interior e pegou uma caixa de couro verde.

Nora aproximou-se dele, e viu o que parecia a parte inferior de uma moldura de retrato, na prateleira mais alta do cofre.

— O que é isso?

— Um desenho que meu pai guardou.

Alden puxou o desenho para fora e o mostrou a ela, antes de tornar a enfiá-lo no cofre.

— Não me pergunte o que é e nem por que está aqui. Sei apenas que quando eu e Daisy nos mudamos para "Os Álamos", ele

me mostrou o desenho e disse que eu o mantivesse dentro do cofre, esquecendo sua existência. Creio que deve ter sido roubado. Alguém provavelmente o deu a ele, em pagamento de uma dívida.

— Parece um Redon — disse Nora.

— Não sei dizer. É coisa boa?

— Boa o suficiente.

Ela levou a caixa para o sofá e examinou-a por dentro. Um pequeno livro de apontamentos, com capas marmorizadas, sobre um punhado de páginas datilografadas. A assinatura de Katherine Mannheim estava no lado interno da capa. Ela havia escrito "*Jornada na Noite, romance?*" na primeira página. Nora folheou página após página, cheias de anotações sobre o Pequeno Pippin; este era o embrião do livro de Driver, roubado da bolsa de Katherine Mannheim. *Aquele que rouba minha escória, escória rouba.* Colocando o livro de apontamentos de lado, ela tirou o manuscrito da caixa. Parecia uma coisa pequenina demais, para ter afetado tantas vidas. Abriu-o ao acaso, e viu que alguém riscara uma linha na margem e escrevera, em uma caligrafia violenta e agressiva, *pág. 32, livro de apontamentos de Mannheim.* Virando outra página, ela viu, escrito pela mesma mão, *págs. 40-43, Mannheim.* Lincoln Chancel exigira o livro de apontamentos roubado, guardara o manuscrito e marcara nele tudo o que Driver havia roubado de Katherine Mannheim. Se Driver o arruinasse, ele arruinaria Driver.

— Vê só? — exclamou Alden. — Driver escreveu o livro. Esses Mannheim não têm nenhuma base para queixas. Ele apenas aproveitou algumas idéias, nada mais. Escritores fazem isso o tempo todo.

Nora devolveu à caixa o manuscrito e o livro de apontamentos.

— Fico-lhe grata, Alden.

— Ainda não compreendo por que isto era tão importante.

— Eu só queria vê-lo, do princípio ao fim — respondeu ela. —

Em mais um ou dois dias estarei me mudando para Massachusetts por algum tempo. Não sei para onde irei depois disso, mas você não precisa se preocupar comigo.

Alden respondeu que se despediria de Davey em nome dela.

— Eu já fiz isso — disse Nora.

A segunda missão de Nora conduziu-a à agência dos correios, onde retirou de um envelope sem selo, endereçado a *The New York Times*, uma carta descrevendo a dívida de Hugo Driver à esquecida poetisa Katherine Mannheim, bem como um relato da morte dela e seu sepultamento poucos metros ao norte da área conhecida como Vale de Monty, na floresta de Shorelands. À carta, ela acrescentou esta nota, em sua caligrafia apressada: “O *livro de apontamentos original pertencente a Katherine Mannheim e o manuscrito de Hugo Driver, com notas marginais de Lincoln Chancel referindo-se a trechos específicos tirados do livro de apontamentos, acham-se em um cofre de parede localizado na biblioteca da casa de Alden Chancel, em Westerholm, Connecticut.*” Mantendo sua promessa de jamais falar sobre tais assuntos, ela tornou a dobrar a carta, envolveu-a em outra cópia da confissão de Hugo Driver, colocou tudo de volta no envelope, selou-o e o enviou para Nova York, com porte registrado.

A terceira missão de Nora levou-a à Redcoat Road. A casa de Natalie Weil continuava precisando de uma pintura nova, porém as fitas demarcatórias da cena do crime já haviam sido removidas. Ela parou o carro diante da porta da garagem, subiu a trilha que conduzia à entrada principal da casa e apertou a cigarra. Uma voz amistosa de mulher respondeu, e passos desceram correndo os degraus até a porta. Assim que Natalie a viu, imediatamente tentou bater a porta, porém Nora introduziu-se dentro da casa, e a fez recuar para a escada.

— Quero falar com você — disse.

— Suponho que sim — respondeu Natalie. Parecia ofendida e relutante, o que não desagradou a Nora. — Sei como se sente, mas de uma hora para outra surgiram três novas listas de imóveis à venda, e preciso mostrar a meu chefe que ainda sou capaz de fazer o meu trabalho. Além disso, há um probleminha com a polícia, qualquer besteira sobre drogas, mas isso dará em nada. Assim, está tudo bem, certo? Vamos lá para cima, tomar uma cerveja.

— Você está mais calma do que esperei — disse Nora.

— A gente ganha uns, mas também perde alguns. Tomarei uma cerveja, caso você não queira beber.

Nora subiu a escada e esperou por Natalie. A despeito de seu uniforme de fim de semana para Westerholm — blusa desbotada de denim e short cáqui — ela parecia circunspecta e defensiva. Embora não tivesse aparência tão idosa, como quando ocupara o sofá de Barbara Widdoes, estava mais velha do que Nora podia lembrar-se. Ela abriu a geladeira, tirou uma garrafa de Corona e a destampou.

— Venha, sente-se, já nos conhecemos há muito tempo, e que diferença faz um maridinho transando entre velhas amigas? Não posso censurá-la por ter ficado furiosa comigo, mas se quer saber a verdade, dificilmente aquilo seria um grande negócio.

— Sim — disse Nora —, eu quero. — Ela entrou na cozinha e sentou-se de frente para Natalie, na mesa que havia ali. — É exatamente o que quero saber.

— Junte-se à turma. — Natalie bebeu pelo gargalo e colocou a garrafa suavemente em cima da mesa. Seus olhos pareciam esfolados. — Ei, ao menos por algum tempo, eu continuo no negócio de imóveis. Sabe o que isso significa? Significa que vendemos sonhos. A verdade é o que dizemos que é. Correto?

— Muita gente pensa assim — disse Nora.

As fotos algemadas tinham sido retiradas do quadro de avisos de cortiça e as figurinhas com ímãs que enfeitavam a geladeira haviam sido jogadas fora.

Natalie tomou outro gole de Corona.

— Como é ser famosa? Legal? Eu não me incomodaria de ser famosa.

— Não é legal.

— Ora, mas você matou Dick Dart! Liquidou o filho da mãe! A cerveja diante de Natalie evidentemente não era a primeira.

— É o que dizem — respondeu Nora.

Natalie ergueu um brinde com a garrafa de Corona.

— Está tudo bem com você e Davey?

— Ele se mudou para a casa do pai e eu estou indo embora da cidade. Portanto, sim, provavelmente está tudo bem conosco.

— Céus, ele voltou para a casa de Alden! — Natalie retorceu a boca, em um meio sorriso. — Ouvi dizer que Daisy caiu fora. Já era tempo. Aquele sujeito dá azar, sempre deu. Quero dizer, a gente comete erros, mas Alden estava envolvido com o pior erro que já cometi. Enfim, vamos esquecer esse assunto.

— Não, não vamos — disse Nora. — Afinal de contas, você e Alden causaram-me um bocado de problemas. Eu estava prestes a ser presa, quando o maravilhoso Dick Dart seqüestrou-me.

— Ninguém é perfeito. Pela parte que me toca, Nora, eu sinto muito. — Natalie estava tendo dificuldade em olhar para ela. — Às vezes a gente faz coisas pelos motivos errados. É um negócio baixo, entende? Ficamos encurralados, concordamos com coisas que, de outro modo, jamais faríamos. Nunca desejei causar-lhe problemas; oh, merda, *eu gosto* de você! Sempre gostei. Antes de mais nada, a coisa toda foi idéia de Alden. Apenas uma questão de negócios.

— Negócios são negócios — disse Nora.

Natalie teve uma expressão esquisita.

— Sabe quantas casas foram vendidas aqui, no ano passado? Exatamente dezenove. E não precisamente na minha ponta de mercado, não senhora, eu figurei no alto da página final; coisas como a sua casa, sem querer ofender, mas o escritório não me passa propriedades de dois milhões de dólares. — Ela bebeu mais cerveja e deixou a garrafa na mesa. — Alden é um cretino, mas está querendo botar dinheiro na mesa, digo isso em benefício dele. E tirei você do sufoco, não tirei?

— Sim — replicou Nora —, mas quase conseguiu que me prendessem por rapto.

Natalie tomou outro gole de Corona.

— Eu nunca pretendi ir a tais extremos, Nora. Ele apenas queria o idiota do Davey por perto, nada mais. Ele estava furo da vida. Não sabia que estava para acontecer toda aquela coisa com Dick Dart. Aliás, quem poderia saber?

— Fale-me do sangue em seu quarto.

Natalie sorriu para ela, como uma conspiradora.

— Oh, aquilo foi uma das brilhantes idéias de Alden. Ele queria convencer todo mundo, ligar-me àqueles assassinatos. Mexer o caldeirão, você entende? Ele conseguiu aquele sangue de porco em um açougueiro e jogou no meu quarto. Entretanto, agora está tudo certo com você, não está? Eu representei o meu papel, está tudo encerrado; portanto, qual é a diferença?

— Se você não sabe, nunca serei capaz de explicar-lhe — disse Nora.

Natalie virou a cabeça para um lado.

— Natalie — disse Nora, e Natalie tornou a olhar para ela. — Você me enoja. Alden a *comprou*, e você arruinou minha vida.

— Seja lá como for, você não gostava da vida que tinha. Como poderia, casada com aquele bebê?

— Quanto foi que ele lhe pagou?

— Nem por sombra o suficiente — respondeu Natalie. — Considerando-se o que provavelmente acontecerá comigo. Caso você não se importe, eu gostaria que fosse embora de minha casa. Penso que o assunto entre nós está encerrado. Se quer saber, eu lhe fiz um favor. Você saiu disso tudo muito melhor do que eu.

— Eu não me ofereci como voluntária — disse Nora. — Fui recrutada.

Um carro não familiar estava de frente para a porta da garagem de Nora e, imaginando que pertencesse a mais um repórter ou qualquer dos homens desconhecidos que a tinham pedido em casamento, ela quase dirigiu até o final da Crooked Mile Road, até ver Holly Fenn sair do carro e caminhar para a porta de entrada. Nora manobrou para sua entrada de carros, Fenn acenou para ela e começou a caminhar lentamente de volta à garagem. Ela freou ao lado do carro dele, saiu e aproximou-se do policial. Ele precisava cortar o cabelo, estava usando a gravata mais feia que ela já vira, e havia pesadas bolsas sob seus olhos. Contudo, tinha uma aparência imponente.

— Então, aí está você — disse ele. — Liguei umas duas vezes, mas tudo que consegui, foi ser atendido por sua secretária eletrônica.

— Não estou respondendo a muitos telefonemas.

— Posso imaginar. Seja como for, eu queria vê-la, de maneira que resolvi arriscar e vim até aqui. — Ele coçou o queixo, enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela, por baixo das sobrancelhas. Uma faísca de sentimento saltou entre eles. — Tenho algo a dizer-lhe, mas, acima de tudo, queria apenas ver como está.

— Como estou?

— Parece estar indo muito bem, ousou dizer. Gosto de seu novo cabelo. Ficou interessante.

— Obrigada, mas está mentindo. Você gostava mais do jeito antigo. Eu também. Vou deixá-lo crescer novamente.

Fenn assentiu sem pressa, como se concordasse com ela em um assunto de relevante importância.

— Ótimo. Está recomeçando a organizar sua vida?

— Estou juntando os pedaços muito bem, então suponho que não me tenho saído de todo mal. Não é mais a mesma vida, eis tudo. Holly, gostaria de uma xícara de café ou algo assim?

— Eu bem que gostaria, mas preciso estar em outro lugar dentro de cinco minutos. Entretanto, achei que você devia saber algo que descobri sobre aquela velha escola infantil, na South Post Road. Ocorreu-me que eu não sabia quem era o responsável pelo aluguel daquela casa, de maneira que fui verificar. O prédio foi alugado para um sujeito em Nova York, chamado Gerald Ambrose. Liguei para ele, e fiquei sabendo que um cidadão aqui de Westerholm o sublocara dele, pelo resto do verão.

— Ah! — exclamou Nora. — Você é um bom tira, Holly.

— Sim, talvez eu seja mesmo, porém tendendo para o lado lento. Se houvesse checado isso antes, teria poupado a você um mundo de problemas.

Ela sorriu para ele.

— Não o censuro, Holly. Quem alugou o prédio?

Ele sorriu de volta.

— Tenho a impressão de que você já sabe... ou estou imaginando coisas?

— Faço uma idéia, mas diga-me.

— O cidadão que alugou o prédio é um grande editor, que disse a Ambrose estar precisando de um depósito temporário para um excesso de estoque. Você está em bons termos com seu sogro?

— Meu brevemente ex-sogro e eu temos uma longa história de ódio mútuo. — Nora recordou Alden Chancel alisando seu braço e dizendo *Eu gostaria de passar a conhecê-la melhor.* — Holly, se você der uma paradinha na casa de Natalie Weil, ela provavelmente lhe

contará uma interessante história. Eu acabei de vê-la, e ela dá a impressão de estar matando tempo, até seu mundo desmoronar.

Fenn enxugou a mão no bigode áspero e assentiu.

— Sua amiga fez uma excelente exibição.

— Ela chegou a enganar Slim e Slam!

Os olhos de Fenn apertaram-se.

— Parece-me que algum dinheiro trocou de mãos.

— Segundo Natalie, não o suficiente.

Fenn sorriu para a entrada de carros, maravilhando-se com a inventiva da capacidade humana para cometer um erro sério.

— E você disse que sou um bom tira.

— Eu acho que você é muitíssimo bom, em todos estes arredores — respondeu Nora. — Ficou do meu lado.

— Sim, bem, eu tentei. — Ele a fitou com um pesar que conseguia abranger compaixão pelo que ela suportara, e raiva, por não ter sido capaz de poupá-la de tal sofrimento. — Bem — disse —, acho melhor eu ir andando.

— Se precisa mesmo ir...

Nora o acompanhou até o carro.

— Ouça, talvez isto não seja da minha conta, mas você disse que estava abandonando seu marido?

— Já o abandonei.

Fenn olhou para um ponto distante.

— E vai ficar na cidade?

— Creio que irei até Northampton por algum tempo. Posso trabalhar com uma senhora que dirige um negócio de bufê, durante umas duas semanas. Quero ficar longe do telefone e arejar a cabeça. Depois disso, quem sabe?

Fenn assentiu, sua grande e emaranhada cabeça digerindo a idéia.

— Depois que encerrar com a sra. Weil e seu brevemente ex-sogro, eu poderia voltar aqui e tomar o seu café ou coisa assim?

— Holly, está querendo marcar um encontro comigo?

— Sou velho demais para marcar encontros — disse ele.

— Eu também. Portanto, volte mais tarde e não teremos um encontro, apenas ficaremos conversando. Quero ouvir sobre sua entrevista com Alden. Também poderá contar-me todas as suas histórias de guerra favoritas.

Fenn sorriu para ela, com cada centímetro do rosto.

— E eu prometo não pedir para ouvir as suas.

— Ou contar-me algumas mentiras.

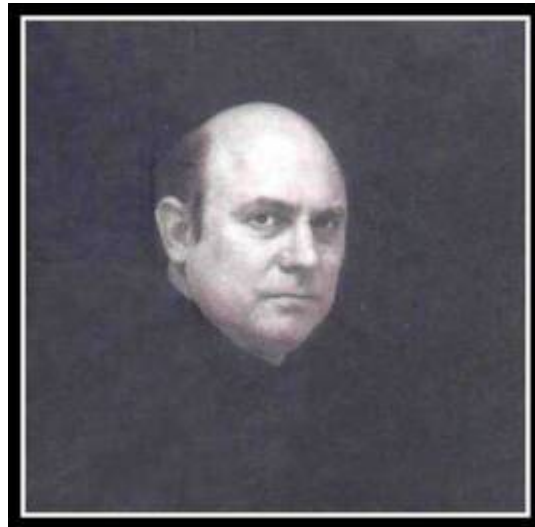
— Eu não saberia como mentir para você.

— Então, estamos combinados — disse Nora.

— Certo, certo.

Ele agachou o corpo para entrar no carro, piscou para ela através do pára-brisa e recuou da garagem. Segundos mais tarde, já tinha ido embora.

AUTOR



Peter Straub nasceu em Milwaukee, Wisconsin, tendo estudado na Universidade do Wisconsin, na Columbia University e no University College, de Dublin. É autor de treze romances, incluindo-se *Ghost Story*, *Shadow-land*, *The Talisman* (com Stephen King), *Koko*, *Mystery* e *The Throat*, os três últimos compreendendo a trilogia da "Rosa Azul". Conquistou os prêmios British Fantasy, Bram Stoker e dois World Fantasy, tendo seus livros traduzidos para vinte e um idiomas estrangeiros. Durante uma década, viveu na Irlanda e na Inglaterra. Hoje reside na cidade de Nova York.

{1} Confusão provocada pela pronúncia inglesa de *Noite* (Night) e *Cavaleiro* (Knight). (N. da T.)

{2} Alusão ao navio *Queen Elizabeth II* (N. da T.).